



**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL



800 AÑOS

**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

1218 - 2018

**UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE EDUCACIÓN
Departamento de Teoría e Historia de la Educación
Programa de Doctorado en Educación**



Tesis doctoral

**A IMPRENSA PEDAGÓGICA E FEMINISTA NO BRASIL:
Nísia Floresta e a Educação das Mulheres no século XIX**

Director: José María Hernández Díaz

Elizabeth Maria da Silva

**SALAMANCA
(2018)**

ELIZABETH MARIA DA SILVA

Tesis elaborada por, Elizabeth Maria da Silva, sob la dirección y orientación del Dr. José María Hernández Díaz, Profesor Catedrático de la Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca y sometida a la ecaluición de la Comisión formada por Dr^a. Allene Lage, Dr^a Evangelina Bonifácio e Dr(a). _____, teniendo como objetivo la obtención del título de Doctora en Educación por la Universidade de Salamanca- Espanha.

Salamanca, ___ de noviembre del 2018.

A IMPRENSA PEDAGÓGICA E FEMINISTA NO BRASIL: Nísia Floresta e a Educação das Mulheres no século XIX

Assinado pelo Diretor Dr. José María Hernández Díaz

Comissão Avaliadora,

Dr (a). _____ Dr (a). _____

Dr (a). _____

Aluna,

Elizabeth Maria da Silva



**SALAMANCA
(2018)**

Dedicado este trabalho...

*As três **Marias**.*

***Maria** José da Silva, minha mãe...*

***Maria** Betânia e Rosileide **Maria**, minhas irmãs...*

*Pela grandiosidade de mulheres que são e o pelo que representam em minha vida.
Pela força e exemplo de coragem. Motivos pelos quais estou concluindo esse curso
de Doutorado. Realizando o sonho de me tornar Doutora em Educação pela
Universidad de Salamanca-Espanha.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer SEMPRE!

Antes de iniciar meus agradecimentos, um pouco da minha trajetória vida para chegar até aqui...

Quando o escuro da noite caía, a minúscula sala era iluminada por um candeeiro a gás, a cozinha e os quartos também. A família de Maria José da Silva era a única do humilde vilarejo, ao todo com nove casebres, que não conhecia a luz elétrica. Eu tinha aproximadamente sete anos de idade.

A casa simples, de pau a pique¹ e ainda coberta de palha foi o lar em que, Maria José passou 25 dos seus atuais 72 anos de idade. Trazida do interior de Sirinhaém, Zona da Mata pernambucana, por seu companheiro, José Olímpio Nicolau, por alguns meses pensou que, realmente, sua família teria um futuro melhor. Minha mãe e “pai” tiveram alguns poucos anos de uma boa convivência, mesmo ele estando presente apenas nos finais de semana.

Período fértil, palavra estranha no vocabulário da minha mãe. E a prova veio alguns meses depois quando percebeu que estava na quinta gestação. Contudo, recebeu um convite inesperado do meu genitor para interromper a gravidez, mas não conseguiu (motivo pelo qual estou aqui hoje). Passados alguns anos encontrou-se só, apenas com os suas 3 filhas e dois filhos. Meu genitor não aparecera mais com tanta freqüência, agora os fins de semana tornavam-se longos. A visita que era feita, semanalmente, passou a ser quinzenalmente, daí por diante a tendência foi se prolongar a cada dia. José Olímpio não apareceu mais, entretanto, enviava um de seus empregados encarregados de levar os alimentos e o dinheiro do aluguel.

Durante algum tempo esta situação se repetiu. Mas não durou muito, pois nem mais os empregados não aparecia, e daí começava toda a saga de minha da família. Sem dinheiro para pagar o aluguel, comprar os alimentos das crianças e o leite para me alimentar. O jeito então foi rezar para que o leite materno não faltasse. E não faltou. E as outras crianças? O que fazer? Pensar nisso era o que mais apavorava minha mãe. Passava noites em claro, preocupada com o futuro que a

¹ Tipo de casa feita de barro e madeira.

esperava na cidade grande, com três filhas e dois filhos. Estava abandonada com cinco crianças. Abandonada também ficou a paternidade dessas menores que não tiveram paternidade reconhecida. Nenhuma delas tem, até hoje, o nome do pai em seus documentos.

Sem saber ler ou escrever devido ao trabalho como cortadora de cana, não teve como conhecer a escola. Seu jeito tímido não foi mais forte que sua força de vontade. E agora tinha realmente que encontrar uma maneira de não deixar seus filhos passarem penúrias. A proprietária da casa onde morávamos, que já estava há meses sem receber o aluguel, perdoou as dívidas e atrasos até que minha mãe tivesse condições de pagar. As pessoas, que moravam por perto, viam o seu desespero, começaram a ajudar doando-lhes roupas e alimentos, em troca de pequenos favores. Serviços domésticos eram a forma de pagamento.

Nesse momento minhas irmãs e irmãos já estavam matriculados numa escola pública municipal perto de nossa casa. Mesmo assim, a cada dia as coisas ficavam mais difíceis. E a natureza foi uma grande amiga. Do manguezal era de onde, por muito tempo, o alimento foi retirado. Como não tinha fogão a gás, mas à lenha, a mata foi uma imprescindível fonte de restos de madeira. Para ir ao mangue, que ficava distante umas três horas, a pé, da nossa casa, tínhamos que sair cedo, assim que o sol aparecia, íamos todas e todos, minha família e algumas vizinhas também com seus filhos e filhas. Muitas vezes era uma diversão para mim e as outras crianças da rua. Caranguejo, aratu, siri e sururu eram pescados e vendidos porta a porta. O dinheiro arrecadado com a venda era todo para comprar alimentos e gás para o candeeiro.

Quando não tínhamos como ir ao mangue, pois dependia das fases da lua; as reciclagens eram as únicas opções. Alguns materiais como vidro, plásticos, papelão, osso ou ferro eram catados nos detritos mais próximos. Após a seleção desses materiais, todos eram vendidos por quilo, e o dinheiro arrecadado, sempre para o mesmo fim; alimentos, pois a fome, naquele momento era o maior medo.

Quando conhecemos o primeiro fogão a gás, fruto de doação, eu estava com 12 anos. Fomos crescendo, e com elas a educação, exemplo que me mãe sempre nos deu. Betânia, minha irmã do meio, então começou a trabalhar com 14 anos de idade. Depois Rosileide, minha irmã mais velha, e com algum tempo, João, irmão

mais velho. Com o pouco dinheiro, fruto do trabalho, chegou a primeira televisão, quando eu tinha uns 14 anos e a geladeira, apenas quando eu já estava com aproximadamente 17 anos de idade (...).

Hoje, aos 39 anos, após duas graduações, a primeira em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, e a segunda, em Jornalismo pela Universidade Católica desse mesmo estado. Além de ter concluído o curso de Mestrado também na Universidade Federal de Pernambuco. Estou concluindo o curso de Doutorado em Educação pela Universidad de Salamanca- Espanha- Campus de Excelência Internacional. Desistir jamais! E dessa, forma não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que fazem parte dessa longa caminhada.

A Deus pela vida.

À minha família por está todo esse tempo ao meu lado durante os momentos mais difíceis da minha caminhada.

De uma forma bastante especial quero agradecer a minha mãe, Maria José da Silva, que é fonte de minha inspiração e perseverança. Obrigada mainha.

As irmãs Betânia Silva Santana e Roliseide Silva Duda, por sempre acreditarem em mim. E nunca terem me abandonado nessa árdua caminhada. A BETA por ter participação ímpar nessa minha conquista, do mais elevado grau de conhecimento oferecido por uma universidade, sem a qual minha estadia em Salamanca não seria possível, assim como esse título de DOUTORA, pois seu apoio foi em todos os sentidos. Permitindo que a minha vivência aqui fosse menos “dolorosa” e “sacrificada”. Muito OBRIGADA, minha irmã. Te amo. A DEDA, por também ter participação nessa conquista, contribuído de sua forma, mas nunca me abandonou. Suas risadas sempre aos domingos aliviaram o fardo e encurtaram a distância. Muito OBRIGADA, minha irmã. Também te amo.

Aos meus sobrinhos, Wesley Santana, pela cumplicidade e por me representar tão bem enquanto estive esse tempo fora do Brasil. Você fez e faz a diferença. Obrigada por tudo. Tia te ama. A Willian Santana, Lorena Duda e Renan meus sobrinhos e sobrinha que amo tanto. Um agradecimento especial aos meus irmãos Humberto da Silva, pela força de sempre. Você é um referencial para mim, pelo exemplo

honestidade e pelo ser humano que é. Obrigada, meu irmão. Ao meu irmão João da Silva que apesar da ausência faz parte dessa minha história. E aos meus cunhados Valério Santana (Léo) sempre tão atencioso e que para mim é uma grande referência pela pessoa que é e representa em minha vida. Obrigada, Santana! A meu cunhado Ivanildo Duca (Nido) pelo apoio, incentivo, risos e conversas. Você também é especial e faz parte dessa minha caminhada. Obrigada!

Ao meu orientador, Drº José María Hernández Díaz, a pessoa mais humana que conheci durante essa minha vivência no mundo. Obrigada por ter me oportunizado a aproximação mais latente com a escrita e de me direcionar para um amadurecimento e autonomia intelectual. Pela paciência, esclarecimentos e aprendizagem. O meu desmedido agradecimento!

À professora Drª Allene Lage. Que as palavras me fogem ao agradecer a essa mulher que se tornou referência tanto profissional quanto intelectual para mim. A pessoa que me confiou desde no início e me incetivou a fazer esse doutorado. Obrigada por tudo, professora!

A professora Drª Evangelina Bonifácio pela ternura e exemplo de pessoa. Além de ser uma grande referência para mim e ter minha admiração como profissional e acadêmica. Obrigada, por tudo. Agradeço também as demais pessoas que compõem o meu tribunal de tese por contribuírem com esse momento tão importante de finalização do doutorado.

À Luzia Vaz, que apesar de nos conhecermos já durante o curso do doutorando, foi uma peça fundamental durante esse momento. Obrigada, minha companheira querida. Você também merece um obrigada mais que especial. Obrigada por está sempre presente em todo esse momento tão importante de minha vida.

À amiga, Elisama Gomes, presente em todas as fases dessa minha vida acadêmica. Da seleção do mestrado ao doutorado. Suas palavras e observações foram sempre muito importantes, apesar da distância. Obrigada, minha querida amiga!

Ao meu estimado amigo José Antônio Frias. Grande amigo que fiz em Salamanca. Obrigada pelas conversas, risadas e diálogos inteligentes. Sempre tão atencioso e amigo.

Às minhas primas. Que são sempre exemplos e incentivos. Um obrigada especial a Maria José (Bel) pelo exemplo, apoio e oportunidade de estudo, ainda quando eu estudava para o vestibular. À Ana Maria pelo companheirismo, amizade, apoio e alegrias. À Maria Marta que sempre “ordenou” com o seu famoso: vai estudar menina! Ao meu querido amigo, Evandro Francisco, por tudo que passamos juntos, alegrias, tristezas, dificuldades e também algumas farras, afinal, ninguém é de ferro. E, além disso, profetizou que seria uma pesquisadora. Valeu! O meu obrigada a todas e todos do “Juriti”.

Às amigas da Casa de Estudante Claudiana Cardoso (Clau) e Conceição Aquino (Cecinha) pelo companheiro, força e por sempre estarem na torcida. Valeu, “irmãs”!

À minha amiga Maria da Conceição de Carvalho Varejão Filha (Rrsrsr) e sua companheira Jack. Pelos belos momentos. E pela força!

À família Vieira de Melo. Racquel Valério Martins, Renato Melo, filha e filho Ranatinha e Renanzinho. Por terem me oportunizado uma vivência tão maravilhosa em Salamanca. Pelo acolhimento, conversas e risos durante alguns momentos solitários por que passei. Em especial quero agradecer a, Racquel Valério Martins, pelo desmedido apoio, força e incentivos. Obrigada por fazer acreditar que ainda existem pessoas do bem. Um obrigadao!

A minha amiga Soraia por tudo que passamos juntas desde o início o curso até o momento. Nossos risos, tristezas e também contratempos nos ensinaram que uma viagem é muito melhor acompanhada. Obrigada!

A Prefeitura do Recife. Em especial, a Flávia, por seu desmedido apoio e contribuição ímpar, no processo da licença, para conclusão desse curso. A Ane que também foi de imenso apoio e direcionamento durante o processo junto à Prefeitura. Muito obrigada, meninas! À Prefeitura do Recife pela confiança, financiamento e oportunidade. Obrigada.

Por fim, e não menos importante às minhas amigas que tive o prazer de conhecer em Salamanca. A Sandra, Karen e, em especial, a Juliana, que talvez não saiba o quanto me ajudou durante os momentos de solidão. Tornando os dias mais leves. Obrigada por tudo!

“Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar, o que sentem a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que nós somos próprias para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obdecer (...). Entretanto eu não posso considerar este raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar”.

(FLORESTA, 1989a, p. 35)

RESUMO

Objetivamos nessa investigação analisar como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras. Para tanto, nos apoiamos nos principais periódicos onde a autora teve publicação e suas obras centrais relativas ao feminismo e educação, além daquelas em que autora escreveu sobre suas viagens durante vivência em países europeus; tais como: França, Itália, Grécia, Bélgica e Alemanha. Para este fim, esta pesquisa deteve-se no caso da imprensa pedagógica e feminista do Brasil do século XIX. Quanto a primeira optamos, além das referências bibliográficas, explorar duas últimas produções frutos do resultado do principal evento internacional sobre imprensa pedagógica, que inclui produções e autores de diversos continentes como: América, África e Europa. Quanto à imprensa feminista e a Nísia Floresta foram realizadas buscas em várias bibliotecas, hemerotecas e arquivos tanto nacionais quanto internacionais. Em relação à imprensa feminista foi estabelecido um recorte temporal que compreendeu entre 1800 a 1859. Foram considerados os periódicos brasileiros que tratassem de temas relativos à mulher. Além disso, foram realizadas buscas em principais periódicos brasileiros que tratassem sobre essa temática, a partir de um recorte temporal, entre 1800 a 1856. Sobre a vida e obra de Nísia Floresta dialogamos com Duarte (2009-2010), Barbosa (2007), Câmara (1941), Silva (2014), dentre outros (as). Sobre feminismo nos fundamentamos em Louro (2012), Pinto (2003), Hahner (2003), Ngozi Adichie (2012-2017), dentre outras. No que permeia a discussão sobre imprensa pedagógica, além de outros autores, dialogamos Checa Godoy (2002) e Hernández Díaz (2013-2015). Nesta pesquisa utilizamos o Método do Caso Alargado na perspectiva de Santos (1983). Devido à especificidade dessa investigação, foi adotada a pesquisa documental, na perspectiva de Celad (2002). Para tanto, utilizamos a consulta a documentos coletados em instituições (arquivos, bibliotecas e hemerotecas) nacionais e internacionais dentre os quais: Biblioteca Nacional do Brasil, Bibliotheque Nationale de France (Gallica Bibliotheque que conta com grande acervo sobre imprensa feminista), Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze e Biblioteca Nacional de España. Além do Center for Research Libraries- Global Resources Network. Essa busca resultou no encontro de uma obra da autora, ainda não reeditada, que por muito tempo foi considerada como perdida, além de uma publicação inédita no jornal, no Diário de São Paulo, datada de 1873. Nesse sentido, os achados dessa investigação apontaram, pois, que as contribuições de Nísia Floresta, se revelam em sua incansável luta, primeiramente pela ousadia em lançar, no Brasil, o primeiro livro com teor feminista em defesa dos direitos das mulheres, ainda na primeira metade do século XIX. Em segundo lugar, sua participação na imprensa, quando se utilizou desse meio de comunicação para fazer sua militância em prol dos direitos das mulheres e que, decididamente, influenciou outras mulheres a escreverem em periódicos. Em terceiro, ao fundar uma escola em plena capital do Império brasileiro em 1838, quando a educação oferecida às meninas era totalmente diferente da que era oferecida aos meninos. Com esses comportamentos podemos dizer que aproximadamente há 200 anos, Nísia Floresta propôs uma reforma no sistema educacional brasileiro contribuindo de forma decisiva para a história das mulheres no Brasil.

Palavras-chaves: Imprensa pedagógica. Imprensa Feminista. Nísia Floresta. Educação das mulheres.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar como la prensa pedagógica y feminista utilizada y producida por Nísia Floresta, en siglo XIX, puede haber contribuido a la historización de las mujeres brasileñas. Para ello, se basó en los principales periódicos en el que la autora tuvo publicación y en las obras centrales relativas al feminismo y la educación, se ha basado también en sus escritos sobre sus viajes a algunos países europeos, como: Francia, Italia, Grecia, Bélgica y Alemania. De esta manera, el estudio se ha detenido, sobretodo, en la prensa pedagógica y feminista de Brasil del siglo XIX. En cuanto a la primera optamos, además de las referencias bibliográficas, explorar dos últimas producciones fruto del resultado del principal evento internacional sobre prensa pedagógica, coordinado y organizado por Hernández Díaz (2013-2015) que incluye producciones y autores de diversos continentes como: América, África y Europa. En cuanto a la prensa feminista de Nísia Floresta se realizaron búsquedas en varias bibliotecas, hemerotecas y archivos nacionales e internacionales. En relación a la prensa feminista se estableció un recorte temporal entre los años 1800 a 1856. Fueron considerados los periódicos brasileños que tratase temas relacionados a mujer. Además, se realizaron búsquedas en los principales periódicos brasileños que tratase sobre el tema a partir de un recorte temporal entre los años de 1800 a 1856. Sobre la vida y obra de Nísia Floresta dialogamos con Duarte (2009-2010), Barbosa (2007), Silva (2014) entre otros (as). En el feminismo nos basamos en Louro (2012), Hahner (2003), Ngozi Adichie (2012-2017), entre otras. En cuanto a la discusión sobre la prensa pedagógica, además de otros autores, dialogamos con Checa Godoy (2002) y Hernández Díaz (2013-2015). En esta investigación utilizamos el Método del Caso Alargado en la perspectiva de Santos (1983). Debido a la especificidad de esta investigación, se adoptó la investigación documental, en la perspectiva de Celad (2002). Para ello, utilizamos consulta de documentos recogidos en archivos, bibliotecas, hemerotecas de instituciones nacionales e internacionales como la Biblioteca Nacional de Río de Janeiro - Brasil, la Bibliothèque Nationale de France (Gallica Bibliothèque cuenta con gran acervo sobre prensa feminista), Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze y Biblioteca Nacional de España. Además del Center for Research Libraries- Global Resources Network. Esta búsqueda se ha encontrado una obra de la autora, aún no reeditada, que por mucho tiempo se consideró perdida, además de una publicación inédita en el periódico, en el Diario de San Pablo, fechada de 1873. En este sentido, estos hallazgos resultado de esta investigación apuntan, pues, que las contribuciones de Nísia Floresta revelan su incansable lucha, en primer lugar, su osadía en lanzar, en Brasil, el primer libro con tenor feminista en defensa de los derechos de las mujeres en 1832. En segundo lugar, su participación en la prensa cuando se utilizó de ese medio de comunicación para hacer su militancia en pro de los derechos de las mujeres y que, decididamente, influenció a otras mujeres a escribir en periódicos. En tercer lugar, por fundar una escuela en plena capital del Imperio brasileño, 1838, cuando, aún la educación ofrecida a las niñas era totalmente diferente de la que se ofrecía a los niños. Con todo ello, se puede decir que hace aproximadamente 200 años que Nísia Floresta propuso una reforma en el sistema educativo brasileño contribuyendo de forma decisiva a la historia de las mujeres en Brasil.

Palabras claves: Prensa pedagógica. Prensa Feminista. Nísia Floresta. Educación de las mujeres.

ABSTRACT

In this research, we aim to analyse how could the pedagogical and feminist press used and produced by Nísia Floresta, in the 19th century, have contributed to the historicization of Brazilian women. For this, we based ourselves on the main journals where the author had her publications and on her central works related to feminism and education, as well as on the ones where she wrote about her trips while living in European countries, as France, Italy, Greece, Belgium and Germany. For this purpose, this research focuses on the case of the pedagogical and feminist press of the 19th century. For the first, besides the bibliographical references, we have chosen to explore the two latest productions, which were a result of the main international event about pedagogical press, and included productions and authors of several continents, as America, Africa and Europe. Concerning the feminist press and Nísia Floresta we have done research in various libraries, newspaper archives, as well as national and international archives. In relation to the feminist press, we have established a period which ranges from 1800 to 1859. We have considered Brazilian periodicals which had themes related to the women. Besides that, we searched for those themes in the main Brazilian periodicals, considering the time range between 1800 and 1856. About the life and work of Nísia Floresta, we have dialogued with Duarte (2009-2010), Barbosa (2007), Câmara (1941), Silva (2014), among others. About feminism we have based on Louro (2012), Pinto (2003), Hahner (2003), Ngozi Adichie (2012-2017), among others. In what relates to the pedagogical press discussion, besides other authors, we dialogued with Checa Godoy (2002) and Hernández Díaz (2013-2015). In this research, we used the Extended Case Method from Santos (1983). Due to this research's specificity, we have adopted the documentary research, under Celad's perspective (2002). To do so, we have consulted documents collected in national and international institutions (archives, libraries and newspaper archives), such as the National Library of Brazil, the Bibliotheque Nationale de France (Gallica Bibliotheque, with its huge collection of feminist press), Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze and Biblioteca Nacional de España, as well as the Center for Research Libraries – Global Resources Network. This search resulted in our finding of a piece of the author's work not reedited yet, which was considered lost for a long time, and also an unprecedented publication in the news paper *Diário de São Paulo*, dated 1873. In this sense, the findings of this investigation point out that the contributions of Nísia Floresta reveal themselves in their tireless struggle, first by daring to launch, in Brazil, the first book with a feminist content in defence of the women's rights, still in the first half of the 19th century. Secondly, her participation in the press, when she used this means of communication to do her militancy for women's rights, which, undoubtedly, influenced other women to write in news papers. Third, by founding a school in the Brazilian Empire in 1838, when the education offered to the girls was totally different from the one offered to boys. With this behaviour we can say that approximately 200 years ago, Nísia Floresta proposed a reform in the Brazilian educational system contributing decisively to the history of women in Brazil.

Keywords: Pedagogical press. Feminist Press. Nísia Floresta. Education of women.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEMUSA- Centro de Estudios de las Mujeres da Universidad de Salamanca

CBHE- Congresso Brasileiro de História da Educação

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

HNB- Hemeroteca Nacional do Brasil

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SCIELO- Scientific Electronic Library Online

ISCEEM- Instituto Superior de Ciências de la Educación del Estado de México

UPPE- Universidade Federal de Pernambuco

TFM- Trabalho de Conclusão de Master

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Trabalhos apresentados no eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação	34
Quadro 2- Trabalhos apresentados eixo no “Impressos, Intelectuais e História da Educação”	36
Quadro 3- Trabalhos apresentados no eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação”	37
Quadro 4- Trabalhos apresentados no eixo “Imprensa e Imprensa Educacionais”.	39
Quadro 5- Total de trabalhos sobre a temática em todas as edições CBHE	40
Quadro 6- Trabalhos encontrados nas edições do CBHE.....	42
Quadro 7- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas na SCIELO.....	43
Quadro 8- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas Bases de Dados de Teses e dissertação da CAPES	46
Quadro 9- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas nos periódicos da CAPES	47
Quadro 10- Sistematização das fontes com produção Científica sobre Nísia Floresta	48
Quadro 11: Publicações brasileiras na obra Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo e La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo.....	123
Quadro 12Quadro 13: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.	124
Quadro 13- La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.	125
Quadro 14: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.	126
Quadro 15- La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.	127
Quadro 16: Periódicos da Região Nordeste/ Brasil- século XIX (1800-1859).	134
Quadro 17- Periódicos da Região Norte /Brasil-século XIX (1800-1859).....	138
Quadro 18- Periódicos da Região Centro Oeste/ Brasil - século XIX (1800-1859).	139
Quadro 19- Periódicos da Região Sudeste/Brasil - século XIX (1800-1859).	140
Quadro 20: Periódicos da Região Sul/ Brasil-século XIX (1800-1859).....	146

Quadro 21- Formas de violência doméstica e familiar	178
Quadro 22- Textos de Nísia Floresta publicados na imprensa brasileira no século XIX	183
Quadro 23- Produções intelectuais de Nísia Floresta	194

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Cronômetro da Violência Contra as Mulheres no Brasil.....	180
Imagem 2- Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831	184
Imagem 3- Capa do periódico Diário do Rio de Janeiro.....	185
Imagem 4- Capa principal do Jornal O Brasil Ilustrado	186
Imagem 5- Capa principal do periódico Diário de S. Paulo	187
Imagem 6- Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831	192
Imagem 7 - Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens	195
Imagem 8- Conselhos à minha filha	201
Imagem 9- Capa do livro Cintilações de Uma Alma Brasileira	203
Imagem 10: Anúncio de livro dedicado às alunas do Colégio Augusto.....	210
Imagem 11- Capa da 1º edição vol. I do livro Dedicacao de Uma Amiga	214
Imagem 12- Capa da 1º edição vol. II do livro Dedicacao	214
Imagem13- Capa da 1º edição do livro Opúsculo humanitário.....	217
Imagem 14- Intineraire d'un voyage em allemagne.....	222
Imagem 15- Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce	225
Imagem 16- Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce	231
Imagem 17: Primeira página da primeira edição do Periódico Espelho Diamantino	242
Imagem 18: Capa da 2ª edição do Periódico O Mentor das Brasileiras, 1829. ...	244
Imagem 19: Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831	246
Imagem 20- Capa da 1ª exemplar do periódico A Mulher do Simplório ou a Fluminense exaltada	248

Imagem 21- Capa do 1ª exemplar do periódico A mineira do Rio de Janeiro	250
Imagem 22- Capa do 1º exemplar do periódico A filha de Timandro, ou a Brasileira Patriota	252
Imagem 23- Capa do 1º exemplar do Periódico Jornal das Senhoras	254
Imagem 24: Lei Nº 81 da instrução primária. Janeiro de 1837	303
Imagem 25: Lei da Instrução Pública para escolas de meninas. Janeiro de 1837 ...	304
Imagem 26- Fachada do prédio onde funcionou o Colégio Augusto	311

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Total de produções entre os anos de 2013 e 2015.....	130
---	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Divisao Político Administrativa do Brasil.....	133
--	-----

Mapa 2: Mapa das cidades brasileiras onde Nísia Floresta viveu em de 1813-1849.	262
--	-----

Mapa 3: Países europeu onde Nísia viveu e viajou.....	272
---	-----

INDICE

PRIMEIRA PARTE

APRESENTAÇÃO E ESTRUTURA DA TESE

CAPÍTULO I

DOS OBJETIVOS E METODOLOGIA

INTRODUÇÃO	25
INTRODUCCIÓN	50
1.1 Problema, Hipóteses e Objetivos de estudo	95
1.1.1 Hipóteses.....	95
1.1.2 Objetivo Geral.....	96
1.1.3 Objetivos Específicos	96
1.2 METODOLOGIA E FONTES.....	96
1.2.1 Tipos de Estudo	97
1.2.2 Método da Pesquisa	97
1.2.3 Delimitação e Local da Pesquisa	99
1.2.4 Fontes de Informação	99
1.2.5 Técnicas de Coleta	100
1.2.6 Análise e Sistematização de Dados.....	100
2. A imprensa pedagógica.....	103
2.2.1 Imprensa pedagógica e educação	108
2.2.2 A imprensa pedagógica e Celéstin Freinet: um diálogo possível.....	110
2.2.3 A imprensa pedagógica na Europa.....	113

2.2 A imprensa pedagógica na América Latina.....	115
3. Panorama da imprensa pedagógica no Brasil.....	120
3.2 Periódicos no Brasil do século XIX (1800-1859)	133
3.2.1 Região Nordeste.....	134
3.2.2 Região Norte.....	138
3.2.3 Região Centro-Oeste	139
3.2.4 Região Sudeste	140
3.2.5 Região Sul	146
4. A história do feminismo: a ruptura com o silêncio das mulheres.....	150
4.1 O feminismo na América.....	153
4.2 O feminismo no contexto brasileiro	174
4.3 Nísia Floresta: os indícios sobre a pioneira do feminismo no Brasil.....	182
4.2.1 Na imprensa	183
i) Espelho das Brasileiras	184
ii) Diário do Rio de Janeiro (1853-1858).....	185
iii) O Brasil Ilustrado (1855)	186
iv) Diário de São Paulo (1873) - São Paulo	187
4.2.1 Na literatura	193
vi) Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens	195
vii) Conselhos à minha filha	200
iii) Scintille d'um' Anima Brasileira	203
viii) Fany ou o modelo das donzelas.....	207
xix) Darciz ou a jovem completa	209

x) Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia floresta.....	211
xi) Dedicção d' uma amiga.....	214
xii) Opúsculo humanitário	217
xii) Intineraire d'um voyage em allemagne	222
xiii) Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce	224
xiv) Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce	231
5. Mulheres de papel? A imprensa feminista no seu contexto histórico.	236
5.1 A imprensa feminista no Brasil no século XIX.....	238
5.2 Principais Periódicos feministas brasileiros na primeira metade do século XIX: a luta pelos direitos das mulheres.....	241
6. Dionísia Gonçalves Pinto: a Nísia Floresta	258
6.1 Nísia Floresta em solo Brasileiro.....	261
xvi) Rio Grande do Norte	263
vxii) Pernambuco	265
vxiii) Goiana/PE	266
xix) Olinda/PE	267
xx) Rio Grande do Sul /Porto Alegre.....	268
xxi) Rio de Janeiro	269
6.2 Nísia Floresta na Europa	271
6.2.1 França.....	273
6.2.2 Bélgica	274
6.2.3 Alemanha.....	275
6.2.4. Itália	276

6.2.5 Grécia	278
6.3 Convergências intelectuais na produção literária de Nísia Floresta	280
i) François Fénelon	281
ii) Jean Jacques Rousseau.....	286
iii) Mary Wollstonecraft	291
vi) Auguste Comte	294
7. A educação no Brasil: Nísia Floresta e a luta pelo direito e acesso da mulher a uma educação igualitária	299
7.1 O Collégio Augusto e sistematização do pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta.....	311
7.1.1 As matérias ensinadas no Collegio.....	313
7.1.2 As outras instituições de ensino à época do Collegio Augusto.....	315
7.1.3 O que diferenciava o Collégio Augusto das outras instituições de ensino	318
8. ANÁLISE	327
8.1 Conclusão	340
BIBLIOGRAFIA	344
APÊNDICE	352
APÊNDICE I- Quadro: Cronologia de Nísia Floresta.....	353
APÊNDICE II- Sugestões e ensinamentos sobre educar crianças feministas	357
Quadro: Sugestões e ensinamentos sobre educar crianças feministas	357
APÊNDICE III- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época	359
Quadro - Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época	359
APÊNDICE IV-Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homen.....	362

Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens 1ª Edição: Recife de 1832, 2ª edição em 1833, em Porto Alegre e 3ª edição em 1839 no Rio de Janeiro.	362
APÊNDICE V- Bibliografia utilizada/ citada na obra - Conselhos à Minha Filha.....	363
Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra - Conselhos à Minha Filha, 1ª publicação no Rio de Janeiro em 1842.	363
APÊNDICE VI- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Opúsculo Humanitário	364
Bibliografia utilizada/ citada na obra: Opúsculo Humanitário, 1ª Edição, Typographia de M.A. Silva Lima, Rio de Janeiro- 1853	364
APÊNDICE VII- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Scintille d'um' Anima Brasileira	368
Bibliografia utilizada/ citada na obra: <i>Scintille d'um' Anima Brasileira</i> , 1ª edição pela Typographia <i>Barbera, Bianchi</i> e Cia, de Florença, 1859.....	368
APÊNDICE – VIII- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época	369
Quadro- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época	369
ANEXOS	372
ANEXO I- Periódicos sobre Imprensa Pedagógica da América Latina	373
ANEXO II- Texto inédito de Nísia Floresta publicado em periódico	379
ANEXO III: Mapa que representa o sítio onde Nísia Floresta nasceu.....	383
Imagem: Mapa que representa a cidade onde Nísia Floresta nasceu	383
ANEXO VI: Capas de livros de Nísia Floresta em outro idioma	384
ANEXO V- Jornais em que Nísia Floresta Publicou	387
ANEXO VI- Anúncio sobre inauguração do Collégio Augusto, 1838.....	391
Anúncio sobre inauguração do Collégio Augusto, 1838.....	391
ANEXO VII- Programa de escola para meninas em Botafogo	392
Programa de escola para meninas em Botafogo	392
Anexo XIX- Lei sobre exame e prêmio que as escolas deveriam atender.	398

Anexo X - Lista De Alunas Premiadas No Exame Do Colégio Augusto	399
Anexo XI- Comunicado sobre funcionamento do Collegio Augusto.	400
Anexo XII - Administração Provincial do tempo do Império do Brasil.....	401
Anexo XIII- Jornal O brinco	402
ANEXO XIV- Jornal O Lápis.....	403
ANEXO XV- Jornal A voz das Amazonas	404

INTRODUÇÃO

Quando o escuro da noite caía, a minúscula sala era iluminada por um candeeiro a gás, a cozinha e os quartos também. A família de Maria José da Silva, minha mãe, era a única do humilde vilarejo, ao todo com nove casebres, que não conhecia a luz elétrica. Eu tinha aproximadamente sete anos de idade.

Não tenho a intenção de quebrar as regras de texto acadêmico, mas como já quebrei diversas imposições sociais e, inclusive, o fato de está escrevendo essa introdução de uma tese de doutorado já se configura uma quebra de regra diante da realidade acadêmica brasileira, onde as mulheres negras representam apenas 6% das alunas matriculadas no curso de graduação e no somatório de mulheres pretas e pardas com o curso de doutorado não atingem 3% do total de docentes doutoras. Não posso deixar de relatar e, ao mesmo tempo, reconhecer a significativa contribuição dessas experiências como uma das justificativas que me impulsionaram a temática dessa investigação.

A casa simples, de pau a pique,² e ainda coberta de palha foi o lar em que, Maria José passou 25 dos seus atuais 72 anos de idade. Sem saber ler ou escrever, devido ao trabalho como cortadora de cana, não teve como conhecer a escola. Apesar dessa realidade, sempre acreditou no poder de transformação da educação. Fato que justifica seu incansável incentivo para que seus filhos e filhas freqüentassem à escola.

Embora essas experiências serem minhas, acredito que há várias famílias “Silvas” no Brasil. Há várias “Marias” que apesar de não conhecerem o mundo da escrita viram na educação uma possibilidade de mudança ao incentivarem seu indiscutível valor. Transformaram o destino que a sociedade havia determinado. Através dessa educação conseguiram ocupar espaços e lugares de fala. Eu sou fruto desse processo, e isso hoje, talvez releve e se traduza na conclusão desse curso de Doutorado. Que segundo a sociedade brasileira, não estaria reservado a uma mulher negra.

Devido a essa condição, com mulher negra, enfrentei diversas formas de racismo e machismo que me acompanharam desde a infância até a vida adulta, passando pela universidade durante as graduações e pós graduação. Tais vivências

² Tipo de casa feita de barro e madeira.

provocaram descobertas em minha vida, a partir do momento em que busquei formas de enfrentamento, através das militâncias. Momento que me permitiu condições de enfrentamento, além de reconhecer o meu pertencimento étnico-racial, e, sobretudo, sobre as manifestações do racismo e machismo que se apresentam de forma estrutural no Brasil, mesmo diante das lutas e conquistas sociais, políticas e principalmente, educacionais das quais as mulheres foram pioneiras no país.

Uma grande aliada histórica dessas lutas foi a imprensa utilizada pelas mulheres para propagar suas idéias. A imprensa feminista, utilizada para este fim, se associa a imprensa pedagógica, pois esta é construída no contexto informativo/formativo tendo contribuição significativa em diferentes movimentos sociais, dentre eles, o feminismo. Uma vez que, de acordo com Hernández Díaz (2013), através da imprensa pedagógica, é possível obter informações e se informar, criando, assim, opiniões críticas, que proporcionam “[...] espacios sociales colectivos, se defienden derechos (o se conculcan), y es um instrumento de comunicación social arraigado en la vida cotidiana de los ciudadanos. Es también um espacio de presencia de la educación y sus problemas, y de permanente acción educadora”³. Assim sendo, percebemos a importância do uso da imprensa pedagógica em todos os sentidos, quando nos referimos, ao seu uso como forma de luta social e política, assim como o feminismo.

O feminismo como um movimento de luta, social, educacional, política, econômica das mulheres por direitos iguais foi de grande contribuição para a conquista de tais direitos e na, contemporaneidade, ainda o é. Esse movimento teve como protagonistas, inicialmente, as mulheres brancas, alfabetizadas e de classe média. Tendo como suas lutas primeiras o acesso à educação igualitária, posteriormente, foram aglutinando a essa luta; a redução da jornada de trabalho, o direito ao voto e igualdade salarial. Em seguida, outras reivindicações passaram a fazer parte das agendas feministas.

Nesse contexto, contudo, não podemos ignorar a questão do gênero e raça. O Brasil, exemplo, é o país com o maior número de população negra fora do

³ “[...] espacios sociales colectivos, se definen derechos (o se conculcan), e é um instrumento de comunicação social enraizado na vida cotidiana dos cidadãos. É também um espaço para presença da educação e seus problemas, e de permanente ação educadora “HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p.11). p. 15.

continente africano, todavia, apesar dessa realidade, essa população, sofre historicamente, com o racismo nas suas mais diversas manifestações, além de liderar as estatísticas quando o assunto é escolaridade, assassinato e violências distintas.

Esse fato se torna mais alarmante quando nos referimos à realidade das mulheres negras. Apesar de no ensino superior as mulheres serem maioria, as mulheres negras, no entanto, ainda são minoria e lideram as estatísticas de analfabetismo e violência contra a mulher. Os dados oficiais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam esta realidade a cada estudo realizado. Esta realidade há séculos foi discutida por Nísia Floresta, uma educadora, jornalista e feminista brasileira, que defendia o acesso de todas as mulheres à educação independente de classe e raça.

Na atualidade, algumas ciências como a educação, sociologia, antropologia e história (social e cultural) abordam esse tipo de discussão que se apresenta quando a escola, em seu processo histórico cultural acarreta a herança colonial ainda existente na maioria das instituições escolares. Nesse entendimento, para Carvalho (2004) a escola “Tem o papel relevante na construção de conhecimento e subjetividades sociais e culturais. Aprende-se na escola a ler, escrever e contar, tal como se aprende a dizer-se “branco”, “negro”, “mulher”, “homem””⁴.

Diante dessa contextualização, o processo histórico em que vivenciei tanto na vivência educacional, quanto política e social, além das inquietações que surgiram durante a produção da minha pesquisa de mestrado intitulada: “Mulheres emancipai-vos! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta” resultaram como fruto dessa investigação.

Nessa direção, durante a realização da pesquisa supracitada, foi possível observar que o uso da imprensa pedagógica e feminista utilizada por Nísia Floresta, carecia de um estudo mais aprofundado. Indicando a importância dessa ferramenta na constituição do pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta, fato que

⁴ CARVALHO, Rosângela Tenório de. Discursos pela Interculturalidade no Campo Curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990. Recife: Bagaço, 2004, p. 59.

justifica, devido à sua magnitude, a importância desses impressos, e a necessidade de um estudo mais minucioso, conseqüentemente, mais prolongado. O que apontou para uma pesquisa em nível de doutorado, intitulada: A IMPRENSA PEDAGÓGICA E FEMINISTA NO BRASIL: Nísia Floresta e a Educação das Mulheres no Século XIX.

Nesse sentido, como as pesquisas sobre imprensa pedagógica tem seus estudos fundantes no continente europeu, a exemplo de pesquisadores como Hernández Díaz, professor catedrático da Universidad de Salamanca, que tem um amplo estudo sobre esse tipo de imprensa e freqüentes publicações relativas a essa a temática, revela a nossa prioridade em desenvolver a pesquisa de doutorado na universidade de Salamanca.

Mediante esse contexto, ao nos referirmos sobre a imprensa, em específico, a brasileira que no início do século XIX, era reservada a uma pequena camada alfabetizada da sociedade, se restringindo, por muito tempo, a uma maioria masculina, mesmo os periódicos que eram dedicados às mulheres tinham homens como editores, “a maioria preferia limitar suas opiniões a questões de moda, notícias sobre bailes e comentários de espetáculos de teatro”⁵.

Os conteúdos desses periódicos não passavam de instruções para o bordado, receitas de doces e bolos, além de dicas para ser uma boa mulher e mãe, assuntos religiosos e familiares, porquanto para os editores dos jornais, as mulheres não cariciam de informações que discutissem a ordem social vigente. Decerto, não acreditavam na capacidade intelectual das mulheres, e dessa forma, segundo esses editores, tais mulheres não necessitavam de informações que pudessem lhes tornar instruídas (Silva, 2014).

Foi nessa conjuntura que, Nísia Floresta, fez uso da imprensa para denunciar a condição social e as circunstâncias em que se encontravam a educação proporcionada às mulheres de seu país. Com os escritos produzidos em forma de artigos, crônicas, poemas, novelas, contos, ou ensaios recebiam críticas diversas, uma vez que Floresta rompia com os paradigmas de sua época; primeiramente por ser mulher e em segundo lugar, por se utilizar do espaço privado para difundir suas

⁵HÄHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 92.

ideias feministas, pois de acordo com essa autora, todas as mulheres deveriam ter acesso a uma educação emancipatória.

Os escritos de Nísia Floresta eram, em sua maioria, polêmicos e abordavam temas diversos, entretanto, a condição da educação da mulher brasileira, era o principal. Ao passo que também abordavam questões abolicionistas e indigenistas. Esses escritos, segundo Duarte (2010) e Silva (2014), teriam sido publicados no periódico “O Espelho das Brasileiras” de 183, sendo considerado um dos primeiros impressos a que, Floresta, teve acesso.

O editor desse impresso, Adolphe Émille de Bois Garin, teria sido o primeiro a oportunizar o acesso de Floresta às páginas do seu periódico pernambucano, onde, a escritora iniciou de acordo com Silva (2014) um novo modo de militância feminista e educacional. Uma vez que foi nas laudas desse periódico que a educadora deu, possivelmente, vestígios de que, apenas iniciava a propagação das suas ideias feministas e pedagógicas, denunciando a real condição social da mulher, e as injustiças reservadas ao sexo feminino (Silva, 2014).

Nesse contexto, como é sabido o Brasil no século XIX vivia mediante uma sociedade patriarcal. Assim, as notícias que abordassem os temas tratados por Floresta, sofriam apagamento da imprensa, acontecimento que segundo Floresta, causava-lhe insatisfação, pois afirmava que

Sempre que brilha um novo dia e que nos bate a porta o jornal, apoderamo-nos com solicitude dessa folha, e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente, em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito – a educação da mulher brasileira – e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoo na mesma expectativa, no mesmo desengano⁶.

Nesse contexto, os escritos que abordassem temas polêmicos, como o direito a educação da mulher, basicamente, não existiam durante o século XIX. Dessa forma, o cidadão ou cidadã que ousasse expor essas ideias estariam indo de encontro à ordem social estabelecida, e conseqüentemente, padeceria de perseguições. Fato que aconteceu com Nísia Floresta, ao dizer que o Estado e os pensadores tratavam de todos os assuntos, menos da educação das meninas. Esta assertiva, diante do silenciamento sobre a questão que mais lhe interessava, nos

⁶FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b.p. 81.

permite observar o posicionamento político da militante em colocar-se contrária ao regime patriarcal do período em que viveu (Silva, 2014).

Diante dessa contextualização, essa pesquisa foi dividida em quatro partes, no total de oito capítulos. Inicialmente, a apresentação da tese, e logo após, os objetivos de estudos da mesma. Como metodologia, devido à especificidade dessa investigação foi adotada a pesquisa documental, na perspectiva de Celad (2002).

O método adotado foi o Método do Caso Alargado que de acordo com Boaventura de Sousa Santos (1983) “opõe a generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, generalização pela qualidade e pela exemplaridade”⁷. É partindo dessa perspectiva que este método tem sua base estrutural na combinação da fenomenologia e do estruturalismo. Foram apresentados, concomitantemente, o tipo de estudo, método da pesquisa, delimitação e local da pesquisa, fontes de informação e técnicas de coleta adotadas.

Em face dessa discussão inicial, essa investigação se encaminhou na perspectiva da seguinte questão/problema: Como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras?

Ao passo que elegemos como objetivos específicos: Situar a imprensa pedagógica e feminista no seu contexto histórico; Identificar as principais questões pedagógicas e feministas apontadas por Nísia Floresta; Analisar a imprensa pedagógica e feminista produzida por Nísia Floresta; Caracterizar a experiência da produção sobre a imprensa pedagógica do Colégio Augusto, criado e dirigido por Nísia Floresta, no Rio de Janeiro/Brasil no século XIX e Descrever o panorama da educação no século XIX no Brasil.

Na segunda parte nomeada de A IMPRENSA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO EUROPEU E LATINO AMERICANO, o segundo capítulo abordou sobre A Imprensa Pedagógica, A imprensa pedagógica e educação e Imprensa pedagógica na Europa. Já no terceiro capítulo dissertou-se sobre a imprensa pedagógica no Brasil, principais periódicos brasileiros do século XIX (1800-1859) onde foi feito um levantamento desses periódicos em todas as regiões brasileiras.

⁷SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p. 11.

A terceira parte denominada; QUEBRANDO O SILÊNCIO: A Imprensa Feminista foi dissertado no quarto capítulo sobre; A história do feminismo: a ruptura com o silêncio das mulheres; O feminismo no contexto brasileiro e Nísia Floresta: os indícios sobre a primeira feminista latino americana. Já no quinto capítulo, O PAPEL DA IMPRENSA FEMINISTA NA HISTÓRIA DAS MULHERES foi abordado sobre, A imprensa feminista no seu contexto histórico; A imprensa feminista, A imprensa feminista no Brasil no século XIX e os principais periódicos brasileiros na primeira metade do século XIX.

Nesse contexto, na quarta parte: UMA VOZ QUE NÃO SILENCIOU: NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA E A EDUCAÇÃO DAS MENINAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX. No sexto capítulo acometeu sobre Dionísia Gonçalves Pinto: a mulher que desafiou a sociedade patriarcal brasileira foi abordado; Dionísia Gonçalves Pinto: A Nísia Floresta; foi abordado sobre; Nísia Floresta na Europa, Bélgica, França, Alemanha, Itália, assim como e as Convergências intelectuais na produção literária de Nísia Floresta. No sétimo capítulo; Um Direito Negado: a realidade da educação das mulheres no Brasil do século XIX foi discutido temas como: Nísia Floresta e a luta pelo direito e acesso da mulher a uma educação igualitária; O Collegio Augusto e a sistematização do Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta; As matérias ensinadas no Collegio Augusto; O que diferenciava o Collegio Augusto das outras instituições de ensino. E por fim, no oitavo capítulo, as análises e conclusões da pesquisa.

Nessa direção, inicialmente foi realizado um “estado da arte”⁸ através de um mapeamento sobre as produções científicas, a fim de identificar estudos que vêm sendo ou foram produzidos sobre a temática investigada nessa pesquisa, trazendo o desafio de mapear tais produções e procurando responder em quais “aspectos e

⁸ Estado da Arte ou Estado do conhecimento são pesquisas definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).

dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas”⁹.

Inicialmente, para o Estado da Arte sobre imprensa Pedagógica, incluindo a feminista, foram realizadas consultas aos anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) organizado pela Sociedade Brasileira de História da Educação SBHE.

▪ **Estado da arte sobre Imprensa Pedagógica no CBHE**

O Congresso Brasileiro de História da Educação é um evento organizado pela Sociedade Brasileira de História da Educação SBHE com realização bienal. Sua primeira edição tem início no ano de 2000 e a última no ano de 2017. Foi realizado um levantamento de todas as edições desse evento, considerado um dos mais importantes sobre os estudos voltados a História da Educação no Brasil. Este evento, que abrange diferentes temáticas, é realizado em diversos estados do Brasil, onde a partir do ano 2000 foi sediado em (Rio de Janeiro-Rio de Janeiro), 2002 (Natal- Rio grande do Norte), 2004 (Curitiba- Paraná), 2006 (Goiânia- Goiás), 2008 (Aracaju- Sergipe). A partir de 2011 (Vitória- Espírito Santo), 2013 (Cuiabá- Mato Grosso), 2015 (Maringá- Paraná) e na última edição em 2017 (João Pessoa- Paraíba).

A partir de sua primeira realização foram constatados 08 eixos de pesquisas, dentre estes, o 4º, que foi denominado de imprensa Pedagógica, o que concebe uma representatividade significativa para o estudo da temática dessa pesquisa. Contudo, durante as outras edições CBHE, não houve eixos temáticos que especificasse o estudo sobre a imprensa pedagógica, durante as 04 edições do congresso, entre os anos de 2002 a 2008. Apenas a partir da edição de 2011, a discussão sobre imprensa pedagógica, voltou a fazer parte dos eixos de estudo desse evento. Entretanto, com outra determinação mais abrangente, passando pertencer ao eixo 05 e denominada de Impresses, Intelectuais e História da Educação.

As edições de 2013 a 2015, o evento foi composto por 10 eixos de pesquisas, em 2013, Impresses, Intelectuais e História da Educação está localizado

⁹ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002, p. 258.

no eixo 8. Assim como na edição de 2015. A edição mais recente de 2017, também com 10 eixos de estudos, contudo, houve mudança na localização e nome do eixo, passando a pertencer ao eixo 03 e denominado de Imprensa e Impressos educacionais.

Diante desse contexto, foi realizado uma análise, na edição de 2000, por ter um eixo específico sobre imprensa pedagógica e nas edições de 2011, 2013, 2015 e 2017 por trazerem um eixo que abrangia os estudos sobre imprensa pedagógica, apesar de não ter o termo específico sobre essa temática. Para a eleição dos trabalhos foram considerados aqueles que trouxeram, em seu título, termos específicos como “Imprensa Pedagógica”, “Feminismo” ou “Nísia Floresta”.

I CBHE 2000

O primeiro Congresso Brasileiro de História da Educação foi realizado no período de 06 a 09 de novembro de 2000, sediado no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Onde houve 231 trabalhos aprovados distribuídos entre oito eixos temáticos e apenas um específico sobre Imprensa Pedagógica, com 09 nove trabalhos. Contudo, apenas quatro estão disponíveis no site do evento.

Quadro 1- Trabalhos apresentados no eixo Imprensa Pedagógica.

EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORA INSTITUIÇÃO	AUTOR E
Imprensa Pedagógica	A Eschola Pública- Uma análise da Pedagogia Paulistana no período republicano.	Adriana Aparecida Pinto Universidade Estadual Paulistana- UNESP	
	Ana De Castro Osório E A Construção Da <i>Grande Aliança</i> Entre Os Povos: Dois Manuais Da Escritora Portuguesa Adotados No Brasil.	Maria José Lago dos Remédios. Escola Sec. D. Filipa de Lencastre (Lisboa).	
	Imprensa e educação no século xix as idéias de <i>o progresso</i>	Marcília Rosa Periotto- UNICAMP.	
	<i>Manuais Que Ensinam Professores A Ensinar: A Construção De Saberes Pedagógicos Em Livros Didáticos Usados Por Normalistas (1930-1970).</i>	Vivian Batista da Silva - USP	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nessa primeira edição do CBHE 2000 pode ser observado que não houve nenhum trabalho que abordasse sobre a temática de nossa pesquisa. Contudo, foi observado que a imprensa pedagógica foi utilizada como fonte histórica em 3 dos 4 trabalhos encontrados. Que foram os seguintes: A Eschola Pública- Uma análise da

Pedagogia Paulistana no período republicano, “Ana De Castro Osório e A Construção Da *Grande Aliança* Entre Os Povos: Dois Manuais Da Escritora Portuguesa Adotados no Brasil” de autoria de Maria José Lago dos Remédios e o outro artigo “*Manuais Que Ensinam Professores A Ensinar: A Construção De Saberes Pedagógicos Em Livros Didáticos Usados Por Normalistas (1930-1970)*” de Vivian Batista da Silva. Sendo um trabalho de Portugal e três nacionais oriundos da região sudeste do Brasil. De fato, não foi encontrado nenhum trabalho que a abordassem a temática da nossa pesquisa.

I CBHE 2011

Foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo entre os dias 16 a 19 de maio de 2011. Nessa edição, o eixo pesquisado foi Impressos, Intelectuais e História da Educação. Onde houve 154 trabalhos aprovados para este eixo em específico. Apenas 04 se aproximaram da temática dessa pesquisa.

Quadro 1- Trabalhos apresentados no eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação

EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORA (A) INSTITUIÇÃO	AUTOR E INSTITUIÇÃO
IMPRESSOS, INTELLECTUAIS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Juanita Machado: Um belo espírito feminino na década de 1930.	Verônica de Souza Fragoso. Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa- Paraíba- Brasil.	
	Uma associação Feminina nas páginas do Jornal a União nas décadas de 1930.	Verônica de Souza Fragoso. Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa- Paraíba- Brasil	
	Ser mãe, ser moderna, ser mulher: a propaganda e a divulgação de representações de mulher na Revistas femininas dos anos 1950.	Liana Pereira Borba dos Santos- Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Rio de Janeiro- RJ- Brasil.	
	Os lugares e os meios de sociabilidade intelectual do Jornal o Sexo Feminino (1873-1889): algumas considerações.	Roberta Guimarães Teixeira. UNIRIO- RJ. Rido de Janeiro- RJ-Brasil.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Também nessa edição não foram encontrados trabalhos que abordassem a temática dessa pesquisa. Contudo, é importante ressaltar, que foram encontrados 04 trabalhos que trouxeram a palavra “feminina” em seu título, mas não discutiram sobre o feminismo em si, tampouco, o estudo sobre a “Imprensa Pedagógica ou “Imprensa Feminista”. No primeiro, intitulado de “Juanita Machado: Um belo espírito feminino na década de 1930”, Verônica de Souza Fragoso, objetiva revelar a

escritora Juanita Machado através de seus textos publicados nos artigos do Jornal A União na década de 1930. Ressaltando sobre o pensamento feminista da referida autora que discutia sobre o exercício dos direitos das mulheres.

No segundo artigo “Uma associação Feminina nas páginas do Jornal a União nas décadas de 1930” também da autoria de Verônica Fragoso com o objetivo de identificar as contribuições educacionais da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino para a formação das mulheres paraibanas (1930 a 1940).

Já no terceiro artigo, “Ser mãe, ser moderna, ser mulher: a propaganda e a divulgação de representações de mulher na Revistas femininas dos anos 1950” de autoria de Liana Pereira Borba dos Santos discutia sobre as representações da mulher, sua educação e sua função educativa nas propagandas de periódicos femininos da década de 1950, onde foi analisado três periódicos “Querida”, “Vida Doméstica” e “Jornal das Moças”.

No quarto e último artigo “Os lugares e os meios de sociabilidade intelectual do Jornal o Sexo Feminino (1873-1889): algumas considerações” de Roberta Guimarães Teixeira teceu sobre considerações a cerca de lugares e meios de sociabilidade intelectual exercidos pelas mulheres professoras e jornalistas do Jornal O Sexo Feminino (1873-1889).

CBHE 2013

Realizada entre os dias 20 a 23 de maio de 2013 na Cidade de Cuiabá- Mato Grosso. Nesta edição também os trabalhos sobre os impressos vieram no eixo 08- Impressos Intelectuais e História da Educação composto por 131 trabalhos.

Quadro 2- Trabalhos apresentados eixo no “Impressos, Intelectuais e História da Educação”.

EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORA (A) AUTOR E INSTITUIÇÃO
IMPRESSOS, INTELLECTUAIS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	O ideário feminino e a educação da mulher nos jornais A Reforma (1901-1912).	Dilza Porto Gonçalves - Secretária de Educação do Rio Grande do Sul- Brasil.
	O Crisol: periódico das alunas do colégio Americano (1945-1964).	Dóris Bittencourt Almeida – Faculdade de Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Brasil
	Escrita feminina: a concepção de infância na obra de escritoras de literatura infanto-juvenil (1858- 1945).	Priscila Kaufmann Corrêa- Universidade de Campinas- São Paulo -Brasil.
	A Revista careta e a educação das mulheres: uma dispersão discursiva para a normalização feminina no contexto urbano.	Universidade Federal de São João Del-Rei- Minas Gerais- Brasil.
	A representação da mulher portuguesa no Jornal O Beija-Flor (1838).	Charlton José dos Santos Machado, Fabiana Sena- Universidade Federal da Paraíba- Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nessa edição do CBHE foram identificados de 05 trabalhos que trouxeram em seu título palavras que identificaram estudos referente à mulher. No primeiro artigo encontrado “O ideário feminino e a educação da mulher nos jornais A Reforma (1901-1912)” de Dilza Porto Gonçalves contrapôs os textos da escritora Ana Aurora do Amaral Lisboa no jornal, A Reforma, com textos dessa mesma autora publicados no Jornal, A Federação. Os temas abordados se referiam à educação da mulher e seu papel na política.

No artigo “O Crisol: periódico das alunas do colégio Americano (1945-1964)” de autoria de Dóris Bittencourt Almeida a autora analisou o periódico O Crisol produzido pelas alunas do Colégio Americano, escola metodista da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul- Brasil. Onde foram analisados 35 exemplares (1946-1964).

No trabalho “Escrita feminina: a concepção de infância na obra de escritoras de literatura infanto-juvenil (1858- 1945)” de Priscila Kaufmann Corrêa traz uma discussão entre as escritas de três escritoras: A Condessa de Ségur, Louisa May Alcott e Maria Clarice Marinho Villac autoras de livros infantis e autoras de textos em periódicos.

O artigo “A Revista careta e a educação das mulheres: uma dispersão discursiva para a normalização feminina no contexto urbano” de Fernanda C. Costa Frazao trouxe um resultado de pesquisa de mestrado da referida autora sobre a história da educação feminina elaborada a partir da proposta da história cultural na perspectiva foucaultiana.

O último artigo encontrado, no eixo específico dessa edição, foi “A representação da mulher portuguesa no Jornal O Beija-Flor (1838)” do autor Charliton José dos Santos Machado e da autora Fabiana Sena, onde buscaram visibilizar a representação da mulher portuguesa do século XIX no referido Jornal que era dedicado às mulheres e que foram publicados em Lisboa (1838-1842). O referido artigo buscou conhecer como eram representadas as mulheres portuguesas (mulheres burguesas alfabetizadas) do século XIX, no Jornal O Beija Flor.

CBHE 2015

Esta edição foi realizada entre os dias 29 a 2 de julho de 2015 na Universidade Estadual de Maringá. Onde teve como tema central, História da Educação: matrizes interpretativas e internacionalização. O eixo 08 foi o explorado nessa edição, Impressos Intelectuais e História da Educação, com 172 trabalhos.

Quadro 3- Trabalhos apresentados no eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação”.

EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORA (A) AUTOR E INSTITUIÇÃO
IMPRESSOS, INTELLECTUAIS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Representação da mulher professora na Revista de Educação do Espírito Santo (1934-1937).	Elda Alverenga Rafaele Flaiman Lauff Westphal
	A imagem da infância na Pauliceia da primeira república: um estudo impresso álbum das meninas (1898-1901) de Anália Franco.	Floriza Garcia Chagas-
	Civilidade e educação feminina no século XIX: o Jornal das Senhoras	Mônica Vasconcelo
	Bertha Lutz: a importância dos impressos para a divulgação das idéias da Federação Brasileira pelo progresso feminino.	Raquel dos Santos Quadros, Giseli Fermينو Coelho
	O modelo feminino na Revista Fon-Fon! (1907-1958): a pedagogia da maternidade no estado-novo	Renata Franqui Marcela Rosa Periotto
	História da Educação e Imprensa Pedagógica como fonte e objeto de ensino: primeiras elaborações.	Rosany Joicy Melo, Elaine Rodrigues

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nessa edição de 2015 foram encontrados 06 trabalhos. O primeiro artigo foi “Representação da mulher professora na Revista de Educação do Espírito Santo

(1934-1937)” de Elda Alverenga Rafaele e Flaiman Lauff Westphal que buscaram identificar as representações da mulher professora no Estado do Espírito Santo, através do discurso difundido na Revista de Educação onde foram analisados textos publicados na referida revista que indicavam a representação da mulher professora.

No artigo “A imagem da infância na Pauliceia da primeira república: um estudo impresso álbum das meninas (1898-1901)” de Anália Franco e Floriza Garcia Chagas. Foram investigados exemplares da Revista Álbum das Meninas que era dedicada às meninas brasileiras. Esta revista foi publicada na cidade de São Paulo e idealizada por Anália Emília Franco para divulgar seu ideário de educação e sociedade.

Já no artigo “Civilidade e educação feminina no século XIX: o Jornal das Senhoras” de Mônica Vasconcelo foi analisado as contribuições do Jornal das Senhoras sobre a educação feminina no século XIX. Periódico publicado no Rio de Janeiro- Brasil (1852-1855), onde de acordo a autora esse periódico objetivava preparar as moças para o casamento e ensinar modos de se comportar por meio de uma educação moralista.

O trabalho intitulado “Bertha Lutz: a importância dos impressos para a divulgação das idéias da Federação Brasileira pelo progresso feminino” de Raquel dos Santos Quadros e Giseli Fermino Coelho teve como foco a importância dos impressos como fonte de pesquisas analisando suas formas em relação a materialidade (tamanho, número de páginas, capa (...)) onde foram destacados os jornais “Correio da manha” e Diário Carioca” jornais que publicaram textos da feminista Bertha Lutz que divulgava suas idéias que contribuíram para a propagação do feminismo.

No trabalho “O modelo feminino na Revista Fon-Fon! (1907-1958): a pedagogia da maternidade no estado-novo” de Renata Franqui e Marcela Rosa Periotto realizaram um estudo sobre tal Revista a partir de organização textual pressupondo levantamento de aspectos da história da educação feminina no século XX e a influência da imprensa na formação social, em especial à educação das mulheres.

Este último artigo denominando de “História da Educação e Imprensa Pedagógica como fonte e objeto de ensino: primeiras elaborações” das autoras Rosany Joicy Melo e Elaine Rodrigues foi o único trabalho encontrado que trouxe o termo imprensa pedagógica apresentando apontamentos acerca da Imprensa

Pedagógica como fonte e objeto de ensino e não como fonte de pesquisa como no caso de nosso trabalho.

CBHE 2017

Realizado entre os dias 15 a 18 de 2017 em João Pessoa- Paraíba- Brasil com o tema História da Educação: Global, nacional e regional. Com 58 trabalhos apresentados localizado no eixo 03 e com denominação diferente agora denominado de “Imprensa e impressos educacionais”.

Quadro 4- Trabalhos apresentados no eixo “Imprensa e Impressos Educacionais”.

EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORA (A) E INSTITUIÇÃO	AUTOR E INSTITUIÇÃO
IMPRESA E IMPRESSOS EDUCACIONAIS	Álbum das Meninas: estudo de um impresso de Anália Franco à jovem brasileira (1898-1901).	Floriza Garcia Chagas-UNIFESP- Universidade Federal de São Paulo- SP- Brasil.	
	Imagens e representação da mulher no Jornal Pernambucano Espelho das Brasileiras (1831).	Mônica Vasconcelos, Marcília Rosa Periotto. Universidade Estadual do Paraná	
	Revista de Educação Física (1930): a concepção eugenética de Getúlio Vargas e a figura feminina.	Valquíria Elita Renk, Célia Souza da Costa, Edima Dayane de Lara Bueno. Universidade Católica do Paraná.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nessa última edição do evento foram encontrados 3 trabalhos que versaram sobre a imprensa e o universo feminino dentre eles “Álbum das Meninas: estudo de um impresso de Anália Franco à jovem brasileira (1898-1901)” de Floriza Garcia Chagas. Este artigo indicou que os textos em sua maioria abordavam sobre àqueles que tratavam a produção da mulher virtuosa e patriota.

O trabalho “Imagens e representação da mulher no Jornal Pernambucano Espelho das Brasileiras (1831)” de Mônica Vasconcelos e Marcília Rosa Periotto discutiu a imagem e representação da mulher pernambucana no Jornal Espelho das Brasileiras, publicado em Recife- Pernambuco- Brasil (1831) onde direcionou tal análise aos discursos que identificou o ideário da concepção de mulher na segunda metade do século XIX.

O último artigo “Revista de Educação Física (1930): a concepção eugenia de Getúlio Vargas e a figura feminina” de Valquíria Elita Renk, Célia Souza da Costa e Edima Dayane de Lara Bueno foi analisado as representações femininas

apresentadas em tal Revista no período entre (1932 a 1939) que figuravam, de acordo com as autoras, as mulheres como a matriz geradora do povo brasileiro.

Quadro 5- Total de trabalhos sobre a temática em todas as edições CBHE

EDIÇÕES	EIXO DE ESTUDO	TRABALHOS APROVADOS	TRABALHOS QUE ABORDARAM A TEMÁTICA
2000 Universidade Federal do Rio de Janeiro	Imprensa Pedagógica	09	—
2002 Natal	Não houve eixo específico	—	—
2004 Curitiba	Não houve eixo específico	—	—
2006 Goiânia	Não houve eixo específico	—	—
2008 Aracajú	Não houve eixo específico	—	—
2011 Universidade Federal do Espírito Santo	Impressos, intelectuais e história da educação.	65	04
2013 Cuiabá- Mato Grosso	Impressos, intelectuais e história da educação.	145	05
2015 Universidade Estadual de Maringá	Impressos, intelectuais e história da educação.	170	06
2017 João Pessoa- Brasil	Imprensa e Impressos Pedagógicos	56	03
TOTAL		445	18

Elaborado pela autora, 2018. A partir dos anais dos eventos do CBHE (2000-2017).

Em um primeiro olhar sobre as edições do CBHE foi possível perceber o pequeno número de produções sobre a imprensa pedagógica em si. Do mesmo modo como estudos sobre imprensa feminista, conseqüentemente. Este número revela que os estudos sobre esta temática ainda carecem de expressividade. No entanto, é preciso considerar que a análise feita foi apenas nos eixos que apresentaram proximidade com o termo “Imprensa Pedagógica”. O que não podemos descartar a possibilidade de haver outros trabalhos nos eixos que não foram analisados por se distanciarem do tema da pesquisa.

No total de 445 trabalhos encontrados apenas 18 se justapuseram a temática dessa pesquisa. Inclusive os trabalhos apresentados na primeira edição do CBHE, onde trouxe o eixo denominado Imprensa Pedagógica, entretanto, não houve nenhum trabalho, em específico, que se aproximasse da temática da pesquisa em

questão. Nas demais edições foi possível observar que os trabalhos encontrados se referem, em sua maioria, ao uso da imprensa feminista. Dos 18 trabalhos encontrados, apenas um traz o termo específico “Imprensa Pedagógica” e seu uso como fonte histórica na educação, assim os outros 17 trabalhos tratam da questão da mulher nos jornais, sua representação e uso de alguns desses jornais utilizados por mulheres para difundir suas idéias feministas.

Dessa forma, tais trabalhos se correlacionam com nossa temática de estudo, todavia, nenhum trouxe em sua temática referência a Nísia Floresta. Apenas um trabalho “Imagens e representação da mulher no jornal pernambucano, Espelho das Brasileiras (1831)” de Mônica Vasconcelos e Marcília Rosa Periotto que trouxe a questão da representação da mulher pernambucana no Jornal Espelho das Brasileiras, periódico que foi publicado em Recife- Pernambuco- Brasil (1831), contudo o artigo de Vasconcelos e Periotto analisou os discursos que identificavam o ideário da concepção de mulher pernambucana na segunda metade do século XIX. Em nossa pesquisa este periódico foi analisado por uma outra vertente, ou seja, buscou-se analisar os textos escritos por Nísia Floresta diante da questão dos direitos das mulheres. Fato que não foi identificado no trabalho das autoras supracitadas. Que ao contrário tecem críticas negativas sobre os textos escritos por mulheres encontrados nesses jornais.

De forma geral, o número de trabalhos encontrados neste evento, evidencia que a imprensa pedagógica, apresenta-se com poucos estudos em relação a sua definição e um estudo mais específico sobre o seu uso como fonte histórica. De fato, há um número ínfimo de trabalho nesse sentido, a exemplo, o das autoras como Denice Bárbara Catani e Maria Helena Câmara Bastos. Nada obstante, é preciso evidenciar a diferença entre trabalhos que se utilizam da imprensa pedagógica como fonte de pesquisa histórica e trabalhos que estudem a questão da imprensa pedagógica em si, como essa pesquisa se propôs. Além disso, pode ser observado que mesmo aqueles artigos que trouxeram estudos sobre mulher e imprensa, nenhum referencia Nísia Floresta.

▪ **Estado da Arte sobre Nísia Floresta¹⁰**

Nessa direção, nosso estudo iniciou com levantamento das publicações dos últimos quinze anos sobre esta temática em questão, na ANPED¹¹, SCIELO¹² e CAPES¹³ que inclui a produção da UFPE, além de periódicos mantidos por algumas Universidades, onde foram desenvolvidos estudos sobre Nísia Floresta, onde em consonância com o nossa pesquisa, nos permitiu dialogar com alguns autores e autoras sobre as questões que envolvam a nossa temática.

Na ANPED analisamos a produção das últimas dez reuniões dos Grupos de Trabalho, GT2 - História da Educação, GT03 e GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação. Nas publicações destes grupos encontramos apenas um trabalho, na edição 2017, que trouxe alguma temática sobre Nísia Floresta.

Quadro 6- Trabalhos encontrados nas edições do CBHE

EDIÇÃO	TRABALHOS	AUTOR(A)	INSTITUIÇÃO
2006 Caxambu Minas Gerais	—	—	—
2007 Caxambu Minas Gerais	—	—	—
2008 Caxambu Minas Gerais	—	—	—
2009 Caxambu Minas Gerais	—	—	—
2010 Caxambu Minas Gerais	—	—	—
2011 Natal- Rio Grande do Norte	—	—	—
2012 Porto de Galinhas- Pernambuco	—	—	—
2013 Goiânia- Goiás	—	—	—
2015 Florianópolis	—	—	—
2017 São Luiz do Maranhão	Educação Para Mulheres na América Latina: Uma	Adriane Raquel	Universidade Federal do Pará

¹⁰ Este Estado da Arte é parte da dissertação de Mestrado intitulada: Mulheres Emancipai-vos: um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida em 21 de agosto na Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste- CAA- Campus Caruaru. Disponível no repertório da referida Universidade.

¹¹ Associação Nacional de Pesquisa em Educação.

¹² Scientific Eletronic Library Online é uma biblioteca digital desenvolvida pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo.

¹³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

	Análise Decolonial dos Escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper.	Santana de Lima	
--	---	-----------------	--

Fonte: Sistematizada pela autora, 2018.

O único artigo encontrado em todas as edições do evento foi “Educação Para Mulheres na América Latina: Uma Análise Decolonial dos Escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper” de Adriane Raquel Santana de Lima, onde a autora tem como objetivo analisar a concepção de educação para as mulheres presentes nas obras de duas autoras latino americanas, Nísia Floresta e Soledad Acosta, buscando relacionar tais concepções com os movimentos de independência e descolonização da América Latina. Para autora “Os escritos de Floresta e Samper revelam além de seus pensamentos subjetivos e emoções individuais, as lutas político-culturais e as estruturas de sentimentos que estavam imersas”¹⁴.

Ao consultar a plataforma da Scientific Electronic Library, a SCIELO, foram encontrados 08 trabalhos entre 1997 a 2018, os quais são discriminados abaixo:

Quadro 7- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas na SCIELO

ANO	TRABALHOS	AUTOR(A)	INSTITUIÇÃO
1997	Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Nísia Floresta, o carapuço e outros ensaios de tradução cultural.	Fraya Frehse	Universidade de São Paulo
2005	Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania.	Rachel Soihet	Universidade Federal Fluminense
2008	As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história.	Constância Lima Duarte	Universidade Federal de Minas Gerais
2010	Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas.	Martins Borges Carvalho Araújo	Universidade de Brasília
2011	O Livro “Direito das Mulheres e Injustiças dos Homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX.	Isabela Candeloro Campoi.	Universidade Federal do Paraná
2012	Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho	Emery Marques Gusmao.	Rio de Janeiro
2014	Viajantes de Saia: escritoras e idéias antiescravistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX).	Ludmila de Souza Maia	Universidade Federal do Maranhão.
2018	Páginas da escravidão: raça e gênero nas representações de cativos brasileiros na imprensa e na literatura oitocentista	Ludmila de Souza Maia	Universidade Federal do Maranhão.

Fonte: Sistematizada pela autora, 2018.

¹⁴ LIMA, Adriane Raquel Santana de. Educação Para Mulheres na América Latina: Uma Análise Decolonial dos Escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. In. Anais da 38ª Reunião Nacional da ANPERD- 01 a 005 de outubro de 2017- UFMA- São Luis/ MA. p. 03.

Na biblioteca SCIELO, foram encontradas oito publicações que reúnem discussões sobre Nísia Floresta discorrendo sobre a relação de Nísia Floresta com a educação feminista, entretanto, não foi encontrado nenhum trabalho que se referisse à questão entre essa autora e ou a imprensa pedagógica feminista. Contudo, foram identificados dois artigos com afinidades com nossa pesquisa, apenas quando se referem ao feminismo de Nísia Floresta. No artigo, “O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres no Brasil do século XIX”, de Campói (2011), a autora faz uma análise da primeira obra de Nísia Floresta, ressalta que esta obra foi uma tradução livre de Wollstonecraft, e enfoca a trajetória de Nísia Floresta a influência que esta teve do positivismo, mas precisamente, no que se refere ao papel da mulher em sua época.

Ainda na SCIELO, encontramos o trabalho de Constância Lima Duarte (2008) que faz uma análise das viagens que Nísia Floresta fez durante sua trajetória em, “As viagens de Nísia Floresta: Memória, testemunho e história”. Neste, a autora exalta o gênero que a escritora escreveu suas viagens, destacando os livros, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e a “Três anos na Itália seguido de uma viagem à Grécia” (1864). Segundo a autora, tais livros “escritos sob a forma de diário ou de cartas, são mais que simples relatos, pois revelam, bem ao gosto da época, as emoções e as impressões da autora diante de cada cidade ou país que visita, bem como descrições e reflexões”¹⁵.

Ainda nessa biblioteca, Fraya Frehse, faz uma crítica sobre a obra de Nísia e a suposta apropriação da autora sobre a obra de *Wollstonecraft, Womannotto man* no artigo, “Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke- Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução”, Frehse realiza uma análise da pesquisa realizada por Pallares-Burke sobre traduções culturais de obras estrangeiras, e dentre outras traduções, a autora ainda que a crítica que Pallares-Burke faz sobre a primeira obra de Nísia Floresta, “Direito das Mulheres e Injustiça dos homens”, 1832, indagando “Quais as razões que teriam levado a brasileira a mentir a respeito da tradução. [...]”

¹⁵ DUARTE. Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. In. Rev. Estudos Feministas. 2008 Vol. 16, n. 3, p.1047.

A admiração por Mary Wollstonecraft, paralelismos em termos de biografia com relação à autora inglesa, etc.”¹⁶

Frehse defende amparada em Burke, que Nísia Floresta havia se apropriado da obra da estrangeira, na íntegra, e não tendo feito apenas uma tradução livre como afirmava Floresta. Já o estudo de Araújo (2010), “Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas”, afirma que “Os livros partem de reflexões oriundas de contextos históricos bem distintos, mas possuem em comum a posição crítica e questionadora sobre a condição de opressão da mulher na sociedade”¹⁷. Em concordância, Duarte (2001) defende que “O livro de Nísia contém uma intencionalidade e o projeto pessoal e político da autora: o de interferir na sociedade de seu tempo e esclarecer as mulheres”¹⁸.

O trabalho de Rachel Soihet “Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania”, onde a autora faz uma análise positiva das pesquisas sobre Nísia Floresta realizadas por Constância Lima Duarte. Neste trabalho Soihet toma como base a personagem de Floresta para se chegar as outras personagens femininas do Rio Grande do Norte do século, desde o XIX ao XX, concluindo algumas dessas mulheres

“Talvez mais ousadas ou mais favorecidas pelas contingências, conseguiram impor-se “escrevendo livros, criando escolas e jornais, fazendo conferências”, não como um escape ao confinamento em que vivia a maioria, mas sim por dever de uma cidadania e de uma consciência profissional que as impelia a lutar por uma plena participação de homens e mulheres de todas as classes, raças e etnias; enfim, por uma sociedade mais justa”¹⁹

Já em 2012, Emery Marques Gusmao, com seu artigo intitulado “Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho” abordou sobre a estrutura discursiva das obras, considerada pela autora, como vozes femininas as defesas da educação. A referida autora fez uma análise das obras “Opúsculo Humanitário (1853) de Nísia Floresta e Mulheres e crianças (1880) de Maria Amália de Carvalho. Onde objetivou identificar a quem tais escritos

¹⁶ FREHSE. Fraya. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke- Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução. In. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1997, 7 v. 40nº 2. p. 241.

¹⁷ ARAÚJO. Raquel Martins Borges Carvalho. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. In. Revista Água Viva Revista de Estudos Literários. 2010, p.16.

¹⁸ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação? In: Revista O eixo e a Roda- 2001. Vol. 7-p. 153-161. Belo Horizonte, 2001.p. 155).

¹⁹ SOIHET. Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. In. Revista de Estudos Feministas.Vol. 13 n. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2005, p. 193.

das autoras eram dirigidos, as justificativas desses textos e escrita feminina numa da época.

Em 2014 o artigo “Viajantes de Saia: escritoras e idéias antiescravistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX)” de Ludmila de Souza Maia onde autora faz uma análise sobre os escritos de viagens de Adèle Toussaint e Nísia Floresta quando tais escritoras realizaram viagens pelo Atlântico. Maia abordou especialmente sobre “As memórias de Toussaint-Samson sobre sua experiência no Brasil e o tratado de Floresta sobre a educação das mulheres são fontes relevantes para compreender suas visões de mundo bem como a circulação transnacional de idéias”.²⁰

Um outro trabalho mais recente é o “Páginas da escravidão: raça e gênero nas representações de cativos brasileiros na imprensa e na literatura oitocentista” também de autoria de Ludmila de Souza Maia (2018). Nesse artigo a autora faz uma análise entre textos jornalísticos de Nísia Floresta e a francesa Adèle Toussaint objetivando contribuir com estudos escravagistas anterior a 1860.

Quadro 8- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas Bases de Dados de Teses e dissertação da CAPES

ANO	TRABALHOS	AUTOR (AS)	INSTITUIÇÃO
2016	Educação para Mulheres e processos de Descolonização da America Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper	Adriane Raquel Santana de Lima	Universidade Federal do Pará
2014	MULHERES, EMANCIPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta.	Elizabeth Maria da Silva	Universidade Federal de Pernambuco

Fonte: Sistematizado pela autora.

A dissertação de mestrado em Educação de Elizabeth Maria da Silva, intitulada “MULHERES, EMANCIPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta” analisou as principais questões do pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta que ainda se apresentam em pautas da educação feminina contemporânea. Onde se apoiou, especificamente,

²⁰ MAIA. Ludmila de Souza. Viajantes de Saia: escritoras e idéias antiescravistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX). In. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 34, nº 61-81- 2014.

nas obras de Floresta onde defendia o direito das mulheres a uma educação igualitária.

A tese de Doutorado em Educação intitulada “Educação para Mulheres e processos de Descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper” de Adriane Raquel Santana analisou a concepção para mulheres em escritos de Floresta e Samper, onde buscou relacionar tal concepção de educação com a descolonização da América Latina.

Quadro 9- Produção Científica sobre Nísia Floresta indexadas nos periódicos da CAPES

ANO	TRABALHOS	AUTOR (AS)	INSTITUIÇÃO
2009	Nísia Floresta e o conhecimento como Fonte de Emancipação feminina.	Cleide Rita Silvo de Almeida/ Elaine Teresinha Dal Mas Dias	Universidade Nove de Julho – São Paulo.
2010	Nísia Floresta, trasgresion y rebeldia em el siglo XIX.	Simone Accorsi.	Universidad del Valle-Colômbia
2010	Nísia Floresta a Mulher que ousou desafiar sua Época.	Amanda Motta/ Angelo Edla Egger.	Universidade do Sul de Santa Catarina
2016	History, Culture and Memory: Nísia Floresta Literature as Women's Rights Source ²¹	Alana Lima de Oliveira	Revista de Direito

Fonte: Sistematizado pela autora.

Foram encontrados 04 artigos que falam sobre Nísia Floresta e a educação. “Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: educação e feminismo”, neste, as autoras, fazem um resgate da vida e obra de Nísia Floresta e ressaltam a importância da feminista na história da educação e do feminismo brasileiro. Ainda neste periódico encontramos o trabalho de Almeida e Mas Dias “Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina”, que discute sobre a contribuição de Nísia Floresta para a educação feminista, dando destaque consciência prematura da autora que “delineou a emancipação feminina pela via do conhecimento e denunciou as injustiças impostas às mulheres”²².

²¹ História, Cultura e Memória: a literatura de Nísia Floresta como fonte do direito das mulheres.

²² ALMEIDA. Cleide Rita Silvério. DAL MAS DIAS. Elaine Teresinha. Nísia Floresta e o conhecimento como Fonte de Emancipação feminina. In. Rhela. Vol, 13 . Año 2019. p. 18.

Ainda na CAPES, encontramos o artigo; “Nísia Floresta, *transgresion y rebeldia em el siglo XIX*”, de Accorsi (2010). Neste, a discussão transcorre pela vida e obra de Nísia Floresta e exalta o papel fundamental da feminista na história da educação do país. Definindo Nísia Floresta como “*Precursora del feminismo, abolicionista, indigenista, educadora, periodista, poeta, cronista, republicana, intelectual y libre pensadora*”²³. Ressalta, ainda, a ousadia da feminista frente à sociedade patriarcal da época, ressaltando a discussão sobre a pedagogia desenvolvida por Nísia Floresta no Colégio Augusto. Já artigo de Alana Lima de Oliveira “History, Culture and Memory: Nísia Floresta Literature as Women’s Rights Source” fez uma análise sobre a tradução de “Direitos da Mulheres e Injustiças dos Homens” onde afirma que apesar de não ser um texto jurídico tem sua contribuição para os direitos humanos das mulheres.

Quadro 10- Sistematização das fontes com produção Científica sobre Nísia Floresta

FONTES		Nº DE TRABALHOS
PERIÓDICOS – CAPES		04
BASE DE DADOS DE TESE E DISSERTAÇÃO DA CAPES		02
SCIELO		08
ANPED		01
TOTAL	04	15

Fonte: Sistematizada pela autora.

Em face desse levantamento exploratório ficou evidente a carência investigativa relacionada ao que se propôs essa investigação. Ao mesmo tempo em que demonstra a inovação dessa pesquisa, ao revelar a necessidade de estudos que envolvam discussões sobre o objeto de estudo dessa tese de doutorado. Nesse contexto, podemos elencar algumas conclusões diante dos levantamentos sobre imprensa pedagógica e Nísia Floresta.

- i- Os estudos sobre a Imprensa Pedagógica no Brasil ainda se apresenta com uma grande lacuna a ser preenchida quando nos referimos ao estudo dessa temática em si;
- ii- Pesquisas vêm sendo desenvolvidas quanto ao uso da Imprensa Pedagógica como fonte histórica de investigação, entretanto não sobre o

²³ ACCORSI. Simone. Nísia Floresta, trasgresion y rebeldia em el siglo XIX. In. Revista Poligrama. 33. 2010. p. 174.

que venha a ser a imprensa pedagógica, ou seja, sua definição e repertórios analíticos.

- iii- A etimologia imprensa pedagógica utilizada no Brasil ainda é de escasso conhecimento ou pouco empregada. Ao passo que o termo utilizado para se referir aos estudos realizados, a partir dessa fonte histórica, recebe diferentes denominações tais como: Imprensa escolar, Imprensa educacional, Periódicos Educacionais, dentre outros.

- iv- De forma geral, o número de trabalhos encontrados neste evento, evidencia que a imprensa pedagógica, apresenta-se com poucos estudos em relação a sua definição, um estudo mais específico sobre o seu uso como fonte histórica ou repertório analítico. Há um número ínfimo de trabalho nesse sentido, a exemplo, o das autoras como Denice Bárbara Catani e Maria Helena Câmara Bastos.

- v- Por fim, é preciso evidenciar a diferença entre trabalhos que se utilizam da imprensa pedagógica como fonte de pesquisa histórica e trabalhos que estudem a questão da imprensa pedagógica em si no caso de repertório analítico, como essa pesquisa se propôs. Pode ser observado, ainda, que, além disso, mesmo aqueles artigos que trouxeram estudos sobre mulher e imprensa, nenhum fez referência a Nísia Floresta.

INTRODUCCIÓN

Cuando la oscuridad de la noche caía, la minúscula sala era iluminada por un candelabro a gas, la cocina y las habitaciones también. La familia de María José da Silva, mi madre, era la única del sencillo pueblo, al todo con nueve casillas, que no conocía la luz eléctrica. Yo tenía aproximadamente siete años de edad.

No tengo la intención de romper las reglas del texto académico, pero como ya rompí diversas imposiciones sociales y, incluso, el hecho de está escribiendo esa introducción de una tesis de doctorado ya es un rompimiento de regla ante la realidad académica brasileña, donde las mujeres negras representan apenas el 6% de las alumnas matriculadas en un curso de grado y en el sumatorio de mujeres negras y pardas con el nivel de doctorado no atingen 3% del total de docentes doctoras. No puedo dejar de relatar y, al mismo tiempo, reconocer la significativa contribución de esas experiencias como una de las justificaciones que me impulsaron la temática de esa investigación.

La casa sencilla de palo a pique²⁴ y aún cubierta de paja fue el hogar en que Maria José pasó 25 de su vida, actualmente con 72 años de edad. Sin saber leer y escribir debido al trabajo como cortadora de caña, no tuve como conocer la escuela. A pesar de esa realidad, siempre creyó en el poder de transformación de la educación. Hecho que justifica su incasable incentivo para que sus hijos e hijas asistieran a las clases.

A pesar de que esas son mis experiencias, creo que existen varias familias “Silvas” en Brasil, hay varias “Marías” que a pesar de no conocieren el mundo de la escrita han visto en la educación una posibilidad de cambio al incentivaren a su importancia. Transformaron el destino que la sociedad había determinado. A través de esa educación han conseguido ocupar espacios y sitios de la voz. Yo soy fruto de ese proceso, quizá justifique y se traduzca en la conclusión de ese curso de Doctorado. Lo que, según la sociedad brasileña, no estaría reservado a una mujer negra.

Debido mi condición como mujer negra, enfrenté diversas formas de racismo y machismo que me acompañaron desde la infancia hasta la vida adulta, pasando

²⁴ Tipo de casa construida de barro y madera.

por la universidad durante los grados y post grados. Mientras, las vivencias como militante han provocado descubiertas en mi vida permitiéndome condiciones de afrontamiento, además de reconocer mi pertenencia étnico-racial y, sobre todo, las manifestaciones de racismo y machismo que se presentan de forma estructural en Brasil, mismo frente a las luchas, las conquistas sociales, la política y principalmente la educación en las que las mujeres fueron pioneras en el país.

Una grande aliada histórica de esas luchas fue la imprenta, utilizada por las mujeres para propagar sus ideas. La imprenta feminista, utilizada para este fin, incluye la imprenta pedagógica, pues esta es construida en el contexto informativo/formativo teniendo contribución significativa en diferentes movimientos sociales, entre ellos, el feminismo. Una vez que, de acuerdo con Hernández Díaz (2013), a través de la imprenta pedagógica es posible obtener informaciones y se informar creando, así, opiniones críticas, que proporcionan “[...] espacios sociales colectivos, se defienden derechos (o se conculcan), y es un instrumento de comunicación social arraigado en la vida cotidiana de los ciudadanos. Es también un espacio de presencia de la educación y sus problemas, y de permanente acción educadora”²⁵. Así siendo, percibimos la importancia del uso de la imprenta pedagógica en todos los sentidos, cuando nos referimos, a su uso como forma de lucha social y política, así como el feminismo.

El feminismo como un movimiento de lucha, social, educacional, política, económica de las mujeres por derechos iguales fue de grande contribución para la conquista de tales derechos y en la, contemporaneidad, aún es. Ese movimiento tuvo como protagonistas, inicialmente, las mujeres blancas, alfabetizadas y de clase mediana. Teniendo como sus luchas primeras el acceso a la educación igualitaria, posteriormente, fueron aglutinando a esa lucha la reducción de la jornada de trabajo, el derecho al voto e igualdad salarial. Y, luego, otras reivindicaciones pasaron a hacer parte de las agendas feministas.

En ese contexto, mientras, no podemos ignorar la cuestión de género y raza. Brasil, por ejemplo, es el país con el más grande número de población negra fuera

²⁵ “[...] espacios sociales colectivos, se definen derechos (o se conculcan), y es un instrumento de comunicación social enraizado en la vida cotidiana de los ciudadanos. Es también un espacio para presencia de la educación y sus problemas, y de permanente acción educadora” HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimônio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p.14.

del continente africano, a pesar de esa realidad, esta población sufre, históricamente, con el racismo en sus más diversas manifestaciones, además de liderar las estadísticas cuando el asunto es escolaridad, asesinato y violencias distintas.

Ese hecho se torna más alarmante cuando nos referimos a la realidad de las mujeres negras. A pesar de la enseñanza superior las mujeres son mayoría, las mujeres negras, aún son minoría y lideran las estadísticas de analfabetismo y violencia de género. Los datos oficiales del Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Departamento Intersindical de Estadísticas y Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Instituto Brasileiro de Geografia y Estadística (IBGE) confirman esta realidad a cada estudio realizado. Esta realidad tras siglos fue discutida por Nísia Floresta, una educadora, periodista, y feminista brasileña, que defendía el acceso de todas las mujeres a la educación independiente de clase o raza.

En la actualidad, algunas ciencias como la educación, sociología, antropología e historia (social y cultural) abordan ese tipo de discusión. Que se presenta cuando la escuela, en su proceso histórico cultural acarrea la herencia colonial aún existente en la mayoría de las instituciones escolares. En ese entendimiento, para Carvalho (2004) la escuela “Tem o papel relevante na construção de conhecimento e subjetividades sociais e culturais. Aprende-se na escola a ler, escrever e contar, tal como se aprende a dizer-se “branco”, “negro”, “mulher”, “homem””²⁶.

Ese proceso histórico en que vivencíé tanto en la vivencia educativa, cuanto política y social, además de las inquietudes que surgió durante la producción de mi investigación del máster intitulada: “Mujeres ¡que emancipai! Un estudio sobre el Pensamiento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta” resultó como fruto de esa investigación.

En ese sentido, durante la realización de la investigación arriba citada, podemos observar que el uso de la imprenta pedagógica y feminista utilizada por

²⁶CARVALHO, Rosângela Tenório de. Discursos pela Interculturalidade no Campo Curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990. Recife: Bagaço, 2004, p. 59.

Nísia Floresta, carecía de un estudio más profundo. Indicando la importancia de esa herramienta en la constitución del pensamiento pedagógico feminista de Nísia Floresta, hecho que justifica, debido a su magnitud, la importancia de esos impresos, y la necesidad de un estudio más detallado, consecuentemente, más prolongado, lo que apuntó para esa investigación en nivel de doctorado, que tiene como título: *La Prensa Pedagógica y Feminista en Brasil: Nísia Floresta y la educación de las Mujeres en Siglo XIX*.

En ese sentido, como las investigaciones sobre imprenta pedagógica tienen sus estudios fundantes en continente europeo, a ejemplo de investigadores como Hernández Díaz, que tiene desarrollando estudios en esa temática, revela la nuestra prioridad en desarrollar la investigación de doctorado en la Universidad de Salamanca.

En este contexto, al referirse a la imprenta, en coreto, a la brasileña que el inicio del siglo XIX, estaba reservada a una pequeña camada alfabetizada de la sociedad, se constreñir, por mucho tiempo, a una mayoría masculina, mismo los periódicos que eran dedicados a las mujeres tenían hombres como editores, “la mayoría prefería limitar sus opiniones a cuestiones de moda, noticias sobre bailes y comentarios de espectáculos de teatro”²⁷. Los contenidos de esos periódicos no pasaban de instrucciones para el bordado, recetas de dulces y tartas, además de trucos para ser una buena mujer y madre, asuntos religiosos y familiares, por cuanto para los editores de los periódicos, las mujeres no eran carecidas de información es para discutir el orden social vigente. Ciertamente, no acreditaban en la capacidad intelectual de las mujeres, y así, según esos editores, tales mujeres no necesitaban de informaciones que podría tornarles instruidas (Silva, 2014).

En esa coyuntura, Nísia Floresta, hizo uso de la imprenta para denunciar la condición social y las circunstancias en que se encontraban la educación proporcionada a las mujeres de su país. Con los escritos producidos en forma de artículos, crónicas, poemas, novelas, cuentos o ensayos recibían críticas diversas, con ruptura de los paradigmas de su época; primero por ser mujer y después por si

²⁷HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 92.

utilizar del espacio privado para difundir sus ideas feministas, pues para Floresta todas las mujeres deberían tener acceso a una educación emancipatoria.

Los escritos de Nísia Floresta eran, en su mayoría, polémicos y abordaban temas diversos, mientras tanto, la condición de la educación de la mujer brasileña era el principal, a la vez que también abordaba cuestiones abolicionistas e indigenistas. Segundo Duarte (2010) y Silva (2014), el periódico “*O Espelho das Brasileiras*” de 1831 es considerado uno de los primeros impresos a que, Floresta, tuvo acceso.

El editor de ese periódico, Adolphe Émile de Bois Garin, tendría sido el primero a crear oportunidades de ese acceso a las páginas de su periódico pernambucano, donde, Nísia Floresta, inició de acuerdo con Silva (2014) un nuevo modo de militancia feminista y educacional. Una vez que, fue en las laudas de ese periódico que la educadora dio, posiblemente, vestigios de que, apenas iniciaba la propagación de sus ideas feministas y pedagógicas, denunciando la real condición social de la mujer, y las injusticias reservadas al sexo mujer (Silva, 2014).

En ese contexto, como es sabido Brasil en el siglo XIX vivía mediante una sociedad patriarcal. Así, las noticias que abordasen los temas tratados por Floresta, sufrían borrado de la imprenta, acontecimiento que segundo Floresta, le causaba insatisfacción, pues afirmaba

Sempre que brilha um novo dia e que nos bate a porta o jornal, apoderamo-nos com solicitude dessa folha, e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente, em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito – a educação da mulher brasileira – e dobramos a folha desconsolada e aguardamos o dia seguinte, que se escoo na mesma expectativa, no mesmo desengano²⁸.

En ese contexto, los escritos que abordasen temas polémicos, como el derecho a la educación de la mujer, básicamente no existían durante el siglo XIX. De esa forma, el ciudadano o ciudadana que se atrevía exponer esas ideas estarían indo de encuentro al orden social establecido y, consecuentemente, padecería de persecuciones. Hecho que ocurrió con Nísia Floresta, al decir que el Estado y los pensadores trataban de todos los asuntos, menos de la educación de las niñas, Floresta (1989). Esta asertiva, delante del silenciamiento sobre la cuestión que más

²⁸FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989b.p. 81.

le interesaba, nos permite observar el posicionamiento político de la militante en se colocar contraria al régimen patriarcal del período en que vivió (Silva, 2014).

Ante esta contextualización, esa investigación fue dividida en cuatro partes, en el total de ocho capítulos. Inicialmente la presentación de la tesis y luego de los objetivos de estudios de la misma. Como metodología, debido a la especificidad de esa investigación, fue adoptada la investigación documental, en la perspectiva de Celad (2002).

El método adoptado fue el método del caso ampliado que de acuerdo con Boaventura de Sousa Santos (1983) "opone la generalización positivista, por la cantidad y la uniformidad, generalización por la calidad y por la ejemplaridad"²⁹. Es partiendo de esa perspectiva que este método tiene su base estructural en la combinación de la fenomenología y del estructuralismo. Así como fueron presentados tipo de estudio, método de la investigación, delimitación y local de la investigación, fuentes de información y técnicas de recolección adoptadas. En relación a esta discusión inicial, esa investigación se encaminó en la perspectiva de la siguiente cuestión / problema: ¿Como la prensa pedagógica y feminista utilizada y producida por Nísia Floresta, en siglo XIX, puede haber contribuido a la historización de las mujeres brasileñas?

En ese entendimiento, tuvimos como objetivo general, analizar como la prensa pedagógica y feminista utilizada y producida por Nísia Floresta, en siglo XIX, puede haber contribuido a la historización de las mujeres brasileñas. Mientras que elegimos como objetivos específicos: Situar la prensa pedagógica y feminista en su contexto histórico; Identificar las principales cuestiones pedagógicas y feministas apuntadas por Nísia Floresta; Analizar la prensa pedagógica y feminista producida por Nísia Floresta; Caracterizar la experiencia de la producción sobre la prensa pedagógica del Colegio Augusto, creado y dirigido por Nísia Floresta, en Río de Janeiro/Brasil en el siglo XIX y describir el panorama de la educación en el siglo XIX en Brasil.

En la segunda parte nombrada *LA IMPRENTA PEDAGÓGICA EN EL CONTEXTO EUROPEO Y LATINOAMERICANO*, en el según capítulo abordó sobre

²⁹ SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do "Skylab". In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p. 11.

la imprenta pedagógica y educación e Imprenta pedagógica en Europa. Ya en el tercer capítulo se disertó sobre la imprenta pedagógica en Brasil, principales periódicos brasileños del siglo XIX (1800-1859) donde fue echo un levantamiento de esos periódicos en todas las regiones brasileñas.

La tercera parte denominada de *LA RUPTURA DEL SILENCIO: La Imprenta Feminista*, fue disertado en el cuarto capítulo sobre la historia del feminismo: la ruptura con el silencio de las mujeres; El feminismo en el contexto brasileño y Nísia Floresta: los indicios sobre la primera feminista latinoamericana. En el capítulo cinco - *EL PAPEL DE LA IMPRENTA FEMINISTA EN LA HISTORIA DE LAS MUJERES* fue abordado sobre, la imprenta feminista en su contexto histórico; La imprenta feminista, la imprenta feminista en Brasil en el siglo XIX y los principales periódicos brasileños en la primera mitad del siglo XIX.

En ese contexto, en la cuarta parte: *UNA VOZ QUE NO SILENCIÓ: NÍSIA FLORESTA BRASILEÑA AUGUSTA Y LA EDUCACIÓN DE LAS NIÑAS EN BRASIL DEL SIGLO XIX*. En el sexto capítulo que le sucedió sobre Dionísia Gonçalves Pinto: la mujer que desafió la sociedad patriarcal brasileña fue abordados Dionísia Gonçalves Pinto: La Nísia Floresta; Nísia Floresta en Europa y las convergencias intelectuales en la obra de Nísia Floresta. En el sétimo capítulo *Un Derecho Negado: la realidad de la educación de las mujeres en Brasil del siglo XIX* fue discutido temas como: Nísia Floresta y la lucha por el derecho y acceso de la mujer a una educación igualitaria, una de las primeras sistematizaciones del Pensamiento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta: El Colegio Augusto. Y por fin en el octavo capítulo los análisis y conclusiones de la investigación.

En ese sentido, inicialmente fue realizado un “estado del arte”³⁰ a través de una cartografía sobre las producciones académicas y científicas, con intuito de identificar estudios que vienen siendo o fueron producidos sobre la temática investigada en esa investigación, trayendo el desafío de mapear tales producciones y buscando responder en cuales “aspectos y dimensiones vienen siendo destacados

³⁰*Estado da Arte ou Estado do conhecimento são pesquisas definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).*

y privilegiados en diferentes épocas y sitios, de que formas y en cual condiciones tienen sido producidas”³¹.

Inicialmente, para el Estado del Arte sobre Imprenta Pedagógica, incluyendo la feminista, fueron realizadas consultas en los anales del Congreso Brasileño de Historia de la Educación organizado por la Sociedad Brasileña de Historia de la Educación (SBHE).

- **Estado del arte sobre Imprenta Pedagógica en el CBHE**

El Congreso Brasileño de Historia de la Educación es un evento organizado por la Sociedad Brasileña de Historia de la Educación (SBHE) con realización bienal. Su primera edición tiene inicio en el año de 2000 y la última en el año de 2017. Fue realizado un levantamiento de todas las ediciones de ese evento, considerado uno de los más importantes sobre los estudios enfocados para la Historia de la Educación en Brasil. Este evento, que cubre diversificadas temáticas es realizado en diversos estados de Brasil, donde a partir del año 2000 ha sido establecido en (Rio de Janeiro-Rio de Janeiro), 2002 (Natal- Rio grande do Norte), 2004 (Curitiba-Paraná), 2006 (Goiânia- Goiás), 2008 (Aracajú- Sergipe). A partir de 2011 (Vitória-Espírito Santo), 2013 (Cuiabá- Mato Grosso), 2015 (Maringá- Paraná) y en la última edición en 2017 (João Pessoa- Paraíba).

A partir de su primera realización fueron constatados 08 ejes de investigaciones, entre estos, el 4º que fue denominado del Imprenta Pedagógica, lo que concibe una representatividad significativa para el estudio de esa temática. Mientras, durante sus otras ediciones CBHE, no hubo ejes temáticos que especificase el estudio sobre a imprenta pedagógica durante las 04 ediciones del congreso entre los años de 2002 a 2008. Apenas a partir de la edición de 2011 la discusión sobre imprenta pedagógica ha vuelto a formar parte de los ejes de estudio de ese evento. Mientras tanto, con otra determinación más amplia pasando pertenecer al eje 05 y denominada de Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación.

³¹ FERREIRA. Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002, p. 258.

Las ediciones de 2013 a 2015 del evento fueron compuestas por 10 ejes de investigaciones, en 2013, Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación está localizado en el eje 8 así como en la edición de 2015. La edición más reciente de 2017, también con 10 ejes de estudios, todavía, hubo cambios en la localización y nombre del eje, pasando a pertenecer al eje 03 y denominado de Imprenta e Impresos educacionales.

Frente a ese contexto, fue realizado un análisis, en la edición de 2000 por tener un eje específico sobre imprenta pedagógica y en las ediciones de 2011, 2013, 2015 y 2017 por traer un eje que cubría los estudios sobre imprenta pedagógica, a pesar de no tener el término específico sobre esa temática. Para la elección de los trabajos fueron considerados aquellos que trajeron en su título términos específicos como “Imprenta Pedagógica”, “Feminismo” o “Nísia Floresta”.

I CBHE 2000

El primero Congreso Brasileño de Historia de la Educación fue realizado en el período de 06 a 09 de noviembre de 2000, realizado en el Foro de Ciencia y Cultura de la Universidad Federal de Rio de Janeiro. Donde hubo 231 trabajos aprobados distribuidos entre ocho ejes temáticos y apenas un específico sobre Imprenta Pedagógica, con 09 nueve trabajos. Mientras, apenas cuatro están disponibles en el sitio del evento.

Cuadro1- Trabajos presentados en el eje “Imprenta Pedagógica”.

EJE TEMÁTICO	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTORA INSTITUCIÓN	AUTOR E
Imprenta Pedagógica	La Escuela Pública- Un análisis de la Pedagogía Paulistana en el período republicano.	Adriana Aparecida Pinto Universidade Estadual Paulistana- UNESP	
	Ana de Castro Osório y la Construcción de la <i>Grande Alianza</i> entre los Pueblos: Dos Manuales de la Escritora Portuguesa Adoptados en Brasil.	Maria José Lago dos Remédios. Escola Sec. D. Filipa de Lencastre (Lisboa).	
	Imprenta y educación en el siglo XIX las ideas de <i>El progreso</i>	Marcília Rosa Periotto- UNICAMP.	
	<i>Manuales que Enseñan Profesores a Enseñar: La Construcción de Saberes Pedagógicos en Libros Didácticos Usados por Normalistas (1930-1970).</i>	Vivian Batista da Silva - USP	

Fuente: Elaborado por la autora, 2018.

En esa primera edición del CBHE 2000 puede ser observado que no hubo ningún trabajo que abordara sobre la temática de nuestra investigación. Todavía fue

observado que la imprenta pedagógica fue utilizada como fuente histórica en 3 de los 4 trabajos encontrados fueron los siguientes: La Escuela Pública- Un análisis de la Pedagogía Paulistana en el período republicano, “Ana de Castro Osório y La Construcción de la *Grande Alianza* Entre los Pueblos: Dos Manuales de la Escritora Portuguesa Adoptados en Brasil” de autoría de Maria José Lago dos Remédios y el otro artículo “*Manuales que Enseñan Profesores a Enseñar*: La Construcción de Saberes Pedagógicos en Libros Didácticos usados por Normalistas (1930-1970)” de Vivian Batista da Silva. Siendo un trabajo de Portugal y tres nacionales oriundos de la región sudoeste de Brasil. No fue encontrado ningún trabajo que abordase la temática de nuestra investigación.

I CBHE 2011

Fue realizado en la Universidad Federal de Espírito Santo entre los días 16 a 19 de mayo de 2011. En esa edición, el eje investigado fue Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación. Donde hubo 154 trabajos aprobados para este eje en específico. Apenas 04 se aproximaron de la temática de esa investigación.

Cuadro2- Trabajos presentados en el eje “Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación”.

EJE TEMÁTICO	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTORA / AUTOR E INSTITUCIÓN
IMPRESOS, INTELECTUALES E HISTORIA DE LA EDUCACIÓN	Juanita Machado: Un bello espíritu femenino en la década de 1930.	Verônica de Souza Fragoso. Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa- Paraíba- Brasil.
	Una asociación Femenina en las páginas del Periódico la Unión en las décadas de 1930.	Verônica de Souza Fragoso. Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa- Paraíba- Brasil
	Ser madre, ser moderna, ser mujer: la propaganda y la divulgación de representaciones de mujer en las Revistas femeninas de los años 1950.	Liana Pereira Borba dos Santos- Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Rio de Janeiro- RJ- Brasil.
	Los sitios y los medios de sociabilidad intelectual del Periódico el Sexo Femenino (1873-1889): algunas consideraciones.	Roberta Guimarães Teixeira. UNIRIO- RJ. Rido de Janeiro- RJ-Brasil.

Fuente: Elaborado por la autora, 2018.

También en esa edición no fueron encontrados trabajos que abordasen la temática de esa investigación. Todavía, es importante resaltar, que fueron encontrados 04 trabajos que trajeron la palabra “femenina” en su título, pero no discutieron sobre el feminismo en sí, tampoco el estudio sobre la “Imprenta

Pedagógica o “Imprenta Feminista”. En el primero, titular de “Juanita Machado: Un bello espíritu femenino en la década de 1930”, Verônica de Souza Fragoso, objetiva revelar la escritora Juanita Machado a través de sus textos publicados en los artículos del periódico La Unión en la década de 1930. Resaltando sobre el pensamiento feminista de la referida autora que discutía sobre el ejercicio de los derechos de las mujeres.

En el segundo artículo “Una asociación Femenina en las páginas del periódico La Unión en las décadas de 1930” también de la autoría de Verônica Fragoso con el objetivo de identificar las contribuciones educacionales de la Asociación Paraibana por el Progreso Femenino para la formación de las mujeres paraibanas (1930 a 1940).

Ya en el tercero artículo, “Ser madre, ser moderna, ser mujer: la propaganda y la divulgación de representaciones de mujer en la Revistas femeninas de los años 1950” de autoría de Liana Pereira Borba dos Santos discutía sobre las representaciones de la mujer, su educación y su función educativa en las propagandas de periódicos femeninos de la década de 1950, donde fue analizado tres periódicos *Querida*, *Vida Doméstica* y *Jornal das Moças*.

En el cuarto y último artículo “Los sitios y los medios de sociabilidad intelectual del Periódico el Sexo Femenino (1873-1889): algunas consideraciones” de Roberta Guimarães Teixeira ha facilitado algunas consideraciones acerca de sitios y medios de sociabilidad intelectual ejercidos por las mujeres profesoras y periodistas del periódico *El Sexo Femenino* (1873-1889).

CBHE 2013

Realizada entre los días 20 a 23 de mayo de 2013 en la Ciudad de Cuiabá-Mato Grosso. En esta edición también los trabajos sobre los impresos vieron en el eje 08- Impresos Intelectuales e Historia de la Educación compuesto por 131 trabajos.

Cuadro3- Trabajos presentados en el eje “Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación”.

EJEMÁTICO	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTORA / AUTOR E INSTITUCIÓN
IMPRESOS, INTELLECTUALES E HISTORIA DE LA EDUCACIÓN	El ideario femenino y la educación de la mujer en los periódicos La Reforma (1901-1912).	Dilza Porto Gonçalves - Secretaria de Educación de Rio Grande do Sul-Brasil.
	El Crisol: periódico de las alumnas del colegio Americano (1945-1964).	Dóris Bittencourt Almeida – Facultad de Educación-Universidade Federal de Rio Grande do Sul- Brasil
	Escrita femenina: la concepción de infancia en la obra de escritoras de literatura infanto-juvenil (1858- 1945).	Priscila Kaufmann Corrêa-Universidade de Campinas-São Paulo-Brasil.
	La Revista careta y la educación de las mujeres: una dispersión discursiva para la normalización femenina en el contexto urbano.	Universidade Federal de São João Del-Rei- Minas Gerais-Brasil.
	La representación de la mujer portuguesa en el Periódico El Colibrí (1838).	Charliton José dos Santos Machado, Fabiana Sena-Universidade Federal da Paraíba- Brasil.

Fuente: Elaborado por la autora, 2018.

En esa edición del CBHE fueron identificados de 05 trabajos que trajeron en su título palabras que identificaron estudios referentes a la mujer. En el primero artículo encontrado “El ideario femenino y la educación de la mujer en los periódicos. La Reforma (1901-1912)” de Dilza Porto Gonçalves contra restado los textos de la escritora Ana Aurora do Amaral Lisboa en el periódico, La Reforma, con textos de esa misma autora publicados en el periódico, La Federación. Los temas abordados se referían a la educación de la mujer y su papel en la política.

En el artículo “El Crisol: periódico de las alumnas del colegio americano (1945-1964)” de autoría de Dóris Bittencourt Almeida la autora analizó el periódico *El Crisol* producido por las alumnas del Colegio Americano, escuela metodista de la ciudad de Porto Alegre/Rio Grande do Sul- Brasil. Donde se han analizado 35 ejemplares (1946-1964).

En el trabajo “Escrita femenina: la concepción de infancia en la obra de escritoras de literatura infanto-juvenil (1858- 1945)” de Priscila Kaufmann Corrêa trae una discusión entre las escritas de tres escritoras: La Condesa de Ségur, Louisa May Alcotty Maria Clarice Marinho Villac autoras de libros infantiles y autoras de textos en periódicos.

El artículo “La Revista careta y la educación de las mujeres: una dispersión discursiva para la normalización femenina en el contexto urbano” de Fernanda C. Costa Frazao trajo un resultado de investigación de máster de la referida autora sobre la historia de la educación femenina elaborada a partir de la propuesta de la historia cultural en la perspectiva foucaultiana.

El último artículo encontrado en el eje específico de esa edición fue “La representación de la mujer portuguesa en el Periódico El Colibrí (1838)” del autor Charliton José dos Santos Machado y de la autora Fabiana Sena, donde buscaron visibilizar la representación de la mujer portuguesa del siglo XIX en el referido periódico que era dedicado a las mujeres y que fueron publicados en Lisboa (1838-1842). El referido artículo buscó conocer cómo eran representadas las mujeres portuguesas (mujeres burguesas alfabetizadas) del siglo XIX, en el Periódico El Colibrí.

CBHE 2015

Esta edición fue realizada entre los días 29 a 2 de julio de 2015 en la Universidad Estadual de Maringá. Donde tuve como tema central, Historia de la Educación: matrices interpretativas e internacionalización. El eje 08 fue el explotado en esa edición, Impresos Intelectuales e Historia de la Educación, con 172 trabajos.

Cuadro4- Trabajos presentados en el eje “Impresos, Intelectuales e Historia de la Educación”.

EJE TEMÁTICO	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTORA / AUTOR E INSTITUCIÓN
IMPRESOS, INTELLECTUALES E HISTORIA DE LA EDUCACIÓN	Representación de la mujer profesora en la Revista de Educación de Espírito Santo (1934-1937).	Elda Alverenga, Rafaelle Flaiman Lauff Westphal
	La imagen de la infancia en la Pauliceia de la primera república: un estudio impreso álbum de las niñas (1898-1901) de Anália Franco.	Floriza Garcia Chagas-
	Civilidad y educación femenina en el siglo XIX: el Periódico de las Señoras	Mônica Vasconcelo
	Bertha Lutz: la importancia de los impresos para la divulgación de las ideas de la Federación Brasileña por el progreso femenino.	Raquel dos Santos Quadros, Giseli Fermino Coelho
	El modelo femenino en la Revista Fon-Fon! (1907-1958): la pedagogía de la maternidad en el estado-nuevo	Renata Franqui, Marcela Rosa Periotto
	Historia de la Educación e Imprenta Pedagógica como fuente y objeto de enseñanza: primeras elaboraciones.	Rosany Joicy Melo, Elaine Rodrigues

Fuente: Elaborado por la autora, 2018.

En esa edición de 2015 se han encontrado 06 trabajos. El primero artículo fue “Representación de la mujer profesora en la Revista de Educación de Espírito Santo (1934-1937)” de Elda Alverenga Rafaelle y Flaiman Lauff Westphal que buscaron identificar las representaciones de la mujer profesora en el Estado de Espírito Santo, a través del discurso difundido en la Revista de Educación donde fueron analizados textos publicados en la referida revista que indicaban la representación de la mujer profesora.

En el artículo “La imagen de la infancia en la Pauliceia de la primera república: un estudio impreso álbum de las niñas (1898-1901)” de Anália Franco y Floriza Garcia Chagas. Fueron investigados ejemplares de la Revista Álbum de las niñas que era dedicada a las meninas brasileñas. Esta revista fue publicada en la ciudad de São Paulo e idealizada por Anália Emília Franco para divulgar su ideario de educación y sociedad.

Ya en el artículo “Civilidad y educación femenina en el siglo XIX: el periódico de las Señoras” de Mônica Vasconcelo fue analizado las contribuciones del Periódico de las Señoras sobre la educación femenina en siglo XIX. Periódico publicado en Rio de Janeiro- Brasil (1852-1855), donde de acuerdo con la autora ese periódico objetivaba preparar las chicas para el matrimonio y enseñar modos de si comportar por medio de una educación moralista.

El trabajo titulado “Bertha Lutz: la importancia de los impresos para la divulgación de las ideas de la Federación Brasileña por el progreso femenino” de Raquel dos Santos Quadros y Giseli Fermino Coelho tuvo como foco la importancia de los impresos como fuente de investigaciones analizando sus formas relacionada a materialidad (tamaño, número de páginas, portada...) donde fueron destacados los periódicos “Correo de la mañana” y Diário Carioca” periódicos que publicaron textos de la feminista Bertha Lutz que divulgaba sus ideas que contribuyeron para la propagación del feminismo.

En el trabajo “¡El modelo femenino en la Revista Fon-Fon!” (1907-1958): la pedagogía de la maternidad en el estado-nuevo” de Renata Franqui y Marcela Rosa Periotto realizaron un estudio sobre tal Revista a partir de organización textual presuponiendo levantamiento de aspectos de la historia de la educación femenina en el siglo XX y la influencia de la imprenta en la formación social, en especial a la educación de las mujeres.

Este último artículo nombrado de “Historia de la Educación e Imprenta Pedagógica como fuente y objeto de enseñanza: primeras elaboraciones” de las autoras Rosany Joicy Melo y Elaine Rodrigues fue el único trabajo encontrado que ha traído el termino imprenta pedagógica presentando apuntes acerca de la Imprenta Pedagógica como fuente y objeto de estudio.

CBHE 2017

Realizado entre los días 15 a 18 de 2017 en João Pessoa- Paraíba- Brasil con el tema Historia de la Educación: Global, nacional y regional. Con 58 trabajos presentados localizado en el eje 03 y con denominación diferente ahora denominado de “Imprenta e impresos educacionales”.

Cuadro5- Trabajos presentados en el eje “Imprenta e Impresos Educacionales”.

EJE TEMÁTICO	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTORA / AUTOR E INSTITUCIÓN
IMPRESA E IMPRESOS EDUCACIONALES	Álbum de las niñas: estudio de un impreso de Anália Franco a la joven brasileña (1898-1901).	Floriza Garcia Chagas- UNIFESP- Universidade Federal de São Paulo- SP- Brasil.
	Imágenes y representación de la mujer en el Periódico Pernambucano Espejo de las Brasileñas (1831).	Mônica Vasconcelos, Marcília Rosa Periotto. Universidade Estadual de Paraná
	Revista de Educación Física (1930): la concepción eugenica de Getúlio Vargas y la figura femenina.	Valquíria Elita Renk, Célia Souza da Costa, Edima Dayane de Lara Bueno. Universidade Católica de Paraná.

Fuente: Elaborado por la autora, 2018.

En esa última edición del evento fueron encontrados 3 trabajos que versaron sobre la imprenta y el universo femenino entre ellos “Álbum de las niñas: estudio de un impreso de Anália Franco a la joven brasileña (1898-1901)” de Floriza Garcia Chagas. Este artículo indicó que los textos en su mayoría versaban sobre aquellos que trataban la producción de la mujer virtuosa y patriota.

El trabajo “Imágenes y representación de la mujer en el periódico Pernambucano Espejo de las brasileñas (1831)” de Mônica Vasconcelos y Marcília Rosa Periotto discutió la imagen y representación de la mujer pernambucana en el periódico Espejo de las Brasileñas, publicado en Recife- Pernambuco- Brasil (1831) donde direccionó tal análisis a los discursos que identificó el ideario de la concepción de mujer en la segunda mitad del siglo XIX.

El último artículo “Revista de Educación Física (1930): la concepción eugenética de Getúlio Vargas y la figura femenina” de Valquíria Elita Renk, Célia Souza da Costa y Edima Dayane de Lara Bueno fue analizado las representaciones femeninas presentadas en tal Revista en el período entre (1932 a 1939) que figuraban, de acuerdo con las autoras, las mujeres como la matriz generadora del pueblo brasileño.

Cuadro 6- Total de trabajos sobre la temática en todas las ediciones CBHE.

EDICIONES	EJE DE ESTUDIO	TRABAJOS APROBADOS	TRABAJOS QUE ABORDARON LA TEMÁTICA
2000 Universidade Federal de Rio de Janeiro	Imprenta Pedagógica	09	—
2002 Natal	No hubo eje específico	—	—
2004 Curitiba	No hubo eje específico	—	—
2006 Goiânia	No hubo eje específico	—	—
2008 Aracajú	No hubo eje específico	—	—
2011 Universidade Federal de Espírito Santo	Impresos, intelectuales e historia de la educación.	65	04
2013 Cuiabá- Mato Grosso	Impresos, intelectuales e historia de la educación.	145	05
2015 Universidade Estadual de Maringá	Impresos, intelectuales e historia de la educación.	170	06
2017 João Pessoa- Brasil	Imprenta e Impresos Pedagógicos	56	03
TOTAL		445	18

Elaborado por la autora, 2018. A partir de los anales de los eventos del CBHE (2000-2017).

En una primera mirada sobre las ediciones del CBHE fue posible percibir el pequeño número de producciones sobre la imprenta pedagógica en sí, así como estudios sobre imprenta feminista, consecuentemente. Este número revela que los estudios sobre esta temática aún carecen de expresividad. Mientras tanto, es necesario considerar que el análisis hecho fue apenas en los ejes que presentaron proximidad con el término “Imprenta Pedagógica”. No podemos descartar la posibilidad de haber otros trabajos en los ejes que no fueron analizados por se distanciaren del tema de la investigación.

En un total de 445 trabajos encontrados apenas 18 se aproximaron de la temática de esa investigación. Incluso los trabajos presentados en la primera edición del CBHE, donde ha traído el eje denominado Imprenta Pedagógica, sin embargo, no hubo ningún trabajo que se aproximase de la temática de la investigación en cuestión. En las demás ediciones fue posible observar que los trabajos encontrados se refieren, en su mayoría, al uso de la imprenta feminista. De los 18 trabajos encontrados, apenas uno trae el término específico “Imprenta Pedagógica” y su uso como fuente histórica en la educación, así los otros 17 trabajos tratan de la cuestión de la mujer en los periódicos, su representación y uso de algunos de esos periódicos utilizados por mujeres para difundir sus ideas feministas.

De esa manera, tales trabajos se aproximaron de nuestra temática de estudio, todavía, ningún trabajo en su temática referencia a Nísia Floresta. Apenas un trabajo “Imágenes y representación de la mujer en el periódico pernambucano, Espejo de las Brasileñas (1831)” de Mônica Vasconcelos y Marcília Rosa Periotto que trajo la cuestión de la representación de la mujer pernambucana en el periódico Espejo de las Brasileñas, periódico que fue publicado en Recife- Pernambuco- Brasil (1831), sin embargo el artículo de Vasconcelos y Periotto analizó los discursos que identificaban el ideario de la concepción de mujer pernambucana en la segunda mitad del siglo XIX. En nuestra investigación este periódico fue analizado por una otra vertiente, o sea, se buscó analizar los textos escritos por Nísia Floresta frente de la cuestión de los derechos de las mujeres. Hecho que no fue identificado en el trabajo de las autoras arriba citadas. Que al revés tejen críticas negativas sobre los textos escritos por mujeres encontrados en esos periódicos.

De forma general el número de trabajos encontrados en este evento evidencia que la imprenta pedagógica, presentase con pocos estudios con relación a su definición y un estudio más específico sobre su uso como fuente histórica. De hecho, existe un número ínfimo de trabajo en ese sentido, a ejemplo, el de autoras como Denice Bárbara Catani y Maria Helena Câmara Bastos. Sin embargo, es necesario evidenciar la diferencia entre trabajos que se utilizan de la imprenta pedagógica como fuente de pesquisa histórica y trabajos que estudien la cuestión de la imprenta pedagógica en si, como esa investigación se propuso. Además, puede ser observado que mismo aquellos artículos que trajeron estudios sobre mujer e imprenta, ningún hace referencia a Nísia Floresta.

▪ **Estado del Arte sobre Nísia Floresta³²**

En esa dirección, nuestro estudio inició con levantamiento de las publicaciones de los últimos quince años sobre esta temática en cuestión, en la ANPED³³, SCIELO³⁴ y CAPES³⁵ que incluye la producción de la UFPE, además de periódicos mantenidos por algunas Universidades, donde fueron desarrollados estudios sobre Nísia Floresta, donde en consonancia con nuestra investigación, nos permitió dialogar con algunos autores y autoras sobre las cuestiones que implica nuestra temática.

En la ANPED analizamos la producción de las últimas diez reuniones de los Grupos de Trabajo, GT2 - Historia de la Educación, GT03 y GT23 - Género, Sexualidad y Educación. En las publicaciones de estos grupos encontramos apenas un trabajo, en la edición 2017, que trajo alguna temática sobre Nísia Floresta.

Cuadro 7- Trabajos encontrados en las ediciones del CBHE

EDICIÓN	TRABAJOS	AUTOR(A)	INSTITUCIÓN
2006 -Caxambu- Minas Gerais			
2007-Caxambu-Minas Gerais			
2008- Caxambu -Minas Gerais			
2009-Caxambu-Minas Gerais			
2010-Caxambu- Minas Gerais			
2011-Natal- Rio Grande do Norte			
2012-Porto de Galinhas- Pernambuco			
2013-Goiânia- Goiás			
2015-Florianópolis			
2017- São Luiz do Maranhão	Educación para Mujeres en la América Latina: Un Análisis Decolonial de los Escritos de Nísia Floresta y Soledad Acosta de Samper.	Adriane Raquel Santana de Lima	Universidade Federal do Pará

Fuente: Sistematizada por la autora, 2018.

El único artículo encontrado en todas las ediciones del evento fue “Educación Para Mujeres en América Latina: Un Análisis Decolonial de los Escritos de Nísia Floresta y Soledad Acosta de Samper” de Adriane Raquel Santana de Lima, donde

³² Este Estado del Arte es parte modificada del Trabajo Fin de Máster titulado: Mujeres Que Emancipai!:un estudio sobre el Pensamiento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida en 21 de agosto en la Universidade Federal de Pernambuco- Centro Académico del Agreste- CAA-Campus Caruaru. Disponible en el repositorio de la referida Universidad.

³³ Asociación Nacional de Pesquisa en Educação.

³⁴ Scientific Eletronic Library Online es una biblioteca digital desarrollada por la Fundación de Amparo a la Pesquisa de São Paulo.

³⁵ Coordinación de perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior.

la autora tiene como objetivo analizar la concepción de educación para las mujeres presentes en las obras de dos autoras latino americanas, Nísia Floresta y Soledad Acosta, buscando relacionar tales concepciones con los movimientos de independencia y descolonización de la América Latina. Para la autora “Los escritos de Floresta y Samper revelan además de sus pensamientos subjetivos y emociones individuales, las luchas político-culturales y las estructuras de sentimientos que estaban sumergidos”³⁶.

Al consultar la plataforma de la Scientific Electronic Library, la SCIELO, fueron encontrados 08 trabajos entre 1997 a 2018, los cuales son discriminados abajo:

Cuadro 8- Producción Científica sobre Nísia Floresta indexadas en la SCIELO

ANO	TRABAJOS	AUTOR(A)	INSTITUCIÓN
1997	Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Nísia Floresta, el carapucero y otros ensayos de traducción cultural.	Fraya Frehse	Universidade de São Paulo
2005	Nísia Floresta y mujeres de letras en Rio Grande do Norte: pioneras en la lucha por la ciudadanía.	Rachel Soihet	Universidade Federal Fluminense
2008	Los viajes de Nísia Floresta: memória, testigo história.	Constância Lima Duarte	Universidade Federal de Minas Gerais
2010	Mary Wollstonecrafty Nísia Floresta: diálogos feministas.	Martins Borges Carvalho Araújo	Universidade de Brasília
2011	El Libro “Derecho de las Mujeres e Injusticias de los Hombres” de Nísia Floresta: literatura, mujeres y el Brasil del siglo XIX.	Isabela Candeloro Campoi.	Universidade Federal do Paraná
2012	Debates sobre educación femenina en el siglo XIX: Nísia Floresta y Maria Amália Vaz de Carvalho	Emery Marques Gusmao.	Rio de Janeiro
2014	Viajantes de Falda: escritoras e ideas anti esclavista sin una perspectiva transnacional (Brasil, siglo XIX).	Ludmila de Souza Maia	Universidade Federal do Maranhão.
2018	Páginas da esclavidud: raza y género en las representaciones de cativos brasileños en la imprenta yen la literatura ochocentista.	Ludmila de Souza Maia	Universidade Federal do Maranhão.

Fuente: Sistematizada por la autora, 2018.

En la biblioteca SCIELO, fueron encontradas ocho publicaciones que reúnen discusiones sobre Nísia Floresta discurriendo sobre la relación de Nísia Floresta con la educación feminista, sin embargo, no fue encontrado ningún trabajo referente a la cuestión entre esa autora y o la imprenta pedagógica feminista. Sin embargo, fueron identificados dos artículos con afinidades con nuestra investigación, apenas cuando

³⁶ LIMA, Adriane Raquel Santana de. Educação Para Mulheres na América Latina: Uma Análise colonial dos Escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. In. Anais da 38ª Reunião Nacional da ANPERD- 01 a 005 de outubro de 2017- UFMA- São Luis/ MA. p. 03.

se refieren al feminismo de Nísia Floresta. En el artículo, “El libro “Derechos de las mujeres e injusticia de los hombres” de Nísia Floresta: literatura, mujeres en Brasil del siglo XIX”, de Campói (2011), la autora haz un análisis de la primera obra de Nísia Floresta, resalta que esta obra fue una traducción libre de Wollstonecraft, y enfoca la trayectoria de Nísia Floresta la influencia que esta tuvo del positivismo, pero precisamente, en lo que se refiere al papel de la mujer en su época.

Aúnen la SCIELO, encontramos el trabajo de Constância Lima Duarte (2008) que haz un análisis e los viajes que Nísia Floresta hizo durante su trayectoria en, “Los viajes de Nísia Floresta: Memoria, testigo e historia”. En este, la autora exalta el género que la escritora escribió sus viajes, destacando los libros, “Itinerario de un viaje a la Alemania” (1857) y a “Tres años en Italia seguido de un viaje a la Grecia” (1864). Según la autora, tales libros “escritos bajo la forma de diario o de cartas, son más que simples relatos, pues rebelan, bien al gusto de la época, las emociones y las impresiones de la autora delante de cada ciudad o país que visita, bien como descripciones y reflexiones”³⁷.

Aún en esa biblioteca, Fraya Frehse, haz una crítica sobre la obra de Nísiayla supuesta apropiación de la autora sobre la obra de *Wollstonecraft, Woman nottomanen* el artículo, “Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke- Nísia Floresta, El Carapucero y otros ensayos de traducción”, Frehse realiza un análisis de la investigación realizada por Pallares-Burke sobre traducciones culturales de obras extranjeras, y entre otras traducciones, la autora aún que la crítica que Pallares-Burke haz sobre la primera obra de Nísia Floresta, “Derecho de las Mujeres e Injusticia de los hombres”, 1832, indagando “Cuales las razones que tendrían llevado la brasileña a mentir a respeto de la traducción. [...] La admiración por Mary Wollstonecraft, paralelismos en termos de biografía con relación a la autora inglesa, etc.”³⁸

Frehse defiende amparada en Burke, que Nísia Floresta había se apropiado de la obra de la extranjera, en la íntegra, y no habiendo echo apenas una traducción libre como afirmaba Floresta. Y el estudio de Araújo (2010), “Mary Wollstonecraft y

³⁷ DUARTE. Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. In. Rev. Estudos Feministas. 2008 Vol. 16, n. 3, p.1047.

³⁸ FREHSE. Fraya. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke- Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução. In. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1997, 7 v. 40nº 2. p. 241.

Nísia Floresta: diálogos feministas”, afirma que “Los libros parten de reflexiones oriundas de contextos históricos bien distintos, pero ellos tienen en común la posición crítica y cuestionadora sobre la condición de opresión de la mujer en la sociedad”³⁹. En concordancia, Duarte (2001) defiende que “El libro de Nísia contiene una intencionalidad y el proyecto personal y político de la autora: el de interferir en la sociedad de su tiempo y esclarecer las mujeres”⁴⁰.

El trabajo de Rachel Soihet “Nísia Floresta y mujeres de letras en Rio Grande del Norte: pioneras en la lucha por la ciudadanía”, donde la autora hace un análisis positivo de las pesquisas sobre Nísia Floresta realizadas por Constância Lima Duarte. En este trabajo Soihet toma como base el personaje de Floresta para llegar a los otros personajes femeninos de Rio Grande do Norte del siglo, desde el XIX al XX, concluyendo algunas de esas mujeres

Talvez mais ousadas ou mais favorecidas pelas contingências, conseguiram impor-se “escrevendo livros, criando escolas e jornais, fazendo conferências”, não como um escape ao confinamento em que vivia a maioria, mas sim por dever de uma cidadania e de uma consciência profissional que as impelia a lutar por uma plena participação de homens e mulheres de todas as classes, raças e etnias; enfim, por uma sociedade mais justa ⁴¹

Ya en 2012, Emery Marques Gusmao, con su artículo titulado “Debates sobre educación femenina en el siglo XIX: Nísia Floresta y Maria Amália Vaz de Carvalho” abordó sobre la estructura discursiva de las obras, considerada por la autora, como voces femeninas en defensa de la educación. La Referida autora hizo un análisis de las obras “Opúsculo Humanitário (1853) de Nísia Floresta y Mujeres y crianzas (1880) de María Amália de Carvalho. Donde el objetivo era identificar a quien tales escritos de las autoras eran dirigidos, las justificativas de esos textos y escrita femenina en una de la época.

En 2014 el artículo “Viajantes de Falda: escritoras e ideas antiesclavistas en una perspectiva transnacional (Brasil, siglo XIX)” de Ludmila de Souza Maia onde la autora hace un análisis sobre los escritos de viajes de Adèle Toussaint e Nísia Floresta cuando tales escritoras realizaron viajes por el Atlántico. Maia abordó especialmente sobre “Las memorias de Toussaint-Samson sobre su experiencia en

³⁹ ARAÚJO. Raquel Martins Borges Carvalho. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. In. Revista Água Viva Revista de Estudos Literários. 2010, p.16.

⁴⁰ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação? In: Revista O eixo e a Roda- 2001. Vol. 7-p. 153-161. Belo Horizonte, 2001.p. 155).

⁴¹ SOIHET. Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. In. Revista de Estudos Feministas.Vol. 13 n. 1 Florianópolis/Jan./Apr. 2005, p. 193.

Brasil y el tratado de Floresta sobre a educación de las mujeres son fuentes relevantes para comprender sus visiones de mundo bien como la circulación transnacional de ideas”.⁴²

Un otro trabajo más reciente es el “Páginas da esclavidud: raza y género en las representaciones de cativos brasileños en la imprenta y en la literatura del siglo XIX” también de autoría de Ludmila de Souza Maia (2018). En ese artículo la autora haz un análisis entre textos de periódicos de Nísia Floresta y la francesa Adèle Toussaint objetivando contribuir con estudios esclavistas anterior a 1860.

Cuadro9- Producción Científica sobre Nísia Floresta indexadas Bases de Datos de Teses y Trabajos Fin de Máster de la CAPES

ANO	TRABALHOS	AUTOR (AS)	INSTITUIÇÃO
2016	Educación para Mujeres y procesos de Descolonización de la América Latina en el siglo XIX: Nísia Floresta y Soledad Acosta de Samper	Adriane Raquel Santana de Lima	Universidade Federal do Pará
2014	MUJERES, QUE EMANCIPAI: Un estudio sobre el Pensamiento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta.	Elizabeth Maria da Silva	Universidade Federal de Pernambuco

Fuente: Sistematizado por la autora.

El TFM del máster en Educación de Elizabeth Maria da Silva, intitulada “MUJERES, ¡QUE EMANCIPAI! Uno estudio sobre el Pensamiento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta” analizó las principales cuestiones del pensamiento pedagógico feminista de Nísia Floresta aún se presentan en pautas da educación femenina contemporánea. Donde se apoyó, específicamente, en las obras de Floresta en que defendía el derecho de las mujeres una educación igualitaria.

La tesis de Doctorado en Educación intitulada “Educación para Mujeres y procesos de Descolonización de la América Latina en el siglo XIX: Nísia Floresta y Soledad Acosta de Samper” de Adriane Raquel Santana analizó la concepción para mujeres en escritos de Floresta y Samper, onde buscó relacionar tal concepción de educación con la descolonización da América Latina.

⁴² MAIA. Ludmila de Souza. Viajantes de Saia: escritoras e idéias antiesclavistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX). In. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 34, nº 61-81- 2014.

Cuadro 10- Producción Científica sobre Nísia Floresta indexadas en los periódicos de CAPES

AÑO	TRABAJOS	AUTOR (AS)	INSTITUCIÓN
2009	Nísia Floresta y el conocimiento como Fuente de Emancipación femenina.	Cleide Rita Silvo de Almeida/ Elaine Teresinha Dal Mas Dias	Universidade Nove de Julho – São Paulo.
2010	Nísia Floresta, transgresión y rebeldía en el siglo XIX.	Simone Accorsi.	Universidad del Valle- Colômbia
2010	Nísia Floresta la Mujer que osó desafiar su Época.	Amanda Motta/ Angelo Edla Egger.	Universidade do Sul de Santa Catarina
2016	History, Culture and Memory: Nísia Floresta Literature as Women's Rights Source ⁴³	Alana Lima de Oliveira	Revista de Direito

Fuente: Sistematizado por la autora.

Fueron encontrados 04 artículos que se habla sobre Nísia Floresta y la educación. “Nísia Floresta la mujer que osó desafiar su época: educación y feminismo”, en este, las autoras, hacen un rescate de la vida y obra de Nísia Floresta y resaltan la importancia de la feminista en la historia de la educación y del feminismo brasileño. Aúnen este periódico encontramos el trabajo de Almeida y Mas Dias “Nísia Floresta: el conocimiento como fuente de emancipación y la formación de la ciudadanía femenina”, que discute sobre la contribución de Nísia Floresta para la educación feminista, dando destaque conciencia prematura de la autora que “delineó la emancipación femenina por la vía del conocimiento y denunció las injusticias impuestas a las mujeres”⁴⁴.

Aún en la CAPES, encontramos el artículo; “Nísia Floresta, *transgresión y rebeldía en el siglo XIX*”, de Accorsi (2010). En este, la discusión transcurre por la vida y obra de Nísia Floresta y exalta el papel fundamental de la feminista en la historia de la educación del país. Definiendo Nísia Floresta como “*Precursora del feminismo, abolicionista, indigenista, educadora, periodista, poeta, cronista, republicana, intelectual y libre pensadora*”⁴⁵. Resalta aún la osadía de la feminista frente a la sociedad patriarcal de la época resalvando la discusión sobre la pedagogía desarrollada por Nísia Floresta en el Colegio Augusto. Ya el artículo de Alana Lima de Oliveira “History, Culture and Memory: Nísia Floresta Literature as Women's Rights Source” hice un análisis sobre la traducción de “Derechos de la

⁴³ História, Cultura e Memória: a literatura de Nísia Floresta como fonte do direito das mulheres.

⁴⁴ ALMEIDA. Cleide Rita Silvério. DALMAS DIAS. Elaine Teresinha. Nísia Floresta e o conhecimento como Fonte de Emancipação feminina. In. Rhela. Vol, 13 Año 2019. p. 18.

⁴⁵ ACCORSI. Simone. Nísia Floresta, transgresión y rebeldía em el siglo XIX. In. Revista Poligrama. 33. 2010. p. 174.

Mujeres e Injusticias de los Hombres” donde afirma que a pesar de no ser un texto jurídico tiene su contribución para los derechos humanos de las mujeres.

Cuadro 11- Sistematización de las fuentes con producción Científica sobre Nisia Floresta

FUENTES	Nº DE TRABAJOS
PERIÓDICOS – CAPES	04
BASE DE DATOS DE TESIS Y DISERTACIÓN DE LA CAPES	02
SCIELO	08
ANPED	01
TOTAL	15

Fuente: Sistematizada por la autora.

Con ese levantamiento exploratorio quedó evidente la carencia investigativa desarrollada por esa investigación. A la vez que se demuestra la innovación de la misma al revelar la necesidad de estudios que implican discusiones sobre el objeto de estudio de esa tesis de doctorado. En ese contexto, podemos poner a la lista alguna conclusión es frente a los levantamientos sobre imprenta pedagógica y Nisia Floresta.

- i- Los estudios sobre la Imprenta Pedagógica en Brasil aún se presentan con una grande brecha a ser rellenada cuando nos referimos al estudio de esa temática en sí;
- ii- Investigaciones vienen siendo desarrolladas cuanto, al uso de la Imprenta Pedagógica como fuente histórica de investigación, mientras tanto no sobre lo que sea la imprenta pedagógica;
- iii- La etimología imprenta pedagógica utilizada en Brasil aún es desconocida, o poco utilizada. El término utilizado para referir a los estudios realizados a partir de esa fuente histórica recibe diferentes denominaciones tales como: Imprenta escolar, Imprenta educacional, Periódicos Educativos.
- iv- En general, el número de trabajos encontrados en este evento, evidencia que la prensa pedagógica, se presenta con pocos estudios en relación a su definición, un estudio más específico sobre su uso como fuente histórica o repertorio analítico. Hay un número ínfimo de trabajo en ese sentido, a ejemplo, el de las autoras como Denice Bárbara Catani y Maria Helena Câmara Bastos.

- v- Por último, hay que evidenciar la diferencia entre trabajos que se utilizan de la prensa pedagógica como fuente de investigación histórica y trabajos que estudien la cuestión de la prensa pedagógica en sí en el caso de repertorio analítico, como esa investigación se propuso. En relación a la imprenta feminista, se puede observar, además, que, incluso, aquellos artículos que trajeron estudios sobre mujer y prensa, ninguno hizo referencia a Nísia Floresta.

Delante de esa contextualización, a seguir discurriremos sobre las concepciones teóricas que nortearon la metodología adoptada para análisis de los datos de esta pesquisa. En ese contexto, dialogamos con autoras y autores que nos basan teóricamente para la preferencia de la ruta metodológica utilizada en esa investigación. Discutiremos sobre el enfoque metodológico, el tipo de estudio, método, delimitación y local de la investigación, así como las fuentes de información, técnicas de coleta, análisis y sistematización de datos. Para tanto hemos elegido una investigación con un enfoque cualitativo, en la perspectiva de Bogdan & Biklem (1994), pues para esos autores este tipo de enfoque es descriptivo y sus datos son recogidos a través de palabras o imágenes y no a través de números. Además de eso, del escenario natural de los sujetos, ser su fuente principal de los datos.

En esa perspectiva, el enfoque cualitativo establece un análisis en su sentido macro. De esa forma, todos los datos poseen algo a ser considerado, objetivando la comprensión y precisión del que está investigado. Pues, todo necesita ser cuestionado sin se esquivada de la evaluación, una vez que, el uso de la descripción utilizada en el enfoque cualitativo funciona a través del método de recoger datos, objetivando con cautela que nada pase inadvertido⁴⁶.

Sobre el tipo de estudio, elegido en la investigación fue del tipo exploratorio y explicativo. Exploratorio, una vez que nuestros objetivos apuntaron para una necesidad de investigar preliminarmente las informaciones de forma más amplias sobre las producciones que incluyen nuestro objeto de estudio. E de acuerdo con Gonsalves (2007) ese tipo de estudio *“Oferece dados elementares que dão suporte*

⁴⁶ BOGDAN, Robert C, e BIKLEN, SariKnopp. *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema⁴⁷. Para tanto, exploramos las principales producciones en el área de esa pesquisa, o sea, que han poseído indicadores sobre la imprenta pedagógica, feminista y Nísia Floresta en Brasil del siglo XIX. Pues para Severino (2007) la investigación de tipo exploratoria investiga elementos que tienen relación con el objeto que se almeja estudiar, lo que permite la cartografía de las *“condições de manifestação do objeto de estudo”*⁴⁸.

Considerando la especificidad de esa investigación y que, por lo tanto, no hay una universalización de un método apropiado para alcanzarse el presupuesto epistemológico, en esta pesquisa fue adoptado el método del caso alargado. Una vez que *“O melhor método a ser utilizado não é aquele mais conhecido e de domínio amplo, mas aquele que consegue investigar todos os pontos relevantes para que os resultados da pesquisa sejam alcançados”*⁴⁹. El Método de Caso Alargado *“opõe a generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, generalização pela qualidade e pela exemplaridade”*⁵⁰. A partir de esa perspectiva este método tiene su base estructural en la combinación de la fenomenología y del estructuralismo. En la primera proveniente de Husserl, que procura analizar el sujeto considerando el contexto social en que está inserido *“[...] não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua ‘factualidade’*⁵¹ de su esencia. Ya el estructuralismo, un enfoque científico que nació en el siglo XX, tiene como objetivo desvendar la estructura del objeto estudiado, adentrando en su esencia *“Talvez seja a busca das propriedades extra temporais do objeto, que se apresentam como ‘invariantes’ chaves para o esclarecimento de seus aspectos essenciais, um dos traços fundamentais do estruturalismo”*⁵²

⁴⁷ GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007, p.67.

⁴⁸SEVERINO, Antônio Gil. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007, p. 123.

⁴⁹LAGE, Allene. Orientação epistemológica para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais. In: Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo. João Pessoa: UFPB, 2009.p. 07).

⁵⁰SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p. 11.

⁵¹TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação: positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. São Paulo: Atlas, 2010, p. 43.

⁵² TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação: positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. São Paulo: Atlas, 2010, p. 81.

Con este entendimiento, Santos (1983) afirma que o estructuralismo, aplicado individualmente en una pesquisa de campo social, no agotaría la amplitud social a ser considerada.

Para evitar este risco, é necessário combinara a análise estrutural com análise fenomenológica de molde a captar, por via desta, a inteligibilidade das práticas sociais para os que nelas participam, a variedade, a complexidade e o detalha das interações e, finalmente, o universo (e seus subuniversos) de significação em que os interesses práticos e as acções-à-mão se conjugam com factores e determinações de que os agentes não têm consciência⁵³

Así, para Santos (1983), al combinar estos análisis podemos considerar no apenas que las personas son actores de sus prácticas, y, por cierto, estas prácticas harían orientaciones por sentidos. De esta justa posición, el Método del Caso Alargado, que tiene su origen en la antropología social, considera esencial que se alargue los resultados de los casos estudiados, considerando la particularidad de cada objeto estudiado.

En nuestro estudio analizamos bajo la óptica de ese método, la imprenta pedagógica, feminista y Nísia Floresta. Una vez que *“O método do caso alargado propõe o salto da imaginação sociológica entre o mais detalhado e minucioso e o mais geral e indeterminado. Não isola os factos (objetivos) do contexto de sentido (subjetivo ou intersubjetivo) em que ocorrem⁵⁴”*. Y de hecho la *“riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem⁵⁵”*.

Con relación a ese componente de la metodología, esa pesquisa se delimitó al estudio de la producción nacional e internacional de la imprenta pedagógica y feminista, así como la producción intelectual de Nísia Floresta en Brasil y en Europa. La elección mientras la delimitación y ubicación de ese estudio se dieron, inicialmente, por la importancia de ese tipo de producción de forma sistemática en el escenario histórico. Ya la elección referente a la producción intelectual de Floresta se dio, debido a sus obras sobre educación, derechos de las mujeres y participación en la imprenta. Donde registró su pensamiento pedagógico feminista. Para Gadotti (2008), *“As ideias pedagógicas representam, certamente, um grau elevado de abstração,*

⁵³ SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p.10.

⁵⁴ Idem, p.12.

⁵⁵ Idem, p.12.

*mas, dentro de uma ótica dialética (não metafísica), o pensamento não é puramente especulativo. Ele se traduz numa abstração concreta*⁵⁶.

Como fuente de información fue utilizado dos grupos, de acuerdo con Cellard (2008), que fueron divididos en documentos públicos y documentos personales. Documentos públicos: Son formados por aquellos documentos encontrados en archivos públicos que puede ser: federales, estaduais, regionales, municipales o escolares. Periódicos, revistas, anuncios, boletines, entre otros están incluidos en los documentos públicos no archivados de acuerdo con Cellard (2008) y de acuerdo Silva (2014) en diálogo con este autor, a pesar de no ser documentos oficiales también poden tener acceso en acervos diversos. Documentos personales: Estos se dividen en documentos particulares y privados. Pudendo ser los particulares: diarios íntimos, correspondencias, autobiografía, historias de vida, etc. Ya los de orden institucional o privado, segundo Silva (2014) poden ser aquellos de posesión de sindicatos, comisaría, bancos, hospitales entre otros.

Como técnicas de Coleta utilizamos la consulta de documentos, debido a la peculiaridad del objeto de estudio establecido. Y de acuerdo con Pimentel (2001) como las categorías de análisis dependen de los documentos, estos carecen “(...) ser encontrados, “extraídos” das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça”⁵⁷

Mientras el análisis y sistematización fue utilizado el análisis documental en la perspectiva de Cellard (2008). Para ese autor “Os documentos podem nós desvendar (...) “a evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc.”⁵⁸ de su origen hasta los días actuales.

En una perspectiva histórica, esa pesquisa, buscó además de reconstruir el histórico de la imprenta pedagógica y feminista, la participación de Nísia Floresta en la imprenta brasileña. Así, el análisis documental, permitió hacer esa correspondencia más minuciosa y se presenta como un análisis singular en nuestra investigación. Sin embargo, de acuerdo con Cellard (2008), la pesquisa documental

⁵⁶ GADOTTI, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. – 8ª Ed. - São Paulo: Ática, 2008, p.16.

⁵⁷ PIMENTEL, Alessandra. *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. In. Cadernos de Pesquisa; n. 114, p. 179-175, novembro/2001, p.180.

⁵⁸ CELLARD, André. *A análise Documental*. In. A Pesquisa Qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos/ Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 295.

presenta particularidades en el tratamiento y análisis de los documentos que incluyen: El contexto, autor y actores, la autenticidad, confiabilidad, naturaleza, conceptos-clave y la lógica interna del texto. Lo que esa pesquisa buscó considerar al analizar los datos obtenidos.

En relación el análisis y conclusión los datos encontrados durante la realización de esa investigación fueron esenciales para un análisis basado y originalmente críticos. Donde objetivamos analizar: ¿Como la prensa pedagógica y feminista utilizada y producida por Nísia Floresta, en siglo XIX, puede haber contribuido a la historización de las mujeres brasileñas? Los documentos encontrados fueron fuentes fundamentales para la realización de esa investigación. A pesar de las dificultades presentadas para descubiertas de esas fuentes documentales, pues bien como resalta Silva en diálogo con Cellard *“Uma pesquisa com análise documental, exige continuamente, do pesquisador, um empenho firme e fecundo desde a escolha dos arquivos às fontes potenciais de informação”*⁵⁹. Lo que de hecho ha tenido éxito con la búsqueda por las fuentes documentales para la realización de esa pesquisa.

La búsqueda se dio, inicialmente, a partir de una extenuante lectura de producciones intelectuales la que incluye libros y artículos sobre la imprenta pedagógica, feminista y de todas las obras de Nísia Floresta. Cuanto a la imprenta pedagógica optamos, además de las referencias bibliográficas, explotar dos últimas producciones frutos del resultado del principal evento internacional sobre imprenta pedagógica^{60, 61}, que incluye producciones y autores de diversos continentes como: América, África y Europa. Entre los países participantes podemos citar la presencia de Argentina, Brasil, Colombia, España, Francia, Gabón, Guine Ecuatorial, Italia, México, Paraguay y Portugal. Además de realizar buscas, específicamente, en los anales del evento más importante sobre historia de la educación brasileña el CBHE, organizado por la Sociedad Brasileña de Historia de la Educación.

Cuanto a la imprenta feminista y a Nísia Floresta fueron realizadas buscas en varias bibliotecas, hemerotecas y archivos tanto nacionales como internacionales. Con

⁵⁹ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 166.

⁶⁰ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Coor). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.

⁶¹ HENANDÉZ DÍAS. José María (Coor). *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015.

relación a la imprenta feminista fue establecido un recorte temporal que comprendió entre los años 1800 a 1856. Fueron considerados los periódicos brasileños que trataban de temas relativos a la mujer o que abordase cuestiones sobre estas mujeres. Además de eso, fueron realizadas buscas en principales periódicos brasileños que tratase sobre esa temática.

Ya la procura sobre Nísia Floresta fue además de la lectura de todas sus obras fueron electas aquellas que tratasen sobre la temática relativa al feminismo y educación, además de aquellas en que la autora escribió sobre sus viajes durante su vivienda y en países europeos; tales como: Francia, Italia, Grecia, Bélgica y Alemania. De las obras de la autora fueron analizadas las siguientes: Derechos de las Mujeres y Injusticia de los Hombres (1832); Consejos a mi hija (1850) Fany o El modelo de las doncellas (1847); Discurso que a las sus educandas direcciona Nísia Floresta Brasileira Augusta (1847); Dedicación a una amiga, (1850); Opúsculo Humanitario, (1853); Itinerario de un viaje a Alemania, (1857); Cintilaciones de una alma brasileña, (1859); Itinerario de un viaje a Italia seguidos de un viaje a Grecia, volumen I, (1864); Itinerario de un viaje a Italia seguidos de un viaje a Grecia, volumen II.

Aún sobre esa autora fueron realizadas buscas también en periódicos brasileños y en los países donde la autora vivió durante el siglo XIX. Además de eso, fueron explotadas producciones de autores considerados estudiosos de la autora y aquellos que tienen estudios de Floresta. Como también fueron realizadas pesquisas en los principales como en la ANPED⁶², SCIELO⁶³ y CAPES⁶⁴ que incluye el Banco de Datos de Tesis y Trabajos de Fin de Máster y periódicos mantenidos por Universidades brasileñas.

Corroborando con esas buscas la consulta en archivos, bibliotecas y hemerotecas como decimos, fueron incansables. A pesar de grande parte de los documentos sobre Nísia Floresta hubieren sido encontrados en territorio nacional, específicamente, en la Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro, donde además de fijar residencia a la época en que vivió en Brasil, fundó el Colegio Augusto, las búsquedas en otras instituciones fueron realizadas a fin de encontrar nuevos hallazgos sobre la feminista, pues *“Uma pessoa que deseje empreender uma pesquisa documental*

⁶² Associação Nacional de Pesquisa em Educação.

⁶³ Scientific Eletronic Library Online es una biblioteca digital desarrollada por la Fundación de Amparo a la Pesquisa de São Paulo.

⁶⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

*deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes*⁶⁵

En esa perspectiva, la procura por documentos se extendió a bibliotecas, archivos y hemerotecas de otros estados brasileños y europeos. En territorio brasileño hicimos buscas en los Archivos Nacional, General y Público de Rio de Janeiro y Biblioteca Nacional también en ese estado. Archivo público de Pernambuco, archivo histórico y geográfico también de ese estado, archivo y bibliotecas del estado de São Paulo, además de la Biblioteca y hemeroteca de la Brasiliana y Medilim de la Universidad de São Paulo- USP, donde fueron encontrados dos ejemplares volumen I, II de la primera edición del romance “Dedicación a Una Amiga” datado de 1850 escrito por Nísia Floresta, los cuales merecen destaque en esa pesquisa. Además de eso, fue encontrado, aún en esa biblioteca, una publicación inédita de la autora publicada en el jornal Diario de São Paulo intitulado de “Un crimen cometido por amor y a su punición” traducido del italiano para el portugués por la propia autora.

La “excavación de oro” en las instituciones internacionales en archivos, bibliotecas y hemerotecas fueron visitadas: *Bibliothèque Nationale de France (Gallica Bibliothéque que conta con grande acervo sobre imprenta feminista)*, *Biblioteca Nacional de Portugal*, *Biblioteca Nazionale Centrale di Roma*, *Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze* e *Biblioteca Nacional de España*. Así con las hemerotecas digitales disponibles en tales bibliotecas. Además de Center for Research Libraries-Global Resources Network. Como resultados de esas buscas fue posible encontrar algunas obras en francés y en italiano de la autora. Lo que de hecho comprueba que “[...] os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, em locais insuspeitos”⁶⁶. En ese sentido hicimos una búsqueda minuciosa con la finalidad de atender las especificidades de nuestra investigación con la perspectiva de obtener formulaciones innovadoras.

En esa incesante busca durante estancia realizada, en 2015, en el Centro de Estudios de la Mujer de la Universidad de Salamanca (CEMUSA) fueron realizadas buscas en el acervo de la Biblioteca de ese centro CEMUSA durante una estancia doctoral realizada en el año de 2015. Donde fueron realizadas además de buscas

⁶⁵CELLARD, André. A análise Documental. In. A Pesquisa Qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos/ Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 298.

⁶⁶ Idem, p. 298.

sobre Nísia Floresta fue hecho un levantamiento del tomo de esa biblioteca que tratase sobre feminismo, mujer o género. En una preliminar fueron identificadas 69 obras del total de 3.000 libros. De esos 69 fueron explotados, después de la lectura, apenas 12 ejemplares que han contribuido para la fundamentación teórica de esa investigación. Es interesante resaltar que apenas un ejemplar sobre Nísia Floresta fue encontrado “Derechos de las Mujeres Injusticias de los Hombres”.

Mientras la imprenta pedagógica para iniciar una discusión sobre prensa pedagógica, en esta pesquisa, acreditamos que sería necesario hacer un breve histórico sobre la imprenta en sí. De forma que al dialogar con autores como Bowen (1985) el autor nos trae afirmaciones en las que afirmar que la historia de la imprenta se pierde en la pre historia y sus primeros indicios datan de 3000 a.C.

Así que para el autor el uso de la prensa en el siglo XIV, mientras tanto, ya había se iniciado en Europa a partir de grabaciones en madera que servirían para impresión. De forma que rebate lo que la historia más conocida defiende, que la imprenta empezó a partir de Gutenberg como siendo el invento de ese tipo de impresión.

En ese contexto, como unas de las discusiones centrales de esa investigación es la prensa pedagógica adentramos, pues a su análisis. En diálogo con Henandez Díaz (2013), reconocido estudioso sobre imprenta pedagógica, el autor resalta que la imprenta pedagógica tiene identidad que segundo este “se construye en el contexto informativo y hermenéutico” lo que engloba producciones educativas de profesores y estudiantes a aquellos textos producidos por movimientos sociales, entre ellos, el feminismo. Una vez que a través de este medio de comunicación es posible, segundo el autor desarrollar opiniones y discusiones críticas, así como acciones educativas.

Además de eso, ese tipo de imprenta independe de su periodicidad que puede ser, diaria a anual, así como su formato, que puede ser de revista a fanzine, o hasta mismo, otro tipo de medio de comunicación que contribuya con profesores, estudiantes, asociaciones, etc. De forma que esa identidad se va construyendo a partir de la necesidad específica de cada comunidad o instituciones, sea pública o privada, segundo él referido autor.

La prensa pedagógica también se presenta en diferentes géneros de acuerdo con Hernández Díaz (2013, 2015). Tal género puede recibir la clasificación dependiendo de su carácter pedagógico (escuela, profesor, estudiante, sindicato...). Esa diversidad de género presenta una riqueza imprescindible para historiadores de la educación posibilitando aperturas para sus “expectativas y hermenéuticas”. Así queda evidente el valor documental de ese tipo de imprenta que representa inmensurable valor documental para la historia de la educación.

En ese contexto, se hace necesario reconocer la importancia de la prensa pedagógica en la historización de la educación, una vez que surge como una herramienta de difusión de pensamiento e ideas pedagógicas. Hecho que el propio autor reconoce la imprenta pedagógica como “parte viva y del patrimonio histórico educativo”.

La prensa en su proceso histórico tiene sus orígenes en el continente europeo, a partir de estudios realizados por el francés Fernando Buisson, cuando definió por la primera vez lo que sería la imprenta pedagógica como una publicación “[...] puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando en su secuencia temporal mantiene en criterio de atención, dentro de la institución escolar o en otras diferentes, pero también educativas y formativas”⁶⁷.

Es en ese contexto que la imprenta pedagógica surge en el continente europeo, o sea, a partir del siglo XIX, sin embargo, la imprenta en si ya era utilizada con finalidades educativas, en España, por ejemplo, pues “*Los orígenes de la prensa educativa en España pueden remontarse prácticamente a los comienzos de la prensa misma, ya en 1798 se editaba en Madrid la Gazeta de los niños [...]*”⁶⁸. De esa forma, de acuerdo con esos autores Checa Godoy (2002) y Hernández Díaz (2013) desde la segunda mitad del siglo XVIII, la imprenta pedagógica podría ser encontrada en España.

Delante de esa contextualización, evidenciamos los países en que Nisia Floresta vivió que también ha producciones importantes sobre la imprenta

⁶⁷ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 16.

⁶⁸ CHECA GODOY, Antonio. *Historia de la Prensa Pedagógica en España*. Ed. Universidad de Sevilla Secretariados de Publicaciones. 2002, p. 14.

pedagógica, países como: Francia, Italia y Portugal. En esos países existen estudios que se destacan debido su importante repertorio sobre la prensa pedagógica. Podemos citar *La presse d' éducation et d'enseignement* (XVII é siècle 1940) de Pierre Caspard, en Francia, Repertorio analítico (XIX-XX) de Antônio Nóvoa, en Portugal y *La Stampa pedagógica e escolástica in Italia* (1820-1943) de Giorgio Chiosso. Ese tipo de trabajo presenta grande importancia para los estudios sobre imprenta pedagógica, debido a su organización que busca listar esos impresos por orden, cronológica, alfabética y temporal lo que orienta a los investigadores e investigadoras que buscan informaciones en tales obras.

Cuando partimos para imprenta pedagógica en el contexto latino americano la realidad se torna diferente delante de las producciones encontradas en el continente europeo, hecho que debe ser considerado debido el proceso de comunicación de esos países, pues, así como la imprenta en general tardó a llegar en ese continente la imprenta pedagógica, por lo tanto, también. A pesar de esa realidad la imprenta pedagógica en el continente americano fue posible identificar una ascensión en lo que se refiere a los estudios sobre esa temática, países como Brasil y México tienen investigaciones, tales como “La prensa Pedagógica en siglo XIX” de Irma Gutiérrez, en la que la autora desarrolló un importante trabajo sobre la imprenta en ese país. Decine Catani y Cyntia Pereira surgen como investigadoras brasileñas en esa área, pero sus trabajos son más específicos al estado de São Paulo.

El análisis realizado en la obra de Hernández Díaz de 2013, por ejemplo, apenas tiene el Brasil con siete trabajos como representante del continente latino americano en la referida obra. En la segunda obra de 2015 ya surgen algunos trabajos con representaciones de otros países de latino América, tales como Argentina con 01 trabajo, Colombia con 02 y México con 01 una pesquisa. Brasil aparece con 35 trabajos en total de pesquisas publicadas en la referida obra. Es posible observar que en el total de los trabajos de los otros países afuera Brasil, dos de esos trabajos se refieren a los estudios de la imprenta escolar, un sobre imprenta estudiantil universitaria y un sobre otro tipo de imprenta. Lo que se confirma en la afirmación de María Helena Bastos otra investigadora brasileña que se destaca en estudio sobre prensa pedagógica en el país al afirmar que “*Quando se adentra no campo da pesquisa historiográfica dos impressos estudantis, produzidos pelos e para os alunos, os estudos são raros tanto para o Brasil como para outros países da*

*América Latina (...)*⁶⁹. Mientras la investigadora destaca estudios sobre imprenta en Argentina, Chile y México.

Debido al poco número de pesquisas encontradas sobre la imprenta pedagógica al realizar buscas encontramos un *síte* periódicos.edu.uy donde fue posible localizar el total de 242 periódicos específicos del área de la educación que presentaban una variedad significativa de géneros, por ejemplo, escolar, profesor de asociación, feminista, etc. Mientras, al hacernos el recorte apenas de periódicos del siglo XIX, fueron encontrados tales periódicos en los siguientes países: Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Ecuador, El Salvador, Guatemala, México, Paraguay, Perú, Uruguay e Venezuela. Apesar das buscas não encontramos periódicos nos seguintes países: Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá y República Dominicana. Realidad que refleja de alguna manera, la forma de cómo se dio el desarrollo educacional de esos países.

Al adentrar en el estudio sobre la imprenta pedagógica en Brasil la realidad no se torna tan diferente, una vez que la imprenta fue el último país de América Latina a conocer la tipografía en 1808. Para (Silva, 2014)

*Não foi por um acaso que a tipografia, no Brasil, foi proibida por muito tempo. Pois esta liberação poderia ser um dos instrumentos para propagação do conhecimento, que por sua vez, acontecia pausadamente e para poucos. Nesse sentido, assim como tardou a imprensa, tardou o acesso ao conhecimento, sobretudo para as mulheres. O fato de a imprensa ser o meio pelo qual as notícias se difundiam, a proibição desta, poderia ser uma forma de manter o Brasil alienado da realidade de além-mar, sendo orientado, apenas pelas ideias e posicionamento da metrópole. A imprensa de caráter mais revolucionário representava, nesse sentido, uma ameaça para os detentores do poder*⁷⁰.

Lo que de hecho revela la falta de interés de Portugal en tornar su colonia con acceso a la información y lo que facilitó, por mucho tiempo, la explotación del pueblo brasileño. En el inicio el uso de la imprenta era tímido y apenas hombres blancos tenían acceso. A pesar de esa realidad en el inicio del siglo XIX algunos periódicos fueron utilizados con fines pedagógicos. Nísia Floresta tuvo acceso a ese tipo de imprenta aún en 1832 cuando escribía textos con el fin de alertar las mujeres sobre

⁶⁹ BASTOS, Maria Helena. Impressos e Culturas escolar percursos da pesquisa sobre imprensa estudantil no Brasil. In. HERNANDES DÍAS. José María. La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015a, p.23.

⁷⁰SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 95-95.

las condiciones en que vivían y, principalmente, sobre la educación que les era negada.

Con relación a los estudios sobre la prensa pedagógica en Brasil, podemos destacar Denice Bárbara Catani, profesora de la Universidad de São Paulo. De acuerdo con esa autora los estudios sistemáticos sobre imprenta pedagógica fueron tomando fuerzas a partir del final de la década XX. Esa realidad puede ser observada en la producción de los trabajos encontrados en los trabajos organizados por Hernández Díaz, en la primera de 2013, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo* e *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*. Fueron encontradas siete producciones, mientras en la segunda, *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*, 2015, fueron encontrados 34 trabajos.

En el primero libro de los siete trabajos encontrados, cuatro utilizaban revistas diferenciadas como fuente de pesquisa. Tres sobre temas diferenciados donde apenas un trató sobre imprenta feminista, otra sobre proletariado y una específicamente sobre imprenta pedagógica. Por regiones brasileñas el Noreste viene en primer puesto con tres trabajos, Sudeste con dos y Centro-Oeste con apenas uno trabajo. La región Norte no hubo representación.

En la segunda obra organizada, Brasil tuvo representado con 34 trabajos. Esa segunda del autor fue descompuesta en 04 secciones, así distribuidas: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiantes y Otra prensa pedagógica. De los 07 trabajos de la primera sección, los temas abordados son diversos sobre la religión y educación, 03 trabajan con periódicos, 02 analizan la cuestión de la religión en la infancia, 01 analiza la enseñanza infantil, la última enseña a hacer el periódico escolar. Un otro también analiza la educación infantil. Aquí Brasil es representado apenas por 2 regiones brasileñas, la Sudeste con 2 trabajos y la Sul con 5.

En la sección sobre La Prensa De Los Colegiales fueron encontradas 05 investigaciones, donde existen 04 pesquisas con periódicos producidos por los estudiantes y apenas discute la cuestión de la educación de las niñas en Brasil en el siglo XIX a través de escritos de Nísia Floresta. En relación la representación de las

regiones, 02 pesquisas son región Sul, 02 de Centro-Oeste y 01ª pesar de si referir a la pesquisa en Brasil, es oriunda de la Universidad de Salamanca- ES.

La Prensa De Los Estudiantes fue composta por 04 pesquisas realizadas a partir de periódicos producidos por los estudiantes y para los estudiantes. Las regiones de Brasil representadas de la siguiente forma: 03 del Sudeste (una de esas pesquisas con autoría de 02 investigadores, un de esos perteneciente a la Universidade de Coimbra-Portugal) y 01 del Centro-Oeste del país.

Otra Prensa Pedagógica es sección que tiene más grande representación en la obra de Hernández Díaz, 2015. Compuesta por 16 pesquisas que enfocan la temática sobre profesión docente a la cuestión indígena. Donde de los 16 trabajos, 04 enfocan la cuestión de la profesión docente, 02 sobre método de enseñanza, 05 sobre la instrucción pública, 01 sobre la educación del campo, 01 sobre educación especial y 01 sobre la cuestión indígena. Mientras al perteneciente regionales de las (los) investigadoras (es) brasileños la representatividad por cada región fue: 01 región Norte, 04 Noreste, 06 Sudeste, 05 Sul y ninguna representó la región Centro-Oeste del país.

Debido la magnitud en que esa investigación se presenta sobre la imprenta pedagógica producida en Brasil del siglo XIX, se buscó periódicos brasileños de ese siglo entre años de 1800 a 1859. Ese recorte temporal fue determinado de acuerdo con la vivencia de Nísia Floresta en Brasil. Fue establecido 10 años antes de su nacimiento con fecha de 1810 y 10 años después de su salida de Brasil para vivir en Europa en 1849. O sea, de 1800 a 1859. La investigación fue realizada, en la Hemeroteca Nacional Brasileña. Fueron cartografiados todos los periódicos de esa época en todos los Estados de Brasil totalizando 1.181 ejemplares. Donde en la Región Noreste fueron encontrados 421, en la Norte 18, Centro Oeste 13, Sudeste 652 y la Sul 77. Fueron establecidas tres palabras llaves: Educación de las Niñas, Educación de las Mujeres y Derecho de las Mujeres.

En el caso de las mujeres, las mujeres y los derechos de las mujeres aparecieron en situaciones diversas o no aparecieron de ninguna manera en algunos periódicos en los estados, por ejemplo, en la Región Nordeste: Alagoas, Ceará, Paraíba, Río Grande del Norte; en la Región Norte: Acre, Rondônia, Roraima

y Tocantins; en la Región Centro-Oeste: Brasilia, Goiás, Mato Grosso do Sul; en la Región Sur; Paraná y Santa Catarina.

Las "Educación de las Niñas, Educación de las Mujeres" aparecieron con más frecuencia cuando se trataba de la educación de las niñas y mujeres objetivando los regalos domésticos, la religión, agradar al marido, buen comportamiento y matrimonio. La palabra "Derechos de las Mujeres" fue apenas encontrada por primera vez en 1833 en Recife-Pernambuco, cuando se refería a la venta del libro de Nísia Floresta; Derechos de las Mujeres e Injusticia de los Hombres. Y por segunda vez en Río de Janeiro a partir de 1835 también debido a la venta de los libros de Nísia Floresta "Derecho de las Mujeres e Injusticia de los Hombres y Opúsculo Humanitario" en 1854. Lo que comprueba la importancia de Nísia Floresta desde su producción literaria la participación en periódicos brasileños.

Puede ser observado que la palabra feminismo, hasta 1859 no surgió en los periódicos. Fue posible observar también que a pesar de algunos periódicos llevar el nombre femenino como, *A voz das Amazonas* de 1827 del Estado do Pará, *O brinco das Damas* de 1849 de Pernambuco, ambos no llevaron ninguna palabra llave sobre el sexo femenino referente a su educación o derechos.

Además de eso, fue posible observar que la palabra feminismo, hasta 1859 no surgió en ninguno de los periódicos. En el caso de las Damas de 1849 de Pernambuco, ambos no han traído ninguna palabra clave sobre el sexo femenino referente a su educación, sino que, a pesar de algunos periódicos traen el nombre femenino como, *La voz de las Amazonas* de 1827 del Estado de Pará. *El Estrella del Amazonas*, *Amazonas* (1859) contiene la palabra claves "Educación de las niñas", sin embargo, se refiere a la educación interna. Fue posible también identificar otros periódicos con nombres femeninos como, *Mentor das Brasileiras* (1829-130) y el *Diario de las Damas* (1858). Otra observación pertinente fue la identificación de periódicos con nombres referentes a la educación, con propias de la prensa pedagógica. Como el caso del *Atheneo: Periódico Científico y literario de los estudiantes de la escuela de medicina de Bahía* de 1849 a 1850, *El Lápiz: Diario Artístico, Literario y crítico del Estado de Ceará* (1835-1839). Se encontró también un periódico destinado a los trabajadores, el *Informe de los trabajadores del Consejo Literario de Bahía* (1856). Además, fue posible encontrar periódicos sobre la

cuestión religiosa como; El noticiero católico (1854), y la Revista Espírita (1858) en San Pablo.

Lo que revela la producción de la prensa pedagógica en Brasil a partir de la primera mitad del siglo XIX. Siendo los hallazgos de esos periódicos de gran importancia para la historia de la prensa pedagógica en Brasil. Una vez que hasta el momento, sólo hay registros que suponen, pero no afirman que la prensa pedagógica en el país, había comenzado a ser producida a finales del siglo XIX. Lo que sostiene también el ineditismo de esa investigación.

Mientras la Imprenta feminista la imprenta desde el inicio de la historia del feminismo era considerada como un importante medio de difusión de conocimiento. A través de esa imprenta las mujeres podrían adquirir más conocimiento y pasaren estos conocimientos a otras mujeres. Esa imprenta, que antes apenas una pequeña parte de la sociedad tenía acceso; una minoría masculina, blanca y alfabetizada, con un tiempo, las mujeres blancas y alfabetizadas pasaron a si interesar por este medio de comunicación. Leyendo y escribiendo en periódicos que, inicialmente, trataban temáticas relacionadas a maternidad, moda, comportamiento y religión. Con un tiempo los contenidos cambiaron y tomaron tonos de denuncias y exigencias de derechos como el acceso a la educación. La imprenta con un tiempo pasó a ser una de las principales herramientas de lucha de las mujeres.

En ese contexto, la prensa feminista como género de la imprenta pedagógica y como aporte teórico y fuente de esa pesquisa fue pesquisada en la Biblioteca Nacional de Rio Janeiro. Algunos de esos principales periódicos del siglo XIX fueron: respectivamente, *Espelho Diamantino*, *O Mentor das Brasileiras*, *Espelho das Brasileiras*, *A Mulher do Simplório*, *A mineira do Rio de Janeiro*, *A brasileira Patriota* ou *A Filha do Timandro* y *O Jornal das Senhoras*.

Fueron colectadas las primeras páginas de cada uno de esos periódicos y en seguida hecha la descripción conteniendo informaciones como: titular y subtítular originales, ubicación de edición, fecha de inicio, fecha de último ejemplar, años de publicaciones, total de números que existen, fundador, administrador, imprenta, colaboradores más habituales, dimensión de páginas, cantidad de páginas del primero ejemplar, formato en que está escrito, periodicidad, precio, asuntos abordados, localización y números de ejemplares conservados.

Delante de ese análisis, fue posible percibir que a pesar de ese despertar, la mayoría de los periódicos, no atendían a los objetivos para lo cuales las mujeres empezaban a intentar. Pues, eran controlados por los hombres en medio de una sociedad política y culturalmente patriarcal. Incluso delante de esa realidad, en algunos países, principalmente, europeos, mujeres pasaron a editar y escribir en periódicos.

Sobre Nísia Floresta, educación, imprenta pedagógica y feminista la escrita para esa autora se presenta como una forma de liberación, una manera de exponer sus aversiones al sistema vigente de su época. En ese sentido, hizo de sus escritos una ruptura con reglas convencionales, principalmente, sobre la cuestión de la educación de las niñas, “É, portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos [...]”⁷¹. Fue en esa perspectiva, que la autora siguió toda su trayectoria intelectual y de militante.

Es notable que los escritos de esa intelectual durante su vivienda en Pernambuco, el tiempo en que estuvo frente del Colegio Augusto, su escrita en la imprenta carioca, y las cuestiones que trató en sus libros, nos confieren datos para entendernos que Nísia Floresta, al hacer uso de la imprenta convencional publicando escritos, con fines efectivamente pedagógicos, hacía uso también de la imprenta pedagógica.

Su obra “Opúsculo Humanitário” fue una colección de 62 artículos pedagógicos publicados, en el Diario Rio de Janeiro, años antes de su libro, en 1853. En estos artículos, Floresta exponía toda su ideología pedagógica, y como es sabido, su inconformismo ante el descaso de la enseñanza brasileña. En esa dirección, ondeados para más un pionerismo de la educadora, la primera intelectual brasileña a hacer uso de la imprenta pedagógica.

En ese contexto, segundo nuestras fuentes documentales, en relación con el objetivo de la imprenta pedagógica y su uso sistemático, este material ya tendría sido utilizado por Nísia Floresta, siglo antes. Así, entendemos que la imprenta pedagógica empleada por Nísia Floresta, para los fines que objetivaba en su militancia

⁷¹ Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b p. 130.

educacional y feminista, se tornó una característica combativa de la autora delante del gobierno imperial y el patriarcado.

Como conclusión los hallazgos encontrados durante la realización de esa investigación nos condujeron a descubiertas fundamentales en lo que concierne al estudio sobre imprenta pedagógica y feminista, así como la Nísia Floresta, una mujer que con su singularidad, transmitió idearios e ideologías contra el régimen patriarcal en que vivía en el siglo XIX. Una mujer varios nombres, Dionísia Gonçalves Pinto, más conocida como, Nísia Floresta Brasileira Augusta, tomó aún más formas y se personificó delante de una nueva visión delante de los resultados de esa investigación.

En la construcción de esa investigación fue posible encontrar fuentes documentales que contribuyeron para un nuevo contorno teórico, responsables por dar respuestas al objetivo y parte de las hipótesis iniciales levantadas. No apenas sobre Nísia Floresta, pero sobre la imprenta feminista y pedagógica brasileña.

Los documentos encontrados y una lectura más fundamentada también revelaron algunas contradicciones delante de los posicionamientos de la autora. Principalmente cuando analizamos su primera obra “Derechos de las Mujeres Injusticias de los hombres” y comparamos con los siguientes. A pesar de la autora, de cierto, no abandonar su defensa sobre la cuestión de la mujer y el tratamiento que a ella era dado por la sociedad. Fue posible percibir su práctica educativa al tener contacto con los documentos de su colegio, a pesar de serien restrictas tales fuentes, después de 180 años de existencia de la institución.

Sin Embargo, las fuentes fruto de investigación anterior, también sobre el colegio, apenas corroboran para afirmar que Nísia Floresta, revolucionó la enseñanza de su época.

Es de suma importancia resaltar o cuadro teórico metodológico con que fue trabajado en esa investigación. Los cuales revelaron su magnitud delante de la construcción y análisis de los resultados encontrados durante al proceso de finalización de ese estudio. El método elegido nos ha conducido a un análisis meticuloso, lo que proporcionó el agotamiento de los conceptos con que nos deparamos inicialmente. Lo que permitió encontrar en cada detalle una posibilidad de

descubierta. Es relevante también resaltar el levantamiento y apreciación del estado del arte construido en el inicio de esa investigación, pues nos permitió un conocimiento más general de la producción nacional sobre la temática de esa investigación. Lo que comprobó su originalidad.

El análisis documental también merece destaque, pues se presentó de forma singular desde la coleta de datos a su análisis. Lo que nos llevó a nuevos hallazgos sobre la obra de Nísia Floresta, así como su participación en la imprenta. A pesar de haber un estudio considerado sobre su biografía, de autoría de Constância Lima Duarte, responsable por un de los primeros estudios sobre Floresta.

Delante de esa realidad las chances de encontrar nuevas fuentes se tornarían casi impracticable, no fuera la nuestra persistencia y las incansables búsquedas, lo que nos hizo ir más allá y encontrar informaciones singulares para nuestra pesquisa, como una de las obras de Nísia Floresta escrita en 1848 y que de esa obra, segundo Duarte (1995) sólo se conocía los registros en diccionarios bibliográficos. En concordancia con esa autora, estudios más recientes de Rosa (2012) y Neto y Lima (2013) no traen informaciones sobre la existencia de esa obra "*Dedicação D'uma Amiga*" vol. I y II, escrita por Floresta en 1848 y editada en 1850, dado como perdidos fueron encontrados a través de esa investigación. Lo que comprueba la existencia de esas obras.

Para más allá de la caminata de investigación llena de revelaciones inesperadas, nos interesa, apuntar para los hallazgos de la pesquisa, que de forma conclusiva necesitan ser expuestos. Así, retornando la pregunta inicial de nuestra investigación ¿Como la prensa pedagógica y feminista utilizada y producida por Nísia Floresta, en siglo XIX, puede haber contribuido a la historización de las mujeres brasileñas?

Entendemos que las contribuciones de Nísia Floresta, se revelan en su incansable lucha, primeramente, por la osadía en lanzar el primero libro con contenido feminista en defensa de los derechos de las mujeres en Brasil, aún en la primera mitad del siglo XIX. En según plan por su participación en la imprenta cuando se utilizó de ese medio de comunicación para hacer su militancia en favor de los derechos de las mujeres y que, decididamente, influenció otras mujeres a escribir en periódicos

como hizo. En tercero al fundar una escuela en plena capital del Imperio brasileño cuando, aún la educación ofrecida a las niñas era totalmente diferente a que era ofrecida a los niños. Nísia Floresta abrió el Colegio Augusto ofreciendo asignaturas que eran superiores a las que eran ofrecidas en las escuelas de los niños. Con ese comportamiento podemos decir que Floresta ha propuesto una reforma en el sistema educacional brasileño tras casi 200 años.

Nísia Floresta dio inicio a un grande movimiento brasileño iniciando su lucha por derecho a educación, posteriormente, otras mujeres pasaron a luchar por otros derechos, como el derecho al voto, que en Brasil fue concedido, apenas en 1932. Floresta también tejía críticas a otros problemas referentes a la mujer, por ejemplo, acceso de las mujeres a los cargos políticos cuando defendía la igualdad de derechos entre hombres y mujeres. Afirmaba que tales derechos deberían se extender hacia mujeres indígenas y las esclavas, pertenecientes a las otras clases sociales y no se restringir a las mujeres blancas da élite.

Es imperativo afirmar que la potencialidad de la producción intelectual de Nísia Floresta centrarse en la temática emancipatoria de la mujer y en la equidad de género, mientras, no dispensó cuestiones estructurales y profesionales del sistema de enseñanza brasileña. Su propuesta de enseñanza reveló que no condescendía con la propuesta adoptada por el Estado, pues acreditaba que la educación era la posibilidad de cambio de la condición de sumisión en que se encontraban las mujeres. Lo que, actualmente, puede justificar el avance de diversas mujeres en el espacio público. Hoy, las mujeres, son mayoría en el enseñanza básica y superior, pero la educación aún continua sexista.

Sobre la prensa pedagógica, Nísia Floresta, se utilizó de ella para los fines que objetivaba en su militancia educacional y feminista, lo que se tornó una característica combativa de la autora delante del gobierno imperial y el patriarcado brasileño. Acreditamos que, al publicar 62 artículos pedagógicos, en el Diario Rio de Janeiro, en 1853, revelaba su ideología pedagógica, además de su participación en otros periódicos y en su propia escuela, hecho que concede la autora, más pionerismo, siendo una de las primeras mujeres brasileñas a hacer uso de la imprenta pedagógica y feminista. Es necesario recordar que en los hallazgos de esta investigación se comprobó que la expresión "Derecho de las mujeres" fue encontrada en periódicos

brasileños, 1833, debido a Nísia Floresta y su libro "Derecho de las Mujeres e Injusticia de los Hombres" y sus artículos publicados en los periódicos que más tarde fueron transformados en libro "Opúsculo Humanitario". Hecho también nuestras primeras indagaciones, pues fue a través de la prensa que Nísia Floresta, además de las afirmativas citadas en párrafos anteriores; propuso un nuevo modelo de enseñanza para las niñas. Esto se hizo a través de la prensa. Lo que nos confiere afirmar, ante todas las fuentes y discusiones aquí presentadas, que de hecho, debido a todo su compromiso y militancia, sea en la literatura o en la prensa, Nísia Floresta, contribuyó decididamente a la historización de las mujeres brasileñas.

Por fin, esa investigación no agota posibilidades de otros posibles estudios, discusiones y problemáticas que, de manera inevitable, fueron desveladas a partir de la trayectoria recogida a fin de concluir esa tesis doctoral. Y, de hecho, es de conocimientos de todos estudiosos que investigaciones posiblemente dejan brechas, lo que apunta para otros estudios que puedan contribuir con nuevas investigaciones sea sobre esa educadora, sea sobre imprenta pedagógica o feminista.

PRIMEIRA PARTE

APRESENTACAO E ESTRUTURA DA TESE

CAPÍTULO I

DOS OBJETIVOS E METODOLOGIA

1.1 Problema, Hipóteses e Objetivos de estudos

Em face dessa discussão inicial, esse estudo se encaminhou na perspectiva da seguinte **questão/problema**:

Como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras?

1.1.1 Hipóteses

Esta pesquisa tem como hipóteses as seguintes questões:

- Parte da imprensa pedagógica produzida por Nísia Floresta permanece no anonimato, pois no Brasil o estudo sobre “imprensa pedagógica” (o termo utilizado é periódico pedagógico) tem seus primeiros estudos datados a partir do final do século XX;
- Por ter vivido parte de sua vida na Europa e editado algumas de suas principais obras neste continente, acreditamos que, Nísia Floresta, pode ter participado da imprensa pedagógica produzida nesse continente;
- Nísia Floresta pode ter contribuído, de forma decisiva, para a construção da história das mulheres brasileiras, ao defender seus direitos educacionais, numa época em que estas mulheres eram proibidas de se alfabetizarem (frequentar a escola);
- As experiências vividas por Nísia Floresta, nos países europeus, contribuíram para sua formação intelectual e política, as quais são observadas em suas principais obras e imprensa pedagógica, trazendo essas experiências e adaptando-as para a realidade das mulheres brasileiras.

1.1.2 Objetivo Geral

Nesse entendimento, temos como objetivo geral; analisar como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras.

1.1.3 Objetivos Específicos

Ao passo que elegemos como objetivos específicos:

- Situar a imprensa pedagógica e feminista no seu contexto histórico;
- Identificar as principais questões pedagógicas e feministas apontadas por Nísia Floresta;
- Analisar a imprensa pedagógica e feminista produzida por Nísia Floresta, editada no Brasil e na Europa;
- Caracterizar a experiência da produção sobre a imprensa pedagógica do Colégio Augusto, criado e dirigido por Nísia Floresta, no Rio de Janeiro/Brasil no século XIX;
- Descrever o panorama da educação no século XIX no Brasil.

1.2 METODOLOGIA E FONTES

A seguir discorreremos sobre as concepções teóricas que nortearam a metodologia adotada para análise dos dados desta pesquisa. Nesse contexto, dialogamos com autoras e autores que nos embasam teóricamente para a preferência do percurso metodológico utilizado nessa investigação. Dessa forma, discutiremos sobre a abordagem metodológica, o tipo de estudo, método, delimitação e local da pesquisa, assim como as fontes de informação, técnicas de coleta, análise e sistematização de dados. Para tanto elegemos uma pesquisa numa abordagem qualitativa, na perspectiva de Bogdan & Biklem (1994), pois para esses autores este tipo de abordagem é descritiva e seus dados são recolhidos através de palavras ou imagens e não através de números. Além disso, do cenário natural dos sujeitos, ser sua fonte principal dos dados.

Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa estabelece uma análise no seu sentido macro. Dessa forma, todos os dados possuem algo a ser considerado, objetivando a compreensão e exatidão do que está pesquisado. Pois, tudo precisa ser questionado sem se esquivar da avaliação, uma vez que, o uso da descrição

utilizada na abordagem qualitativa funciona através do método de recolher dados, objetivando com cautela que nada passe desapercebido⁷².

1.2.1 Tipos de Estudo

O tipo de estudo eleito nessa pesquisa é do tipo exploratório e explicativo. Exploratório, uma vez que nossos objetivos apontaram para uma necessidade de investigar preliminarmente as informações de forma mais amplas sobre as produções que incluem nosso objeto de estudo. E de acordo com Gonsalves (2007) esse tipo de estudo “Oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema”⁷³

Para tanto, exploramos as principais produções na área dessa pesquisa, ou seja, que possuíssem indicadores sobre a imprensa pedagógica, feminista e Nísia Floresta no Brasil do século XIX. Pois para Severino (2007) a pesquisa do tipo exploratória, investiga elementos que têm relação com o objeto que se almeja estudar, permitindo o mapeamento das “condições de manifestação do objeto de estudo”⁷⁴.

Nessa perspectiva, essa pesquisa, concomitantemente, foi do tipo explicativo, visto que, almejamos fazer uma minuciosa análise dos registros localizados. Para tanto, teremos o cuidado de desvendar as causas, finalidades e efeitos dos resultados obtidos.

1.2.2 Método da Pesquisa

Considerando a especificidade dessa investigação e que, portanto, não há uma universalização de um método apropriado para se alcançar o pressuposto epistemológico, nesta pesquisa foi adotado o método do caso alargado. Para Lage (2009) “O melhor método a ser utilizado não é aquele mais conhecido e de domínio amplo, mas aquele que consegue investigar todos os pontos relevantes para que os resultados da pesquisa sejam alcançados”⁷⁵

⁷² BOGDAN, Robert C, e BIKLEN, SariKnopp. *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

⁷³ GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007, p.67.

⁷⁴SEVERINO, Antônio Gil. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 123.

⁷⁵LAGE, Allene. *Orientação epistemológica para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais*. In: *Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo*. João Pessoa: UFPB, 2009.p. 07).

O Método do Caso Alargado “opõe a generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, generalização pela qualidade e pela exemplaridade”⁷⁶. A partir dessa perspectiva este método tem sua base estrutural na combinação da fenomenologia e do estruturalismo. Na primeira proveniente de Husserl, que procura analisar o sujeito considerando o contexto social em que está inserido “[...] não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “factualidade”⁷⁷ da sua essência. Já o estruturalismo, uma abordagem científica que nasceu no século XX, tem como objetivo desvendar a estrutura do objeto estudado, adentrando em sua essência “Talvez seja a busca das propriedades extra temporais do objeto, que se apresentam como “invariantes” chaves para o esclarecimento de seus aspectos essenciais, um dos traços fundamentais do estruturalismo”⁷⁸

Neste entendimento, Santos (1983) afirma que o estruturalismo, aplicado individualmente numa pesquisa de campo social, não exauriria a amplitude social a ser considerada.

Para evita este risco, é necessário combinara a análise estrutural com análise fenomenológica de molde a captar, por via desta, a inteligibilidade das práticas sociais para os que nelas participam, a variedade, a complexidade e o detalha das interações e, finalmente, o universo (e seus subuniversos) de significação em que os interesses práticos e as acções-à-mão se conjugam com factores e determinações de que os agentes não têm consciência⁷⁹

Assim, para Santos (1983), ao combinar estas análises podemos consider não apenas que as pessoas são atores de suas práticas, e por certo, estas práticas estariam norteadas por sentidos. Desta justaposição, o Método do Caso Alargado, que tem sua origem na antropologia social, considera essencial que se amplie os resultados dos casos estudados, considerando a particularidade de cada objeto estudado. Este método foi inicialmente utilizado por Boaventura de Sousa Santos (1983) em pesquisa desenvolvida em Recife- Pernambuco- Brasil no caso da comunidade Skylab e a partir dessa experiência subsidiou analiticamente várias pesquisas desse autor. De fato esse método propõe que “em vez de reduzir os casos às variáveis que o normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura

⁷⁶SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p. 11.

⁷⁷TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação: positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. São Paulo: Atlas, 2010, p. 43.

⁷⁸ TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação: positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. São Paulo: Atlas, 2010, p. 81.

⁷⁹ SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p.10.

analisar, com máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou mesmo único”⁸⁰

No nosso estudo analisamos sob a óptica desse método, a imprensa pedagógica, feminista e Nísia Floresta. Uma vez que “O método do caso alargado propõe o salto da imaginação sociológica entre o mais detalhado e minucioso e o mais geral e indeterminado. Não isola os factos (objetivos) do contexto de sentido (subjeto ou intersubjetivo) em que ocorrem”⁸¹. E de fato a “riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem”⁸².

1.2.3 Delimitação e Local da Pesquisa

Em relação a esse componente da metodologia, essa pesquisa se delimitou ao estudo da produção nacional e internacional da imprensa pedagógica e feminista, assim como a produção intelectual de Nísia Floresta no Brasil e na Europa. A eleição enquanto à delimitação e local desse estudo se deram, inicialmente, pela importância desse tipo de produção de forma sistemática no cenário histórico. Já a eleição referente à produção intelectual de Floresta se deu, devido a suas obras sobre educação, direitos das mulheres e participação na imprensa. Onde registrou seu pensamento pedagógico feminista. Pois “As ideias pedagógicas representam, certamente, um grau elevado de abstração, mas, dentro de uma ótica dialética (não metafísica), o pensamento não é puramente especulativo. Ele se traduz numa abstração concreta”⁸³.

1.2.4 Fontes de Informação

Como fonte de informação foi utilizado dois grupos, de acordo com Cellard (2008), que foram divididos em documentos públicos e documentos pessoais.

- **Documentos públicos:** São compostos daqueles documentos encontrados em arquivos públicos podendo ser: federais, estaduais, regionais, municipais ou escolares. Jornais, revistas, periódicos, anúncios, boletins, dentre outros estão incluídos nos documentos públicos não arquivados de acordo com Cellard

⁸⁰ SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES, 1983, p. 11-12.

⁸¹ Idem, p.12.

⁸² Idem, p.12.

⁸³ GADOTTI, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. – 8ª Ed. - São Paulo: Ática, 2008, p.16.

(2008) e de acordo Silva (2014) em diálogo com este autor, apesar de não serem documentos oficiais também podem ser acessados em acervos diversos.

Documentos pessoais: Estes se dividem em documentos particulares e privados. Podendo ser os particulares: diários íntimos, correspondências, autobiografia, histórias de vida, etc. Já os de ordem institucional ou privado, segundo Silva (2014) pode ser aqueles de posse de sindicatos, delegacias, bancos, hospitais dentre outros.

1.2.5 Técnicas de Coleta

De acordo a especificidade dessa pesquisa recorreremos à consulta de documentos, devido à peculiaridade do objeto de estudo estabelecido. E de acordo com Pimentel (2001) como as categorias de análise dependem dos documentos, estes carecem "(...) ser encontrados, "extraídos" das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça"⁸⁴

1.2.6 Análise e Sistematização de Dados

Para Silva (2014) os documentos são considerados como fontes vivas de informação, sendo que permitem ao pesquisador realizar uma análise polida dos dados, proporcionando, assim, informações que auxiliam na descoberta de novos conhecimentos. Nesse contexto, para Cellard em diálogo com Tremblay (1968), os documentos podem nós desvendar (...) "a evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc."⁸⁵ da sua origem até os dias atuais.

Numa perspectiva histórica, essa pesquisa, buscou além de reconstruir o histórico da imprensa pedagógica e feminista, a participação de Nísia Floresta na imprensa brasileira. Assim, a análise documental, permitiu fazer essa correspondência mais minuciosa e se apresenta como uma análise sigular em nossa pesquisa. Contudo, de acordo com Cellard (2008), a pesquisa documental apresenta particularidades no tratamento e análise dos

⁸⁴ PIMENTEL, Alessandra. *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. In. Cadernos de Pesquisa; n. 114, p. 179-175, novembro/2001, p.180.

⁸⁵ CELLARD, André. *A análise Documental*. In. A Pesquisa Qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos/ Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 295.

documentos que incluem: O contexto, autor e atores, a autenticidade, confiabilidade, natureza, conceitos-chave e a lógica interna do texto.

- **O contexto:** Faz-se necessário elucidar e examinar, de forma geral, o contexto histórico em que foram produzidos os documentos analisados.
- **Autor e autores:** É preciso indentificar a autoria de quem se expressa para se ter uma completude da análise dos documentos. Para Silva (2014) “Saber de qual lugar social está falando o indivíduo também é um detalhe que faz a diferença na interpretação dos fatos”⁸⁶.
- **A autenticidade e a confiabilidade do texto:** Para Silva (2014) e Cellard (2008) isto se torna importante, não somente, por que nos dar informações sobre a origem social, ideológica ou interesses particulares do autor do documento, mas por que assegura característica da informação que está sendo transmitida. Além disso, ainda de acordo que essa autora e autor se faz imprescindível identificar a relação existia entre o autor do texto e outros autores que o mesmo venha a citar.
- **A natureza do texto:** Como cada texto apresenta variedades de acordo com sua finalidade e natureza sua construção pode sofre mudanças diante do contexto que é produzido, pois (...) não é possível expressar-se da mesma maneira em textos com finalidades diferentes; como um diário íntimo ou relato de viagens, por exemplo, e assim, podemos encontrar formas específicas de anunciação, Silva (2014), Cellard (2008).
- **Os conceitos-chave e a lógica interna do texto:** Apresenta-se de forma primordial, pois ao lidar com textos antigos, é preciso ficar atento, pois as palavras e conceitos podem mudar de sentidos, devido à evolução de alguns vocabulários, Cellard (2008), Silva (2014).

⁸⁶ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 122.

SEGUNDA PARTE

A IMPRENSA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO LATINO AMERICANO E EUROPEU

CAPÍTULO II

A IMPRENSA PEDAGÓGICA

Introdução

Neste capítulo foi realizado um histórico da imprensa pedagógica procurando contemplar desde sua origem no continente europeu a sua chegada à América Latina e Brasil. Acreditamos que este percurso nos permitiu uma visão mais minuciosa sobre a imprensa, e conseqüentemente, da imprensa pedagógica.

2. A imprensa pedagógica

Distante de fazer uma descrição densa sobre a história da imprensa, acreditamos que para um melhor entendimento sobre a imprensa pedagógica e situá-la no contexto da história da imprensa, é indispensável fazer uma breve introdução sobre a imprensa em seus tempos remotos.

A origem da imprensa para Bowen (1985), remota de anos antes de cristo quando indícios foram encontrados na mesopotâmia. Contudo, na história da imprensa de forma geral apresenta Gutenberg como seu inventor e não evidencia o surgimento da imprensa em anos remotos. Pois, o “pai da imprensa” seria seu aprimorador e não inventor. Assim para Bowen,

Na realidad la imprenta nunca fue inventada; sus orígenes se pierden em la prehistoria, y los primeros indicios de lenguaje escrito aparecen em forma de sellos impresos encontrados em Mesopotamia, que datan al menos del año 3000 a.C.; entre los años 836 y 846 se dio em China um enérgico movimiento letarario bajo los auspicios de la dinastía T'ang, y sus producciones fueron grabados em piedra⁸⁷.

Desta forma, para o autor, de fato, o processo de impressão no início do século XIV já havia se iniciado onde “[...] empezaron a utilizarse em Europa grabados em madera para imprimir – siendo uma de sus aplicaciones populares la producción de barajas-, y por esta misma época parecieron populares los libros impresos base de bloques”⁸⁸.

⁸⁷ BOWEN, James. *História de la Educación Ocicindetal* Tomo I. El mundo antigo. 2000 a.c. – 1054.d.c. Oriente próximo y Mediterráneo. 1985 p. 349.

⁸⁸ Idem. p. 349.

Nesse contexto, versamos a seguir sobre a história da imprensa pedagógica no continente europeu. Tratamos de evidenciar, de forma sucinta, os países em que Nísia Floresta viveu e produziu suas obras.

Para Hernandez Díaz, atualmente, a imprensa pedagógica e sua identidade,

[...] se construye em el contexto informativo y hermenéutico de los problemas de los maestros y profesores, de sus asociaciones y sindicatos, em los avances y retrocesos de los establecimientos escolares (escuelas infantiles y primarias, centros de educación secundaria, de formación profesional, de educación superior, universidades), en la información y análisis de otras instituciones educativas diferentes a la escuela como institución, em movimientos juveniles, em la educación del tiempo libre de todo tipo de ciudadanos, em la aportación educativa de muy diferentes movimientos sociales (pacifismo, feminismo, ecologismo, objeción de conciencia, consumerismo, naturismo, esperantismo, por ejemplo), em otros procesos educativos y científicos relativos a la pedagogía y educación⁸⁹

De acordo com esse autor a imprensa pedagógica é construída no contexto informativo/formativo que incluem alunos de grêmios estudantis, professores, sindicatos e associações, dentre outros. Ao passo que também incluem escolas do ensino fundamental e médio, assim como universidades. De forma, que a imprensa pedagógica, tem uma contribuição significativa em diferentes movimentos sociais, dentre eles, o feminismo, ecologismo e o naturalismo. Uma vez que, de acordo com Hernández Díaz (2013), através deste meio de comunicação é possível obter informações e se informar criando, assim, opiniões críticas, em que proporcionam, segundo o autor,

[...] espacios sociales colectivos, se defienden derechos (o se conculcan), y es un instrumento de comunicación social arraigado en la vida cotidiana de los ciudadanos. Es también un espacio de presencia de la educación y sus problemas, y de permanente acción educadora⁹⁰.

Dessa forma, em concordância com este autor, percebemos a importância do uso da imprensa pedagógica em todos os sentidos, quando nos referimos, ao seu uso como forma de luta social e política. Quando numa escola ou em outro ambiente, ao ser utilizada e reproduzida, independente de sua periodicidade, que de acordo com Hernández Díaz (2003) pode ser diária, semanal, mensal, decenal, quinzenal, bimestral, trimestral ou anual e através dos diversos formatos de impressos, seja revista, jornal escolar, folhetim, fanzine, dentre outros, este meio de comunicação, se apresenta com grande aliado de estudantes, professores, sindicatos,

⁸⁹HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p.11).

⁹⁰ Idem, p. 15.

associações, grêmios estudantis (...), pois se transforma no principal meio de comunicação entre a comunidade que a adota, visto que, “[...] *va a ir contruyendo suas señas de identidade e fución de la complejidade que representan los procesos de construcción e iniciativas educativas propias de la comunicad y sus instituciones, públicas y paticulares*”⁹¹

Nessa direção, ainda segundo este autor, em sua obra intitulada “Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo” a imprensa pedagógica também se apresenta em gêneros a qual pode ser classificada em prensa de escola, professores, estudantes de ensino (fundamental, médio e superior), associação, sindicatos, entre outras de caráter pedagógico e educativo. Ainda de acordo com este autor, “*La existencia de variados géneros o modalidades de prensa pedagógica, de uns riqueza impensable haasta hace bien poco, es um reto y una invitación permanente para el historiador de la educación, para que abra sus expectativas y oportunidades y hemenéuticas*”⁹².

Em consonância com Hernández Díaz, observamos a importância tanto pedagógica quanto histórica da imprensa pedagógica, pois seu valor documental, “[...] representa en el ámbito de la historia de la educación um patrimônio rico y diversificado, de creciente presencia e impacto en la historiografía educativa, y de irrenunciable consideración en la investigación pedagógica em seu conjunto”⁹³.

Nesse contexto, além dessa importância que a imprensa pedagógica representa, é imperativo ressaltar, ainda a identidade própria que a imprensa pedagógica possui, pois

*Desde su propia identidad, se convierte en um objeto historiográfico específico, con un valor añadido, en la medida que se erige en um canal informativo de los problemas educativos del tiempo histórico em que desempeña su actividad. Por otra parte, la prensa pedagógica representa uma forma posible de aproximación al conocimiento del sistema educativo (em este caso el de España), diferente a las clásicas formas de conocimiento histórico, porque la prensa pedagógica incluye el mismo tiempo uma lectura transversal del problema educativo que se aborda, que combina la dimensión normativa, con la denuncia, con la difusión de nuevas ideas y pautas pedagógicas*⁹⁴

⁹¹ Idem, p. 2013, p.15.

⁹² Idem, p. 2013, p. 30.

⁹³ Idem, p. 2013p. 31.

⁹⁴ HERNANDEZ DIAS. José Maria. *Prensa Pedagógica em Castilla y León 1793-1936-Repertorio Analítico*. 2015, p. 10.

Assim, a imprensa pedagógica representa um capítulo de extrema importância na historiografia da educação, pois surge como uma ferramenta de difusão de pensamentos e ideias pedagógicas em sua totalidade. Além disso, em um reconhecimento mais recente, de acordo com o autor supracitado, em sua obra “Prensa Pedagógica em Castilla y León 1793-1936-Repertorio Analítico” (2015), Hernández Días, reconhece a “La prensa Pedagógica como parte activa y viva del patrimonio histórico educativo, en su dimensión material, y em su significación como parte de la historia social de la educación”⁹⁵.

Em seu processo histórico, a imprensa pedagógica, remota há séculos passados no continente europeu. Contudo foi no final do século XIX, que o estudioso francês, Fernando Buisson⁹⁶ em seu dicionário de pedagogia a definição sobre o que seria os periódicos pedagógicos. Que de acordo com Hernández Días, Buisson definiu a imprensa pedagógica como uma publicação que “[...] puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando en su secuencia temporal mantiene em criterio de atención, dentro de la institución escolar o em otras diferentes, pero también educativas y formativas”⁹⁷.

Nesse período, e a partir de experiências desenvolvidas no contexto de Terceira República francesa através das reformas educacionais, lideradas por Jules Ferry⁹⁸ e orientadas por Fernando Buisson, segundo Hernández Días (2013, 2015) que nasce a imprensa pedagógica a que hoje conhecemos. E, portanto, “A partir de estas experiencias pedagógica de la escuela francesa la idea va a cujar y consolodarse y también a difundirse em muchos parajes escolares europeos desde fines del siglo XIX y primeras décadas del XX”⁹⁹

Nessa perspectiva, os estudos sobre imprensa pedagógica tomam forças no continente europeu, a partir do século XIX, contudo a existência da própria imprensa com tais finalidades pedagógicas já existiam, inclusive na Espanha, a partir do

⁹⁵ Idem, 2015, p. 11.

⁹⁶ Fernando Édouard Buisson (1841-1932). Foi um pedagogo e professor francês responsável pela modernização da educação primária francesa.

⁹⁷ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 16.

⁹⁸ Jules Ferry (1832-1893). Foi ministro da educação francesa. Além disso, foi advogado, jornalista e político francês. Inseriu a escola laica, criou escolas para meninas e tornou o ensino gratuito.

⁹⁹ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 15.

século XVIII de acordo com Hernández Díaz (2013) em sua obra, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*, assim como nos afirma Checa Godoy (2002) através de sua obra *Historia de la prensa pedagógica em España*, ao esclarecer que “*Los orígenes de la prensa educativa em España pueden remontarse prácticamente a los ecomiencos de la prensa misma, ya em 1798 se editaba em Madrid la Gazeta de los niños [...]*”¹⁰⁰ Em consonância com este autor Hernández Díaz (2013) relata que;

*Si aceptmoas el supusto, compartido com frecuencia, que afirma que la prensa pedagógica no se identifica de forma unívoca con la prensa pedagógica profisiona, aunque ésta sea seguramente su principal expresión, observamos que ya em los papeles de la Ilustración, en algunos periódicos del último cuarto del siglo XVIII editados em España, podemos aceptar um decidido componente pedagógico, um peso claro de la educación, interés preferente de quines entendían que era la palanca de transformación racional de la sociedade y de su modernización*¹⁰¹.

De acordo com este autor, desde a segunda metade do século XVIII, que a imprensa pedagógica pode ser encontrada na Espanha, apesar de está ligada a imprensa pedagógica profissional. Contudo, não é nesse país que, segundo alguns estudiosos, surge primeiramente à imprensa pedagógica, na Europa, mas na Inglaterra, posteriormente, Bélgica e França, segundo Checa Godoy (2002).

Nessa direção, ao apresentar esse breve histórico sobre a imprensa pedagógica, passamos a evidenciar a sua evolução determinado país da Europa, e como dissemos, evidenciamos brevemente, os países pelos quais, Nisia Floresta, viveu ou produziu suas obras. Inicialmente, elegemos Portugal, Itália e França. Entretanto elegemos também a Espanha, apesar de Nisia Floresta não ter vivido neste país, mas devido a sua importância que esse país representa na história da imprensa pedagógica.

Na história da evolução da imprensa pedagógica, estes países também apresentam uma importante colaboração nesse tipo de imprensa, através de pesquisadores como: Na França, *La presse d' educación et d' enseignement (XVIIIé siècle-1940)*. *Repertoire analitique*, Pierre Caspard. A imprensa de educação e ensino. Em Portugal, *Repertório analítico (séculos XIX-XX)* organizado por Antônio

¹⁰⁰ CHECA GODOY, Antônio. *História de la Prensa Pedagógica em España*. Ed. Universidad de Sevilla Secretariados de Publicaciones. 2002, p. 14.

¹⁰¹ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 16.

Nóva. Já na Itália, temos o trabalho *La stampa pedagogica e scolastica in Itália (1820-1943)* de Giorgio Chiosso.

Para um melhor entendimento sobre a organização desses repertórios analítico, Hernández Díaz (2015b), nos explana que,

Sí aplicamos el concepto de repertorio citado a las publicaciones periódicas de corte pedagógico, com um repertorio de prensa pedagógica pretendemos elaborar un listado no restringido al puro nombre (y sus referencias más amplias) de publicaciones periódicas pedgógicas que se han editado em um país, em una región, comunidad autónoma, provincia o ciudad, durante um determinado espacio temporal (um siglo, uma etapa concreta de su historia).¹⁰²

Assim, estes estudos em forma de repertorio, segundo este autor, apresenta importância significativa, pois “La presentación ordenada de ese listado (alfabético, cronológico, territorial) busca orientar, ayudar a quien de interés, que há de encontrarse em outras fuentes o pistas recogidas em el repertorio pedagógico”¹⁰³

2.2.1 Imprensa pedagógica e educação

A imprensa pedagógica tem mostrado, em vertentes diversas, seu importante papel em termos históricos e educacionais. Nesse sentido, este capítulo busca explorar além da imprensa pedagógica como fonte histórica o seu importante papel na educação, assim como sua utilização e difusão no Brasil na Europa através de Nísia Floresta.

O vasto campo que engloba os estudos sobre imprensa pedagógica proporciona, dentre outras vertentes, o seu papel na construção do conhecimento, ou seja, no processo educacional. Fato que, até o momento, é discutido com certa timidez, contudo tem mostrado sua importância a partir de estudos realizados por autores como Frenet (2004), quando defende o uso e construção do jornal escolar pelos próprios alunos. E indica sua importância diante do processo de ensino aprendizagem onde o estudante, é agente construtor do seu próprio discurso. Contribuindo, dessa forma, dentre outras coisas para despertar o interesse dos estudantes através do uso da escrita e palavras. Pois afirma que “O jornal escolar

¹⁰² HERNANDEZ DIAS. José Maria. *Prensa Pedagógica em Castilla y León 1793-1936-Repertorio Analítico*. 2015, p. 12-13.

¹⁰³ Idem, p. 12-13.

contribuirá para a harmonização do meio, que permanece um fator decisivo da educação”¹⁰⁴.

Nessa direção, percebemos que o jornal escolar se apresenta como uma ferramenta de contribuição para desenvolvimento do senso crítico e criativo em sala de aula. De forma que apresenta seu valor pedagógico no processo de ensino aprendizagem. Assim, acreditamos que este instrumento pedagógico, o jornal escolar, numa visão categórica pode ser considerada como imprensa pedagógica. Nesse sentido, com base na classificação defendida por Hernadéz Díaz (2015) está inserida na “La prensa de los Estudiantes” apesar de que segundo este autor, esta tipologia de imprensa pedagógica é vasta e diversificada.

Nesse contexto, observamos que na classificação tipológica descrita pelo autor supracitado não encontramos referência aos estudantes de ensino fundamental ou educação primária, mas apenas superior quando afirma que,

La prensa de los estudiantes tiene su origen en las universidades europeas y norte americanas en el último tercio del siglo XIX, cuando se apuesta por una concepción más abierta de la presencia de los estudiantes en as universidades y centros de educación superior, cuando se fomenta por primera vez el asociacinismo estudiantil, coincidiendo con una etapa de florecimiento de los movimientos y asociaciones de juventud, protagonizadas con autonomía por los mismos jóvenes, por primera vez en la historia¹⁰⁵.

De acordo com este autor, a imprensa pedagógica dos estudantes teve seu marco teórico nas universidades européias e norte americanos, ainda no século XIX. Sendo marcada com a participação de estudantes do ensino superior. Onde puderam expor sua autonomia fazendo um marco na história através desse fato.

Nesse direcionamento, acreditamos que a partir desse contexto, podemos dizer que os estudantes de ensino primário, ao produzirem os jornais escolares e ali expondo suas idéias e desenvolvendo sua autonomia, de certa forma, também podem ser incluídos nessa tipologia de imprensa pedagógica. Ao passo que essa inserção já é pincelada quando o próprio autor afirma que as produções realizadas por estudantes de grêmio estudantil, associações de estudantes (...) são consideradas imprensa pedagógica dos estudantes.

¹⁰⁴ FREINET, Célestin. *Pedagogia do Bom Senso*. 7ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2004, p. 25.

¹⁰⁵ HENANDÉZ DÍAS. José María. *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015ª. P. 17.

Nesse contexto, o que ressaltamos e trazemos um para um debate mais específico é o jornal escolar produzido e utilizado pelos próprios estudantes, ainda no ensino fundamental/primário. E para tanto, acreditamos que o diálogo com Freinet se torna essencial quando iniciamos a discussão sobre essa vertente do gênero da imprensa pedagógica.

2.2.2 A imprensa pedagógica e Celéstin Freinet: um diálogo possível¹⁰⁶

Começamos por dar a conhecer o responsável pela inserção da imprensa na educação. Trata-se Celéstin Freinet de um grande educador e, portanto, de difícil classificação, e que viveu das ideologias e realizações da Escola Nova e encarnou como ninguém o papel de renovador comprometido.

Nascido em Gras, região dos Alpes Marítimos de França, a 15 de outubro de 1896, Freinet era filho de camponeses e pastores, que também trabalhavam como tecelões. Transcorreram os primeiros anos de sua vida, cheios de simplicidade, na aldeia, onde dedicou-se aos trabalhos do campo. Depois da escola primária, realiza interno o curso complementar em Grasse, e em 1913 supera o exame de admissão à Escola Normal de Magistério de Niza, e recebe o título de professor de ensino básico em 1915, o qual lhe foi outorgado antecipadamente por causa da primeira guerra mundial, experiência qualificada por Freinet como “... *una aventura apocalíptica que nos habíamos jurado no repetir...*”¹⁰⁷, na qual foi ferido gravemente no pulmão direito, motivo que o fez passar anos difíceis (1916 a 1920)¹⁰⁸ por causa das sequelas físicas.

Em suas palavras, quando voltou da guerra, em 1920, não era mais que “... *un “glorioso herido” en el pumón, debilitado, agotado, incapaz de hablar en clase más de unos cuantos minutos*”. (Freinet, *Técnicas Freinet de la escuela moderna*, 1984, p.11). Mas foi em janeiro desse mesmo ano que recebeu seu primeiro destino

¹⁰⁶ Este apartado é parte integrante do artigo, cujo conteúdo é parte da Dissertação do Mestrado em Educação Contemporânea da UFPE-BR, intitulada MULHERES, EMANCIPAI-VOS! Um Estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta, da autora Ms. Elizabeth da Silva; e da Tese Doutoral em Educação da USAL-ES, intitulada A pedagogia de Freire e Freinet e a prática dos Direitos Humanos. Uma Contribuição para comunidades indígenas e quilombolas de Aqiraz, Ceará, Brasil, da autora Dra. Racquel Valério Martins. Apresentado no Congresso Internacional Prensa Pedagógica. La prensa pedagógica de los profesores. Su contribución al patrimonio histórico educativo. Salamanca, 18 -20 de outuco de 2018.

¹⁰⁷ J. Arruda, 1982; Monteagudo, 1988, p.2.

¹⁰⁸ Durante o período de convalescência, Freinet aproveita alguns períodos de repouso, quando começa a demonstrar a iniciativa e energia que estiveram sempre presentes em sua vida fazendo ele mesmo a instalação da eletricidade na localidade onde nasceu.

como professor adjunto em Bar-sur-Loup, período que iniciou investigar e discutir sobre uma nova pedagogia assumidamente popular, baseada no trabalho, influenciada pelas experiências-limite que viveu, quando pondera acerca da defesa da autonomia e da livre expressão presentes como ideais na Revolução Francesa e na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão. Começo difícil tendo em vista a má saúde, unida a sua imperícia pedagógica, o que fez Freinet pensar seriamente em mudar de profissão. Não o fez, especialmente por haver compreendido o fracasso que é o ensino tradicional, que faz da criança um ser passivo e sem uma definição de si mesma. É então com muito estudo, com a responsabilidade de estar preparando outros destinos que Freinet descobre os pedagogos de vanguardia do momento, especialmente Ferrière, que lhe confirmaram a vocação docente, visível pelo resto de sua vida.

Durante estes anos se informa e faz contato direto com as grandes correntes pedagógicas¹⁰⁹, o que o fez um homem informado do melhor que havia em seu tempo em educação, ao passo que pode selecionar aquilo que seria impossível na realidade de sua classe rural, sem recursos e empoeirada, como também dá destaque àqueles autores com os quais se identifica, de forma especial, como é o caso sobretudo de Pestalozzi¹¹⁰.

A partir de 1922, concomitantemente, aos seus estudos, ainda em Bar-sur-Loup, Freinet começa as primeiras inovações de seu grande projeto. Começam os passeios todas as tardes pelo campo com seus alunos para conectar diretamente com a vida, sobre os quais são organizadas investigações. Em 1923 experimentava o entusiasmo infantil sobre o primeiro texto livre na escola, quando logo em seguida introduziu a imprensa, sendo essas as duas grandes experiências do projeto que já sinalizava para a substituição dos manuais escolares. Posteriormente começou o intercâmbio de material e a primeira correspondência interescolar que se transformou em um prodígio. Nasceu também a *Cooperativa de Enseñanza Laica* (C.E.L.) que iniciou com um pequeno grupo de professores rurais, pobres, que

¹⁰⁹ Visita à Escola de Hamburgo em 1922; Contato com Ferrière e a Escola de Genebra (Claparède, dottrens, Piaget...) em 1923; conheceu a realidade de URSS e dos inovadores norte-americanos: Dewey, Plan Dalton e experiências de Washburne.

¹¹⁰ Pormenorizar a respeito em: Valério, R. M.; Valério D. M. (2016). A influência de Pestalozzi nas pedagogias de Célestin Freinet e Paulo Freire: utopias que nos fazem caminhar. En: J. M. (Coord.), *Influencias suizas en la educación española e iberoamericana* (pp. 453-462). Salamanca: Aquilafuente. Ediciones Universidad de Salamanca.

intercambiando materiais ultrapassaram as fronteiras francesas e transformou-se em um grande movimento de professores que se ajudavam mutuamente, e que no ano de 1929-1930 teve uma repercussão em Portugal e Espanha.

Em 1926 se casa com a também professora Elise que não foi só uma esposa, senão como ela mesma se diz, uma “...colaboradora de Freinet na ação e no pensamento...” durante quarenta anos¹¹¹.

O período entre os anos de 1932 a 1936, Freinet passou por momentos bastante difíceis (...). Vítima do conservadorismo burocrático, foi acusado pela Administração de ter aberto uma escola clandestina, foi detido em 1940 e recluso em um centro de concentração, tendo sido liberado ao final de 1941, período em que foi saqueada a escola e a C.E.L. desmembrada, tendo muitos dos antigos membros desistido definitivamente, mas Freinet continuou com todo seu trabalho meio às adversidades, mesmo tendo sofrido muito por haver sido ignorada sua participação na reforma e reorganização do ensino.

Com o aparecimento da imprensa na escola, experiência de Freinet que começa a tomar grandes proporções e que teve um alcance histórico, com a organização de um Congresso em Tours (1927) com a participação de representantes de muitas escolas. Foi aí onde se deu a consagração do Movimento Internacional da Imprensa na Escola, justificando a nova pedagogia de Freinet.

O ato de trazer uma imprensa para a sala de aula, no início do século XX, abriu os olhos das crianças para que pudessem não só acompanhar as criações tecnológicas, como aprender a trabalhar com elas. Começaram então, a produzir folhas com textos, com poemas curtos, e Freinet ficou muito entusiasmado e estimulou que levassem para a família ler, depois passaram a preparar e levar os jornais ao invés dos textos soltos. E pouco a pouco foi incentivando a que enviassem os jornais para outras pessoas, o que acabou gerando uma prática de muitos professores.

Conforme expõem Hernández Huerta y Hernández Díaz (2010), nos artigos publicados na Revista de Pedagogia, no primeiro semestre do ano de 1929, que

¹¹¹ Monteagudo, 1988, p.26.

foram os primeiros trabalhos mais minuciosos e aprofundados publicados na Espanha sobre a imprensa na escola, afirmava Manuel Juan Cluet Santiberi:

La introducción de la imprenta en la escuela se ha revelado como un medio muy a propósito para vitalizar la enseñanza, pues los niños cuentan desde los cinco años cosas sabrosísimas, que luego escriben, imprimen y leen con placer, porque son manifestaciones de su vida y de su espíritu que sienten y viven y por las cuales se interesan los demás, afirmándose su personalidad. ... La prensa reúne todas las condiciones favorables para ser usada en la educación infantil, por ser de reducido coste, de fácil construcción por los mismos alumnos, auxiliados por su maestro, y por poder utilizarla los niños desde los cinco años. ... la imprenta escolar es simplemente un útil ..., pues las mayores ventajas del empleo de la imprenta en la escuela no son precisamente las que se consiguen con el arte de imprimir ..., ni las cualidades que dicho trabajo impone a los niños ..., sino la posibilidad de modernizar la enseñanza Nada mejor que la imprenta para estudiar una cosa tan fugitiva y variable como el alma infantil ..., por contener la expresión libre, espontánea, de sus sentimientos más íntimos, de sus pensamientos y de sus deseos.¹¹²

Tais características da imprensa revelam:

... una verdadera escuela popular, viva, dinámica, adaptada a los intereses y necesidades de los muchachos, orientada por el sentido común, renovada mediante el tanteo experimental, abierta a la influencia del propio pueblo y de pueblos vecinos, mediante el cuaderno de vida –fruto de la utilización del texto libre y de la imprenta escolar–, la correspondencia interescolar, las visitas y excursiones de los escolares al entorno cercano: la escuela, en definitiva, debía de ser capaz de ayudar al niño a desarrollar «su personalidad al máximo en el seno de una comunidad racional a la que sirve y que le sirve ... », cumpliendo, de este modo, «su destino, elevándose a la dignidad y a la potencia del hombre, preparándose así a trabajar eficazmente, cuando sea adulto, lejos de las mentiras interesadas, para la realización de una sociedad armoniosa y equilibrada».¹¹³

2.2.3 A imprensa pedagógica na Europa

Nessa perspectiva, esta pesquisa elegeu os países a seguir e sua relação com a imprensa pedagógica. Procurou-se fazer um breve panorama de estudos produzidos nesses países europeus por serem os lugares onde Nísia Floresta ou fizeram parte de sua rota de viagem à época em que viveu na Europa. De foram que elegemos França, Itália e Portugal. Além disso, por ser este continente, de acordo

¹¹² CLUET, 1933, p. 203-204 y 207-208, *apud*, HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. & HERNÁNDEZ HUERTA, J. L.(2010). Cuadernos escolares y técnicas Freinet en España durante la guerra civil (1936-1939). En J. Meda, D. Montino, & S. R. (edits.), School exercise books. A complex source for a History of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries (págs. 769-792). Macerata: Edizioni Polistampa. 2010, p. 15).

¹¹³ Hernández Huerta, José Luiz. & Sánchez, L. B. (2009). La Influencia de Celestin Freinet en España durante la década de 1930. Fuentes, bibliografía, líneas de investigación. Papeles Salmantinos de Educación (Núm. 13), 2009, p.126.

com Checa Godoy (2002) onde inicialmente se deu processo histórico da imprensa pedagógica.

A França se representa uma grande importância no processo histórico da imprensa pedagógica, pois foi no contexto da Terceira República, que Jules Ferry implementou o estudo através de periódico pedagógico, influenciado pelas ideias pedagógicas de Ferdinando Buisson, em meados de 1881. Os estudantes, por sua vez, que produziam e editavam os periódicos. Ressaltamos que esse ensino através do periódico pedagógico foi uma proposta de ensino do estudioso francês, Celestin Frenet.

Saliemos ainda, o repertório Analítico elaborado por Pierre Caspard (1991), *La presse d' education et d' enseignement (XVIII^e siècle-1940). Répertoire analytique*. Que aborda as publicações pedagógicas desde o XVIII ao início da Segunda Guerra Mundial. Esta obra traz a imprensa pedagógica no sentido mais amplo. Aqueles que de forma ou outra trazem um sentido educativo. Para essa obra, de acordo com Hernández Díaz, (2015b) foi selecionado 2372 catálogos considerados mais representativos existentes na Biblioteca Nacional da França.

Na Itália, temos um repertório de autoria de Giorgio Chiosso (1997), intitulado de *La stampa pedagogica e scolastica in Italia (1820-1943)*. Esta obra oferece aos investigadores importante fonte de pesquisa na área da imprensa pedagógica, trazendo 1273 catálogos. Esta obra ainda, se apresenta bem estruturada trazendo pequeno resumo dos periódicos e revistas, além de índices diversos, demonstrando uma obra muito bem elaborada.

Em Portugal a imprensa pedagógica é representada através da obra do autor Antônio Nóvoa (1993), com a publicação de *A imprensa de educação e ensino. Repertório Analítico (séculos XIX-XX)*. Assim como em outros países esta obra representa importante fonte investigativa. Além disso, ressaltamos um outro repertório escrito em 1987 por José Manuel Motta de Souza e Lúcia Maria Mariano intitulado de *História da Imprensa Pedagógica Portuguesa*.

Já a Espanha possui uma participação no processo de historização da imprensa pedagógica. Há indícios de que desde o século XVIII há existência desse tipo de imprensa. O país apresenta diversas investigações sobre essa temática em

várias de suas províncias. A obra de Antonio Checa Godoy (2002), *Historia de la prensa pedagógica en España*. O autor realiza um estudo minucioso sobre a imprensa pedagógica na Espanha incluindo, em sua maioria, periódicos profissionais.

Além desse estudo, ressaltamos os singulares trabalhos do Professor Doutor José María Hernández Días, autor de diversas pesquisas o tipo de imprensa em questão. Dentre os quais, podemos destacar o repertório analítico intitulado, *Prensa Pedagógica em Castilla y León 1793-1936. Repertorio Analítico*, produzido em 2015. Neste o autor faz um estudo particular e bastante metucioso, onde realiza uma lista geral da imprensa pedagógica em Castilla e León e uma outra lista por províncias de Castilla e León. A obra em si, traz todos os periódicos com títulos, data de início e fim de publicação, editor, fundador, periodicidade, preço, palavra-chave, alguns com resumos e objetivos expressos nos periódicos.

Dessa forma, esta obra se torna uma fonte rica para investigadores dessa temática. Além disso, destacamos o livro, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo* de 2013. Nesta, o autor reúne diversos estudos sobre a imprensa pedagógica, onde as mesmas foram utilizadas como fonte de pesquisas por diversos investigadores, incluindo pesquisas do continente africano, europeu e americano.

O mais recente, *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo* de 2015, também segue o mesmo parâmetro que a obra anterior, mas abrange com mais intensidade a imprensa pedagógica dos estudantes. Nesta, também há trabalhos de pesquisadores diversos (Espanha, Portugal, Gabão, Brasil, Colombia dentre outros). Ambos apresentam fontes imensuráveis para o pesquisador da imprensa pedagógica, a demais estas duas últimas obras do autor mostra a importância da imprensa pedagógica como fonte de pesquisa e valor histórico. Além disso, demonstra que a imprensa pedagógica, apesar de seu estudo ser recente em alguns países, vem crescendo de forma a contribuir com as pesquisas, principalmente nas áreas de história da educação.

2.2 A imprensa pedagógica na América Latina

A América Latina em relação à imprensa em geral, não apresenta em seu histórico a presença desse meio de comunicação com a experiência dos países

européus, pois sabemos que nesses últimos países a imprensa já havia surgido há séculos antes de abarcar nos países latinos americanos. Fato, que se torna evidente, devido a própria história de colonização de tais países. Assim, a imprensa pedagógica e seu estudo também tardaram a chegar à América Latina.

Neste contexto, apesar dessa realidade, a imprensa pedagógica tem apresentado uma significativa ascensão no que se refere a sua produção e fonte de investigação. Contudo, poucos países, como o México e Brasil, apresentam um desenvolvimento aparente. No México, Irma Letícia Gutiérrez, com um estudo intitulado “La Prensa Pedagógica em el siglo XIX”, um amplo estudo sobre a imprensa pedagógica.

Já no Brasil, aparece o trabalho desenvolvido por Denice Catani e Cynthia Pareira, que se dedicam a estudar a imprensa pedagógica, especificamente, no estado de São Paulo. Em outros países alguns dos poucos trabalhos que abrangem essa temática, aparecem na publicação da obra organizada em 2013 por, José María Hernández Días, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*, e “*La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*” de 2015. Onde se destacam, na primeira obra, os trabalhos de autores Brasileiros, os únicos representantes dos países latinos americanos.

Nessa obra, o Brasil aparece com 07 investigações, as quais tratamos com mais detalhes, posteriormente. No segundo livro de Hernández Días, “*La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*” de 2015, alguns outros países se destacam como: Brasil com 35 trabalhos, Argentina 01, México 01 e a Colombia com 02. Os quais seguem discriminados a seguir:

Com a Colômbia temos a pesquisa “*La Revista Universidad y la Modernidad Educativa em Colômbia 1921-1929*”, de Leonor Mojica Sánchez e José Aberlado Díaz Jaramillo (2015) e “*Las Secciones Médicas y Pedagógicas em los Periódicos Colombianos de Principio de Siglo XX: Espacios para la difusión de Conocimiento Científico e identificación del Cuerpo Anormal Entre 1900-1930*” de Alejandro Esteban Aristizábal Montoya (2015). Já no México “*El Boletín de la Escuela de Jurisprudência de Michoacán, México, 1901-1917*”, de María Guadalupe Cedeño Peguero (2015) e na Argentina “*Periódicos de Escolares em la Argentina*

producciones Pedagógicas de la Escuela Primaria entre 1900-1960” de Silvia Finocchio (2015).

Para Bastos (2015) “Quando se adentra no campo da pesquisa historiográfica dos impressos estudantis, produzidos pelos e para os alunos, os estudos são raros tantos para o Brasil como para outros países da América Latina (...)”¹¹⁴. Apesar dessa realidade, a autora nos apresenta, alguns países latinos americanos que desenvolvem investigações através da imprensa pedagógica, além do Brasil, destaca Argentina, Chile e México. Contudo, segundo Bastos, em relação ao Chile, não foi localizado nenhum periódico específico, mas numa pesquisa de Jorge Rojas Flores (2004) *Moral y Práctica Cívicas em los niños chilenos, 1880-1950*, no capítulo 14, intitulado Las organizaciones estudiantis, Rojas Flores, analisa periódicos da época para analisar a contidando das instituições de ensino¹¹⁵.

Ainda sobre esse estudo, Rojas Flores (2004), chama atenção para o pouco tempo de duração desses periódicos. Cujo quais podemos citar: *Revista Colejial* (1906), *La juventude* (1903-1904), *Páginas del hogar*, *Penumbrias*, *La Nomécula*, *Ideales* (1913), *La falange* (1914), etc.

Nesse contexto, ainda segundo Bastos (2015), o trabalho de Sílvia Ficochio (2013), *Un tesoro inexplorado: los periódicos escolares em la Argentina*, lista 13 periódicos encontrados e publicados por estudantes, contudo, não há indícios de que haja pesquisas que explorassem tais periódicos. Já no país mexicano, a pesquisa de Norma Ramos Escobar (2012), intitulada, *Niños redactores e ilustradores de periódicos*. Um acercamento a las procucciones escolares en la escuela nuevoleonense posrevolucionaria, onde a autora realiza a análise de três periódicos o *Zoolomecatl* (1926-1928), *El Lápiz Infantil* (1928) y *La Flecha Certera* (1929).

¹¹⁴ BASTOS, Maria Helena. Impressos e Culturas escolar percursos da pesquisa sobre imprensa estudantil no Brasil. In. HERNANDES DÍAS. José María. La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015a, p.23.

¹¹⁵ BASTOS, Maria Helena. Impressos e Culturas escolar percursos da pesquisa sobre imprensa estudantil no Brasil. In. HERNANDES DÍAS. José María. La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015a, p 23.

Nessa direção, devido o pouco número de estudos sobre a imprensa pedagógica na América Latina, realizamos um breve levantamento nos principais sítios de estudos sobre História da Educação, como na Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano e de alguns países. Encontramos alguns países que possuem estudos com a temática em questão, apesar de serem em pequeno número. Dentre estes países destacamos o Uruguai, Peru e México, por exemplo, que apesar de apresentar algumas pesquisas, há um site específico, o Periódicas. edu. uy, com 242 periódicos que mantém alguma transação com a temática da imprensa pedagógica, pois há uma diversidade de periódicos que tratam de questões educacionais como escolas, professores, alunos, associações, as questões de direitos da mulheres, dentre outros.

Em relação aos outros países que compõem a América Latina, incluindo os citados, destacamos algumas principais produções¹¹⁶ da imprensa pedagógica no século XIX¹¹⁷.

Argentina: La Educación; La Revista Escolar; La Revista de la Enseñanza; La Nueva Escuela; El Monitor de Educación Común; La Acción Positiva

Bolívia: La Enseñanza Moderna

Chile: La Revista de Instrucción Primaria; El Educador

Colômbia: La Escuela, Boletín de la Escuela, Anales de Instrucción Pública

Costa Rica: El Boletín de las Escuelas

Cuba: El Magistério; El Instructor.

Equador: El Filántropo

El Salvador: La nueva enseñanza

Guatemala: El Monitor Escolar

Haiti: Não encontrado

Honduras: Não encontrado

México: Periódico mexicano do século XIX el Periquito.

Nicarágua: Não encontrado

Panamá: Não encontrado

Paraguai - El Normalista- Asunción

¹¹⁶ Ver exemplares desses periódicos no anexo 371.

¹¹⁷ Com base em estudo realizado por Mtra. Irma Leticia Moreno Gutierrez- Investigadora Del ISCEEM. Disponível: em <http://biblioweb.tic.unam.mx/diccionario/htm/articulos>.

Peru- El Magisterio; El Instructor.

República Dominicana- Nao encontrado

Uruguai - Boletín de Enseñanza Primaria; El Estudio.

Venezuela- El Instructor Venezuelano.

Esse resultado nos mostra o pequeno número de produção da imprensa pedagógica desses países no século XIX. O que pode justificar as poucas pesquisas dessa imprensa na maioria dos referidos países. Ressaltamos que Brasil não se encontra na lista acima, pelo fato de receber um estudo mais aprofundado sobre a imprensa pedagógica. Como veremos a seguir.

CAPÍTULO III

IMPrensa PEDAGÓGICA NO BRASIL

Introdução

Diante desse breve histórico da imprensa pedagógica na América Latina, nos adentramos no estudo dessa imprensa, no contexto brasileiro. Tal estudo foi estudado mais detalhadamente, no Brasil, pois este se apresenta como nosso campo de pesquisa, uma vez que, foi neste país, que nasceu e viveu, Nísia Floresta.

3. Panorama da imprensa pedagógica no Brasil

Antes de adentrar no contexto, propriamente dito da imprensa pedagógica no Brasil, é necessário que se tenha o entendimento de como se deu o processo da imprensa em solos brasileiros, nessa direção, Silva (2014) em sua dissertação de mestrado, traz com contidência, um breve histórico de tal acontecimento. Onde a autora, afirma em diálogo com (Silva, 1988) que,

Entre os países das Américas, o Brasil foi oficialmente, o último a conhecer a tipografia em 1808, quando o príncipe regente D. João inicia Impressão Régia, no Rio de Janeiro. A imprensa oficial nasceu da própria impressão Régia com o jornal, "A gazeta" do Rio de Janeiro, primeiro jornal oficial a circular, regularmente pelo país. Mas não foi por acaso que o Brasil tardou para conhecer oficialmente a impressão. O interesse dos colonizadores eram outros, devido a motivos políticos impostos por Portugal, no sentido de nutrir dependência através da ignorância cultural, o Brasil só viria conhecer, oficialmente, a tipografia a partir de 13 de maio de 1808¹¹⁸.

Diante desse cenário, ainda de acordo essa autora, havia outros interesses pelo qual objetivavam, a chegada tardia da imprensa, ao conhecimento do povo brasileiro.

Não foi por um acaso que a tipografia, no Brasil, foi proibida por muito tempo. Pois esta liberação poderia ser um dos instrumentos para propagação do conhecimento, que por sua vez, acontecia pausadamente e para poucos. Nesse sentido, assim como tardou a imprensa, tardou o acesso ao conhecimento, sobretudo para as mulheres. O fato de a

¹¹⁸ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 97-98).

imprensa ser o meio pelo qual as notícias se difundiam, a proibição desta, poderia ser uma forma de manter o Brasil alienado da realidade de além-mar, sendo orientado, apenas pelas ideias e posicionamento da metrópole. A imprensa de caráter mais revolucionário representava, nesse sentido, uma ameaça para os detentores do poder¹¹⁹.

Concordamos com essa autora, pois em um país onde a educação foi negada por séculos a grande parcela da sociedade da época; restringir o acesso à imprensa, e conseqüentemente, a forma de se expressar, seria uma ameaça real as detentores do poder, que eram formados por pessoas do sexo masculino e de descendência europeia. De fato, não havia interesse algum para que a população brasileira pudesse obter conhecimentos, sobretudo, quando havia o objetivo de manutenção de uma população formada a partir de bases exploradas, genocídias e patriarcais.

Apesar desse impasse, aos poucos, a realidade foi da imprensa foi tomando outros rumos no território brasileiro. No entanto, segundo Silva (2014) “Muito antes da imprensa chegar ao Brasil, alguns pesquisadores defendiam que uma pequena tipografia já havia chegado a Pernambuco em 1706, a qual se dedicava a impressão de letras de câmbio e breves orações devotas”¹²⁰. Nesse contexto, inicia um outro tipo de imprensa; a imprensa revolucionária, e para tanto, a imprensa pedagógica.

A imprensa para essa finalidade, no caso, a educação, ainda era acanhada no início do uso da imprensa no Brasil. Contudo, mesmo sem ainda, naquela época, ter o entendimento desse tipo de imprensa e seu objetivo, já se produzia a imprensa que hoje é denominada de imprensa pedagógica, pois de acordo com Hernández Díaz (2013) “Una publicación periódica puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando em su secuencia temporal mantiene um critério de atención y estudio expresamente interesado em asuntos que afectan a los procesos de la educación”¹²¹.

Nessa direção, algumas outras autoras brasileiras das quais podemos citar Denice Bárbara Catani, professora do departamento de História da Educação da Universidade de São Paulo (USP), afirma que tanto o entendimento como produção e uso investigativo,

¹¹⁹ Idem, 2014, p. 95-95.

¹²⁰ Idem, 2104, p. 98.

¹²¹ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p.16.

Embora o recurso aos periódicos como fontes fosse feito na produção histórico-educacional brasileira, desde há muito, sua retomada numa perspectiva mais vigorosa e sua consideração enquanto manifestação do estado de relações de forças no campo educacional foi algo que se configurou nas últimas décadas ¹²²

Ainda de acordo com a autora, esses estudos de forma sistemática na área da educação, realmente, se destacaram no final da década de oitenta do século XX. Em comunhão com essa autora, Elizabeth da Silva (2014), afirma que “De fato, a imprensa pedagógica há tempos era utilizada no Brasil, mas esse conceito era pouco conhecido, na medida em que pode se dizer da baixa escolarização da grande parte da sociedade e do difícil acesso a esse tipo de publicação” ¹²³.

De acordo com essa autora, por a imprensa ter recebido um destaque diferenciado durante a sua história muitas das publicações entraram em anonimato. Nesse sentido,

Esses podem ser considerados um dos motivos, pelo qual este tipo de publicação, ainda apresenta desconhecimento para alguns estudiosos brasileiros. Ou ainda, por ser, a imprensa pedagógica, uma definição feita, apenas, no final do século XIX, por Fernando Buisson ¹²⁴

Segundo a autora em diálogo com Hernández Días, Buisson utilizou esse termo, no final do século XIX em seu dicionário de pedagogia para os franceses, quando se referia aos periódicos de cunho educacional. E complementa seu pensamento afirmando que quiçá, este seja um dos motivos responsáveis pelo pouco conhecimento sobre esse tipo de estudo no Brasil, (Silva, 2014).

Apesar do tardio reconhecimento, atualmente, os estudos sobre a imprensa pedagógica como fonte e objeto de estudo vem tomando proporções significativas em pesquisas brasileiras, a partir desse século XXI. Podemos evidenciar esse crescimento, por exemplo, ao compararmos os números de produções encontradas nos trabalhos organizados por Hernandez Díaz, entre 2013 e 2015, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo e La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*. Na primeira, tivemos apenas 07

¹²² CATANI, Denice Bárbara. *A imprensa Periódica Pedagógica e a História dos Estudos Educacionais no Brasil*. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 116.

¹²³SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p.98.

¹²⁴Idem, p. 98.

produções, enquanto, que nesse último, foi atingido o total de 35 produções de pesquisadores (as) brasileiras (os). Como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 11: Publicações brasileiras na obra Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo e La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo

TÍTULO DA PESQUISA	AUTORAS (ES)	INSTITUIÇÃO
A imprensa periódica pedagógica e a história dos estudos educacionais no Brasil.	Denice Bárbara Catani	Universidade de São Paulo
A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e a Discussão sobre as medidas de avaliação da qualidade da educação no Brasil.	Berenice Corsetti	Universidade do Vale dos Sinos
A Revista Scientia et Virtus: Patrimônio do Seminário Sagrado de Jesus de Aracaju/SE/ Brasil	Raylane Andreza Dias Navarro Barreto Patrícia Souza de Nunes Silva	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Instituto Federal de Sergipe
Educação como missão: Um professor de primeiras nas páginas da Revista A escola	Alexandra Lima da Silva	Universidade Federal de Mato Grosso
A imprensa e o perigo vermelho que se esgueira: Instituição, proletariado e propostas pedagógicas católicas na Paraíba das décadas de 1940-1950.	José Jassuipi da Silva Morais Ramsés Nunes da Silva	Universidade Federal da Paraíba Universidade Federal da Paraíba
A imprensa pedagógica e o feminismo no século XIX: Nísia Floresta e a educação das mulheres no Brasil.	Elizabeth Maria da Silva Allene Lage	Universidade Federal de Pernambuco.
A modernidade pedagógica no discurso médico no século XIX no Brasil: Uma análise da Revista Médica da Bahia (1866-1920).	Dislane Zerbinatti Moraes	Universidade de São Paulo

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Hernández Díaz (2013).

Observamos que os 07 trabalhos de pesquisadores brasileiros que compõem esta obra, apresentam pesquisas diversas, contudo, 04 delas, “A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e a Discussão sobre as medidas de avaliação da qualidade da educação no Brasil”, “A Revista Scientia et Virtus: Patrimônio do Seminário Sagrado de Jesus de Aracaju/SE/ Brasil”, “Educação como missão: Um professor de primeiras nas páginas da Revista A escola” e “A modernidade pedagógica no discurso médico no século XIX no Brasil: Uma análise da Revista Médica da Bahia (1866-1920)”, elegeram revistas para realização de tais investigações, utilizando-as

como fonte de pesquisa a fim de debater temas que em sua maioria de detiveram-se na figura do professor, seja em sua prática ou método de avaliação, apenas uma delas axaminou a modernidade pedagógica numa revista médica.

Enquanto que 03 pesquisas trataram sobre temas diferentes uma sobre a imprensa pedagógica e o feminismo, “A imprensa pedagógica e o feminismo no século XIX: Nísia Floresta e a educação das mulheres no Brasil”, “A imprensa e o perigo vermelho que se esgueira: Instituição, proletariado e propostas pedagógicas católicas na Paraíba das décadas de 1940-1950”, e logo, outra pesquisa que traz um estudo sobre a história da educação no Brasil e os periódicos pedagógicos, “A imprensa periódica pedagógica e a história dos estudos educacionais no Brasil” de Denice Bárbara Catani. Ressaltamos que o Brasil esteve representado por 04 das suas 05 regiões, assim discriminadas, Nordeste com 03, Sudeste 02, Sul 01 e Centro- Oeste com 01.

Nesta segunda obra, também organizada, por Hernández Díaz, *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*, 2015, observamos o quantitativo de 34 trabalhos originários de pesquisadores brasileiros, distribuídas em áreas diversas do campo pedagógico educacional. Essa segunda obra do autor foi decomposta em 04 seções, assim distribuídas: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.

Quadro 12Quadro 13: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.

LA PRENSA DE LOS ESCOLARES		
TÍTULO DA PESQUISA	AUTORAS (ES)	INSTITUIÇÃO
Impressos e cultura escolar percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil	Maria Helena Câmara Bastos	Pontificia Universidade do Rio de Grande do Sul
Traçando vidas escolares a partir de um impresso: “JB-Jornal do Becker” (Colégio Estadual D. João Becker-1985/1986)	Doris Bittencourt Almeida Maria Helena Câmara Bastos	Pontificia Universidade do Rio de Grande do Sul
O papiro-espaco de construção da escrita e da memória.	Patrícia Amaral Siqueira	Rio de Janeiro
Como elaborar o jornal escolar? Orientações para as professoras na revista do ensino/ RS (1950-1960).	Tatiane de Freitas Ermel	Pontificia Universidade do Rio de Grande do Sul
Doutrinação da infância no estado novo	Ademir Valdir dos Santos	Universidade

brasileiro: O jornal escolar “Tudo pelo Brasil”.	Elcio Cecchetti Mara Salgado	Federal de Santa Catarina
Entre versos e prosas: A literatura infantil de Coelho Neto através da Revista Pedagógica o Tico-Tico.	Shayenne Schneider Silva	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
O catecismo cívico do Brasil novo: Veículo de propaganda e doutrinação nas escolas	Daniele Hungaro da Silva Ademir Valdir dos Santos Ana Paula da Silva Freire	Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Hernández Díaz (2015).

Nestes 07 trabalhos que compõem a primeira seção do livro, observamos que são discutidos temas diversos que ressaltam de pesquisas à religião, no campo pedagógico. Dentre estes 03 trabalham com jornais, 02 deles analisam a questão da religião na infância, 01 analisa o ensino infantil, o último ensina a fazer o jornal escolar. Há também 01 trabalho com Revistas “Entre versos e prosas: A literatura infantil de Coelho Neto através da Revista Pedagógica o Tico-Tico” que também analisa a educação infantil.

Os seguintes trazem a questão da religião no sistema de ensino brasileiro “O catecismo cívico do Brasil novo: Veículo de propaganda e doutrinação nas escolas ambiente escolar”. Nesse contexto, apenas 01 pesquisa, de Maria Helena Câmara Bastos, explora o estudo sobre o uso da imprensa pedagógica como fonte de pesquisa. “Impressos e cultura escolar percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil”.

Observamos que, apesar desses trabalhos, estarem nessa seção de imprensa das escolas, as temáticas ali apresentadas, trouxeram temas diversos que envolvem o ambiente escolar em geral. Ao passo, que também ressaltamos, a participação de pesquisadores de apenas duas regiões geográficas do Brasil, as regiões Sudeste com 01 e Sul com 05.

Quadro 13- La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiantés e Outra prensa pedagógica.

LA PRENSA DE LOS COLEGIALES		
Jornal da Família: Uma iniciativa de jovens estudantes (1958 até a presente data).	Maria Helena Câmara Bastos Tatiane de Freitas Ermel	Pontificia Universidade do Rio de Grande do Sul
A voz do estudante: periódicos estudantis, memória e cultura escolar (Cuiabá, 1926-1944).	Alexandra Lima da Silva Nileide Souza Dourado	Universidade Federal de Mato Grosso
O Collegio Augusto e sua imprensa pedagógica: uma escola par meninas do	Elizabeth da Silva	Universidad de Salamanca-ES

Brasil do século XIX.		
“Vida escolar” Em Campo Grande (Sul de Mato Grosso): Um periódico estudantil na Década de 1930.	Jaíne Massirer da Silva Kênia Hilda Moreira	Universidade Federal da Grande Dourados
Um Colégio nas encruzilhadas da liberdade Os discursos de estudantes nos anuários do colégio Catarinense (1945-1959).	Rogério Luiz de Souza	Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Hernández Díaz (2015).

Esta seção, composta por 05 investigações, abrange de forma geral, 04 pesquisas com jornais produzidos pelos estudantes, buscando dá voz a tais estes através imprensa pedagógica, como o “A voz do estudante: periódicos estudantis, memória e cultura escolar (Cuiabá, 1926-1944)”, “Vida escolar” Em Campo Grande (Sul de Mato Grosso): Um periódico estudantil na Década de 1930”, “Um Colégio nas encruzilhadas da liberdade Os discursos de estudantes nos anuários do colégio Catarinense (1945-1959)”, ao passo que um desses, mesmo que produzindo pelos estudantes se referia a questão da família, o “Jornal da Família: Uma iniciativa de jovens estudantes (1958 até a presente data)”.

De forma que apenas uma das pesquisas apresenta uma investigação intitulada, “O Collegio Augusto e sua imprensa pedagógica: uma escola para meninas do Brasil do século XIX”, onde discute a questão da educação das meninas no Brasil no século em questão, através de escritos da diretora da instituição, a Nísia Floresta. Em relação, origens regionais do Brasil, 02 pesquisas são região Sul, 02 da Centro-Oeste e 01 se diferencia, pois, apesar de se referir à pesquisa no Brasil, é oriunda da Univesidad de Salamanca- ES.

Quadro 14: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica.

LA PRENSA DE LOS ESTUDIANTES		
O Bonde (1945-1963): História serial e recorrências temáticas do semanário estudantil Esaviano.	Denilson Santos de Azevedo	Universidade Federal de Viçosa
A pedagogia do catecismo na Escola Normal Particular Amato Lusitano através da “Seiva-Revista de Cultura” (1955-1959).	Helder Henriques Evelyn de Almeida Orlando	Universidade de Coimbra PUC- Paraná
Entre práticas e representações: O Colégio “Oswaldo Cruz” de Dourados-MS, Brasil e o Jornal Estudantil o “ABC”: Década de 1960.	Eglen de Oliveira Passone Rodrigues Kênia Hilda Moreira	Universidade Federal da Grande Dourados
Entre lembranças e reconstruções de identidades estudantis: Capítulos	Dislane Zerbinatti Moraes	Universidade de São Paulo

da História da Imprensa estudantil na Universidade de São Paulo (1980-2015).		
--	--	--

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Hernández Díaz (2015).

Composta por 04 pesquisas, esta seção traz discussão muito próxima da anterior, contudo, diferem-se por que nesta seção, as investigações foram realizadas a partir de periódicos produzidos pelos estudades e para os estudantes, no caso do “O Bonde (1945-1963): História serial e recorrências temáticas do semanário estudantil Esaviano”, “A pedagogia do catecismo na Escola Normal Particular Amato Lusitano através da “Seiva-Revista de Cultura” (1955-1959)”, “Entre práticas e representações: O Colégio “Osvaldo Cruz” de Dourados-MS, Brasil e o Jornal Estudantil o “ABC”: Década de 1960” e “Entre memórias e reconstruções de identidades estudantis: Capítulos da História da Imprensa estudantil na Universidade de São Paulo (1980-2015)”.

Quando nos aportamos para os pertencimentos regiões dos estudiosos, temos o seguinte: 03 do Sudesde (uma dessas pesquisas com autoria de 02 pesquisadores, um desses pertence à Universidade de Coimbra-Portugal) e 01 do Centro-Oeste do país.

Quadro 15- La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiantdes e Outra prensa pedagógica.

OUTRA PRENSA PEDAGÓGICA		
A instrução Pública: Representações sobre a profissão docente na década de 1880.	Adriana Valentim Beaklini	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Impressos de formação: a artesanaria na construção docente da educação especial carioca.	Leila Blanco	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Síntese informativa da UPPE: Marcas de um periódico pedagógico para professores primários (1968).	Rosa Maria Souza Braga	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Institucionalização do método montessori no Brasil: Perspectivas com base em acervos digitais da imprensa escrita e da radiodifusão.	Simone Ballmann de Campos Ademir Valdir dos Santos	Universidade Federal de Santa Catarina
O Almanaque da Parnaíba e a instrução pública entre 1924 e 1940 no Piauí/Brasil.	Jeferson Luís Marinho de Carvalho Luciane Sgarbi Santos Grazziotin	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí. Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Boas práticas de instrução na Revista de Educação e Ensino (1891-195).	Maricilde Oliveira Coelho	Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará
Série currículos: Práticas de leitura e	Regina Márcia Gomes	Universidade Estadual do

escrita no impresso pedagógico para docentes das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro (1976-1979).	Crespo	Norte Fluminense Darcy Ribeiro.
A Revista Editora do Brasil (EBSA): Uma pauta para professores brasileiros (1953-1964).	Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina
O estudo: Periódico pedagógico dos professores do Distrito Federal (1908-1909).	Heloísa Helena Meirelles dos Santos	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Os ideais de Oscar Lorenzo Fernandez sobre o ensino da música publicados na Revista Ilustração Musical.	Ednardo Monteiro Ganzaga do Monti	Universidade Federal do Piauí
A educação rural na imprensa de Joinville/Brasil	Alcione Nawroski Daniele Hungaro	Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina
Entre as trincheiras de papel: As querelas na imprensa pedagógica católica e a secularização das práticas instrucionais na Parahyba do Norte (1897-1912).	Ramsés Nunes e Silva	Universidade Estadual da Paraíba
O ensino de moral e cívica á cidadania: Uma análise das publicações da revista Brasileira de estudos Pedagógicos entre 1980 e 1995.	Maria Augusta Martiarena de Oliveira Berenice Corsetti	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rio do Grande do Sul Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Aspectos da institucionalização da escola no “Jornal de Joinville” (Década de 1920).	Mara Salgado Elcio Cecchetti Ademir Valdir dos Santos	Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina
Um cárcere salubre e educativo: O discurso humanizador presente na Revista a Estrela- Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal (1951-1955).	Daiane de Oliveira Tavares	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Jornais pedagógicos para indígenas no Ceará (Brasil) com desenhos animados: Um olhar com humor sobre assuntos sérios	Racquel Valério Martis	Faculdade Ateneu- Ceará

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Hernández Díaz (2015).

Esta seção é aparece com maior representação na obra de Herdández Díaz, 2015. Desta forma, é composta por 16 pesquisas que e trazem o estudo da imprensa pedagógica com a diversidade analítica que seu corpus possui. Os trabalhos aqui apresentados abordam da temática que inclui da profissão docente à questão indígena. Dentre os 16 trabalhos 04 abordam a questão da profissão docente, “A instrução Pública: Representações sobre a profissão docente na década de 1880”, “Síntese informativa da UPPE: Marcas de um periódico pedagógico para professores primários (1968)”, “A Revista Editora do Brasil (EBSA): Uma pauta para

professores brasileiros (1953-1964)", "O estudo: Periódico pedagógico dos professores do Distrito Federal (1908-1909)".

Enquanto aos trabalhos que ressaltam o método de ensino 02 esplanam sobre "Institucionalização do método montessori no Brasil: Perspectivas com base em acervos digitais da imprensa escrita e da radiodifusão" e "Entre as trincheiras de papel: As querelas na imprensa pedagógica católica e a secularização das práticas instrucionais na Parahyba do Norte (1897-1912)".

Nesse sentido, sobre a instrução pública temos 05 trabalhos; "O Almanaque da Parnaíba e a instrução pública entre 1924 e 1940 no Piauí/Brasil", "Boas práticas de instrução na Revista de Educação e Ensino (1891-195)", "Série currículos: Práticas de leitura e escrita no impresso pedagógico para docentes das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro (1976-1979)", "O ensino de moral e cívica á cidadania: Uma análise das publicações da revista Brasileira de estudos Pedagógicos entre 1980 e 1995", Aspectos da institucionalização da escola no "Jornal de Joinville" (Década de 1920).

Observamos que a educação do campo aparece com 01 estudo sobre "A educação rural na imprensa de Joinville/Brasil", assim como a educação desenvolvida em penitenciária com 01 trabalho sobre "Um cárcere salubre e educativo: O discurso humanizador presente na Revista a Estrela- Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal (1951-1955)".

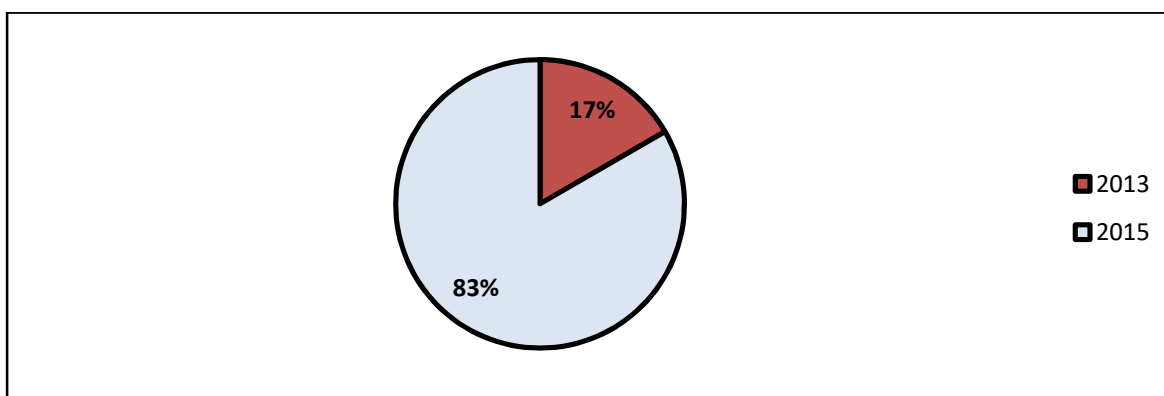
Nessa seção a educação especial também é ressaltada na pesquisa; "Impressos de formação: a artesanaria na construção docente da educação especial carioca", assim como a investigação do sobre música, também com 01 trabalho sobre; "Os ideais de Oscar Lorenzo Fernandez sobre o ensino da música publicados na Revista Ilustração Musical".

Por último também ressaltamos a pesquisa sobre a questão indígena com o estudo sobre "Jornais pedagógicos para indígenas no Ceará (Brasil) com desenhos animados: Um olhar com humor sobre assuntos sérios". Nesse contexto, estas pesquisas, no geral, utilizaram como fonte de pesquisa, jornais e revistas profissionais na área de educação. Enquanto ao pertencimento regionais das (os) investigadora (es) brasileiros a representatividade por cada região ficou assim: 01

região Norte, 04 Nordeste, 06 Sudeste, 05 Sul e nenhuma representou a região Centro-Oeste.

Nessa direção, o gráfico 01 reúne todas as pesquisas apresentadas nesses dois eventos internacionais e de referência sobre o estudo da imprensa pedagógica em diversos fins investigativos.

Gráfico 1: Total de produções entre os anos de 2013 e 2015



Fonte: A autora, a partir de Hernández Díaz (2013 e 2015).

De acordo com este gráfico, percebemos o avanço nas pesquisas sobre imprensa pedagógica, nesse sentido, recorreremos à afirmação de Maria Helena Bastos (2007), que apesar de ter sido feita há uma década, acreditamos que pode justificar a ascensão de estudos nessa área, atualmente. Uma vez que, a imprensa pedagógica, pode ser considerada como documento de amplitudes vastas, e o seu reconhecimento como fonte e objeto de estudo esteja tendo tal reconhecimento, pela descoberta de que a imprensa “Se constitui em um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social [...]”¹²⁵.

Dessa forma, nos direciona a realidade do cotidiano escolar, de forma que nos permite investigar a realidade e ideologias de um grupo, uma vez que o discurso, assim como os textos visuais, cujo identificamos na imprensa pedagógica, pode nos levar a investigações significativas e diversas.

Nessa direção, comugamos com Dislane Zerbinatti Moraes (2013), ao dialogar com Antônio Nóvoa (1993), Elizabeth da Silva (2014) ao se referir aos

¹²⁵BASTOS, Maria Helena. A imprensa de Educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. In. Revista Brasileira de Educação. Vol. 12. N. 34- Rio de Janeiro- 2007.p. 167.

periódicos pedagógicos e suas publicações afirma, que além de nos permitir investigar a realidade e ideologias de um grupo nos permite entender “[...] pontos de vista de atores sociais, como os professores, pensadores da educação, alunos, associações e instituições. Como lugar de construção de identidade de grupos, as escritas assumem os debates, tensões e conflitos”¹²⁶. Além disso, complementa Bastos e Catani (2002), que a imprensa pedagógica,

Torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social a partir da análise do discurso veiculado e das ressonâncias dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar¹²⁷

Nessa perspectiva, percebemos a importância do estudo sobre a imprensa pedagógica em seu sentido mais amplo. Contudo, de acordo com Rezende (2005), o pesquisador precisa atentar a heterogeneidade da imprensa pedagógica, pois cada veículo seletivo necessita ser analisado de acordo com sua especificidade. Nesse sentido, entendemos que, o fato de que a tipologia diversa existente nas áreas, no corpus que compõe a imprensa pedagógica, determine uma atenção mais precisa do pesquisador. Uma vez que;

O estudo do lugar da imprensa periódica de educação e ensino no discurso social, as estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais revelam-se, assim, ricos de informações ao pesquisador para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e às instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovações e continuidade que representa, das contradições do discurso¹²⁸

Nesse contexto, é preciso, ainda para as denominações entre imprensa pedagógica, periódico pedagógico e imprensa educacional. Nessas condições, Catani e Bastos (1997), explicitam que;

Jornais, boletins, revistas, magazines- feitas por professores para professores, feitas para alunos por seu pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, igrejas- contêm e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise

¹²⁶MORAES, Dislane Zerbinatti. *A Modernidade Pedagógica no Discurso Médico do Século XIX no Brasil: uma análise da Revista Gazeta da Bahia (1866-1920)*. In HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.): *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003, p. 427.

¹²⁷ BASTOS, Maria Helena. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul 1951-1952. In: CATANI, Denice; Bastos, Maria Helena (Org.). *Educação em Revista: A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002, p.05.

¹²⁸ BASTOS, Maria Helena. A imprensa de educação e ensino: observatório da formação docente e discente (Brasil, 1950-1980). In. *Archivos de Ciencia de la Educación*, nº 100, 2016. p.03.

possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares¹²⁹.

De fato, a magnitude do corpus investigativo da imprensa pedagógica, apresenta-se com possibilidades diversas de pesquisas para comunidade científica. Segundo, a autora supracita, em diálogo com Juri Meda (2011), salienta que o corpus documental desses impressos “Permite ser analisado de diferentes perspectivas: desde a história da imprensa à história das editoras; da história da ilustração à história do processo cultural e da mídia; da história da educação à história da literatura para a infância e da leitura”¹³⁰.

Contudo, a autora ressalta, ainda, que tais estudos se compreendem variedades de publicações compostas de características internas e externas, variedades essas que podem ser: revistas recreativas, quadrinhos, suplementos, além de imprensa escolar, boletins de associações de jovens ou grêmios estudantis que assumam uma finalidade educativa, recreativa, socializante e/ou de propaganda, que atendem aos públicos de diferentes idades e gêneros (Bastos, 2016).

É nesse contexto dessa magnitude, que essa investigação, se apresenta com uma perspectiva centrada nos impressos pedagógicos, produzidos no Brasil do século XIX.

¹²⁹ CATANI, Denice. BASTOS, Maria Helena. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul 1951-1952. In: CATANI, Denice; Bastos, Maria Helena (Org.). Educação em Revista: A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 07.

¹³⁰ BASTOS, Maria Helena. A imprensa de educação e ensino: observatório da formação docente e discente (Brasil, 1950-1980). In. Archivos de Ciencia de la Educación, nº 100, 2016. p.10.

3.2 Periódicos no Brasil do século XIX (1800-1859)

Para uma melhor localização e entendimento do que se propôs este subtítulo, segue abaixo, o mapa do Brasil com suas respectivas regiões, Estados e Capitais.

Mapa 1: Divisão Política Administrativa do Brasil



Fonte: <https://www.estadosecapitaisdobrasil.com/imagens/mapas-brasil/mapa-politico-brasil>

Buscamos nessa parte da pesquisa, encontrar periódicos brasileiros do século XIX, entre anos de 1800 a 1859. Esse recorte temporal foi determinado de acordo com a vivência de Nísia Floresta no Brasil. Estabelecemos 10 anos antes do seu nascimento datado de 1810 e 10 anos após sua 1ª saída do Brasil para viver na Europa em 1849.

A pesquisa foi realizada, na Hemeroteca Nacional Brasileira, buscando mapear todos os periódicos dessa época em todos os Estados do Brasil totalizando 1.181 exemplares. Na Região Nordeste foram encontrados 421, na Norte 18, Centro Oeste 13, Sudeste 652 e na Sul 77. Para tanto, foram estabelecidas três palavras chaves: Educação das Meninas, Educação das Mulheres e Direito das Mulheres. Esta garimpagem mostrou-se necessária, pois a partir dela, podemos observar como

estava o contexto da discussão sobre a questão da educação dispensada ao sexo feminino e ao seu direito como cidadã.

Além disso, nos permite fazer um levantamento sobre a imprensa pedagógica e feminista no Brasil do século XIX, antes e depois da participação de Nísia Floresta na imprensa brasileira.

3.2.1 REGIÃO NORDESTE

A região nordeste é a que comporta o maior número de estados brasileiros. É composta por 09 estados, os quais estão citados no quadro a seguir. Seguiremos por ordem alfabética dos estados e de acordo com a sequência dos surgimentos dos periódicos em cada Estado segundo pesquisa na Hemeroteca Nacional Brasileira.

Quadro 16: Periódicos do nordeste do Brasil- século XIX (1800-1859).

REGIÃO NORDESTE			PALAVRAS-CHAVES		
Estados	Total	Periódicos contendo as palavras chaves	Educação das Meninas	Educação das Mulheres	Direito das Mulheres
Alagoas	08	-	-	-	-
Bahia	95	-Correio Mercantil/1838	02	-	-
		-O Comerciário: Folha Oficial e Mercantil/ 1843	01	-	-
		-O Athenêo- 1849	01	-	-
		- O noticiador Cathólico/1854	01	01	-
		-Relatório dos trabalhadores do Conselho Literário da Bahia/1856	-	-	-
Ceará	33	-	-	-	-
Paraíba	25	-	-	-	-
Pernambuco	94	-Diário de Pernambuco -1833-1839	2	01	2
		-1843-1848	4		
		-1842-1849	3	14	14
		-1854-1855	06	02	01
		-Diário Novo/ 1843-1846	1	25	35
Maranhão	119	- Farol Maranhense/1830	1		
		-O investigador Maranhense/1836		1	
		-Publicador Maranhense-1853	01		
Piauí	18	-O Patriota- 1802		01	
Rio Grande do Norte	14	-	-	-	-

Sergipe	15	Correio Sergipano-1858	01	02	
---------	----	------------------------	----	----	--

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

- **Alagoas**

Observamos que o Estado de Alagoas, mesmo que coteja periódicos a partir de 18010, não apresenta entre o total encontrado, na Hemeroteca Nacional Brasileira, nenhum que conte as palavras chaves “Educação das meninas”, “Educação das Mulheres” ou “Direitos das Mulheres”.

- **Bahia**

No Estado da Bahia, os periódicos encontrados na HBN iniciam a partir de 1810. Foram encontrados 95 periódicos no total, onde apenas seis contem as palavras chaves em questão, assim divididas; cinco correspondem à educação das meninas, um, sobre a educação das mulheres.

Educação das meninas: No Correio Mercantil de 1838 as palavras chaves constavam em anúncios sobre venda do livro de François Fénelon que trata da educação das meninas. No Comerciário: Folha Oficial e Mercantil de 1843, O Athenêo de 1849 seguem o mesmo conteúdo que os periódicos anteriores. Já O noticiador Cathólico de 1854, traz a questão da educação das meninas no contexto dessa educação em instituto de caridade.

Educação das mulheres: O Relatório dos trabalhadores do Conselho Literário da Bahia de 1856, cita o livro de Fénelon, assim como as mudanças que deveriam ter na educação das mulheres.

- **Ceará a partir de 1820**

No Estado do Ceará foram encontrados 33 periódicos, contudo não existem as palavras chaves estabelecidas.

- **Maranhão**

Neste Estado, o surgimento de periódicos inicia-se a partir de 1820. Na HNB foram encontrados 119 periódicos no total até 1859. Enquanto às palavras chaves foram encontradas duas sobre educação das meninas e uma sobre a educação das mulheres, assim contextualizadas a seguir.

Educação das meninas: No Farol Maranhense de 1830, o contexto da palavra chave, se refere sobre a necessidade de igualdade sobre a educação das meninas aos dos meninos. Já no Publicador Maranhense de 1853, há uma procura por mulheres para dá educação às meninas.

Educação das mulheres: No, O investigador Maranhense de 1836, surge a palavra educação das mulheres defendendo a educação desta com objetivo familiar.

- **Paraíba**

Neste estado paraibando, onde, de acordo com HNB foram encontras periódicos a partir 1820, ao passo que não foi localizado entre 25 periódicos existentes, nesta hemeroteca, entre 1800 a 1859, nenhuma das palavras chaves em questão.

- **Pernambuco 1820**

Em Pernambuco a HNB dispõe de periódicos a partir de 1820, onde faz parte de seu acervo 94 exemplares. Deste total foram localizadas 49 palavras chaves pesquisadas.

Educação das meninas: No Diário de Pernambuco/1834 a educação das meninas aparece em anúncio sobre a venda de livros de Fénelon. Além disso, também um texto assinado pelo, O carapuceiro, fala sobre a educação das meninas. Já em 1843 encontramos um texto sobre educação das meninas onde é defendido que seja feita partir dos sete anos e idade e, primeiro, essa educação teria de aprender as coisas domésticas. Enquanto que em 1848, há dois anúncios sobre disponibilidade de aulas para educação das meninas. Ainda nesse periódico, 1854, há uma oferta de vagas em colégio para meninas.

Educações mulheres: Há no Diário de Pernambuco 1833-1839, na seção de variedades, uma crítica sobre o abandono da educação das mulheres. Ainda nesse periódico, em 1842, a palavra em questão, aparece em um texto sobre a educação das mulheres americanas. Já, 1854, há uma crítica sobre a educação das mulheres e sobre sua participação na sociedade.

Direito das mulheres: No periódico Diário de Pernambuco/1833, esta palavra chave está na seção de variedades onde há um anúncio sobre a venda de livros sobre Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens, de Nísia

Floresta Brasileira Augusta. O mesmo acontece no Diário Novo/ 1843-1846, além de vendas sobre o referido livro. Ainda, no Diário de Pernambuco, 1842-1849, entre estas datas a existe também a venda do livro de Nísia Floresta. No Diário Novo de 1845-48, na secção de vendas aparece a venda do livro de Nísia Floresta, contudo, aparece “Injustiça dos homens, direitos das mulheres”. Diário de Pernambuco 1854 exame sobre direitos das mulheres.

- **Piauí 1800**

Sobre este Estado foram encontramos 18 periódicos na HNB entre 1800 a 1859. Onde o primeiro que aparece a palavra “educação das mulheres” em 1802. Contudo as demais palavras chaves não foram encontradas. Dessa forma, dos 18 periódicos pertencente a este estado, apenas um contém a palavra chama pesquisada.

Educação das Mulheres: O patriota/1802 traz a palavra chave afirmando, na seção de variedades, onde há frases, reflexivas, inclusive de alguns filósofos, a seguinte frase sobre a educação das mulheres “Deus ensinou filosofia ao homem e comédia a mulher”.

- **Rio Grande do Norte**

Neste Estado dentre dos 14 encontrados durante a pesquisa, na HBN, ente 1800 a 1859, publicações de periódicos a partir de 1830, entretanto, não foram encontraos periódicos que contivessem as palavras chaves estudadas.

- **Sergipe**

Em Sergipe, considerado o menor Estado do Brasil, foram encontrados 15 periódicos no total e três contendo a palavras chaves pesquisadas. Neste Estado foram encontrados exemplares a partir de 1830.

Educação das meninas: No periódico, O Correio Sergipense/1858, esta palavra chave está no contexto quando há afirmação de que a mulher precisa cuidar da educação, sendo a sua responsabilidade educar-se.

Educação das mulheres: No Correio Sergipano/1852, esta palavra chave está no contexto do cristianismo e a mulher e ainda sobre o desprezo da educação da mulher.

3.2.2 REGIÃO NORTE

Esta região a possuidora da maior parte verde do Brasil. Onde alguns dos seus Estados são possuidores de maior número de pessoas indígenas, assim como, nesta região está localizado o maior rio do mundo, o Rio Amazonas.

Quadro 17- Periódicos da Região Norte /Brasil-século XIX (1800-1859).

REGIÃO NORTE			PALAVRAS-CHAVES		
Estados	Quantidades	Periódicos contendo as palavras chaves	Educação das Meninas	Educação das Mulheres	Direito das Mulheres
Acre	-	-	-	-	-
Amazonas	04	-Estrella do Amazonas/1859	01	-	-
Amapá	-	-	-	-	-
Pará	18	-	-	-	-
Rondônia	-	-	-	-	-
Roraima	-	-	-	-	-
Tocantins	-	-	-	-	-

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

- **Acre**

Neste Estado apenas surge periódicos na HNB a partir de 1900.

- **Amazonas**

Em relação ao Amazonas, que é o maior Estado em extensão territorial do Brasil, foram encontrados 04 periódicos com exemplares que tem início a partir de 1859.

Educação das meninas: No periódico, Estrella do Amazonas/1859, o contexto da palavra chave se refere ao regime interno da educação das meninas.

- **Pará**

Neste Estado, foram encontrados 18 periódicos, a partir de 1820, contudo, não houve existência das palavras chaves em pesquisadas. Mesmo que um dos periódicos encontrados tivesse o nome de “A voz das Amazonas” de 1827, não houve presença das palavras chaves.

- **Rondônia**

Não foram encontrados periódicos com a existência das palavras chaves em pesquisadas.

- **Roraima**

Iniciou-se a partir de 1950, portanto, não inclui a data de início da pesquisa.

- **Tocantins**

Não possui periódicos na data específica da pesquisa.

3.2.3 REGIÃO CENTRO-OESTE

Uma das regiões do Brasil que possui um dos maiores estados em extensão em territorial. Também onde está localizada a capital do país.

Quadro 18- Periódicos da Região Centro Oeste/ Brasil - século XIX (1800-1859).

REGIÃO CENTRO-OESTE			PALAVRAS-CHAVES		
Estados	Quantidades	Periódicos contendo as palavras chaves	Educação das Meninas	Educação das Mulheres	Direito das Mulheres
Brasília	-	-	-	-	-
Goiás	04	-	-	-	-
Mato Grosso	09	-	-	-	-
Mato Grosso do Sul	-	-	-	-	-

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

- **Brasília**

Não possui periódicos na data específica da pesquisa. Apenas possuem exemplares, na HNB, a partir de 1960.

- **Goiás**

Foram encontrados, na HNB, 04 periódicos. E apesar de conter exemplares a partir de 1830, nenhum contém as palavras chaves pesquisadas.

- **Mato grosso**

Foi localizado, na HNB, o quantitativo de 09 periódicos. Apesar desse total de exemplares, que tem início, a partir de 1830, nenhum contém as palavras chaves pesquisadas.

- **Mato Grosso do Sul**

Não possui periódicos na data específica da pesquisa. Contém exemplares na, HNB, a partir de 1890.

3.2.4 REGIÃO SUDESTE

Um das menores regiões do Brasil extensão territorial, com apenas quatro Estados. Contudo possui o Estado mais populoso de país. Além disso, tem o Estado do Rio de Janeiro, que durante o século XIX, foi a capital do império brasileiro.

Quadro 19- Periódicos da Região Sudeste/Brasil - século XIX (1800-1859).

REGIÃO SUDESTE			PALAVRAS-CHAVES		
Estados	Quantidade	Periódicos contendo as palavras chaves	Educação das Meninas	Educação das Mulheres	Direito das Mulheres
Espírito Santo	06	-Correio da Victoria/1856-1857	02	-	-
Minas Gerais	50	- O Universal/1826-1841	01	01	-
		-Mentor das Brasileiras/1829-1830	01	01	-
		-Astro de Minas/1837		-	-
		-O Universal/1841	01	-	-
		-O Romano/1851	01	-	-
		-O Jornal de Ouro Preto/1857	01		-
Rio de Janeiro	596	-Correio do Rio de Janeiro/1822	-	01	-
		-O Grito da Razão/ 1825	01	-	-
		-Jornal do Comércio -1828	02	-	-
		-1837-1839	09	-	06
		-Diário da Câmara dos Deputados/1826	03	-	-
		-Império do Brasil: Diário Fluminense/1826	02	01	-
		-Astrea/1927	01	-	-
		-Aurora Fluminense/1829/1830	05	01	

	Diário do Rio de Janeiro -1835-1840	02	-	02
	-1839-1856	10	-	-
	-O Auxilador da Identidade Nacional/1839	02	-	-
	-O Copista/1839	02	-	-
	-Semanário do Conhecimento/1837	01	-	-
	-Pharol do Império/1837	01	-	-
	-O Despertador 1839	01	-	-
	-Revista Nacional e Estrangeira/1839	01	-	-
	- Correio Oficial/1834	01	01	
	-1837-1839	-	-	05
	-Jornal do Comércio-1840	68	-	-
	-Correio Mercantil-1848	20	-	-
	-Diário do Rio de Janeiro-1848	04	-	-
	-Correio Mercantil-1854-1855	-	03	-
	-Diário do Rio de Janeiro 1845 1853	-	02 01	
	-Ostentor Brasileiro 1845	-	02	-
	-A marmota 1851	-	02	-
	-Correio da tarde 1851	-	01	-
	-A Nova Minerva /1846	-	01	-
	-Correio Mercantil/1856	-	-	01
	-Jornal do Comércio/1851-1859-	14	-	
	Correio Mercantil/1852-1859	01	-	04
	-Correio da Tarde/1850-1852	07	-	-
	-Almanak	06	-	
	-Diário do Rio de Janeiro 1853-1858	07	-	01
	-A marmota	01	-	02

		-Correio da Tarde 1858-1859	02	-	01
		- O Jornal das Senhoras 1852	01	-	-
		-O mentor 1858	01	-	-
		- O Sceptico1857			01
São Paulo	44	-Correio Paulistano 1856	01		
		-O publicador Paulistano/1859	01	-	-
		-Revista Espírita /1858	-	01	-
		-Correio Paulista /1857	-	01	-

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

• Espírito Santo

Com o total de seis periódicos encontrados na, HBN, a partir de 1830. Dentre estes, foram localizadas duas palavras chaves sobre a educação das meninas.

Educação das meninas: Correio da Victoria/1856-1857 traz um texto sobre a educação das meninas ressaltando sua educação, sem mais mudanças. A outra palavra aparece ao ser ressaltado o livro de Fénelon sobre a educação das meninas.

• Minas Gerais

Com o total de 50 periódicos encontrados na, HBN, a partir de 1820. Foram localizadas, apenas, oito palavras chaves. Cinco sobre educação das meninas, e três, sobre educação das mulheres.

Educação das meninas: O contexto em, O universal de 1826, se refere à venda de um livro sobre Carta de uma Americana sobre Educação das meninas. O universal de 1841 resalta que a educação das meninas seja disponibilizada em convento. O Astro de Minas de 1837 traz a educação das meninas com fins familiares e criações de filhos. Já, O Romano de 1851, trata da caridade na educação das meninas. Por fim, O Jornal de Ouro Preto de 1857, resalta o livro de Fénelon que fala sobre a educação das meninas.

Educação das mulheres: No Mentor das Brasileiras de 1829 a palavra chave em questão surge no contexto onde há uma fala sobre a necessidade de educar as mulheres para agradar aos maridos, assim com em 1830, sobre a necessidade instrução para preservar a educação dos defeitos do sexo feminino.

- **Rio de Janeiro 1800**

Este Estado por muito tempo foi capital do império brasileiro durante o século XIX. Dessa forma, apresenta-se também o Estado onde o desenvolvimento primeiro chegou. Sobre sua produção de periódicos, consta na HNB um total de 596 exemplares, apenas entre 1800 a 1859. Em relação às palavras chaves foram encontradas 183 referente à educação das meninas, 20 sobre a educação das mulheres e 24 sobre a direito das mulheres.

Educação das meninas: O Grito da Razão de 1825 traz a palavra chave no ao se referir sobre importância da educação das meninas tanto literária e como da agulha. O Império do Brasil: Diário Fluminense de 1826 trata da educação das meninas no convento, O Astrea de 1927 se refere a falta de professoras nas províncias, O Jornal do Comércio de 1828 traz anúncios de vagas de escolas particulares, O Aurora Fluminense de 1829 a 1830 fala da importância das educação das meninas para a formação da família, assim como as carências de escolas para o sexo feminino. O Jornal do Comércio de 1838-1839 traz anúncios sobre o livro educação das meninas e 1839 uma oferta de uma francesa para cuidar da educação de meninas.

De 1835 a 1856 o Diário do Rio de Janeiro trata de uma oferta de trabalho para ensinar as meninas, livro sobre cartas de educação das meninas, educação das meninas lecionadas por freiras, um conto para as meninas (margaridas), um texto sobre educação das meninas pelo Carapuceiro, ofertas sobre vagas em colégios de meninas, venda de livros de Fénelon sobre educação das meninas e anúncio oferecendo aulas para serem dadas às meninas. O Auxilador da Identidade Nacional de 1839 traz o anúncio do livro sobre cartas sobre a educação das meninas, assim como O Copista de 1839.

O Semanário do Conhecimento de 1837 sobre a realidade da educação no Brasil e o desprezo da educação das meninas. O Pharol do Império de 1837 traz um texto aconselhando às mães sobre educação das meninas. O Despertador de 1839 traz anúncio de livros. A Revista Nacional e Estrangeiro de 1839 traz anúncio de livro Cartas sobre educação das meninas. Correio Oficial de 1834 faz uma crítica sobre a educação das meninas no Brasil. No contexto geral a palavra chave aqui pesquisada, aparece majoritariamente, em anúncio de venda de livros sobre a educação das meninas.

O Jornal do Comércio de 1840 aparece com a venda de livros sobre a educação das meninas de Fénelon e anúncio de escolas, O Correio Mercantil de 1848 fala sobre o livro Cartas sobre a educação das meninas e anúncio sobre escolas para meninas, O Diário do Rio de Janeiro de 1848 fala sobre educação americana e a venda de livros, sobre uma oferta de trabalho e cuidar da educação das meninas. No Jornal do Comércio de 1851 a 1859, surgem anúncios de escolas, contudo, em sua maioria, sobre o livro Cartas sobre educação das meninas. No Correio Mercantil de 1852 a 1859 anúncios de livros sobre Cartas para educação das meninas.

O Correio da tarde de 1850 a 1852 traz anúncio de colegio para meninas, O Almanak 1850 a 1852 sobre ofertas de colégios para meninas, O Diário do Rio 1852 a 1851 traz diversos anúncios sobre oferta de colégios de meninas. Já A marmota de 1851 traz uma discussão sobre a utilidade das outras disciplinas para a educação das meninas e não apenas a da agulha. O Correio da Tarde de 1858 traz apenas anúncios sobre livro e escola para meninas. O Jornal das Senhoras de 1852, primeiro jornal que aparece com título dedicado às mulheres, fala sobre educação das meninas linguagem bastane brandacomo uma professora deve ser para ensinar uma menina. Por fim, O Mentor de 1858 traz a questão da religião na educação das meninas.

Educação das mulheres: O Correio do Rio de Janeiro de 1822, crítica a educação destinada às mulheres, O Diário da Câmara dos Deputados de 1826 refere-se à educação religiosa, e que a educação das mulheres não se

faz tão necessária assim como a dos homens. O Aurora Fluminense de 1829 faz crítica sobre a forma de como desenvolvida a educação das mulheres.

O Império do Brasil de 1826 traz uma frase sobre o desprezo da educação das mulheres. O Correio Mercantil de 1854 a 1855, o escrito de Nísia Floresta intitulada O Opúsculo Humanitário, nesse texto a autora faz severas críticas à educação das mulheres brasileiras onde faz uma comparação entre a educação que oferecida aos homens e que é oferecida às mulheres.

O Diário do Rio de Janeiro de 1845 a 1853 traz registro sobre a educação das mulheres na Rússia, e mais um texto de Nísia Floresta sobre o Opúsculo Humanitário, onde novamente seu discurso norteia sobre críticas a educação das mulheres. O Ostentor Brasileiro de 1845, fala sobre educação das mulheres em países europeus, A marmota de 1851 questiona a forma de como é tratada a educação das mulheres no Brasil, O Correio da tarde de 1851 faz referência ao tratamento das mulheres na Inglaterra. Por fim, o periódico, A Nova Minerva de 1846, ressalta a importância da educação das mulheres para a vida doméstica.

Direito das Mulheres: No Diário do Rio de Janeiro de 1835 a 1840 esta palavra chave aparece em resumo do livro Direito das Mulheres Injustiça dos Homens, onde neste anúncio a autoria do livro é referenciada a uma Pernambucana, ou seja, a Nísia Floresta. O Jornal do Comércio de 1839 todos que aparecem se referem à venda do livro, Diretos das Mulheres e Injustiça dos Homens. O Correio Mercantil de 1856 trata do direito da mulher à coroa.

O Correio Mercantil traz a venda do livro “Opúsculo Humanitário” de Nísia Floresta em 1854. Além de anúncios da venda do livro Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens. O Correio da tarde de 1859 faz uma crítica sobre a educação das mulheres, o Diário do Rio de Janeiro, mais uma vez o anúncio sobre a venda do Opúsculo Humanitário em 1853, O Sceptico de 1857 traz uma discussão sobre a má qualidade da educação dispensada às mulheres.

- **São Paulo**

Neste estado, atualmente o mais populoso do Brasil, foram encontrados entre 1800 a 1859 o total de 44 periódicos. Destes, apenas quatro trazem as palavras chaves pesquisadas. Duas sobre educação das meninas, uma sobre educação das mulheres e uma sobre direito das mulheres. É importante ressaltar que a na HBN este estado aparece com periódicos a partir de 1820.

Educação das meninas: O Correio Paulistano de 1856 trata sobre aeducação das meninas em instituições de caridade. O publicador Paulistano de 1859 fala sobre escolhas de professoras para educação das meninas.

Educação das mulheres: A Revista Espirita de 1858 traz um texto sobre a educação das mulheres e sua importância. Já, o Correio Paulistano 1857 traz uma discussão sobre a educação das mulheres.

3.2.5 REGIÃO SUL

Considerada a menor região do país, composta por apenas três Estados. Apesar de ter sido encontrado um número considerado de periódicos produzidos por seus estados, a presença das palavras chaves foram ínfimas.

Quadro 20: Periódicos da Região Sul/ Brasil-século XIX (1800-1859).

REGIÃO SUL			PALAVRAS-CHAVES		
Estados	Quantidades	Periódicos contendo as palavras chaves	Educaçã o das Meninas	Educação das Mulheres	Direito das Mulheres
Paraná	03	-	-	-	-
Rio Grande do Sul	55	-Relatórios das Províncias Brasileiras-1850	02	-	-
Santa Catarina	19	-	-	-	-

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

- **Paraná**

Foi encontrado na, HNB, o quantitativo de 03 periódicos, onde nenhum deles traz as palavras chaves pesquisadas. A partir de 1850 começa aparecer os periódicos desse estado na HNB.

- **Rio Grande do Sul 1810**

Foram encontrados periódicos a partir de 1810, totalizando 55 exemplares. Apenas dois sobre educação das meninas.

Educação das Meninas: O Relatório das Províncias Brasileiras de 1850 traz anúncios livros sobre educação das meninas.

- **Santa Catarina**

Foi encontrado na, HNB, o quantitativo de 19 periódicos, a partir de 1820, contudo, nenhum deles traz as palavras chaves pesquisadas.

Diante de panorama dos periódicos pesquisados no Brasil entre 1800 a 1859, percebemos que, em sua maioria, os textos encontrados nos periódicos não vinham assinados, e quando vinham, eram escritas apenas iniciais ou nome masculinos. Pois os redatores eram apenas homens. Ressaltamos também que mesmo o texto tendo indicações de que eram produzidos por mulheres, não eram assinados ou apenas tinham iniciais dos nomes.

Foi possível identificar que as palavras chaves escolhidas, Educação das Meninas, Educação das Mulheres e Direitos das Mulheres pareceram em situações diversas ou não apareceram de nenhuma maneira em alguns periódicos nos estados pesquisados. As duas primeiras palavras chaves “Educação das Meninas, Educação das Mulheres” apareceram com mais frequência quando se tratavam da educação das meninas e mulheres objetivando as prendas domésticas, religião, agradar o marido, bom comportamento e casamento. Já a palavra “Direitos das Mulheres” foi apenas encontrada pela primeira vez em 1833 em Recife-Pernambuco, quando se referia a venda do livro de Nísia Floresta; Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens. E pela segunda vez no Rio de Janeiro a partir de 1835 também devido a venda dos livros de Nísia Floresta “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens e Opúsculo Humanitário” em 1854. O que comprova a importância de Nísia Floresta desde sua produção literária a participação em periódicos brasileiros.

Observamos, ainda, a palavra feminismo, até 1859 não surgiu nos periódicos. Notamos, além disso, que apesar de alguns periódicos trazerem o nome feminino como, *A voz das Amazonas*¹³¹ de 1827 do Estado do Pará, *O brinco das Damas*¹³² de 1849 de Pernambuco, ambos não trouxeram nenhuma palavra chave sobre o sexo feminino referente à sua educação ou direitos. Já o *Estrella do Amazonas, Amazonas* (1859) contém a palavra chaves “Educação das meninas”, contudo, se refere a educação interna dessas. Foi possível também identificar outros periódicos com nomes femininos como, *Mentor das Brasileiras* (1829-130) e o *Jornal das Senhoras* (1858) que trata da educação das meninas numa linguagem branda e como uma professora deve ser para ensinar uma menina.

Outra observação pertinente foi à identificação de periódicos com nomes referentes à educação, com semelhanças próprias da imprensa pedagógica. Como o caso do *O Atheneo: Periódico Científico e literário dos estudantes da escola de medicina da Bahia* de 1849 a 1850, *O Lápis: Jornal Artístico, Literário e crítico do Estado do Ceará* (1835-1839)¹³³. Também nesse estado foi encontrado um periódico destinado aos trabalhadores, o *Relatório dos trabalhadores do Conselho Literário da Bahia* (1856). Além disso, foi possível encontrar periódicos sobre a questão religiosa como *O noticiador Cathólico* (1854), na Bahia e *Revista Espírita* (1858) em São Paulo.

O que revela a produção da imprensa pedagógica no Brasil a partir da primeira metade do século XIX. Sendo os achados desses periódicos de grande importância para a história da imprensa pedagógica no Brasil. Uma vez que até momento, apenas há registros que supõem, mas não afirmam que a imprensa pedagógica no país, havia começado a ser produzida no final do século XIX. O que sustenta também o ineditismo dessa investigação.

¹³¹ Ver anexo XV

¹³² Ver anexo XIII

¹³³ Ver anexo XIV

TERCEIRA PARTE

QUEBRANDO O SILÊNCIO: A IMPRENSA FEMINISTA

CAPÍTULO IV

O FEMINISMO COMO UM MOVIMENTO DE LUTA POLÍTICA E PEDAGÓGICA

Introdução

É sabido que o feminismo surge como um movimento de luta por direito à igualdade educacional, política, econômica, salarial, sexual, dentre outros, que são subtraídos apenas por serem mulheres. Nesse contexto, neste capítulo, ressaltaremos a história desse movimento, na América Latina e Brasil. Além disso, nesse contexto, dissertamos sobre a presença de Nísia Floresta.

4. A história do feminismo: a ruptura com o silêncio das mulheres

O feminismo¹³⁴ é definido por várias autoras e autores como um movimento de luta pela igualdade entre mulheres e homens. Envolvendo diversas pensadoras e considerando seus escritos a partir de sua cultura e momento histórico no qual estavam inseridas. Considera-se que tal movimento teve início no continente europeu tendo como sua principal representante a inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797). O feminismo passou por diversas fases até chegar a que se encontra, na contemporaneidade. Contudo, para Pinto, (2010), o movimento feminista possui “[...] uma característica muito particular que deve ser tomada em consideração pelos interessados em entender sua história e seus processos: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria¹³⁵.

Nessa perspectiva, em diálogo com Silva (2014) com base no dicionário da Crítica Feminista (2005), podemos dividir o feminismo em duas categorias, liberal e

¹³⁴ De com definição do Oxford English Dictionary, a questão dos direitos das mulheres se tornou proeminente durante as revoluções francesas e americanas no final do século XVIII. Na Grã-Bretanha, foi com o surgimento do movimento sufragista no final do século 19 que houve uma mudança política significativa. Uma "segunda onda" do feminismo surgiu na década de 1960, com ênfase na unidade e irmandade; figuras inspiradoras incluíram Betty Friedan e Germaine Greer. Uma "terceira onda" foi identificada no final dos anos 80 e 90, como uma reação contra a percepção de falta de foco em questões de classe e raça em movimentos anteriores (Tradução livre). (<https://en.oxforddictionaries.com/definition/feminism>).

¹³⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. *FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER*. In: Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010, p. 15.

radical, segundo a definição do referido dicionário, o primeiro pode ser também entendido como igualitário ou tradicional.

É um movimento eminentemente reivindicativo, que, ao constatar a menoridade a que as mulheres têm sido sujeitas exige para elas uma unidade de direitos. Enquanto parte desfavorecida da sociedade a mulher tem que ser defendida numa luta que só terminará quando o seu estatuto social e político for considerado equivalente ao do homem¹³⁶.

Nesse entendimento, em diálogo com Amaral e Macedo (2005) as autoras afirmar que o feminismo radical, “Como o nome já indica, apela para uma alteração de princípios, defendendo uma nova maneira de estar no mundo e uma profunda alteração do *status quo*. Os direitos das mulheres surgem como consequência lógica dessa mudança”¹³⁷.

Diante dessas afirmações percebemos que a defesa do direito das mulheres é similar, contudo, para Silva (2014) o que pode diferenciar é o marco histórico. Em concordância com Macedo e Amaral (2005), Silva ressalta que o feminismo liberal teve como ponto inicial a obra de Mary Wollstonecraft com *A Vindication of the Rights of Women*, obra que teria sido editada, na Inglaterra, em 1792. Enquanto o feminismo radical teria como fundadora a obra *The Feminine Mystique* (1963) de Betty Friedan.

Nesse contexto, observamos que o feminismo tem suas origens na Inglaterra ainda no século XVIII, através dos escritos de Mary Wollstonecraft. Entretanto, em alguns estudos que abordam a história do feminismo, esta informação é anulada. O que, no nosso entendimento, nega a existência de mulheres pioneiras que iniciaram as lutas por seus direitos. Nessa perspectiva, Pinto (2010), ressalta que,

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofensíveis¹³⁸.

De fato, diversas mulheres foram assassinadas durante a história por manifestarem seus desejos por liberdade e igualdade. Essas lutas aconteceram em

¹³⁶ AMARAL, Ana Luísa e MACEDO, Ana Gabriela. *Verbetes Feminismo*. In. Dicionário da crítica feminista. Porto. Afrontamento, 2005. AMARAL, Ana Luísa e MACEDO, Ana Gabriela (Org.), Porto. Afrontamento, 2005, p. 76.

¹³⁷ Idem, p. 76.

¹³⁸ PINTO, Céli Regina Jardim. *FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER*. In. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010, p. 15.

sociedades patriarcal, e conseqüentemente, machista onde a mulher era totalmente ignorada. E qualquer sinal de rebeldia era motivo para o “caça as bruxas”, pois era assim que algumas mulheres denominadas quando ousavam ir de encontro ao lugar para era elas determinado na sociedade e pela religião. Religião esta que condenava todo e qualquer comportamento da mulher. Atribuindo-lhe o pecado e condenando-as a morte quando desafiavam os dogmas da igreja. Por muito tempo essa foi a principal resposta para as mulheres ditas impuras, bruxas e pecadoras apenas por não aceitarem o que lhes era imposto pela igreja e pelo estado.

Nesse cenário foi se construindo a história do feminismo como um movimento de luta das mulheres. Contudo, é sabido que tal movimento teve como participantes inicialmente, mulheres brancas, alfabetizadas e de classe média. E suas lutas primeiras eram pelo acesso à educação igualitário à educação, posteriormente, foram aglutinando a essa luta; a redução da jornada de trabalho, o direito ao voto e igualdade salarial. E, posteriormente, outras reivindicações passaram a fazer parte das agendas feministas.

No século XIX, o feminismo ainda se mostrava acanhado, contudo, algumas de suas protagonistas, aos poucos, foram levantando a voz e marcando presença nos cenários mundiais e gravando seus nomes da história do feminismo. Os países por onde, as mulheres, inicialmente, fizeram com que suas vozes foram ouvidas, se não ouvidas, mas marcadas através de protestos contra a discriminação e desigualdade outrora submetidas. Contudo, tais vozes ecoaram e despertaram outras mulheres que há tempos viveram silenciadas e invisibilizadas diante da sociedade patriarcal.

Tal repercussão em países como Inglaterra e França puderam ser refletidos na América Latina, através de algumas mulheres que neste continente também não calaram e de formas diversas fizeram com que suas vozes foram ouvidas. É a partir do século XIX, que de acordo com registros históricos, mulheres da América Latina e do mundo, começam a registrar seus nomes na história através das lutas feministas.

4.1 O feminismo na América

O feminismo latino-americano tem suas peculiaridades e se apresenta como um acontecimento que, de fato, trouxe transformações para a vida das mulheres latinoamericanas, em suas diversas fases. Contudo, assim como aconteceu na Europa, o feminismo na América Latina foi iniciado através de movimentos de mulheres brancas, alfabetizadas pertencentes a famílias com algum prestígio econômico. Dessa forma, inicialmente apenas um grupo de mulheres era contemplado com as reivindicações desse movimento.

A especificidade das mulheres latinoamericano foi, e atualmente, é motivo para discussões diversas dentro do feminismo. Pois a diversidade dos países que compõe a América Latina traz consigo também a diversidade de seu povo. Onde podem ser apresentados em grupos diversos, tais como: Raça, Etnia, classe, educação, gênero, sexualidade, língua.

Diante dessa realidade, concordamos com Gloria Anzaldúa, quando ressalta a visão subjugada das produções intelectuais, especificamente, quando os escritos abordam a questão do feminismo latinoamericano. Esta crítica recai sobre as produções intelectuais que parecem desconhecer as escritoras pertencentes à América Latina. Contudo, observamos que tal fato se apresenta, em geral, em quaisquer produções científicas oriunda desse continente. No entanto, torna-se mais nitidamente quando nos debruçamos em leituras produzidas por e sobre mulheres.

Em sua obra intitulada, *Feminismo y Escritura Femenina en Latinoamérica*, Jorgelina Corbatta, faz uma discussão em torno das diversas escrituras femininas em seus diversos gêneros textuais. Ressaltando o crescente número da escritura feminina Latinoamérica que vem sendo linda. Seja na poesia, teatro, cinema ou em obras teóricas

Que reflexiona desde una óptica feminista sobre la economía, la familia, la sexualidad, la política y la cultura, etc. Dentro da narrativa, se distingue la escritura autobiográfica, la reescritura literaria de figuras históricas, la narrativa del exilio, la narrativa de testimonio y de la resitencia, la narrativa fantástica y de ciencia-ficción, la narrativa erótica y la narrativa usada como instrumento de inquisición de roles femeninos en transición¹³⁹.

¹³⁹ CORBATTA, Jorgelina. *Feminismo y Escritura Femenina en Latinoamérica*. Buenos Aires. Corregidor, 2002. p, 13.

De acordo com esta autora a produção literária por e sobre as mulheres no continente em questão sofreu uma mudança em suas diversas narrativas. Uma vez que ainda segundo a autora,

Em los últimos años, la escritura femenina y feminista desde, y sobre, Latinoamérica ha ido creceiendo como objeto de investigación y en la actualidad incluye no sólo la obra de creación de escritoras mujeres en el campo de la poesía, la narrativa (literaria o cinematográfica) o el teatro, sino también la obra teórica¹⁴⁰.

De fato essa mudança pode ser percebida diante das diversas produções, contudo, temos que atentar para que a escritura feminina e feminista latinoamérica não se resuma a mero objeto de estudo, mas que suas autoras sejam reconhecidas como intelectuais produtoras de conhecimento. Que esse modo de ver e definir essas intelectuais saia da visão colonialista, afim de que não sejam apagadas da história, ou apenas, seja lembrada mulheres latinoamericanas que apenas escreviam, mas que seus escritos possam fazer parte de grandes pesquisadores, escritoras e intelectuais. Além disso, é de elevada importância que se tornem referências para construções teóricas de estudos sobre a temática feminista e feminina. Uma vez que,

Al interior de la teoría feminista nos encontramos con la relectura crítica del feminismo francés y anglosajón. La adopción y el establecimiento de nexos con feministas del Tercer Mundo; el descubrimiento constante de escritoras y feministas latinoamericanas olvidadas en la lectura masculina literaria, artística y ensayística; la acuñación de nuevas categorías literarias y socio-culturales para abordar el fenómeno feminista-feminino latinoamericano como una realidad inédita que debe ser nominada, analizada y traída a la luz de los estudios literarios contemporáneos¹⁴¹.

De fato em estudos e críticas feministas de forma geral encontramos com textos produzidos por feministas europeias, em específico, as francesas, assim como as escritoras anglo-saxônicas. Esta realidade acaba por estigmatizar o feminismo e feministas latinoamericanas, além desse feito, o que se torna mais preocupante é o fato de tais feministas submergirem sua própria identidade enquanto movimento. Pois é sabido que a realidade das mulheres pertencentes aos países que fazem parte desse outro lado do mundo é uma realidade aquém das mulheres pertencentes à Europa e anglo-saxônica. (trazer dados escolaridade, raça, gênero, expectativa de vida, emprego...).

¹⁴⁰ Idem, p. 2002. p, 13.

¹⁴¹ Idem, p.13.

Nesse contexto, tais fatores estão ligados intrinsecamente na forma de como deve ser o feminismo nesses determinados continentes e países. Cada luta representa uma necessidade de um grupo de mulheres que não são contempladas quando deixamos de ler quem escreve nossa própria realidade sem usar lentes, sem a idéia do colonizador.

Por isso, se faz mais que necessário que tenhamos nossas escritoras, pesquisadoras e intelectuais que através de suas próprias experiências escrevem sobre e para mulheres latinoamericanas. Por outro lado não propomos a divisão do feminismo, mas do que se encontra dividido. Ao contrário é preciso (re) conhecer a realidade e necessidade das diversas mulheres para que juntas unam forças contra o sistema patriarcal, capitalista, machista, homofóbico, racista, lesbofóbico e preconceituoso.

Nesse contexto, quando dizemos que as feministas latinoamericanas podem correr o risco de perderem sua identidade, é justamente, neste sentido de atentarem pouco ou quase nada para a real situação da diversidade de mulheres de seu continente. Pois ao terem como base e referência apenas outras escritoras e intelectuais feministas acabam por discutirem e levantarem bandeiras por lutas que não contemplam suas próprias compatriotas. Nesse sentido, Corbatta (2002) também corrobora afirmativa ao dialogar com Pratt e Franco, afirmando que

En los epígrafes de Mary Louise Pratt y Jean Franco se plantea, por un lado, el paralelismo entre género e identidad en el proceso de auto-conocimiento de la sociedad en Latinoamérica y, por el otro, la importancia de la teoría feminista en el análisis de la cultura latinoamericana en general, y de su literatura en particular¹⁴².

De acordo com essa assertiva fica evidente a necessidade de uma auto-descoberta e auto- conhecimento latinoamerica além do feminismo, mas de gênero e identidade. Por outro lado a importância da teoria feminista diante da análise cultural da América Latina de forma geral, assim como de sua produção literária em específico. Ainda segundo Cobatta (2002), houve nas décadas de 70 e 80 uma reflexão e terrorização das feministas latinoamericanas no interior das academias, contudo, diante desta afirmação faz distinção do lugar de produção, ou seja, se tais produções fora realizadas na própria América Latina ou em outros continentes.

¹⁴² CORBATTA, Jorgelina. *Feminismo y Escritura Femenina en Latinoamérica*. Buenos Aires. Corregidor, 2002. p, 14.

Não obstante acredita, que devido a tais produções os estudos “Parece haber cobrado fuerza y un cierto perfil recién en la segunda década de los 80 y sobre todo en los 90”¹⁴³. Onde ressalta a importância, nessa época, das publicações das obras de Patricia Elena González y Eliana Ortega, *La sartén por el mango* (1985) e dentre outras publicações a obra de Sara Castro Klaren y Josefina Ludmer que “Pasa a analizar la situación de Latinoamérica como una región marginal en cuanto lenguas, discurso e identidad en relación con Europa”¹⁴⁴.

Esta crítica recai justamente no que podemos denominar de colonialismo intelectual dos países latinos. Fato que conseqüentemente também recai na produção intelectual feminina. Corbatta em diálogo com Franco (2002) afirmam que os estudos desenvolvidos por Castro Klarén e Ludmer em respeito o discussão entre feminismo e colonialismo são realmente contundentes. Castro Klarén tem razão *“cuando ataca las tendencias universalizantes del feminismo metropolitano que, al igual que la teoría literaria en general, todavía no ha hecho ninguna tentativa de dar cuenta de las diferencias que marcan la literatura periférica en general”*¹⁴⁵.

De fato, a tendência universal do feminismo assim como sua literatura não apenas precisam ser criticadas, mas é preciso questionar o que de fato se tem feito para que essa crítica se torne um acontecimento. Esse tipo de literatura precisa ser discutido, não apenas através de literaturas de além mar, mas a partir de escritos que partem das mulheres de latinoamerica. Nesse contexto, é necessário que tenhamos mais ação, menos discursos que desdenham, mais compromisso político e social diante.

Precisamos reformular essa construção conceitual do feminismo que conhecemos até hoje. A América Latina, em particular, o seu feminismo precisa mudar o seu ponto de vista diante das outras das produções intelectuais que vêem esse feminismo de latinoamerica como não possuidor de teoria e conhecimento. Dessa forma, acreditamos que é preciso atentar que tal feminismo possui não apenas conhecimento e teoria, mas experiências e vivências que lhe empoderam ainda mais para a sua produção intelectual sobre a realidade das mulheres que nesse continente habitam.

¹⁴³ Idem, p. 2002. p, 14.

¹⁴⁴ Idem, p. 15-16.

¹⁴⁵ Idem, p. 17.

Nesse contexto, em concordância com Suárez (2011), a realidade dos países da América Latina e de outros colonizados deixa evidente suas cicatrizes enraizadas nas diversas formas de manifestações, pois o colonialismo não é período “*histórico superado, un fósil inerme. Es una semilla que aún da sus fruto, reproduciendo una característica administración del pensamiento y sustentando un sistema de extracción de la mayoría de la población del planeta*”¹⁴⁶

De fato, esta é uma realidade que continua excluindo e subjogando uma grande maioria da população, que por ter sido colonizada, acabou por sofrer com os resquícios do colonialismo que perpassou séculos. Uma vez que

*El sistema político de los imperios coloniales en sentido estricto quedó de felizmente el pasado, sus secuelas están presentes en las nuevas formas de imperialismo económico y político liderado por capitalistas neoliberales en todos rincones del mundo. Esta globalización tan trillada tiene efectos perversos para las mujeres. Aunque ciudadanas, estas dinámicas nos están empujando hacia una mayor pobreza, más responsabilidades, nuevas formas de migración, nuevas formas de control y violencia*¹⁴⁷.

Nesse sentido, a cada dia urge a necessidade de repensar teorias que assumam compromissos contrários ao pensamento colonial ainda existente. Ressaltamos, nesse contexto, a importância do feminismo e necessidade de colocar em suas agendas questões específicas das diversas mulheres, ou seja, as mulheres africanas, indígenas, muçulmanas, chicanas, negras (...) mulheres quem vivem no campo, que vivem na zona rural, nas comunidades. É preciso conhecer a diversidade de mulheres a partir de sua realidade social, econômica, educacional, geográfica, gênero, orientação sexual, raça, religiosa, dentre outras.

Diante dessa realidade, acreditamos que a educação se apresenta como a principal perspectiva para que se possa construir uma nova realidade para essas mulheres. Nessa perspectiva, ressaltamos uma questão que acreditamos ser efetivamente importante de ser discutida, uma das é que no ensino das crianças é preciso lhes oferecer uma educação para a diferença sem os ranços do patriarcado. Assim, acreditamos ser pertinente destacar a produção intelectual da feminista Nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, que apesar de não ser latinoamericana, pertence um continente, no caso o africano, que onde as mulheres, historicamente sofrem com a cultura patriarcal. E através de seu trabalho, apresenta e discute o

¹⁴⁶ NAVAZ SUÁREZ, *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*.2011, p. 31.

¹⁴⁷ Idem, p. 31-32.

feminismo transversalmente de suas próprias experiências. E por isso, nessa investigação, acreditamos ser pertinente o diálogo com tal autora. De foram que destacamos duas de suas principais obras: *Sejamos todos feministas*¹⁴⁸ e *Para Educar Crianças Feministas*¹⁴⁹.

Nessa realidade, adentramos mais especificamente em sua obra *Sejamos todos feministas*. Acreditamos que esta obra apresenta uma importância ímpar na atual conjuntura que vem passando o feminismo. Além disso, destacamos a importância do lugar de fala de, Ngozi Adichie. O que nessa discussão sobre feminismo na América Latina, continente, colonizado assim como o continente africano, que na atualidade ainda sofre as consequências dessa colonização, trazer o pensamento dessa intelectual africana.

Nesse contexto, o texto de Silva (2017), além de analisar a referida obra de Ngozi Adichie mantém um diálogo com outras diferentes intelectuais como a feminista brasileira, Nísia Floresta (1810-1885) defensora da “educação das meninas” no Brasil do século XIX e fundadora de umas das primeiras escolas para meninas no Rio de Janeiro em (1838) e Glória Anzaldúa¹⁵⁰ estudiosa americana de origem mexicana (1942-2004). A seguir dialogamos com Chimamanda Ngozi Adichie e suas ideias feministas em “sejamos todos feministas”* e logo após em *Para Educar Crianças Feministas*.

A palavra feminista, soa estranho àquelas (es) que não tem ciência do movimento ou simplesmente acreditam no que está preestabelecido culturalmente. Nesse sentido, Chimamanda Ngozi Adichie, afirma que “A impressão de que a

* Este texto é parte do artigo de SILVA, Elizabeth Maria da. *Chimamanda Ngozi Adichie: subsídios das suas idéias feministas para educação africana*. In. LOS VALORES EM LA EDUCACIÓN DE AFRICA DE AYER A HOY. José Maria Hernandez Díaz y Eugénie Eyeang (org). 1ª Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2017, p. 677-685.

¹⁴⁸ Um discurso realizado na TEDxEuston em 2013 que foi transformado em livro. Nele, Chimamanda Ngozi Adichie, reflete sobre a questão do feminismo e questões de gênero, não apenas em seu país, mas como um problema global que precisa ser combatido (SILVA, 2017, p. 678).

¹⁴⁹ Escrito em forma de carta, Chimamanda Ngozi Adiche, neste livro retoma a discussão realizada em *Sejamos Todos Feministas*. Através de quinze lições escritas em linguagem simples a autora ensina como a sociedade pode educar crianças tendo uma formação igualitária (SILVA, 2017, p. 678).

¹⁵⁰ A escritora e teórica cultural Gloria Evangelina Anzaldúa. Publicou poesia, ensaios teóricos, contos, narrativas autobiográficas, entrevistas, livros infantis e antologias de vários gêneros. É uma das primeiras autoras americanas de origem mexicana desempenhou um papel de grande relevância na redefinição de identidades chicanas. Como editora ou co-editora de três antologias multiculturais, ela também desempenhou um papel vital no desenvolvimento de um movimento feminista de inclusão (COSTA, 2004, p. 14).

palavra “feminista”, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos¹⁵¹. É com essa afirmação que a autora de, *Sejamos Todos Femininas*, inicia seu livro. Para elucidar sua afirmação a escritora nos confere uma narrativa objetiva de como a mesma, apesar de todas as críticas e constrangimento, se posiciona como feminista. Para admitir este posicionamento passaria por tais afirmações sobre o feminismo: As feministas seriam mulhetes que não são felizes, africanas e que odeiam homens. Após tais questionamentos tornou-se uma “Feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens”¹⁵².

A autora, no entanto, elucidada que seu exemplo é apenas figurativo para explicar como a palavra “feminista” é tida como negativa, pois para a grande maioria, uma mulher feminista é geralmente relacionada àquela que “Odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante”¹⁵³. Ao salientar essas “características” das feministas, a autora nos leva a perceber como tal palavra está correlacionada a um ideário que é imposto ao feminismo e a quem ele adere.

Para a escritora africana, de forma literal, o sexo masculino governa o mundo e há tempos isso era visto de forma comum, mas esse acontecimento fazia sentido há séculos, onde acreditavam que ter força física era característica mais importante para sobreviver, ou seja, mais força, mais poder de liderança. Nesse contexto, Nísia Floresta, alerta que esse argumento não passa de “Um dos pretextos de que se prevaleciam certos sofistas para subtraírem a mulher ao estudo, para qual a julgam imprópria”¹⁵⁴. Autora, esta, que defende a emancipação feminina através da educação. E afirma que se ao sexo feminino “mostremos-lhes, pelo pouco que fazemos sem o socorro da educação, de quanto seríamos capazes se nos fizessem justiça”¹⁵⁵.

¹⁵¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p.08.

¹⁵² Idem, p. 14.

¹⁵³ Idem.p. 15.

¹⁵⁴ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p.62.

¹⁵⁵ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a, p. 95.

Nesse sentido, atualmente, fazemos parte de mundo diferente, onde, para ser qualificada para liderar a pessoa não precisa ser a mais a forte. E sim, “A mais inteligente, a mais culta, mas criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ter esses atributos. Nós evoluímos, mas nossas idéias de gênero, não”.¹⁵⁶

Nesse sentido, segundo Silva (2014), na 1ª edição do “Opúsculo Humanitário” de 1853, Nísia Floresta, já afirmava que “A inteligência não tem sexo”, mas a sociedade de sua época apelava para “fraqueza física” a fim de justificar diferenças entre os homens e as mulheres. E questiona referindo aos homens; “Que direito, pois têm eles de nos desprezar e pretender uma superioridade sobre nós”¹⁵⁷.

Ngozi Adichie observa que em seu país, por exemplo, uma mulher nigeriana e desacompanhada, não pode ser hóspede e pagar sua própria conta, pois seria vista como uma prostituta, ou mesmo, ir sozinha a bares e casas respeitáveis, pois uma mulher sozinha não pode entrar, seria necessário está na companhia de algum homem. Ressalta ainda, como experiência própria, que ao freqüentar algum restaurante nigeriano, nunca é cumprimentada pelos garçons, mas o homem que a acompanha, sim. Quando isso acontece sente-se invisível e externa “Fico chateada. Quero dizer a eles que sou tão humana quanto um homem, e digna de ser cumprimentada. Sei que são detalhes, mas às vezes são os detalhes que mais incomodam”¹⁵⁸.

Segundo, a autora supracitada, a questão de gênero, da forma como está posta, é uma grande injustiça. E isso lhe causa o sentimento de raiva, alertando às mulheres que devem ter raiva de tudo isso, pois “Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, por que acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem”¹⁵⁹.

Nesse entendimento, Glória Anzaldúa, complementa esse pensamento ao afirmar que além das raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou

¹⁵⁶ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p. 21.

¹⁵⁷ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a, p.36.

¹⁵⁸ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p. 23.

¹⁵⁹ Idem, p. 25.

quádrupla, reside em sua sobrevivência, e atenta para o poder da escrita, “[...] porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida”¹⁶⁰.

Contudo, para autora nigeriana, nossa sociedade perde muito tempo ensinando que as meninas devem se preocupar com o que os meninos pensam sobre elas. Quando contrário não acontece. E “Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões”¹⁶¹. Em relação às meninas ensinamos a se diminuirmos, não terem e não almejar o muito sucesso, pois seria uma ameaça para o homem. Então por que não questionamos o porquê de o sucesso da mulher ameaçar o homem?

Nessa perspectiva, no geral, ao pertencer ao sexo feminino, a mulher precisa almejar o casamento, segundo a sociedade. Para, autora o matrimônio pode ser bom, ao oferecer felicidade, amor e apoio mútuo, contudo, por que culturalmente, ensinamos apenas às meninas a objetivarem o casamento? Nessa direção, o que nos deixa evidente, é que ainda essas questões estão presentes em nossa sociedade, e para entendermos tais questionamentos, recorreremos a afirmação de Guacira Lopes Louro, quando ressalta que para que “(...) se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”¹⁶².

Culturalmente, falando a sociedade vigia as meninas, elogiam a sua virgindade, mas as dos meninos, não. Ao contrário são incentivados a perderem logo cedo, pois precisam provar sua masculinidade. Ensinamos também as meninas que devem sentir vergonha, fechar as pernas, a prestar atenção no decote. E dessa forma, ensinamos a sentirem, “Vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar

¹⁶⁰ ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000, p. 229-235. Acesso em 30/05/2014. p. 234.

¹⁶¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p.27.

¹⁶² LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. : uma perspectiva pós-estruturalista*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 21.

seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte ¹⁶³.

De fato, ao observamos todo contexto desse discurso de Chimamanda, acreditamos na urgência da discussão sobre o problema da questão de gênero. Pois, essa realidade, de acordo, a própria autora, estabelece como devemos ser, quando deveria reconhecer como somos. E finaliza, afirmando que todos nós seríamos mais felizes e livres se podéssemos ser o que realmente somos, caso não houvesse o peso das expectativas do gênero Ngozi Adichie (2014).

É de tamanha importância os subsídios feministas para educação, na obra de Chimamanda Ngozi. Ao lembrar de um episódio de quando era criança em sua escola na Nigéria, Chimamanda Ngozi Adichie, nos exemplifica como a questão de gênero está inserida em todos os ambientes, inclusive no escolar, e dessa forma, reafirma o papel importante da educação nesse sentido.

A autora, então, recorda de uma situação em sala de aula quando quem quisesse ser o monitor precisava fazer uma prova. Quem tirasse a maior nota seria o tal monitor, como almejava este posto, estudou muito e tirou a nota exigida, contudo, não conseguiu ser a monitora. Pois sua professora ignorou a nota e elegeu o estudante que havia ficado em segundo lugar, porquanto, segundo a docente, havia esquecido de avisar que apenas meninos poderiam participar. Para Ngozi Adichie, “O mais interessante é que o menino era uma alma bondosa e doce, que não tinha o menor interesse em vigiar a classe com uma vara. Que era exatamente o que eu almejava. Mas eu era menina e ele menino, e ele foi escolhido”¹⁶⁴.

Nesse entendimento, para Silva (2014) “Esta relação de gênero sempre esteve presente no cerne da nossa sociedade e utilizada para, elevar o papel social do homem e atenuar o da mulher, para assim, cravar a diferença entre os sexos”¹⁶⁵ Nesse contexto, fica evidente que a professora não permitia que uma menina assumisse um papel que culturalmente é destinado aos meninos, uma vez que no imaginário social e cultural, uma menina não pode assumir tais papéis pelo fato de

¹⁶³ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p. 36.

¹⁶⁴ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p.16.

¹⁶⁵ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p.109.

ter características mais “frágeis”. Assim, a autora salienta que tais comportamentos se tornam normais, pois

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores de classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens¹⁶⁶.

Nessa direção, de acordo com autora, nossa sociedade acredita ser normal e repete tais situações, fazendo com que esses comportamentos se tornem habitual. Contudo, sabemos que homens e mulheres são diferentes no que se referem aos hormônios, órgãos sexuais e atributos biológicos, como gerar filhos e força física.

Dessa forma, ao abordar sobre a questão do feminismo e a questão de gênero, Chimamanda, além de contribuir para uma discussão urgente sobre tais questões, alerta a seu país sobre como poderia iniciar uma mudança nas questões machistas, alí, tão sobressalientes, segundo a autora mediante os exemplos descritos em “Sejamos Todos Feministas”. Assim, partindo de um exemplo evidente, a autora, fala sobre o quanto sua avó poderia ter tido uma realidade diferente se a mesma, durante sua juventude, tivesse tido acesso às mesmas oportunidades que os homens de sua época.

Nessa direção, de acordo com Ngozi Adichie, a questão de gênero é importante em todo e qualquer parte do mundo, e que, por isso, precisamos começar a criar nossas filhas e filhos de uma maneira diferente, pois, “O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita”¹⁶⁷. Dissemos que os meninos não devem sentir medo, serem fracos ou demonstrarem sentimentos. Nesse contexto, Silva (2014) em diálogo com Louro (2008) afirma que tais papéis são socialmente construídos para distinguir o masculino e o feminino e acabam por instituir dicotomias, e esta dicotomia, marca a superioridade do primeiro elemento sobre o segundo.

Nessa direção, ressalta ainda, Ngozi Adichie, que atualmente há diferenças em relação à sua época, quando há mais oportunidades para as mulheres, sendo essas mudanças, muito importantes para o sexo feminino, contudo, o que importa

¹⁶⁶ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p.17.

¹⁶⁷ Idem, p. 28-29.

igualmente é nossa postura e mentalidade diante disso tudo. Ou seja, as mulheres precisam se atentar para essas mudanças e questionarem as atitudes e comportamentos que as coloquem inferior aos homens. Se há leis e mudanças e continuarmos a ver as coisas como normais, de nada adiantarão tais oportunidades. Recorda que em seu país os homens nigerianos tiveram uma educação para acreditarem que (...) “as mulheres são inerentemente culpadas. E elas cresceram esperando tão pouco dos homens que a ideia de vê-los como criaturas selvagens, sem autocontrole, é de certa forma aceitável”¹⁶⁸.

Nesse contexto, para autora, essas mulheres, precisam parar de se desculpar, por exemplo, por serem femininas e exigirem respeito por sua feminilidade. Ao ressaltar esse comportamento, Ngozi Adichie, reforça que as mulheres, precisam demonstrar seus gostos e externar suas vontades, independentes do que os homens achem ou não. Pois como afirma, em primeira pessoa, “O olhar masculino”, como determinante das escolhas da minha vida, não me interessa”¹⁶⁹.

Contudo, a escritora ressalta que falar sobre a questão de gênero não é fácil, pois,

As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Tanto os homens como as mulheres não gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de mudar o status quo é sempre penosa. Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?”¹⁷⁰.

De acordo com Chimamanda Adichie, ao adotar essa postura, de substituir a palavra feminista para direitos humanos, estaria negando, a “especificidade e particularidade do problema de gênero” (Ngozi Adichie, 2014). Isso seria um modo de dissimular que as mulheres não foram excluídas durante séculos, ou seja, seria, ao mesmo tempo, denegar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres (Ngozi Adichie, 2014). E que o problema não é ser humano, mas pertencer ao sexo feminino. Para a autora, as pessoas foram divididas em dois grupos, durante séculos, existia um que excluía e oprimia e outro; oprimido. E que, por isso, é justo que a solução para esse problema, hoje, esteja no reconhecimento desse episódio.

¹⁶⁸ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. P.35.

¹⁶⁹ Idem, p. 41-42.

¹⁷⁰ Idem, p. 42.

Sabemos, pois, que a questão de gênero é um problema que precisa ser pensado por todas e todos, portanto, isso se revela em um problema, pois dos homens não pensam na questão do gênero e talvez nem percebam sua existência. Contudo, precisam passar a enxergar as atitudes do dia a dia em que silenciam, invisibilizam, violentam e desrespeitam as mulheres, apesar de sabermos que a discussão sobre gênero incomoda e fazem com que as pessoas encontrem subterfúgios para sua não discussão. “Algumas pessoas dirão: “Bem, os homens, coitados, também sofreram”. E sofrem até hoje. Mas não é disso que estamos falando. Gênero e classe são coisas distintas. Um homem pobre ainda tem os privilégios de ser homem, mesmo que não tenha o privilégio da riqueza”¹⁷¹.

O fato é que a mulher é um ser humano, como o outro, entretanto, existem questões particulares que acontecem no mundo com a mulher, pelo simples determinante de ser mulher. Para a autora de, *Sejamos Todos Feministas*, algumas pessoas questionam sob o subterfúgio de que são as mulheres que tem o poder, na Nigéria, afirma-se que o poder das mulheres está da cintura para baixo, pois é assim que “(...) nos expressamos para dizer que a mulher usa a sexualidade para conseguir o que quer do homem. Mas o poder da cintura para baixo não é poder nenhum, porque a mulher que tem tal poder, na verdade, não é poderosa”¹⁷², apenas se usa dessa ferramenta para explorar o poder de outra pessoa.

Nesse contexto, ainda há pessoas que afirmam que a mulher deve subordinaçã ao homem devido à tradição cultural, todavia, esquecem-se de que a cultura está sempre em mutação. Para Ngozi Adichie, a cultura funciona, afinal de contas, para preservar a continuidade de um povo. Pois, a cultura não faz as pessoas. “As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”¹⁷³.

Ao se definir como feminista, a autora, perpetra e estimula as mulheres e meninas, não apenas, nigerianas a também saberem o real significado da palavra feminista e sua importância diante da situação em que vivem tais mulheres e

¹⁷¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p.45.

¹⁷² Idem, p. 46-47.

¹⁷³ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p 47-48.

meninas daquele país. Pois uma feminista “É uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos”¹⁷⁴.

Nesse sentido, para Hahner “A redução da disparidade nos índices de alfabetização entre homens e mulheres tem, por certo, tremendas implicações, ajudando-as a entrar num mundo mais vasto”¹⁷⁵. Nessa direção, compactua Floresta, ao afirmar que a educação faz com que as mulheres vençam “as trevas que lhes obscurecem a inteligência” e assim conheçam “[...] a vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada”¹⁷⁶.

Nesse contexto, para autora africana, sua bisavó, poderia ser considerada uma feminista diante de suas rebeldias e desobediência do que lhe era estabelecido. Resistindo e protestando, foi privada de espaço e acesso por ser mulher. “Ela não conhecia a palavra “feminista”. Mas nem por isso ela não era uma. Mais mulheres deveriam reivindicar essa palavra”¹⁷⁷.

Por fim, quando a autora ressalta a necessidade de reconhecermos a existência de um problema de gênero e que o mesmo precisa ser resolvido, realmente carecemos melhorar. Todavia, acreditamos que a esperança para essa melhora, fundamentalmente, virá através da uma educação.

A obra de Chimamanda Ngozi Adichie, *Sejamos Todos Feministas* (2014), traz uma discussão perpicaz e instigante sobre o feminismo e a questão de gênero. Ao mesmo tempo em que exemplifica através de situações vivenciadas pela própria autora, como o feminismo se faz necessário em nossas vidas. Além de ressaltar a urgência da discussão sobre a questão de gênero. Dessa forma, percebemos como o machismo está penetrado em nossa sociedade e para combatê-lo se faz necessário que todas e todos reconheçam a atrocidade que o machismo causa às mulheres de forma generalizada. Embora esse machismo tenha, ao logo do tempo, sofrido algumas mudanças em seu funcionamento, é preciso estajamos atentas.

¹⁷⁴ Idem, p. 48-49.

¹⁷⁵ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p.56.

¹⁷⁶ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 44.

¹⁷⁷ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2014. p 49-50.

Nessa perspectiva, o discurso de Ngozi Adichie faz um convite às mulheres e homens para que tenham esperanças no mundo de direitos iguais. Esse convite, a autora, não oferece diretamente às meninas, meninos, mulheres e homens nigerianos, contudo, acreditamos que tais escritos são de uma contribuição ímpar para que essas pessoas passem a observar, identificar, se incomodar e se indignar diante das questões de gênero, que historicamente, são utilizadas para subjugar às mulheres. Nesse contexto, um ponto crucial é ressaltado na obra da escritora africana, o papel da educação, para que haja uma mudança na forma cultural de ver e de agir diante das questões de gênero e do entendimento do seja o feminismo.

De fato, acreditamos que, ao exemplificar sempre as atitudes dos homens nigerianos em relação às mulheres também nigerianas, Chimamanda, centra seu discurso nas mulheres de seu país. Dessa forma, essas mulheres (todas em qualquer lugar do mundo) precisam se atentar para as mudanças e questionarem as atitudes e comportamentos que as coloquem inferior aos homens. E para tanto, autora adverte às mulheres que parem de se sentir culpadas. Contudo, para própria Adichie, “falar é fácil”, entretanto, é incisiva ao precisar que as mulheres apenas aprendam a dizer NÃO a tudo isso e que mais mulheres reivindicuem a palavra FEMINISMO.

Diante dessa discussão apresentada por Silva (2017), a autora mantém busca fazer um diálogo com diferentes autoras de épocas, conceitos e de lugares geograficamente distintos, mas com as idéias semelhantes, onde, de fato prevalece o papel fundamental da educação da criança a partir de uma visão que desconstrua a lógica do sistema patriarcal implantado pelo colonialismo.

Um outro debate pertinente é sobre a Educação Feminista de Chimamanda Ngozi Adichie “Para educar crianças feministas”. Para Chimamanda Ngozi Adichie, o feminismo é importante e necessário tanto para sociedade quanto para vida¹⁷⁸. Partindo dessa premissa e de estudo realizado anteriormente sobre outra obra de Ngozi Adichie, “Todos devemos ser Feministas” este artigo analisa o mais recente trabalho da autora nigeriana, “Para Educar Crianças Feministas” (2017). Um livro que com sua pertinência parte dos princípios feministas para discutir entre outras

¹⁷⁸ SILVA, Elizabeth Maria da. Chimamanda Ngozi Adichie: subsídios das suas idéias feministas para educação africana. In. LOS VALORES EM LA EDUCACIÓN DE AFRICA DE AYER A HOY. José María Hernandez Díaz y Eugénie Eyeang (org). 1ª Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2017, p. 677.

temáticas, a questões de gênero, étnico racial e a educação feminista. Explorando entre linhas a questão cultural que invisibiliza a mulher desde sua infância. Diante dessa realidade sabemos que de acordo com Silva (2017) “Durante séculos a mulher ocupou o lugar de submissão e de inferioridade, numa sociedade machista que lhe oprimia e denegava seus direitos”¹⁷⁹. Ainda de acordo com a referida autora “Durante toda história, a mulher foi vista pelo olhar machista, ora como dona de casa fiel, ora como objeto de prazer, a mulher, carregou por muito tempo, estes sinônimos que lhe foram atribuídos”¹⁸⁰.

Nesse contexto, este artigo analisa a educação feminista de Chimamanda Ngozi Adichie descritas em seu livro mais recente “Para Educar Crianças Feministas” (2017). Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica. Buscando analisar, a partir do discurso utilizado pela autora, as idéias e indicações para criar crianças mais conscientes humanamente.

Dessa forma buscamos dialogar com algumas feministas como Anzaldúa (2000), Floresta (1989a e 1989b), Louro (2008), Silva (2014, 2017) dentre outras. Além de dialogar com a própria autora trazendo suas indagações e afirmativas sobre a educação feminista.

Nesse contexto, é imprescindível que conheçamos a autora e suas principais obras.

Para Silva (2017) Ngozi Adichie é atualmente uma das escritoras de grande fascínio de leitoras e leitores da literatura feminista africana. É filha de Graça Ifeoma, uma administradora nigeriana e de James Nwoye Adichie, um professor universitário. O mundo teve conhecimento dos escritos de Chimamanda Ngozi Adichie a partir de seus escritos feministas e de questões de gênero.

Ngozi Adichie, é nigeriana da cidade de Enugu, onde nasceu em 15 de setembro de 1977. Onde ainda no país africano cursou Medicina e posteriormente Farmácia na Universidade da Nigéria. Contudo aos 19 anos foi estudar nos Estados Unidos, passando pelas Universidades de Drexel, Connecticut, Johns Hopkins. Nesta última conclui, o curso de mestrado em Estudos de Escrita Criativa. Tendo recebido, segundo Tunca (2017), a titulação de Master of Arts em estudos Africanos pela Universidade de Yale.

¹⁷⁹ Idem, p.177.

¹⁸⁰ Idem, p.104.

Em sua obra *Como Educar Crianças Feministas*, Ngozi apresenta 15 sugestões e ensinamentos. Com um texto inicial em primeira pessoa, e as sugestões seguintes no imperativo, Ngozi Adichie (2017), ratifica veementemente o que seria o feminismo em seu entendimento “Para mim, o feminismo é sempre uma questão de contexto. Não tenho nenhuma regra. A coisa mais próxima disso são minhas duas “Ferramentas Feministas” (...)”¹⁸¹ que de acordo com a autora, a primeira premissa feminista seria a certeza do reconhecimento do próprio valor enquanto mulher. Já a segunda ferramenta, a que se refere a autora, seria a pergunta sobre a possibilidade de inversão de papéis de acordo com o contexto das situações e o perigo das desigualdades de gênero.

Diante dessas premissas a autora discorre seu texto subdividido em 15¹⁸² sugestões nas quais indica à sua amiga formas, comportamentos, posicionamentos, conceitos os quais precisa seguir para educar sua filha através de uma educação feminista. Dessa forma, segue as sugestões indicada por Ngozi Adichie.

Diante das sugestões descritas por Ngozi Adichie podemos observar que a referida autora perpassa por diversas temáticas além de apresentar como seria educar uma criança feminista. Assim, a autora não apenas se detém no que vem a ser o feminismo propriamente dito, mas ressalta várias questões que envolvem a forma de educar segundo a autora. Dessa forma, Ngozi Adichie, discorre sobre a questão do feminismo, gênero, machismo, misoginia, racismo, sexismo, preconceito, privilégios, diferença, casamento, sexo, esportes e religião. Ao passo que ressalta a importância do amor, família, identidade, respeito e bondade. De forma que ressalta que não tem,

O menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente. O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar¹⁸³.

De acordo com a autora a cultura incute que as tarefas domésticas seriam apenas papel desenvolvendo pelas mulheres, entretanto, tal pensamento apenas alimenta a ideia de que a mulher sempre dá conta de tudo. Contudo, esse

¹⁸¹ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *Para Educar Crianças Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p. 12.

¹⁸² Ver Quadro?- Sugestões e ensinamentos sobre educar crianças feministas. Em apêndice p. 271.

¹⁸³ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *Para Educar Crianças Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p.17.

pensamento anula a divisão das tarefas do casal, assim como e o trabalho de cuidar da casa e ter filhos passa a ter gênero, quando não deveria. Ainda nessa discussão, ressalta que devemos esquecer a palavra ajuda, pois quando o pai está dividindo as tarefas com a mãe “Está fazendo o que deveria fazer. Ao dizermos que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar. Não é?”¹⁸⁴.

Ao questionar sobre as questões de gênero a autora relembra alguns casos que a mesma e sua amiga vivenciaram durante a infância na Nigéria. E afirma que o “papel de gênero é absurdo”¹⁸⁵ e que uma menina nunca deve deixar de fazer algo, apenas por ser menina. Além disso, afirma que

Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende. Cozinhar — o serviço doméstico em geral — é uma habilidade que se adquire na vida, e que teoricamente homens e mulheres deveriam ter. É também uma habilidade que às vezes escapa tanto aos homens quanto às mulheres ¹⁸⁶.

Ao passo que afirma, ao mesmo tempo, que é preciso “Questionar a idéia do casamento como um prêmio para as mulheres, pois é o que está na base desses debates absurdos”¹⁸⁷.

Nesse contexto, Chimamanda Ngozi Adichie, indaga sobre a questão de gênero que está incutida na cultura, quando há a definição de cores para meninos e cores para meninas. “Fico imaginando quem foi o gênio do marketing que inventou essa dualidade rosa-azul” ¹⁸⁸. Ressaltando uma experiência vivenciada por ela mesma, também na seção de brinquedos organizados por gêneros.

Olhei a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” — trens, carrinhos —, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e do que deve ser uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero ¹⁸⁹.

Ainda sobre essa experiência, a autora, reafirma que “Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para

¹⁸⁴ Idem, p. 20.

¹⁸⁵ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. Para Educar Crianças Feministas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p.21.

¹⁸⁶ Idem, p. 22.

¹⁸⁷ Idem, p. 23.

¹⁸⁸ Idem, p. 24.

¹⁸⁹ Idem, p. 24-25.

alcançar todo o seu potencial”¹⁹⁰. Assim reafirma que devemos tratar as meninas como indivíduo e não como uma menina que precisa seguir um modelo determinado “Não a meça pelo que uma menina deve ser. Meça-a pela melhor versão de si mesma”¹⁹¹. Pois infelizmente “Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa Felicidade”¹⁹².

Nesse sentido, afirma que é importante que rejeitemos tais estereótipos desde cedo. Não deixando internalizá-los. Nessa direção, Guacira Lopes Louro, ressalta que para que

(...) se compreenda o lugar o que nos deixa evidente, é que ainda essas questões estão presentes em nossa sociedade, e para entendermos tais questionamentos, recorreremos a afirmação de e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos¹⁹³.

Na quarta sugestão, especificamente, a autora nigeriana chama atenção para o perigo do que consideramos Feminismo Leve. E exclama que “Por favor, rejeite totalmente. É uma ideia vazia, falida, conciliadora. Ser feminista é como estar grávida. Ou se é ou não se é. Ou você acredita na plena igualdade entre homens e mulheres, ou não”¹⁹⁴. Pois esse tipo de feminismo acaba por fazer analogias que afirmam que os homens são naturalmente superiores às mulheres.

Nessa direção, Ngozi Adichie, ressalta a importância dos livros e da linguagem, pois, os livros ajudam a entender e a interrogar o mundo. Já a linguagem, segundo a autora, “É o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos. Mas, para lhe ensinar isso, você terá de questionar sua própria linguagem” e exemplifica “Uma amiga minha diz que nunca chamará a filha de “Princesa”. Quando as pessoas dizem isso, a intenção é boa, mas “princesa” vem carregado de pressupostos sobre sua fragilidade, sobre o príncipe que virá salvá-la etc”¹⁹⁵.

Assim, ressalta em sua sugestão que “As mulheres, na verdade, não precisam ser defendidas e reverenciadas; só precisam ser tratadas como seres

¹⁹⁰ Idem, p. 26

¹⁹¹ Idem, p. 27

¹⁹² Idem, p.28

¹⁹³ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. : uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008,p.21.

¹⁹⁴ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. Para Educar Crianças Feministas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p, 29.

¹⁹⁵ Idem, p.35.

humanos iguais”¹⁹⁶. Nessa direção, também lembramos a afirmação de Glória Anzaldúa que atenta para o poder da escrita, “[...] porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida”¹⁹⁷.

Nessa perspectiva, a autora ressalta a questão do ensinar a menina a sempre agradar. Quando tal comportamento não ensinamos aos meninos. Assim, em vez de ensinar as meninas a serem agradáveis, ensinemos-a e incentivemo-as a defender suas opiniões, a falar o que realmente sente e a falar com franqueza. A questão da identidade também é ressaltada pela autora ao afirmar que a mesma é importante e que precisamos ensinar as meninas a gostarem delas mesmas; do seu cabelo, sua cor, seu corpo. Além disso, fala da importância da representatividade “Cerque-a com muitas tias, mulheres com qualidades que você gostaria que ela admirasse. Diga o quanto VOCÊ as admira. As crianças copiam e aprendem pelo exemplo. Diga o que você admira nelas”¹⁹⁸.

Uma outra sugestão que a autora destaca é a questão do uso seletivo da biologia como “razão” para normas sociais em nossa cultura. Nesse sentido, 1853, Nísia Floresta, já afirmava que “A inteligência não tem sexo”, contudo, a sociedade de sua época, buscava justificativas se referindo a “fraqueza física” da mulher a fim de justificar diferenças entre os homens e as mulheres. Logo, essa autora questiona referindo-se aos homens; “Que direito, pois têm eles de nos desprezar e pretender uma superioridade sobre nós”¹⁹⁹.

Dessa forma, narra que devemos ressaltar que “A biologia é um assunto interessante e fascinante, mas que nunca a aceite como justificativa para qualquer norma social, pois são criadas por seres humanos, e não existe norma social que não possa ser alterada”²⁰⁰. Além disso, chama a atenção para a questão de manter o diálogo sobre sexo desde cedo e que chamem os órgãos sexuais por seus devidos nomes biológicos.

Sobre a diferença, afirma a importância de tornamos em algo corriqueiro

Torne a diferença normal. Ensine-a a não atribuir valor à diferença. E isso não para ser justa ou boazinha, mas simplesmente para ser humana e

¹⁹⁶ Idem, p.39

¹⁹⁷ ANZALDÚA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000, p.234.

¹⁹⁸ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *Para Educar Crianças Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p. 59.

¹⁹⁹ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a,p.36.

²⁰⁰ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *Para Educar Crianças Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p.64.

prática. Porque a diferença é a realidade de nosso mundo. E, ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado²⁰¹.

Nesse contexto, a autora nigeriana finaliza suas sugestões fazendo uma reflexão sobre as diferenças ressaltando a remetente de sua carta que ao educar sua filha “Ela precisa saber e entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los”²⁰². Nessa contextualização, nos reportamos a Varejão Filha (2015) quando a autora afirma que para educar objetivando as diferenças é preciso ações desenvolvidas no espaço escolar ou fora dele com a finalidade de “Reconhecer e valorizar as diferenças, bem como oportunizar situações de aprendizagens para desconstrução de estereótipos negativos e para combater o preconceito e o machismo”²⁰³. Por fim, Ngozi Adichie, sugere a partir de princípios feministas e contrários às desigualdades de gênero, que meninas e mulheres tenham a vida que quiserem ter.

As sugestões e ensinamentos que a obra “Como Educar Crianças Feministas” (2017) de Chimamanda Ngozi Adichie, não apenas fala sobre o feminismo e questão de gênero, mas adentra em outras temáticas que urgem para uma discussão que necessitam de mais atenção da sociedade como um todo. Ao mesmo tempo em que alertam para diversas questões que também, na contemporaneidade, permanece fazendo milhares vítimas em seu grande número; meninas e mulheres.

Concomitantemente, em seu texto escrito em forma de carta a uma amiga com objetivo de contribuir para que a mesma eduque sua filha através de princípios feministas, Ngozi Adichie, contextualiza alguns de seus ensinamentos utilizando suas próprias experiências vivenciadas na Nigéria. Nesse contexto, a referida autora ressalta, dentre diversas questões, a de desigualdade de gênero, que segundo Ngozi Adichie, é muito perigoso.

De certo modo, “Como Educar Crianças Feministas” (2017), convida a todas e todos, especialmente, a mães e pais que desejem criar suas filhas e filhos

²⁰¹ Idem, p.76.

²⁰² NGOZI ADICHIE, Chimamanda. Para Educar Crianças Feministas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p.77.

²⁰³ VAREJÃO FILHA, Maria da Conceição de Carvalho. Prática Pedagógica Docente Promotora de Igualdade Racial. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. Recife, 2015, 37.

almejando um mundo mais igualitário entre mulheres e homens. Nessa perspectiva, a escritora africana, deixa evidente papel que a educação representa para que haja uma possibilidade de mudança na forma cultural e social de ver e agir diante das questões de gênero e do entendimento do que venha a ser uma educação com princípios feministas.

De fato, acreditamos que, ao sugerir os ensinamentos de como educar crianças feministas, Chimamanda, focaliza seu discurso em temas que atentam para uma sociedade mais igualitária livre do machismo, sexismo, racismo, homofobia, misoginia, preconceito, desigualdade de gênero e acima de tudo, uma sociedade que respeite as mulheres como ser humano dando-lhe o devido respeito. Assim, finalizamos esse artigo desejando a todas as crianças do mundo, o mesmo desejo que, Chimamanda Ngozi Adichie, desejou a “Chizalum”, ao encerrar seu livro o desejo de que “(...) ela seja cheia de opiniões, e que suas opiniões provenham de uma base bem informada, humana e de uma mente aberta”²⁰⁴.

4. 2 O feminismo no contexto brasileiro

O Brasil foi um dos últimos países da América Latina a realizar acontecimentos importantes na história desse continente. A “abolição” da escravatura no ano 1888 foi um desses acontecimentos. Entretanto, quando nos referimos, por exemplo, ao feminismo, essa realidade, de certa forma, nos causa surpresa, pois sua história se inicia ainda no século XIX. De acordo com Silva (2014)

No âmbito nacional a tradução livre da última obra supracitada *A Vidication of the Riggths of Women*, traduzida livremente por Nísia Floresta em 1832, marca o início do Movimento Feminista na história do país. Apesar desse marco inicial, ainda no início do século XIX, as ideias feministas só viriam se consolidar no cenário brasileiro, décadas posteriores a de Nísia Floresta²⁰⁵.

Apesar desse início precoce, as mulheres brasileiras independente da raça e classe social tinham seus direitos negados e viviam no privado. Contudo as mulheres negras e indígenas além de excluídas eram escravizadas, violentadas e tinham seus direitos como mulheres e seres humanos dupla, triplamente

²⁰⁴ NGOZI ADICHIE, Chimamanda. *Para Educar Crianças Feministas*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2017, p.78.

²⁰⁵ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 108.

banalizados. Nísia Floresta ao iniciar sua militância já tinha a consciência de todas as mulheres independente de raça e classe deveriam ter direitos iguais. Autora deixou esse pensamento registrado em suas obras.

Para Silva (2014) no final do século XIX e início do século XX o patriarcado brasileiro “Passou a contar com um adversário mais forte e organizado, o feminismo, pois em vários lugares do Brasil, as mulheres brancas e negras, estas mesmo em sua minoria, começaram a se unir em prol dos seus direitos historicamente subtraídos”²⁰⁶. Ainda segundo a autora o movimento feminista brasileiro “Ressurgiu numa época em que outros movimentos de minorias decidiram quebrar o silêncio; dentre eles, movimentos negros e homossexuais, indígenas; o que foi designado de novos movimentos sociais” (...) ²⁰⁷.

Nesse contexto, segundo a autora supracitada, me diálogo com, Céli Regina Jardim Pinto (2003), esclarece que o feminismo brasileiro passou por 3 vertentes conforme enumeramos a seguir.

1ª Reconhecida como a mais influente e pautava-se nos assuntos relacionados aos direitos políticos das mulheres, na medida em que esse feminismo estabeleceu um movimento com alcance nacional que chegou a uma institucionalização admirável. Mesmo com a importante contribuição para a história do feminismo brasileiro, este fato, ainda mostrava fragilidade na questão da luta pelos direitos das mulheres, uma vez que não reconhecia que o lugar de inferioridade determinado ao sexo feminino se caracterizava pela posição de superioridade assentado aos homens. 2ª Se caracteriza pelo uso da imprensa, denominado de “feminismo difuso” (PINTO, 2003, p.15), pois em “seus textos, tocam em temas delicados para a época, como sexualidade e divórcio. Esta é uma face menos comportada do feminismo brasileiro do início do século XX”. Foi um período em que aconteceram várias manifestações utilizando a “imprensa feminista alternativa” (PINTO, 2003, p.15), protagonizando, apenas as mulheres, que na grande maioria, faziam parte da elite da época; professoras, jornalistas e escritoras. 3ª Tem, em Maria Lacerda de Moura, sua principal representante e se mostra como um dos mais revolucionários das faces do movimento, pois segundo Pinto (2003), as lutas se pautavam, entre outras reivindicações, contra a exploração da mão de obra feminina²⁰⁸.

Nesse sentido, observamos que as três vertentes se diferenciam de acordo com sua época lutas estas que foram de direito à educação (que desde o início do século XIX já era a luta de Nísia Floresta), votos a igualdade econômica, trabalhista e questionamentos sobre crença na dominação do homem sobre a mulher. Questão esta que também Nísia Floresta já indagada em seu livro *Direito das Mulheres e*

²⁰⁶ Idem, p. 108.

²⁰⁷ Idem, p. 108.

²⁰⁸ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 109-110.

Injustiças dos Homens (1832) “Que direito, pois têm eles de nos desprezar e pretender uma superioridade sobre nós”²⁰⁹.

Para Silva (2014), Floresta (1832) novamente se antecipa, ao questionar a “superioridade” do homem sobre a mulher, pois já fazia parte do seu pensamento feminista, onde discutia tal tema no início do século XIX que ainda nos séculos posteriores seriam discutidos pelas feministas contemporâneas. Também nesse entendimento, Silva (2014) ressalta que Pinto (2003) e Hahner (2003) destacam o importante papel da imprensa no início do século XX, contudo “Este veículo já vinha sendo utilizado por Nísia Floresta, desde a primeira metade do século XIX”²¹⁰.

Diante dessa discussão, cabe ressaltar o papel do movimento feminista na vida de diversas mulheres, algumas mais assistidas, outras menos. Apesar dessa diferença é preciso considerar que tal movimento fez reconhecer e oportunizou o direito a educação, assim como questões políticas e trabalhistas dentre outros direitos posteriormente requeridos como os sexuais e reprodutivos, estes últimos, um dos mais debatidos posteriormente juntamente com a questão de gênero. Nessa contextualização, Silva (2014) ressalta que

Na década de 1960, as mulheres começaram, a partir do fortalecimento do feminismo, a questionarem não apenas os seus papéis definidos na sociedade, mas as raízes, as causas e consequências dessa hierarquização histórica entre os sexos, que foi naturalizada. Naturalização alimentada culturalmente, onde a menina é educada para ser afetuosa, ter preferência pela cor rosa, brincar apenas com boneca e o menino precisa mostrar coragem, não chorar, usar a cor azul, brincar apenas com bola e carro, além de ser incentivado a iniciar, prematuramente, a ter relação sexual²¹¹.

Neste mesmo entendimento Vianna e Ridenti (1998), afirmam que a desigualdade entre homens e mulheres conferidos para a identificação do sexo a partir das evidências determinadas biologicamente. “Em nossa sociedade, as desigualdades entre homens são fortemente atribuídas às distinções de sexo, com evidentes conotações biológicas. Assim, sexo remete às diferenças físicas entre

²⁰⁹FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989a, p. 36.

²¹⁰ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p.109.

²¹¹ Idem, p.110.

homens e mulheres”²¹². Nesse entendimento, de acordo com Silva (2014) “A relação de gênero sempre esteve presente no cerne da nossa sociedade e utilizada para, elevar o papel social do homem e atenuar o da mulher, para assim, cravar a diferença entre os sexos”²¹³.

Nessa perspectiva, Guacira Lopes Louro, afirma que na década de 80 o termo gênero passou a ser porto de pauta nas agendas das feministas brasileiras para se referir a que da feminilidade e masculinidade, após estudos da feminista e intelectual norte americana, Joan Scott, em seu artigo intitulado “Gênero: Uma Categoria útil de análise histórica (1995), o termo “gênero” foi determinado e apontado também como categoria histórica.

Para Silva “O conceito de gênero passa a conglomerar todas as formas de construção social, cultural e linguística, uma vez que, em toda nossa trajetória, mediante tais experiências, estamos nos constituindo como mulheres e homens”²¹⁴. Contudo, para esta autora, ao utilizarmos os papéis que são construídos socialmente para diferenciar o masculino e o feminino cria-se uma dicotomia. E nessa dicotomia um superior e o outro inferior uma vez que “Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc.”²¹⁵.

Essa lógica dicotômica que estabelece quem é a pessoa superior e quem é a inferior, ou seja, a forte e franca, termina por expor as mulheres em situação de vulnerabilidade, conseqüentemente, de violência das mais diversas, que em geral, são cometidas por pessoas com quem mantém algum laço de parentesco ou sentimental. Segundo a cartilha da Lei 11.340/06 denominada de Lei Maria da Penha²¹⁶. Existem 05 tipos de violência contra a mulher.

²¹² RIDENTI, S. & VIANNA, C. *Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito*. In: AQUINO, Júlio Groppa. (org.) *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas de práticas*. São Paulo: SUMMUS, 1998. . p. 96.

²¹³ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p.111.

²¹⁴ Idem, p. 111.

²¹⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. : uma perspectiva pósestruturalista*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 37.

²¹⁶ Maria da Penha Maia Fernandes foi alvo de duas tentativas de homicídio por parte do marido e ficou paraplégica. Foram mais de 20 anos de luta, com apoio de grupos de mulheres de todo o país, para que fosse feita a justiça. O caso se tornou um exemplo e por isso deram seu nome para a Lei nº

Quadro 21- Formas de violência doméstica e familiar

TIPO DE VIOLÊNCIA	FORMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR
Violência Psicológica	Xingar, humilhar, ameaçar, intimidar e amedrontar; criticar continuamente, desvalorizar os atos e desconsiderar a opinião ou decisão da mulher; debochar publicamente, diminuir a autoestima; tentar fazer a mulher ficar confusa ou achar que está louca; controlar tudo o que ela faz, quando sai, com quem e aonde vai; usar os filhos para fazer chantagem.
Violência Física	Bater e espancar; empurrar, atirar objetos, sacudir, morder ou puxar os cabelos; mutilar e torturar; usar arma branca, como faca ou ferramentas de trabalho, ou de fogo.
Violência Sexual	Forçar relações sexuais quando a mulher não quer ou quando estiver dormindo ou sem condições de consentir; fazer a mulher olhar imagens pornográficas quando ela não quer; obrigar a mulher a fazer sexo com outra(s) pessoa(s); impedir a mulher de prevenir a gravidez, forçá-la a engravidar ou ainda forçar o aborto quando ela não quiser.
Violência Patrimonial	Controlar, reter ou tirar dinheiro dela; causar danos de propósito a objetos de que ela gosta; destruir, reter objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais e outros bens e direitos.
Violência Moral	Fazer comentários ofensivos na frente de estranhos e/ou conhecidos; humilhar a mulher publicamente; expor a vida íntima do casal para outras pessoas, inclusive nas redes sociais; acusar publicamente a mulher de cometer crimes; inventar histórias e/ou falar mal da mulher para os outros com o intuito de diminuí-la perante amigos e parentes.

Fonte: Elaborada pela autora a partir da Cartilha Maria da Penha (2015).

Na tabela acima podemos observar as diversas formas de como a violência contra a mulher pode se manifestar, indo do falar mal ao fazer comentários ofensivos. Tipos e formas de violência que, gradualmente, em sua maioria das vezes, levam a morte da vítima. Fato que coloca o Brasil em um dos países mais violentos para ser mulher de acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS) registrando segundo o mapa da violência 2015, entre 1980 a 2013, 106.093 mulheres foram assassinadas. Na maior porcentagem desse total estão as mulheres negras.

Diante dessa realidade, vale ressaltar que o Brasil é o país com o maior número de população negra fora do continente africano, apesar dessa realidade, que esta população sofre, historicamente, com o racismo nas suas mais diversas manifestações, além de liderar as estatísticas quando o assunto é escolaridade,

11.340, criada em 2006 para prevenir e punir a violência doméstica contra as mulheres (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2015, p.19).

assassinato e violências distintas. Esse fato se torna mais alarmante quando nos referimos à realidade das mulheres negras.

Apesar de no ensino superior as mulheres serem maioria, as mulheres negras, no entanto, ainda são minoria e lideram as estatísticas de analfabetismo e violência de gênero. Enquanto no mapa de violência de 2017 a mortalidade de mulheres não negras sofreu redução a de mulheres negras aumentou. Dessa forma, de acordo com os números a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4%, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras. Já a mortalidade de mulheres negras aumentou de 22% no mesmo período, com de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras (IPEA, 2017). De fato, esses

Os dados indicam ainda que, além da taxa de mortalidade de mulheres negras ter aumentado, cresceu também a proporção de mulheres negras entre o total de mulheres vítimas de mortes por agressão, passando de 54,8% em 2005 para 65,3% em 2015. Trocando em miúdos, 65,3 % das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, evidência de que a combinação entre desigualdade de gênero e racismo é extremamente perversa e configura variável fundamental para compreender a violência letal contra a mulher no país²¹⁷.

Indiscutivelmente, esses dados trazem à tona uma grave realidade que de acordo com Cerqueira (2017), são assassinatos que poderiam ter sido evitadas. Pois,

Em inúmeros casos, até chegar a ser vítima de uma violência fatal, essa mulher é vítima de uma série de outras violências de gênero, como bem especifica a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06). A violência psicológica, patrimonial, física ou sexual, em um momento de agravamento crescente, muitas vezes, antecede o desfecho²¹⁸.

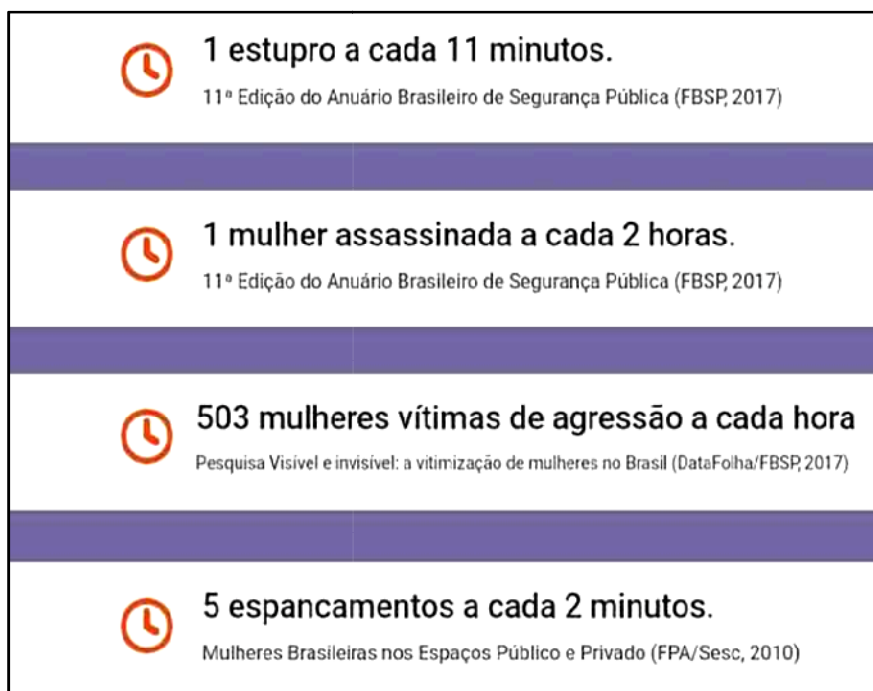
Em concordância com esse autor, entendemos que essa realidade mostra que os assassinatos no Brasil têm cor e gênero. Pois comprova diante dessa estatística o preocupante número de mulheres e negras no país.

Diante dessa realidade, acreditamos na pertinência, mesmo que breve, de uma discussão sobre gênero. Uma vez que em dados mais recentes estudos oficiais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) afirmam que em 2015, 4.621 mulheres foram assassinadas no país. Assim como os números do Instituto Patrícia Galvão em Dossiê sobre a violência da Mulher no Brasil.

²¹⁷ IPEA E FBSP. *Atlas da Violência 2017*.p.37.

²¹⁸ CERQUEIRA et al. *Atlas da Violência* IPEA, 2017, p. 37.

Imagem 1- Cronômetro da Violência Contra as Mulheres no Brasil



Fonte: Dossiê Violência contras as Mulheres (Instituto Patrícia Galvão).

A situação se torna mais alarmante quando nos deparamos com esses números do dossiê elaborado pelo Instituto Patrícia Galvão. Pois revelam o cotidiano de violência com quem vive as mulheres brasileiras. Além disso, se torna mais um elemento para a necessidade de discutir a questão de gênero na sociedade brasileira, realidade que, atualmente, apesar de haver um movimento significativo por partes de grupos feministas ainda existe muito a ser debatido.

Além disso, é preciso destacar que as pesquisas e de algumas intelectuais tem contribuindo expressamente para o debate. Contudo as raízes patriarcais da sociedade brasileira tem se mostrado contrária a todo tipo de debate e sobre as temáticas que versem sobre gênero.

Segundo Silva (2014) “Se para as feministas essa desconstrução parece ser confusa e ao mesmo tempo necessária, para algumas instituições, como a escola, é ainda mais difícil”²¹⁹. Para algumas corrente feministas a discussão de gênero não deveria fazer parte de suas pautas de reivindicações, já para outras, uma bandeira de luta. Pois dentro da questão de gênero estaria não apenas as mulheres

²¹⁹SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 113.

Cisgênero, mas bissexuais e transgênero²²⁰. Para Louro (2012), essa dificuldade de discussão em toda da questão de gênero esta atrelada ao que foi introjetado culturalmente de acordo com a lógica binária, pois “Aprendemos a pensar nessa lógica e abandoná-la não pode ser tarefa simples”²²¹.

Paralelamente a essa questão destacada por Louro, ainda temos a questão do desconhecimento e má interpretação epistemológica da temática relativa a gênero. Uma realidade que também está presente entre educadoras (es) de diversos níveis educacionais e efetivamente na educação básica.

Este fato, verdadeiramente, de acordo com Felipe e Guizzo (2008) tem sua complexidade pelo fato de que tais profissionais “na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada e desigual para meninos e meninas”²²² O que se torna um dos fatores da reprodução da desigualdade e do sexismo. Uma vez que “Historicamente a escola tem sido o lugar onde se aprende não só a dizer masculino e feminino, como o significado dessas duas construções sociais e de poder para ambos os sexos”.²²³

Esta construção histórica que é reproduzida e ensinada nas escolas é muito perigoso, pois continua determinando lugares, poderes, comportamentos e sentimentos, etc, para a menina e menino, para a mulher e o homem. O privado, doméstico, delicado para as meninas e mulheres, em contrapartida; o público, social,

²²⁰ Repensar teoricamente a “identidade definida” das mulheres como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista parece ter sido a principal tarefa de Butler. O problema que ela apontou foi o da inexistência desse sujeito que o feminismo quer representar. Esse era um debate acadêmico preexistente no qual Butler se inseriu como uma das pensadoras que, de alguma forma, radicalizou aquilo que a teoria feminista já problematizava. Nessa discussão sobre a identidade das mulheres que Butler reconhecia já estar posta – o livro é de 1990 – a filósofa acrescentou a crítica ao modelo binário, que foi fundamental na discussão que a autora levantou a respeito da distinção sexo/gênero. O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos (AGUIAR, 2005, p. 179).

²²¹ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. : uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.135.

²²²FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes, e fantasias. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. (Orgs.) Corpo, Gênero e Sexualidade. 2° ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p.39.

²²³ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 13.

forte, etc, para os meninos e homens, pois em nossa sociedade, estamos “sempre operando a partir de uma identidade que é a norma, que é aceita e legitimada e que se torna, por isso mesmo, quase invisível - a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã”²²⁴.

Apesar dessa discussão ter tido seus estudos iniciais a partir de século passado, Segundo Silva (2014), possivelmente ele já teria sido comentado por Nísia Floresta em seu livro “Opúsculo Humanitário” no ano de 1853, Floresta, afirmava que “A inteligência não tem sexo”²²⁵. “Pois para esta autora as mulheres, assim quanto o homem, tinham capacidades iguais de aprendizagens e que a sociedade de sua época recorria a “fraqueza física” para justificar a diferença estabelecida”²²⁶.

Nesse contexto para Silva e Duarte “Dentre os ilustres nomes que fizeram a história das mulheres no Brasil, na conquista de seus direitos civis e políticos, um nome sonoro se destaca e se impõe – Nísia Floresta Brasileira Augusta”²²⁷. De acordo com essas autoras, acreditamos nesse ineditismo de Nísia Floresta a qual foi responsável pelas primeiras páginas escritas sobre os direitos das mulheres. Floresta tem sua grande contribuição na história da educação feminista do Brasil, deixando também suas ideologias registradas, nos principais jornais da época onde fez uso da imprensa para registrar suas ideias revolucionárias para o Brasil na primeira metade do século XIX.

4.3 Nísia Floresta: os indícios sobre a pioneira do feminismo no Brasil

Na primeira metade do século XIX quando a imprensa (ainda não oficial) brasileira se mostrava um pouco acanhada, em alguns estados do país havia alguns jornais que circulavam entre a população. Alguns com publicações semanais outros mensais. A maioria das publicações se resumia a anúncios, venda compra, aluguel, viagens, aulas para crianças, etc.

²²⁴ MEYER, 2008, p. 24.

²²⁵ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 63.

²²⁶ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 113.

²²⁷ DUARTE, Nísia Floresta: *a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005. p, 13.

Contudo alguns textos que surgiam tinham conteúdos que chamavam a atenção de algumas pessoas da sociedade, principalmente aos homens, pois traziam conteúdos que faziam críticas ao tipo de educação que era oferecido às meninas e a forma de como as mulheres tratadas na sociedade, especificamente, pelos seus maridos.

4.2.1 Na imprensa

“Brasileiras acordemos”, “a educação que nos oferecem não é digna” (...) frases como esta foram escritas no periódico “Espelho das Brasileiras” na edição de maio de 1831, no estado de Pernambuco - Brasil. Província, à época, onde vivia Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Quadro 22- Textos de Nísia Floresta publicados na imprensa brasileira no século XIX

JORNAL	ANO	TÍTULO
Espelho das Brasileiras	1831-1832	
Diário do Rio de Janeiro	1853 a ?	Vinte artigos sobre educação que compôs sua obra Opúsculo Humanitário
O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro.	1855	Passeio ao Aqueduto Carioca
O Brasil Ilustrado	1855	Páginas de Uma Vida Obscura
O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro.	1855	Um Improviso, na manhã de 1º do corrente, ao distinto literato e grande porta Antônio Castilho
O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro.	1856	O pranto Filial
Diário de São Paulo ²²⁸ - São Paulo.	1873	Um crime por amor e sua punição

Fonte: Sistematizado pela autora, 2018.

Segue abaixo os seguintes jornais em que Nísia Floresta teve alguma publicação.

²²⁸ Este último ainda não teria sido referenciado em nenhuma pesquisa sobre a produção da autora.

i)Espelho das Brasileiras

Imagem 2- Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Este periódico tinha como título e subtítulo originais: ESPELHO das BRASILEIRAS / A virtude, os talentos. E não a vaidade. Te guiarão, Perilla. A immortalidade. Foi editado na Rua das Flores, nº 18- Recife/ Pernambuco. Tendo como data de possível início em 1831 e de último exemplar que temos conhecimento em 1832. Seu fundador e administrador foi Adolphe Émile de Bois-Garin. Era impreso pela Tipografia Fidedigna. Seus colaboradores mais habituais: Adolphe Émile de Bois-Garin, a professora Maria Guilhermina Maciel da Costa, Nísia Floresta (Com pseudônimo de Uma Brasileira Livre). Sua periodicidade era bissemanal tendo como assuntos abordados política, oda, literatura e instrução feminina. Seus exemplares estão localizados na Biblioteca Nacional do Brasil.

Este periódico foi publicado no século XIX, em Recife- Pernambuco- Brasil no ano de 1831. Foi nesse periódico que, Nísia Floresta, escreveu seus primeiros escritos publicados. Tornando-se uma das poucas mulheres brasileira a ter acesso a imprensa oficial na primeira metade do século XIX.

- **Jornal do Commercio:** Nesse jornal, na edição do dia 31 de janeiro de 1938, Nísia Floresta, publica um anúncio²²⁹ onde fala sobre a inauguração do seu colégio para meninas. O Collégio Augusto apresentando o tipo de ensino adotado.

ii)Diário do Rio de Janeiro (1853-1858)

Imagem 3- Capa do periódico Diário do Rio de Janeiro



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Esse periódico tinha como título, **Diário do Rio de Janeiro**. Era editado na cidade do Rio de Janeiro, Rua do Rosário, s/n. Sua data da possível primeira edição é 1820 e a data de último exemplar que temos conhecimento é de 1878. Teve como proprietário Antônio Maria Navarro de Andrade e Luiz Antônio Navarro de Andrade. Impresso pela Typografia do Diário e vendo no valor de 16 reis. Seus assuntos mais abordados eram política, Moda, literatura, anúncios diversos, etc. Suas edições estão localizadas na Hemeroteca Nacional do Brasil.

Nesse periódico, Nísia Floresta, publicou 20 artigos, durante com o pseudônimo de B.A. O conjunto desse artigo, que tratava principalmente sobre a questão da educação brasileira, foi transformado em livro, em 1853, com nome de “Hopúsculo Humanitário”.

²²⁹ Ver anexo imagem XI

iii) O Brasil Ilustrado (1855)

Imagem 4- Capa principal do Jornal O Brasil Ilustrado



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil.

Esse periódico tinha como título, O Brasil Ilustrado, como subtítulo, Publicação Literária. Era publicado no Rio de Janeiro. Sua data de possível início é de 1850. A data de último exemplar que temos conhecimento de 1850. Era impresso pela Typografia de N. Lobo Vianna e Filho. Tinha como redatores mais habituais Paula Candido, F. de Paula Menezes, Cardoso de Menezes, F.J. Bethencourt Sampaio da Silva e F. Nunes de Souza, com periodicidade quinzenal. Seus exemplares estão localizados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesse periódico em 15 de julho de 1855, Floresta publicou Passeio ao Aqueduto da Carioca. Entre 14 de março a 30 de junho escreveu, Páginas de Uma Vida Obscura. Ainda nesse mesmo ano, publicou Um Improviso, na manhã de 1º do corrente, ao distinto literato e grande porta Antônio Castilho. Em 1856 publicou “O pranto Filial”, dedicado a sua mãe.

iv)Diário de São Paulo²³⁰ (1873) - São Paulo

Imagem 5- Capa principal do periódico Diário de S. Paulo



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil.

Este periódico tinha como título principal Diário de São Paulo. Editado pela Typografia Allema, Rua Direita, n. 15. Tendo como data de possível início 1865 e data de último exemplar que temos conhecimento é de 1878. Inicialmente era de propriedade dos bacharéis em direito, Pedro Taques de

Alemeida Alvim, Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra Júnior e Henrique Scroeder. Seus redatores eram Delfino Ulhoa Júnior e Pedro Taques. Em 1875 pertencia apenas a Paulo Delfino da Fonseca sendo editado em São Paulo pela Typografia Americana. Sua periodicidade não foi encontrada e era vendido ao preço de 14 reis. Os assuntos abordados eram diversos; política, literatura e instrução. Seus exemplares estão localizados na Biblioteca Nacional do Brasil.

Nesse periódico, Nísia Floresta, publicou no dia 11 de dezembro de 1875, o drama “Um crime por amor e sua punição”. Assinado pelo pseudônimo de Brasileira Augusta e traduzido do italiano para o português pela autora. Essa publicação de Floresta é um achado inédito entre as publicações da autora. Pois ainda não foi citado por em nenhuma outra pesquisa. Apesar de fazer parte do volume II de seu livro “Trois Ans em Italie, Suivis D’un Voyage em Grèce. Contudo, o que torna essa publicação inédita, é o fato de ainda não ter sido indicada como participação da autora em outro jornal fora do Rio de Janeiro.

Além disso, esse escrito traz à tona uma questão inovadora dentre as produções de Nísia Floresta e ainda não discutido em estudos sobre a autora. Nele, Floresta, discute a questão da mulher, contudo, por uma outra vertente, que podemos se aproxima da questão da violência contra a mulher, atualmente, tão presente em nossa sociedade. Nesse drama, escritora faz duras críticas ao “ciúme” afirmando que considera esse sentimento como “uma fraqueza universal” que deu lugar, em Roma, a um facto tão “horripilante quão, commovedor”²³¹. E descreve:

Uma moça de boa família, perdidamente amada por um joven romano com que estava para casar-se, achava-se uma noite no teatro em companhia de seu pai e de sua madastra. Um indivíduo entrou no camarote e poz-se a conversar com o pai da moça, que apenas o conhecia de vista. O namorado, despeitado, observava da platéia a visita, que já lhe parecia mui longa. Apenas desceu o panno eil-o que correão camarote de sua noiva, e em tom grosseiro lhe pergunta quem é aquelle indivíduo que se ahava ao seu lado. A moça, surpreendida pelo modo com que era interrogada, conservou-se calada, eo pai, offendido, respondeu que não tinha que justificar-lhe equem era que o vinha visitar²³².

²³¹ AUGUSTA, Brasileira. DIARIO DE SÃO PAULO, 11 de dezembro de 1875, p. 01.

²³² Indem, p. 01.

Nessa cena é possível identificar a violência sofrida pela noiva em relação ao comportamento do namorado que “em tom grosseiro lhe pergunta quem é aquele indivíduo que se achava ao seu lado”. De acordo com o texto de Floresta o noivo diante da “Cegueira de seu ciúme toma o silêncio da moça [...]. Julga-se trahido, ludibriado, e a razão o abandona. Em um acesso de loucura puxa por um punhal que trazia e crava-o no peito daquela que dizia amar”²³³.

Nesse trecho Floresta relata o assassinato da noiva e afirma que os homens utilizam o ciúme e “Servem-se delle como de uma capa para encobrir as nodos de um vil interesse ou egoísmo excessivo” ressaltando ainda que em um relacionamento onde exista amor o homem “Jamais mancharia na abominável cobardia de levantar a mão para uma mulher, e muito menos affender com qualquer palavra a quella que amar”²³⁴.

Diante dessas afirmativas da autora observamos como foi discutida questão da violência contra mulher dentro de um relacionamento abusivo, há mais 140 anos. E que infelizmente, na atualidade, permanece mais assentado e que, essa violência, se manifesta de diversas formas. Como foi discutido em capítulo anterior dessa investigação.

A seguir exploramos analisamos edições desse jornal onde, provavelmente, havia textos da autoria de Nísia Floresta. Por isso se justifica um texto mais completo de análise desse periódico.

O JORNAL ESPELHO DAS BRASILEIRAS²³⁵

De acordo com Silva (2014) Floresta se utilizou da imprensa fazendo uma ruptura com regras previamente estabelecidas, especialmente, sobre a questão da educação das meninas. Tais escritos de Floresta, inicialmente, no Periódico Espelho das Brasileiras, conferem dados para entendermos que a educadora fez uso desse impresso para publicar seus escritos, com fins, efetivamente, pedagógicos, e, portanto, a imprensa pedagógica, uma vez que

²³³ Ibidem, p. 01.

²³⁴ Ibidem, p. 02.

²³⁵ Este subtítulo é parte do artigo publicado no livro: *Prensa Pedagógica de los profesores*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 2018, p.

*Una publicación periódica puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando en su secuencia temporal mantiene un criterio de atención y estudio expresamente interesado en asuntos que afectan a los procesos de la educación, dentro de la institución escolar o en otras diferentes, pero también educativas y formativas*²³⁶.

Em seus escritos, Floresta, registrou sua ideologia pedagógica, para difundir seus ideais feministas, diante de seu inconformismo com o descaso do ensino brasileiro que era oferecido às meninas e a forma de como o intelecto da mulher era subjugado. Desta forma, podemos considerar que, Floresta, já fazia uso desse tipo de imprensa, ainda no século XIX, e, portanto, seu pioneirismo. Pois “Estudos que contemplan a imprensa periódica pedagógica ganharam forças a partir do final da década de oitenta do século XX”²³⁷. Apesar dessa realidade, a imprensa pedagógica e seu uso sistemático, como forma de militância educacional e feminista, já havia sido utilizado por Nísia Floresta, no início do século XIX.

Uma brasileira, Telesilla, F. Augusta Brasileira, N. F. Augusta, ou simplesmente B.A eram alguns dos pseudônimos que, Dionísia Gonçalves Pinto, a mulher que segundo Duarte (2005), pode ser considerada umas das primeiras mulheres a ter acesso à imprensa brasileira, escreveu textos polêmicos sobre a condição da mulher em diversas culturas, ideias abolicionistas e indianistas. O “Espelho das Brasileiras” foi o primeiro impresso a conhecer os escritos de Nísia em 1831, quando, Adolphe Émille de Bois Garin, abriu as páginas do seu periódico pernambucano para que, Nísia Floresta, desse início ao que poderíamos denominar de mais um novo modo de militância. Onde iniciava sua propagação das idéias feministas.

O Espelho das Brasileiras foi publicado no século XIX, em Recife-Pernambuco- Brasil no ano de 1831. Os assuntos abordados neste jornal eram de política à instrução feminina. Onde, Nísia Floresta, teve seus primeiros escritos publicados, tornando-se uma das poucas mulheres brasileira a ter acesso à imprensa oficial brasileira.

²³⁶ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 2013, p.16.

²³⁷CATANI, Denice Bárbara. (2013). *A imprensa Periódica Pedagógica e a História dos Estudos Educacionais no Brasil*. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 115.

Nos textos encontrados no jornal *Espelho das Brasileiras*, identificamos textos assinados pelo pseudônimo de Uma Pernambucana Livre ou Uma Brasileira Livre. Fato que nos leva atribuir a autoria desses textos a Nísia Floresta. Uma vez que, os vocábulos encontrados nos periódicos não são características peculiares para os escritos da época. Os textos de jornais no século XIX não faziam referência às mulheres e quando pouco se faziam não criticavam a forma de educação que eram oferecidas às meninas e mulheres.

Apesar da crítica a educação que era “oferecida” às mulheres, neste periódico, havia alguns em que a mulher era exaltada apenas por suas habilidades e deveres como mãe e esposa.

A mulher, considerada naturalmente propensa ao casamento e à maternidade, precisaria se comportar de maneira adequada tanto no espaço doméstico quanto no meio social. Era vigiada e seu comportamento não podia ser transgressor e imoral, pois o prestígio masculino e da família dependia dos cuidados de uma mãe diligente, esforçada e submissa. Desse modo, ao se enquadrar nas normas morais prontamente impostas pela Igreja Católica as mulheres eram consideradas dignas de possuir família.²³⁸

Segundo estudo realizado por essas autoras, o *Espelho das Brasileiras*, onde, segundo afirmam que “Nísia Floresta (1810-1885), importante figura feminina da época foi colaboradora e publicou uma série de artigos sobre a condição feminina”²³⁹ também eram publicados artigos que não tinham uma visão política e libertadora, mas conservadora e seguia os princípios da sociedade patriarcal da época. Como esse texto da edição de Número 28 de 06 de maio de 1831, em uma publicação intitulada de “Quadrinhas dedicadas às Brasileiras”, de autoria da professora Maria Guilhermina Maciel da Costa.

(...) A moral que vos exponho,
É doce, suave, e pura,
Seguindo-a conseguireis
Viver em paz, e ventura.
[...] São próprias do vosso sexo
Os enfeites, e os ornatos;
Porém d'alma os ornamentos
Estimao mais Sensatos [...]²⁴⁰

O trecho das quadrinhas supracitadas demonstra uma linguagem que traduz a forma de como a educação das meninas era percebida na primeira metade

²³⁸ VASCONCELOS, Mônica, PERIOTTO, Marcília Rosa. *Imagens representações da mulher no jornal pernambucano Espelho das Brasileiras (1831)*.IX CBHE. 2017, p.4297.

²³⁹ Iden, p. 4292.

²⁴⁰ Jornal *Espelho das Brasileiras*, Nº30, 1831, p.03.

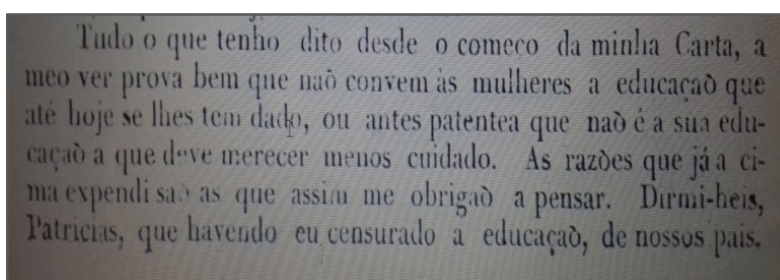
do século XIX. Este texto, que foi publicado pelo jornal *Espelho das Brasileiras*, revela algumas dos entendimentos sobre como deveria ser a educação feminina. Para Oliveira, tal educação

Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, afirmações do patriarcado que constituiu estereótipos ao longo do processo histórico, onde foram sendo produzidos como natural, definindo assim o papel social da mulher, como propriedade e produto do homem, devendo obediência ao 'seu senhor'²⁴¹.

Realidade que se comprova no texto da professora autora da *Quadrinha*, contudo, o teor do seu texto não representa o mesmo ou parecido com os escritos por Floresta, e a finalidade desse jornal. Podemos perceber essa diferença quando observamos o texto da autoria de Nísia Floresta, o qual não destaca os adjetivos utilizados pela professora, Maria Guilhermina Maciel da Costa, e traz outros objetivos e perspectivas positivas sobre a educação das meninas.

Os textos, de Nísia Floresta, em sua maioria tinham uma linguagem mais incisiva apresentando um outro referencial para educação das meninas e mulheres de sua época. Como podemos observar no *Jornal de nº 30 de 13 maio de 1831*. Onde ressalta a importância da instrução feminina.

Imagem 6- Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro- Brasil

É possível presenciar, a partir desse trecho, a crítica feita ao tipo de educação oferecido ao sexo feminino [...] “Ao meo ver prova bem que não convém às mulheres a educação que até hoje se lhes tem dado, ou antes patentear que não é a sua educação a que deve merecer menos cuidado”²⁴². Trechos como estes foram assinados pelo pseudônimo de *Uma Pernambucana Livre* ou *Uma Brasileira Livre*, um dos diversos pseudônimos utilizados por Nísia

²⁴¹ OLIVEIRA, Lilian Sarat de. *Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização*. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. 2009, p.1.

²⁴² *Jornal Espelho das Brasileiras*, Nº29, 1831, p.119.

Floresta em seus textos. Além disso, é possível observar de como a escrita confere um posicionamento assumindo uma linguagem incisiva em relação aos direitos das mulheres.

No periódico de nº 29 de 10 de maio de 1831, é possível observar no texto escrito por Uma Brasileira Livre a seguinte afirmação “Não duvidareis, Patrícias caras, de que as primeiras letras são os trabalhos que devem dar-se a uma menina, logo que Ella va tendo uso da razão, e capacidade de aprender [...]”²⁴³. Mais uma vez, Nísia Floresta, volta sua atenção para a questão da educação das meninas tentando incitar suas leitoras a perceberem que a educação era primordial, e como afirmava em seus diversos escritos, seria apenas através dessa educação que as mulheres brasileiras poderiam conquistar sua emancipação. E através dessa emancipação reconhecer e lutar pelos seus direitos.

Diante dos diversos escritos de Nísia Floresta, observamos que a autora, fez uso da imprensa pedagógica, através do Jornal O Espelho das Brasileiras, de forma informativa e formativa. Os escritos de Floresta na primeira metade do século XIX, nesse periódico, já demonstravam uma ação pedagógica, dedicando seus escritos a divulgar, criticar e, sobretudo, informa a sociedade, especificamente, às mulheres sobre a realidade da educação destinada ao sexo feminino.

O que de fato, evidencia a importância dessa autora quando nos referimos à questão educacional feminina no Brasil.

4.2.1 Na literatura

A produção intelectual de Nísia Floresta foi além do território brasileiro com uma produção vasta e temas específicos. No total de mais de 15 obras publicadas algumas traduzidas e editadas postumamente. A temática de suas obras vai da luta pelo direito das mulheres a educação passando com conselhos a suas alunas e filha a relatos de viagens. A seguir estão listadas todas as obras da escritora de forma onde serão apresentadas de forma mais detalhadas e considerando a contextualizando de cada das referidas obras.

²⁴³ Jornal Espelho das Brasileiras, Nº29, 1831, p.119.

Quadro 23- Produções intelectuais de Nísia Floresta

OBRAS	ANO DE EDIÇÃO	LUGAR DE PUBLICAÇÃO
Direito das mulheres e injustiça dos homens	1ª Edição 1832	Recife-Pernambuco/ Brasil
	2ª Edição 1833	Porto Alegre- Rio Grande do Sul/ Brasil
	3ª Edição 1839	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Conselhos à minha Filha	1ª Edição 1842	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
	2ª Edição 1845	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Fany ou o modelo das donzelas	1847	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Darciz ou a jovem completa	1847	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Discurso que às suas educandas dirigiu nísia floresta	1847	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
A lágrima de um Caeté	1849 (Romance indiginista)	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Dedicação a uma Amiga	1850 (Em dois volumes)	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Opúsculo Humanitário	1853	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Páginas de uma vida obscura	1854	Rio de Janeiro- Rio de Janeiro/ Brasil
Intineraire d'um voyage em allemagne	1857	Paris- França
Scintille d'um' anima brasileira	1859	Florença- Itália
Consigli amia figlia	1ª Edição-1858	Florença- Itália
	2ª Edição-1859	Florença- Itália
	3ª Edição- 1859	Florença- Itália
Le lagrime d'um caeté	1860	Florença- Itália
Trois ans em italie, suivis d'um voyage em grèce	1864	Paris- França
Woman	1865	Londres- Inglaterra
Parsis	1867	Paris- França
Le brésil	1871	Paris- França
Trois ans em italie, suivis d'um voyage em grèce. Vol. li	1872	Paris- França
Fragments d'um ouvrage inédit: notes biographiques	1878	Paris- França

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Silva (2014) considerou em seu estudo que as questões da educação e do feminismo são focos centrais em quatro obras específicas de Nísia Floresta, onde, em uma análise minuciosa das principais obras: “Direitos das mulheres, injustiças dos homens” (1832); “Conselhos à minha Filha”, “Opúsculo humanitário” (1853) e “Cintilações de uma alma brasileira” (1859) conseguiu identificar tais especificidades da escrita de Nísia Floresta. Além de

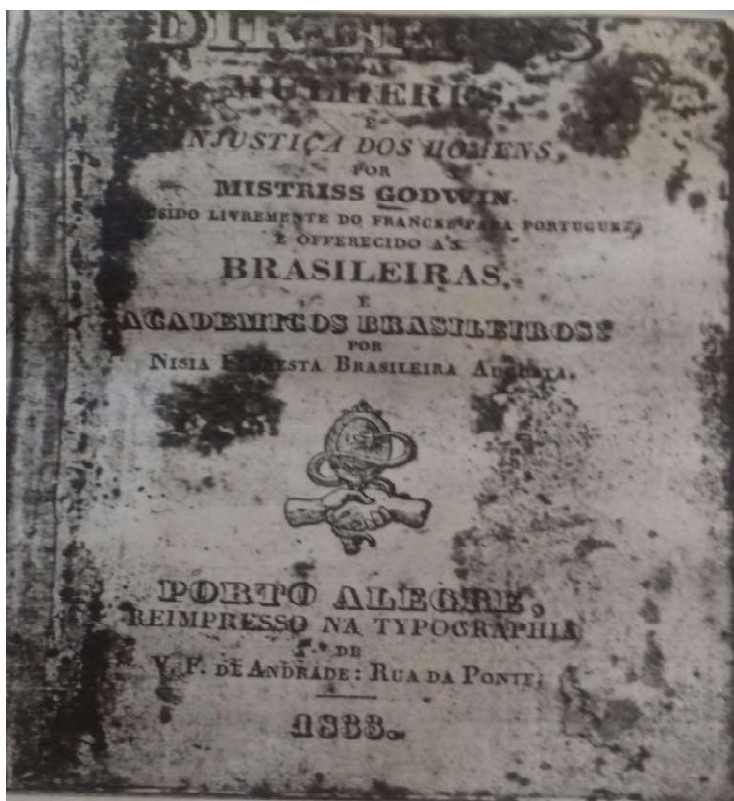
considerar esta análise realizada por Silva (2015), em nossa pesquisa, optamos por apresentar todos os livros de Floresta para, posteriormente, manter um diálogo com tais obras fazendo uma análise da bibliografia da escritora, a fim de identificar aquelas que abordem temas sobre educação e mulher. Contudo, a partir dessa identificação, elegemos aquelas consideradas por Silva (2014) assim como aquelas escritas por Nísia Floresta e editadas na Europa.

Nomeamos esses dois critérios de eleição das obras por que acreditamos que são as que podem nos conferir base teórica para discussão da nossa temática da pesquisa, além de proporcionar um entendimento mais amplo do pensamento de Nísia Floresta a partir de sua escrita quando se encontrava no Brasil e durante sua estadia no Continente Europeu.

vi)Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens

1ª Edição: Recife de 1832, 2ª edição (1833) em Porto Alegre e 3ª edição (1839) no Rio de Janeiro.

Imagem 7 - Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens



Fonte: Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens, 1839

É a primeira obra de Nísia Floresta de que se tem notícias. Foi lançada em Recife-Pernambuco/Brasil em 1832 quando a autora tinha 22 anos. De acordo com Floresta esta seria uma tradução livre do livro “*A Vindication of the Riggths of Women*” da escritora e feminista inglesa, Mary Wollstonecraft. Contudo, havia feito a tradução livre da versão em francês para o português, versão esta que seria da autoria de Mistriss Godwin, assim identificado por Floresta (1833) na terceira edição do livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*.

Alguns trabalhos como da pesquisadora Maria Lúcia Pallares-Burke (1996) que realizou um estudo comparativo entre a obra de Wollstonecraft e o livro de Nísia Floresta (1832) afirmam que em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* não há subsídios suficientes que comprovem a tradução de “*A Vindication of the Riggths of Women*” de Mary Wollstonecraft (1792). Em outro estudo de Anna Olga Prudente de Oliveira e Márcia A.P. Martins (2012) as autoras tomam como base este estudo de Pallares-Burke e fazem um estudo comparativo entre a obra que seria a que, realmente, Nísia Floresta havia traduzido, ou seja, Capa de livro.

Contudo, a tradução não foi especificamente do livro de Mary Wollstonecraft, mas da versão francesa de *Woman Not Inferior to Man: Or, A short and modes Vindication of the natural Right of the Fair- Sex to a perfect Equality* de Sophie (1739). Contudo Nísia Floresta teria feito a tradução dessa mesma obra em francês *La Femme N'est pás inferieure a Lhomme* (1750). Ao fazer a tradução livre dessa obra, Nísia Floresta, não apenas bebe dessa fonte, mas das leituras de Mary Wollstonecraft, Polain de La Barre e Sophiee e Olympe de Gougs, uma vez que eram escritos que tratavam da condição imposta à mulher na sociedade patriarcal da época. Diante dessa discussão, não pretendemos aqui fazer uma discussão sobre a tradução ou não de Nísia Floresta, mas apresentar e dialogar com a obra em questão.

O livro foi dividido em seis capítulos e dedicado às brasileiras e aos acadêmicos brasileiros. Sendo assim discriminados os seguintes capítulos que compõem a obra: I. Que caso os homens fazem das mulheres, e se é com justiça; II. Se as mulheres são inferiores ou não aos homens, quanto ao

entendimento; III. Se os homens são mais próprios que a mulheres para governar; IV. Se as mulheres são ou não próprias a preencher os cargos públicos; V. Se as mulheres são naturalmente capazes se ensinar as ciências ou não, e por fim, VI. Se as mulheres são as mulheres são naturalmente próprias, ou não, para os empregos. Além da introdução e conclusão.

A partir afirmação de que “Todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo”²⁴⁴. A denúncia que apresenta o texto nisiano está em todos os capítulos do seu livro, onde a partir de um expressivo olhar, critica as condições de desigualdade entre mulheres e homens; uma realidade comum na sociedade brasileira do século XIX. Além disso, tecia críticas a naturalidade da submissão determina às mulheres e o mito da superioridade dos homens sobre estas. De acordo com Duarte,

Desde o início, é nítida a intenção da autora em adotar um tom polêmico. No entanto, ao inverter a chave da dominação, este tom adquire o aspecto bem mais evidente de provocação. Pode-se imaginar as reações dos leitores: a surpresa e o espanto pela ousadia, e até a irritação pela forma como as ideias eram aí conduzidas²⁴⁵.

Tal surpresa destacada pela referida autora não poderia acontecer de outra forma, pois a escrita de Nísia Floresta ia de encontro a cultura da época com afirmações do tipo “Seria preciso recorrer a tantos países, como um judeu errante, para achar nesse sexo invejoso e pouco generoso, alguns outros exemplos de uma semelhante equidade a nosso respeito”²⁴⁶. Assim como; “Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto como os homens”²⁴⁷.

De fato tais afirmativas os textos de Floresta vinha a ser uma afronta ao comportamento e ideias que seriam os estabelecidos às mulheres. Silva (2014) em dialogo com Hahner (2003), afirma que no Brasil do século XIX inexistem comportamentos com finalidades que possam ser comparados aos de Nísia Floresta, uma vez que os poucos protestos que tinham denunciavam contra as condições econômicas e sociais em que se encontrava a maioria da

²⁴⁴ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 47.

²⁴⁵ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p.21.

²⁴⁶ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 75.

²⁴⁷ Idem, p. 73.

população, independente do sexo. A escravidão era uma dessas condições²⁴⁸.

Diante desse contexto, pode-se afirmar que a obra “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens” (1832) protagonizou a figura de Nísia Floresta no panorama do Brasil como a primeira escritora a trazer à tona a discussão sobre as questões da mulher como; educação, direitos e emancipação. Em resposta a sociedade patriarcal de sua época dizia que a educação seria um alicerce para a emancipação das mulheres, pois tais mulheres já demonstravam o que poderiam fazer mesmo com a péssima e quase nula educação que recebiam advertindo “Mostremos-lhes, pelo pouco que fazemos sem o socorro da educação, de quanto seríamos capazes se se nos fizessem justiça”²⁴⁹. Afirmativas e indagações com estas podem ser encontradas em diversas passagens do livro traduzido por Floresta sendo

[...] colocado de forma crítica pela autora, onde adota um confronto retórico sabiamente imbuído de argumentos baseados em diversos teóricos, em sua maioria filósofos. Mesmo quando a teoria destes defendia ideias contrárias às de Nísia, a autora conseguia utilizá-la para justificar a superioridade da mulher. Assim o fez, em certa parte do livro, com as afirmações de Catão²⁵⁰

O tom adotado por Nísia Floresta não poderia ser diferente, pois é possível perceber a sua inconformidade diante das injustiças que o sistema patriarcal condicionava a mulher numa situação de subalternidade, isolamento, e, sobretudo, de ignorância. Condições estas que eram foram rebatidas ferreamente por Nísia Floresta, onde afirmava, numa escrita que deixa transparecer sua indignação ao comportamento do homem sobre a mulher, pois para Floresta “Não pode ser, portanto, senão uma inveja baixa e indigna, que os induz a privar-nos das vantagens a que temos de um direito natural, como eles”²⁵¹.

²⁴⁸ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.p. 58.

²⁴⁹ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 95.

²⁵⁰ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p.65.

²⁵¹ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 49.

Ainda segundo autora esse comportamento não poderia ser mais do que um “Pretexto que eles alegam é que o estudo e as ciências nos tornariam altivas e viciosas; mas este pretexto é tão desprezível e extravagante e bem digno de seu modo de obrar”²⁵².

Essa talvez seja a razão pela qual, Silva, afirma que essa obra percebemos uma brava defesa da superioridade do sexo feminino em relação ao masculino, Silva (2014). Esses posicionamentos ficam evidentes em trechos de *Direito das Mulheres e Injustiças dos Homens*, quando para Duarte (2014), Nísia Floresta se referia a alguns papéis sociais específicos da mulher e que não eram valorizados pelo homem. Para Duarte ao fazer essa defesa, Floresta ajuíza que as mulheres mereciam ter “[...] “o primeiro lugar na sociedade civil”. E assim, em qualquer situação, segundo seu argumento, as mulheres seriam mais necessárias à vida do que os homens, porque teriam mais “virtudes e capacidades” do que eles²⁵³.

Silva (2014) em concordância com a autora supracitada afirma que através sua escrita “Floresta deixa transparecer sua audácia, em comparar e remeter ao sexo feminino, todo mérito que deveria ser destinado às mulheres, que não se concretizava, por causa das concepções preconceituosas e sexistas vigentes naquela época”²⁵⁴. Um grande adversário desse reconhecimento de mérito cultural era a cultura vigente da época onde o que se referia à mulher era ignorado e infantilizado.

Nesse contexto, esta obra de Nísia Floresta, não apenas faz uma revolucionária campanha em prol dos direitos das mulheres como também um alerta sobre a necessidade sua emancipação, a qual a autora deixava muito evidente sua crença de que, por terem pouca ou nenhuma educação, essa tal emancipação não acontecia. O que destinavam as mulheres a submissa e a vida privada seguindo o que lhes eram ditados fazendo-lhes crer que sua

²⁵² Idem, p. 49.

²⁵³ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p.24.

²⁵⁴ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p66.

educação se resumia aos afazeres domésticos. Nesse entendimento, nos é revelado que

Para Nísia o essencial da sujeição decorre do impedimento de as mulheres terem boa educação. Homens e mulheres, afirma, são diferentes no corpo, mas isto não significa diferença na “alma”. As desigualdades que resultam em inferioridade, argumenta, resultam da educação e das circunstâncias de vida. As mulheres não são inferiores quanto ao “entendimento”, à competência, ao saber ou aprendizado²⁵⁵.

Para Floresta não havia diferença entre homem e mulher além da biológica quando indagava [...] “pois que eles não podem alegar outra superioridade que a força do corpo, para justificar o cuidado que têm de arrogar a si toda a autoridade prerrogativas”²⁵⁶. Seguindo esta linha de pensamento a autora reafirma que [...] que não provam outra incapacidade nas mulheres, que possa privá-las de seu direito, senão a que resulta da opressão dos homens²⁵⁷.

De fato, em *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens* (1832), Nísia Floresta demonstra uma preocupação e buscando explicação para as injustiças que a sociedade patriarcal de sua época submetia as mulheres. Segundo Silva Floresta não encontrava argumentos para essa tal superioridade que os homens acreditavam ter sobre as mulheres. Ficando suas idéias sobre igualdade, direito á educação e emancipação das mulheres, registradas nas suas diversas obras (Silva, 2014). Por fim, nessa obra, Nísia Floresta ressalta que “Julgo, pois, ter provado de uma maneira evidente, que não há ciência, empregos e dignidades, a que as mulheres não tenham tanto direito de pretender como os homens”²⁵⁸.

vii) Conselhos à minha filha

1ª publicação no Rio de Janeiro em 1842, 2ª publicação em 1845 também no Rio de Janeiro, pela Typographia de Paula Brito, 1ª edição em italiano, 1858, 2ª edição em italiano em 1859 e a 1ª edição em francês também em 1859.

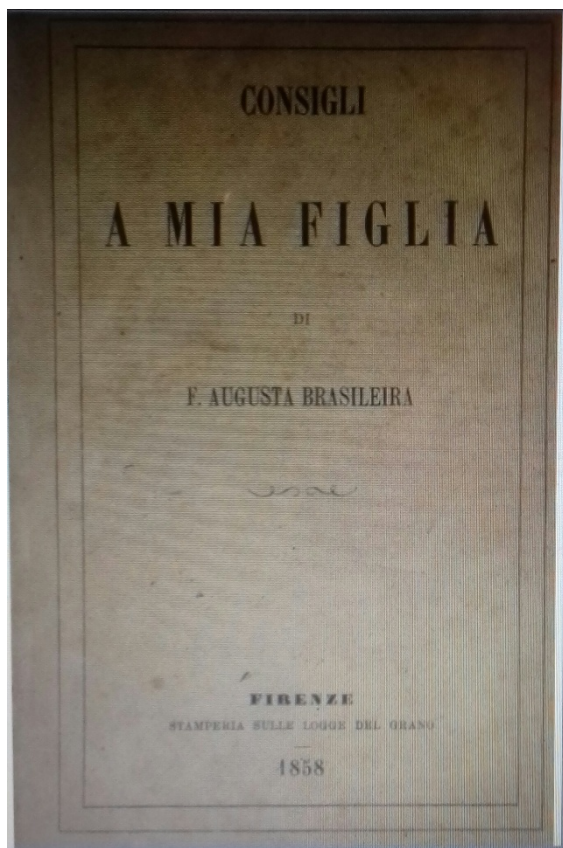
²⁵⁵ BLAY, Eva Alterman. Duas mulheres, dois mundos, um só preconceito. In. FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989a, p. 10.

²⁵⁶ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 86.

²⁵⁷ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a.p, 86.

²⁵⁸ Idem, p. 86.

Imagem 8- Conselhos à minha filha



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil

Com duas edições no português (Conselhos à minha filha-1842/1845), duas no italiano (*Cosingli a mia figlia* -1858²⁵⁹/1859) e uma no francês (Conseils a ma fille -1859) esta obra é mais editada de Nísia Floresta. Apresenta sua importância nas obras literárias de Nísia Floresta, apesar de que Floresta faça uma abordagem, sobre mulher e educação diferentemente das suas demais obras se comparada a *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homes* (1832) e de *Opúsculo Humanitário* (1853).

A segunda edição dessa obra no italiano, de acordo com Constância Lima Duarte, se deu devido à solicitação do Bispo de Mandovi recomendava para leitura nas escolas italianas (Duarte, 2009) da cidade de Florença. Este acontecimento e reconhecimento dessa obra de Floresta, não apenas Duarte, mas outros estudos não apontam que aqui no Brasil, a leitura de *Conselhos a*

²⁵⁹ Edição em italiano a qual tivemos acesso e traduzida livremente por nós para o português. Obra digitalizada e gentilmente cedida pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo- USP.

Minha Filha, também foi indicado nas escolas do estado de Mato Grosso em (1873).

Esta obra foi escrita em forma de conselhos, e dedicada, a Lívia Augusta, filha de Nísia Floresta, quando tinha 12 doze anos de idade. Especificamente, apesar da presença de outros temas, este livro abordava questões sobre educação, comportamento social e obediência. Além de adotar uma linguagem extremamente melancólica onde Floresta ressaltava que “Sim, o sentimento materno vai além de toda a paixão humana”²⁶⁰ ou ainda impetrava “Aceita minha filha esses simples conselhos e que seja útil para você, porém, como espero que faça bom uso”²⁶¹

É neste som melancólico e menos combatente que a autora segue o enredo do livro, onde solicita que Lívia Augusta observe os exemplos de amor e obediência dos filhos que a história e discípulos, como Abraao, Issac e Cam demonstraram. Deixando, assim, através desses conselhos aflora em sua escrita a forte influência religiosa de se sua época. Nestes conselhos, percebemos uma grande influência religiosa da autora.

Além desse segmento religioso, Floresta, assume o papel da esposa saudosa relembando em diversos parágrafos, a pessoa do seu companheiro, Augusto Américo, o exaltando por tê-la influenciado no amor pelo estudo. Assim como seu pai também é lembrado nas épocas dos movimentos de revolta, período em que Floresta e sua família forçadamente tiveram de sair de sua cidade para viver em outras.

Nessa obra também observamos que Floresta ao aconselhar sua filha evidencia que não se limitaria a oferecer através desses conselhos apenas uma “sombra da ciência” Floresta (1858). Referindo-se a importância da educação para as meninas e mulheres. Ainda em seus conselhos a referida autora atenta sua filha em relação a sua sexualidade dando exemplos de homens que poderiam causá-la mal.

²⁶⁰ FLORESTA, Nísia. *Consigli a Mia Figlia*. Firenze: Stamperia Sulle Logge Del Grano, 1858. p. 10.

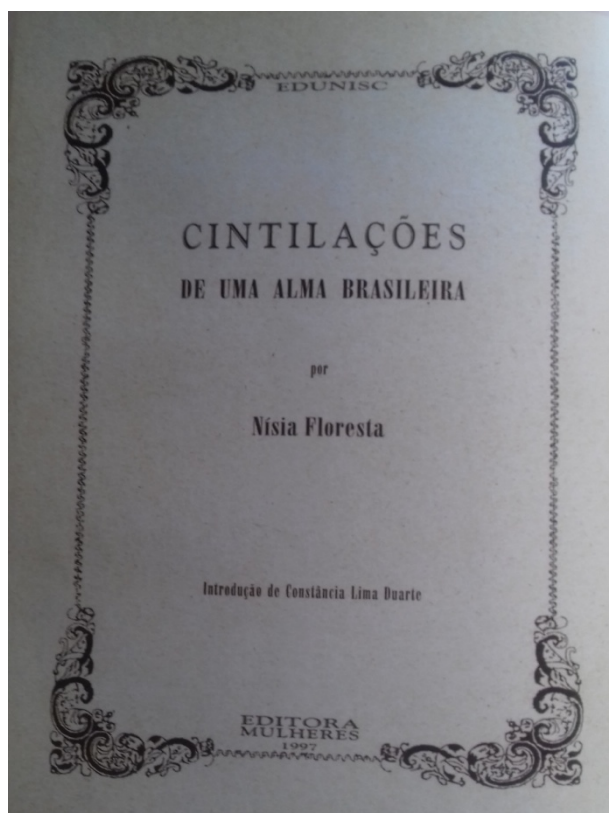
²⁶¹ Idem, p. 8.

Alertava sobre homens com falsa modéstia seriam capazes de seduzi-la devido a sua inexperiência juvenil e podendo degradar sua vida, assim como a chama que busca a borboleta e a devora²⁶². Por fim, nessa obra, é possível observar uma tendência de Floresta em discussões que fazia parte do debate no Brasil do século XIX, ou seja, o da filosofia moral e medicina da higienização.

iii) *Scintille d'um' Anima Brasileira*²⁶³.

1ª edição pela *Typographia Barbera, Bianchi e Cia*, de Florença, 1859. 1ª edição em português, *Cintilações de Uma Alma Brasileira*, Editora Mulheres, Florianópolis, 1997.

Imagem 9- Capa do livro *Cintilações de Uma Alma Brasileira*



Fonte: Duarte, 2006.

Com duas edições, sendo a primeira e em italiano e a segunda como edição póstuma em português editada mais de 100 anos depois, esta obra é um dos escritos mais importantes de Nísia Floresta. Publicada em Florença na Itália, em 1859 este livro é composto por cinco ensaios (*Il Brasile, L' Abisso sotto i*

²⁶² Idem, p. 47.

²⁶³ *Cintilações de Uma Alma Brasileira*.

Fiori della civilitá, La Donna, Viaggio magnético, Uma passegiata al giardino di Lussemburgo²⁶⁴). Neste é possível perceber a escrita ufanista²⁶⁵ da autora, mesmo fazendo uso de uma escrita menos combativa, não deixou de delatar os problemas sociais e a situação das mulheres brasileiras.

Além disso, nesta obra Floresta não deixa ocultar sua admiração por Auguste Comte, com quem autora trocou diversas cartas que, posteriormente, foram transformadas em livro. É no ensaio “Passeio no Jardim de Luxemburgo” que compõe esta obra de Floresta que pode ser considerado onde mais a autora revela sua reverência pelo filósofo e sua corrente filosófica. Contudo, em conformidade com Duarte, “Julgamos a adesão de Nísia Floresta ao positivismo apenas parcial porque consideramos, de um lado, os elogios feitos por ela à doutrina e de outro, a independência de pensamento que conservou, apesar da familiaridade com o filósofo”.²⁶⁶

Ainda de acordo com essa autora aproximação de Nísia Floresta com a doutrina filosófica de Comte “Se efetua precisamente no que destaque dado à mulher e na impressão de que, enfim, ela era levada “a sério”²⁶⁷. Uma vez que nessa doutrina a questão da mulher, de certa forma, era reverenciada.

Contudo em “Cintilações de Uma Alma Brasileira” a autora decide trazer temas relacionados as belezas naturais de seu país. Além de temas sobre a prostituição no ensaio “O abismo sob as flores da civilização” que tem como cenário a cidade de Paris. Ainda na França, a autora antecipava uma discussão sobre a questão da amamentação; um problema social e atual na França no tempo em que viveu naquele país. Em tal acontecimento a feminista pôs em prática seu lado jornalístico escrevendo seu texto em forma de reportagem. Fato que aconteceu durante visita a aldeia em que tinha mulheres que eram contratadas para o serviço de amamentação.

²⁶⁴ O Brasil, O Abismo sob as flores da Civilização, Mulher, Vigem Magnética e Um passeio pelo Jardim de Luxemburgo.

²⁶⁵ Pessoa que tem orgulho excessivo de algo. Aquela que exalta exageradamente seu sua pátria.

²⁶⁶ DUARTE, Constância Lima. In. FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997, p.1997, p. xxviii).

²⁶⁷ Idem, p. xxviii).

Sobre esse acontecimento “Nísia Floresta tinha um posicionamento incisivo e afirmava que quando as mulheres entregavam seus filhos para que outras dessem de mamar, estas estariam negando sua função biológica, ou seja, a de amamentar Silva (2014). Além disso, chamava atenção dos governantes da época sobre esse acontecimento onde alertava;

Não façais dela a mulher da Bíblia; a mulher de hoje em dia pode-se sair-se melhor do que aquela; nem muito menos a mulher da Idade Média: da qual estamos todas tão distantes que não poder-nos-ia servir e modelo; mas a mulher que deve progredir com o século dezenove, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos²⁶⁸.

Nísia Floresta, diante dessa afirmativa retoma sua postura crítica perante o papel social reservado a mulher. Nada obstante, nesta obra, Nísia Floresta, se distancia de suas escritas anteriores e ressalta o seu lado religioso e moral “[...] tanto mais seus esforços para alcançar o devido lugar e a glória de tê-lo adquirido com o uso constante de suas virtudes naturais as destacarão no grande e maravilhoso quadro da ressurreição moral dos povos²⁶⁹.

Nesse entendimento, Silva ressalta que para Floresta essa “[...] “mulher de posse de uma educação que esclarecesse sobre suas funções sociais e biológicas saberiam, dessa forma, educar bem seus filhos, além ser uma boa filha e esposa” Silva (2014). Contudo, logo esclarece estas funções dizendo que a filha deveria amar os pais e obedecê-los, sendo este um dever sagrado, à esposa aconselha que seja fiel e der provas de que não é um ornamento, um ser autômato, mas uma companheira necessária, enquanto sobre o papel de mãe Nísia dizia “ser mãe, no sentido moral, não consiste em se ter filhos, mas saber educá-los”²⁷⁰.

Para Duarte (1997) neste ensaio, Nísia contribui para a construção da identidade feminina e seu nome se alinha aos teóricos e teóricas da “reformulação da maternidade e do papel da mulher em nosso país e mesmo na França”²⁷¹ Nessa perspectiva, acreditamos que se de fato a construção da

²⁶⁸ FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997, p.115.

²⁶⁹ Idem p. 133.

²⁷⁰ FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997, p.139.

²⁷¹ DUARTE, Constância Lima. In. FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997, p.1997, p. xxii).

identidade feminina passou, historicamente, pelo resgate da função biológica e do seu papel no que se refere à família, Nísia contribuiu para a discussão junto a outras escritoras de sua contemporaneidade .Silva (2014).

Fato que reafirma a importância dos escritos de Nísia Floresta e sua defesa dos direitos das mulheres. Em ensaio “O Brasil”, Floresta dá destaque as belezas naturais da sua pátria e crítica os estrangeiros, que quando falam do Brasil apenas exaltam o seu lado negativo. “Afirma que não seria possível para um imigrante, devido a imensidão de seu país, resumi-lo ao subdesenvolvimento” (Silva, 2014). E lembra um fato que aconteceu com ela mesma “nas salas de Paris aparecer alguma brasileira que dê mostras de talento, perguntam-lhe incontinentemente se foi educada na França”²⁷²

A defesa de seu país não se resume a poucas palavras, nesse ensaio, pois revela sua veneração por seu país. Destacando que “não haveria outro país tão abençoado com tamanha beleza natural e alçava críticas aos colonizadores, apontando que para a referida autora “Nenhum outro país, tampouco, com tantas reais vantagens para torna-se maior nação do mundo, foi com maior negligência tratado por aqueles que o descobriram, e o governaram por mais de três séculos!”²⁷³

Neste livro também a autora destaca com altivez sua admiração pelo estado de Pernambuco. Passando pelas revoltas de 1817 e 1824, nome de personagens históricas pernambucanas, belezas naturais do estado à origem do nome da cidade Olinda dedicando a maioria das páginas de “O Brasil” para detalhar esse estado brasileiro, lugar onde a autora reconhece que entre as vinte “Províncias de que se compõe o vasto império do Brasil, todas ricas de que a natureza reserva de maior em seu regaço, uma há, da qual pode-se dizer que o gênio da liberdade a escolheu para seu domicílio”²⁷⁴ exclamando que “Pernambuco! Sim, ali se encontra todo esse conjunto de belezas

²⁷² FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997, p. 57

²⁷³ Idem p. 11.

²⁷⁴ Idem p. 21.

naturais que desabrocham da franqueza espontânea, ainda não cancelada em seu povo pelo refino de uma fictícia civilizada”²⁷⁵.

A admiração por esse estado brasileiro, para Silva, há uma explicação, e muito tem de influência para autora, da morte de seu pai ao nascimento da sua primeira filha; do primeiro jornal em que difundiu suas ideias à publicação do seu primeiro e mais revolucionário livro, como dissemos, considerado o marco da história do feminismo no Brasil. Desta forma, se justificaria essa admiração pela Veneza Brasileira Silva (2014).

Nesse contexto, “Cintilações de Uma Alma Brasileira” apresenta uma nova escrita de Nísia Floresta ao “abandonar” seu texto mais contundente, entretanto fica evidente que não deixa de denunciar os problemas sociais de sua pátria, apesar de apresentar grande admiração.

Uma das questões denunciadas por Floresta foi a da escravidão. Sobre a situação de como viviam os escravos lembrava que viviam espalhados por vários pontos da cidade a “[...] calcar sob um belo céu o rico e livre solo brasileiro, arrastando atrás de si a pesada corrente da servidão: contra-senso escarnecedor das liberalíssimas instituições que governam esta bela nação!”²⁷⁶. Fato que para a autora era classificado como “Lastimável e reprovável” Floresta (1997).

viii) Fany ou o modelo das donzelas

1ª Edição do Colégio Augusto- Rio de Janeiro- 1847. 2ª Edição Editora - O Globo- Porto Alegre. 1935.

Este é outro impresso que Nísia Floresta dedicou às alunas do Colégio Augusto, Fany ou o modelo das donzelas, foi editado pela primeira pela própria instituição. E pode ser considerada como a segunda obra de ficção brasileira escrita por uma mulher no ano de 1847. Por muito tempo essa obra foi considerada como perdida, pois não havia nenhum exemplar, tampouco alguns registros em jornais que especificassem a existência da mesma. Apenas em 1935 o escritor e político, Fernando Osório, publica no livro “Mulheres

²⁷⁵ Idem p. 35.

²⁷⁶ Idem, p. 171.

Farroupilha”, editado em Porto Alegre pela editora, O Globo. “O autor teria encontrado um manuscrito desta novela, de próprio punho de Nísia Floresta, datado de 8 de abril de 1847. No manuscrito, a autora informa ainda que ela foi escrita para servir de leitura às alunas do Colégio Augusto”²⁷⁷.

Dedicado às suas alunas, a história se passa durante a Revolta da Farroupilha no ano de 1835 e como principal personagem jovem Fany. Definida como uma jovem que com características, de acordo com a autora, que reunia todas as virtudes que uma menina deveria ter: boa, sempre dócil, que atendia aos conselhos de sua mãe, sempre modesta e atenciosa com todas as pessoas Augusta (1847).

Demonstrando seu lado maternal, Floresta, nesses adjetivos evidenciava seu entendimento de que uma filha deveria sempre estar ao lado de sua mãe. O que pode ser comprovado através de outros escritos, especificamente, nos seus escritos de viagem a inseparável companhia de sua filha, Livia Augusta.

Nesse entendimento segundo, Nísia Floresta, a mulher não precisava viver distante da família para ocupar o seu espaço, lembrando que Fany ao concluir sua educação, seria ela quem dirigiria “sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angélica”²⁷⁸. Porém exaltava o fato da jovem não abandonar o cultivo dos estudos, pois para Nísia uma mulher instruída poderia dar uma educação melhor às suas filhas e filhos. Silva (2014).

Nesse contexto, Floresta, ainda relata a morte do pai da principal personagem, em meio à guerra, fato que para Nísia Floresta, seria o momento em que a jovem poderia desenvolver as virtudes de seu sexo feminino; animando sua mãe, oferecendo-lhe doces carícias, cuidando dos irmãos e prestando socorro aos feridos. Indicando que “Possam todas as donzelas e principalmente aquelas para quem escrevi estes ligeiros traços da história de Fany, imitar suas virtudes, e excitarem uma pena mais hábil do que a minha para descrevê-

²⁷⁷ DUARTE, Lima Constância. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p.102.

²⁷⁸ AUGUSTA. Nísia Brasileira. *Fany ou o modelo das donzelas*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p. 97.

las!”²⁷⁹.

Nesse entendimento, Nísia Floresta, ao se estabelecer conceitos moral e religioso, nesse discurso, finda por contribuir para um novo papel da mulher de sua época, a de mãe, esposa e filha instruídas. Credo em que o futuro da pátria dependeria das mulheres. Sendo estas as responsáveis pela ordem dos futuros cidadãos, que converteriam o país numa pátria desenvolvida.

xix) Darciz ou a jovem completa

1ª Edição- Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845.

Apenas com uma edição de que se têm notícias este livro, até o presente, não possui nenhum exemplar. O conhecimento de sua existência se deu a partir de publicações em alguns periódicos que anunciavam a sua venda. Identificamos alguns jornais que traziam tais anúncios. Tais como Jornal do Comércio (1849-1850), O anunciador (1850), O Periódico dos Pobres (1850), Correio Mercantil (1850), O Grátis (1850) e Correio da Tarde: Jornal Político, Litterário e Commercial (1850) e o Paiz- MA (1885), O Pharol –RJ (1885).

Os anúncios abaixo nos conferem respaldo para afirmar que a obra realmente existiu. Ao passo que também trazem algumas informações que nos permitem fazer algumas interpretações sobre de se tratava o contexto desse escrito.

²⁷⁹ AUGUSTA. Nísia Brasileira. *Fany ou o modelo das donzelas*. In. Inéditos e dispersos. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p. 102.

Imagem 10: Anúncio de livro dedicado às alunas do Colégio Augusto.

— 4 —

E' cousa asquerosa, vil,
Cousa forjada no averno,
A que voto odio eterno,
Odio que não terá fim,
Pois um flagello assim
E' verdadeiro inferno.

DECIMA. (*)

Dou por esta os parabens
Ao dos Pobres, o Periodico,
A' vista do prego modico
Pois custa só dois vintens;
Ao Mathias dos dedens.
Faço meu voto incessante,
Por á epidemia reinante
Ter até para escapado,
Assim como o assignado,
Qu' é seu amigo constante,
Por M. S. A.

SONETO

Ao Illm. Sr. R. P. de C., por Francisco Antonio Matheus de Carvalho.

A ti corro, senhor, para implorar
O poder de sombar da sorte irrosa,
E beijando a mão divina e dadivosa
Espero p'ra meu mal termo encontrar.

Saber, illustração busco eu gozar,
E tua paternal mão piedosa,
Ah! creio já vêr mui cuidadosa
Meu talento ajudando a cultivar.

Tu'alma bemfazeja, terna e pura,
Não negará por certo o meu pedido,
A' esperança que tenho de ventura.

Permitta o céo por ti seja attendido:
Dai-me, dai-me, senhor, gloria segura
Que eterno teerei agradecido.

CHARADAS.

Quando o termo da jornada,
Ainda vê mui distante,
Com desejos de chegar
Assim faz o viajante. — 2

Nome sou d'uma mulher
Sou nome d'amada tua,
Busca-me achar, e verás
Que tenho parte na lua. — 3

Conceito.

Sou Provincia fertilissima
Lá na Hespanha me acharão
Patria sou dos dois Feneças
Tambem do grão capitão.

2.^a

No que se chama casaca, — 2
Nas cordas da embarcação — 1

Sou traste a que o corinheiro
Tem alguma estimação.

(*) Foi-nos offerrecida esta decima, que muito agradeccemos ao seu autor.

Annuncios.

LIVRINHO MILAGROSO

DACIZ OU A JOVEN COMPLETA

Historia offerrecida ás educandas do Collegio Augusto, pela sua directora Nisia Floresta Brasileira Augusta; se acha á venda na rua do Ouvidor n. 158, a sahir ao largo de S. Francisco de Paula.

morador na rua de S. Pedro n. 194, de chegar á rua de S. Pedro n. 176, que se lhe deseja fallar para negocio de seu interesse.

DACIZ OU A JOVEN COMPLETA

Historia offerrecida ás educandas do Collegio Augusto, pela sua directora Nisia Floresta Brasileira Augusta; se acha á venda na rua do Ouvidor n. 158, a sahir ao largo de S. Francisco de Paula.

ESPEREMOS SEMPRE

conto moral, traduzido do francez por Livia August de Faria Rocha; acha-se á venda na rua do Ouvidor n. 158, a sahir ao largo de S. Francisco de Paula.

ASSALTO D'ARMAS.

RUA DO FOGO N. 35.

As lições continuarão a ser nos dias terças, quintas e sabados a qualquer hora; os senhores que desejarem aprender o exercicio de florete, ou espada queirão dirigir-se á casa acima. O professor tambem se offerece a llicionar por collegios e por casas particulares.

LINDOS espelinhos para gabinete, escovas para cabelo e para roupa; tudo muito superior; vende-se na rua dos Ourives n. 149, casa de charutos e cautelas.

ESCOVAS para roupa e cabelo muito superiores, ricas charuteiras; vendem-se na rua dos Ourives n. 149, casa de vender charutos e cautelas.

FORMAS lavradas de todo o tamanho e padrão para pudins, geléas, empadas etc., e ditas lisas. Ha tambem um grande sortimento de cafeteiras, bules, chaleiras, terrinas, copos, manteigueiras e assucareiros, e condones de vinho; tudo de folha polida, e tudo quanto pertence á sua arte; Casa do Anjo, rua do Ouvidor n. 109.

TYP. DE A. M. MORANDO, RUA DA YALLA N. 65.

Fonte: Fonte: Periódico dos Pobres, 1850, p. 04. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Este anúncio traz uma informação sobre a possível temática do livro afirmando que tal obra seria uma história moral escrita por Uma Brasileira. Um dos pseudônimos de Nísia Floresta. Já no do Jornal, O Anunciador, de 04 de fevereiro de 1850 confirma que realmente a obra foi escrita pela diretora do Colégio Augusto, Nísia Floresta, e oferecido às suas educandas.

Nos demais anúncios encontrados no total de 15 entre os anos de 1849 e 1850 seguem os mesmos enunciados para a venda e apresentação do livro. O fato de, até o momento, nenhuma das pesquisadoras e pesquisadores sobre Nísia Floresta, não ter encontrado nenhum exemplar dessa obra deixa uma falta significativa na análise dos escritos dessa autora. Contudo, permite que seja feita uma analogia entre as obras que foram escritas, ao que tudo indica, com o mesmo objetivo. Conselhos a Minha Filha (1842), Fany ou o modelo das Donzelas (1847), o próprio Daciz ou a jovem completa (1847) e o

Discurso que às suas Educandas ofereceu (1847). Formando uma coleção de 04 obras com o mesmo segmento de escrita.

x) Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia floresta.

1ª Edição Typographia Imperial de F.B de Paula Brito. Rio de Janeiro. 1847.

Este discurso foi proferido por Nísia Floresta à época em que era professora e diretora do Colégio Augusto às suas alunas no encerramento do ano letivo do Colégio. Segue o discurso na íntegra.

“Minhas caras educandas! Concluístes vossos trabalhos escolásticos do ano letivo que ora acaba. Eis o momento de prazer para vós, que voltando às vossas famílias, ides entre elas fruir dias tranquilo; de satisfação para vossos Pais, que veem coroados os seus cuidados com o resultado de vossa aplicação; de algum repouso para mim, de que tanta precisão tenho, depois dos receios que me assaltaram este ano, pela saúde de minha cara filha, receios cruéis, que mereciam absorver todas as minhas atenções, e que todavia eram disputados pelo assíduo trabalho a quem, não obstante, me dei sempre para conseguir ornar-vos com flores, que no difícil caminho da ciência, incansável procurei colher para vós, que concluindo hoje a vossa educação, voltais ao seio de vossas famílias, e ides entrar em um mundo, onde tudo temo por vós! Jovens, muito jovens ainda para bem terdes refletido nas vantagens da austera moral, que se vos tem aqui procurado ensinar, vossos sentidos, e talvez vossos corações achar-se-ão surpreendidos aos primeiros sons, que a corda da lisonja vibrar, emagicamente ecoar em vossa sensibilidade! Então todas as nossas lições serão perdidas, se vos não acordades com a Égide da modéstia, que sendo a mais bela e aromática flor, das que compõem a coroa da virtude, dá às qualidades da mulher o verdadeiro realce, que a torna no mundo todos apreciada. Não vos repetirei aqui o texto de minhas constantes lições: vós o achareis, senão gravado em vossos corações, nem mesmo em vossa memória, ao menos em todos os meus escritos, que vos tenho dirigido. A mulher, sendo destinada pelo Criador, para amenizar a existência de seu semelhante, tem para com Aquele contraído a mais sagrada das obrigações, a de bem desempenhar essa sublime missão, de cujos resultados depende a felicidade de sua vida, e a de sua posteridade. É portanto mister para conseguir esse digno fim, que ela se amolde desde a infância à prática exata e constante das virtudes, que a constituem sobre a terra um anjo de consolação, um anjo de paz! Felizes aqueles, que , tendo como vós Pais que, curando de vossa felicidade futura, facilitam-vos os meios de cultivardes o vosso espírito, e lições que tendem a aperfeiçoá-lo, sabem aproveitar o tempo precioso dos estudos, e fazer bom uso de uma instrução, de que tanto precisa nosso sexo, a fim de facilmente preencher os sagrados deveres que lhe impõem a natureza e a sociedade; e forçar, por assim dizer, o egoísmo, a discriminar nele o mérito, que lhe dá sólida instrução, da desprezível vaidade que não pode afluir senão em espíritos minimamente medíocres. Bendizei pois a Providência, minhas filhas, que vos colocou nesta situação favorável; e não inutilizeis os esforços, que pela vossa educação se tem feito, deixando-vos de aplicar ao estudo de bons livros nas horas vaga, que vos ficarem de um trabalho proveitosos, com o qual deveis procurar entreter o vosso espírito, a fim de que a ociosidade não o venha saltar com os seus terríveis efeitos, e torná-lo incapaz de uma virtude, pela qual chegareis ao apogeu da felicidade. O sublime Fenelon compreendeu bem essa felicidade, quando disse: “A ignorância de uma donzela é causa de que ela se ache muita vez nesse estado de indefinível fastio do mundo, no qual não sabe em que deva ocupar inocentemente. Quando ela chega a uma certa idade, sem aplicar-se a coisa sérias, não pode ter nem gosto, nem estima para com elas; tudo p que é sério lhe parece triste; tudo o que demanda uma atenção constante a fadiga; a inclunação aos prazeres, tão forte, durante a mocidade; o exemplo das pessoas de sua idade, engolfadas nos divertimentos, tudo serve de lhe fazer temer uma vida bem regulada e laboriosa”. Citando-vos este oráculo de educação, eu não ousa mais nada acrescentar-vos de própria cogitação: refleti pois sobre estas sacramentais palavras; e na prática exata de nossa Santa Religião, que tão minuciosamente vos tenho

ensinado, desempenhando como base de todas as virtudes filiais, que, tendo por gosto adotado, lutando com inúmeras dificuldades, segue a vossa Preceptora amiga. Assinado: N.F.B. Augusta.²⁸⁰

Neste discurso Floresta demonstra, dentre outras preocupações, o futuro da educação de suas educandas, ao mesmo tempo em que as aconselha. Contudo em sua fala encontramos um discurso menos incisivo. Nesse discurso, a autora demonstra sua aproximação com o pensamento liberal progressista, assim como de algumas correntes filosóficas, como o positivismo, corrente muito presente na sociedade intelectual brasileira durante a primeira metade do século XIX. Nesse sentido, a religião foi uma constante na escrita da diretora que ao aconselhar suas alunas, considerava a religião como o alicerce da virtude feminina.

Foi nesse contexto que, Nísia Floresta, proferiu os conselhos às suas alunas, aconselhando a seguirem seus estudos, a fim de aprimorarem os sagrados deveres que lhes impunha a natureza e a sociedade. Ao mesmo tempo em que objetivava que suas educandas despertassem para “difícil caminho da ciência” o era proibidos às mulheres de sua época. Questão que já havia sido discutida pela autora no seu polêmico livro “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens” de 1832. Onde defendia o acesso de mulheres aos cargos públicos e questionava sobre a superioridade que os homens criam ter sobre o sexo feminino.

Neste discurso também é possível perceber uma Nísia Floresta diferente da Nísia Floresta feminista. Onde adotou um discurso menos incisivo, contudo, procurou advertir suas alunas “[...] ides entrar em um mundo, onde tudo temo por vós! Jovens, muito jovens [...]”²⁸¹ se referindo, desta forma, sobre o enfretamento dessas jovens diante de uma sociedade que excluía ao sexo feminino de forma generalizada.

Nesse sentido, é possível observar a preocupação da autora sobre a educação de suas alunas, quando orienta as suas alunas que soubessem aproveitar “[...] o tempo precioso dos estudos, e fazer bom uso de uma instrução, de que tanto

²⁸⁰ AUGUSTA. Nísia Brasileira. *Fany ou o modelo das donzelas*. In. Inéditos e dispersos. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p. 107.

²⁸¹ AUGUSTA. Nísia Brasileira. *Fany ou o modelo das donzelas*. In. Inéditos e dispersos. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p.107.

precisa nosso sexo”²⁸² para que assim pudessem ser mulheres mais instruídas, desenvolvendo “[...] com mais facilidade os deveres que lhe impõem a natureza e a sociedade; e forçar, por assim dizer, o egoísmo, a discriminar nele o mérito, que lhe dá sólida instrução”²⁸³ onde não apenas desenvolver papeis de mãe, esposa e filhas, mas de mulheres que por meio da instrução pudessem ocupar o espaço público, apenas reservado ao homem. Advertindo que suas alunas não tornasse inútil.

Os esforços, que pela vossa educação se tem feito, deixando-vos de aplicar ao estudo de bons livros nas horas vagas, que vos ficarem de um trabalho proveitosos, com o qual deveis procurar entreter o vosso espírito, a fim de que a ociosidade não o venha saltar com os seus terríveis efeitos, e torná-lo incapaz de uma virtude, pela qual chegareis ao apogeu da felicidade²⁸⁴.

Nestes termos Floresta evidencia sua fala apesar de menos atrevida, não abandonava sua visão sobre a importância da educação das meninas. Procurava incentivar à leitura de bons livros até mesmo fora do espaço escolar.

²⁸² Idem, p. 107.

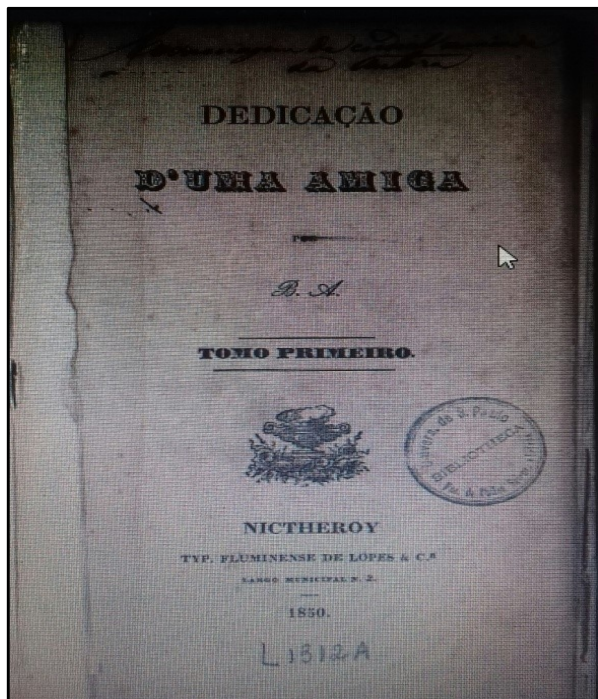
²⁸³ Idem, p. 107.

²⁸⁴ AUGUSTA. Nísia Brasileira. *Fany ou o modelo das donzelas*. In. Inéditos e dispersos. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN, 2009, p.107

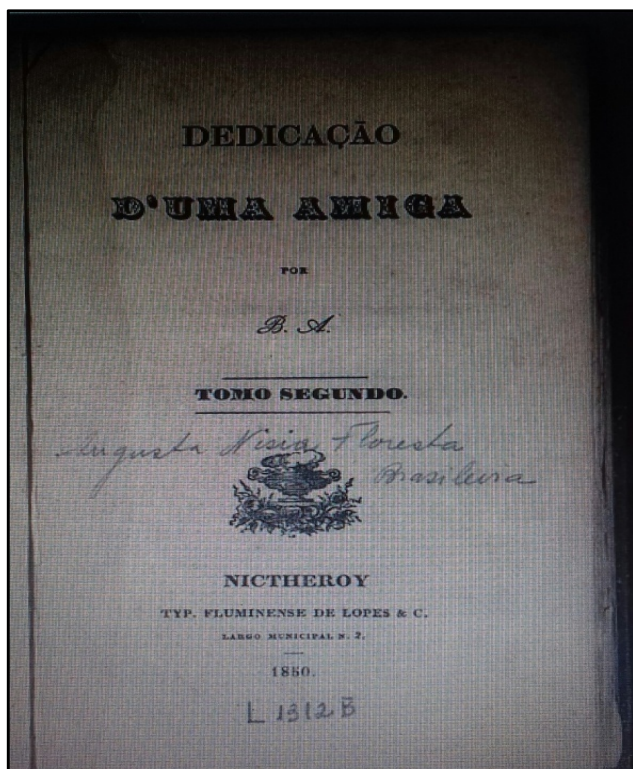
xi) Dedicção d' uma amiga.

1ª Edição. Em dois vol. Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.
Niterói- Rio de Janeiro. (Romance Histórico)

Imagem 11- Capa da 1ª edição vol. I do livro Dedicção de Uma Amiga



Fonte: Biblioteca da Universidade de Sao Paulo- USP
Imagem 12- Capa da 1ª edição vol. II do livro Dedicção



Fonte: Biblioteca da Universidade de Sao Paulo- USP

Esses dois volumes da obra de Nísia Floresta são achados dessa pesquisa que apenas se tinham notícias de que havia dois exemplares. Até o momento, apenas foram citadas como sendo obras de Floresta, assim como a representação da capa apenas do tomo I desse livro, como afirma Cosntância Lima Duarte “No início de 1850, apesar de autora estar a milhares de quilômetros do Brasil, era publicado em Noterói um romance seu – Dedicacao de uma amiga- em dois volumes, assinado como as iniciais B.A.”²⁸⁵. Contudo, para a autora “Segundo Inocêncio, no Dicionário Bobliográficos, esta obra devia compor de quanto volumes, bmas apenas dois teriam sido publicados”²⁸⁶.

Fato que corrobora para não existência de uma segunda edição de tais obras. Tampouco há pesquisas sobre Nísia Floresta que aprofundem o conteúdo desses livros. Apenas se restringem a afirmar que são “um romance histórico” da autora.

Nessa pesquisa, apesar de não adentrarmos numa análise mais aprofundada dessas obras faremos uma breve explanação do teor de seu contexto. Ao iniciar sua narrativa obra, Nísia Floresta, indaga sobre a decisão de pluquicar tal escrito e afirma que não foi pela esperança de seus livros serem apreciados porque tinha consciência “1º de minha insuficiencia literária, 2º do espírito de meu paiz sopesado de prejuízos, professando ainda errôneas grosseiras doutrinas, tendentes ao apreciamento da intelligência da mulher”²⁸⁷.

Apesar de não realizar uma análise específica da obra é possível observar a que na fala inicial do livro a constestação de Nísia Floresta diante da realidade da ignorância em que seu país mantia as mulheres. Se referindo ao desdén que a educação da mulher brasileira sofria. Mais adiante a autora ao se referir a umas das pernonagens no romance afirma que

Ela não havia aprendido a grosseria e errônea doutrina d’queles, que apresentam a mulher como incapaz de occupar-se de altas funções, por que seu espírito mediocre, dizem,

²⁸⁵ DUARTE, Constantância Lima. Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo. Fotobiografia. Mercado Cultural. Brasília, 2006, p.40.

²⁸⁶ Idem

²⁸⁷ AUGUSTA, Brasileira. Dedicção d’ uma amiga. (Romance Histórico)1ª Edição. Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850. Niterói- Rio de Janeiro. 1850, p.ii.

póde apenas atingir ao conhecimento da necessidade, que ella tem de embellecer o seu phtsico para agradar aos homens!²⁸⁸

Floresta, nessa afirmação deixa evidente seu posicionamento sobre de como a mulher era tratada socialmente. Além disso, ressalta o fato, ainda não percebido em outros escritos seu a questão da objetivação do corpo feminino quando terce crítica ao pensamento machista de que a mulher precisa “embelcer o seu físico para agradar aos homens”.

O romance na verdade acontece no norte do Brasil onde á personagens indígenas e eropeus. Onde, Nísia Floresta, dá voz aos seus personagens indígenas para criticar a exploração desses povos. Quando um indígena ao encontrar com uma família de extrageiros afirma. “Não queremos tua fortuna, branco; livres habiadores dos bosques não conhecemos o preço d’esse metal pelo qual tanto se degradam os teus iguais; preferimos a nossa liberdade, de que em balde nos queres despojar”²⁸⁹. E continua “Tú és sem dúvida um dos que compõe as phalanges d’esse chefe estrangeiro, que sob o nome de legalidade, nos persegue, e tenta extiguir a nossa raça”²⁹⁰. O persongem relembra ainda que “Nossa terra, de que Deus nos fez presente, e que teus cruéis antepassados disputaram aos nossos, á custa de seu sangue, e de sua liberdade!”²⁹¹. Nísia Floresta, pois, ao dar voz a seus personagens indígenas, acaba por transparecer seu descontentamento perante as atrocidades por quem passou os povos que acupavam o Brasil antes da invasão do homem branco. Relambrando toda a violência, morte e extermínio desses povos.

Dedicação a uma Amiga (1850) trás diversas questões em seu contexto que merecem ser analisadas minunciosamente. Além da questão indígena, Floresta debate a questão da imigração quando suas personagens que viviam no norte do Brasil passaram a viver em Lisboa. A autora trás á tona a questão do preconceito devido “Felina” e sua amiga serem brasileiras. De fato essa obra apresenta uma importante fonte para que se possa descobrir uma nova escrita de Nísia Floresta.

²⁸⁸ Idem, p. 36.

²⁸⁹ AUGUSTA, Brasileira. Dedicação d’ uma amiga. (Romance Histórico)1ª Edição. Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850. Niterói- Rio de Janeiro. 1850, p.ii.09-10.

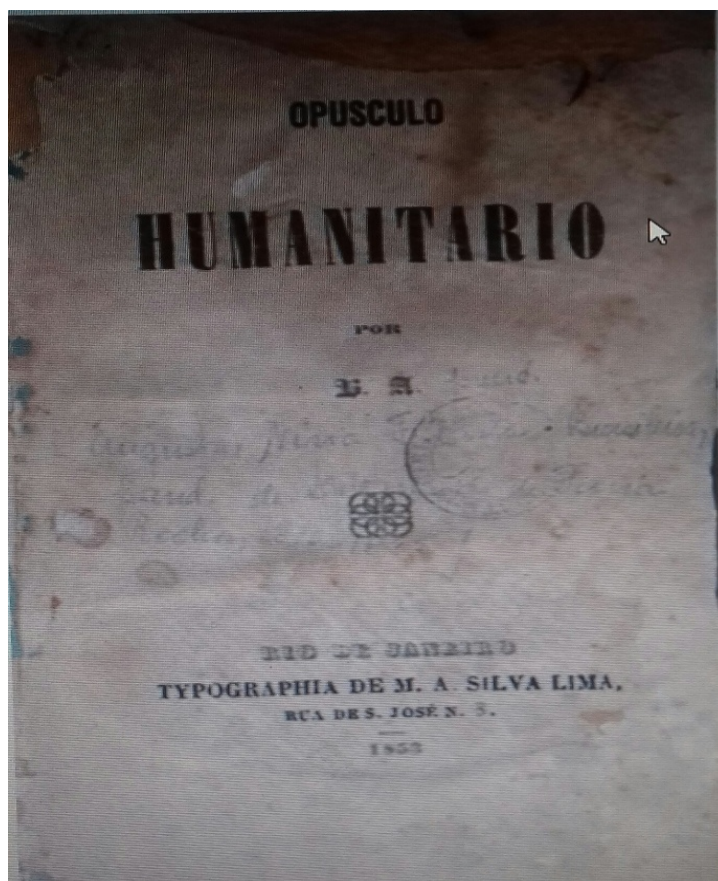
²⁹⁰ Idem, p. 09-10

²⁹¹ Idem, p. 09-10

xii) Opúsculo humanitário

1ª Edição. Typographia de M.A. Silva Lima, Rio de Janeiro- 1853. 2ª Edição. Cortez Editora, São Paulo: Cortez, 1989.

Imagem13- Capa da 1º edição do livro Opúsculo humanitário



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Certamente esta foi a obra em que, Nísia Floresta, evidenciou sua angústia, rebeldia e desalento ante a realidade retrocesso do sistema educacional do brasileiro. Declarava, que enquanto os governantes continuassem ignorando esta real calamidade da educação, o Brasil continuaria no atraso cultural e intelectual (Silva, 2014). Floresta ainda afirmava que a nação brasileira, persistia continuar com atraso educacional, que segundo essa autora era uma herança dos povos colonizadores, pois era “uma triste verdade ter o Brasil herdado de sua metrópole o desprezo em que teve ela sempre a educação do sexo”²⁹².

²⁹² FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 47.

Este livro resultou de uma coletânea de artigos no jornal, *Diário do Rio de Janeiro*. O Opúsculo Humanitário de Nísia Floresta está dividido em sessenta e dois capítulos. Nesta obra “a autora combate, o preconceito e condena os erros seculares da formação educacional da mulher, não só no Brasil como em diversos países”²⁹³. E deixa evidente sua revolta diante das injustiças brasileiras perante o sistema educacional do país na segunda metade do século XIX.

Nesse livro Floresta evidencia sua preocupação sobre a educação que pouco ou era oferecida à mulher, criticando suas limitações e defendendo idéias de mudanças. Alegava que a educação não fosse, apenas, para formar uma extensão do lar e desenvolver habilidades dignas de orgulho dos pais, a qual limitava as meninas.

Segundo Floresta tais ocupações se resumiam em: manejar os brilhos, girar o fuso para reduzir o algodão a grosso fio, pegar na agulha, conhecer o ponto da calda para as diferentes compotas e doces secos, laborar a lançadeira do tear, colorir as escamas dos peixes, etc. “Tais eram geralmente as ocupações que revelam o talento da jovem brasileira”²⁹⁴. De acordo com Silva (2014) as mulheres, confiantes de que sua educação sintetizava-se nessas destrezas, não havia outro destino à maioria das mulheres brasileiras, se não a subalternidade, Silva (2014).

Para Floresta, tal em relação a educação oferecida às mulheres também era alimentado por sofistas, onde faziam uso de argumentos de que a fragilidade da mulher seria uma justificativa para subtraírem-na o estudo, uma vez que definia o ensino como impróprio para o sexo feminino²⁹⁵.

Nesta obra Floresta não apenas fez observações sobre a situação da educação da mulher no Brasil, mas da Europa e da própria América, onde teceu comparações relacionando a qualidade da educação oferecida em seu país com as outras nações. Apesar de manter uma admiração pelo Brasil,

²⁹³ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 155.

²⁹⁴ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 55.

²⁹⁵ Idem, p. 62.

como deixou evidente em vários de seus textos, não ocultou suas injustiças. De acordo com Duarte “[...] a autora mostra o outro lado da moeda ao apontar as falhas e os defeitos de sua civilização: o atraso cultural, a indiferença dos governantes, o caso educacional²⁹⁶.

As denúncias feitas nas páginas de Opúsculo Humanitário trazem, especificamente, informações sobre a educação primária e secundária no Brasil, onde Nísia Floresta utilizou como fontes documentais do império brasileiro de 1852. Os dados revelados por Nísia Floresta, apenas vieram reforçar o impunidade do governo brasileiro em relação à precariedade do sistema educacional oferecido às meninas. Nas escolas públicas, dos 55 mil alunos matriculados, apenas 8.443 eram meninas, lembrado que estes números incluíam instituições educacionais da sede da corte, assim como das principais províncias. Para Duarte essas afirmações são “quase uma síntese do pensamento de Nísia Floresta sobre a educação formal e informal das meninas”²⁹⁷.

Percebemos nessa obra certa audácia de Floresta ao enfrentar a corte brasileira quando se utiliza dos seus próprios dados educacionais para comprovar suas opiniões. Dentre diversos fatos, este, fez com que a autora sofresse inúmeras críticas dos periódicos da época.

Além dessas denúncias, nessa obra, Floresta evidencia seu posicionamento sobre a maternidade, pois em diversos trechos revelava o papel da mulher em relação à maternidade desempenhar um bom papel quando se tratava da educação que deveria dar as filhas quando em tom imperativo ressaltava “Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas”²⁹⁸.

²⁹⁶ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana. 2010, p.30.

²⁹⁷ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p. 164.

²⁹⁸ FLORESTA, Nísia. Opúsculo *Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p.158.

Sem dúvidas quando realizamos uma análise mais detalhada do Opúsculo Humanitário (1853) encontramos em seu discurso de Floresta “Argumentos que nos levam a essa conclusão, mas é imprescindível que façamos uma leitura considerando o momento histórico em que se encontrava a educadora. Uma vez que “Por um lado, próxima do pensamento liberal mais progressista, e, por outro, limitada por sua formação religiosa aos ditames conservadores do catolicismo”²⁹⁹.

A despeito desse posicionamento sobre a maternidade, Floresta, não deixou de falar com rigorosidade denunciando a posição social e educacional reservado às mulheres afirmando que nada ou quase nada poderia ser visto para banir os entraves causadores do retardo dos progressos da educação das mulheres “[...] a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada”³⁰⁰.

Esta intelectualidade estava densamente centrada no tipo de educação almejado por Nísia floresta, ou seja, uma educação que não mais ofusasse, oprimisse ou privassem as mulheres permitindo-lhes, assim, sair da ignorância e do mundo hermético a que eram destinadas. De fato não era comum presenciar mulheres com algum tipo de influência seus maridos ou quaisquer parentes masculinos, em algum cargo público, caso viesse acontecer, ficaria às escondidas. Onde a figura feminina permaneceria submissa à masculina³⁰¹.

Assim sendo, o fato de a mulher ocupar um cargo público ou não, ficaria confiada ao mundo privado sempre. Pois não lhe era dada autonomia no exercício de tais funções. Também por esse motivo, Nísia Floresta, era defensora de educação emancipatória para mulher onde pudesse exercer seu papel na sociedade. Porém, “Falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca

²⁹⁹ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p.34.

³⁰⁰ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 44.

³⁰¹ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 44.

esse norte³⁰². Um norte que a fizesse ver as possibilidades de exercer seu papel enquanto cidadã de direitos.

A luta por uma educação igualitária e contra a banalização, inconsistência e negligência diante do sistema educacional do Brasil induziram Floresta, não apenas denunciar, mas a identificar as pessoas responsáveis pela situação em que se encontra o ensino de seu país. “Falamos essencialmente das causas que estorvam os progressos de nossa educação, concernentes à negligência dos governantes e à inaptidão da maior parte dos encarregados do ensino de nossa mocidade”³⁰³.

Nesta obra também, Floresta, não apenas ressalta a importância da educação da mulher, todavia sua escrita também ressalta sobre àquelas pessoas que, segundo a referida autora, viviam às margens da sociedade. Como os escravos africanos e os indígenas brasileiros. Sendo contra a todo tipo de tratamento humilhante a que eram submetidos. Sobre os indígenas indicava índia como digna de exemplo por sua dedicação a família e sua bravura. Aos escravos defendia a abolição e já anunciava como combater o preconceito para que este não se ramificasse numa sociedade futura (Silva, 2014).

Advertindo às mães sobre o exemplo que daria aos seus filhos e filhas quando açoitava as escravas e escravos em sua presença. Assim exclamava “Ensinaí-lhes cedo a olhá-los como nossos semelhantes e, por conseguinte, dignos de nossa comiseração no estado a que os reduziram nossos maiores”³⁰⁴.

Os temas polêmicos abordados nesta obra sejam sobre a educação, indígenas ou escravos africanos revelam a coragem e determinação da autora. Motivo pelo qual foi alvo de diversas calúnias e desprezo durante sua trajetória na campanha que firmou, precisamente, sobre a educação destinada ao sexo feminino (Silva, 2014). Que apesar de viver num cenário de repressão e confinamento da mulher não silenciou.

³⁰² FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p.61.

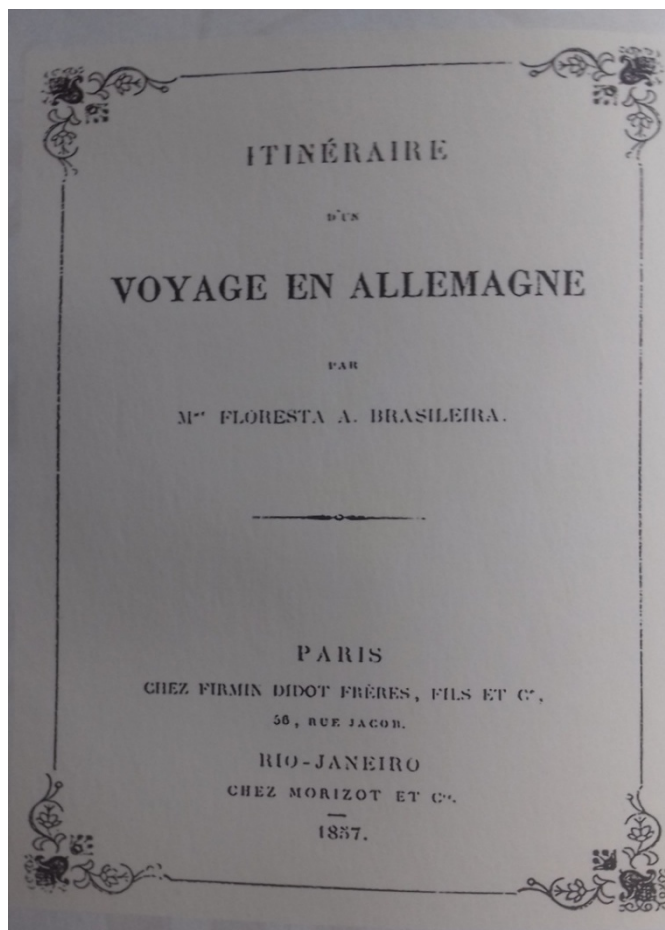
³⁰³ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p.88.

³⁰⁴ Idem, p. 116.

xii) Intineraire d'um voyage em allemagne³⁰⁵.

1ª Edição. Editora Firmin Diderot Frères ET Cie, 1857. Paris. 2ª (Primeira em português). Edição. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Editora Universitária da UFRN. Natal - Brasil. 1982.

Imagem 14- Intineraire d'um voyage em allemagne



Fonte: Duarte, 2006.

Esta a primeira obra que compõem a bibliografia de Nísia Floresta sobre suas viagens no solo Europeu. Itinerário de uma viagem a Alemanha foi assinado como Mme Floresta A. Brasileira e escrito em forma de cartas. Cartas estas que Nísia dirigidas aos seus irmãos e filho que viviam no Brasil. Nelas, Nísia Floresta, além de contar sobre sua vivencia na Alemanha fala de suas impressões sobre todas as cidades pelas quais passou. A primeira carta que inicia o livro data de 26 de agosto de 1856 em Bruxelas- Bélgica e termina

³⁰⁵ Itinerário de uma viagem à Alemanha.

com a carta datada em 30 de setembro desse mesmo ano na cidade de Estrasburgo, cidade situada ao leste da França.

Floresta antes de iniciar suas impressões de viagens fala de sua tristeza pelas perdas que sofreu no mês de agosto “O mês de agosto, que (sabem vocês) é tão funesto à minha felicidade, pela tríplice³⁰⁶ perda que imprimiu em minha existência, começou este ano, mais triste e dolorosa do que nunca”³⁰⁷. Assim afirma que apesar da magia de Paris, esta havia se tornado “monótona e insuportável” à medida que se aproximava a data dessas perdas. Por isso justificava a necessidade de viajar afirmando que “Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências”³⁰⁸.

Floresta ainda revela o porquê de suas viagens afirmando que “Viajar repitivelmente, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente. Desde que deixei Paris para visitar a Bélgica e a Alemanha, os dias não mais parecem ter a lentidão que me matava”³⁰⁹.

Ao seguir suas viagens a escritora registra suas impressões sobre as cidades pela qual passava, ressaltando suas paisagens, história, arquiteturas, culturas e personagens intelectuais desses lugares.

A pressa que é preciso para não perder tal ou tal trem, a beleza das paisagens percorridas, o interesse que nos inspiram os monumentos e os estabelecimentos diversos que visitamos, o estudo dos costumes locais, tudo isso faz-me passar o tempo rapidamente e, de modo geral, estou mais atordoada que tocada pelos objetos variados que se oferecem à minha visão³¹⁰.

Apesar dessas viagens, Floresta, reafirma a tristeza que carregava consigo. Contudo não deixa de fazer suas observações sobre as coisas específicas que encontrava nas cidades que visitava. Ao presenciar uma professora com

³⁰⁶ Esta tríplice perda a que Floresta se refere é a de seu pai, o português advogado, Domingos Gonçalves Pinto, assassinado em 17 de agosto de 1828 (Recife- Pernambuco- Brasil), seu companheiro e estudante de direito em Olinda- PE- Brasil, falecido em 29 de agosto de 1833 (Porto Alegre- Rio Grande do Sul- Brasil) e de sua mãe, Antônia Clara Freire Pinto, falecida em 25 de agosto de 1855 (Rio de Janeiro- RJ- Brasil).

³⁰⁷ FOLRESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1982, p. 37.

³⁰⁸ Idem, p. 31.

³⁰⁹ Idem, p. 67.

³¹⁰ Idem, p. 67.

um grupo de alunos em visita uma exposição e recorda de uma professora brasileira que “[...] o coração e o espírito se harmonizavam para instruir a juventude; apenas, limitando-se a ministrar lições entre os muros de um estabelecimento e num país onde não se compreende ainda toda a relevância de uma educação geral (...)”³¹¹.

Nessa fala, Nísia Floresta, parece referiu-se a ela mesma á época em que era diretora e professora do Colégio Augusto. Onde era criticada pela forma que ensinava e as disciplinas que oferecia a suas alunas. Além disso, critica o sistema educacional do Brasil, que segundo a autora “não compreendia a relevância de uma educação geral”. Ainda sobre acontecimento tece críticas as famílias que, por não entender, sua forma de ensino e “[...] longe de seguir o mesmo método, destruíam todas as lições recebidas e davam às vezes exemplos contrários”³¹². Fato que comprova que, Nísia Floresta, não abandona suas críticas sobre a educação de seu país.

Nesse contexto, nessa obra, Nísia Floresta demonstra ser possuidora de grande conhecimento geral, pois descreve consegue situar o lugar em que visita na história citando diversos autores e estudiosos, nomes como Kant e Leibnitz são citados logo no começo de sua escrita. Além disso, revela uma escrita minuciosa situando o leitor em cada detalhe do que está presenciando.

De fato, essas viagens de Floresta, revelam uma mulher viajante que apesar afirmar que viajava para esquecer suas dores, desenvolvia grande vínculo pelos lugares que passava “É triste ver-se, querer-se bem, para deixar-se logo em seguida! São assim, no entanto, as ligações de turistas! Meu espírito ama as viagens, meu ser físico nelas se compraz, mas meu coração nunca será viajor”³¹³.

xiii) Trois Ans En’ Italie Suivis d’un Voyage en Grèce³¹⁴.

1ª Edição. Editora E. Dentu. Paris. 1864 V. 1. 2ª Edição. Editora Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: EDUFRN- Brasil. 1998.

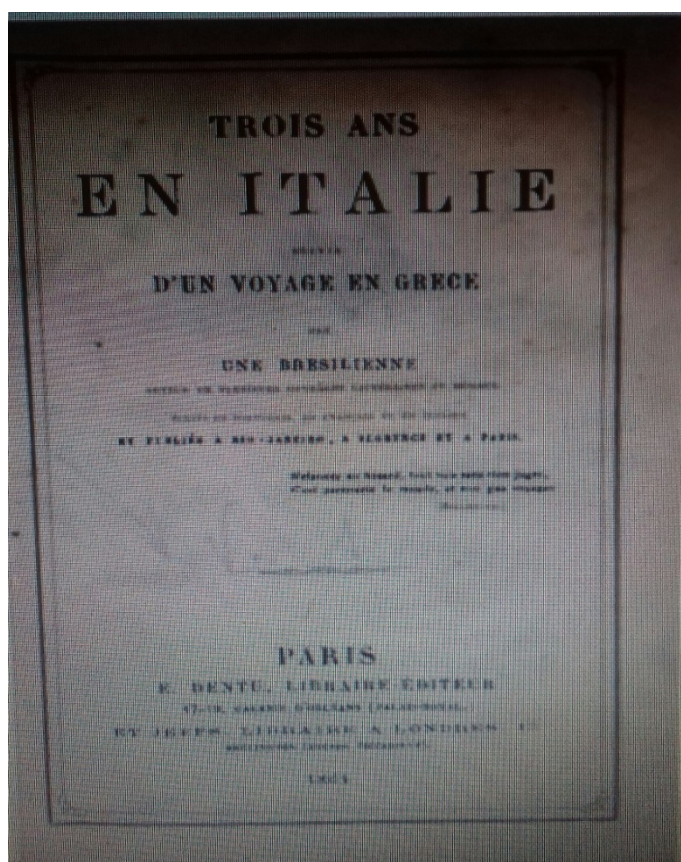
³¹¹ Idem, p. 86.

³¹² Idem, p. 95.

³¹³ Idem, p. 58.

³¹⁴ Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia.

Imagem 15- Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce



Fonte: Biblioteca Nacional

Três anos na Itália seguidos de uma Viagem à Grécia em sua primeira edição foi lançado em Paris em 1864 e assinado por “Une Brésilienne”. Nessa obra, como em Itinerário de uma viagem à Alemanha (1847) Floresta escreve suas reflexões sobre problemas políticos e sociais, assim como reflete sobre o modo de vida, história, costumes e cultura da Itália. “Sempre impulsionada pelo desejo de ver o que Roma tem de interessante, sejam obras de arte, seja em reminiscências, visitamos os templos, as galerias, as ruínas, etc”³¹⁵.

Em um contexto histórico e político, Floresta, realizou suas viagens em solo italiano, especificamente, nas cidades pelas cidades de Gênova, Roma, Nápoles, Florença, Sena e Veneza quando o país uma revolução pelo processo de independência. “Nísia Floresta percorreu a Itália nos anos que

³¹⁵ FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p. 155.

antecederam a Unificação das Regiões e a conseqüente criação do Reino que aconteceu em 1861³¹⁶. Ainda para este autor,

Fácil é imaginar que no final da década de 50, no século passado, a Itália fervia de ardor patriótico e que Nísia, digna representante, acima de tudo, dos ideais românticos, encontrasse, naquele momento histórico, condições excepcionais para tecer seus comentários relativos à grandeza do passado de um povo, contrastando com a miséria imposta pelos interesses estrangeiros ou pela tirania de um clero retrógado e servil, mas vivificados pela certeza das mudanças que se faziam anunciar através de insurreições, conspirações de teorias libertárias que desde 1848, agitava a Europa, em geral, e a Itália em Particular³¹⁷

Diante desta observação do autor podemos observar detalhadamente como se encontrava na Itália, quando Floresta, realizou suas viagens por diversas cidades desse país. Questões religiosas, políticas e históricas que foram também observadas e discutidas por Floresta em seu livro.

Durante suas impressões de viagem, Nísia Floresta, além dessas questões não deixou de observar, escrever e criticar a forma de como viviam as mulheres por onde passava. A forma de como viviam, costumes e direitos que eram dispensados a tais mulheres. Essa atenção sobre as questões das mulheres fica evidente ao iniciar, Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia, quando observa ao recordar de suas viagens anteriores compara a Alemanha e afirma que assim “[...] como os ingleses, permitem à mulher que viaje só, aventurar-se com segurança em longas excursões através das cidades, dos campos e das ruínas solitárias”³¹⁸

Nesse cenário, Floresta, também segue fazendo registro de sua vida particular, relembando de sua tristeza interior

Um terceiro abriu-se recentemente sobre mim, ai de mim! E quebrou o mais forte laço que me ligava a minha pátria. Privada de ver a estrela que me seguiu desde o berço, espargindo as benigna influência sobre mim, pareceu-me que tudo esmaeceu no meu horizonte! E na tenebrosa noite do afeto filial, retornei o vôo para o velho mundo, onde procuro, em vão, através das viagens, adormecer a tristeza d’alma. E quanto mais se sucedem os dias, os meses e os anos, mais sinto o vazio que se fez torno de mim³¹⁹

³¹⁶ JASIELLO, M. Franco. A Itália que Nísia viu. In. Floresta Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p 1998, p.15.

³¹⁷ Idem, p. 15.

³¹⁸ FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p.23.

³¹⁹ Idem, p. 86.

Nesse trecho a autora recorda de sua mãe e de sua pátria e relembra que, apesar das viagens, o vazio e tristeza permanecem a atordoá-las. Fatos que podemos observar durante grande parte dos registros da autora durante suas impressões de viagem em solo europeu. Contudo, não deixava de registrar minuciosamente, as considerações que acreditava ser importante dos lugares por onde passou e viveu durante anos.

Para Constância Lima Duarte, ao fazer seus relatos de viagens Nísia Floresta se diferenciou dos demais autores que já haviam realizado alguns relatos de viagens à Itália, pois “Ao invés de percorrê-lo em algumas semanas, como alguns autores fizeram, ela aí permanece por três longos anos, tempo mais suficiente para conhecer os lugares que lhe interessavam, fazer amizades e residir”³²⁰ (...). Essa observação de Duarte se concretiza quando Floresta afirma que “Não nos sobra tempo para aceitar todos os convites gratificantes de algumas famílias a que fomos recomendadas”³²¹.

Diante de uma propriedade de conhecimento autora, tece críticas aos europeus lembrando as atrocidades que o continente europeu ocasionou aos outros continentes, pois “Por pouco que se queira dar uma olhadela sobre a África, a Ásia e no Novo mundo, ver-se-ão horríveis carnificinas, atrocidades, práticas vergonhosas levadas a essas nações por povos que se dizem os únicos civilizados e bons cristãos!”³²². “América, a África, a Ásia e a Austrália foram e são ainda, como sempre o fez a própria Europa, o teatro das mais atroz baréries, cometidas pela raça europeia, que se arroga a preeminência sobre todas outras”³²³.

A autora, por vezes, faz uso de uma linguagem maternal para recordar as mulheres de seu país “A doce lembrança de um tempo em que eu acalentava a esperança de formar para a pátria mulheres dignas de ilustrarem-na pelas virtudes do coração e pelos atrativos do espírito consagrados à felicidade da

³²⁰ DUARTE. Constância Lima. In. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I. p. 12.

³²¹ FLORESTA. Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p. 98.

³²² Idem, p. 91.

³²³ Idem, p. 256.

família”³²⁴. Revelando, dessa forma, uma Nísia Floresta diferente do que é possível observar em obras anteriores como “Direito das Mulheres e Injustiças dos Homens” (1832).

Nesse contexto, a autora, recorda também que da época em que esteve à frente do Colégio Augusto do qual esteve segundo autora funcionou por vinte anos onde realizou a tarefa mais importante e difícil a que se submeteu ainda tão jovem ainda, e com recursos de sua “frágil inteligência” (Floresta, 1998). Fato que relembra ao reencontrar uma personalidade, o arcebispo T, que havia participado de exames de literatura e línguas que realizava com suas alunas em seu colégio. Recorda também essa personalidade em outro momento havia se surpreendido com o desenvolvimento de suas alunas ao declamarem, por exemplo, verso de Eneida.

Segundo Floresta, o arcebispo T conhecedor de grandes poetas, realmente tinha razão ao se surpreender do que presenciou no Colégio Augusto em um lugar tão distante da Europa

[...] um país que se tem a ingenuidade de crer ainda semi-selvagem, uma instituição de jovens, onde, ao mesmo tempo em que se lhes ensinava a prática das virtudes domésticas, não se descuidava o cultivo de seu espírito revelando-se-lhes as belezas dos Herculanos, dos Racine, dos Shakespear em dos Goethe, dos Dante e dos Virgílio³²⁵.

O Colégio Augusto onde Nísia Floresta era diretora e professora foi durante sua época de funcionamento no estado do Rio de Janeiro- Brasil passou por muita recebeu muitas críticas, justamente, por oferecer um estudo diferenciado dos outros estabelecimentos de ensino para meninas.

Em suas viagens Floresta também visitou alguns alguns estabelecimentos de ensino, onde criticou algumas das escolas que encontrou por terem uma instrução creditada ao eclesiástico.

Usamos este penúltimo dia de nossa estada em Nápoles para visitar alguns estabelecimentos de instrução pública. Como em Roma, não faltam escolas em Nápoles; mas o ensino, nestes dois estados, está sempre em decadência. A instrução da juventude é, em

³²⁴ Idem, p. 97.

³²⁵ FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRN, 1998. v. I.p.98.

geral, confiada a eclesiásticos: o Reino das Duas Sicílias possui cerca de noventa mil, num grande número de bispados e arcebispos³²⁶.

Apesar dessa crítica, Floresta, se mostrava uma pessoa religiosa e durante visita ao papa confessa ficou duplamente emocionada diante do Mastai Ferretti³²⁷ que a autora o define como “[...] astro que brilhou, um momento, no horizonte da Humanidade, e que fez palpitar, em 1848, o coração da Itália, com a esperança de ver realizada a grande obra de sua regeneração!”³²⁸.

Ainda nessa obra autora faz algumas indagações sobre as injustiças sociais;

Ó sociedade! Quando o crime e a inocência deixarão de ser confundidos em teu seio? Quando a opressão não reinará mais? E quando a liberdade, abrindo suas santas asas, descerá com seu cotejo de virtudes, para libertar a terra de tantos flagelos que a acabrunham?³²⁹.

Para a autora a sociedade além de opressora, nela, reinava a “indiferença” e o “egoísmo”. Além disso, criticava um fator político bastante atual quando se referia questão da corrupção e interrogava por que os governantes detentores do poder das nações “preferem às glórias factícias que os deslumbram e arruinam populações inteiras, à glória verdadeira de fazer cessar essa corrupção, sempre invasora, que empana as mais belas perspectivas do progresso de um povo?!”³³⁰.

Nesse mesmo contexto, Floresta, em vários trechos do livro ressalta sobre a falta de empenho dos governantes em relação à educação questionando “Quantas somas de dinheiro, quantas vidas sacrificadas para sustentar o que chamam a hora da nação, enquanto a educação dos povos, base principal do grande edifício social e da felicidade pública e particular, fica de lado como coisa secundária!!!”³³¹ E segue “Mas, qual foi o governo que se empenhou em fazer uma reforma completa e radical, no que concerne a educação de seu povo, e se entregou exclusivamente ao cuidado de torná-lo feliz?”³³².

³²⁶ Idem, p. 269.

³²⁷ Giovanni Maria Mastai-Ferretti o Pio IX- Foi papa durante 31 anos.

³²⁸ FLORESTA. Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p.124.

³²⁹ Idem, p. 134.

³³⁰ Idem, p. 301.

³³¹ Idem, p. 301.

³³² Idem p. 140.

Nas páginas finas dessa obra, Floresta, descreve um acontecimento que passou durante sua chegada e sua filha Lívia em casa de uma conhecida, onde várias pessoas estavam a sua espera e recorda com indignação do comportamento de algumas pessoas que ali estavam quando

O senhor esperava ver duas boas selvagens, pitorescamente vestidas de plumas, ou mesmo sem essa vestimenta, como seus ancestrais as encontraram na América e como alguns dos escritores europeus ainda se comprazem em pintar aquele povo, superior, sob muitos pontos de vista, a seus irmãos do além mar³³³.

Nesse trecho, a escritora, volta a fazer críticas ao povo europeu, agora, sobre a forma de como esse continente tinha uma visão atrasada sobre o Brasil mostrando seu descontentamento sobre a forma que ainda o povo de seu país ainda era visto pelos europeus. De forma que escreve em primeira pessoa se referindo à sua pátria em relação ao seu descobrimento “Não conhecia os vícios, as misérias e as ambições desta orgulhosa Europa, que usurpou meus direitos mais sagrados”³³⁴.

Nesse mesmo sentido, afirma que essa mesma Europa não satisfeita de sua ambição com a riqueza natural inesgotável expulsou os primeiros filhos de suas terras felizes, além disso [...] “ela os perseguiu, massacrou-os covardemente, com uma atrocidade bárbara e oprimiu o resto deles, até apagar mesmo os nomes de suas numerosas nações!”³³⁵. A autora demonstra nessas observações algo que ainda não havia demonstrado em outros escritos sobre seu posicionamento em relação o continente que europeu.

Estes posicionamentos de Nísia Floresta, podem se traduzir quando afirma que “Observar o mundo é uma grande ciência; analisar e comparar os costumes, os usos, os diversos graus de civilização dos povos, é melhor estudo que o viajar pode proporcionar”³³⁶.

³³³ Idem, p. 353.

³³⁴ FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRN, 1998. v. I.p.FLORESTA, 1998, p. 389).

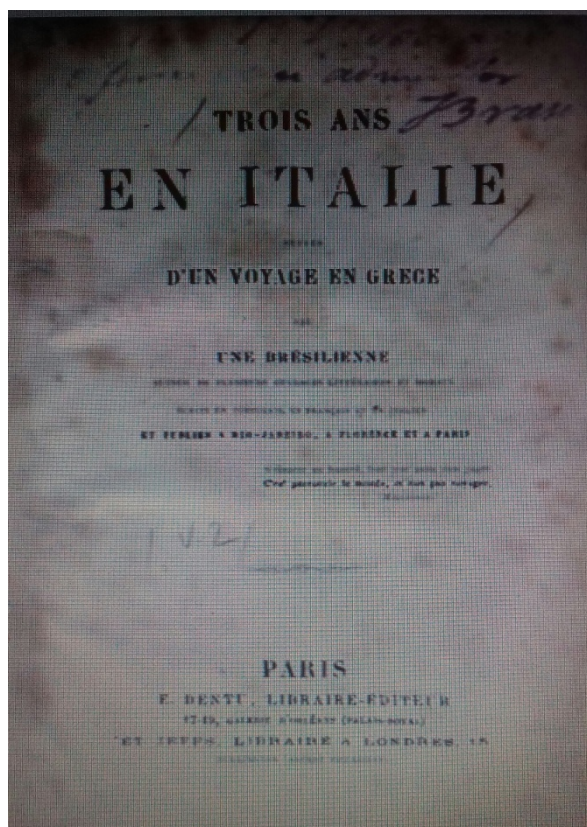
³³⁵ Idem, p. 389

³³⁶ Idem, p 285).

xiv) **Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce**³³⁷.

Vol. II 1ª Edição. Editora E. Dentu Libraire Éditeur – Paris. Et Jeff Libraite a Londres. 1872.

Imagem 16- Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil

Esta é última obra de Nisia Floresta sobre viagens. Por muito tempo tornou-se desconhecida causando dúvidas sobre sua existência. Essa dúvida apenas transformou-se em certeza no ano de 1999, através da pesquisa de Sônia Valéria Marinho Lúcio³³⁸. Período em que traduziu o segundo volume de Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia, volume 2. Tradução esta, em que este estudo, tomou como base³³⁹ para apresentar essa obra de Nisia Floresta.

³³⁷ Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia. Vol. II.

³³⁸ LÚCIO, Sônia Valério Marinho. Uma viajante brasileira na Itália do risorgimento: tradução comentada do livro *Trois Ans En' italie, Suivis d'un Voyage en Grèce* (vol. I- 1864; vol. II – s.d) de Nisia Floresta Augusta/ Sônia Valério Marinho Lúcio. Tese de Doutorado. Campinas, SP: [...], 1999.

³³⁹ A pesar de termos a versão original em francês.

Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia. Vol. II adota a mesma característica do volume I da dessa obra, a autora segue registrando suas impressões sobre suas percepções de viajante. Observando os costumes, culturas, modo de vida das pessoas (...). Além disso, segue com suas visitas a igrejas, jardins, museus e bibliotecas.

A questão da educação também é possível observar durante alguns trechos da obra onde autora exemplos de outros países como a Inglaterra e o modo de como era a educação das mulheres nesse país. Ao refletir sobre a educação de forma geral assevera que esta deveria procurar uma aperfeiçoação [...] “com a natureza, e nunca contrariá-la, pois, ao procurar destruir essa indestrutível força, não só não conseguirá seu fim, como despojará sua obra de todo verdadeiro atrativo”³⁴⁰

Um sentimento também presente nesse livro é o de tristeza. Sentimento este que a autora sempre relata em tom melancólico, apesar de afirma que “Viajar de país em país, de cena em cena, passar de emoção em emoção, despertadas pelos diferentes objetos que se mostram aos nossos olhos, é aliviar de alguma maneira o peso de uma grande dor que nos oprime”³⁴¹. Pois para Floresta, embora o interesse que os lugares despertem ou encantem há dias em coisa alguma distrairá o espírito a dor que sente “Além da tristeza que nos deixou a perda de um ente adorado, nossa alma também carrega um certo vazio que nada pode preencher”³⁴².

Outro fato que fica evidente nessa obra é a notoriedade da autora na Europa. Pois diversos trechos registra sua afinidade com intelectuais, famílias tradicionais européias, marquesas e condes a viajantes e estudantes. Em um desses trechos revela que

Cartas vindas de Nápoles, de Bolonha, Paris e Veneza esperavam-me em Milão, onde sabiam que estaríamos. Entre estas cartas uma me fora enviada de Leipzig por um dos compatriotas da nossa legação nesta cidade, o jovem literato França, que imaginando-me em Paris, convidava-nos para assistir a grande festa científica de Iena (FLORESTA, 1972, p.30).

³⁴⁰ FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de LÚCIO, Sônia Valério Marinho. Uma viajante brasileira na Itália do risorgimento: tradução comentada do livro *Trois Ans En' italie, Suivis d'um Voyage em Grèce* (vol. I- 1864; vol. II – s.d). Tese de Doutorado. Campinas, SP: [...], 1999 Natal, EDUFRRN, 1998. v. I.p. 09.

³⁴¹ Idem, p. 24.

³⁴² Idem, p. 24.

A notoriedade da autora é evidenciada em vários países e cidades européias demonstrando sua familiaridade com o velho mundo. Em uma das cartas afirma da marquesa Geppi, de Florença, que havia lhe apresentado um filho de uma de suas amigas, que voltava para Itália e que “O jovem poderia ser útil, dizia, para mostrar-nos Milão e seus arredores, onde ficavam suas propriedades”³⁴³.

Nísia Floresta, além das visitas culturais também visita hospitais. Uma dessas visitas foi um hospital de “mulheres loucas”. Afirma que era um lugar limpo e organizado e segue, descrevendo algumas características de umas das mulheres que teve aproximação “Era uma bela mulher ainda jovem, pálida, despenteada e com olhos negros, que conversava atentamente com um galho de árvore que tinha entre as mãos”³⁴⁴. Esses detalhes observados por Floresta demonstram sua sensibilidade, diante do que para a mesma, seria uma forma de caridade.

Por isso após visitar o que faltava de interessante para ver na cidade, as instituições de caridade, entre elas o Albergó dei Poveri e o hospital Pammatoni, belos edifícios, sobretudo o último, com muitos infelizes dos dois sexos e de todas as idades que aí encontram os cuidados e o pão da caridade³⁴⁵

Seguindo suas descrições, autora, ao terminar uma de suas visitas às cidades italiana recorda “Vi o que existe de mais interessante em Milão: hospitais, igrejas, palácios, teatros, museus e tudo o que merece ser conhecido na cidade”³⁴⁶. Além do “Museu e da Biblioteca, o Ginásio, a Escola de Belas Artes, o Observatório, e o Instituto de Ciências e Letras encontram-se reunidos neste grande edifício de imponentes pórticos”³⁴⁷. Um fato interessante nesta obra é quando Nísia Floresta revela a sua admiração por pelo filósofo J.J. Rousseau³⁴⁸, quando recorda que de uma das janelas do hotel do Lago, onde estava hospedada tinha o prazer de ver a pequena “[...] ilha de J.J.Rousseau, com sua estátua refletindo-se nas águas que a cercam, como os vigorosos pensamentos deste gênio extraordinário refletem-se nos

³⁴³ Idem, p. 31.

³⁴⁴ FLORESTA, Nísia. *Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce*. Vol. II 1ª Edição. Editora E. Dentu Libraire Éditeur – Paris. Et Jeff Libraite a Londres. 1872, p. 38.

³⁴⁵ Idem, 1872, p. 71.

³⁴⁶ Idem, p. 41.

³⁴⁷ Idem, p. 41.

³⁴⁸ Além desse autor a autora recorda de Homero, Sólon, Sócrates, Aristóteles e Platão.

espíritos dos que compartilham suas idéias ³⁴⁹. Até então essa admiração da autora pelo filósofo não tinha sido surgido com tamanha impressão.

Mais adiante uma revelação da autora desperta interesse, quando volta a falar sobre educação ressaltando que

Certamente existem qualidades bem mais preciosas numa mulher que uma grande instrução, tais como a bondade de coração, a sinceridade do espírito, a doçura de caráter e a casta dignidade que ela deve ter em todas as suas ações. No entanto, quando estas qualidades essenciais unem-se a uma santa e sólida instrução, elas aparecem com mais sucesso, e têm um duplo valor aos olhos do homem superior que faz desta mulher a mais querida companheira da sua vida. Se Deus lhes concede filhos esta instrução é então mais vantajosa ainda, porque não existem melhores e mais proveitosas lições para os espíritos jovens do que as que eles recebem de uma mãe virtuosa e instruída ³⁵⁰.

De acordo com autora, a instrução da mulher, não seria uma das qualidades da mais da mulher se não acompanhas de “bondade no coração”, “sinceridade do espírito”, doçura de caráter” e a “casta dignidade” que uma mulher teria que ter em todas suas ações (Floresta, 1872). Essas idéias surgem, dessa forma, mais explicitamente do que nas obras anteriores dessa autora. Revelando um posicionamento quase que contrário aos que é possível encontrar, por exemplo, em “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens” (1832).

Contudo, demonstra-se uma mulher que valoriza tal instrução freqüentando cursos em museus de história natural, assegurando que “Muitas mulheres, quase todas estrangeiras, seguem aqui, como em Paris, os cursos públicos, este curso é uma atração a mais de Florença” (...) ³⁵¹. Além de relatar atividades como “Visitas, concertos, jantares, teatros, passeios, reuniões diversas onde fala-se de belas artes e literatura, ocupam o tempo agradavelmente” ³⁵².

Apesar dessas revelações e suas convicções religiosas, Floresta, tece críticas à própria igreja católica “perguntei-me se a sociedade moderna, em

³⁴⁹ Ibidem, 1872, p. 73.

³⁵⁰ FLORESTA, Nísia. *Trois Ans En' Italie Suivis d'un Voyage en Grèce*. Vol. II 1ª Edição. Editora E. Dentu Libraire Éditeur – Paris. Et Jeff Libraite a Londres. 1872, p.79.

³⁵¹ Idem, p. 84.

³⁵² Idem, p. 85

plena via do progresso, não abolirá o celibato dos padres, evitando assim as tristes, e algumas vezes abomináveis conseqüências que dele resultam!”³⁵³.

Sem deixa de referencia seu país e cidade de Recife- Pernambuco a autora recorda do Rio Beberibe localizado entre Recife e Olinda, cidades Pernambucas, onde Floresta viveu momentos definitivos em sua vida. Além de lembra da antiga propriedade de sua mãe e pai “a outrora florescente Floresta, destruída pelo vendaval das revoluções e pela infelicidade da família” ³⁵⁴.

³⁵³ Idem, p.104

³⁵⁴ Idem, p.140

CAPÍTULO V

O PAPEL DA IMPRENSA FEMINISTA NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Introdução

A imprensa, como ferramenta de luta feminista, desempenhou um papel importante durante o início das primeiras reivindicações lideradas por mulheres em relação à igualdade educacional e política. Nesse capítulo discutimos a imprensa feminista em seu contexto, histórico, político e social. Além de trazer um breve histórico sobre sua importância para a história do movimento feminista e a participações das primeiras mulheres a fazer uso dessa ferramenta na construção da história desse movimento. De forma que foram pesquisados periódicos feministas editados no século XIX. Para tanto, se fez necessário adentrar, brevemente, no contexto histórico em que tais periódicos foram produzidos.

5. Mulheres de papel? A imprensa feminista no seu contexto histórico.

A imprensa esteve presente durante os períodos históricos, seja como ferramenta de registro, monopólio, informação e reivindicações nas suas diversas vertentes. Dentre essas vertentes destacam-se os primeiros registros feitos por mulheres. Inicialmente, esses registros não tinham um cunho de protesto, contudo, com o passar do tempo, a imprensa passou a ser utilizada para as principais reivindicações femininas. Posteriormente, este meio de comunicação também foi de imensa contribuição para os primeiros passos do movimento feminista. Assim

Como seus compatriotas masculinos, as defensoras da emancipação feminina da mesma forma consideravam a imprensa um importante meio de difusão de conhecimento e exortavam as mulheres a lerem os jornais, a fim de melhor conhecerem seus direitos e suas obrigações³⁵⁵.

A partir dessas considerações iniciais sobre a importância da imprensa, que antes apenas uma pequena parte da sociedade tinha acesso; uma minoria

³⁵⁵ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p.84.

masculina, branca e alfabetizada, as com um tempo, as mulheres brancas e alfabetizadas passaram a se interessar por este meio de comunicação. Realizavam não apenas leituras, mas a escrevem nesses periódicos, inicialmente, temáticas ligadas a maternidade, moda, comportamento e religião. Posteriormente, essa realidade passou a ter uma outra finalidade, quando as mulheres perceberam a importância desses impressos, passaram a escrever sobre outras temáticas que incluíam; a realidade em que viviam, denúncias e sobre os direitos que a elas eram negados, principalmente o direito à educação.

Apesar desse despertar, grande parte dos impressos, não atendiam aos objetivos para o quais as mulheres começavam atentar. Devido ao controle massivamente masculino em meio a uma sociedade política e culturalmente patriarcal. Mesmo diante dessa realidade, em alguns países, principalmente, europeus, mulheres passaram a fazer e escreverem em periódicos.

Essa realidade passou umas das principais ferramentas de luta das mulheres, mesmo que de forma acanhada e manipulada pela maioria dos editores de jornais. Uma vez que quando as próprias mulheres escreviam em periódicos “destinados” ao sexo feminino, seus textos eram assinados pelos homens, além de, em sua maioria, tê-los como editores desses periódicos.

Este cenário gradativamente se transformou quando uma parcela de mulheres viu nesses impressos a possibilidade dá voz ao sexo feminino para que pudessem discutir as condições, inicialmente, educacionais a que lhes eram propostas. Nesse entendimento, mídia impressa surge como umas dos primeiros espaços onde as mulheres, efetivamente, puderam ser ouvidas “[...] apostando em um discurso combativo que assumiu, em alguns momentos, o duplo papel de denunciar e de mobilizar as mulheres na defesa dos seus direitos e na conquista da cidadania”³⁵⁶. As mulheres, gradativamente, foram encontrando, nesses periódicos, um espaço para discutir e criticar tais realidades femininas. De acordo com pesquisadora norte americana, Amy Erdman Farrell, os periódicos feministas, inicialmente, “[...] Eram textos marginais, pois alcançavam apenas uma pequena

³⁵⁶ WOITOWICZ. Karina Janz. *Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência*. In. REVISTA AÇÃOMIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura Universidade Federal do Paraná Programa de Pós Graduação em Comunicação Vol 2. Nº 1. Ano 2012, p. 05.

porcentagem da população e porque figurativamente “falavam” apenas para o público preparado para ouvir a mensagem³⁵⁷.

Contudo, mesmo assim, ainda de acordo essa autora, tais periódicos poderiam “articular as filosofias do novo movimento das mulheres e trabalhar para mobilizar suas leitoras para a ação³⁵⁸”. Fato que evidencia a contribuição dos impressos a cerca dos primeiros escritos feministas em suas variadas perspectivas como emancipação intelectual, política e social das mulheres.

5.1 A imprensa feminista no Brasil no século XIX

A imprensa tradicional teve seus primeiros registros no continente europeu, como visto no capítulo I desta pesquisa. Não seria diferente para imprensa feminista. Nos países da América Latina assim como no Brasil, o surgimento da imprensa feminista data do princípio do século XIX. Contudo, no Brasil,

Devido às leis que proibiam a existência de gráficas, o desenvolvimento da imprensa foi tardio. Somente em 1808 D. João VI revogou os decretos que proibiam a instalação de gráfica na colônia, criando então a Imprensa Régia. O fim da proibição da existência de gráficas possibilitou o surgimento de jornais e revistas, assim como uma relativa circulação de notícias e idéias³⁵⁹.

Entretanto, em alguns países latino americano, a exemplo da Argentina, desde 1830, já haviam jornais dirigidos por mulheres “como a fundação, por Dona Petrona Rosende de Sierra, do periódico *La Aljaba*. Também circularam *La Argentina*, em 1831, e *La Camelia*, a partir de 1852³⁶⁰”. Contudo, no contexto brasileiro, esse surgimento, acontece em meio a um país que enfrentava diversas dificuldades ainda sendo colônia portuguesa³⁶¹. Um Brasil formado por uma sociedade, em que sua maioria era analfabeta e ainda adotava o sistema escravocrata. De forma que, apenas a elite tinha o privilégio de ter acesso à educação. E como é sabido, uma elite, evidentemente, branca e masculina.

³⁵⁷ FARRELL, Amy Erdman. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. São Paulo: Editora Barracuda, 2004, p. 255.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ MUZART, Zahidé Lupinacci. *UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX*. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.p. 228.

³⁶⁰ Idem. p. 228.

³⁶¹ Durante os três primeiros séculos nossa educação foi assegurada e mantida pelos padres Jesuítas, com Colégios em várias partes do país e uma educação mais refinada aos filhos dos privilegiados que estudavam em Portugal ou na França. Por muito tempo a Igreja no Brasil foi privada de Seminários. Alguns padres estudavam em Portugal. A maioria da população do Brasil viveu, nesse período, na completa escuridão. Grassava por toda a Colônia o analfabetismo (LEVA, 2012, p.18).

É nesse cenário que algumas poucas mulheres brasileiras, alfabetizadas, brancas e pertencentes à elite, obviamente, atrevem-se a usar os periódicos para, inicialmente, tratar de assuntos do cotidiano das mulheres quais viviam sob a égide do patriarcado. Contudo, não se deixaram calar. Dentre estes nomes, ainda na primeira metade do século XIX, podemos citar Nísia Floresta Brasileira Augusta, estreando no *Jornal Espelho das Brasileiras* (Recife- Pernambuco), em 1831. Contudo há registros de que 1827, no Rio de Janeiro, já havia o periódico, *O Espelho Diamantino*, que era dedicado às mulheres, mas dirigidos por homens.

Sem ignorar a estréia de Nísia Floresta, no *Espelho das Brasileiras*, alguns estudos como o de Karina Janz Woitowicz “*Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência*” (2012) e de Constância Lima Duarte “*Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação*” (2016), apontam que uma outra brasileira, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1775/1786?-1837), havia sido fundadora de um periódico, na cidade de Porto Alegre, em 1833 “sob os títulos de *Belona Irada contra os Sectários de Momo e Idade d’Ouro*. Ambos, francamente políticos, posicionavam-se a favor do Partido Conservador”³⁶².

Maria Josefa Pereira Pinto nasceu em Viamao- Rio Grande do Sul e foi a responsável pela fundação dos dois jornais supracitados, *Belona Irada contra os Sectários de Momo e Idade d’Ouro*. O *Belona*, assim popularmente conhecido, “Teria sido o primeiro jornal fundado por uma mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino”³⁶³. Apesar de ser considerado o periódico pioneiro a ser fundado por uma mulher no Brasil, o *Belona*, não teve reconhecimento, assim como o *Jornal das Senhoras*. Para Muzart, um dos motivos seria a condição financeira e posição social de ambas fundadoras dos periódicos, segundo autora “Maria Josefa não era lady, era uma trabalhadora e uma mulher ‘de faca na bota’...” ainda de acordo a autora a diferença também estava nos conteúdos dos jornais, pois, o

³⁶² DUARTE. Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação*. In. *Revista XIX: artes e técnicas em transformação*. 2016, p. 100.

³⁶³ MUZART. Zahidé Lupinacci. *UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.p.229.

Belona era um jornal, assim como seu próprio nome indicava “polêmico, muito diferente dos objetivos do Jornal das Senhoras”³⁶⁴.

Em 1852, no Rio de Janeiro, a jornalista, escritora e professora, a argentina, Joana Paula Manso de Noronha³⁶⁵ (1819-1875) editora do periódico, *Jornal das Senhoras*, este, que teve circulação aproximadamente durante quatro anos no Brasil. Em 1854 ao regressar para seu país, continuou sua militância feminista.

[...] propiciou a criação de escolas e bibliotecas públicas e defendeu a emancipação da mulher. Obras: *La familia del comendador*; *Los misterios del Plata*, novelas; *Compendio de historia de las Provincias Unidas del Río de la Plata*; *Esmeralda*, drama em cinco atos e seis quadros; *O Ditador Rosas e a Mashorca*, drama; *As manias do século*, comédia-vaudeville; *Família Morel*, drama; *Saloia*, drama; *La revolución de Mayo*, 1864³⁶⁶.

Apesar ser argentina, essa escritora deixou um legado para as mulheres brasileiras de sua época, pois o periódico do qual foi editora, mesmo na sua ausência, continuou em circulação. Nesse sentido houve uma efetiva participação de Juana Paula Manso aqui, na influência de outras mulheres “E a partir de sua fundação já incluiu brasileiras em seu projeto, tendo deixado em seu lugar a baiana Violante de Bivar. Efêmero, embora, o periódico marcou época e influenciou seguramente a algumas escritoras”³⁶⁷. Este fato é percebido diante do surgimento de outros jornais voltados para as mulheres após o lançamento do *Jornal das Senhoras* em 1852.

De acordo com estudo mais recente, e o que tudo indica ser o primeiro repertório sobre imprensa feminista no Brasil, o livro de Constância Lima Duarte, *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: século XIX- Dicionário Ilustrado* (2016). Onde a referida autora faz um panorama da imprensa brasileira destinada ao público

³⁶⁴ MUZART. Zahidé Lupinacci. *UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX*. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.p. 229.

³⁶⁵ Juana Paula Manso de Noronha (1819–1875) nasceu em Buenos Aires, Argentina. Professora, jornalista, dramaturga, romancista. Mudou-se com sua família para o Brasil, destacando-se como jornalista, inicialmente em Pelotas, onde foi redatora do jornal *A Imprensa*, em 1851. Fixou residência no Rio de Janeiro, onde colaborou em vários periódicos e, em 1852, fundou *O Jornal das Senhoras*. Durante algum tempo, exerceu também o magistério. Separou-se do marido, o compositor português Francisco de Sá Noronha, com quem teve duas filhas. Com elas regressou à Argentina em 1853, onde desenvolveu uma carreira brilhante como educadora. Várias das peças de teatro que escreveu foram representadas no Rio de Janeiro, e uma delas foi publicada em Buenos Aires. Durante o governo de Juan Manuel de Rosas, emigrou para Montevideo com seus familiares e viajou posteriormente por Cuba, Brasil e Estados Unidos (MUZART, 2003, p. 232).

³⁶⁶ MUZART. Zahidé Lupinacci. *UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX*. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.p. 232.

³⁶⁷ Idem, p. 228.

feminino ou escrito pelas próprias mulheres no Brasil do século XIX. A obra reúne 143 impressos sejam em revistas ou jornais que circularam durante esse século.

Nessa perspectiva, a investigação de Duarte mostra sua primor diante da apresentação de cada periódico, onde atentou para a ordem cronológica, imagens, título e subtítulos, editor, editora, lugar de origem e formato. Permitindo que a leitora ou leitor tenha acesso as principais informações dos impressos. Segundo Duarte, os jornais e revistas foram, antes dos livros, “os principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência”³⁶⁸.

5.2 Principais Periódicos feministas brasileiros na primeira metade do século XIX: a luta pelos direitos das mulheres

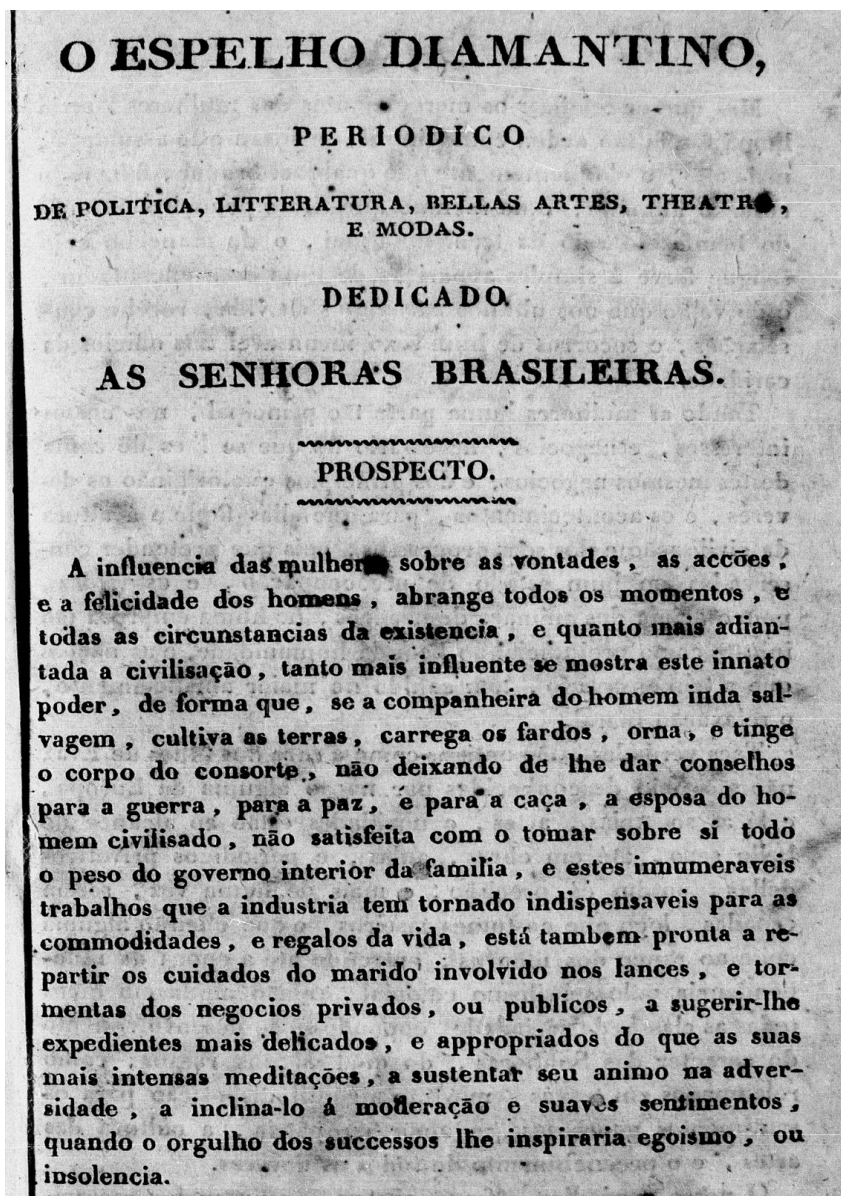
A seguir foram listados alguns dos principais periódicos feministas brasileiros da primeira metade do século XIX. São, respectivamente, Espelho Diamantino, O Mentor das Brasileiras, Espelho das Brasileiras, A Mulher do Simplório, A mineira do Rio de Janeiro, A brasileira Patriota ou A Filha do Timandro e O Jornal das Senhoras. Esses jornais seguem listados por ordem de fundação e foram coletados na Biblioteca e Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro-Brasil.

Foram coletadas as primeiras páginas de cada um desses jornais e em seguida a descrição desses periódicos contendo informações como: título e subtítulo originais, lugar de edição, data de início, data de último exemplar, anos de publicações, total de números que existem, fundador, administrador, imprensa, colaboradores mais habituais, dimensão de páginas, quantidade de páginas do primeiro exemplar, formato em que está escrito, periodicidade, preço, assuntos abordados, localização e números de exemplares conservados.

³⁶⁸ DUARTE, Constância Lima. IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA NO BRASIL: SÉCULO XIX-DICIONÁRIO ILUSTRADO. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 14.

Espelho Diamantino

Imagem 17: Primeira página da primeira edição do Periódico Espelho Diamantino



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: O Espelho Diamantino: periódico de política, litteratura, bellas artes, theatro e modas, dedicado as Senhoras Brasileiras

Lugar de edição: Rio de Janeiro- Brasil

Data de início: 20 de setembro de 1827

Data de último exemplar que temos conhecimento: 28 de abril de 1828

Anos de publicações: 1827-1828

Total de números que existem: 14

Fundador: (Editor- responsável: Chevalier)

Administrador: (Redator: Júlio Floro das Palmeiras)

Imprensa: Imperial Typografia de P. Plancher- Seignot

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 22x15

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 04

Páginas: 263 páginas no total

Formato em que está escrito: Texto Contínuo

Periodicidade: Semanal

Preço: Não encontrado

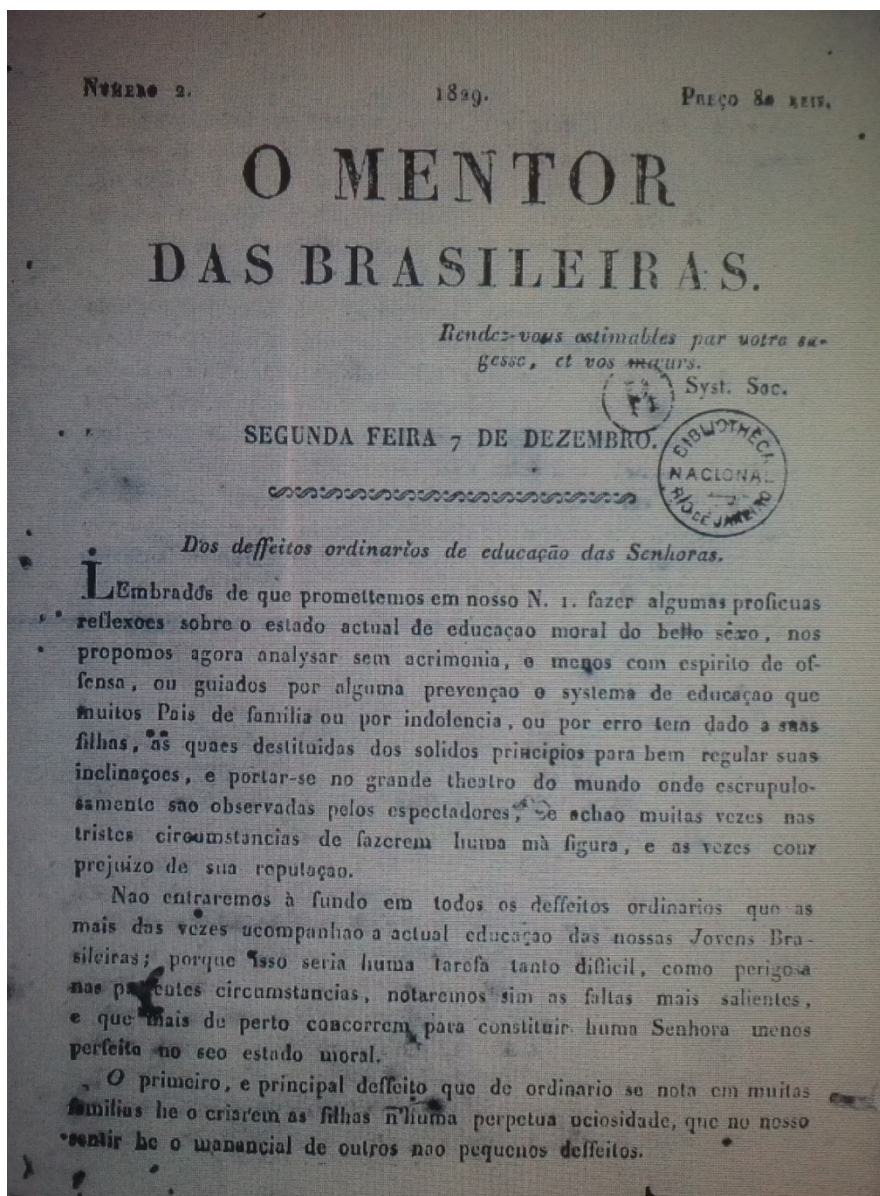
Assuntos abordados: Ciência Política, literatura e Generalidades.

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 14 exemplares

O Mentor das Brasileiras

Imagem 18: Capa da 2ª edição do Periódico O Mentor das Brasileiras, 1829.



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: O Mentor das Brasileiras – Rendez- vous estimables par votre sagesse, ct vos mœurs.

Lugar de edição: São Joao Del Rei- Minas Gerais- Brasil

Data de início: 1829

Data de último exemplar que temos conhecimento: 1930

Anos de publicações: 1829-1831/ 1931-1932

Total de números que existem: 1829 (05 exemplares), 1830 (56 exemplares), 1831 (04 exemplares), 1931 (45 exemplares) e 1932 (21 exemplares).

Fundador: Não encontrado

Administrador: Não encontrado

Imprensa: Typographia do Astro de Minas

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 22x15

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 09

Formato em que está escrito: Texto Contínuo

Periodicidade: Semanal

Preço: 80 reis

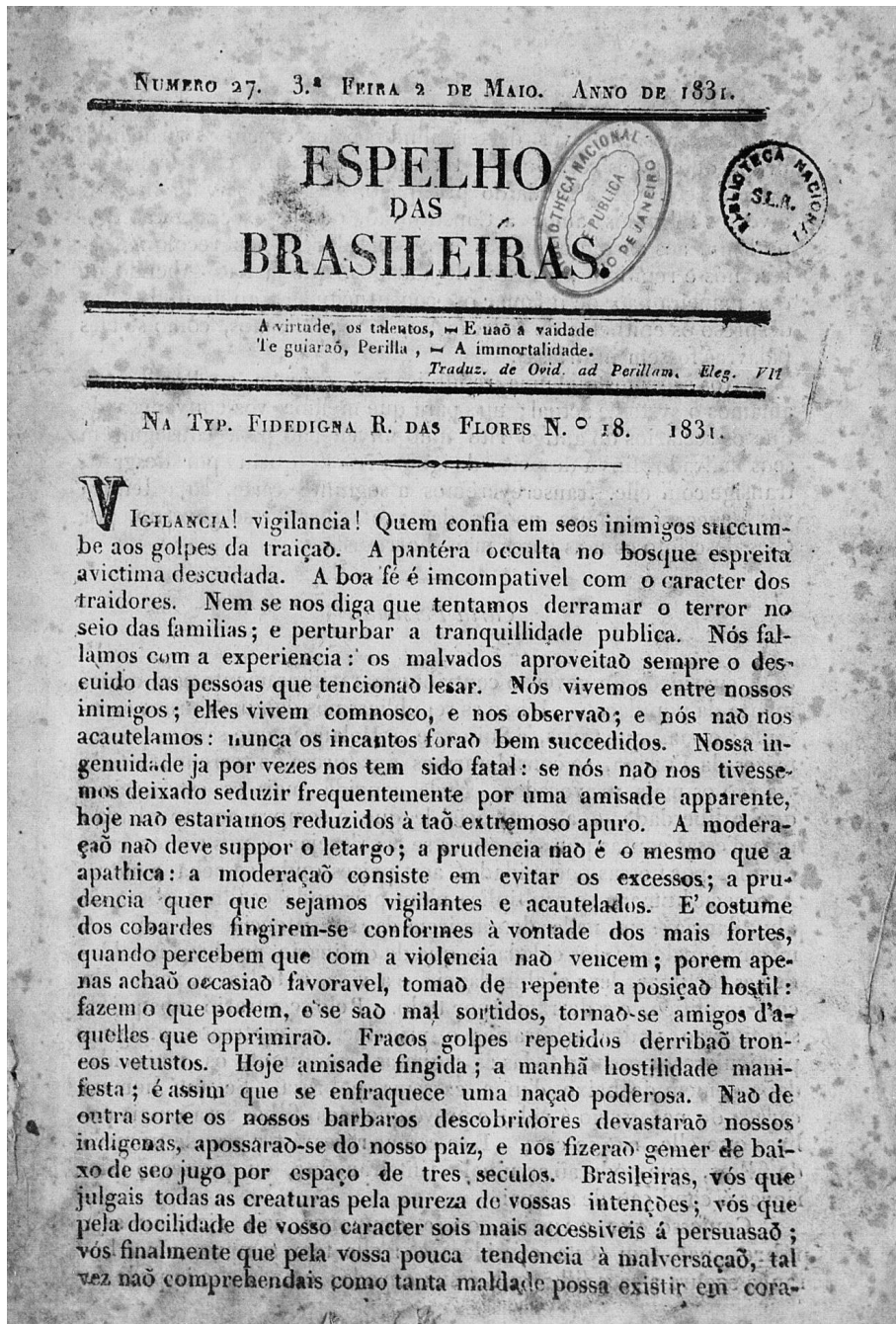
Assuntos abordados: Educação, modas, generalidades

Localização: Biblioteca Nacional do Brasil.

Números conservados: 129 exemplares

Espelho das Brasileiras

Imagem 19: Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: ESPELHO das BRASILEIRAS / A virtude, os talentos. E não a vaidade. Te guiarão, Perilla. A immortalidade.

Lugar de edição: Rua das Flores, nº 18- Recife/ Pernambuco.

Data de possível início: 1831

Data de último exemplar que temos conhecimento: 1832

Anos de publicações: 1831-1832

Total de números que existiram: 30

Fundador: Adolphe Émile de Bois-Garin

Administrador: Adolphe Émile de Bois-Garin

Imprensa: Tipografia Fidedigna

Colaboradores mais habituais: Adolphe Émile de Bois-Garin, A professora Maria Guilhermina Maciel da Costa, Nísia Floresta...

Dimensão de páginas: Não encontrado

Número de páginas: 4

Formato em que está escrito: 2 colunas

Periodicidade: Bissemanal

Preço: Não encontrado

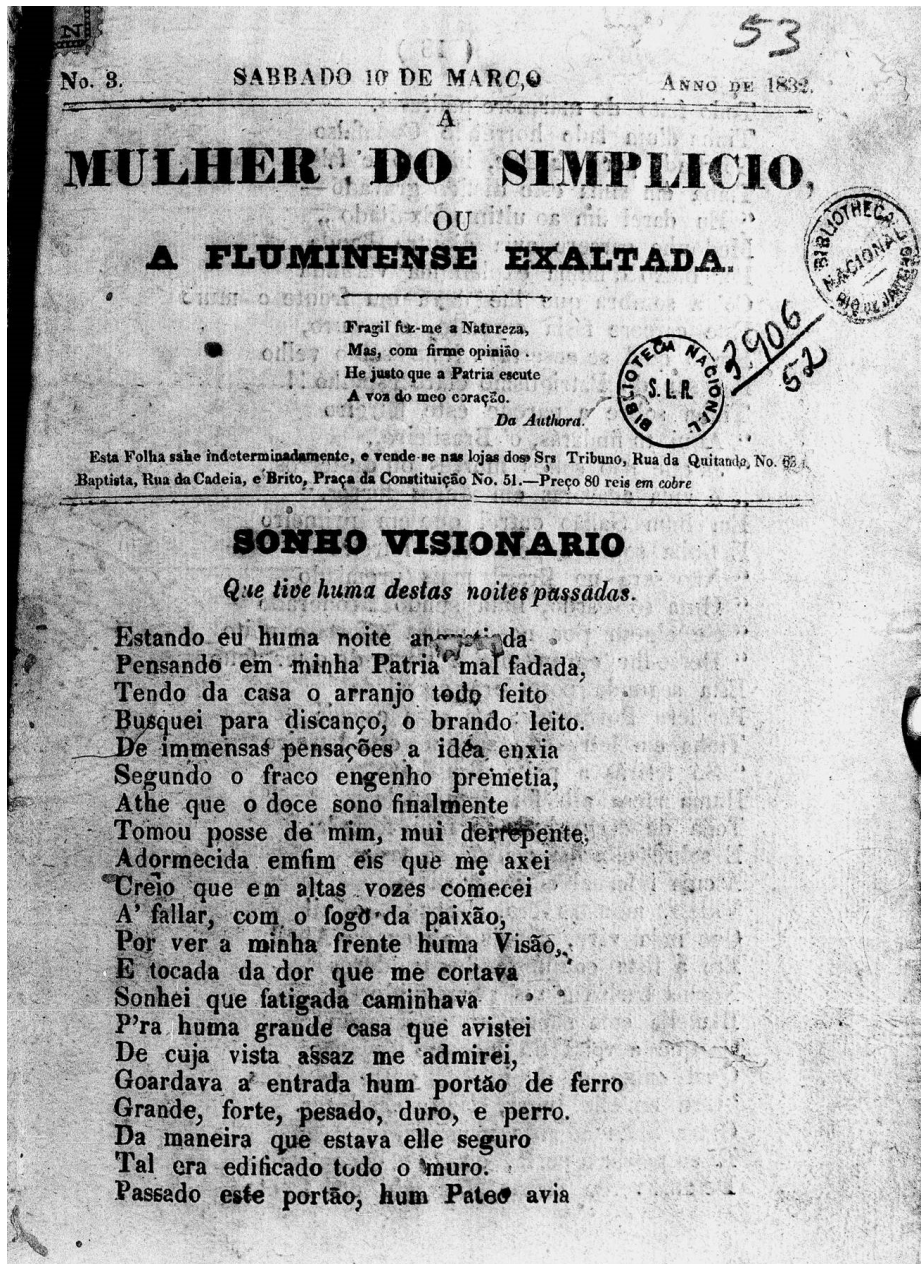
Assuntos abordados: Política, Moda, literatura e instrução feminina.

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 4 exemplares

A Mulher do Simplório

Imagem 20- Capa da 1ª exemplar do periódico A Mulher do Simplório ou a Fluminense exaltada



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: A mulher do Simplório ou A Fluminense Exaltada –Frágil fez-me a Natureza. Mas, com firme opinião. He justo que a Patria escute a voz do meo coração.

Lugar de edição: Rio de Janeiro - Brasil

Data de início: 1832

Data de último exemplar que temos conhecimento: 1846

Anos de publicações: 1832-1846

Total de números que existem: Não encontrado

Fundador: Não encontrado

Administrador: Thomaz Hunt (colaborador).

Imprensa: Typographia Thomaz B. Hunt

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 24x17 cm.

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 09

Formato em que está escrito: Texto Contínuo

Periodicidade: Desconhecida

Preço: 80 reis

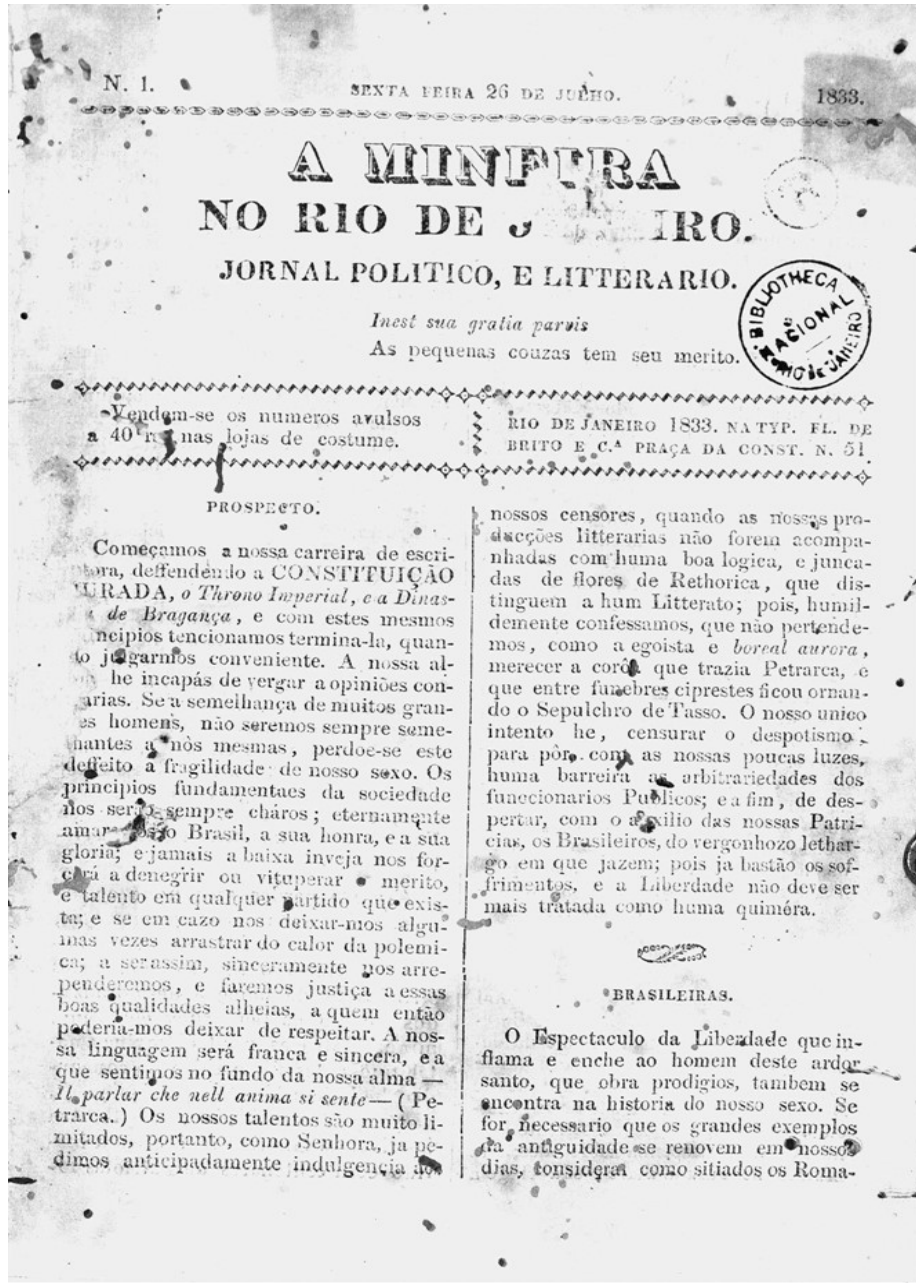
Assuntos abordados: Humorismo, Educação, modas, generalidades

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 129 exemplares

A mineira do Rio de Janeiro

Imagem 21- Capa do 1ª exemplar do periódico A mineira do Rio de Janeiro



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: A mineira do Rio de Janeiro- Jornal Político, e litterario.

Inest sua gratia parvis – As pequenas couzas tem seu mérito.

Lugar de edição: Rio de Janeiro - Brasil

Data de início: 1833

Data de último exemplar que temos conhecimento: 1846

Anos de publicações: 1833

Total de números que existem: Não encontrado

Fundador: Não encontrado

Administrador: Não encontrado

Imprensa: Typographia Fluminense de Brito

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 21x15 cm.

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 04

Formato em que está escrito: Texto Contínuo

Periodicidade: Desconhecida

Preço: 40 reis

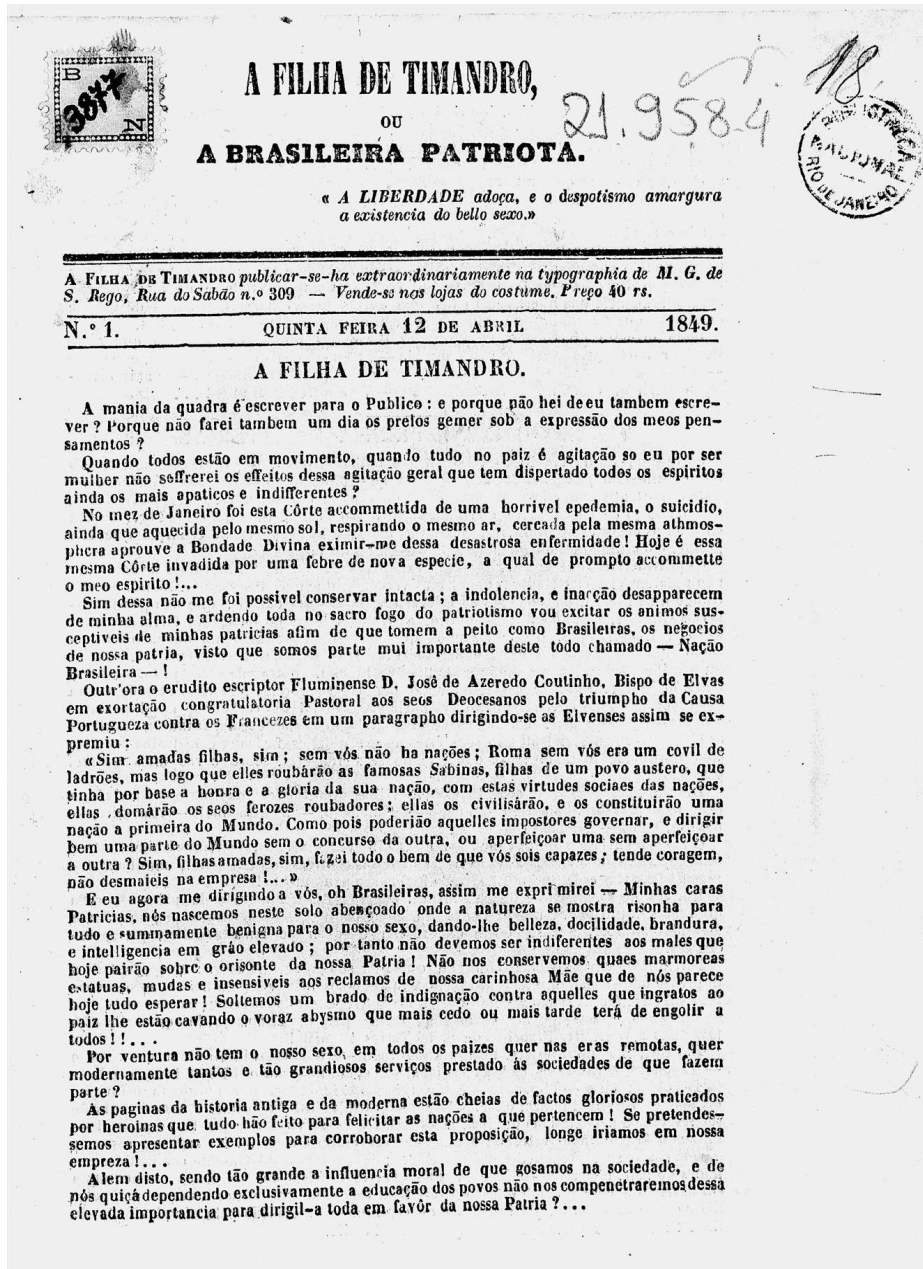
Assuntos abordados: Ciência política, Educação, modas, generalidades

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 04

A brasileira Patriota ou A Filha do Timandro

Imagem 22- Capa do 1º exemplar do periódico A filha de Timandro, ou a Brasileira Patriota



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: A filha de Timandro, ou a Brasileira Patriota. A liberdade adoça e o despotismo amargura a existência do bello sexo.

Lugar de edição: Rio de Janeiro - Brasil

Data de início: Quinta feira 12 de abril de 1849

Data de último exemplar que temos conhecimento: 1849

Anos de publicações: 1849

Total de números que existem: Não encontrado

Fundador: Não encontrado

Administrador: Não encontrado

Imprensa: Typographia de M. G de S. Rego.

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 21x15 cm.

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 04

Formato em que está escrito: Texto Contínuo

Periodicidade: Desconhecida

Preço: 40 reis

Assuntos abordados: Ciência política, Educação, modas, generalidades

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 01

O Jornal das Senhoras

Imagem 23- Capa do 1º exemplar do Periódico Jornal das Senhoras



Fonte: Hemeroteca Nacional do Brasil

Título e subtítulo originais: O jornal das Senhoras / Modas, Litteratura, Bellas Artes, Theatros e Critica.

Lugar de edição: Rio de Janeiro - Brasil

Data de início: Quinta feira 01 de janeiro de 1852

Data de último exemplar que temos conhecimento: 05 de dezembro de 1855

Anos de publicações: 1852-1855

Total de números que existem: 209

Fundador: Joanna Paula Manso de Noranha

Administrador: Não encontrado

Imprensa: Typographia Parisiense

Colaboradores mais habituais: Não encontrado

Dimensão de páginas: 21x15 cm.

Quantidade de páginas do primeiro exemplar: 08

Formato em que está escrito: Texto

Periodicidade: Semanal - Dominical

Preço: 40 reis

Assuntos abordados: Modas, Litteratura, Bellas Artes, Theatros e Crítica.

Localização: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Números conservados: 209

A partir da indentificação desses principais periódicos e do recorte temporal (1800-1859) para a eleição dos periódicos feministas brasileiros, foram eleitos jornais a partir de 1800 a 1859. Que resultou num breve repertório sobre tais impressos. Identificamos, ainda, que apenas um desses periódicos, tem a mulher como fundadora.

Apesar dessa realidade, num contexto geral, que foram a partir desses periódicos que em sua década de circulação trouxe temas relacionados apenas ao público feminino, mesmo não tendo, em sua maioria, alguma finalidade crítica, as mulheres, com um tempo, esses periódicos passou a ter conteúdo mais combate a desigualdade entre os gêneros, a luta pela educação e emancipação das mulheres.

O que já havia feito Nísia Floresta, ao escrever jornais de sua época. A seguir citamos alguns outros periódicos que podem ser considerados como

imprensa feminista. Tais periódicos foram surgindo durante o século XIX. Dentre eles, na de 1870, surge Almanach das Senhoras (1871-1927), O Porvir (1873), O Sexo Feminino (1879-1889), O Quinze de Novembro do Sexo Feminino (1873), O Domingo (1873-1875), República das Moças (1879), A mensageira (1897-1900), o Escritório (1898-1910). Na de 1880, A Rosa (1883), Ave Libertas (1885), O Corymbo (1884-1944). A partir dos surgimentos desses impressos a mulher foi, aos poucos, ocupando espaço na narrativa histórica brasileira.

QUARTA PARTE

**UMA VOZ QUE NÃO SILENCIOU: NÍSIA FLORESTA
BRASILEIRA AUGUSTA E A EDUCAÇÃO DAS MENINAS
NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

CAPÍTULO VI

DIONÍSIA GONÇALVES PINTO: A MULHER QUE DESAFIOU A SOCIEDADE PATRIARCAL BRASILEIRA

Introdução

Nesse capítulo conhecemos a Nísia Floresta a mulher que rompeu com os ditames impostos pela sociedade brasileira no século XIX. Suas andanças pelo solo brasileiro que foi marcado por diversos acontecimentos históricos brasileiro. A vida de Nísia Floresta foi marcada por momentos marcantes da história do Brasil como veremos.

6. Dionísia Gonçalves Pinto: a Nísia Floresta³⁶⁹

Nísia Floresta, Uma brasileira, Telesilla, F. Augusta Brasileira ou, simplesmente, B.A eram alguns dos pseudônimos que, Dionísia Gonçalves Pinto, a brasileira nasceu em 1810, na antiga vila Papari, Rio Grande do Norte- Brasil e faleceu na cidade de Rouan na França em 1885. Essa mulher de muitos nomes era professora, feminista e jornalista do nordeste do Brasil que de acordo com Duarte³⁷⁰, pode ser considerada umas das primeiras mulheres a ter acesso à imprensa brasileira, e nesse sentido, para Silva³⁷¹ Floresta também pode ser considerada como uma das primeiras mulheres a fazer uso da imprensa pedagógica no Brasil.

Apesar desses ineditimos, Nísia Floresta, ainda é uma personagem pouco conhecida no cenário histórico brasileiro não tendo seu reconhecimento merecido. Floresta teve um papel fundamental quando nos referimos à educação das mulheres. Num período em que, a maioria das mulheres brasileiras, vivia subjugada e tinha seus direitos negados, Dionísia Gonçalves Pinto, proclamava “Povos do meu

³⁶⁹ Este apartado é uma atualização integrante da dissertação de Mestrado intitulada: MULHERES, EMANCIPAIVOS: um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida em 21 de agosto de 2014 no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível no repositório de tese e dissertação da referida Universidade.

³⁷⁰ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

³⁷¹ SILVA, Elizabeth Maria. *Mulheres Emancipai-vos! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2014.

Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?³⁷²”. Protestando, assim, contra o modelo de educação que era destinado às mulheres de sua época.

Suas ideias revolucionárias antecederam em quase um século, o “Movimento Feminista”, no Brasil, movimento este que em lutas futuras, teve como principal ponto de sua agenda, o direito das mulheres à educação. Bandeira que Floresta já havia içado no início do século XIX. Apesar disso, suas lutas, ainda carecem de merecido reconhecimento, para uma das mais importantes estudiosas de Floresta esse não reconhecimento, talvez se justifique pelo fato de que “seu nome não consta na história da Literatura Brasileira, como escritora romântica, e muito menos na história das mulheres, ou da educação feminina, como educadora³⁷³”.

Esse esquecimento nos obriga a fazer uma reflexão crítica sobre a condição de invisibilidade da história feminina no Brasil. Isso, pois, acontece quando nos referimos a produção de conhecimento pelo sexo feminino, assim como seus aportes sociais na construção da história do país. Tal fato acontece não apenas com a figura de Nísia Floresta, todavia, com as inúmeras mulheres, que ao ousarem enfrentar o patriarcado demonstraram audácia ante as concepções excludentes do machismo.

Prematuramente durante sua trajetória, Nísia Floresta, já demonstrava sua presunçosa personalidade. Casou aos 13 anos, Manuel Alexandre Seabra de Melo, entretanto o matrimônio não perdurou por muito tempo, pois insatisfeita com o casamento, voltou a residir na casa dos seus pais. Logo depois mudou-se para Pernambuco e residiu em três cidades; Goiana, Olinda e Recife. Após o assassinato de seu pai em 1828, Nísia Floresta passou a ser responsável pela família. Não fez casamento tradicional e indicado para época e foi morar com o estudante de direito, Manuel Augusto.

Já residindo em Porto Alegre com a família seu companheiro, morre prematuramente e permanece morando na cidade onde se dedicou aos filhos e ao ensino. A autora, nessa época teria inaugurando inaugurado um colégio, entretanto,

³⁷² FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 02.

³⁷³ DUARTE. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p. 15.

apesar das buscas por fonte, não há documentos comprobatórios sobre a existência deste fato.

Ao transferir sua residência para o Rio de Janeiro fundou o Colégio Augusto instituição destinado a educação das meninas. Nessa época foi vítima de inúmeras críticas pela sua ousadia, pois o currículo do seu Colégio era superior aos que eram oferecidos nos colégios apenas para meninos. Do latim a aritmética era possível encontrar no currículo do Colégio Augusto. Assim como a Educação Física e religiosa. Além desse legado destacamos a expressiva participação histórica dessa autora na imprensa brasileira.

A produção literária e intelectual de Floresta se deu durante o século XIX em meio a uma sociedade que ignorava, de todas as formas o intelectual das mulheres, assim como sua competência. Foi precisamente nesse período, que Nísia Floresta, lançou suas principais obras, onde defendia, dentre outros assuntos, a igualdade de direitos entre os homens e mulheres. O direito à educação, ao trabalho e de que as mulheres tivessem o controle sobre sua própria vida, estava na pauta dessa educadora.

Nísia Floresta “Contou a história da opressão feminina no mundo e no Brasil, e também deu alguns interessantes ‘conselhos’ às meninas³⁷⁴”. Quiçá o pensamento feminista de Nísia Floresta recebeu uma melhor tradução em seu livro, “Direito das Mulheres Injustiças dos Homens” de 1832. Onde a autora aos 22 anos já afirmava que “Em uma só palavra, se os homens fossem filósofos (tomando esta palavra em seu rigor) descobririam facilmente que a Natureza constituiu uma perfeita igualdade entre os dois sexos³⁷⁵”. Contudo, esse pensamento feminista, pode ser observado em todas suas obras, onde há algumas que mostram mais resistências, outras menos combatentes.

De fato, é imperativo afirmar que esse pensamento da autora, passou por diversas fases. Contudo a questão da educação das mulheres, sempre esteve presente nos escritos da educadora. Seu posicionamento em relação à equidade de gênero também marca suas obras, além da tão ambicionada emancipação do sexo.

³⁷⁴ DUARTE, Constância Lima, Nísia Floresta. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 39.

³⁷⁵ FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a, p. 30.

A produção literária e intelectual de Nísia Floresta se deu no século XIX em meio a uma sociedade que ignorava, de todas as formas, o intelectual das mulheres, assim como sua competência. Foi precisamente nesse período, que Nísia Floresta³⁷⁶, iniciou seus escritos, onde defendia, dentre outros assuntos, a igualdade de direitos entre os sexos. O direito à educação, ao trabalho e de que as mulheres tivessem o controle sobre sua própria vida, estava na pauta da viajante. Ainda neste período, Nísia Floresta, iniciou suas viagens em solo brasileiro.

A recuperação dos registros de tais viagens, aqui no Brasil, foi extraído de livros da autora, dentre eles, Fragmentos de uma obra inédita (Floresta, 2001) e obras de outros autores como Câmara (1941), Duarte (2005, 2010) dentre outros e outras que auxiliaram na construção do tempo histórico e social em que Nísia Floresta viveu suas andanças em terras brasileiras.

Nesse sentido, seguimos, cronologicamente, as viagens de Nísia Floresta em cada lugar em que viveu aqui no Brasil. Procuramos, em tempo, tecer comentários, dialogando com a própria viajante através de suas obras, com outros autores/autoras e com o contexto de cada lugar por onde passou. Desde o clima de revolta que eclodiu durante o século XIX e que desde menina a acompanhou, sua infância cercada de livros, o casamento precoce, o contato com os estudantes da Faculdade Direito de Olinda até sua estada no Rio de Janeiro, onde fundou o Collegio³⁷⁷ Augusto. Posteriormente deu continuidade as suas viagens pelo continente europeu, como veremos.

6.1 Nísia Floresta em solo Brasileiro³⁷⁸

As viagens de Nísia Floresta pelo solo brasileiro, muito se diferem das que realizou pela Europa, em países: França, Itália, Grécia, Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Portugal. Onde se concretizou sua militância frente à emancipação do sexo feminino e os problemas educacionais do Brasil.

³⁷⁶ Nísia Floresta foi uma feminista, professora, escritora, jornalista do século XIX. Suas obras eram pautadas na condição intelectual e social da mulher. Para mais informações ler: *Mulheres emancipadas: um estudo sobre o pensamento pedagógico e feminista de Nísia Floresta*, SILVA, 2014.

³⁷⁷ Optamos em manter a escrita da época.

³⁷⁸ Artigo publicado oficialmente com o título: AS VIAGENS DE NÍSIA FLORESTA PELO SOLO BRASILEIRO DURANTE O SÉCULO XIX. Dossiê Mulheres viajante. Org. por LIMA, Alexandra. In. Revista de História da Universidade Federal do Paraná. p.11-29, 2017.

Nesse sentido, as viagens de Nísia Floresta pelo Brasil foram no período de grande conturbação, dificuldades e decisões as quais marcaram a vida da autora, até se estabelecer no Rio de Janeiro, aos 28 anos. Para Floresta, viajar seria “O meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente”³⁷⁹ Esta afirmação feita quando a autora estava em sua viagem pela Alemanha, nos parece propícia também às viagens que realizou no Brasil. Vejamos, ou melhor, viajemos! Abaixo segue o mapa direcionando o percurso realizado pela a autora nos estados brasileiros.

Mapa 2: Mapa das cidades brasileiras onde Nísia Floresta viveu em de 1813-1849.



Fonte: Percurso elaborado pela autora, 2018.

³⁷⁹FLORESTA. Nísia. Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1982, p. 67.

Os Rios visitados por Nísia Floresta, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, não têm apenas em comum a expressão Rio, mas também realidades políticas e sociais que marcariam para sempre a vida da autora.

xvi) Rio Grande do Norte

Papari era situada num vale estreito e profundo, do mais delicioso aspecto, e contava com uns trezentos habitantes, segundo³⁸⁰. Esta terra situada às margens do rio era um lugar tranquilo e agradável onde, Nísia Floresta, viveu parte de sua infância até os sete anos idade. Nesta localidade sua família possuía, segundo os relatos de Koster (1942), um pequeno pedaço de terra no vale, que aos olhos do viajante pareceu muito próspero. Filha de advogado Português e uma dona de casa brasileira, Floresta pertencia a uma família com certo prestígio na sociedade de sua época. Mesmo com esse privilégio Nísia Floresta, nesse período, ainda não frequentava escola, pois a realidade da educação no Rio Grande do Norte, não se diferenciava das demais províncias do país, pois a inexistência de escolas era alarmante. Em 1832 existiam em Natal, apenas duas instituições de ensino primário uma feminina e uma masculina, enquanto que em Papari, ainda não existia escolas, segundo dados de estudo realizado por Almeida (1989). De acordo com Aduino Câmara (1941) em Papari a instrução pública só chegaria em 1860, enquanto a particular não se tinha notícias.

O clima de tranquilidade em Papari não perduraria por muito tempo, a Revolução de 1817, também conhecida como Revolta dos Padres, foi a primeira das várias revoltas que marcaria a vida da educadora, como veremos. Em 1817 eclodiu em Pernambuco um movimento de caráter emancipacionista tendo dentre várias causas; a crise econômica, o absolutismo monárquico português e ideias iluministas propagadas por seguidores maçônicos. A propagação dessa Revolta chega ao Rio Grande do Norte e fez com que a família do senhor Dionísio deixasse Papari pela primeira vez. Segundo Nísia Floresta, seu pai, “Espectador aflito e indignado

³⁸⁰ KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil “Travels in Brazil”. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942. p.104.

com essas horríveis hecatombes, às quais não escaparam alguns de seus amigos mais distintos, retirou-se assim que pôde, com sua família, de sua terra, a fértil e charmosa Floresta [...] ³⁸¹, adotando Goiana, uma cidade muito prospera da província de Pernambuco, para viver de 1817 a 1819. Neste último ano, a família volta a residir novamente no Sítio Floresta. Ainda segundo relata a própria Nísia Floresta,

Parecia que ainda ouvíamos e eco repetir os gemidos das vítimas de 1817, imoladas à vingança de seus dominadores de além-mar, cujo despotismo punia, com uma barbárie digna de idade Média, os chefes e os aderentes do Partido Republicano ³⁸².

Já em 1823, então com 13 anos, Nísia se casa pela primeira vez. Mas por motivos desconhecidos toma uma atitude contrária aquela época, se separando de Manuel Seabra de Melo, proprietário de terras de Rio Grande do Norte. Dessa forma, já percebemos desde cedo, que a escritora demonstrava grande obstinação para emancipação feminina. Nesse período, a realidade das mulheres brasileiras, segundo Emília Costa (2010) “Era de uma mulher com pouca ou nenhuma educação e iniciativas, que aspirava apenas ao casamento e à maternidade, cuja honra era definida quando jovem pela sua virgindade [...]” ³⁸³. Essas características, não observamos na posição tomada pela ainda menina, Dionísia Gonçalves Pinto, que já demonstrava inquietude e contrastava com os ideais cominadas pela sociedade. Coincidentemente, no mesmo ano do desfecho do casamento, a família Pinto resolve sair novamente de Papari, segundo Nísia Floresta, seu pai “Desgostoso com essa província por outros penares ele retornou a Pernambuco, onde continuou sua carreira de advogado” ³⁸⁴ voltando à próspera Goiana-PE.

Sabemos que, a história do Brasil com suas raízes patriarcais, nos deixa evidente que uma jovem em pleno século dezenove resolve deixar o marido e voltar a residir com os pais, seria sem mais questionamentos um escândalo. Sem obedecer ao marido e contrariando às regras da igreja católica que

³⁸¹ FLORESTA, Nísia. Fragmentos de Uma Obra Inédita. 2ª. Edição. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 47.

³⁸² Idem, p. 47.

³⁸³ FLORESTA, Nísia. Fragmentos de Uma Obra Inédita. 2ª. Edição. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p.49.

³⁸⁴ Idem. p. 49)

recomendava às mulheres, entre outras obrigações; amar, respeitar, obedecer, servir com devoção e tolerar todos os defeitos do seu marido. Nísia Floresta, em 1823 contrariou a pequena Papari que se tornaria estreita para ela, como descreveu Koster (1942).

Decerto, a educadora teve apoio dos pais para tal façanha. Como uma família, nessa época poderia acatar esse comportamento da filha? Seus pais, certamente, seriam uma exceção. Koster ainda em sua estada no Sítio Floresta, em 1810, afirmava que “O senhor Dionísio apresentou-me a sua mulher. Ele é português e ela brasileira”³⁸⁵, este fato que parece normal nos dias atuais, para a época era incomum, pois as mulheres viviam em quase que absoluto isolamento “longe dos olhos dos estranhos, sendo vistas apenas de esguelha quando iam à igreja”³⁸⁶. De fato, para que o Sr. Dionísio, pai de Nísia Floresta, não mantivesse sua esposa enclausurada, deveria ter um pensamento contrário aos da maioria dos homens de sua época. Esse comportamento, também pode nos ajudar entender por que aceitou que sua filha voltasse a residir com a família. Por outro lado, nos faz questionar por que casou a filha tão cedo como era de costume. O que podemos observar é que a educadora cresceu num ambiente em que o pai, de certa forma, tinha um respeito parente sua mãe.

vxii) Pernambuco

A volta a Pernambuco desta vez seria definitiva para a família do Sr. Dionísio. Nesse Estado, Nísia Floresta viveu alegrias e tristezas. Em Goiana, possivelmente, fez seus primeiros estudos no convento das Carmelitas (Câmara, 1941). A educação de Pernambuco, nesse período, segundo cronologia elaborada por Lage (2012) apoiada em Almeida (1989), seguia de forma acanhada, mas representava um pequeno avanço em comparação com as demais províncias, pois “Foram criadas em 1828, cinco aulas de primeiras letras para meninas, sendo três em Recife, uma em Olinda e uma no interior,

³⁸⁵ KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil “Travels in Brazil”. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942. P, 105.

³⁸⁶ COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. – 9ª Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.

apesar de não ter havido matrícula na época³⁸⁷. Ainda de acordo com essa autora, em 1825 foi criado em Pernambuco o Liceu Provincial, que compreendia as Aulas de primeiras letras e Aulas Maiores, em 1827 foi inaugurado o curso jurídico de Olinda, o primeiro de Pernambuco e o segundo do Brasil. Enquanto que as escolas primárias para meninas seriam criadas em 1836³⁸⁸.

No campo político mais uma revolta estava acontecendo em Pernambuco, a Revolução de 1824, também conhecida como a Confederação do Equador, além da Revolta dos Cabanos em 1830.

vxiii) Goiana/PE

Terra de muitas águas, talvez seja o significado mais provável para palavra Goyanna que vem tupi-guarani. Foi nessa cidade de muitos “Rios” que Nísia Floresta viveu parte de sua infância, e como vimos, parte de sua mocidade. Um dos principais centros econômicos da província de Pernambuco, Goiana participou ativamente das revoltas de 1817 e 1824. Foi nesse clima republicano e liberal, que Nísia Floresta conviveu durante o tempo em que habitou em Pernambuco.

Maria Quitéria, Maria Camarão, Maria Clara e Joaquina essas quatro mulheres entraram para história não apenas de Goiana, mas do Brasil, assim como Nísia Floresta, mas esta última, como sabemos, foi mais além. Conhecidas como as Heroínas de Tejucupapo, essas quatro mulheres, segundo a história, de posse de água fervente com pimenta, paus, pedras e tudo mais que pudessem se defender e expulsar os inimigos, saíram vitoriosas na luta contra os invasores holandeses, quando nesse lugarejo estiveram para saquear seus alimentos, no ano de 1646. Esta cidade escolhida pela família da educadora, em sua segunda estada, guardava um histórico de luta das mulheres. Anos mais tarde, esta cidade também entraria para história por ter sido a primeira cidade pernambucana a abolir a escravidão, em meados do ano de 1884. No contexto em que a escritora por

³⁸⁷ LAGE, Allene. A Educação na História de Pernambuco. Pesquisa de estágio pós-doutoral. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. 2012, p.12.

³⁸⁸ Idem, p. 14.

lá viveu, era o da Revolução 1824, conhecida com a Confederação do Equador, um movimento revolucionário, emancipacionista e republicano que foi de encontro ao governo absolutista e centralizador de D. Pedro I. Nesta cidade segundo Câmara (1942) Nísia Floresta tenha tido seus primeiros estudos.

xix) Olinda/PE

Não se sabe a data exata em que Nísia Floresta passou a viver em Olinda. Um lugar que, em meados de 1828, se tornaria um burgo de estudantes devido a fundação do curso direito na cidade. É nesse período, que Nísia Floresta conhece o seu companheiro, Manuel Augusto de Faria Rocha, estudante de Direito. A faculdade de Direito de Olinda foi inaugurada em maio de 1828, tendo suas primeiras instalações no Mosteiro de São Bento.

Desde sua fundação, os alunos da Faculdade estiveram sempre presentes em várias atuações políticas e culturais. Nísia Floresta viveu parte dessa efervescência ao lado de seu companheiro, que possivelmente, proporcionou o contato da educadora com o pensamento liberal e republicano da época, além de aproximação com os demais estudantes onde se reuniam, segundo alguns estudiosos da obra Nisiana, na residência do casal, pois nesse momento, já estavam residindo em Olinda.

A primeira turma que se formou na faculdade de Direito de Olinda data de 1832, nela também se formou o companheiro de Nísia Floresta. Após sua formatura, o jovem casal vai morar, dessa vez, no Rio Grande do Sul, sem a presença do seu pai, pois aos 17 anos, segundo Constância Lima Duarte, senhor Dionísio teria sido morto, após ganhar uma causa contra os poderosos da cidade de Olinda. Porém, antes da partida, Nísia Floresta, edita o seu primeiro livro, "Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens", então com 22 anos. Esta obra, que segundo a própria Nísia Floresta, seria uma tradução livre do livro *A Vidication of the Rigghs of Women* de Mary Wollstonecreft. O texto nisiano denunciava com um expressivo olhar as condições de desigualdade intelectual entre homens e mulheres, muito comum para sociedade brasileira daquela época. Nesse livro a condição de submissão da

mulher e o mito da superioridade dos homens, também foram preocupações de Nísia Floresta, pois afirmava que “todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo”³⁸⁹. Ainda em Pernambuco, Floresta teve várias participações na imprensa pernambucana denunciando a condição feminina.

xx) Rio Grande do Sul /Porto Alegre

Deixando Pernambuco, a educadora segue seu destino, estabelecendo-se em Porto Alegre. Nessa cidade, também se alastra o sentimento de liberdade que tomava conta dos brasileiros. Em 1835, Nísia Floresta presencia mais um movimento, a Revolução dos Farrapos ou Farroupilha (1835-1845). Nesta capital onde ficou viúva aos 23 anos e teve mais um filho, também sai a segunda edição de “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens”.

No campo educacional, segundo Almeida (1989) a realidade de Porto Alegre em 1832 era a seguinte: três escolas primárias para meninos e uma primária para menina. Segundo esse autor “Esta província, uma das mais assoladas pelas guerras estrangeiras e lutas civis, não podia, em razão destas circunstâncias, dar à instrução todo o desenvolvimento que ela reclama”³⁹⁰. Nesse sentido, a discussão a seguir nos recai sobre essa realidade que assolava Porto Alegre no período em que Floresta esteve nessa cidade.

Revoltados com o poder centralizado e alta taxa de impostos que obrigados a pagar; os gaúchos iniciaram a Revolução dos Farrapos. A diferença entre os partidos republicanos e conservadores também foi uma das causas dessa Revolta. No ano de 1835 teve início a Farroupilha, liderado por Bento Gonçalves. Anos depois, teve apoio do italiano Giuseppe Garibaldi, político e militar revolucionário e de sua esposa Ana Maria Ribeiro da Silva, conhecida como, Anita Garibaldi, que se destacou por sua participação nas campanhas revolucionárias do Brasil. Na ocasião, Nísia Floresta, também manteve contato com essa personalidade brasileira. Como Nísia teria conhecido e formado amizade com Anita, ainda não se sabe.

³⁸⁹ FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a 47.

³⁹⁰ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. História da Instrução pública no Brasil (1500-1889). Tradução Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989, p. 78.

Nesta cidade, Nísia Floresta teria se dedicado a sua família; mãe e filhos, segundo informações, teria inaugurado um colégio, no entanto, até hoje, não há registros de que tenha dirigido algum colégio nesta capital. No entanto, estudos mais recentes, como o da tese de doutorado de Graziela Rinaldi da Rosa (2012), também não obteve fontes que comprovassem tal afirmação. Com o alastramento da Revolta, a feminista, continua suas andanças. A capital do Império seria seu próximo destino.

xxi)Rio de Janeiro

A capital do Império seria o último ponto de parada em terras brasileiras da feminista. Com a vinda da Corte portuguesa para Rio de Janeiro, a cidade foi berço de diversos acontecimentos, tornando-se um proeminente centro comercial e político. Foi ainda, à época, palco de diversas campanhas abolicionistas e republicanas. A imprensa brasileira também teve grande circulação nessa capital, os impressos eram utilizados para diversos fins. Foi nessa cidade, que também foram surgindo diversos estabelecimentos de ensino, com uma minoria para meninas. Eram nesses poucos estabelecimentos que as meninas aprendiam rudimentarmente a contar, ler e escrever, no entanto, aprendiam a doutrina cristã e trabalhos de agulha. O progresso escolar ainda era lento, principalmente, para as mulheres. Segundo Almeida (1989) no Rio de Janeiro em 1834 havia 23 escolas e colégios particulares para meninos e 16 escolas e colégios para meninas.

No ano em que Nísia Floresta chegou ao Rio, é inaugurado o Colégio Pedro II, apenas para meninos. O acesso das meninas à educação, ainda estava restrito as aulas que aconteciam nas próprias casas dos professores e professoras, em sua maioria, estrangeiros. Fato que, questionado por Nísia Floresta em seu Opúsculo Humanitário (1989b). É nessa realidade, que a educadora funda o Collégio Augusto, em 1838 apenas para a educação das meninas. A própria Floresta era diretora e professora, da instituição e ensinava as línguas e gramáticas do português, latim, francês, italiano e inglês, ao passo que a caligrafia, religião cristã, aritmética, história antiga, moderna e universal, geografia, copunha a lista. A música também não estava de fora, além de, de

aulas de piano e desenho. Acrescente a estas matérias; a cosmografia³⁹¹, aritmética e poesia. Enquanto o colégio Augusto oferecia essas matérias, a maioria das instituições se limitava a oferecer o que acreditavam ser o essencial para a educação das meninas: ler, escrever, contar, gramática nacional, ortografia, coser, marcar diversos moldes, bordar de todas as qualidades, cortar e fazer vestidos. É nesse Estado que a autora finda suas viagens pelo Brasil.

De fato, as viagens realizadas por Nísia Floresta, nos levou ao encontro de uma mulher, que outrora, à sua singularidade, imprimiu suas ideias e pensamentos contra o enquadramento conceitual operante que negava à mulher o seu acesso à educação e a outras cidadanias no século XIX. Dionísia Gonçalves Pinto, a Nísia Floresta Brasileira Augusta, ressurgiu, pois, em cada leitura realizada, necessário a esse estudo, e como uma lenda, se personificou, dentre outros ineditismos, realmente como uma das primeiras mulheres a realizar viagens pelo Brasil e Europa.

De fato as viagens de Floresta, nos revelaram uma mulher forte, ousada, adiante de seu tempo. Uma viajante de olhar reflexivo, trajetórias e vivências singulares por onde passou. Denunciando as condições de submissão do sexo feminino e oportunidades de ensino negado às mulheres de sua época.

³⁹¹ Astronomia descritiva. Vem do Latim *cosmographia* e adaptada do grego *kosmographía*, ou seja, descrição do mundo, do universo (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001).

6.2 Nísia Floresta na Europa

Viajar, repito-lhes, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma dor que nos mina lentamente. Desde que deixei Paris para visitar a Bélgica e a Alemanha, os dias não mais parecem ter a lentidão que me matava (FLORESTA, 1982, p, 129).

Após 52 dias de viagem, a bordo do navio francês, *Ville de Paris*, Nísia Floresta, desembarcava pela primeira vez, na capital francesa juntamente com sua filha Lívia Augusta de Faria Rocha e seu filho Augusto Américo de Faria Rocha no dia 2 de novembro de 1849. Após, aproximadamente, dois anos, retorna ao Brasil, mas antes, permanece por seis meses em Lisboa, Portugal. Embarcando para seu país em 27 de janeiro de 1852.

Em 10 de abril de 1856, após quatro anos em terras brasileiras, Nísia Floresta, realiza sua segunda viagem à Europa com destino à Alemanha. Dessa vez, vem acompanhada, apenas de sua filha Lívia Faria. Em 1858, Floresta viaja para Itália, onde fixa residência em Florença e realiza suas viagens pelo país. Em 1859, realiza também sua viagem à Grécia. Em 1861 volta a residir em Paris, após três anos vivendo no país italiano³⁹². Em 1871, autora viaja para Londres e posteriormente para Lisboa de onde realiza, mais uma vez, sua viagem ao Brasil. Em 24 de março, de 1875, Floresta regressa à Europa desembarcando na Inglaterra, onde estava a sua espera, Lívia Faria. Após alguns meses na capital desse país, mãe e filha viajam a Lisboa. Já morando na França, a família, passa a viver na cidade de Rouen e posteriormente para Bounsecours. Onde falece em 1885.

De fato, a educadora viajou a Europa conhecendo vários países, entre eles; França, Portugal, Bélgica, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, Itália e Grécia. Deixando suas viagens registradas em obras editadas no Francês, inglês e italiano. Em seus livros sobre viagens

[...] Ela realiza o caminho inverso dos estrangeiros que aqui vinham “descobrir” o Brasil. Escritos sob a forma de diário ou de cartas aos parentes distantes, seus relatos revelam, bem ao gosto da época, as emoções e as impressões da autora diante de cada

³⁹² Em 1º de junho, Nísia Floresta regressa a Paris e prepara-se para residir novamente nesta cidade, após três anos ausente. Seu novo endereço será Rua Roger Collard, 9, próximo do Boulevard Saint Michel e do Jardim de Luxemburgo. DUARTE, Lima Constância. Inéditos e dispersos de Nísia Floresta. Natal, RN: EDUFRRN: NCCEN, 2009, 115.

cidade ou país que visita, bem como reflexões diante das ruínas e dos fatos históricos que presencia. Nísia Floresta realiza, portanto, muito mais que simples relatos, pois descreve com sensibilidade e erudição cada cidade, igreja, museu, parque, biblioteca e monumento, e os tipos humanos que encontra³⁹³.

Sua vivência e no continente Europeu foi de grande significado e de contribuição histórica. Nessa direção, segue abaixo o percurso realizado por Floresta em suas viagens realizadas em solo europeu. Devido à particularidade de como escrevia suas impressões sobre essas viagens, optamos por apresentar através de seus próprios relatos sobre tais viagens.

Elegemos as principais cidades por onde viajou e que apresentaram maiores detalhes em seus livros. Ressaltamos que apesar de Floresta ter passado um tempo na Inglaterra, poucos são seus registros sobre tal país, motivo pelo qual, esse país, não se encontra nos relatos de viagens que elegemos a seguir. Abaixo, o mapa do continente europeu com a rota dos países por onde a referida autora viajou.

Mapa 3: Países europeu onde Nísia viveu e viajou.



Fonte: Elaborada pela autora

³⁹³ DUARTE, Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória testemunho e história. In. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008 (1047-1048). p. 1049

6.2.1 França

Neste país foram visitadas Paris, Marselha, Estraburgo, Mulhouse, Montbéliard, Herimoncourt, Rouen e Bonsecours. Nesse país, como nos demais foram eleitas para dissertar através dos próprios relatos da autora.

- **Paris**

“**Havia fixado minha saída de Paris**³⁹⁴ para o dia 19 de março e, desejando encontrar-me em Roma durante a Semana Santa, renunciei entrar na Itália pela longa rota da Cornija, propondo-me a percorrê-la mais tarde”³⁹⁵. E assim “Tomei, pois, o expresso à oito horas da noite que nos conduziu, minha filha e eu, de Paris a Marselha em vinte e uma horas”³⁹⁶

Devido à tristeza que assolava Floresta, causada pela distância de sua terra natal e da família, afirmava “Paris não me falava mais ao espírito desde que eu experimentara a dolorosa crise que me arrasou de perto de vocês”³⁹⁷. É possível perceber como a autora tentava aliviar suas dores através das viagens que realizava. “Eram-me necessários, repito, outros espetáculos, impressões novas e diferentes, para distrair-me da tristeza profunda, causada pela irreparável perda que despedaçou o coração e transformou minhas idéias, orientando-as em direção nova”³⁹⁸. E de fato, seguiu para uma grande viagem à Itália, mas antes revela como a cidade de Marselha.

- **Marselha**

“**Suas ruas, em geral, pouco limpas**, suas praças e seus cais obstruídos por comerciantes e marujos apresentam o aspecto de uma cidade comercial e laboriosa; mas nela não encontrei nada de curioso para excitar a admiração de viajante”³⁹⁹. Segundo a autora foram lhe indicados três coisas as quais, como estrangeira, desejava conhecer uma delas a “Notre Dame de la Garde”,

³⁹⁴ Todos os grifos iniciais de cada texto são nossos.

³⁹⁵ Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. Vol. I. EDUFRN. Editora da UFRN. Natal, 1998, p. 24

³⁹⁶ Idem, p. 24.

³⁹⁷ FLORESTA, Nísia. Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1982, p, 165.

³⁹⁸ Idem, 1982, 165.

³⁹⁹ Idem, p. 26 Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. Vol. I. EDUFRN. Editora da UFRN. Natal, 1998.

igreja construída sobre uma colina e na qual se encontra uma grande quantidade de ex-votos, que atestam os milagres que levam a este lugar, ainda em nossos dias, muita gente”⁴⁰⁰. Marselha, dessa forma, não teria tanto atrativos para que incentivasse a autora permanecer mais dias em tal cidade.

6.2.2 Bélgica

Nesse país a autora viu três cidades; Bruxelas, Liège, Spa. Aqui tivemos seus relatos sobre Bruxelas e Liège.

▪ **Bruxelas**

“Mas é a propósito de Bruxelas que agora quero entreter vocês. Não pudemos julgar esta cidade, com base na parte que percorremos do embarcadouro até aqui: esse trecho é pouco limpo, ocupado pelo comércio da cidade baixa”⁴⁰¹. Como passou pouco tempo na cidade segundo Floresta, não tinha tempo disponível para “Escrever sobre história de Bruxelas (do que, aliás, vocês não precisam) nem das cidades que vou percorrer; indicarei apenas o que mais me atrai a atenção e, à noite, lhes comunicarei minha impressões do dia”⁴⁰². **“Empregamos uma parte do dia, visitando os museus de Pintura e História Natural, bem como o Palácio da justiça.** Os primeiros encontram-se no Palácio das Belas Artes, mais geralmente conhecido pelo nome de “Museu””⁴⁰³.

▪ **Liège**

“Os arredores de Liège são muito mais bonitos do que os de Bruxelas. É uma das mais importantes cidades dos Países-baixos, cortada por dois rios, o Mosa e o Ourte, com belas pontes e cais circundados de ricas e lindas colinas”⁴⁰⁴. Antes de seguir para a próxima cidade de Spa “Acabamos de visitar alguns edifícios que eu desejava ver: o hotel de ville, reconstruído

⁴⁰⁰ Idem, p. 27.

⁴⁰¹ FLORESTA, Nísia. Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1982, p. 42.

⁴⁰² Idem, p. 43.

⁴⁰³ Idem, p. 43.

⁴⁰⁴ Idem, p. 61.

depois do bombardeio realizado pelos franceses, em 1692; o hospital civil [...]”⁴⁰⁵. Além desses lugares, Floresta, visitou teatros e jardins pitorescos.

6.2.3 Alemanha

“**Eis-me no solo tão desejado da Alemanha**, nesta cidade da Prússia em que nasceu e morreu Carlos Magno, cujas lembranças estão presentes aqui, por toda parte”⁴⁰⁶. Nesse país foram visitadas; Aix-la-Chapelle, Colônia, Bonn, Cobleça, Bordas do Reno, Mogúncia, Frankfurt, Darmstad, Mannheim, Heidelberg, Schwetzingen, Carlsruhe, Stuttgart, Cannstarg, Baden-Baden. Desse país elegemos as cidades de Frankfurt e Stuttgart.

- **Frankfurt**

“**Frankfurt, antiga cidade imperial**, orgulhosa de ter sustentado tantas guerras e entronizado tantos Césares, é hoje, como vocês o sabem, uma cidade livre, uma república que atrai minha simpatia”⁴⁰⁷. Para Nísia Floresta, além de outras coisas, essa cidade a atraía pelo intenso movimento do comércio e sua localização às margens do rio Meno.

A viajante ainda faz observações sobre a questão da moeda dessa cidade “As carruagens aqui são menos caras que em Paris, assim como tudo mais. Pago 24 cruzados por hora. Somos duas: pag 48 cruzados, que representam um franco e alguns centavos, mesmo fora da cidade”⁴⁰⁸.

- **Stuttgart**

“**Como todas as cidadãs da Alemanha, Stuttgart** descortina perante meus olhos quadros admiráveis e variados que agradam à imaginação e aprisionam o espírito”. Ainda segundo a autora “As ruas de Stuttgart não são tão regulares nem bonitas como as de Carlsruhe, mas aqui há mais palácios e casa importantes. Königstrasse, rua real, é a mais bela de todas”⁴⁰⁹.

⁴⁰⁵ Idem, p. 62.

⁴⁰⁶ Idem, p. 69.

⁴⁰⁷ FLORESTA, Nísia. Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1982, p. 119.

⁴⁰⁸ Idem, p. 128-129.

⁴⁰⁹ Idem, p.166

Ao fazer visitas de caridades relata “Hoje visitamos, entre outros estabelecimentos piedosos, a casa dos órfãos, findada pela bondosa princesa Cartarina; depois, o colégio, com oitocentos alunos”⁴¹⁰. Realizou ainda visitas a bibliotecas, castelos e praças. “A grande biblioteca e a academia são muito importantes. O castelo do rei, que se situa na grande praça, tem um aspecto grandioso: o interior revela gosto, elegância e riqueza”⁴¹¹.

6.2.4. Itália

“**Nenhuma nação merece mais do que a Itália** atrair a admiração do mundo, seja pela multiplicidade dos seus feitos guerreiros, seja pelo imenso desenvolvimento que deu às artes e ciências importantes do Oriente [...]”⁴¹². A Itália foi o país onde Nísia Floresta mais viveu durante a produção de seus livros sobre viagens. Da vivência nesse país, escreveu o livro “Trois ans en Italie, suivis d’un Voyage en Grèce” em dois volumes, resultado de suas viagens pelo país italiano. Onde visitou diversas cidades como Roma, Vaticano, Nápoles, Florença (fixou residência), Sena, Veneza, Verona, Milão, Turim, Gênova, Sicília, Palermo, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Mombasilio e Mandovi.

- **Roma**

“**Roma! ... Quantas reminiscências sublimes e piedosas**, mas também quantas recordações aterradoras este simples nome despertou em meu espírito!”⁴¹³. Na capital italiana, de acordo com Floresta, havia lembranças magestosas quanto terríveis que estavam por toda parte, seja em uma pedra “no campo, em restos de um altar, de um sarcófago, de um pórtico, de uma coluna, que falam ao espírito sobre mil acontecimentos diversos, cosumados neste amplo território de Roma, tão diminuído e tão transformado”⁴¹⁴.

⁴¹⁰ Idem, p. 166

⁴¹¹ Idem, p. 168

⁴¹² Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. Vol. I. EDUFRRN. Editora da UFRN. Natal, 1998, p. 01.

⁴¹³ Idem, p. 53.

⁴¹⁴ Idem, p. 73

- **Nápolis**

“**Nápoles a mais bonita cidade da Europa** por sai magnífica posição, pela riqueza do solo e pela atmosfera brilhante e impregnada de grandiosa poesia, de imediato atraia a vista e subjuga a alma do viajante!”⁴¹⁵. Para a autora o povo dessa cidade sempre lhe mostrou interesse devido o desejo pelo de “por toda parte, estudar as virtudes e seus esforços na luta mais ou menos engéptica, mais ou menos contida contra a tirania que o esmaga ou contra a hipocrisia que busca descaturalizá-lo e aviltá-lo”⁴¹⁶. Ainda nesta cidade Floresta visitou Pompeia e demonstra seu conhecimento histórico “Pompeia foi tragada, como se sabe no ano de 79 da era cristã, e somente em 1748 foi descoberta por camponeses que, trabalhando no cultivo de suas videriras neste solo fértil, aqui acharam alguns objetos artísticos”⁴¹⁷.

- **Florença**

“**Jamais, entrando em algumas das cidades que visitamos na Europa,** nos sentimos tão bem dispostos a amar. Esta notável cidade, que nos pintavam como sombria e entristecida (...)” devido as suas construções de arquiteturas “enegrecidas e gradeadas”, o que segundo escreveu, a viajante, “manifestou-se-nos, ao contrario, sob o mais sedutor aspecto, e produziu em nosso espírito a impressão mais favorável”⁴¹⁸. Ao obsevar o porte do povo dessa cidade conclui que “seu ar de singeleza e suas meneiras distintas, que o tornaram tão superior ao povo de Nápoles”⁴¹⁹.

Ao visitar a casa de Dante, em 6 de junho, critica; “Nenhum móvel, nenhuma recordação do maravilhoso poeta foram conservados neste asilo donde voejaram seus ambiciosos pesamentos! E continua “É aqui, que digo-me, traçando estas linhas sobre uma velha mesa, que ficava, provavelmente, seu gabinete de estudo; ali, seu quarto de dormir; sua sala de visita fivaca talvés acolá (...)”⁴²⁰.

⁴¹⁵ Idem, p. 190

⁴¹⁶ Idem, p. 195

⁴¹⁷ Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. Vol. I. EDUFRRN. Editora da UFRN. Natal, 1998, p.203.

⁴¹⁸ Idem, p. 271

⁴¹⁹ Idem, p. 275

⁴²⁰ Idem, p. 276

Ao relatar sobre mulheres e homens observa que

As florentinas são, geralmente, mulheres amáveis e insinuantes: embora compartilhem o que se denomina “espírito” nas francesas, coservam bem mais do que estas, a naturalidade de maneiras em sua conversa. **Quando aos flerentinos,** parecem-se muiro mais em sua vida exterior, com os parisienses, dos quais têm a fina polidez, as frases escolhidas, muito frequentemente afetadas, o bom-tom e o gosto do prazer, embora menos exagerado do que nestes.⁴²¹

Diante dessa observação da autora fica evidente sua preocupação de como as mulheres vivem em outros lugares. O que comprova sua visão crítica diante da diferença imposta pelas sociedades entre homens e mulheres. Além disso, tece crítica política diante dos governantes

“Oh! Por que”, exclamei, então, no silêncio de minha’alma, “por que aqueles que detêm o poder o leme das cações preferem às glórias factícias que os deslumbram e arruinam populações inteiras, à glória verdadeira de fazer cessar essa corrupção, sempre invasora que empana as mais belas perspectivas do progresso de um povo?!”⁴²²

De acordo com a autora, o dinheiro utilizado pelos governos corruptos que apenas visam enriquecer afetava, principalmente, a educação “Quantas somas de dinheiro, quantas vidas sacrificadas para sustentar o que chamam a honra da nação, enquanto a educação dos povos, base principal do grande edifício social da felicidade pública e particular, fica de lado como coisa secundária!!!.”⁴²³

6.2.5 Grécia

Neste país, Floresta, se deteve na cidade de Atenas onde explorou sua diversidade cultural, histórica e geográfica.

- **Atenas**

“Entramos enfim em Atenas por ruas estreitas e sujas, de aspecto miserável, por entre restos de moradias dos turcos. [...] Porém, eu estava muito emocionada para deter meu olhar na triste região da Atenas moderna”⁴²⁴. Sem ainda acreditar que estava na cidade indagou a si mesma

⁴²¹ Idem, p. 300.

⁴²² Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. Vol. I. EDUFRN. Editora da UFRN. Natal, 1998, p.301.

⁴²³ Idem, p. 301.

⁴²⁴ Floresta, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. 1872 Vol. II.⁴²⁴. Tradução de Sônia Valéria Marinho Lúcio. Unicamp.1999.p.130

“É mesmo verdade que estou em Atenas, que um dos sonhos de minha tenra juventude realizou-se? O que sinto é indescritível”.⁴²⁵

A primeira visita feita nessa cidade foi à prisão de Sócrates, onde havia segundo a autora, apenas uma “abertura cavada na encosta da colina do Museu”. Ainda segundo a referida autora “Sócrates, o sublime mártir da verdade, que desconhecia qualquer egoísmo, e obedecendo à alta lei do seu espírito, só procurava educar os homens e aperfeiçoá-los.”⁴²⁶

Ao relatar sobre os povos gregos admirando seu intelectual afirmava que eram;

[...] um dos povos mais espirituais e mais inteligentes do mundo, são capazes de todos os estudos e apreendem com uma maravilhosa facilidade tudo o que desejam saber. Porém, ainda faltam boas escolas. O sistema e os meios de instrução do povo que outrora educou tantos outros povos teve até hoje um fraco desenvolvimento.⁴²⁷

Contudo, novamente, trouxe a questão de investimento do governo em relação à educação afirmando que ainda os governantes não se preocupavam com instrução do seu povo. Evidenciou, ainda que no país havia diversas escolas municipais, “Instituto em Atenas para a educação das moças, uma grande Universidade, escolas militares, escola normal, de agricultura e politécnica, porém a organização dessas instituições deixa muito a desejar”⁴²⁸. Observou ainda, que a instrução pública no país grego, era gratuita desde as escolas aos cursos universitários.

Diante desses relatos de viagem de Nísia Floresta foi possível observar, dentre outras, especificidades, a competência intelectual da autora diante da propriedade com que escreve os acontecimentos de cada cidade por que passou. Além disso, fica evidenciado o conhecimento político, histórico, geográfico, filosófico e cultural da viajante.

Além disso, observamos que mesmo estando em países europeus, Floresta, não deixou de escrever sobre a fragilidade do sistema educacional brasileiro. Como ressalta Rosa (2010),

⁴²⁵ Idem, p. 132

⁴²⁶ Idem, p. 134

⁴²⁷ FLORESTA, Nísia. Três anos da Itália seguidos de uma viagem a Grécia. 1872 Vol. II.⁴²⁷. Tradução de Sônia Valéria Marinho Lúcio. Unicamp.1999.p 134.

⁴²⁸ Idem, p. 136.

Nísia escreveu bastante sobre o Brasil nos países por onde andava, desmistificando a visão que os europeus tinham de nossa terra, e também salientava que muito do que se tinha como “novo” no âmbito educacional europeu, ela, como brasileira, já estava trabalhando com a mesma perspectiva no Brasil⁴²⁹.

Para Constância Lima Duarte (2005), a brasileira não apenas escreveu sobre a realidade educacional inferior do seu país, mas por cada cidade onde esteve procurava descobrir o que ali tinha sido produzido pelas mulheres, que haviam contribuído de alguma forma na história do país, buscando a especificidade da participação de cada uma delas, tal como afirma Duarte, que “Provavelmente, ao registrar os nomes de mulheres que se destacaram, a autora pretendia não só chamar a atenção para suas realizações, como dar às leitoras modelos femininos de comportamento dignos de serem seguidos”⁴³⁰.

De fato, este talvez tivesse sido um dos objetivos da escritora ao registrar estas histórias por cada lugar que visitou, pois a maioria de suas conterrâneas, ainda se encontrava em plena ignorância intelectual, depositando suas virtudes no agrado masculino.

6.3 Convergências intelectuais na produção literária de Nísia Floresta⁴³¹

Nísia Floresta foi uma intelectual de grandes leituras, que a colocou em contato com grandes obras consideradas, a sua época, revolucionárias sobre a educação das meninas. Na construção de suas obras Floresta demonstra que teve vários autores como referência na constituição de suas ideias, esse fato fica evidente no quadro de autores⁴³² que elaboramos. Para Pimentel (2001), esse quadro tem a finalidade de auxiliar na análise dos dados, tanto qualitativo como quantitativo em relação aos autores citados ou presentes em referências bibliográficas⁴³³.

⁴²⁹ ROSA, Graziela Rinaldi da. Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca da equidade de gênero. In. STRECK, Danilo R. Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 201, p. 90-91).

⁴³⁰ DUARTE, Constancia Lima. Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p. 16.

⁴³¹ Este apartado é faz é integrante da dissertação de Mestrado intitulada: MULHERES, EMANCIPAVOS: um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida em 21 de agosto de 2014 no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível no repositório de tese e dissertação da referida Universidade.

⁴³² Ver apêndice, p.

⁴³³ PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. In. Cadernos de Pesquisa; n. 114, p. 179-175, novembro/2001, p. 188.

No nosso caso, utilizamos as referências presentes encontradas no corpo das obras de Nísia Floresta, uma vez que nas obras de sua época, as referências não atendiam às regras das obras atuais. Numa leitura mais polida, que nos exigiu repetidas leituras dos livros, os quais examinamos, foi possível verificar a frequência com que os autores eram citados nas organizações das ideias conceituais da autora. Nessa direção, também foi possível observar os principais teóricos que serviram de base na produção intelectual de Nísia Floresta, bem como as abordagens filosóficas, o diálogo que manteve com tais intelectuais em diferentes períodos de seu amadurecimento intelectual.

O resultado da elaboração do quadro de autores nos permitiu eleger alguns estudiosos, onde acreditamos ter desenvolvido alguma convergência na produção intelectual de Nísia Floresta. Dentre os quais, a partir dos critérios estabelecidos, elegemos quatro: François Fénelon, Mary Wollstonecraft, Jean Jacques Rousseau e Auguste Comte. Os critérios da escolha incidiram, não apenas pelo fato de que alguns desses autores já terem sido discutidos por outros biógrafos e estudiosos da obra nisiana, mas pelas aproximações que realmente encontramos entre esses intelectuais e a educadora. Outro ponto que destacamos são os indícios; excertos de parte dos textos desses autores na obra da autora, a constância desses intelectuais em suas referências, além de aproximações no arquétipo da escrita. De fato, o quadro de autores nos possibilitou um melhor enquadramento para apontarmos que Nísia Floresta, assim como outros autores e autoras, sofreu diversas influências e passou por várias oscilações na construção de sua teoria.

i) François Fénelon⁴³⁴

François Fénelon foi autor de duas obras célebres durante este século: *As aventuras de Telêmaco* (1694-98) e *De l'éducation des filles*⁴³⁵ (1687-1696), este último considerado um clássico sobre a educação feminina. Segundo Bastos (2012), foi escrita por Fénelon quando este tinha 27 anos “Por solicitação do duque de Beauvillires, da corte de Luís 14 e encarregado de organizar a educação do príncipe

⁴³⁴ François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715) foi um filósofo, pedagogo, escritor, teólogo e poeta francês. Suas ideias liberais foram de encontro a igreja e ao Estado.

⁴³⁵ Da educação das meninas.

herdeiro que tinha uma família numerosa e, essencialmente, composta por mulheres”⁴³⁶.

Nessa seção, a escrita sobre Fénelon recebeu um tratamento mais detalhado em relação aos autores que o antecedeu, Rousseau e Comte. Não porque o consideramos mais significativo, mas pelo fato dos outros autores já terem sido citados e estudados, Câmara (1941), Lins (1967), Duarte (2010), Rosa (2012) em outros estudos sobre Nísia Floresta, ao contrário de François Fénelon. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta uma questão que ainda não foi discutida pelos pesquisadores da obra de Floresta, a aproximação ideológica da autora com as ideias de Fénelon, ou seja, uma possível influência desse autor na base intelectual que corroborou para a constituição do pensamento pedagógico de Nísia Floresta.

Nesse sentido, o contato mais minucioso com as obras de Nísia Floresta, nos colocou diante de François Fénelon, citado e exaltado por essa educadora em vários trechos de suas obras, como “Opúsculo Humanitário” e nos Conselhos que ofereceu às suas alunas e a sua filha. No entanto, a dificuldade de encontrar fontes sobre este autor, apontou para uma exploração ainda mais inovadora, para essa pesquisa e para a sua contribuição à obra de Nísia Floresta. Para ter acesso às fontes que encontramos sobre a produção intelectual desse autor que autor não é muito estudado no Brasil, o nosso acesso à sua obra, *De l'éducation des filles*, editada em 1885 foi realizada através Gallica Bibliothèque Numérique/ Bibliothèque Nationale de France e sobre sua biografia acessamos a The Catholic Encyclopedia de New York, ambas bibliotecas virtuais.

No entanto, em produções brasileiras, encontramos um trabalho de Bastos (2012), onde a autora traz em anexo de seu artigo, a tradução de parte da obra “Da educação das meninas”, pois a obra completa ainda inclui “Conselhos de uma senhora acerca da educação de sua filha”, excertos de Avis de Monsieur de Fénelon, Archevêque de Cambrai, à une dame de qualité, sur l'éducation de mademoiselle as fille, escrito, segundo, Bastos (2012) possivelmente em março de 1712 e publicado como anexo De l'éducation des filles em 1715.

⁴³⁶ BASTOS, 2012, p. 148.

Foi a partir dessas leituras que mantivemos o diálogo entre a obra de Floresta e Fénelon, onde encontramos algumas aproximações, as quais apenas foram citadas, mas não exploradas por alguns autores. Bastos (2012) apoiada em Duarte (1995) afirma que a obra de Fénelon influenciou não apenas Floresta, mas outros autores como Félix Ferreira, Rui Barbosa e José de Assis Brasil. Acreditamos que a obra de Fénelon, *De l'éducation des filles*, inspirou Nísia Floresta, e, portanto, merece aqui um tratamento mais cuidadoso. Uma vez que,

Essa obra é um discurso fundador sobre a educação das mulheres e contribui para a compreensão da historicidade dos processos discursivos sobre como as questões de gênero se relacionam e como contribuem para tecer e homogeneizar a memória de uma época⁴³⁷

Nesse sentido, comungamos com Bastos, pois se atualmente essa obra nos confia informações para que possamos discutir sobre a historicidade da questão da emancipação da mulher, no século XIX, pois sua finalidade parecia a mesma. Considerando o tempo histórico dessa obra, Bastos (2012) baseada em Brum (1983) defendem que Fénelon, apesar de não objetivar a posição da mulher na sociedade de sua época, dando-lhes apenas o governo da casa, mesmo assim, defendia sua educação, e nesse sentido, ia de encontro aos posicionamentos da sua época em relação às mulheres⁴³⁸.

A obra *De l'éducation des filles*, a que tivemos acesso é composto por treze capítulos, conforme o seguinte: 1º Da importância da Educação das meninas; 2º Inconvenientes das educações ordinárias; 3º Quais são as bases primeiras do ensino; 4º Imitação a temer; 5º Instruções indiretas. Não devemos constranger as meninas; 6º Uso das histórias para as meninas; 7º Modo de fazer entrar no espírito das meninas os elementos da religião; 8º Instrução acerca do decálogo, sacramento e oração; 9º Observação acerca de alguns defeitos nas meninas beleza e atrativos; 10º Vaidade de beleza e atrativos; 11º Instrução das meninas acerca dos deveres; 12º Continuação das obrigações das mulheres; 13º Das aias⁴³⁹ e Conselhos de uma senhora acerca da educação de sua filha.

Nessa descrição percebemos que esta obra, trata quase que exclusivamente das meninas, como sugere seu título, contudo, aborda às questões das preceptoras

⁴³⁷, BASTOS, Maria Helena Câmara. Da educação das meninas por Fénelon (1852). In. História da Educação, Vol. 16, Nº 36. Jan/abril. 2012, p. 152.

⁴³⁸ Idem p. 151-152.

⁴³⁹ O mesmo que preceptoras.

e aconselha às mães. Encontramos estas recomendações, em vários componentes do texto de Nísia Floresta. Fato que levou Duarte (2010) a concluir que o livro *Conselhos à minha filha*, poderia ser: *Conselhos às mães de meninas*, devido à propagação do sentimento maternal presente no texto⁴⁴⁰. Nesse sentido, comungamos com Duarte, quanto a esta analogia defendida, pois fica evidente no discurso de Floresta esta propensão.

Nessa direção, optamos por selecionar os capítulos do livro de Fénelon em que acreditamos ter apresentado mais se aproximações com ideias de Nísia Floresta. Dos treze capítulos, escolhemos sete onde acreditamos que haja algumas comparações que merecem ser apresentadas e discutidas. São eles: 1º Da importância da Educação das meninas; 6º Uso das histórias para as meninas; 7º Modo de fazer entrar no espírito das meninas os elementos da religião; 10º Vaidade de beleza e atrativos; 11º Instrução das meninas acerca dos deveres; 12º Continuação das obrigações das mulheres; 13º Das aias e Conselhos de uma senhora acerca da educação de sua filha. O critério para essa eleição desses capítulos foi feito a partir da relação que encontramos na discussão feita por Fénelon em cada um desses tópicos, com algumas passagens do texto de Floresta.

Dessa forma, tais aproximações foram discutidas, considerando o tempo histórico dos respectivos autores, fato que procuramos destacar desde o início de nosso trabalho. Não obstante, as observações também receberam uma apreciação contemporânea. Hoje, o que podemos dizer sobre essa analogia entre esses autores, o que suas obras representaram numa sociedade em que a questão da mulher era considerada uma incógnita.

Nessa direção, fazendo uma análise geral da obra *Da Educação das meninas*, que Fénelon denuncia a influência negativa das mães que são fúteis e não instruídas, ao passo que também denuncia a má companhia dos empregados. Nessa óptica, sugere que uma educação virtuosa é aquela feita a partir de preceitos preferencialmente religiosos, em relação aos castigos sugere penas leves que provoque nas crianças vergonhas ou remorsos. Os exercícios físicos também

⁴⁴⁰ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 43.

recebem atenção do autor, pois afirma que é preciso proporcionar distrações e divertimentos às crianças. Esclarece que as meninas não precisam de adornos e sim de simplicidade, aconselha que histórias bíblicas, assim como as gregas e romanas sejam lidas para exemplificar a educação dessas, além de defender o ensino de algumas ciências, o ensino de música e de idiomas, dentre eles se destacava o latim.

Por último, defende que a educação das meninas, nos primeiros anos de idade, seja feita, preferencialmente, pelas suas mães, ao passo que condena àquelas que entregam suas filhas para serem educadas por quaisquer preceptoras. Dessa forma, a educação das mulheres para Fénelon deveria ter um cunho moral e particular, mas com fins público e social, educando os filhos e governando o lar.

Para Nísia Floresta a mãe deveria ser a principal responsável pela educação de seus filhos e filhas desde tenra idade, porquanto para autora uma mãe educada

[...] e suficiente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas”⁴⁴¹

Contudo, Floresta via um fim público e social na educação das mulheres, mas esta não se restringia apenas ao lar, como defendia Fénelon, ao contrário, incitava às mães ao dizer “Procurem, sobretudo, habituá-las ao trabalho, apresentando-o como uma virtude necessária em todos os estados da vida qualquer que seja a opulência do indivíduo, e não digno de desdém com que o olham certas classes”.⁴⁴² Nessa direção, veremos que a educação oferecida no Collegio Augusto por, Nísia Floresta, não se limitava as cercanias domésticas. Dessa forma, é provável afirmar que há uma aproximação de Floresta com Fénelon, na defesa de que a educação inicial seja realizada pelas mães, no entanto, se diferem pela finalidade que atribuem à educação.

Outro ponto que podemos evidenciar refere-se à questão da defesa do ensino de música e artes, que para Fénelon, *“La musique et la peinture ont besoin des*

⁴⁴¹ FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b.1989b, p.91.

⁴⁴² Idem, p. 1989b, p.113.

*mêmes précautions; tous ces arts sont Du même génie et Du même goût*⁴⁴³ também o ensino de idiomas, e algumas eloquentes obras seriam, para esse autor, de grande utilidade, dentre elas uma compreensão melhor das escrituras. Nesse contexto, Nísia Floresta, adotou o ensino de idiomas e sua instituição era a única que oferecia o latim.

Floresta questionava a adoção do ensino de idiomas dos outros colégios brasileiros, pois discordava da forma de como se dava esse ensino onde as instituições de ensino, impunham o estudo das línguas sem o conhecimento necessário, incluía-se o ensino da sua literatura. Da mesma forma, questionava a didática adotada para o ensino das artes, sem desenvolver nas meninas o devido gosto e compreensão. Incluía-se nessas artes música, piano, desenho, canto, etc. Notoriamente, intuímos a defesa pelo ensino de línguas e artes entre os autores, no entanto, o debate quanto a finalidade de tal ensino se difere.

Apesar desses distanciamentos é possível encontrar nas obras de Nísia Floresta uma reverência pelas ideias de Fénelon e referências da obra *Da educação das Meninas*. Expressamente é possível encontrar tais referências, nas obras *Opúsculo Humanitário*, *No Discurso que ofereceu às suas alunas* e nas *Máximas e pensamento*, este último compõe a obra *Conselhos à Minha Filha*. Ao fazer referência ao “sublime Fénelon” sobre a questão do comportamento e as devidas ocupações das donzelas afirma que “Citando-vos este oráculo da educação eu não ousou mais nada acrescentar-vos de própria cogitação [...]”⁴⁴⁴. Nesse sentido, fica evidente a importância que Floresta assinalava pelas ideias de Fénelon. O que de fato, nos confere embasamento para sinalizar sua confluência com o pensamento de desse autor.

ii) Jean Jacques Rousseau⁴⁴⁵

Rousseau nasceu em Genebra, Suíça, em 1712. Foi filósofo, escritor, compositor e teórico político, sendo alvo de grandes críticas durante sua trajetória literária. Entre suas obras optamos por analisar o livro *Emílio ou da Educação*,

⁴⁴³ Música e pintura precisam dos mesmos cuidados; todas estas artes são da mesma engenharia e até mesmo gosto.

⁴⁴⁴ Um dos pseudônimos de Nísia Floresta com que assinou a obra referenciada.

⁴⁴⁵ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata. É considerado precursor do Romantismo e um dos principais representantes do Iluminismo.

precisamente do livro V, pois acreditamos que, Nísia Floresta, teve em seus escritos sobre educação das meninas, uma aproximação com posições que Rousseau defendeu nesta obra.

Em 1762, Rousseau publica *Emílio ou da Educação e o Contrato Social*, esta primeira é condenada pelo parlamento de Paris e seu autor preso. Isto porque os sarcasmos de Rousseau, perante a monarquia, seu posicionamento em relação à liberdade do homem e o modelo de educação que era oferecida às crianças, foi de encontro ao que era vigente. Apesar deste fato, esse livro, passou a ser um dos mais lidos e de grande sucesso no século XVIII⁴⁴⁶ Nísia Floresta se inspirou em algumas convicções do autor, que defendia, dentre outras temáticas, a liberdade e a educação para as meninas.

No prefácio de *Emílio ou da Educação*, Rousseau afirma que “Esta coletânea de reflexões e de observações, sem ordem e quase sem sequência, foi iniciada para agradar a uma boa mãe que sabe pensar”⁴⁴⁷ no entanto, essa obra foi além das mães instruídas e acabou sendo, segundo Launay (2004), uma obra em que educadores descobrem o que confusamente buscam.

No livro V (Sofia ou a mulher) dessa obra Rousseau fala da última fase da juventude, ou seja, para ele o Emílio, personagem místico de seu romance e de quem era preceptor, não poderia ficar só e, desta forma, precisaria de uma mulher ao seu lado, nesse caso, a Sofia. Para o autor “Sofia deve ser mulher como Emílio é homem, isto é, deve ter tudo o que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para ocupar o seu lugar na ordem física e moral”⁴⁴⁸. Nesse sentido, o autor começar por dá explicações sobre a igualdade e diferenças entre os sexos, tentando argumentar que a diferença entre os eles é exterior, pois,

Em tudo o que não depende do sexo a mulher é homem: têm os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, as mesmas faculdades; a máquina é construída da mesma maneira, peças são as mesmas. O funcionamento de uma é o mesmo da outra, figura é semelhante, e, sob qualquer ângulo que os consideremos, só diferem entre si do mais para o menos⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ LAUNAY, Michel. Introdução e Cronologia. In ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 07-30).

⁴⁴⁷ ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 03.,

⁴⁴⁸ Idem, p. 515.

⁴⁴⁹ Idem, p. 515-516.

Para o autor, a mulher seria igual ao homem, pois segundo a natureza ambos teriam a mesma origem. No entanto, “Em tudo o que depende do sexo, a mulher e o homem têm semelhanças e diferenças; a dificuldade de compará-los provém da dificuldade de determinar na constituição de um e de outro o que é do sexo e o que não é”⁴⁵⁰. Nessa direção o autor inicia suas concepções sobre qual seria o papel de ambos os sexos na sociedade, no entanto, afirma que “A única coisa que sabemos com certeza é tudo o que têm em comum pertence à espécie e tudo o que têm de diferente pertence ao sexo”⁴⁵¹. Seguindo essa linha de pensamento, Rousseau caminha para a definição de Sofia, ou seja, o que acreditava ser a mulher ideal para o seu Emílio.

Nas suas convicções, o preceptor de Emílio, acaba por destinar a mulher ao mundo doméstico, mas ao mesmo tempo expõe qualidade de uma mulher instruída. A Sofia de Rousseau não frequentava escolas, mas sabia ler, escrever e contar, pois eram os conhecimentos destinados às mulheres em seu tempo. Esta mesma mulher precisava ser instruída para, que dessa forma, pudesse governar seu lar; sendo boa mãe e esposa.

Para este autor a moral, virtude e religião seriam o tripé para a formação do ser natural, que nesse caso, não apenas para a mulher, mas para próprio homem, pois “Se quiserdes estar sempre bem orientado, segui sempre as indicações da natureza. Tudo que o que caracteriza o sexo deve ser respeitado como estabelecido por ela”⁴⁵². Dessa forma, cultivar a ordem natural das pessoas, de acordo com as leis da natureza, teria seu início desde a primeira infância e, nesse sentido, a família teria essa tarefa. A infância para este autor era de extrema importância, pois acreditava que esta era fase em que se poderia desenvolver um cidadão, assim como o fez com o Emílio e com a Sofia.

No entanto, apesar dessas breves elucidações sobre “O grande tratado educacional de Rousseau”,⁴⁵³ fica evidente que o autor, ao tratar da educação da mulher, em algumas passagens do seu livro, não defende uma educação igualitária para ambos os sexos. Mesmo que a respeito disso indagava “Segue daí que ela

⁴⁵⁰ Idem, p. 515-516.

⁴⁵¹ Idem, p. p. 515.

⁴⁵² Idem, p. 524-525.

⁴⁵³ PAIVA, 2007, p. 325.

deva ser educada na ignorância de todas as coisas e limitada unicamente aos trabalhos de casa?”⁴⁵⁴ e apesar de sua resposta ser negativa, afirmava que “Elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convém saber”⁴⁵⁵. Com essa afirmação, Rousseau deixa claro que a educação da mulher deveria ter certo limite. Nessa perspectiva, o enredo de Emílio também aborda questões que se referem ao casamento e a família, onde a mulher surge como a responsável por mantê-los em harmonia constante, “Quanta ternura e preocupação ela não deve ter para manter a união da família!”⁴⁵⁶.

Como dissemos, de fato, encontramos alguns posicionamentos na obra de Nísia Floresta, que se aproximam das ideias político-educacional de Rousseau. Em algumas obras de Floresta é possível notar a ideia de uma mãe, esposa e filha como uma tríade na formação natural da mulher,

Filha, esposa, mãe! Esta sublime tríade sois vós, ó mulheres, que a representais sobre a terra. Santificai-a com o honrar cada um destes belos títulos, mediante o exercício daquela excelsa virtude que nos faz sempre volver em prol dos outros o bem que fazemos ⁴⁵⁷.

Assim, para Nísia Floresta, a natureza havia reservado estes papéis às mulheres as quais não deveriam abdicar, mas exercê-lo. Por outro lado, Rousseau deixa claro que a mulher assumia estes papéis devendo obediência total aos maridos, e que seja preferível, a aprendizagem apenas a que lhe convier no desenvolvimento dessas tarefas.

Nesse sentido, a aproximação das ideias de Floresta com as desse autor, apenas são o fato de que as mulheres desempenhem o papel que a “natureza lhes reservou”, pois para Floresta, a mulher precisava se educar nos mesmos quadrantes da educação oferecida aos homens, enquanto para o autor de Emílio “Uma vez que se demonstrou que o homem e a mulher não são nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao caráter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação”⁴⁵⁸. No entanto, Floresta demonstra ser contrária nesse sentido afirmando que “Todos os que têm escrito sobre a educação

⁴⁵⁴ ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 526.

⁴⁵⁵ Idem, p.526.

⁴⁵⁶ Idem, p. 551

⁴⁵⁷ FLORESTA, Nísia. Cintilações de uma alma brasileira. Tradução de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997. p. 133.

⁴⁵⁸ ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.524

da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não têm feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza”⁴⁵⁹.

Outro tema que podemos encontrar na discussão de ambos autores seria a questão do corpo. Para Rousseau, assim como Nísia Floresta, este teria de ser tratado com certo cuidado, ou seja, percebemos, pois a questão da higienização e ainda, o que pode ter levado Floresta a defender a prática da educação física para suas alunas. Floresta como veremos proíbe o uso de espartilho⁴⁶⁰ para suas alunas, pois considerava seu uso “Um espetáculo lastimoso e revoltante, por ter origem na pretensão de uma mãe a tornar sua filha notável pelo artifício do corpo”⁴⁶¹ Nesse sentido segue Rousseau “Não posso deixar de pensar que esse abuso, levado na Inglaterra a um ponto inconcebível, não acabe por fazer com que a espécie degenerere, e afirmo até que o tal enfeite é de mau gosto”⁴⁶² (.).

Dessa forma, percebemos que há sim uma aproximação do pensamento de Nísia Floresta com as de Rousseau, no entanto, entendemos que a autora em algumas de suas obras, principalmente, nos escritos que ofereceu à sua filha e às suas alunas deixa transparecer com mais nitidez essa aproximação.

Para Duarte (2010) e Rosa (2012), Floresta sofre grande influência de Rousseau e se deixa influenciar por suas teorias sobre a questão da mulher e de outras até aqui discutidas, afirmando que tanto o filósofo, quanto Floresta, defendiam uma educação moderada para as mulheres, sem mais pretensões de mudança social⁴⁶³. Por outro lado, Duarte defende que Floresta ao se aproximar dessa teoria acaba por contribuir para a manutenção do lugar da mulher na sociedade patriarcal⁴⁶⁴. Todavia, acreditamos que a partir de nossas leituras, apontamos, sim, para uma aproximação de ambos, contudo o pensamento de Nísia

⁴⁵⁹ Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 61.

⁴⁶⁰ O mesmo que corpete.

⁴⁶¹ Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b p. 107.

⁴⁶² ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 530.

⁴⁶³ ROSA, Graziela Rinaldi da. Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca da equidade de gênero. In. STRECK, Danilo R. Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.157).

⁴⁶⁴ DUARTE. Constância Lima. Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010. p. 50.

Floresta, em relação à mulher foi além do que Rousseau defendia. De forma, que a autora se aproximou de outras teorias e obras, assim como veremos.

iii) Mary Wollstonecraft⁴⁶⁵⁴⁶⁶

Através da escrita de Nísia Floresta foi possível aos brasileiros conhecerem o pensamento feminista da inglesa Mary Wollstonecraft autora do revolucionário livro *A Vidication of the Rigghs of Women*, 1790⁴⁶⁷. Com a tradução dessa obra, a educadora brasileira trouxe ao conhecimento do cenário nacional uma feminista que, apesar de sua influência na história do feminismo e base para a escrita do primeiro livro de Nísia Floresta, responsável pelo primeiro escrito de que se têm notícias em terras brasileiras e latino-americana, ainda hoje conserva o desconhecimento no Brasil. A ausência de estudos sobre Mary Wolltonecraft em nosso país comprova esta nossa observação. Realidade que nos indica ainda a falta de estudos sobre a contribuição das mulheres na historização das lutas feministas em vários campos.

Essa observação nos releva que a ausência de pesquisas sobre Nísia Floresta que abordem a sua aproximação com pensamento de Wolltonecraft seja basicamente inexistente. As obras dessa última autora a que tivemos acesso foram encontradas somente em inglês, com exceção de *A Vidication of the Rigghs of Women*, 1790, traduzida por Floresta em 1832, da edição editada no francês.

A Vidication of the Rigghs of Women foi a obra que tornou Mary Wolltonecraft mais evidente no cenário intelectual inglês. Apesar de ser mais conhecida pelo fato dessa obra ser considerada revolucionária na época de sua edição, justamente por ter vindo a público no âmbito de uma sociedade patriarcal. Esta produção representou uma afronta da autora não só com relação a ideologia do Estado sobre a educação das mulheres, mas segundo Palares-Bluke (1989), Burke (2004) e Rodrigues (2011) esta última em sua tese de doutorado defendida pela Universidade de Lisboa, representou também uma reposta a ideia de Rousseau sobre a condição

⁴⁶⁵ Mary Wostonecraf (1759-1797) foi uma feminista, escritora, tradutora, educadora e jornalista inglesa que desde jovem atuou na defesa dos direitos das mulheres.

⁴⁶⁶ Há várias divergência sobre Nísia ter traduzido ou não a fomasa obra dessa autora. O que um estudo diferenciado.

⁴⁶⁷ Alguns pesquisadores indicam o ano de edição dessa obra em duas datas, 1790 e 1792, no entanto optamos por adotar a data de 1790, pois esta é a data que é mais citada nas pesquisas que encontramos sobre a autora.

que este autor defendia sobre a mulher, pois nesse aspecto, para Mary Wollstonecraft “Rousseau mais parece um aliado da facção conservadora das sociedades francesas e britânica, insistindo que o dever da mulher é servir e agradar ao homem a quem esteja ligada por laço de família”⁴⁶⁸.

Para esses autores Wollstonecraft não concordava com a submissão da mulher defendida por Rousseau em sua obra *Emílio ou da Educação* e teria publicado *A Vidication of the Rigghs of Women* em resposta às ideias do filósofo. Ainda segundo Rodrigues, Mary Wolltonecraft atacou em seu escrito a tese para ela incompreensível, de “O filósofo rebelde do iluminismo francês não incluir as mulheres no seio da humanidade racional”⁴⁶⁹. Para Rousseau a mulher deveria ser educada para servir ao homem e esta afirmação não foi bem aceita por Wollstonecraft que partiu contrária a este filósofo afirmando que a educação deveria ser a libertação da mulher.

Nesse contexto, não é apenas no comportamento que Nísia Floresta se identifica como a autora inglesa. A conduta rebelde de Wollstonecraft (Londres, 1759) muito tem haver com a postura de Floresta (Nordeste do Brasil, 1810), a história das duas autoras divididas por longínqua distância de tempo e espaço nos parece análoga. Na realidade de vida das duas, Mary Wollstonecraft assim como a autora brasileira viveu numa sociedade marcada pelo patriarcado e teve uma vida marcada também por perdas familiares. No entanto, diferentemente de Floresta, a autora inglesa perdeu primeiro sua mãe, e também ficou responsável pelos irmãos e o pai.

A família de Wollstonecraft como a de Nísia Floresta, se assemelham nas várias mudanças morando em cidades diferentes. Na vida amorosa, Wollstonecraft também manteve um relacionamento que contrariava as regras sociais, manteve um romance sem firmar o matrimônio religioso. Nísia Floresta também o fez com o seu segundo marido.

⁴⁶⁸RODRIGUES, Ana Patrícia Antunes Fanha. O despertar da Consciência Cívica Feminina: Identidade e Valores da Pedagogia Feminina de Finais do Século XVIII. Os casos de Mary Wollstonecraft, Catharine Macaulay e Hannah More. 2011. Tese de doutorado (Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura) Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 2011, p. 25.

⁴⁶⁹ Idem, p. 25.

Decerto, não foi apenas na vida pessoal que as histórias dessas autoras se encontram, as suas ideias também tinham uma aproximação aparente. Nísia Floresta fundou uma escola para meninas, assim como Mary Wollstonecraft também o fez. Não sabemos se coincidentemente, ou não, mas o nome de uma das produções de Nísia Floresta tem o nome de “Fany ou o Modelo das Donzelas”, o nome da filha⁴⁷⁰ e melhor amiga⁴⁷¹ de Mary Wollstonecraft era Fanny. Na vida pública essas duas autoras também sofreram diversos tipos de calúnias. No caso de Wollstonecraft esse acontecimento fez com que poucas escritoras que escreviam sobre a mulher, já no século XIX, admitissem ter sofrido influência dessa autora, pois Mary wolltonecraft era considerada uma mulher subversiva por causa dos seus relacionamentos e suas ideias contrárias ao casamento. Nísia Floresta, mais uma vez contrariou, não apenas assumindo sua simpatia pelas ideias de Wollstonecraft, como também traduzindo e publicando seu livro, *A Vidication of the Rigghts of Women, em 1832*.

De fato, Wollstonecraft e Floresta apresentam vivências similares, que podem ser observadas não apenas na vida particular das autoras, pois suas ideias sobre a necessidade de uma educação feminina permeiam todas as suas obras, mesmo aquelas que foram escritas apresentando uma linguagem mais religiosa e maternal. Em nossa pesquisa na procura por fontes sobre a autora que teria impressionado Nísia Floresta, ao ponto de fazê-la traduzir sua obra considerada revolucionária, nos oportunizou a conhecer a primeira obra de Wollstonecraft, *Thoughts on the Education of Daughters* de 1787, onde autora trata em forma de conselhos, como deve ser a educação das meninas “Apesar de a tônica dominante ser a moralidade e a etiqueta, o texto também inclui algumas instruções básicas no cuidado das crianças e, além disso, já evidencia e defende autonomia racional” (RODRIGUES, 2011, p. 46). Nessa direção, Wolltonecraft ressalta logo na introdução de seu livro sua opinião sobre as discussões referentes à educação das meninas, “*It is true, many trastises have been alrezdy written; yet it occurred to me, that much still remained to be faid*”⁴⁷²⁴⁷³.

⁴⁷⁰ Fanny Imlay

⁴⁷¹ Fanny Blood

⁴⁷² É verdade, muitos tratados já foram escritos; no entanto, ocorreu-me, que muito ainda ficou por ser dito.

⁴⁷³ WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the rights of woman*. 1787, p. 3

Nessa obra de Wollstonecraft também encontramos algumas ideias muito evidentes na produção intelectual de Nísia Floresta, dentre elas podemos elucidar: a defesa de uma educação igualitária para as meninas, o cuidado com as companhias das crianças, a defesa da importância da amamentação e da família. No entanto, é na segunda obra de Wollstonecraft, *Vindication of the Rights of Women, 1790* que a ideia de emancipação feminina surge mais nitidamente. É nessa obra também que Nísia Floresta, ao traduzi-la contextualizando-a com a realidade das mulheres brasileiras perpetrou suas indagações, desfazendo toda a crença sobre a capacidade das mulheres e defendendo sua inserção a vida pública.

vi) Auguste Comte⁴⁷⁴

No século XIX, o Brasil passava por uma efervescência intelectual, mas é na metade desse século que os rumores de uma nova corrente filosófica chegam ao conhecimento da sociedade intelectual brasileira. Criada por August Comte, o Positivismo, defendia que tudo tinha uma explicação científica, nesse sentido, uma filosofia determinista admitindo que o espírito humano “É capaz de atingir verdade positiva ou da ordem experimental, mas não resolve as questões metafísicas, não verificadas pela observação e pela experiência”⁴⁷⁵. Em outras palavras, o positivismo indica que seria possível através da observação científica da realidade, alcançar uma melhoria social, viabilizando o progresso da sociedade e dos indivíduos. Assim, segundo Ribeiro, podemos concluir que “O Positivismo é um dogmatismo físico, e é um ceticismo metafísico, porque não quer pronunciar-se acerca da existência da natureza dos objetos metafísicos”⁴⁷⁶.

A mulher ocupou espaço nas discussões dessa doutrina, fato que acreditamos e comungamos com Duarte quando afirma que este seria o ponto principal que com que Floresta se aproximasse dessa Filosofia, mas ao “Buscarmos os escritos de Nísia Floresta, verificamos que sua adesão à filosofia positivista foi bem limitada”⁴⁷⁷ pois seus posicionamentos em relação à educação da feminina, abolição e o moralismo, excediam as bases do positivismo. “Nada mais coerente,

⁴⁷⁴ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo e matemático francês fundador do Positivismo e considerado o pai da Sociologia.

⁴⁷⁵ (RIBEIRO, 1991, 16).

⁴⁷⁶ RIBEIRO, João Júnior. O que é positivismo. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 199, p. 17.

⁴⁷⁷ Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 35),

portanto, que a autora se identificasse com uma filosofia que ia ao encontro de seus interesses e enfatizava a supremacia feminina [...]”⁴⁷⁸. Nessa corrente filosófica, defendia-se, dentre outros direitos que a mulher teria acesso à cultura e educação, no entanto, na realidade, isso acontecia muito superficialmente.

Dessa forma, ao entrar em contato com os ditames dessa doutrina, que segundo Comte era “[...] a primeira comemoração feminina inspiradora da única religião na qual mulher é tratada dignamente”⁴⁷⁹, acreditamos que Floresta, apenas destacou os fatos que lhe interessavam, ou seja, a questão da mulher. Porquanto imaginemos que num século em que as questões feministas eram nulas, no que se refere aos seus direitos; as teorias defendidas por Comte, por certo, despertou o interesse de Nísia Floresta, não apenas, dessa educadora, mas da maioria dos intelectuais brasileiros que almejavam uma mudança na sociedade, passando então “O positivismo a dominar o pensamento típico do século XIX, como método e como doutrina”⁴⁸⁰.

Nesse período, Comte, já havia publicado suas principais obras em que o autor,

Desenvolve larga e metodicamente e seu pensamento, são Curso de Filosofia Positiva, em seis volumes (1830-1842), Discurso preliminar sobre o espírito positivo (1844) e Sistema de política positiva ou tratado de sociologia instituindo a religião da humanidade, em quatro volumes (1851-1854)”⁴⁸¹.

É nessa época também que segundo Lins (1967) certamente foi a curiosidade intelectual de Nísia Floresta que a levou, “[...] em 1851, a ouvir, em Paris, uma das conferências do curso de História Geral da Humanidade realizada por Augusto Comte no Palais Cardinal. Pouco anos depois entabularia relações de amizade com o filósofo”⁴⁸².

Esta amizade rendeu aos que escreveram sobre Floresta, no início do século XX, a defesa de sua filiação à doutrina Comtiana. Quando na verdade, na obra dessa autora, encontramos poucas referências dessa suposta adesão, mesmo que

⁴⁷⁸ Idem, p. 35.

⁴⁷⁹ COMTE, Auguste. Cartas a Nísia Floresta. In. Duarte, Constância Lima (Org.). Cartas Nísia Floresta e Auguste Comte. Tradução de Miguel Lemos & Paula Berinson. Editora Mulheres, EDINISC. 2002, p. 82.

⁴⁸⁰ RIBEIRO, João Júnior. O que é positivismo. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 17.

⁴⁸¹ RIBEIRO, João Júnior. O que é positivismo. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 08.

⁴⁸² LINS, Ivan. História do Positivismo no Brasil. Vol. 322. São Paulo: Brasiliana, 1967, 1967, p. 20.

haja atualmente a defesa de Rosa, onde afirma que, Nísia Floresta, foi seguidora dessa doutrina, pois as aproximações do filósofo com a educadora “Comprovam que o pensamento de Augusto Comte exerceu influencia sobre a proposta que Floresta apresentou como alternativa para a educação das meninas brasileiras”⁴⁸³. No entanto, o que diferencia a posição dos autores do início do século XX, com a posição de Rosa, é que ela tem uma visão excessivamente negativa da aproximação de Floresta com Comte, ao contrário dos primeiros.

Nessa direção, é importante ressaltar que não nos interessa aqui fazer uma descrição da filosofia positivista, nem, iniciar uma discussão sobre, as perspectivas defendidas por Rosa (2012), sobre Augusto Comte e Nísia Floresta, mas sim, encontrar as possíveis aproximações de Nísia Floresta com o positivismo. Observando por outro ângulo e considerando o seu tempo social e cultural, tais considerações que pouco encontramos nas reflexões e afirmações de Rosa (2012), percebemos, dentre diversas passagens de seu texto⁴⁸⁴, quando afirma que “As mulheres eram educadas a partir das ideias dos homens”⁴⁸⁵ e esta autora claramente condena Floresta, afirmando que “Ela lia os filósofos que consideravam as mulheres como seres inferiores aos homens”⁴⁸⁶. Entretanto Nísia Floresta, apenas cita Kant e Rousseau, mas é importante referir que mantinha a produção intelectual nessa época, era quase exclusiva dos homens. No entanto, o que podemos inferir até o momento, a partir do esquema que organizamos sobre os autores que Floresta cita em suas principais obras, não se resume, apenas a dois ou três filósofos, mas a uma grande quantidade de intelectuais que, de uma forma ou de outra, abordavam a questão da mulher.

Na doutrina positivista, como dissemos o sexo feminino, aparentemente, ocuparia um lugar de destaque, pois segundo Ribeiro tomando como base afirmações de Comte, “A mulher é a Providência Moral que sustenta todas as

⁴⁸³ ROSA, Graziela Rinaldi da. Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação Nisiana. Tese de doutorado, Universidade Vale dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação. São Leopoldo, RS, 2012, p. 256.

⁴⁸⁴ Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”. Contradição na Filosofia de Educação Nisiana. Tema de sua tese de doutorado defendida em 2012.

⁴⁸⁵ ROSA, Graziela Rinaldi da. Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação Nisiana. Tese de doutorado, Universidade Vale dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação. São Leopoldo, RS, 2012, p.139.

⁴⁸⁶ Idem, p.139.

demais Providências⁴⁸⁷. Advertimos que essa suposta “superioridade” da mulher se torna mais discutida no podemos classificar como a segunda fase do positivismo, a do teológico, onde apesar de se mostrar contra aos preceitos religiosos, Comte funda uma religião, denominada por ele como, a religião da humanidade, no qual trazia características da religião católica.

Segundo Ribeiro (1991), essa religião teve como padroeira suprema Clotilde de Vaux⁴⁸⁸, mulher com quem Comte manteve um relacionamento platônico e a considerou como “a virgem mãe” da religião da humanidade, passando a ser a figura perfeita. Nesse sentido, para Comte “As mulheres são o sustentáculo das Providências Sociais, pois seu concurso é indispensável para o advento do positivismo. Elas têm uma “função moderada” e uma única missão: a de amar⁴⁸⁹. Dessa forma, Comte acaba por reduzir o papel da mulher ao âmbito do casamento, apenas de amante do marido, com a finalidade de guiá-lo e conduzir a família para o bem da pátria, ou seja, a ordem social.

Nesse sentido, Floresta exclamava às mulheres “Estabelecei a ordem e a harmonia em vossa casa, e com uma constante providência fazei com que aí reine a parcimônia, o asseio, um modesto júbilo, e todas atrativos tão fortes da família, a fim de que o vosso esposo disto se regozija⁴⁹⁰. Percebemos, pois, que nessa afirmação, de fato, Floresta, em outras palavras, se aproxima do ideário de mulher, concebido por Comte, e desta forma, acaba por responsabilizá-la pela manutenção da paz no lar. No que concerne ao pedagógico e a educação, o positivismo acreditava que deveria haver uma revolução intelectual, e assim, se conquistaria a ordem social. Para Rosa (2012), Comte ao criar a religião da humanidade, criou a educação moral, tendo como objetivo aperfeiçoar a humanidade. Ainda para essa autora, este é o fato que aproxima a filosofia de Comte com a ideia de educação nisiana, para Rosa;

⁴⁸⁷ RIBEIRO, João Júnior. O que é positivismo. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 33.

⁴⁸⁸ Charlotte Clotilde Josephine Marie de Ficquelmont de Vaux (1815-1846) escritora francesa e musa inspiradora de Comte, com quem manteve um amor platônico. Segundo Ribeiro, é a partir de sua morte de Vaux que Comte atribui-se um papel messiânico: supunha realizar uma missão de regeneração da humanidade. Comte dizia que foi Clotilde quem lhe deu forças para iniciar a e acabar a segunda parte de sua obra e lhe fez ver a importância social dos sentimentos sobre a teoria e a prática (RIBEIRO, 1991, p. 08).

⁴⁸⁹ RIBEIRO, João Júnior. O que é positivismo. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 34.

⁴⁹⁰ FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b 1989b, p. 112.

Ela fundava escolas para aperfeiçoar moralmente as meninas, destacando as virtudes que elas deveriam ter, como deveriam se comportar, segundo a revolução, contribuindo, assim, para o fortalecimento da ordem social, da família, vislumbrando o progresso através do trabalho regular e mantendo, dessa forma, a mulher no espaço doméstico (ROSA, 2012, p. 246).

No entanto, acreditamos que afirmar que Nísia Floresta fundava escolas com o intuito de formar mães de famílias, passa distante das informações que encontramos em nossos documentos, como veremos mais adiante. Por isso, assegurar que Floresta ao fundar escolas deu prosseguimento ao que objetivava Comte, quando fundou a religião da humanidade, é uma afirmação que não prossegue, pois Nísia Floresta fundou o Collégio Augusto em 1838, enquanto Comte funda sua religião em 1851.

De fato, há proximidades e distanciamentos entre o pensamento de Comte e o de Floresta, e que merecem ser considerados em suas particularidades. Dessa maneira, comungamos com Duarte, quanto afirma que, Nísia Floresta, realizar sua “Leitura do positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo verniz desse pensamento filosófico. Enganou, desta forma, a muitos que reconheceram aí uma adesão completa”⁴⁹¹

Esta afirmação faz sentido quando observamos os escritos de Câmara (1941), Lins (1967) e Rosa (2012) onde se diferem pelo tipo de abordagens dos autores e nesses termos entendemos que a amizade mantida pelos autores contribuiu muito para analogias feitas entre as obras destes, e certa forma, provocou em uns, exaltação como em Lins, ao se referir sobre cartas trocadas entre Nísia Floresta e o filósofo defendendo que estas seriam documentos que honram a cultura de um povo, destacando-se entre as maiores personalidades brasileira, nascida em Rio Grande do Norte, cujo talento a diferenciava com extraordinários privilégios científicos e literários⁴⁹². Para Rosa, Floresta, apenas reproduziu o pensamento positivista de Comte, em suas obras, e contribuiu para que as mulheres permanecessem em seus cativeiros. Em nossa pesquisa buscamos fazer uma análise procurando considerar, já mencionamos seu tempo histórico e cultural.

⁴⁹¹DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 35.

⁴⁹²LINS, Ivan. História do Positivismo no Brasil. Vol. 322. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 25.

CAPÍTULO VII

UM DIREITO NEGADO: A REALIDADE DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Introdução

A educação das mulheres no Brasil do século XIX e a militância de Nísia Floresta por uma educação igualitária. Nesse capítulo veremos como Floresta concretizou suas idéias ao fundar um colégio para meninas no Rio de Janeiro em 1838. Colocando em prática seu pensamento revolucionário para a época.

7. A educação no Brasil: Nísia Floresta e a luta pelo direito e acesso da mulher a uma educação igualitária⁴⁹³.

No início da primeira metade do século XIX, no sistema educacional brasileiro, ainda era reproduzido o pensamento pedagógico medieval. Ou seja, o ensino era centrado na doutrina religiosa cristã. Ler, escrever e contar eram leis oficiais e alicerce para o entendimento das sagradas escrituras. A existência de professores era, basicamente, nula. As poucas instituições que existiam, apenas ofereciam, em sua maioria, um ensino voltado para a minoria burguesa, masculina e branca de famílias dos grandes proprietários rurais. O ensino era precário e não recebia incentivo do governo, uma vez que não interessava instruir uma população diante de uma sociedade estratificada e dependente da mão de obra escrava.

Esse processo do sistema educacional brasileiro se desenvolveu decorrente da herança cultural incutida no país. Acondicionado do termo cultura, foi realizado uma contextualização desse termo que oportizou apresentar uma discussão com mais embasamento diante da realidade da educação no Brasil, no referido século. De acordo com Raymond Williams (1992), o termo cultura, além de pluralista é complexo. Dentre algumas acepções históricas, pode ser definida como cultivo de vegetais ou como cultivo da mente humana, no final do século XIII, esse termo

⁴⁹³ Este capítulo é parte integrante da dissertação de Mestrado intitulada: MULHERES, EMANCIPAIVOS: um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida em 21 de agosto de 2014 no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível no repositório da referida Universidade.

tornou-se um nome para configurar e generalizar o espírito, informando “o modo de vida global” de um determinado povo⁴⁹⁴. Ainda em diálogo com esse autor, há uma convergência contemporânea entre a antropologia e a sociologia no uso desse termo, ao definirem cultura “modo de vida global” e como “atividades artísticas e intelectuais”⁴⁹⁵.

Essas convergências possibilitam, nessa discussão, uma aproximação com definição do termo cultura, como um modo de vida global de um povo. Uma vez que o tipo de instrução que no Brasil foi imposto pelos europeus, não passou de uma extensão da ideia de educação dos jesuítas, ideia esta, extraída, do contexto cultural em que estes padres estavam imersos. Desta forma podemos “Dizer que está implícito no conceito de uma cultura ser ela capaz de ser reproduzida; e, além disso, que, em muitos de seus aspectos, a cultura é, na verdade, um modo de reprodução”⁴⁹⁶. Ainda segundo esse autor,

É característico de sistemas educacionais pretenderem estar transmitindo “conhecimento” ou “cultura” em sentido absoluto, universalmente derivado, embora seja óbvio que sistemas diversos, em épocas diversas e em países diversos, transmitam versões seletivas radicalmente diversas de conhecimento e de cultura⁴⁹⁷

Concretamente, foi precisamente isso que os padres jesuítas fizeram, reproduziram para o Brasil, uma cultura letrada europeia, que condicionou o futuro da educação no país. Durante boa parte do século XIX, a educação passou por mudanças insignificantes, mantendo-se precária e excludente, pois permanecia nas mãos das elites, que objetivavam a manutenção do *status social*, uma vez que a instrução, por muito tempo, foi entendida como caminho para se atingir o mais alto grau de cultura, ou seja, o modelo dos colonizadores.

Desde o sistema “*Ratio Studiorum*”⁴⁹⁸ instituído pelos jesuítas às denominadas “Aulas Régias”⁴⁹⁹, através da Reforma Pombalina, as mudanças na

⁴⁹⁴ WILLIAMS, Raymond. Cultura. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: 1992 p. 10.

⁴⁹⁵ Idem, p. 13).

⁴⁹⁶ Idem, p. 182).

⁴⁹⁷ Idem, p 183- 184).

⁴⁹⁸ Plano de Estudos dos jesuítas onde o ensino era subsidiado pela Coroa Portuguesa, através de 10% dos impostos cobrados na Colônia. Os cursos oferecidos eram Humanidade, Filosofia e Teologia abrangiam desde a instrução elementar e secundária à superior, e apresentavam uma duração média de dez anos. Não concediam, todavia, diplomas, o que era privilégio da Metrópole. (XAVIER, 1994, p. 48).

instrução no Brasil permaneceram esquecidas. Após o período da independência, o país precisou estabelecer um Sistema Nacional de Instrução Pública. Foi quando a Constituição brasileira de 1824 instituiu o direito de todo cidadão a oferta de instrução primária e gratuita, assim como a superior, entretanto, o que houve foi apenas mais um discurso falacioso, pois, o acesso à educação permanecia restrito a aristocracia burguesa masculina e branca.

O sistema de ensino brasileiro, nesse período, sofreu mais uma mudança com a instituição de mais um plano fracassado de educação, denominado de “Escola de Primeiras Letras” onde foi adotado o método de ensino lancasteriano⁵⁰⁰, a leitura, escrita e as operações de cálculo, além de noções gerais de geometria, gramática da língua portuguesa e doutrina católica. No entanto, as poucas escolas de meninas que existiam, deveriam substituir as aulas de geometria, pelas de prendas domésticas. O lancasteriano seria mais um fracasso na organização da instrução pública brasileira, que na verdade, não passou de uma reprodução do sistema de ensino que era adotado na Inglaterra. À época, este país passava por uma expansão industrial e precisava de um ensino público elementar ao contrário da ex-colônia portuguesa.

Durante toda sua história, o Brasil, teve a educação em segundo plano, não havia interesse algum, principalmente, na instrução primária. Do mesmo modo aconteceu com os Cursos Normais, que foram limitados a uma camada da burguesia. Em 1827, com criação das faculdades de direito em São Paulo e Olinda a realidade foi diferente, por interesses políticos e econômicos, essa modalidade de ensino passou a ter atenção do Estado “O Ensino Superior, em especial os cursos jurídicos, representava um interesse real do novo governo e uma necessidade urgente para a confirmação do rompimento com a Metrópole”⁵⁰¹.

⁴⁹⁹ Eram aulas avulsas, sustentada por um novo imposto colonial, o “subsídio literário”, imposto incidido sobre o consumo da carne e da aguardente. O objetivo dessas aulas era suprir as disciplinas antes oferecidas pelos extintos Colégios. Através delas, aquela mesma reduzida parcela da população colonial continuava se preparando para estudar posteriormente na Europa (XAVIER, 1994, p. 52).

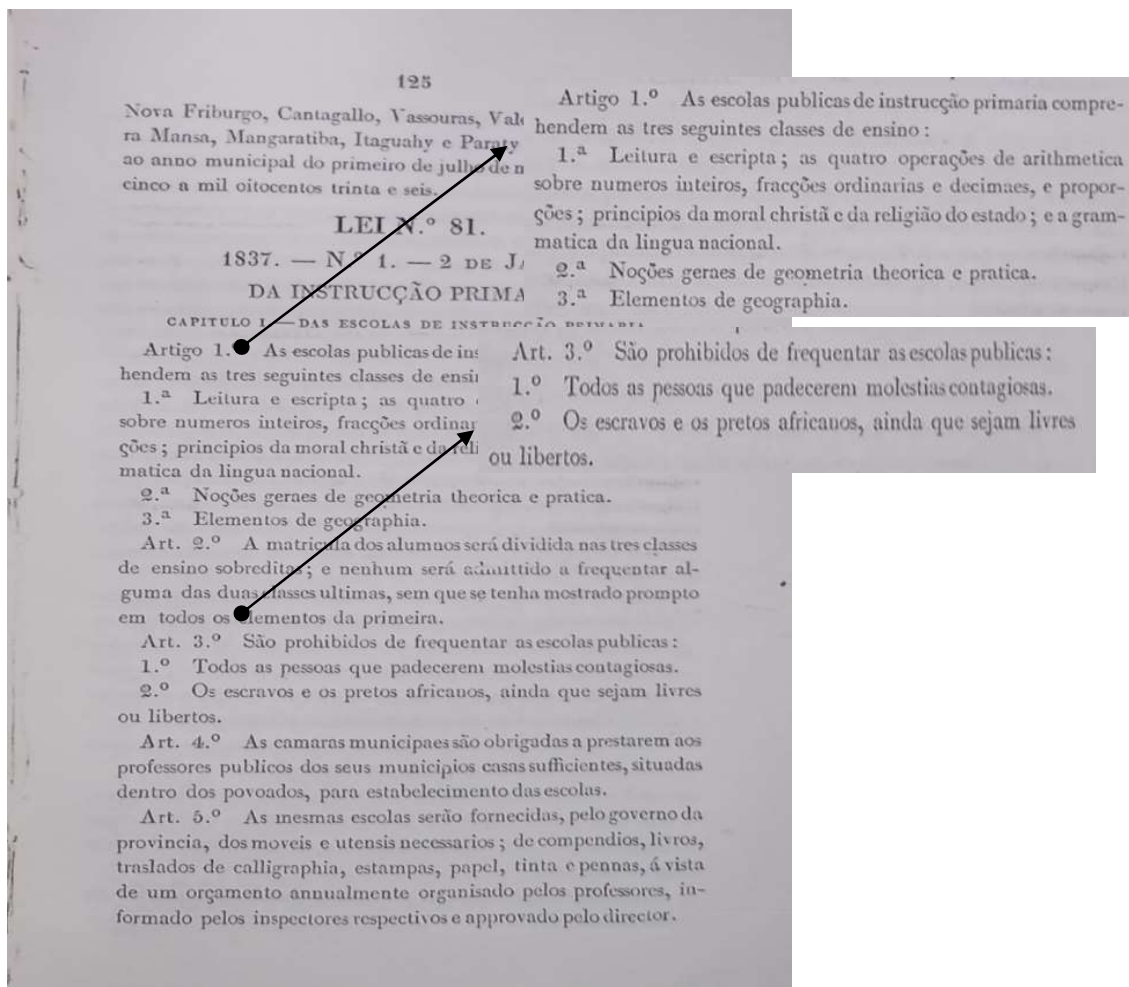
⁵⁰⁰ Conhecido também como monitorial ou mútuo foi introduzido no Brasil para suprir a escassez de professores, consistia em atribuir aos alunos mais “adiantados” a tarefa de ensinar aos outros alunos o que aprendia com o professor.

⁵⁰¹ XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado, RIBEIRO, Maria Luisa Santos, NORONHA, Maria Noronha. História da Educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994. p 64.

De fato, essa preferência ao ensino superior e o abandono dos demais níveis de ensino se configurou durante décadas na instrução brasileira. Seu acesso, como já dissemos, reserva-se a uma minoria letrada. Mesmo com a legislação prevendo o direito de todo cidadão, até meados do século XIX, o público feminino era colocado às margens do sistema escolar. A situação era mais grave para as mulheres da camada popular, a quem o Estado demonstrava ainda mais indiferença. Já uma pequena parcela de mulheres das camadas médias e superiores, recebiam de diversas formas, a educação doméstica, uma vez que, “A ideia de educação escolar para meninas foi-se somando lentamente à ideia mais antiga de educação doméstica, embora a escolaridade que lhes destinavam não fosse idêntica à dos meninos”⁵⁰². Na imagem abaixo, a Lei nº 81 de 1837, que no seu artigo 1º determinava as classes de ensino da instrução primária. No artigo 3º especificam as pessoas proibidas de frequentarem as escolas públicas: pessoas que padecessem moléstias contagiosas e os escravos e os pretos africanos, ainda que fossem livres ou libertos.

⁵⁰² HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 57.

Imagem 24: Lei N° 81 da instrução primária. Janeiro de 1837



Fonte: Arquivo Público do Rio Janeiro

Havia, evidentemente, uma efetiva restrição à camada mais popular da sociedade, enquanto o currículo das meninas também havia diferença das disciplinas que eram oferecidas aos meninos. No caso das meninas seria retirado o artigo 2º que se referia à geometria, décimas e proporções, além de acrescentado o “coser, bordar e os mais misteres próprios da educação doméstica”⁵⁰³.

No Brasil, a educação das meninas permaneceu atrasada em relação à dos meninos. E a leitura das mulheres, como o mercador britânico John Luccock registrou em 1808, “não devia ir além dos livros de orações, por que seria inútil à mulher, nem deveriam elas escrever, pois como foi justamente observado, poderiam fazer um mau uso desta arte”⁵⁰⁴.

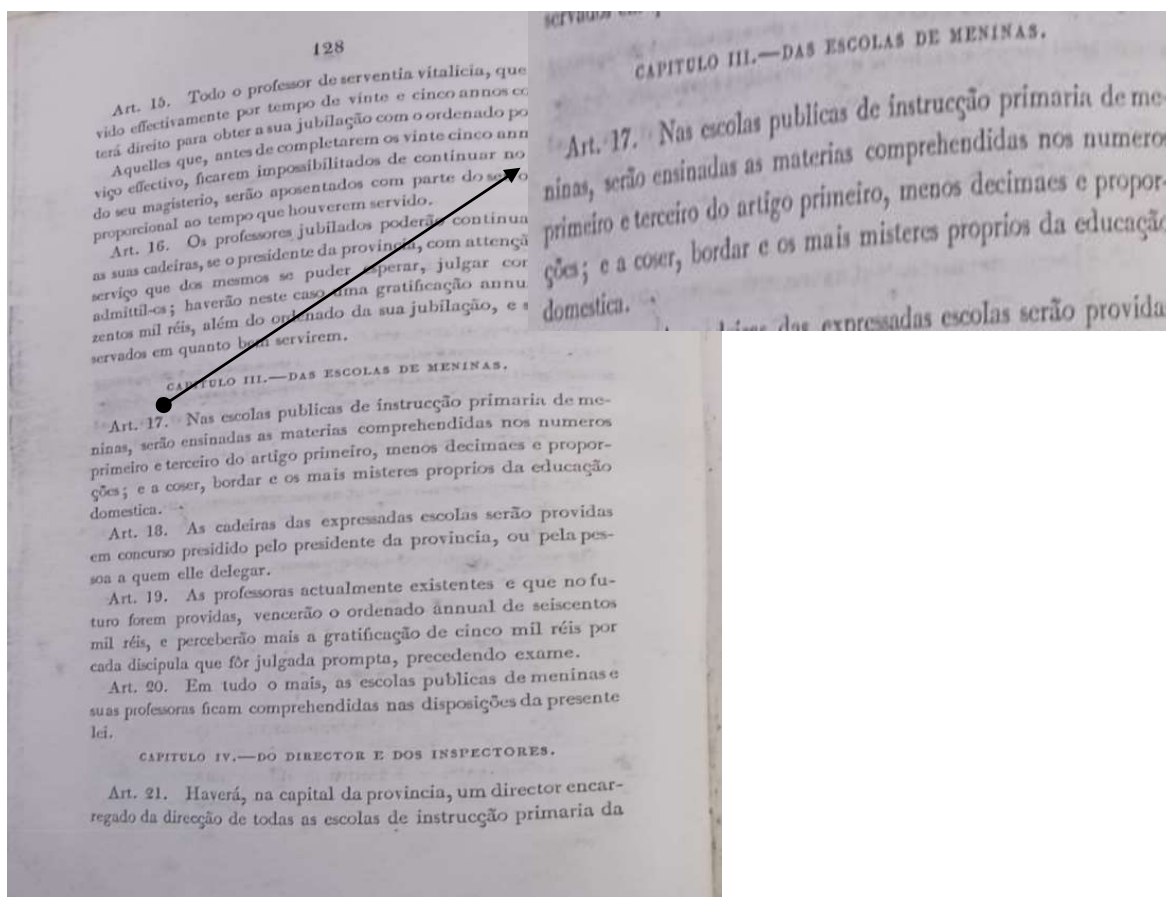
⁵⁰³ LEI N.º 81 de 1837.

⁵⁰⁴ HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 56.

Em concordância com essa autora quando faz alusão ao atraso da educação das meninas no Brasil. Fato que esteve presente durante décadas do Brasil império, e que não se restringiu, apenas, a instrução primária, mas no ensino superior.

Na figura abaixo é possível observar a Lei nº 81 de 1837 que determinava as matérias que deveriam ser ensinadas nas escolas públicas de instrução primária de meninas, um ano antes da inauguração do Collegio Augusto.

Imagem 25: Lei da Instrução Pública para escolas de meninas. Janeiro de 1837



Fonte: Arquivo Público do Rio Janeiro

Imaginemos, pois, que essa era a realidade das mulheres que faziam parte de uma pequena minoria letrada, pelo menos tinha acesso a “educação” escolarizada. As outras mulheres que se encontravam na classe popular a situação era ainda mais decadente. Em sua maioria as escolas eram de meninos, mesmo às mais populares.

Manuel Antônio de Almeida⁵⁰⁵, em uma das passagens de sua obra, “Memórias de um Sargento de Milícias” (1854) descreveu um dos ambientes do século XIX, sendo este uma sala “mobiada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discípulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros”⁵⁰⁶. Esta descrição é de um ambiente escolar, em que consegue o autor, nos dar detalhes de como eram, possivelmente, a realidade das escolas no período do Brasil Império.

Ainda para Almeida, o mestre desse mesmo ambiente era do sexo masculino “[...] tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos *por dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade”.⁵⁰⁷ Enquanto a vestimenta dos alunos, o autor detalha que os discípulos em sua maioria vestiam “[...] jaqueta ou *robissões* de Lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracolo [...]”⁵⁰⁸.

Se fidedigna ou não esta descrição do autor, o que sabemos é que a partir de leituras sobre a condição da educação no século XIX, esta, assemelhar-se bastante da realidade em que se encontravam as instituições de ensino do País. A escassez de professores para escola feminina, também significava um problema, pois “Não encontrava professoras capazes de dirigir uma escola porque, naquele tempo, a instrução das mulheres era nula ou quase nula e, doutra feita, os hábitos e costumes quase não permitiam à mulher exercer uma função pública”⁵⁰⁹.

Data de 22 de março de 1823, uma lei que aprovou a fundação de um estabelecimento de ensino para meninas, sendo limitada aos ditames do bispado. A educação das meninas seria, por muito tempo, desenvolvida nos preceitos da religião católica. Ler e escrever são habilidades que proporcionam aprendizados que determinam mudanças no que é posto, seja pelo sistema, seja pela mais simples teoria. Para as mulheres, esse direito negado há séculos, deixou marcas até hoje questionáveis. Segundo Hahner “A redução da disparidade nos índices de

⁵⁰⁵ Foi escritor, professor, médico e jornalista brasileiro (1831-1861). Autor de Memórias de um Sargento de Milícias, seu único livro. Obra que retratava as classes média e baixa do Rio de Janeiro do século XIX.

⁵⁰⁶ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. História da Instrução pública no Brasil (1500-1889). Tradução Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.p. 51-52.

⁵⁰⁷ ALMEIDA, 1992, p. 51-52. Grifos do autor).

⁵⁰⁸ ALMEIDA a, 1992, p. 51-52. Grifos da autora)

⁵⁰⁹ ALMEIDA, 1989, p. 61

alfabetização entre homens e mulheres tem, por certo, tremendas implicações, ajudando-as a entrar num mundo mais vasto”⁵¹⁰.

Há séculos acreditava-se que o sexo feminino seria incapaz e que isso seria natural, seu destino estaria predestinado ao lar. Saber muito era sinônimo de confusão, pois para ser mãe de família exemplar, os saberes domésticos bastavam. De forma que este pensamento pode ser traduzido no relatório de ocorrências que se segue, onde percebemos os números de instituição de em 1832 e nele a diferença exorbitante entre as escolas masculinas e femininas.

Em todo o império, 162 escolas de meninos e 18 de meninas; estas escolas estavam estabelecidas no Rio de Janeiro e na província do mesmo nome e também nas províncias da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Pará, Mato Grosso, Goiás e S. Pedro do Rio Grande do Sul; sobre esta 180 escolas, havia ao menos 40 nas quais o lugar de professor estava vacante, e deste número, 8 eram escolas de meninas. Havia, pois, em todo o Brasil 10 escolas para o sexo feminino⁵¹¹.

De fato, essa discrepância trouxe inúmeras perdas intelectuais para as meninas e lhes garantiam um lugar de sulbatenizadas. Lembrando que as instituições que existiam destinadas a esse público, além de serem em números ínfimos, davam ênfase ao ensino das prendas domésticas e costuras em geral. Cinco anos após esse relatório a Lei nº 81 de 1837, decretava que esse tipo de ensino era obrigatório nas escolas de meninas. Para Almeida “A ideia de fundar escolas primárias para meninas permaneceu como um desejo, uma aspiração, uma vontade viva”⁵¹².

Nesse sentido comungamos Romanelli, quando a autora afirma que “A ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social que se está imerso”⁵¹³. No Brasil, a realidade cultural e social sempre se acreditou no pensamento de inferioridade do sexo feminino, crença esta reproduzida pelas escolas, e conseqüentemente, pela sociedade. Em “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens” (1832), mesmo ano do relatório sobre as condições das escolas de meninas, Nísia Floresta, chamava atenção para a questão do costume,

⁵¹⁰ HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003 p. 56).

⁵¹¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. História da Instrução pública no Brasil (1500-1889). Tradução Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.p (ALMEIDA, 1989, p. 61.

⁵¹² Idem, p. 57.

⁵¹³ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 29ª edição. Vozes: Petrópolis-Rio de Janeiro. 2002, p, 23.

sendo este o meio pelo qual a crença, na superioridade masculina se proliferava, em relação a esta declaração, afirmava;

Eu não teria jamais pretendido falar nisto, se não entrasse no detalhe de todas as noções absurdas em que o costume tem sepultado os homens. Ainda que seja um dos maiores absurdos a extrema diferença que eles constituem entre o seu e o nosso sexo, todavia não há erro popular mais antigo e mais universalmente acreditado⁵¹⁴

Na realidade, para sociedade brasileira a instrução primária era tida em segundo plano, o ensino para as mulheres seguia o mesmo rumo. O olha do Estado que fitava, apenas, a educação superior, deixou as mulheres ainda mais limitadas ao ensino que em nada propunha para sua emancipação. Ao contrário reforçava seu lugar de mãe e esposa. Ainda de acordo com o relatório de 1832, o Ministro do Império constatava, que a frequência nas escolas femininas eram mínimas, mas logo concluía que essa realidade nada tinha de se estranhar “porque desde há muito, os pais não querem que suas filhas aprendam a ler, sob o pretexto de que a instrução de uma mulher deve limitar-se aos serviços domésticos e à costura⁵¹⁵”.

June E. Hahner em sua obra “Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940”, editado em 2003, concluiu que no século XIX para uma mulher atingir educação suficiente, bastava “ler com propriedade seu livro de orações” e saber “como escrever a receita de geleia de goiaba” nada mais, além disso, caso contrário, punha o lar em perigo⁵¹⁶. Esse relato, na verdade, só nos confirma o quanto a escola por muito tempo transmitiu e transmite heranças culturais da diferença de gênero, raça e classe.

Além desse o modelo de educação para o lar, descrito por Hahner (2003), não podemos nos esquecer de que nas escolas femininas até meados do século XX, ainda pairava a questão do corpo. Como vimos, nossa educação foi transplantada pela ação pedagógica dos jesuítas e tudo ocorria de acordo com os preceitos da religião católica. Para essa religião “O corpo, por meio de suas expressões, vestimentas, gestos apropriados, demonstra-se cercado por uma atenção que busca

⁵¹⁴ FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a. p. 28.

⁵¹⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. História da Instrução pública no Brasil (1500-1889). Tradução Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.p (ALMEIDA, 1989, p. 61.

⁵¹⁶ HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003 p. 57.

enquadrá-lo em um comportamento adequado para essa doutrina”⁵¹⁷ Era este “cuidado”, determinado pela religião, que deveriam ter as meninas, e para isso, as escolas também se ocupavam em fazer essa “disciplina” com o corpo feminino. Para Lira,

Os padrões estabelecidos para os gestos, vestimentas e comportamentos dentro dessa estrutura religiosa, os quais proporcionam destaques ao corpo, geram grandes influências no âmbito mais geral da sociedade, indo além dos conventos, clausuras, seminários e chegando dentro das famílias, das escolas e de outras intuições⁵¹⁸

Nessa concepção as escolas de meninas seguiam essa norma do corpo educado, pois as mulheres deveriam ter decência no modo de vestir, sentar e agir. “A igreja, junto com uma parte da sociedade, criou uma referência de mulher baseada na docilidade, cumplicidade, submissão”⁵¹⁹. O espartilho foi uma das vestimentas adotadas pelas mulheres no século XIX e as meninas não estavam fora dessa moda. O que para Nísia Floresta não passavam de “pequenas criaturas apertadas nas barbatanas de um espartilho” fato que para a autora era lastimável por se originar “na pretensão de uma mãe a tornar sua filha notável pelo artifício do corpo”⁵²⁰

Esse posicionamento de Nísia Floresta se deu pelo fato de ter ocorrido em seu colégio um episódio envolvendo uma de suas alunas, uma menina de seis anos que veio a falecer por causa do uso do espartilho, esse realidade fez com que a educadora proibisse o uso dessa vestimenta “A ocasião pareceu oportuna à diretora para tentar uma reforma no espírito de suas alunas, abalado profundamente à vista daquela florzinha, ceifada tão de chofre e escrúpulo, se sacrifica entre nós a saúde das meninas”⁵²¹

Nestas condições, o que se evidencia era a que tipo de cultura a mulher era imposta; do que aprender, vestir e se comportar a ocupação do seu lugar na sociedade. Das roupas que costuravam aos pratos que cozinhavam eram fatores de admiração de sua família. Enquanto isso a sua instrução era banalizada naturalmente.

⁵¹⁷ LIRA, Maria Helena Câmara. Histórias e Memórias da Educação em Pernambuco. Org. Edilson Fernandes de Souza. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 21.

⁵¹⁸ Idem, p. 25.

⁵¹⁹ Idem, p. 25.

⁵²⁰ FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a. p. 107.

⁵²¹ Idem, p. 107.

De acordo Hanher, essa realidade aos poucos teve outro cenário, mas, apenas para as meninas ricas, pois além de coser e fazer doces puderam “estudar francês, piano e a dançar, e, com tais predicados, oferecer uma companhia mais encantadora e elegante nos encontros sociais⁵²². Advertimos pois, que essas mudanças não passavam apenas para ilustrar a presença das mulheres em alguns locais, geralmente, nas casas das famílias, com o objetivo de torná-las mais domesticável.

Para Costa (2010), nas últimas décadas do século XIX, algumas instituições de ensino para meninas começaram a oferecer lições de astronomia, botânica e história natural. O que viria provocar grande resistência. Ainda segundo esta autora, no ano de 1869, “Quando uma escola para meninas no Rio de Janeiro tentou diversificar seu programa, sentiu a necessidade de anunciar que seu propósito não era “emancipação das mulheres” e sim educar as futuras mães para que pudessem educar melhor seus filhos”⁵²³. Concordamos com esta autora, pois essa foi a ideia pela qual foi ditada a educação das meninas no século XIX. Além de se prolongar durante décadas, esse tipo de ensino, deixou marcas até hoje perceptíveis, quando nos referimos à questão de gênero e educação.

Nestes termos, sobre os objetivos da educação feminina, Nísia Floresta questionava em 1853:

Certo, o que se chama por via de regra no Brasil dar boa educação a uma menina? Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o português, que, apesar de ser o nosso idioma, não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar em pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo, e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e história, cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, crochê etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a sua autoria⁵²⁴

Nestes termos, Floresta, deixa evidente seu pensamento perante a ideia da educação que era oferecida às meninas e que se configurou durante todo século XIX. Com esse posicionamento a educadora pontua suas impressões sobre o

⁵²² HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 57.

⁵²³ COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. – 9ª Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 504.

⁵²⁴ FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1989 a. p. 107.

objetivo da educação das meninas. Nesse contexto, o que se apresenta na fala de Floresta se evidencia no quadro abaixo sobre o número de alunas e alunos matriculados nas províncias do Rio de Janeiro.

Optamos no quadro no quadro a seguir destacar as províncias nas quais Nísia Floresta morou e se posicionou contra o sistema de ensino.

Quadro 26- Total de alunos e alunas nas províncias brasileiras em 1865

PROVÍNCIA	POPULAÇÃO	TOTAL DE ALUNOS E ALUNAS NO ENSINO NO DE 1865								TOTAL
		PRIMÁRIO				SECUNDÁRIO				
		PÚBLICO		PRIVADO		PÚBLICO		PRIVADO		
		Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	
Amazonas	409	49	46	18	54	576
Ceará	468.278	3.648	1.323	204	32	156	...	283	...	5.648
Goiás	117.219	1.176	364	...	25	132	1.697
Maranhão	384.577	2.607	662	392	254	166	...	132	...	4.216
Minas Gerais	1.619.535	14.705	2.204	787	17.696
Pará	185.292	3.261	805	567	271	142	280	52	...	4.990
Paraíba	...	1.404	396	147	29	226	2.202
Paraná	72.198	1.101	504	874	22	38	2.539
Pernambuco	...	3.807	918	842	438	99	...	516	20	6.640
Piauí	...	772	192	18	3	62	...	32	...	1.679
Rio G. do N.	...	914	173	67	...	114	1.268
Rio G. do S.	...	3.834	2.178	1.600	813	850	184	6.459
Rio de Janeiro	...	4.821	1.711	1.193	714	50	575	...	157	9.158
Santa Catarina	39	39
São Paulo	606.588	4.376	2.333	3.146	1.982	127	...	500	...	12.824

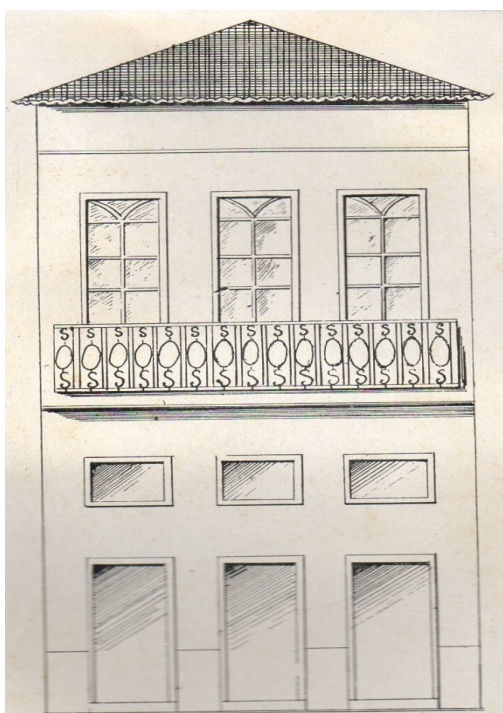
Fonte: sistematizado por Silva (2014) a partir de ALMEIDA, 1989, p.112.

A partir dessa contextualização da educação no século XIX, situamos a seguir, a sistematização do pensamento pedagógico de Nísia Floresta a partir de sua atuação no colégio que fundou na cidade do Rio de Janeiro em 1838.

7.1 O Collégio Augusto e sistematização do pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta⁵²⁵.

O Collegio Augusto foi instalado inicialmente na Rua Direita, (atualmente Rua 1º de Março) 165. Posteriormente, foi transferido para a Rua D. Manuel, 20, com entrada pela Travessa do Paço, 23. Como podemos observar na figura que segue, o Collegio funcionava num prédio de dois andares que, aparentemente, possuía um espaço adequado para o tipo de educação que oferecia.

Imagem 26- Fachada do prédio onde funcionou o Colégio Augusto.



Fonte: Vida e Obra de Nísia Floresta. Adauto da Câmara, 1941.

Nísia Floresta era a diretora e também professora do seu Colégio, pois é o que nos confere um dos documentos encontrados, onde afirma que “Grande número de

⁵²⁵ Este apartado atualizada e integrante da dissertação de Mestrado intitulada: MULHERES, EMANCIPAIVOS: um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta. Defendida em 21 de agosto de 2014 no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível no repositório de tese e dissertação da referida Universidade.

discípulas tem a Sr. D. Nísia Floresta Augusta, e por tal forma distribue o tempo, que é a única pessoa a lecionar no seu colégio”. O mesmo comunicado pode ainda nos oferecer possíveis provas do método adotado por Nísia Floresta. [...] “simples, fácil e proveitoso; a ele e ao esmero com que executa se deve certamente o rápido adiantamento das meninas que lhe são confiadas” (Jornal do Comércio, 1846, p. 2).

Diante dessas características sobre o método adotado no Collegio Augusto, podemos inferir sobre duas possibilidades do método era utilizado por Nísia no Collegio Augusto: a primeira é a de que este método, a que se refere o comunicado, seja o método Lancasteriano/ mútuo/ monitorial. A segunda é a de que pode está fazendo referência ao Método Castilho.

Suscitamos esta possibilidade pro ter sido o Lancastariano, adotado pelo sistema de ensino Brasileiro, 1827 em toda instrução primária. Já o Método de Castilho, por ter sido o método criado pelo literato, poeta e pedagogo, Antônio Feliciano de Castilho, a quem Nísia tinha grande admiração, inclusive lhe dedicando um poema “*Um improviso: na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antônio Feliciano de Castilho*” publicado no “O Brasil Ilustrado” em 30 de agosto de 1855, ano em que o poeta termina sua estada no Brasil, depois de oferecer vários cursos sobre seu método de ensino em terras brasileiras. Esse método ficou conhecido como o método Castilho, que em 1848, em sua primeira edição, se intitulava “*Leitura Repentina - Método para em poucas lições se ensinar a ler com recreação dos mestres e seus discípulos*”.

No entanto, é preciso esclarecer que em nossa pesquisa não encontramos documentos que deixassem evidente o método adotado pelo Collegio Augusto. Contudo, as fontes a que tivemos acesso nos muniram de informações para que pudéssemos expor nossa apreciação. Preocupamos-nos, ainda, em nossa incessante busca obter informações que nos oferecesse base para saber o espaço pedagógico do colégio; as salas e a forma de como eram organizadas, mas, não foi possível.

Ainda em relação ao método adotado em suas classes, Floresta, deixou claro que adotou nas suas aulas de francês, o método direto, ou seja, a comunicação nas

classes, apenas era feita na língua francesa. Ela também era a professora de idiomas.

Alunas internas, semi-internas e externas formavam o público do Colégio Augusto. Segundo Aduino Câmara (1941), o qual afirma ter tido essas informações através de outro estudioso sobre Nísia Floresta, Henrique Castriciano, pois o mesmo, segundo Aduino, possuía um exemplar do Estatuto do Colégio Augusto, contudo, até hoje pesquisas mais recentes, não conseguiram ter acesso a esse exemplar. Enquanto ao valor da mensalidade, os preços cobrados por Nísia seria o seguinte: alunas internas, 20\$000; semi-internas, 10\$000; alunas externas, 4\$000.

No entanto, a instituição de ensino de Nísia Floresta, atendia algumas alunas gratuitamente, fato que até então, não foi explorado em estudos relacionados à autora. Como dissemos, alunas que não poderiam pagar as mensalidades recebiam o ensino gratuitamente. Este fato causou-lhe algumas críticas no Jornal O Mercantil com um trocadilho de palavras, dizia que Nísia ensinava algumas educandas de graça, e ainda sobrava-lhe tempo para fazer graças! Essa sobra de tempo o autor dizia não entender, uma vez que Nísia era a única professora de sua escola.

7.1.1 As matérias ensinadas no Collegio.

Na época as escolas adotavam diferentes matérias para meninas e meninos. Para o sexo feminino era comum para as escolas particulares ensinarem a ler, escrever, contar, gramática nacional, ortografia, coser, marcar diversos modos, bordar de todas as qualidades, cortar. Caso os pais quisessem que suas filhas estudassem também dança, desenho, francês e piano deveriam pagar um valor a mais. Nas escolas públicas a realidade do ensino era: ler, escrever, bordar, coser, e os mais misteres da educação doméstica, as quatro operações, princípios moral e cristã e da religião do Estado, gramática de língua nacional e elementos da geografia. Esta era regra oficial na instrução primária do Brasil no século XIX.

Para o sexo masculino a diferença das matérias era gritante, pois ensinava-se: Doutrina Cristã, língua portuguesa, latina, grega, francesa, italiana, inglesa e alemã, geografia, cosmografia, história universal, matemática, filosofia e retórica, dança, música, desenho e esgrima. Os pais dos meninos não precisavam pagar a mais para que seus filhos tivessem outras matérias inclusas em seu ensino, enquanto que

para as meninas, deveriam pagar a mais que a mensalidade estipulada. Nas escolas públicas os meninos aprendiam o seguinte: Ler, escrever, as quatro operações de aritmética sobre números inteiros, frações ordinárias e decimais, proporções, princípio da moral cristã e religião do estado, gramática da língua nacional, geometria teórica e prática e elementos de geografia. Dessa forma, os colégios deveriam seguir a rigor esta ordem, uma vez que era lei.

O Collegio Augusto, como era particular, e esses colégios, de certa forma, tinham uma certa autonomia, apesar de não poderem fugir totalmente à regra dos demais, ofereceu as matérias obrigatórias para as suas alunas, no entanto, não deixou de ofertar outras matérias, que não faziam parte, até então, dos programas dos outros colégios. Além disso, o Collegio Augusto, não cobrava pelo ensino de outras matérias, ou seja, suas alunas tinham acesso a todas as matérias, idiomas e dança sem que precisassem pagar a mais como os outros colégios da época. Essa atitude de Nísia, diretora do Collégio Augusto, nos mostra que seu interesse estava mais direcionado a que suas alunas aprendessem, tivessem acesso a uma educação até o momento impensável pela sociedade brasileira da época.

No colégio de Nísia Floresta, ensinava-se as línguas e gramáticas do português, latim, francês, italiano e inglês, ao passo que a caligrafia, religião cristã, aritmética, história antiga, moderna e universal, geografia, copunha a lista. A música também não estava de fora, além de, de aulas de piano e desenho. Acrescente a estas matérias; a cosmografia⁵²⁶, aritmética e poesia. Os trabalhos de agulha também faziam parte dessa lista, contudo não demonstravam ser o principal objetivo do colégio, como o era para os demais. Enquanto o collégio Augusto oferecia essas matérias, a maioria das instituições se limitava a oferecer o que acreditavam ser o essencial para a educação das meninas: ler, escrever, contar, gramática nacional, ortografia, coser, marcar diversos moldes, bordar de todas as qualidades, cortar e fazer vestidos. Ainda eram oferecidas aulas de dança, desenho, música e idioma.

Em seu “Opúsculo Humanitário” Nísia tece críticas sobre o ensino dessas matérias oferecidas pelos outros colégios e ao objetivo pelas quais eram ensinadas às meninas. Nesse sentido, a educadora, afirmava que não concebia que alguns

⁵²⁶ Astronomia descritiva. Vem do Latim *cosmographia* e adaptada do grego *kosmographía*, ou seja, descrição do mundo, do universo (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001).

estabelecimentos de ensino oferecessem a dança, e fizesse isso não pela utilidade que resultaria ao corpo, mas pelo gosto com as meninas brilhassem nos salões. Criticava também que se ensinassem a ler e escrever o nosso idioma não sem ter grande empenho de o conhecer de forma plena. Aos estabelecimentos que ofereciam outros idiomas, Nísia Floresta censurava o fato de essas matérias serem ensinadas sem ter menor conhecimento de sua literatura. Já em relação ao ensino da música afirmava que as meninas, nesses estabelecimentos, aprendiam muitas vezes sem vontade e sem entender devidamente a música⁵²⁷.

Nessa direção, Nísia Floresta expunha sua concepção sobre os trabalhos de agulha, como a tapeçaria, bordados, crochê, afirmando que não via sentido, pois para ela este ensino servia apenas para que as meninas pudessem “figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a sua autoria”⁵²⁸. Dessa forma, podemos observar que Nísia Floresta deixa evidente sua compreensão sobre o ensino das prendas domésticas, apesar desse ensino fazer parte do programa de seu colégio, uma vez que na sua época era obrigatório.

7.1.2 As outras instituições de ensino à época do Collegio Augusto

Agulhas, linhas, tecidos e lãs eram objetos “essenciais” que se misturavam entre lápis, réguas, cadernos, livros didáticos e de religião cristã, que assim como as “prendas domésticas” estavam presentes em todas as classes dos colégios para meninas. Nos documentos que encontramos percebemos essa semelhança em todos, contudo, identificamos em meio a essa realidade, que a ênfase no “ensino da agulha”, o tipo de linguagem utilizada para anunciar os colégios, o método adotado, o espaço pedagógico e as matérias lecionadas eram fatos que podiam diferenciá-los entre si.

A dissensão entre os colégios é logo percebida pela evidência dada aos trabalhos de costura e bordado. Em algumas instituições o trabalho da agulha era a peça principal para captar a confiança dos pais a entregarem suas filhas a tais instituições. O tratamento das professoras como mães das discípulas, seria também de grande credibilidade para as instituições.

⁵²⁷ FLORESTA. Nísia. Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b, p. 107.

⁵²⁸ Idem, p. 107.

Neste sentido, os anúncios e propagandas de instituições de ensino para meninas, na época do Collégio Augusto, nos ajudaram a entender as diferenças entre esses colégios e o de Nísia Floresta conforme apresentação de suas características a seguir, baseadas nos anúncios da época que podem ser vistos a partir do anexo VII deste trabalho.

- **Collegio de Educação de Meninas no Campo de São Christóvão, 39⁵²⁹.**

Esta instituição, datada de 1838, era dirigida por Antônio da Silva Brandão e sua esposa. O Colégio atendia pensionistas e meio pensionistas, além de atender alunas externas para lições gerais, constando ler, escrever, contar e matérias como Gramática Nacional, Ortografia e Geografia, além do idioma francês e trabalhos de agulha como: coser, marcar diversos modos, bordar de todas as qualidades, cortar e fazer vestidos. As matérias de dança, piano e desenho seriam pagas, ou seja, um valor a mais na mensalidade, para os pais que quisessem acrescentar no estudo de suas filhas, tais ensinamentos.

- **Collegio de Meninas da Rua São João de Imperial, 38.**

Constancia Masson La Case era a diretora desse colégio no ano de 1846, onde oferecia às suas discípulas todos trabalhos de agulha, francês, inglês, português, geografia, aritmética, desenho, dança e música. O método utilizado pela instituição não foi mencionado, assim como o valor das mensalidades.

- **Collegio de Meninas da Rua Matacavallos, 22.**

Este colégio dirigido pela Mme. Teniere Charney, em 1848, oferecia as seguintes matérias: leitura, escrita, francês, português, aritmética, gramática, história universal, geografia antiga e moderna, cosmografia, mitologia, elementos de física, história natural, retórica, literatura e toda espécie de trabalho de agulha.

- **Collégio de Instrução e Educação de Meninas em Botafogo**

Dirigido por Mr. e Mrs. Hitchings situado em Botafogo, 40, esta instituição traz em seu programa em 1848, as matérias de idiomas como o inglês, francês,

⁵²⁹ Ver a partir do anexo VII para conhecer as propostas pedagógicas dos colégios.

português e alemão, assim como astronomia, botânica, história antiga e moderna, geografia, religião, costura e bordado. As matérias de dança, música, desenho, canto e italiano seriam ensinadas por 6\$000 cada uma, e este valor acrescentado nas mensalidades.

- **Collégio de Meninas de São Christovão**

Esta instituição de meninas dirigida por M.r e M.me Lacombe, em 1848, oferecia às alunas as seguintes matérias de francês, inglês, português, bordado, costura, história, geografia, aritmética, geometria e princípios de física. Além de música, canto, dança e desenho cada uma no custo de 8\$800 a 6\$400 acrescidos no valor da mensalidade.

- **Collegio de Santa Cecília**

Colégio para meninas dirigido pela professora D. Thereza de Jesus Araujo Sampaio, situado à Rua do Ouvidor, 35. No seu programa datado de 1852 a diretora discriminava as matérias que se ensinavam na instituição que eram as seguintes: ler, escrever, contar, máxima da religião cristã, princípios da civilidade, gramática da língua portuguesa, caligrafia, aritmética, geometria e geografia, além dos idiomas francês e inglês, piano, canto, dança e desenho. As prendas domésticas como: coser, marcar e bordar também estavam no programa do colégio.

- **Collegio de Portuguez e Francez**

No ano de 1852 este colégio dirigido por D. Maria Argentina Vella oferecia às suas educandas as seguintes matérias: leitura, escrita, língua portuguesa, francês, aritmética, gramática, geografia, história e religião, além de toda espécie de trabalhos de agulha e tapeçaria. A condição de ensino de 20\$000rs para as pensionistas e de 12\$000rs para as meio-pensionistas.

- **Collegio Flor de Maio**

Nesta instituição de ensino para meninas no seu programa de 1872 as matérias lecionadas seriam de: ler, escrever, contar, gramática, doutrina cristã, noções de geografia, história sagrada e profana, além de francês, piano, desenho

trabalhos de agulha como marcar, bordar, fazer vestidos e camisas. A mensalidade seria de 30\$000rs para pensionistas, para meio-pensionistas 16\$000, externas 6\$000, caso optassem pelo ensino de idioma, música e desenho e trabalhos de agulha seria acrescido na mensalidade o valor de 8\$000rs.

7.1.3 O que diferenciava o Collégio Augusto das outras instituições de ensino

A seguir temos uma análise mais detalhadas dos referidos colégios citados acima onde procuramos fazer algumas comparações com o Collegio Augusto, além de trazer os textos utilizados nos anúncio ou programas⁵³⁰ de cada uma dessas instituições.

Em face dessa contextualização observamos que a escola para meninas em 1838, mesmo ano de inauguração do Collégio Augusto dentre o ensino oferecido, no colégio de São Cristóvão, dirigido por Antônio da Silva Reis e sua senhora, destacam-se o de coser, cortar, marcar de diversos modos, bordar e fazer vestidos para Senhora. Neste estabelecimento, ainda aceitavam-se alunas externas para aprenderem coser, bordar e marcar. Ensina-se, ainda, ler, contar, escrever, lições gerais da gramática nacional, ortografia e geografia. Enquanto que no outro estabelecimento apresentado na figura 7, já no ano de 1846, oito anos após a inauguração do Collégio Augusto o mesmo ensino prossegue.

No colégio dirigido por Taniere, diplomada pela Universidade da França e com experiência em dirigir colégio em Paris, notamos que há uma ênfase maior na relação materna entre a diretora e suas estudantes “Considerando suas alunas como suas próprias filhas, prodigaliza-lhes todos os cuidados maternos, e lhes ensina ela mesma, a maior parte das cousas que as meninas devem aprender” (Jornal do Comércio, 1846, p. 04). No que concerne ao ensino de disciplinas este colégio oferecia: leitura, escrita, língua francesa, língua portuguesa, gramática, história universal, geografia antiga e moderna, cosmografia, mitologia, elementos de física, elementos de história natural, retórica, literatura e toda espécie de trabalho de agulha. Observemos, pois, as matérias que eram oferecidas.

⁵³⁰ Ver anexo VII

Nesse outro colégio da francesa Mme Constancia Masson La Case, oferece além dos trabalhos de agulha, ainda “os mais delicados e próprios para prender a atenção do bello sexo, ensinará a fazer flores com summa perfeição” (Jornal do Commércio, 1846, p.04). Neste contexto, a propagada do colégio continua “procurará todos os meios conducentes de inspirar no coração de suas discípulas os dogmas sagrados da religião católica” uma vez que mulheres teriam um dia que se apresentarem como mães carinhosas para poderem bem educar seus filhos.

Há oito anos, em 1838, o anúncio da inauguração do Collégio Augusto dizia o seguinte: Notamos nesse anúncio o modo de como Nísia Floresta se dirige, não deixa de citar sua experiência com a educação de meninas, contudo, destaca que a diretora “dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas e zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres” (Jornal do Commércio, 1838). Notamos que a diretora, não utiliza em seu texto, comentários sobre como seria a relação entre professor aluno, sobre o cuidado das suas educandas como filha ou mesmo exalta a religião ou prendas domésticas. Quando na edição do Jornal do Comércio encontramos uma diretora que deixa fulgente o cuidado que se terá com suas alunas “onde poderão encontrar os ilustres pais de família, uma mãe carinhosa para suas filhas” (Jornal do Commércio de 1846). A professora, nesse sentido, assumiria o papel de mãe das de suas alunas. Realidade que foi constatada em outras instituições particulares de ensino para meninas.

Notamos, pois, que o modo como Nísia Floresta se dirige, não deixa de citar sua experiência com a educação de meninas, contudo, destaca que a diretora “dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas e zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres” (Jornal do Commércio, 1838). Notamos que a diretora, não utiliza em seu texto, comentários sobre como seria a relação entre professor aluno, sobre o cuidado das suas educandas como filha ou mesmo exalta a religião ou prendas domésticas. Quando em um anúncio do Jornal do Comércio encontramos uma diretora que deixa fulgente o cuidado que se terá com suas alunas “onde poderão encontrar os ilustres pais de família, uma mãe carinhosa para suas filhas” (Jornal do Commércio de 1846). A professora, nesse sentido, assumiria o papel de mãe das de suas alunas. Realidade que foi constatada em outras instituições particulares de ensino para meninas.

Observamos que procede a atenção especial para o relacionamento entre educandas e sua professora. Neste, a diretora ressaltava que já se encontravam em grande número, as meninas que haviam sido entregues aos “cuidados” e “zelo de uma educação, tanto civil como moral e religiosa” (Jornal do Comércio, 1846). No entanto, neste documento, ainda encontramos o seguinte: “Também se recebem raparigas escravas (que aprendem em lugar separado) para os trabalhos de agulhas e de tesoura, e para se amestrarem nos arranjos de casa e na confecção de doces e massas de diversas qualidades” (Jornal do Comércio, 1846).

O que também nos chamou atenção neste estabelecimento, foi que diferentemente dos outros, deixando claro que aceitavam-se meninas escravas, contudo, não para o ensino da leitura, escrita, outras matérias ou idiomas, mas para aprenderem prendas domésticas, e em outro ambiente distante das outras educandas.

Encontramos em nossa busca o programa do colégio Portuguez e Francez⁵³¹, 1852, com a seguinte realidade; matérias de Leitura, escrita, língua portuguesa, aritmética, geografia, história, religião e toda a espécie de trabalhos. Além de ensinar flores de toda a qualidade; pano, “froco”, cera, conchas, pena, e pita. Já os bordados eram, em filó, matiz e ouro. Enquanto a tapeçaria era de todo tipo. Sobre os cuidados da professora com suas a educandas, o programa deixava evidente, que a diretora empregava todos os afagos e cuidados às suas alunas, considerando-as como suas próprias filhas. Características como estas também foram encontradas nos demais colégios.

Enquanto isso críticas⁵³² eram tecidas a Nísia Floresta pelo fato de o ensino do Colégio Augusto, não dar ênfase nos trabalhos de agulha, por isso, era visto de forma negativa. Enquanto algumas instituições centravam-se em ensinar às meninas a fazer vestidos e camisas, outros em doces e bolos, o Colégio Augusto privilegiava outros ensinamentos, nesse caso, o ensino de idiomas.

Mais adiante, encontramos também a seguinte conclusão do autor da crítica “Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece de um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos úteis, e não vencer dificuldades, sem

⁵³¹ Optamos por manter a grafia original do documento.

⁵³² Ver a partir do anexo VII

nenhuma utilidade real”⁵³³. De fato, este era o pensamento que planava sobre a finalidade da educação das meninas. Os conhecimentos úteis a que o autor se refere, não passam do ensino das prendas domésticas, costuras e bordados que seriam essenciais para uma moça de família. No entanto, o Colégio de Nísia Floresta foi de encontro à regra priorizando outros tipos de ensinamentos.

Ainda nesse mesmo jornal, as críticas ao Collegio Augusto eram sobre a forma de ensino, onde reafirmava que os trabalhos de agulhas ficavam no escuro, enquanto os de idiomas não faltavam. Usando desta afirmação para dizer que os homens precisavam de mulheres que falassem menos e trabalhassem mais.

O Collegio Augusto, segundo Nísia Floresta, em um de seus relatos de viagens era uma instituição de jovens, onde “Ao mesmo tempo em que se lhes ensinava a prática das virtudes domésticas, não se descuidava o cultivo de seu espírito revelando-se-lhes as belezas dos Herculanos, dos Racine, dos Shakespeare e dos Goethe, dos Dante e dos Virgílio”⁵³⁴. De fato, como vimos, o Colégio foi motivo de diversas calúnias e críticas, talvez por ter se tornado um grande adversário dos principais colégios da corte, pois não seguia o mesmo tipo de ensino que era oferecido nas outras instituições, ou melhor, como a própria Nísia afirmou, ensinava, mas dava ênfase a outras disciplinas.

Observamos que essa crítica recai sobre a diretora do Augusto ressaltando sua crença em relação à superioridade de seu Colégio entre os outros. Esse comportamento faz-nos acreditar que a diretora tinha consciência do ensino que sua escola oferecia, e que esse comportamento era um dos focos das críticas que recebia “É pois natural que D. Lísia⁵³⁵ que nunca viu senão o próprio colégio o ponha acima dos mais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que verdade”⁵³⁶. No entanto, fica claro que esse comentário traduzia a ideia da sociedade da época que era favorável a um ensino que confinasse as mulheres ao meio doméstico.

⁵³³ Jornal O Mercantil, 1847, p. 5.

⁵³⁴ Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRRN, 1998. v. I. p.98.

⁵³⁵ A escrita do jornal trás o nome de Nísia grafado como Lísia. Nessa citação preservamos a escrita original.

⁵³⁶ Jornal O Mercantil, 1847, p. 5.

No Collégio de Santa Cecília eram ensinadas máximas de religião cristã; princípios de civilidade; geometria, francez e inglês, ao passo que sua diretora dava uma ênfase maior as “prendas indispensáveis para completar a educação de uma mãe⁵³⁷ de família, como coser, marcar, bordar de branco, de matiz, de estofado, de froco, de ouro, etc”⁵³⁸. Neste sentido, percebemos que para essa diretora, oferecer as disciplinas que fossem referentes aos conhecimentos gerais seria por que estas faziam parte de seu programa, mas que o ensino das “virtudes domésticas” como era indispensável, não poderia ser negligenciado. Ao contrário do Colégio Augusto, que segundo Nísia Floresta, admitia que o seu Colégio oferecesse o ensino das práticas domésticas, mas estas não seriam indispensáveis no ensino que oferecia. Após décadas desse pensamento de Nísia, uma escola para meninas, ainda anunciava em seu programa que a educação de uma boa mãe de família seria, de certa forma, essencial para a educação de suas alunas, por isso, era indispensável oferecê-la.

Para o Collégio Flor de Maio suas alunas deveriam aprender apenas o que era essencial para educação de uma senhora, o que para o Colégio deveria ser indispensável para uma boa mãe de família. Desta forma, podemos dizer que no Brasil, as mudanças sobre o que deveria ser ensinado às meninas até meados do século XIX, demonstravam pouco avanço, porquanto este ensino ainda era centrado na educação das prendas domésticas e costuras, objetivando a formação de uma perfeita mãe de família sem instrução e fadada ao confinamento do lar.

Interessa-nos aqui, ressaltar que Collegio Augusto em 1838, ao oferecer uma proposta de educação centrada em outro tipo de ensino, assim como os documentos nos permitiram verificar, se tornou, de fato, uma instituição diferenciada e que, portanto, sua diretora tinha um pensamento pedagógico que não era aquele que imperava a época.

O ensino no Collegio Augusto, como vimos até o momento, não deixou de oferecer as prendas domésticas em seu programa, porém, acrescentou algumas matérias que não eram oferecidas às alunas por outras instituições de ensino destinadas ao sexo feminino. Ao optar pelo ensino de outras matérias,

⁵³⁷ Manteve-se a grafia original.

⁵³⁸ Programa do Collégio de Santa Cecília, 1852, p. 53.

principalmente, as de línguas, dentre elas o latim, o Colégio adotou uma postura que o distinguia das outras instituições, que em sua maioria, enfatizava o ensino das prendas domésticas.

O fato de oferecer também as prendas domésticas fez que com que Colégio Augusto não se diferenciasse tanto das outras instituições, mas a ousadia de sua diretora em ampliar o seu programa, talvez tenha sido o diferencial. O uso da Educação Física e o limite de alunas por sala também merecem destaque. Em nossa pesquisa não encontramos documentos sobre o Colégio que esclarecesse esta afirmação, apenas nos apoiamos nas afirmações de Duarte (2010) e na obra Opúsculo Humanitário de Nísia Floresta.

No século XIX as escolas e professores para avaliarem seus alunos realizavam uma espécie de prova oral, conhecido como exames⁵³⁹, onde os alunos tinham de responder à risca as perguntas feitas pelo professor e acompanhado pelos examinadores. A Lei N.º 81 de 1837. Nº 1. -2 de Janeiro referente a instrução Primária dizia que o aluno antes de serem submetidos aos prêmios deveriam passar por uma avaliação em que todo seu histórico escolar seria considerado.

Observamos, pois, que o Colégio Augusto não deixou de atender a essa determinação. Na edição do Jornal do Comércio de 24 de dezembro de 1846 é publicada uma lista das alunas que se destacaram no exame do Collegio Augusto. Lívia de Faria Rocha, filha de Nísia Floresta, aparece em primeiro lugar no exame de Latim. E nesse sentido, destacamos a banca examinadora a qual era composta por 12 examinadores, dentre estes, cinco eram padres. Estes sacerdotes foram subdivididos na seguinte forma: na doutrina cristã, o Reverendo padre João de Souza, História universal e pátria, os padres Berten e Mavignier, de italiano, o Monsenhor nuncio apostólico, de latim o padre professor público, Agostinho Marques, geografia e cosmografia, o padre mestre Mavignier. No exame as alunas foram avaliadas em 12 disciplinas. Os prêmios foram de medalhas à coroas⁵⁴⁰.

⁵³⁹ Segundo Inácio (2005), os exames tinham como objetivo observar os efeitos da escolarização sobre os alunos, além de avaliar também o professor (INÁCIO, 2005, p.84). Sobre formas avaliação escolar ler, *Avaliação de aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática* de Cipriano Luckesi, 2003.

⁵⁴⁰ Ver anexo X

A religião católica estava muito presente no Colégio Augusto, não apenas na matéria de doutrina cristã, mas como percebemos, nos próprios examinadores responsáveis pelas avaliações dos exames aplicados pelo Colégio. Nesse sentido, acreditamos que essa escolha de Nísia Floresta talvez tenha acontecido por que os padres, nessa época, representavam uma pessoa muito culta e tê-los como examinadores nos exames dos colégios seria um prestígio para instituição. É importante ressaltar que no século XIX não apenas a educação, mas a sociedade em geral vivia mediante os preceitos religiosos, como discutimos anteriormente, a cultura imposta pelos padres jesuítas, que desde o início, tinham um projeto bem definido para a educação no Brasil.

Os exames realizados nas instituições de ensino do século XIX seguiam o modelo de avaliação utilizada pela Companhia de Jesus, que apesar de não ter um sistema de avaliação determinado, esses padres usavam uma metodologia de ensino na fixação de conteúdos através da repetição objetivando a memorização. Nos exames realizados pelo Colégio Augusto as alunas deveriam recitar poesias em outros idiomas como o latim, italiano e francês. Em relação às outras matérias como história e geografia as educandas, por certo deveriam responder às perguntas que lhes eram feitas, e para tanto precisariam ter memorizado os conteúdos.

A metodologia adotada pelo Colégio, como ressaltamos anteriormente não foi esclarecida por Nísia, apenas os indícios encontrados nos documentos nos permitem apontar que o método utilizado era o determinado pelo governo, o Lancasteriano/monitorial ou mútuo. De início o método de Castilho também teria sido apontado como o utilizado por Nísia, mas com análise dos documentos vimos que ficando Nísia à frente do Colégio até 1849, e este método sendo criado em 1848 por seu idealizador de mesmo nome e tão admirado por Nísia, concluímos que essa hipótese seria descartada. Nesse sentido, o método Lancasteriano⁵⁴¹ ou de ensino

⁵⁴¹Sobre a obrigatoriedade do ensino Lancaster ou mútuo Almeida (1989), afirma que este ensino deveria ser preferido em todas as capitais de província, nas cidades burgos e localidades populosas onde fosse possível estabelecê-lo (ALMEIDA, 1989, p. 60). Já em relação a formação dos professores (as) para o uso desse do método/tipo de ensino, Bastos (2011) nos esclarece que deveria envolver a orientação de suas atividades escolares, principalmente dos seus deveres: *vigilância e administração*. A vigilância também se estende aos mínimos detalhes e no cuidado na aplicação correta dos procedimentos do método mútuo. O papel do professor (a) na classe se reduz à inspeção. A vigilância também se exerce sobre os *monitores*, que ele encoraja anima, ou suspende se cometem uma injustiça; quanto aos alunos, observa atentamente cada classe (BASTOS, 2011, p. 44).

mútuo teria sido o utilizado no Colégio. Além do método direto⁵⁴² no ensino de idiomas, este atualmente, utilizado por escolas de língua estrangeira.

No método direto a língua estudada sustenta uma superioridade sobre a língua materna em sala de aula, de forma que, os diálogos e comunicações entre professor (a) e aluno (a) só é permitida no idioma estudado. Nesse método o aluno é induzido a pensar na língua estrangeira.

No que confere o método lancasteriano, como já dissemos, o trabalho das classes é dirigido por um instrutor/monitor, ou seja, aquele aluno que se destaca nas atividades de demonstrando distinção entre os demais. Além dessas características, nesse método há uma sequência de atividades que devem ser seguidas no tempo determinado, facilidade na manutenção da disciplina e recompensas para estimular o conhecimento dos alunos (as). A premiação dos alunos seria uma dessas recompensas.

Apesar de apontarmos que o método utilizado por Nísia Floresta teria sido o lancasteriano, alguns documentos nos suscitam dúvidas dessa afirmação, pois embora esse apontamento em alguns documentos pareça óbvio, em outros, as informações são ambíguas.

Encontramos algumas características do método utilizado no Colégio Augusto onde é ressaltado que mesmo com o grande número de discípulas, Nísia Floresta, consegue distribuir o tempo. Sobre esta ótica encontramos uma das características mais notáveis do método lancasteriano/mútuo, o de ter apenas um professor para lecionar grande número de alunos (as). Além disso, o pouco tempo com que uma criança aprendia era uma das marcas desse método.

Durante a obrigatoriedade desse método nas instituições brasileiras do século XIX, houve diversas opiniões divergentes sobre sua aplicação ou não. Para alguns foi um fracasso, pois a falta de estrutura das escolas e a formação de profissionais

⁵⁴² Segundo Maciel (2004) o Método direto era regido pelos seguintes princípios: ensinar na língua alvo, ensinar vocabulário e frases do dia a dia, ensinar habilidades de fala e compreensão oral, turmas pequena e gramática ensinada indutivamente. Nesse método, ainda segundo a autora, os alunos (as) eram encorajados a pronunciar corretamente e utiliza-se mímica, demonstração e figuras. O plano de curso não era baseado em estruturas linguísticas, mas sim em situações ou tópicos (MACIEL, 2004, p. 04-05).

era um dos problemas encontrados para a adaptação do método⁵⁴³. Enquanto que para alguns intelectuais e o governo, uma esperança para educação do Brasil, uma vez que, seria uma forma de suprir um déficit educacional da população brasileira em pouco tempo, e sem a necessidade de vários profissionais⁵⁴⁴, pois a escassez de professores (as) era evidente.

De fato, esse método trouxe controvérsias sobre seu processo de ensino, estrutura, objetivo e punições. O que para algumas instituições de ensino particular, nesse caso, o Colégio Augusto, e sua diretora não deve ter parecido problemático. Se o problema era a estrutura física o Colégio contava com essa estrutura, enquanto a professora capacitada, Nísia Floresta obtinha respaldo em meio a sociedade e tinha um grande conhecimento intelectual.

Nesse sentido, acreditamos que o método utilizado por ela era o mútuo, ao passo que não descartamos, pelo amplo conhecimento que possuía, ter utilizado também outros métodos. Como vimos, suas alunas aprendiam além do que determina o que uma menina deveria aprender. Um comunicado no jornal O Mercantil afirmava que Nísia Floresta não ensinava visando o ganho que trabalhava, pois “[...] se assim fosse, não ensinaria gratuitamente a muitas meninas pobres, algumas das quais ficaram este ano habilitadas a ensinarem, a se apresentarem ao concurso pra os colégios públicos”⁵⁴⁵. Dessa forma, o ensino que as alunas recebiam no Colégio, parecia ter um objetivo que não era apenas de formar donas de casa, ou matronas esclarecidas como afirma Rosa (2012). Mesmo que em algumas passagens de sua obra Nísia Floresta nos deixe essa percepção, seu Colégio, no entanto, estabelecia um ensino onde as meninas saíam aptas para concorrer a cargos públicos, algo que era contrassenso para o contexto social e cultural da época.

⁵⁴³ Às causas do insucesso do método de ensino mútuo entre nós, inerentes à situação social do Brasil neste tempo, tais como a falta de pessoal, a incúria dos pais etc, é preciso ajuntar aquela, já assinalada, de não se ter um edifício conveniente para a aplicação do sistema (ALMEIDA, 1989, p. 59).

⁵⁴⁴ Compreende-se muito bem esta preferência da lei pelo método de ensino mútuo, quando se sabe que, por este sistema, duzentas, trezentas crianças ou mais podem receber a instrução primária suficiente, sem que haja necessidade de mais que dois ou três professores (ALMEIDA, 1989, p. 60).

⁵⁴⁵ Jornal O MERCANTIL, 1847, p. 04. (Grifo nosso).

CAPÍTULO VIII

ANÁLISES E CONCLUSÕES

8. ANÁLISE

Os dados encontrados durante a realização dessa investigação foram essenciais para uma análise embasada e originalmente críticas. Onde objetivamos analisar: Como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras? Os documentos encontrados foram fontes fundamentais para a realização dessa investigação. Apesar das dificuldades apresentadas para descobertas dessas fontes documentais, pois bem como ressalta Silva em diálogo com Cellard “Uma pesquisa com análise documental, exige continuamente, do pesquisador, um empenho firme e fecundo desde a escolha dos arquivos às fontes potenciais de informação”⁵⁴⁶. O que de fato sucedeu-se com a busca pelas fontes documentais para a realização dessa pesquisa.

A busca se deu, inicialmente, a partir de uma extenuante leitura de produções intelectuais o que inclui livros e artigos sobre a imprensa pedagógica, feminista e de todas as obras de Nísia Floresta. Quanto à imprensa pedagógica optamos, além das referências bibliográficas, explorar duas últimas produções frutos do resultado do principal evento internacional sobre imprensa pedagógica^{547, 548} que inclui produções e autores de diversos continentes como: América, África e Europa. Dentre os países participantes podemos citar a presença da Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, França, Gabon, Guiné Equatorial, Itália, México, Paraguai e Portugal. Além de realizar buscas, especificamente, nos anais do evento mais importante sobre história da

⁵⁴⁶ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 166.

⁵⁴⁷ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Coor). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.

⁵⁴⁸ HENANDÉZ DÍAS. José María (Coor). *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015.

educação brasileira o CBHE, organizado pela Sociedade Brasileira de História da Educação.

Quanto à imprensa feminista e a Nísia Floresta foram realizadas buscas em várias bibliotecas, hemerotecas e arquivos tanto nacionais quanto internacionais. Em relação a imprensa feminista foi estabelecido um recorte temporal que compreendeu entre os anos de 1800 a 1856. Foram considerados os periódicos brasileiros que tratavam de temas relativos à mulher ou que abordassem questões sobre estas mulheres. Além disso, foram realizadas buscas em principais periódicos brasileiros que tratassem sobre essa temática.

Já a procura sobre Nísia Floresta foi além da leitura de todas suas obras foram eleitas àquelas que tratassem sobre a temática relativa ao feminismo e educação, além daquelas em que autora escreveu sobre suas viagens durante sua moradia e em países europeus; tais como: França, Itália, Grécia, Bélgica e Alemanha. Das obras da autora foram analisadas as seguintes:

- Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens (1832);
- Conselhos a minha filha (1850)
- Fany ou O modelo das donzelas (1847);
- Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta (1847);
- Dedicção a uma amiga, (1850);
- Opúsculo Humanitário, (1853);
- Itinerário de uma viagem a Alemanha, (1857);
- Cintilações de uma alma brasileira, (1859);
- Itinerário de uma viagem à Itália seguidos de uma viagem a Grécia, volumes I, (1864);
- Itinerário de uma viagem à Itália seguidos de uma viagem a Grécia, volumes II;

Ainda sobre essa autora foram realizadas buscas também em periódicos brasileiros e nos países onde autora viveu durante o século XIX. Além disso, foram exploradas produções de autores considerados estudiosos da autora e aqueles que têm estudos sobre de Floresta. Como também foram realizadas pesquisas nos principais na ANPED⁵⁴⁹, SCIELO⁵⁵⁰ e CAPES⁵⁵¹ que inclui o Banco de Dados de

⁵⁴⁹ Associação Nacional de Pesquisa em Educação.

Tese e Dissertações e periódicos mantidos por Universidades brasileiras.

Corroborando com essas buscas a consulta em arquivos, bibliotecas e hemerotecas como dissemos, foram infatigáveis. Apesar de grande parte dos documentos sobre Nísia Floresta serem encontrados em território nacional, especificamente, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde além de fixar residência á época em que viveu no Brasil, fundou o Colégio Augusto as buscas em outras intuições foram realizadas a fim de encontrar novos achados sobre a feminista, pois “Uma pessoa que deseje empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes”⁵⁵²

Nessa perspectiva, a procura por documentos se estendeu a bibliotecas, arquivos e hemerotecas de outros estados brasileiros e europeus. No território brasileiro fizemos buscas nos Arquivos Nacional, Geral e Público do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional também nesse estado. Arquivo público de Pernambuco, arquivo histórico e geográfico também desse estado, arquivo e bibliotecas do estado de São Paulo, além da Biblioteca e hemeroteca da Brasileira e Medilim da Universidade de São Paulo- USP, onde foram encontrados dois exemplares volume I, II da primeira edição do romance “Dedicação a Uma Amiga” datado de 1850 e escrito por Nísia Floresta, os quais merecem destaque nessa pesquisa. Pois desses dois volumes apenas se tinham notícias de que havia dois exemplares⁵⁵³. Até o momento, apenas foram citadas como sendo obras de Floresta, mas não há nenhum estudo que cite ou referenciem algum texto do conteúdo de tais obras. “No início de 1850, apesar de autora estar a milhares de quilômetros do Brasil, era publicado em Niterói um romance seu – Dedicação de uma amiga em dois volumes, assinados como as iniciais B.A.”⁵⁵⁴. E apesar de “Todas as tentativas realizadas no sentido de localizá-lo resultaram inúteis”⁵⁵⁵. E para a autora “Segundo Inocêncio, no Dicionário

⁵⁵⁰ Scientific Electronic Library Online é uma biblioteca digital desenvolvida pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo.

⁵⁵¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵⁵² CELLARD, André. A análise Documental. In. A Pesquisa Qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos/ Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 298.

⁵⁵³ Ressaltamos que no trabalho de Silva (2014) a autora já cita a existência desses exemplares, mas não utiliza textos ou faz referências sobre o conteúdo dessas obras.

⁵⁵⁴ DUARTE, Constantância Lima. Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo. Fotobiografia. Mercado Cultural. Brasília, 2006, p.40.

⁵⁵⁵ DUARTE, Lima Constância. Nísia Floresta: Vida e Obra. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p.

Bibliográficos, esta obra devia compor de quatro volumes, mas apenas dois teriam sido publicados”⁵⁵⁶.

Além disso, foi encontrada, ainda nessa biblioteca, uma publicação inédita da autora publicado em periódico brasileiro, no jornal Diário de São Paulo, intitulada de “Um crime cometido por amor e a sua punição” traduzido do italiano para o português pela própria autora. No dia 11 de dezembro de 1875, o drama “Um crime por amor e sua punição” foi assinado pelo pseudônimo de Brasileira Augusta e traduzido do italiano para o português pela autora. Essa publicação de Floresta é um achado inédito entre as publicações da autora. Pois ainda não foi citado em nenhuma outra pesquisa. Apesar de fazer parte do volume II de seu livro “Trois Ans em Italie, Suivis D’un Voyage em Grèce. Contudo, o que torna essa publicação inédita, é o fato de ainda não ter sido indicada como participação da autora em outro jornal além de Pernambuco e Rio de Janeiro.

Além disso, esse escrito traz à tona uma questão inovadora dentre as produções de Nísia Floresta e ainda não discutido em estudos sobre a autora. Nele, Floresta, discute a questão da mulher, contudo, por uma outra vertente, que podemos se aproximar da questão da violência contra a mulher, atualmente, tão presente em nossa sociedade. Nesse drama, escritora faz duras críticas ao “ciúme” afirmando que considera esse sentimento como “uma fraqueza universal” que deu lugar, em Roma, a um facto tão “horripilante quão, commovedor”

A garimpagem nas instituições internacionais em arquivos, bibliotecas e hemerotecas foram visitadas: Bibliotheque Nationale de France (Gallica Bibliotheque que conta com grande acervo sobre imprensa feminista), Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze e Biblioteca Nazionale de España. Assim com as hemerotecas digitais disponíveis em tais bibliotecas. Além do Center for Research Libraries- Global Resources Network. Como resultados dessas buscas foi possível encontrar algumas obras em francês e em italiano da autora. O que de fato comprova que “[...] os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, em locais insuspeitos”⁵⁵⁷. E nesse sentido fizemos uma busca minuciosa com a finalidade de atender as

38.

⁵⁵⁶ Idem

⁵⁵⁷ Idem, p. 298.

especificidades da nossa investigação com a perspectiva de obter formulações inovadoras.

Nessa incessante procura durante instância realizada, em 2015, no Centro de Estudos da Mulher da Universidade de Salamanca (CEMUSA) foi realizada buscas no acervo da Biblioteca do desse centro CEMUSA durante uma estância doutoral realizada no ano de 2015. Onde foi realizada além de buscas sobre Nísia Floresta foi feito um levantamento do tomo dessa biblioteca que falassem sobre feminismo, mulher ou gênero. Numa preliminar foram identificadas 69 obras do total de 3.000 livros. Desses 69 foram garimpados, após a leitura, apenas 12 exemplares que contribuíram para a fundamentação teórica dessa investigação. É interessante ressaltar que apenas um exemplar sobre Nísia Floresta foi encontrado “Direitos das Mulheres Injustiças dos Homens”.

Imprensa Pedagógica

A imprensa pedagógica, nesta pesquisa, tornou possível fazer um breve histórico sobre a imprensa em si. A partir da necessidade de dialogar com autores como Bowen (1985) dentre outros. Para esse autor, antes de Gutenberg, o uso da imprensa já havia se iniciado na Europa a partir de gravações em madeira que serviriam para impressão. Contrariando a história mais conhecida ao defender que a imprensa começou a partir de Gutenberg. Nesse contexto, como umas das discussões centrais dessa investigação é a imprensa pedagógica adentramos, pois a sua análise. Em diálogo com Henandez Díaz (2013), reconhecido estudioso sobre imprensa pedagógica, o autor ressalta sobre que a imprensa pedagógica tem identidade que segundo este “se construye en el contexto informativo y hemenéutico” o que engloba produções educativas de professores e estudantes àqueles textos produzidos por movimentos sociais, dentre eles, o feminismo. Uma vez que através deste meio de comunicação é possível, segundo o autor desenvolver opiniões e discussões críticas, assim como ações educativas.

Além disso, esse tipo de imprensa independe de sua periodicidade podendo ser, diária à anual, assim como sua formatação, que pode ser de revista a fanzine, ou até mesmo, outro tipo de meio de comunicação que contribua com professores, estudantes, associações, etc. De forma que essa identidade vá se construindo a

partir da necessidade específica de cada comunidade ou intuições, seja pública ou privada, segundo o referido autor.

A imprensa pedagógica também se apresenta em diferentes gêneros de acordo com Hernández Díaz (2013, 2015). Tal gênero pode receber a classificação dependendo de seu caráter pedagógico (escola, professor, estudante, sindicato...). Essa diversidade de gênero apresenta uma riqueza imprescindível para historiadores da educação possibilitando aberturas para suas “expectativas y hemenéuticas”. Assim fica evidente o valor documental desse tipo de imprensa que representa imensurável valor documental para história da educação. Assim, se faz necessário reconhecer a importância da imprensa pedagógica na historização da educação, uma vez que surge como uma ferramenta de difusão de pensamento e idéias pedagógicas. Fato que o próprio autor reconhece a imprensa pedagógica como “parte viva e do patrimônio histórico educativo”.

A imprensa em seu processo histórico tem suas origens no continente europeu, a partir de estudos realizados pelo francês Fernando Buisson, quando definiu pela primeira vez o que seria a imprensa pedagógica como uma publicação “[...] puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando en su secuencia temporal mantiene em criterio de atención, dentro de la institución escolar o em otras diferentes, pero también educativas y formativas”⁵⁵⁸.

É nesse contexto que a imprensa pedagógica surge no continente europeu, ou seja, a partir do século XIX, contudo, a imprensa em si já era utilizada com finalidades educativas, na Espanha, por exemplo, pois “*Los orígenes de la prensa educativa em España pueden remontarse prácticamente a los ecomienzos de la prensa misma, ya em 1798 se editaba em Madrid la Gazeta de los niños [...]*”⁵⁵⁹. Dessa forma, de acordo com esses autores Checa Godoy (2002) e Hernández Díaz (2013) desde da segunda metade do século XVIII, a imprensa pedagógica poderia ser encontrada na Espanha.

⁵⁵⁸ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 16.

⁵⁵⁹ CHECA GODOY, Antônio. *História de la Prensa Pedagógica em España*. Ed. Universidad de Sevilla Secretariados de Publicaciones. 2002, p. 14.

Diante dessa contextualização, evidenciamos os países em que Nísia Floresta viveu que também há produções importantes sobre a imprensa pedagógica, países como: França, Itália e Portugal. Nesses países há estudos que se destacam devido o seu importante repertório sobre imprensa pedagógica. Podemos citar *La presse d'edication et d'enseignement (XVII é siècle 1940)* de Pierre Caspard, na França, *Repertório analítico (XIX-XX)* de Antônio Nóvoa, em Portugal e *La Stampa pedagógica e scolástica in Itália (1820-1943)* de Giorgio Chiosso. Esse tipo de trabalho apresenta grande importância para os estudos sobre imprensa pedagógica, devido a sua organização que busca listar esses impressos por ordem, cronológica, alfabética e temporal o que orienta aos pesquisadores e pesquisadoras que buscam informações em tais obras.

Quando partimos para imprensa pedagógica no contexto latino americano a realidade se torna diferente diante das produções encontradas no continente europeu, fato que deve ser considerado devido o processo de comunicação desses países, pois assim como a imprensa em geral tardou a chegar nesse continente a imprensa pedagógica, por conseguinte, também. Apesar dessa realidade a imprensa pedagógica no continente americano foi possível identificar uma ascensão no que se refere aos estudos sobre essa temática, países como Brasil e México tem investigações, tais como “*La prensa Pedagógica en siglo XIX*” de Irma Gutiérrez, onde a autora desenvolveu um importante trabalho sobre a imprensa nesse país. Decine Catani e Cyntia Pereira surgem como pesquisadoras brasileiras nessa área, mas seus trabalhos são mais específicos ao estado de São Paulo.

A análise realizada na obra de Hernández Díaz de 2013, por exemplo, apenas tem o Brasil com sete trabalhos como representante do continente latino americano nessa obra. Na segunda obra de 2015 já surgem alguns trabalhos com representações de outros países latino América, tais como Argentina com 01 trabalho, Colombia com 02 e o México com 01 uma pesquisa. O Brasil aparece com 35 trabalhos no total de pesquisas publicadas na referida obra. É possível observar que no total dos trabalhos dos outros países fora o Brasil, dois desses trabalhos se referem aos estudos da imprensa escolar, um sobre imprensa estudantil universitária e um sobre outro tipo de imprensa. O que se aprova a afirmação de Maria Helena Bastos outra pesquisadora brasileira que se destaca no estudo sobre imprensa pedagógica no país, ao afirmar que “Quando se adentra no campo da pesquisa

historiográfica dos impressos estudantis, produzidos pelos e para os alunos, os estudos são raros tanto para o Brasil como para outros países da América Latina (...)”⁵⁶⁰. Contudo a pesquisadora destaca estudos sobre imprensa na Argentina, Chile e México.

Devido ao pouco número de pesquisa encontradas sobre a imprensa pedagógica ao realizar buscas encontramos um site periódicos.edu.uy onde foi possível localizar o total de 242 periódicos específicos da área da educação que apresentavam uma variedade significativa de gêneros, por exemplo, escolar, professor de associação, feminista, etc. Contudo, ao fazermos o recorte apenas de periódicos do século XIX, foram encontrados tais periódicos nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Apesar das buscas não encontramos periódicos nos seguintes países: Haiti, Honduras, Nicaragua, Panamá e República Dominicana. Realidade que reflete de certa forma, a configuração de como se deu o desenvolvimento educacional nesses países.

Ao adentrar no estudo sobre a imprensa pedagógica no Brasil a realidade não se torna tão diferente, uma vez que a imprensa foi o último país da América Latina a conhecer a tipografia em 1808. Para Silva (2014)

Não foi por um acaso que a tipografia, no Brasil, foi proibida por muito tempo. Pois esta liberação poderia ser um dos instrumentos para propagação do conhecimento, que por sua vez, acontecia pausadamente e para poucos. Nesse sentido, assim como tardou a imprensa, tardou o acesso ao conhecimento, sobretudo para as mulheres. O fato de a imprensa ser o meio pelo qual as notícias se difundiam, a proibição desta, poderia ser uma forma de manter o Brasil alienado da realidade de além-mar, sendo orientado, apenas pelas ideias e posicionamento da metrópole. A imprensa de caráter mais revolucionário representava, nesse sentido, uma ameaça para os detentores do poder⁵⁶¹.

O que de fato revela a falta de interesse de Portugal em tornar sua colônia com acesso informação e o que facilitou, por muito tempo, a exploração do povo brasileiro. No início o uso da imprensa era acanhado e apenas homens brancos tinham acesso. Apesar dessa realidade, no início do século XIX, alguns periódicos

⁵⁶⁰ BASTOS, Maria Helena. Impressos e Culturas escolar percursos da pesquisa sobre imprensa estudantil no Brasil. In. HERNANDES DÍAS, José María. La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015a, p.23.

⁵⁶¹ SILVA, Elizabeth Maria. *MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe. 2014, p. 95-95.

foram utilizados com fins pedagógicos. Nísia Floresta teve acesso a esse tipo de imprensa, ainda 1832, quando escrevia textos a fim de alertar as mulheres sobre as condições em que vivam e, principalmente, sobre a educação que lhes era negada.

Em relação aos estudos sobre a imprensa pedagógica no Brasil, podemos destacar Denice Bárbara Catani, professora da Universidade de São Paulo. De acordo essa autora os estudos sistemáticos sobre imprensa pedagógica foram tomando forças a partir do final da década XX. Essa realidade pode ser observada na produção dos trabalhos encontrados nos trabalhos organizados por Hernádes Díaz, na primeira de 2013, *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo* e *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*. Foram encontradas sete produções, enquanto que na segunda, *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*, 2015, foram encontrados 34 trabalhos.

No primeiro livro dos sete trabalhos encontrados, quatro utilizavam revistas diferenciadas como fonte de pesquisa. Três sobre temas diferenciados onde apenas um tratou sobre imprensa feminista, outra sobre proletariado e uma especificamente sobre imprensa pedagógica. Por regiões brasileiras o Nordeste vem em primeiro lugar com três trabalhos, Sudeste com dois e Centro-Oeste com apenas um trabalho. A região norte não houve representação.

Na segunda obra organizada, o Brasil teve representado com 34 trabalhos. Essa segunda do autor foi decomposta em 04 seções, assim distribuídas: La prensa de los escolares, La prensa de los colegiales, La prensa de los estudiandes e Outra prensa pedagógica. Dos 07 trabalhos da primeira seção, os temas abordados são diversos sobre a religião e educação, 03 trabalham com jornais, 02 analisam a questão da religião na infância, 01 analisa o ensino infantil, o último ensina a fazer o jornal escolar. Um outro também analisa a educação infantil. Aqui o Brasil é representado apenas por 2 regiões brasileiras a Sudeste com 2 trabalhos e a Sul com 5.

Na seção sobre La Prensa De Los Colegiales foram encontradas 05 investigações, onde há 04 pesquisas com jornais produzidos pelos estudantes e apenas uma discute a questão da educação das meninas no Brasil no século XIX

através de escritos de Nísia Floresta. Enquanto a representação das regiões, 02 pesquisas são região Sul, 02 da Centro-Oeste e 01 apesar de se referir à pesquisa no Brasil, é oriunda da Univesidad de Salamanca- ES. La Prensa De Los Estudiantes foi composta por 04 pesquisas realizadas a partir de periódicos produzidos pelos estudantes e para os estudantes. As regiões do Brasil representadas da seguinte forma: 03 do Sudeste (uma dessas pesquisas com autoria de 02 pesquisadores, um desses pertence à Universidade de Coimbra-Portugal) e 01 do Centro-Oeste do país.

Outra Prensa Pedagógica é seção que tem maior representação na obra de Herdández Días, 2015. Composta por 16 pesquisas que abordam da temática sobre profissão docente à questão indígena. Onde dos 16 trabalhos, 04 abordam a questão da profissão docente, 02 sobre método de ensino, 05 sobre a instrução pública, 01 sobre a educação do campo, 01 sobre educação especial e 01 sobre a questão indígena. Enquanto ao pertencimento regionais das (os) investigadoras (es) brasileiros a representatividade por cada região foi: 01 região Norte, 04 Nordeste, 06 Sudeste, 05 Sul e nenhuma representou a região Centro-Oeste do país.

Devido a magnitude em que essa investigação se apresenta sobre a imprensa pedagógica produzidas no Brasil do século XIX, buscou-se periódicos brasileiros desse século entre anos de 1800 a 1859. Esse recorte temporal foi determinado de acordo com a vivência de Nísia Floresta no Brasil. Foi estabelecido 10 anos antes do seu nascimento datado de 1810 e 10 anos após sua saída do Brasil a partir de 1849. Ou seja, de 1800 a 1859. A pesquisa foi realizada, na Hemeroteca Nacional Brasileira. Foram mapeados todos os periódicos dessa época em todos os Estados do Brasil totalizando 1.181 exemplares. Onde na Região Nordeste foram encontrados 421, na Norte 18, Centro Oeste 13, Sudeste 652 e na Sul 77. Foram estabelecidas três palavras chaves: Educação das Meninas, Educação das Mulheres e Direito das Mulheres.

Foi possível identificar que as palavras chaves escolhidas, Educação das Meninas, Educação das Mulheres e Direitos das Mulheres apareceram em situações diversas ou não apareceram de nenhuma maneira em alguns periódicos nos estados, por exemplo, na Região Nordeste: Alagoas, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte; na Região Norte: Acre, Rondônia, Roraima e Tocantins; na Região Centro-

Oeste: Brasília, Goiás, Mato Grosso do Sul; na Região Sul; Paraná e Santa Catarina.

As “Educação das Meninas, Educação das Mulheres” apareceram com mais frequência quando se tratavam da educação das meninas e mulheres objetivando as prendas domésticas, religião, agradarem o marido, bom comportamento e casamento. Já palavra “Direitos das Mulheres” foi apenas encontrada pela primeira vez em 1833 em Recife- Pernambuco, quando se referia a venda do livro de Nísia Floresta; Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens. E pela segunda vez no Rio de Janeiro a partir de 1835 também devido a venda dos livros de Nísia Floresta “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens e Opúsculo Humanitário” em 1854. O que comprova a importância de Nísia Floresta desde sua produção literária a participação em periódicos brasileiros.

Observamos, ainda, que a palavra feminismo, até 1859 não surgiu em nenhum dos periódicos. Notamos, além disso, que apesar de alguns jornais trazerem o nome feminino como, A voz das Amazonas⁵⁶² de 1827 do Estado do Pará, O brinco das Damas⁵⁶³ de 1849 de Pernambuco, ambos não trouxeram nenhuma palavra chave sobre o sexo feminino referente à sua educação ou direitos. Já o Estrela do Amazonas, Amazonas (1859) contém a palavra chaves “Educação das meninas”, contudo, se refere à educação interna. Foi possível também identificar outros periódicos com nomes femininos como, Mentor das Brasileiras (1829-130) e o Jornal das Senhoras (1858). Outra observação pertinente foi à identificação de periódicos com nomes referentes à educação, com semelhanças próprias da imprensa pedagógica. Como o caso do O Atheneo: Periódico Científico e literário dos estudantes da escola de medicina da Bahia de 1849 a 1850, O Lápis: Jornal Artístico, Literário e crítico do Estado do Ceará (1835-1839)⁵⁶⁴. Também nesse estado foi encontrado um periódico destinado aos trabalhadores, o Relatório dos trabalhadores do Conselho Literário da Bahia (1856). Além disso, foi possível encontrar periódicos sobre a questão religiosa como; O noticiador Cathólico (1854), e Revista Espírita (1858) em São Paulo.

⁵⁶² Ver anexo XV

⁵⁶³ Ver anexo XIII

⁵⁶⁴ Ver anexo XIV

O que revela a produção da imprensa pedagógica no Brasil a partir da primeira metade do século XIX. Sendo os achados desses periódicos de grande importância para a história da imprensa pedagógica no Brasil. Uma vez que até momento, apenas há registros que supõem, mas não afirmam que a imprensa pedagógica no país, havia começado a ser produzida no final do século XIX. O que sustenta também o ineditismo dessa investigação.

Enquanto a Imprensa feminista foi possível averiguar que a imprensa desde o início da história do feminismo era considerada como um importante meio de difusão de conhecimento. Através dessa imprensa as mulheres poderiam adquirir mais conhecimento e passarem estes conhecimentos a outras mulheres. Essa imprensa, que antes apenas uma pequena parte da sociedade tinha acesso; uma minoria masculina, branca e alfabetizada, com um tempo, as mulheres brancas e alfabetizadas passaram a se interessar por este meio de comunicação. Lendo e escrevendo em periódicos que, inicialmente, tratavam temáticas ligadas à maternidade, moda, comportamento e religião. Com um tempo os conteúdos mudaram e tomaram tons de denúncias e exigências de direitos como o acesso à educação. A imprensa com um tempo passou umas das principais ferramentas de luta das mulheres.

Nesse contexto, a imprensa feminista como gênero da imprensa pedagógica, e como aporte teórico e fonte dessa investigação foi pesquisada na Biblioteca do Nacional do Rio Janeiro. Alguns desses principais periódicos do século XIX foram: respectivamente, Espelho Diamantino, O Mentor das Brasileiras, Espelho das Brasileiras, A Mulher do Simplório, A mineira do Rio de Janeiro, A brasileira Patriota ou A Filha do Timandro e O Jornal das Senhoras.

Foram coletadas as primeiras páginas de cada um desses jornais e em seguida feita a descrição contendo informações como: título e subtítulo originais, lugar de edição, data de início, data de último exemplar, anos de publicações, total de números que existem, fundador, administrador, imprensa, colaboradores mais habituais, dimensão de páginas, quantidade de páginas do primeiro exemplar, formato em que está escrito, periodicidade, preço, assuntos abordados, localização e números de exemplares conservados.

Diante dessa análise, foi possível perceber que apesar desse despertar, a maioria dos jornais, não atendiam aos objetivos para o quais as mulheres começavam a lutar. Pois, eram controlados pelos homens em meio a uma sociedade política e culturalmente patriarcal. Mesmo diante dessa realidade, em alguns países, principalmente, europeus, mulheres passaram a editar e escrever em periódicos.

Quando nos referimos a Nísia Floresta, educação, imprensa pedagógica e feminista lembramos que para esta autora a escrita era uma forma de libertação, uma maneira de expor suas aversões ao sistema vigente de sua época. Nesse sentido, fez de seus escritos uma ruptura com regras convencionais, principalmente, sobre a questão da educação das meninas, “É, portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos [...]”⁵⁶⁵. Foi nessa perspectiva, que a autora seguiu toda sua trajetória intelectual e de militante.

É notável que os escritos dessa intelectual durante sua moradia em Pernambuco, o tempo em que esteve à frente do Collégio Augusto, sua escrita na imprensa carioca, e as questões que tratou em seus livros, nos conferem dados para entendermos que Nísia Floresta, ao fazer uso da imprensa convencional publicando escritos, com fins efetivamente pedagógicos, produziu e utilizou a imprensa pedagógica. Além disso, é preciso atentar que a forma de escrever dessa autora, sofreu grande mudança depois de sua vivência no continente europeu, o que foi possível ao observar a partir das análises de suas obras escritas nesse continente.

Destacamos, além de sua participação na imprensa com outras publicações, sua obra “Opúsculo Humanitário”, que foi uma coleção de 62 artigos pedagógicos publicados, no Diário Rio de Janeiro, anos antes de se tornar livro, em 1853. Nestes artigos, Floresta expunha toda sua ideologia pedagógica, e como é sabido, seu inconformismo ante o descaso do ensino brasileiro. Nessa direção, acenamos para mais um pioneirismo da educadora, a primeira intelectual brasileira a fazer uso da imprensa pedagógica. E transformá-la em ferramenta de luta e protesto.

⁵⁶⁵ Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto, 1989 b p. 130.

Nesse contexto, de acordo com nossas fontes documentais, em relação ao objetivo da imprensa pedagógica e seu uso sistemático, Nísia Floresta, já teria utilizado há décadas se comparada a outras escritoras de sua época. Assim, entendemos que a imprensa pedagógica empregada por Nísia Floresta, para os fins que objetivava na sua militância educacional e feminista, se tornou uma característica combativa da autora perante o governo imperial e o patriarcado.

8.1 Conclusão

Os achados encontrados durante a realização dessa pesquisa nos conduziram a descobertas fundamentais no que concerne ao estudo sobre imprensa pedagógica e feminista, assim como a Nísia Floresta, uma mulher que com sua singularidade, transmitiu ideários e ideologias contra o regime patriarcal em que vivia no século XIX. Uma mulher vários nomes, Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como, Nísia Floresta Brasileira Augusta, tomou ainda mais formas e se personificou diante de uma nova visão diante dos resultados dessa investigação.

Na construção dessa pesquisa foi possível encontrar fontes documentais que contribuíram para um novo arcabouço teórico, responsáveis por responderem o objetivo e parte das hipóteses iniciais levantadas. Não apenas sobre Nísia Floresta, mas sobre a imprensa feminista e pedagógica brasileira.

Os documentos encontrados e uma leitura mais fundamentada também revelaram algumas contradições diante dos posicionamentos da autora. Principalmente quando analisamos sua primeira obra “Direitos das Mulheres Injustiças dos homens” e comparamos com os seguintes. Apesar da autora, de certo, não abandonar sua defesa sobre a questão da mulher e o tratamento que a ela era dado pela sociedade. Foi possível perceber sua prática educativa ao ter contato com os documentos do seu colégio, apesar de serem restritas tais fontes, após 180 de existência da instituição. No entanto, as fontes também fruto de pesquisa anterior, sobre o colégio, apenas corroboram para afirmar que Nísia Floresta, revolucionou o ensino de sua época.

É de suma importância ressaltar o quadro teórico metodológico com que foi trabalhado nessa investigação. Os quais revelaram sua magnitude diante da construção e análise dos resultados encontrados durante ao processo de finalização

desse estudo. O método eleito nos conduziu a uma análise metódica, o que proporcionou o esgotamento dos conceitos com que nos deparamos inicialmente. O que permitiu encontrar em cada detalhe uma possibilidade de descoberta. É relevante também ressaltar o levantamento e apreciação do estado da arte construído no início dessa investigação, pois nos possibilitou um conhecimento mais geral da produção nacional sobre a temática dessa pesquisa. O que comprovou o seu ineditismo.

A análise documental também merece destaque, pois se apresentou forma singular desde coleta de dados a sua análise. O que nos levou a novos achados sobre a obra de Nísia Floresta, assim como sua participação na imprensa. Apesar de haver um estudo considerado sobre sua biografia, de autoria de Constância Lima Duarte, responsável por um dos primeiros estudos sobre Floresta.

Diante dessa realidade as chances de encontrar novas fontes se tornariam quase impraticável, não fosse a nossa persistência e as incansáveis buscas, o que nos fez ir além e encontrar informações singulares para nossa pesquisa, como uma das obras de Nísia Floresta escrita em 1848 e que dessa obra, segundo Duarte (1995) só se conhecia os registros em dicionários bibliográficos. Em concordância com essa autora, estudos mais recentes de Rosa (2012) e Neto e Lima (2013) não trazem informações sobre a existência dessa obra “Dedicação D’uma Amiga” vol. I e II, escrita por Floresta em 1848 e editada em 1850, dado como perdidos foram encontrados através dessa investigação. O que comprova a existência dessas obras.

Para além da caminhada de investigação repleta de revelações inesperadas, nos interessa, apontar para os achados da pesquisa, que de forma conclusiva necessitam ser expostos. Assim, retornando a pergunta inicial da nossa pesquisa, Como a imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, no século XIX, pode ter contribuído para a historização das mulheres brasileiras?

Entendemos que as contribuições da imprensa pedagógica e feminista utilizada e produzida por Nísia Floresta, se revelam em sua incansável luta, primeiramente pela ousadia em lançar o primeiro livro com teor feminista em defesa dos direitos das mulheres no Brasil, ainda na primeira metade do século XIX. Em segundo lugar sua participação na imprensa quando se utilizou desse meio de comunicação para fazer sua militância em prol dos direitos das mulheres e que,

decididamente, influenciou outras mulheres a escreverem em periódicos. Em terceiro ao fundar uma escola em plena capital do Império brasileiro quando, ainda a educação oferecida às meninas, era totalmente diferente a que era oferecida aos meninos. Nísia Floresta abriu o Colégio Augusto oferecendo disciplinas que eram superiores às que eram oferecidas nas escolas dos meninos. Com esse comportamento podemos dizer que Floresta propôs uma reforma no sistema educacional brasileiro há quase 200 anos.

Nísia Floresta deu início a um grande movimento brasileiro iniciando sua luta por direito a educação, posteriormente, outras mulheres passaram a lutar por outros direitos, como o direito ao voto, que no Brasil foi concedido, apenas em 1932. Floresta também tecia críticas a outros problemas referentes à mulher, por exemplo, acesso das mulheres aos cargos políticos quando defendia a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Afirmava que tais direitos deveriam se estender mulheres indígenas e as escravizadas, pertencentes às outras classes sociais e não se restringir às mulheres brancas da elite.

É imperativo afirmar que a potencialidade da produção intelectual de Nísia Floresta centra-se na questão emancipatória da mulher e na equidade de gênero, contudo, não dispensou questões estruturais e profissionais do sistema de ensino brasileiro. Sua proposta de ensino revelou que não condescendia com a proposta adotada pelo Estado, pois acreditava que a educação era a possibilidade de mudança da condição de submissão em que se encontravam as mulheres. O que, atualmente, pode justificar o avanço de diversas mulheres no espaço público. Hoje, as mulheres, é maioria no ensino básico e superior, mas a educação ainda continua sexista.

Sobre a imprensa pedagógica, Nísia Floresta, a utilizou para os fins que objetivava na sua militância educacional e feminista, o que se tornou uma característica combativa da autora perante o governo imperial e o patriarcado brasileiro. Acreditamos que ao publicar 62 artigos pedagógicos, no Diário Rio de Janeiro, em 1853, revelava sua ideologia pedagógica, além de sua participação em outros jornais e na sua própria escola, fato que concede a autora, mais pioneirismo, sendo uma das primeiras mulheres brasileiras a fazer uso da imprensa pedagógica e feminista. É preciso lembrar que nos achados dessa pesquisa ficou comprovando que

a expressão “Direito das mulheres” foi encontrados em periódicos brasileiros, 1833, por causa de Nísia Floresta, devido o seu livro “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens” e seus artigos publicados em jornais que mais tarde foram transformados em livro “Opúsculo Humanitário”. Fato também as nossas indagações primeiras, pois foi através da imprensa que Nísia Floresta, além das afirmativas citadas em parágrafos anteriores; propôs um novo modelo de ensino para as meninas. Isso feito através da imprensa. O que nos confere afirmar, diante de todas as fontes e discussões aqui apresentadas, que de fato, devido a todo seu engajamento e militância, seja na literatura ou na imprensa, Nísia Floresta, contribuiu decididamente para a historização das mulheres brasileiras.

Por fim, essa pesquisa não esgota possibilidades de outros possíveis estudos, discussões e problemáticas que de maneira inevitável, foram desvendadas a partir da trajetória percorrida a fim concluir essa tese doutoral. E de fato, é de conhecimentos de todos estudiosos que investigações possivelmente deixam lacunas, o que aponta para outros estudos que possam contribuir com novas pesquisas quer seja sobre essa educadora, quer sobre imprensa pedagógica ou feminista.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA. C. R. S, DAL MAS DIAS. E. T. (2009). *Nísia Floresta e o conhecimento como Fonte de Emancipação feminina*. In. Rhela. Vol, 13.
- ALMEIDA, J. R. P. (1989). *História da Instrução pública no Brasil (1500- 1889)*. Tradução Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC.
- AMARAL, A. L e M. A. G. (2005) Verbete Feminismo. In. Dicionário da crítica feminista. Porto. Afrontamento, 2005. AMARAL, Ana Luísa e MACEDO, Ana Gabriela (Org.), Porto. Afrontamento.
- AGÊNCIA P. G. (Cultura e raízes da violência contra as mulheres. <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/>>. Acessado em 12-04-18.
- ARCCORSI. S. (2010). *Nísia Floresta, trasgresion y rebeldia em el siglo XIX*. In. Revista Poligrama. 33.
- ARAÚJO. R. M. B. C. (2010). *Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas*. In. Revista Água Viva Revista de Estudos Literários.
- AUGUSTA. B. (2009). *O pranto Filial*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- AUGUSTA.B. (2009). *Páginas de Uma Vida Obscura*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- AUGUSTA.B. (2009). *Passeio ao aqueduto carioca*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- AUGUSTA .N. B. (2009). *Fany ou o modelo das donzelas*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- AUGUSTA. N. F. B (2009). *Discurso que às suas educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- AUGUSTA. N. F. B (2009). *Máximas e Pensamentos – a minha filha*. In. *Inéditos e dispersos*. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- BARBOSA, P. C. (2006). *Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo: almanaque histórico*. Brasília: Mercado Cultural.
- BASTOS, M. H. C. (2002). *As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul 1951-1952*. In: CATANI, Denice; Bastos, Maria Helena (Org.). *Educação em Revista : A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras.
- BASTOS, M. H. C. (2012). *A imprensa de Educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França*. In. *Revista Brasileira de Educação*. Vol. 12. N. 34- Rio de Janeiro- 2007.p. 166-168.

- BASTOS, M. H. C. (2012). *Da educação das meninas por Fénelon (1852)*. In. *História da Educação*, Vol. 16, Nº 36. Jan/abril. 2012, p.147-148.
- BASTOS, M. H. C. (2011). *O Ensino Monitorial/Mútuo no Brasil (1827-1854)*. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. II- Século XIX. -4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BASTOS, M. H. C. (2015a). *Impressos e Culturas escolar percursos das pesquisa sobre imprensa estudantil no Brasil*. In. HERNANDES DÍAS. José María. *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015a, p.21-43.
- BRASIL. (2005). Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Livreto-Maria-da-Penha-2-WEB-2015-1.pdf>. Acessado em 12-04-18.
- BLAY, Eva. (1989a). *Duas mulheres, dois mundos, um só preconceito*. In. Floresta, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez.
- BOGDAN, R.C, e BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOWEN, James. (1985). *História de la Educación Ocicindetal* Tomo I. El mundo antigo. 2000 a.c. – 1054.d.c. Oriente próximo y Mediterráneo.
- BUTLER. Judith. (199). “FEMINISMO(S) CONTEMPORÂNEO(S)” In.cadernos pagu (11) 1998, p.11-42. Fundamentos Contingentes: O Feminismo E A Questão do “Pós-Modernismo. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/8634457-3420-1-SM.pdf>. Acesso em: 13 de março de 2018.
- CÂMARA, Adauto. (1941). *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores.
- CATANI, D. B. (2013). *A imprensa Periódica Pedagógica e a História dos Estudos Educacionais no Brasil*. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- CELLARD, André (2008). *A análise Documental*. In. *A Pesquisa Qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos/ Tradução de Ana Cristina Nasser*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CHECA GODOY, A. (2002). *História de la Prensa Pedagógica en España*. Ed. Universidad de Sevilla Secretariados de Publicaciones.
- COMTE, A. (2002). *Cartas a Nísia Floresta*. In. Duarte, Constância Lima (Org.). *Cartas*

- Nísia Floresta e Auguste Comte. Tradução de Miguel Lemos & Paula Berinson. Editora Mulheres, EDINISC.
- CORBATTA, Jorgelina. (2002). *Feminismo y Escritura Femenina en Latinoamérica*. Buenos Aires. Corregidor.
- COSTA. C.L.(2004). *GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA*. Estudos Feministas, Florianópolis, 12-janeiro-abril/2004, p.13-14. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21690.pdf>. Acessado em 10 de abril de 2018.
- DUARTE. C. L. (2008). *As Viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424 setembro-dezembro/2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>> . Acesso em 07/03/13.
- DUARTE. C. L. (2009). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- DUARTE. C. L. (2001). *Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação?* In: Revista O eixo e a Roda- 2001. Vol. 7-p. 153-161. Belo Horizonte, 2001. Disponível em <search.scielo.org/index.php>. Acesso em: 07/03/13.
- DUARTE. C. L. (2005). *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- DUARTE, L.C. (1995). *Nísia Floresta: Vida e Obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária.
- DUARTE. C. L. (2010). *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana.
- DUARTE. C. L. (2005). *Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 13 (1): 179-199 janeiro-abril/2005.
- DUARTE. C. L. (2006). *Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo: fotobiografia*. Brasília Mercado Cultural.
- FARRELL, A. E. (2004) *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. São Paulo: Editora Barracuda.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes, e fantasias. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. (Orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 2º ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p.39.
- FERREIRA. N. S. A. (2002) *As pesquisas denominadas "Estado da Arte"*. In. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, Agosto.
- FLORESTA, N. (1997). *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A.

- Vartulli. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres.
- FLORESTA, N. (1858). *Consigli a Mia Figlia*. Firenze: Stamperia Sulle Logge Del Grano, 1858.
- FLORESTA, N. (2009). *Máximas e Pensamentos*. In. Inéditos e dispersos. DUARTE. Constância Lima. Natal, RN: EDUFRN: NCCEN.
- FLORESTA, N. (1850). *Dedicação D'uma amiga*. Typ. Fluminense de Lopes & C. ^a. Largo Municipal n 2.
- FLORESTA, N. (1989a). *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4^a. Edição. São Paulo: Cortez.
- FLORESTA, N. (2001). *Fragmentos de Uma Obra Inédita*. 2^a. Edição. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. – Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- FLORESTA, N. (1982). *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. de Francisco das Chagas Pereira. Natal, UFRN, Ed. Universitária.
- FLORESTA, N. (1989b). *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto.
- FLORESTA, N. (1998). *Três anos na Itália Seguidos de Uma Viagem à Grécia*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal, EDUFRN, 1998. v. I.
- FREHSE, Fraya. (1997). *Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. In: REVISTA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo, USP, 1997, V. 40 nº 2. Ed. Hucitec, 1996, 212 pp. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em 05/03/13.
- GADOTTI, Moacir. (2008). *História das Ideias Pedagógicas*. – 8^a Ed. - São Paulo: Ática.
- GONSALVES, E. P. (2007). *Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- GUERRA, I.C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Principia.
- HAHNER, J. E. (2003). *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliana Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. (2013). *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.

- HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. (2015a). *La Prensa de los Estudiantes su Contribución al Patrimônio Histórico Educativo*. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. (2015b). *Prensa Pedagógica em Castilla y León 1793-1936*. Repertorio Analítico. Hergar Ediciones Antema.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, J.M. & HERNÁNDEZ HUERTA, J. L. (2010). Cuadernos escolares y técnicas Freinet en España durante la guerra civil (1936-1939). En J. Meda, D. Montino, & S. R. (edits.), *School exercise books. A complex source for a History of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries* (págs. 769-792). Macerata: Edizioni Polistampa.
- HERNÁNDEZ HUERTA, J.. & Sánchez, L. B. (2009). La Influencia de Celestin Freinet en España durante la década de 1930. Fuentes, bibliografía, líneas de investigación. *Papeles Salmantinos de Educación* (Núm. 13), 121-167.
- IANNI, Octávio. (2004). *Pensamento Social no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC.
- IPEA. (2017). *Atlas da Violência 2017 Ipea e FBSP*. <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8623-170602atlasdaviolencia2017.pdf>. Acessado em 12-04-18.
- LAGE, Allene. (2012). A Educação na História de Pernambuco. Pesquisa de estágio pós-doutoral. Universidade Federal de Rio Grande do Sul.
- LAGE, Allene. (2009). *Orientação epistemológica para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais*. In: *Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo*. João Pessoa: UFPB, 2009.
- LAGE, Allene. (2013). *Dez anos de produção científica no GT 03 do EPENN: trajetórias e tendências do conhecimento sobre movimentos sociais, sujeitos e processos educativos*. In. *Anais do EPENN. Trabalhos completos*. Edição atual nº XXI, 2013. Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2013.
- LAVILLE, Chistian, DIONNE, Jean. (1999). *A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG.
- LAKATOS, Eva M., MARCONI, M, A. (2006). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- LEVA. J. U. (2012). *Pluralismo no Brasil do século XIX*. In. *Revista de Cultura Teológica* - v. 20 - n. 77 - JAN/MAR 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14537/10584>. Acesso em: 25 de julho de 2017.

- LIMA, A., R. S. (2017). *Educação Para Mulheres na América Latina: Uma Análise Decolonial dos Escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper*. In. Anais da 38ª Reunião Nacional da ANPERD- 01 a 005 de outubro de 2017- UFMA- São Luis/ MA.
- LIRA, M. H. C. (2009). *Histórias e Memórias da Educação em Pernambuco*. Org. Edilson Fernandes de Souza. – Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- LOURO, G. L. (2008). *Gênero, sexualidade e educação. : uma perspectiva pós-estruturalista*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LOURO, G. L. (2008). FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Organizadoras). *Corpo, Gênero e Sexualidade- 4ª Ed.* –Petrópolis, RJ: Vozes.
- KOSTER, Henry. (1942). *Viagens ao Nordeste do Brasil “Travels in Brazil”*. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MAIA. L.S. (2014) *Viajantes de Saia: escritoras e idéias antiescravistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX)*”. In. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 34, nº 61-81-.
- MORAES, D. Z. (2013). *A Modernidade Pedagógica no Discurso Médico do Século XIX no Brasil: uma análise da Revista Gazeta da Bahia (1866-1920)*. In HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.): Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- MUZART. Z. L. (2003). *UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX*. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.p. 228.
- PALLARES-BURQUE, M.L.Garcia. (1996). *NÍSIA FLORESTA, O CARAPUCEIRO e outros ensaios de tradução cultural*. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.
- PIMENTEL, A. (2001). *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. In. Cadernos de Pesquisa; n. 114, p. 179-175, novembro.
- PINTO, Céli R. J. (2010). *FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER*. In. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun.
- PINTO. Celi. R. J. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- ROMANELLI, Otaíza. O. (2005). *História da Educação no Brasil*. 29ª edição. Vozes: Petrópolis- Rio de Janeiro.
- ROSA, G. R. (2012). *Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação Nisiana*. Tese de doutorado, Universidade Vale dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação. São Leopoldo, RS.

- ROSA, G. R. (2006). *Pensando o feminismo de Nísia Floresta: Contribuições de uma filósofa e educadora pouco conhecida: Uma história para ser contada*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX. ST 40. Florianópolis.
- ROUSSEAU, J.J. (2004). *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RIBEIRO, J. J. (1991). *O que é positivismo*. 10ª Ed. - São Paulo: Brasiliense.
- RIDENTI, S. & VIANNA, C. (1998). *Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito*. In: AQUINO, Júlio Groppa. (org.) Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas de práticas. São Paulo: SUMMUS, 1998. . pp. 93-105.
- SANTOS, Boaventura.S. (1983). *Os conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Skylab”*. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59. Coimbra: CES.
- SAVIANI, Dermeval. (2011). *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 3ª Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011. – (Coleção memória da educação).
- SILVA, E. M, LAGE, Allene. (2013). *A imprensa Pedagógica e o Feminismo no Século XIX: Nísia Floresta e a Educação das Mulheres no Brasil*. In HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.): Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo. Ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- SILVA, E. M (2014) *.MULHERES, EMANCIAPAI-VOS! Um estudo sobre o Pensamento Pedagógico Feminista de Nísia Floresta*. Dissertação de Mestrado (Educação Contemporânea). UFPE. Caruaru-Pe.
- SUÁREZ NAVA, L. AÍDA Hernández (2008). (Eds.) *Descolonizando el Feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes*. Cátedra- Universitat de València- Instituto de la Mujer, Madrid. 2008.
- SHARPE-VALADARES. (1989b). *Introdução e notas*. In. Nísia Floresta, Opúsculo Humanitário. São Paulo: Cortez; [Natal, RN]; Fundação José Augusto.
- SOIHET. R. (2005). *Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania*. In. Revista de Estudos Feministas.Vol. 13 n. 1 Florianópolis. Jan./Apr.
- TRIVIÑOS, A. S. (2010). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação: positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo*. São Paulo: Atlas.
- VASCONCELOS. M, PERIOTTO. M. R. (2017). *Imagens e Representações da Mulher no Jornal Pernambucano Espelho das Brasileiras (1831)*. In.

Anais Eletrônico do IX Congresso Brasileiro da Educação – Joao Pessoa.

WOITOWICZ. K. J. (2012). *Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência*. In. REVISTA AÇÃO MIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura Universidade Federal do Paraná Programa de Pós Graduação em Comunicação Vol 2. Nº 1. Ano 2012, p. 05.

APÊNDICE

APÊNDICE I- Quadro: Cronologia de Nísia Floresta

IDADE	ANO	LOCAL	EPISÓDIO
	1810	Sítio Papary- Rio Grande do Norte/ Nordeste do Brasil	Nascimento
07 Anos	1817	Goiana- Pernambuco/ Brasil	Muda-se para Goiana/Lugar muito prospero da Província de Pernambuco. Acompanha a revolta de 1817
13 Anos	1823	Papary- Rio Grande do Norte/ Brasil	Casa-se pela primeira vez com Manuel Alexandre Seabra de Melo- De uma família muito rica de Rio Grande do Norte, mas logo após se separa.
14 Anos	1824	Goiana-Pernambuco/ Brasil	Presencia a revolta de 1824
18 Anos	1828	A caminho de Olinda- Pernambuco/ Brasil	Seu pai é assassinado
18 Anos	1824	Olinda-Pernambuco/ Brasil	Conhece seu segundo e último companheiro. Manuel Augusto de Faria Rocha, natural de Goiana- PE.
20 Anos	1830	Olinda-Pernambuco/ Brasil	Nasce sua primeira filha- Lívia Augusta de Faria Rocha.
21 Anos	1831	Recife- Pernambuco/ Brasil	Inicia sua produção jornalística, no periódico "Espelho das Brasileiras".
22 Anos	1832	Recife- Pernambuco/ Brasil	Publica sua primeira obra- Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens uma tradução livre, segundo a autora de <i>Vindication of the rights of woman</i> , da feminista inglesa, Mary Wollstonecraft.
22 Anos	1832	Porto Alegre-Rio Grande do Sul/ Brasil	Muda-se com a família para Rio Grande do Sul e presencia a Revolta da Farroupilhas.
23 Anos	1833	Porto Alegre-Rio Grande do Sul/ Brasil	Nasce Augusto Américo de Faria Rocha.
23 Anos	1833	Porto Alegre-Rio Grande do Sul/ Brasil	Morre seu companheiro Manuel Augusto de Faria Rocha aos vinte e cinco anos de idade, em 29 de agosto.
23 Anos	1833	Porto Alegre-Rio Grande do Sul/ Brasil	Segundo alguns biógrafos da autora nessa capital Nísia Floresta inaugurou seu primeiro colégio, no entanto, nenhum documento comprobatório foi encontrado sobre este acontecimento. Nesse sentido, o que podemos afirmar é que Nísia Floresta durante o tempo em que viveu em Porto Alegre ensinou em sua própria casa.
23 anos	1833	Porto Alegre-Rio Grande do Sul/ Brasil	É lançada a 2ª Edição de Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens.
27 Anos	1838	Rio de Janeiro- Brasil	Inaugura o Collegio Augusto na capital do Império, em fevereiro de 1838.
28 Anos	1839	Rio de Janeiro- Brasil	É lançada a 3ª Edição de "Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens".
32 Anos	1842	Rio de Janeiro- Brasil	É lançado o seu livro que viria se tornar o mais editado, e adotado pelas escolas de Piemont, na Itália, Conselhos à Minha Filha, dedicado a sua filha Lívia Faria, assinado com pseudônimo de F. Augusta Brasileira.
35 Anos	1845	Rio de Janeiro- Brasil	É lançada a segunda edição de "Conselhos a Minha Filha".

37 Anos	1847	Rio de Janeiro-Brasil	São lançadas suas publicações oferecidas às alunas do Collegio Augusto: Daciz ou A jovem Completa, Fany ou O modelo das Donzelas e o Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta.
39 Anos	1849	Rio de Janeiro-Brasil	1ª Edição da obra A lágrima de Um Caeté tendo mais uma edição ainda neste mesmo ano.
39 Anos	1849	Rio de Janeiro-Brasil	Nísia Floresta faz sua 1ª viagem à Europa na companhia de seus dois filhos Lívia de Faria e Augusto Américo. Tendo como primeiro endereço Rue d'Enferm, número 11.
40 Anos	1850	Rio de Janeiro-Brasil	Apesar de está residindo na França é lançado no Brasil, seu romance indianista "Dedicação d'Uma Amiga" com o pseudônimo de B.A. (Obra dada como perdida e que foi encontrada por nós).
41 Anos	1851	Paris- França	Tem seu primeiro contato com Auguste Comte. Assiste a palestras ministradas por este filósofo, no Auditório do Palis Cardinal, onde acontecia o Curso de História Geral da Humanidade.
41 Anos	1851	Portugal	Visita Portugal e permanece nesse país durante seis meses.
42 Anos	1852	Rio de Janeiro- Brasil	Após três anos na Europa, Nísia Floresta, retorna ao Brasil e tem sua chegada anunciada no Jornal das Senhoras.
43 Anos	1853	Rio de Janeiro- Brasil	Vem à luz sua obra considerada por nos como marco da História da Educação das Mulheres no Brasil, Opúsculo Humanitário, composto por 62 artigos publicados anteriormente nos jornais cariocas.
45 Anos	1855	Rio de Janeiro- Brasil	Algumas de suas participações jornalísticas vêm a publico, "Um improviso – na manhã do 1º do corrente, ao distinto literato e grande poeta, António Feliciano de Castilho", "Páginas de Uma Vida Obscura" e "Passeio ao Aqueduto da Carioca".
45 Anos	1855	Rio de Janeiro-Brasil	Morre sua mãe, Antônia Clara Freire, em 25 de agosto.
46 Anos	1856	Rio de Janeiro-Brasil	Nísia Floresta publica uma crônica no Jornal O Brasil Ilustrado, em homenagem à sua "O pranto Filial".
46 Anos	1856	Alemanha	Nísia Floresta faz sua segunda viagem à Europa na companhia de sua filha Lívia de Faria.
46 Anos	1856	Alemanha	Nísia Floresta troca cartas com Auguste Comte totalizando um total de 13 cartas.
47 Anos	1857	França	Morre Auguste Comte e Nísia Floresta é uma das quatro mulheres a acompanhar o funeral do filósofo no Cemitério Père Lachaise.
47	1857	França	Sai a publicação de <i>Itinéraire d'um</i>

Anos			<i>Voyage em Allemagne</i> , livro escrito em forma de cartas para seus filhos e ao seu irmão. Onde a autora revela impressões das cidades alemãs.
48 Anos	1858	Itália	Primeira edição italiana de <i>Consigli a mia figlia</i> .
48 Anos	1858	Itália	Nísia Floresta realiza uma grande viagem pelo país italiano e conhece: Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, Torino, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Mombasilio e Mandovi.
49 Anos	1859	Itália	Tem sua obra <i>Consigli a mia figlia</i> , editada pela segunda vez. O bispo de Mandovi adota a obra para leituras nas escolas italianas.
49 Anos	1859	Florença-Itália	Floresta publica mais duas obras <i>Conseils á ma fille</i> , edição francesa e <i>Scintille d' un' anima brasiliana</i> reunindo cinco artigos: <i>Il Brasile</i> , <i>L'Abisso sotto i Fiori della civiltá</i> , <i>La Donna</i> , <i>Viaggio magnético</i> e <i>Uma passegiata AL giardino di Lussemburgo</i> .
49 Anos	1859	Grécia	Nísia Floresta conhece Eleusis, Esparta, Atenas e Argos.
49 Anos	1859	Sicília	Sicilia, Palermo, Siracusa, Catânia e Messina.
50 Anos	1860	Florença- Itália	Nísia Floresta frequenta cursos de Botânica ministrados por Dr. Parlatore.
51 Anos	1861	Paris-França	Após três anos ausente dessa cidade Nísia Floresta volta a residir nessa cidade.
54 Anos	1864	Paris-França	Sai a primeira publicação de <i>Trois ans em Italie, suivis d'um voyage em Grèce</i> .
57 Anos	1867	Londres-Inglaterra	Nísia Floresta publica a tradução inglesa de <i>Woman</i> , ensaio pertencente a obra <i>Scintille d' um' anima brasiliana</i> . Segundo Constância Lima Duarte neste ano também teria sido publicado <i>Parsis</i> , obra hoje desaparecida.
61 Anos	1871	Paris-França	É publicada <i>Le Brésil</i> , assinado com Mme. Brasileira Augusta e traduzido por Lívia Augusta de Faria, viúva após quatro meses de casada.
61 Anos	1871	Londres-Inglaterra	Nísia Floresta visita novamente Londres.
61 Anos	1871	Lisboa-Portugal	Floresta embarca para o Rio de Janeiro e deixando sua filha em Lisboa.
61 Anos	1872	Paris- França	É editada a segunda edição de <i>Trois ans em Italie, suivis d'um Voyage em Grèce</i> .
61 Anos	1872	New York	A revista <i>O Novo Mundo</i> , de J.C Rodrigues publica, em 23 de maio, uma grande matéria biográfica sobre a autora.
61 Anos	1872	Rio de Janeiro-Brasil	Após 16 anos no continente europeu Floresta retorna ao Brasil em 31 de maio.
65 Anos	1875	Londres-Inglaterra	Primeiro destino logo após retornar do Brasil, lugar onde sua filha se

			encontrava. Morre seu irmão Joaquim Pinto Brasil, acontecimento que deixa Floresta muito abatida.
65 Anos	1875	Lisboa-Portugal	Um dos seus destinos após Londres.
68 Anos	1878	Paris-França	Publicação do último trabalho da autora <i>Fragments d'un ouvrage inédit- Notes biographiques</i> , assinado pelo pseudônimo de Mme. Brasileira Augusta.
68 Anos	1878	Rouen, interior da França.	Lugar onde a autora passa a residir. Alguns anos depois transfere-se para Bonsecours, também na França.
75 Anos	1885	Bonsecours- França	Nísia Floresta morre vítima de uma pneumonia, sendo enterrada no Cemitério de Bonsecours.

Fonte: Elaborada por Silva, Elizabeth M, 2018.

APÊNDICE II- Sugestões e ensinamentos sobre educar crianças feministas

Quadro: Sugestões e ensinamentos sobre educar crianças feministas

SUGESTOES	ENSINAMENTOS
PRIMEIRA	<ul style="list-style-type: none"> - Seja uma pessoa forte; -A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas pela maternidade; -Seja uma pessoa completa; - O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero (...).
SEGUNDA	<ul style="list-style-type: none"> -Deixe de lado seu senso socialmente condicionado de dever; -Dividam igualmente a criação; - Abandone a linguagem de ajuda.
TERCEIRA	<ul style="list-style-type: none"> - Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos; - Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina”; - Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina; -Questionar a idéia do casamento como um prêmio para as mulheres (...); -Compre-lhe brinquedos como blocos e trenzinhos — e bonecas também, se você quiser;
QUARTA	<ul style="list-style-type: none"> - Cuidado com o perigo daquilo que chamo de Feminismo Leve. - O marido não é um diretor de escola. A esposa não é uma colegial;
QUINTA	<ul style="list-style-type: none"> -Ensine Chizalum a ler; -Ensine-lhe o gosto pelos livros; - Se nada mais der certo, pague-a para ler. Dê uma recompensa.
SEXTA	<ul style="list-style-type: none"> - Ensine Chizalum a questionar a linguagem; -Ensine-lhe que, se você critica X nas mulheres e não critica X nos homens, então você não tem problemas com X, mas com as mulheres; -Diga a Chizalum que as mulheres, na verdade, não precisam ser defendidas e reverenciadas; só precisam ser tratadas como seres humanos iguais.
SÉTIMA	<ul style="list-style-type: none"> - Nunca fale do casamento como uma realização; -Encontre formas de deixar claro que o matrimônio não é uma realização nem algo a que ela deva aspirar;
OITAVA	<ul style="list-style-type: none"> - Ensine Chizalum a não se preocupar em agradar; - Incentive-a a expor suas opiniões, a dizer o que realmente sente, a falar com sinceridade; - Ensine-a a defender o que é seu; -Diga-lhe para falar, para se manifestar, para gritar sempre que se sentir incomodada com alguma coisa.
NONA	<ul style="list-style-type: none"> -Dê a Chizalum um senso de identidade. É importante. Esteja atenta a isso; - Esteja atenta também em lhe mostrar a constante beleza e capacidade de resistência dos africanos e dos negros; -Ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora negra; -Encontre heróis e heroínas negros na história. Existem;
	<ul style="list-style-type: none"> -Incentive-a a praticar esportes;

DÉCIMA	<ul style="list-style-type: none"> - Se ela gostar de maquiagem, deixe-a se maquiar. Se ela gostar de roupas da moda, deixe-a usar. Mas, se não gostar, deixe também; -Não pense que criá-la como feminista significa obrigá-la a rejeitar a feminilidade; - Tente não associar cabelo e dor; - Cerque-a com muitas tias, mulheres com qualidades que você gostaria que ela admirasse.
DÉCIMA PRIMEIRA	<ul style="list-style-type: none"> - Ensine-a a questionar o uso seletivo da biologia como “razão” para normas sociais em nossa cultura; -Ensine a Chizalum que a biologia é um assunto interessante e fascinante, mas que nunca a aceite como justificativa para qualquer norma social.
DÉCIMA SEGUNDA	<ul style="list-style-type: none"> - Converse com ela sobre sexo, e desde cedo; -Não finja que o sexo é uma mera ação reprodutiva controlada. Ou uma ação “apenas no casamento”, pois isso é mentira; -Diga-lhe que o corpo dela pertence a ela e somente a ela, e que nunca deve sentir a necessidade de dizer “sim” a algo que não quer (...); - Ensine-lhe que dizer “não” quando sentir que é o certo é motivo de orgulho; - Ensine Chizalum a rejeitar a associação entre vergonha e biologia feminina.
DÉCIMA TERCEIRA	<ul style="list-style-type: none"> - Assegure-se de que ficará a par dos romances na vida dela; - Ensine a ela que amar não é só dar, mas também pegar; -Ensine-lhe que, para amar, ela precisa se entregar emocionalmente, mas que também deve esperar receber.
DÉCIMA QUARTA	<ul style="list-style-type: none"> - Ao lhe ensinar sobre opressão, tenha o cuidado de não converter os oprimidos em santos.
DÉCIMA QUINTA	<ul style="list-style-type: none"> - Ensine-lhe sobre a diferença; -Ensine-lhe que seus critérios valem apenas para ela e não para as outras pessoas; -Diga-lhe que algumas pessoas são homossexuais e outras não. Uma criança tem dois pais ou duas mães porque é assim que algumas pessoas fazem; -Diga-lhe que algumas pessoas vão à mesquita, outras à igreja, outras a outros locais de culto e outras ainda não frequentam culto nenhum (...).

Fonte: Elabora por Silva, Elizabeth M, a partir de Ngozi Adichie (2017)

APÊNDICE III- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época

Quadro - Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época

	MATÉRIAS OFERECIDAS	MÉTODO ADOTADO	CONDIÇÕES DE ENSINO	TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO COLÉGIO
Collegio Augusto	Português, latim, francês, italiano e inglês, caligrafia, religião cristã, Educação Física, aritmética, história antiga, moderna e universal, geografia, música, piano e desenho, cosmografia, aritmética, poesia e trabalhos de agulha.	-Método Direto no ensino de idiomas; -Sobre o método do ensino em geral os documentos não deixaram evidente qual seria, contudo, numa análise mais precisa sinaliza para o método mútuo.	-Internas 20\$000, semi-internas 10\$000 e externas 4\$000. -Bolsa de estudo integral.	“A diretora, que há a 4 annos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o responsável público com promessas de zelo, assiduidade, applicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a occasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a horarem com a sua confiança, pelos prompts progressos de suas filhas” (Jornal do Commércio, 1838).
Collegio de Educação de Meninas no Campo de São Christóvão, 39	Gramática Nacional, Ortografia, Geografia, francês, costura, coser, marcar, bordar, cortar e fazer vestidos.	Não informado	Não informado	“Dirigido por Antônio das Silva Reis Brandão e sua senhora, continua-se receber pensionistas, meias pensionistas e discípulas externas para lições geraes [...] as lições muito ao de aproveitar as meninas por encontrarem por encontrarem uma diretora que aptidão e conhecimento necessário para as dirigir no estudo das referidas matérias” (Jornal do Commércio, 1838).
Collegio de Meninas da Rua São João de Imperial, 38.	Trabalhos de agulha, francês, inglês, português, geografia, aritmética, desenho, dança e música.	Não informado	Não informado	“[...] os illustres pais de família uma mãe carinhosa para suas filhas, uma professora desvelada no seu adiantamento e bem-estar [...]” (Jornal do Commércio, 1846).
Collegio de Meninas da Rua Matacavallos, 22.	Leitura, escrita, francês, português, aritmética, gramática, história universal, geografia antiga e moderna, cosmografia,	Não informado	Não informado	“A nova diretora deste estabelecimento conhece por uma longa experiência todas as obrigações que lhe impedem os deveres de professora. Considerando suas alumnas como suas próprias filhas, prodigalisa-lhes todos os cuidados maternas, e lhes ensina ella mesma a maior parte

	mitologia, elementos de física, história natural, retórica, literatura e toda espécie de trabalho de agulha.			das cousas que as meninas devem aprender” (Jornal do Commercio, 1846).
Collégio de Educação de Meninas em Botafogo, 40.	Leitura, escrita, contar, francês, português e alemão, assim como astronomia, botânica, história antiga e moderna, geografia, religião, costura e bordado. As matérias de dança, música, desenho, canto e italiano.	Não informado	Não informado	“Sendo a educação a base principal da felicidade humana, occupa os primeiros cuidados dos directores deste colégio, que, incansáveis” (Almanaque do Rio de Janeiro, 1848).
Collégio de Meninas de São Christovão	Leitura, escrita, contar, francês, inglês, português, bordado, costura, história, geografia, aritmética, geometria e princípios de física.	Não informado	Pensionistas 24\$000, meio-pensionistas 15\$000, e externas 10\$000. Além de música, canto, dança e desenho cada uma no custo de 8\$800 a 6\$400 acrescidos no valor da mensalidade.	“Os Directores deste estabelecimento são incansáveis pelos progressos se suas discípulas, esmerado-se em instruí-las em todos os objetos uteis ao physico e moral; como na doutrina christãa” (Almanaque do Rio de Janeiro, 1848).
Collegio de Santa Cecília	Leitura, escrever, contar, máxima da religião cristã, princípios da civilidade, gramática da língua portuguesa, caligrafia, aritmética, geometria e geografia, além dos idiomas francês e inglês, piano, canto, dança e desenho.	Não informado	Pensionistas internas 20\$000rs, meio-pensionistas pagavam 10\$000rs, externas 4\$000rs. O ensino de inglês, francês, desenho, dança e piano seria pago à parte pelo valor de 6\$000 rs por cada matéria	“A diretora deste collegio, estabelecido há mais de 3 annos, nenhum esforço, por mais penoso que seja, tem deixado de fazer para conseguir o adiantamento de suas discípulas, e é por esta razão que tem alcançado louvores das pessoas que frequentemente visitam seu estabelecimento” (Programa do Collegio de Santa Cecília, 1852).

			na mensalidade das alunas.	
Collegio Portuguez e Francez	Leitura, escrita, língua portuguesa, francês, aritmética, gramática, geografia, história e religião, além de toda espécie de trabalhos de agulha e tapeçaria.	Não informado	A condição de ensino de 20\$000rs para as pensionistas e de 12\$000rs para as meio-pensionistas.	“A directora emprega todos os desvelos e cuidados para a boa educação das suas alunas, considerando-as como suas próprias filhas; pelo que espera merecer a estima e proteção dos pais de família, que lhe quiserem confiar suas filhas” (Programa do Collegio Portuguez e Francez, 1852).
Collegio Flor de Maio	Leitura, escrever, contar, gramática, doutrina cristã, noções de geografia, história sagrada e profana, além de francês, piano, desenho trabalhos de agulha como marcar, bordar, fazer vestidos e camisas.	Misto/ Ensino mútuo.	A mensalidade seria de 30\$000rs para pensionistas, para meio-pensionistas 16\$000, externas 6\$000, caso optassem pelo ensino de idioma, música e desenho e trabalhos de agulha seria acrescido na mensalidade o valor de 8\$000rs.	“Este estabelecimento offerece grande vantagem, proporcionando uma solida educação intellectual e moral sem exageração nem hypocrezia, ensinando-se só aquilo que uma senhora deve e pode aprender bem, e é indispensável a uma boa mai de família” (Programa do Collegio Flor de Maio, 1872).

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014.

APÊNDICE IV-Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homen

Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens 1ª Edição: Recife de 1832, 2ª edição em 1833, em Porto Alegre e 3ª edição em 1839 no Rio de Janeiro.

AUTORES	CARACTERÍSTICAS	CITAÇÃO NO LIVRO
Marco Pórcio Catão (95-46 a.).	Filósofo estoico, conservador inflexível, que considerava os princípios mais importantes que os compromissos.	“Mas parece que temos sido condenadas por um juiz de sua própria escolha, um velho delirante, muito aferrado a seu próprio pensar para se deixar arrastar pelo de sua mulher. Catão, o sábio, Catão, a quem a idade e os prejuízos não fizeram mais que obstinar no erro [...]” (FLORESTA, 1989a, p. 57).
René Du Perron Descartes (1596-1650).	Considerado o pai da Filosofia Moderna, enfatizava a razão como o principal instrumento de investigação.	“Nossos Sectários de Descartes não se envergonhavam de ter nele uma confiança religiosa, e crer que toda criação animal não é outra coisa que espécie diferentes de autômatos, ou monstros, que seu mestre tinha soberba sabedoria para não acreditar no seu próprio sistema, imaginando-o só para se divertir e embair os ignorantes” (FLORESTA, 1989a, p.27).
Potlos (?)	Filósofo	“Potlos supõe que o homens- quer sábios, quer ignorantes- sejam realmente superiores às mulheres e que a dependência em que nos conservam é o verdadeiro estado para que a natureza nos destinou [...]” (FLORESTA, 1989a, p. 28-29).
Alexandre Pope	Poeta inglês. Escreveu diversos poemas satíricos em que ridicularizava a sociedade elegante de sua época.	“Deve-se pois procurar com todo empenho aperfeiçoar as disposições que se lhes conhecer para as ciências, fazer conceber o gosto para elas e ensinar-se-lhes a fundo; é preciso seguir a opinião de um dos melhores autores, que é aplicável a todas as ciências, também à poesia” (FLORESTA, 1989a, p. 49).
Pe. Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852)	Redator de vários jornais em Recife e conhecido como crítico social dos mais agudos. Defendia a habilidade feminina para a retórica, bem como para exercer outras atividades mais dignas de seus talentos.	“Quanto à retórica é preciso convir que nós somos os seus modelos e mestres avaliados” (FLORESTA, 1989a, p. 67).

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014.

APÊNDICE V- Bibliografia utilizada/ citada na obra - Conselhos à Minha Filha

Quadro- Bibliografia utilizada/ citada na obra - Conselhos à Minha Filha, 1ª publicação no Rio de Janeiro em 1842.

AUTORES	CARACTERÍSTICAS	CITAÇÃO NO LIVRO
Plutarco (Ac. 46 – 120 d.C)	Historiador e filósofo grego.	Plutarco, Milton, Fénelon, Virgílio, (cujas línguas traduzes) jamais foram, de seu saber, vaidosos, mas modestos. Ilustraram a Pátria, e a humanidade (FLORESTA, 2009, p. 29)
(François Fénelon)- François de Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715)	Escritor, bispo e literato francês, autor de livros pedagógicos, como Da educação das Moças (1687).	Plutarco, Milton, Fénelon, Virgílio, (cujas línguas traduzes) jamais foram, de seu saber, vaidosos, mas modestos. Ilustraram a Pátria, e a humanidade (FLORESTA, 2009, p. 29)
Públio Virgílio Marão (70 a.C- 19ª.C)	Poeta Romano. Autor de <i>Eneida</i> .	Plutarco, Milton, Fénelon, Virgílio, (cujas línguas traduzes) jamais foram, de seu saber, vaidosos, mas modestos. Ilustraram a Pátria, e a humanidade (FLORESTA, 2009, p. 29)
Santo Agostinho de Santa Mônica	Filósofo, bispo e teólogo.	Essa crianças serão sempre infeliz, porque não vão ter como Santo Agostinho de Santa Mônica para uma mãe, cujas orações pela convenção de seu filho, subiu ao trono do Altíssimo , e para isso se seguiu triunfo da educação(FLORESTA, 1858 p. 31).

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014.

APÊNDICE VI- Bibliografia utilizada/ citada na obra: Opúsculo Humanitário

Bibliografia utilizada/ citada na obra: Opúsculo Humanitário, 1ª Edição, Typographia de M.A. Silva Lima, Rio de Janeiro- 1853

AUTORES	CARACTERÍSTICAS	CITAÇÃO NO LIVRO
Sólon (640? - 560? a.C.).	Reformador político cujas medidas liberalizadoras serviram de base para o advento da democracia (século V a.C.) em Atenas.	“Levantou-se então no horizonte da Europa aquele brilhante meteoro que surpreendeu e deslumbrou o mundo com as luzes que despedia se seu foco. A Grécia teve leis mais brandas. Sólon, mais sábio legislador que os sábios do Oriente, e menos severo que Licurgo, foi o primeiro que melhor soube harmonizar os interesses da pátria com as vantagens da civilização” (FLORESTA, 1989b, p. 6).
Marco Pórcio Catão (95-46 a.C.).	Filósofo estoico, conservador inflexível, que considerava os princípios mais importantes que os compromissos. Conhecido por seu caráter incorruptível como homem público e pelo apego à legalidade republicana.	“O egoísmo desse grande povo a respeito do sexo revela-se autenticamente em duas palavras do sábio Catão. Esse oráculo disse: Tratem as mulheres como nossas iguais, e para logo elas torna-se-ão nossas senhoras e exigirão como tributo o que hoje recebem como uma graça. Infeliz Catão!” (FLORESTA, 1989b, p. 9).
Germaine Necker, baronesa Stael-Holstein , (1776-1817).	Conhecida como Madame de Stael é tida como a introdutora do romantismo na França.	“Uma das duas primeiras escritoras francesas de nosso século, Mme. de Stael, atribui à facilidade do divórcio entre os alemães a introdução , nas famílias, de uma sorte anarquia que nada deixa subsistir em sua verdade nem em sua força” (FLORESTA, 1989b, p. 18).
Jean Jacques Rousseau (1712- 1778)	Filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata. É considerado precursor do Romantismo e um dos principais representantes do Iluminismo.	Do autor de O Contrato Social, cujas obras mereceram tanta consideração dos homens pensadores, julgamos que não podia ele melhor descrever a mulher no estado selvagem de que foi tão grande apologista. (FLORESTA, 1989b, p. 28).
François Marie Arouet- Voltaire (1694-1778)	Escritor e filósofo iluminista francês.	
Charles-Louis de Secondat- Montesquieu (1689- 1755)	Filósofo francês	“Quanto a Montesquieu, lastimamos, sem admitir, um tal desvio da justa apreciação da mulher, porque estamos habituados a ver, na história de todos os povos, eminentes capacidades, como o ilustre escritor, caírem no mesmo erro quando tratam dela” (FLORESTA, 1989b, p. 28).
Mary Wollstonecraft (1759- 1797)	Foi uma das figuras mais importantes do pensamento feminista no século XVIII. Autora de <i>A vindication of the Rights of woman</i> , 1792. Obra traduzida livremente para o português por Nísia Floresta, 1832.	“Mas deixemos a Wollstonecraft, Condorcet, Siéyès, Legouve, etc. a defesa dos direitos do sexo” (FLORESTA, 1989b, p. 29).
Marie-Jean-Antoine-Nicolas	Publicou o artigo “ <i>Sobre a Admissão das Mulheres ao Direito da Cidadania</i> ” que	“Mas deixemos a Wollstonecraft, Condorcet, Siéyès, Legouve, etc. a defesa dos direitos do sexo” (FLORESTA, 1989b, p. 29).

Caritat (O Marques de Condorcet)-	posteriormente foi utilizado na campanha do voto feminino na Inglaterra.	
Emmanuel-Joseph Sièyès (1748-1836)	Político e reformador social francês.	“Mas deixemos a Wllstonecraft, Condorcet, Sièyès, Legouve, etc. a defesa dos direitos do sexo” (FLORESTA, 1989b, p. 29).
Ernest-Wilfrid Legouvé (1807-1903)	Poeta e romancista francês, autor de <i>História Moral das Mulheres</i> , 1848, resultado de uma conferência que pronunciou no Colégio de França.	“Mas deixemos a Wllstonecraft, Condorcet, Sièyès, Legouve, etc. a defesa dos direitos do sexo” (FLORESTA, 1989b, p. 29).
Júlio Michelet (1798-1874)	Historiador francês. Autor de História da França ou História da Revolução Francesa também escreveu sobre a problemática da mulher. “Du pretrê, de La femme, de la familli (1838), Femmes de La Révolution (1854) e La femme (1859).	“Assim compartilhando de coração as ideias, a respeito da mulhere, do progressista e eloquente Júlio Michelet “ <i>Philosophes, physiologistes, économistes, homes d’Etat, nous savons tous que l’excellence de La race, La force Du peulpe, tient surtout au sort de La femme. Entre Aimeé, enfanter, puis enfanter moralement, élever l’homme (ce tmps barbare ne l’entend pás bien encore) voilà l’affaire de La femme. Fons omnium viventium! Qu’est-ce qu’on ajoutera à cette grande parole?</i> ” ⁵⁶⁶ [...]” (FLORESTA, 1989, p. 38).
Mrs. Stowe-Harriet Beecher-Stowe (1811-1896)	Educadora e romancista americana, autora da obra <i>A Cabana do Pai Tomás</i> (1850).	“Mrs. Stowe é o verdadeiro tipo da americana e o mais perfeito modelo que se pode apresentar a todas as mulheres. Educação religiosa e mora, espírito eminentemente cultivado, amor do trabalho, de que deu exuberantes provas desde sua primeira juventude, dirigindo com zelo e perseverança o ensino da mocidade, prática das virtudes domésticas no estado de esposa e de mãe, solidez de uma razão esclarecida, coragem heroica [...]” (FLORESTA, 1989, p. 38).
Mrs. Stowe-Harriet Beecher-Stowe (1811-1896)	Educadora e romancista americana, autora da obra <i>A Cabana do Pai Tomás</i> (1850)	“O livro de Mrs. Stowe ´w um primor de moral, de delicadeza, de estilo, de sentimentos sublimes, de preceitos cristãos, simples e habilmente dirigidos pro mão feminina[...]” (FLORESTA, 1989, p. 38).
Fénelon-François de Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715)	Bispo e leterato francês, autor de livros pedagógicos, como <i>Da educação das Moças</i> (1687).	O país onde o soberano é mais absoluto é justamente aquele em que seu poder está menos seguro. É esta a ideia do próprio Fenelon, depois de ter apoiado a aristocracia (FLORESTA, 1989, p. 60).

⁵⁶⁶ “Filósofos, fisiólogos, economistas, estadistas, todos nós sabemos que a excelência da raça, a força do povo, fundamenta-se, sobretudo na condição da mulher. Ser amada, dar a luz, depois dar a luz moralmente, educar o homem (este tempo bárbaro não o entende ainda bem) eis a tarefa da mulher. Matriz de todos os viventes! O que se haverá de acrescentar a tão grande expressão?...” (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 38).

Platão (428/328?)	Filósofo e matemático grego.	“A mulher é, como o homem, conforme se exprime o sublime Platão, uma alma servindo-se de um corpo” (FLORESTA, 1989, p. 62).
Jean Jacques Rousseau (1712- 1778)	Filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata. É considerado precursor do Romantismo e um dos principais representantes do Iluminismo.	“Se Rousseau, com o seu Emílio, fez corar as mães francesas pelo esquecimento em que estavam desse primeiro dever da maternidade, em França, onde as mães têm mais ou menos alguma educação [...]” (FLORESTA, 1989, p. 93).
Fénelon-François de Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715)	Bispo e letrado francês, autor de livros pedagógicos, como Da educação das Moças (1687).	O sábio Fénelon, em seu livro <i>De l'éducation des filles</i> , falando desse primeiro período da infância, diz: “Ce premier age qu'on abandonne à des femmes celui ou se font lês impressions lês plus profondes et qui par consequent a um grand rapport à tout Le reste de La vie ⁵⁶⁷ (FLORESTA, 1989, p. 94).
Fénelon-François de Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715)	Bispo e letrado francês, autor de livros pedagógicos, como Da educação das Moças (1687).	“Em piores condições que as de povo enerte o qual escrevia Fénelon achan-se os brasileiros” (FLORESTA, 1989, p. 94).
Jean-Jacques Rousseau (1712- 1778)	Filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata. É considerado precursor do Romantismo e um dos principais representantes do Iluminismo.	Muitas grandes inteligências cujos preciosos legados a humanidade desfruta atingiram, como Rousseau, a idade adulta sem as profundas luzes que fazem hoje a nossa admiração. Só a educação para produzir salutares efeitos deve acompanhar o indivíduo desde a infância (FLORESTA, 1989, p. 102).
Magalhães-Domingos José de Magalhães-(1811-1882)	Romancista brasileiro. Autor de Suspiros, Poéticos e Saudades (1836), marco do movimento romântico na literatura do Brasil.	“Quem em nosso clima se espreguiça e o infesta, e as portas à Ciência e às Artes fecha, como tão propriamente disse o nosso poeta Magalhães” (FLORESTA, 1989, p. 124).
Victor Hugo (1802-1885)	Pontífice máximo do romantismo francês, teve grande participação na política, defendendo as ideias liberais e republicanas.	“Implorando, pois, a filantropia do governo para a classe desfavorecida da fortuna, repetiremos a esta as palavras do grande poeta Victor Hugo” (FLORESTA, 1989, p. 131).
Byron-George Noel Gordon, Lord Byron (1788-1824)	Respeitável representante do romantismo na Inglaterra.	“Pobre povo de escravos, nascido em tão belo clima! Para que prodigalizaste teus dons, ó Natureza, a semelhantes homens?” (FLORESTA, 1989, p.133).
Francis de Castelnau-(1812-1880)	Naturalista francês chefiou uma expedição científica à América do Sul de 1834 a 1847.	“Le brésilien est bien loin d'avoir ke caractere dur qu'on lui prête souvent em Europe, car c'est certainement Le plus indulgent” (FLORESTA, 1989, p. 140) ⁵⁶⁸ .

⁵⁶⁷ Esta primeira idade em que se entrega [a criança] a mulheres indiscretas e algumas vezes desregradas, é aquela em que se produzem as impressões mais profundas e que, por consequência, tem grande relação com todo o resto da vida (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 94).

⁵⁶⁸ O brasileiro está bem longe de ter o caráter duro que se lhe atribui com frequência na Europa, pois é certamente o mais indulgente (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 140).

Teófilo Benedito Ottini (1807-1869)	Pensador e político liberal brasileiro do século XIX.	Entre outros, há pouco lemos o muito interessante escrito de Sr. Teófilo Benedito Ottini <i>Viagens às Margens do Mucuri</i> – em que este digno brasileiro fala deles com uma imparcialidade e esclarecida justiça, que muito nos tocou (FLORESTA, 1989, p. 154).
--	---	--

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014. Sistematizada pela autora a partir de notas Sharpe-Valadares, 1989.

APÊNCIDE VII- Bibliografia utilizada/ citada na obra: *Scintille d'um' Anima Brasileira*

Bibliografia utilizada/ citada na obra: *Scintille d'um' Anima Brasileira*, 1ª edição pela Typographia *Barbera, Bianchi e Cia*, de Florença, 1859.

AUTORES	CARACTERÍSTICAS	CITAÇÃO NO LIVRO
Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander Von Humboldt	Geógrafo e naturalista alemão.	“Ou segundo dizia o célebre Humboldt, altos de palmeias agitando seus soberbos pebachos, dominam as árvores circuntantes, e formam, em longas colunas, uma floresta sobre a floresta” (FLORESTA, 1997, P. 23)
Augusto de Saint Hilaire	Botânico, naturalista e viajante francês. Deixou registrado sua viagem pelo Brasil.	[...] “eu fielmente traduzo: Deram-me de jantar, e também o desjejum, antes de minha partida; nem quiseram nada de mim, apesar de não serem muito bem remedidos” (SAINT HILAIRE <i>apud</i> FLORESTA, 1997, P. 25)
Johann Moritz Rugendas (1802-1858)	Naturalista e pintor alemão. Viajou pelo Brasil pintando seus povos e costumes entre 1822 e 1825.	“Todavia houve, por exceção, alguns de tais viajantes, que fizeram menção de vários acontecimentos históricos com uma inteligência e imparcialidade espetacular. Entre estes mencionaremos Rugendas, cujo nome junta-se àqueles dos mais conscienciosos escritores de nosso século” (FLORESTA, 1997, P. 41).
Johann Moritz Rugendas (1802-1858)	Naturalista e pintor alemão. Viajou pelo Brasil pintando seus povos e costumes entre 1822 e 1825.	“Eis um pena estrangeira que soube fazer justiça ao mérito do povo brasileiro, e fazer uma estima digna do espírito que o enobrece, e dos destinos a que está reservado” (FLORESTA, 1997, P. 51).
Conde Giacomo Leopardi (1798-1837)	Filósofo e poeta italiano.	“Lede, meditai, guardai-os em vossa memória, e espera: Mulheres, de vós não pouco a pátria espera; e não e, dano e escânio da humana progênie, ao raio das vossas pupilas o ferro e o fogo poder domar foi dado” (LEOPARDI <i>apud</i> FLORESTA, 1997, P. 155).
Auguste Comte-Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857).	Filósofo e matemático francês fundador do Positivismo. É considerado o pai da Sociologia.	A ti portanto, ó grande filósofo do século, digno concidadão de Descartes, alma nobilíssima, gênio em nossa era, segundo a ninguém mais, que soubeste compreender e prazer a mulher para associá-la às tua regeneradora doutrina; louvado sejas! (FLORESTA, 1997, P. 193).
August Comte-Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857).	Filósofo e matemático francês fundador do Positivismo. É considerado o pai da Sociologia.	O projeto de melhoramento que mantinha ocupados os nossos três passantes, tinha por fundamento, sem que se apercebessem disso, o mesmo princípio no qual a doutíssima pena do incomparável Augusto Comte [...] (FLORESTA, 1997, P. 195).
Filippo Giuseppe Maria Ludovico Bonarroti (1761-1837)	Revolucionário e teórico socialista italiano.	Estudos são esses que fecham os passos da alheia liberdade penetradora, rocambolesca e bela, apta a escalar montanhas, a furar selvas, onde outrem nunca chegou, porque a calhe não viu ou não tentou, nem lhe fez bem (FLORESTA, 1997, P. 199).

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014.

APÊNDICE – VIII- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época

Quadro- Comparativo entre o Collegio Augusto e os outros colégios da época

	MATÉRIAS OFERECIDAS	MÉTODO ADOTADO	CONDIÇÕES DE ENSINO	TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO COLÉGIO
Collegio Augusto	Português, latim, francês, italiano e inglês, caligrafia, religião cristã, Educação Física, aritmética, história antiga, moderna e universal, geografia, música, piano e desenho, cosmografia, aritmética, poesia e trabalhos de agulha.	-Método Direto no ensino de idiomas; -Sobre o método do ensino em geral os documentos não deixaram evidente qual seria, contudo, numa análise mais precisa sinaliza para o método mútuo.	-Internas 20\$000, semi-internas 10\$000 e externas 4\$000. -Bolsa de estudo integral.	“A diretora, que há a 4 annos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o responsável público com promessas de zelo, assiduidade, applicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a occasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a horarem com a sua confiança, pelos promptos progressos de suas filhas” (Jornal do Commércio, 1838).
Collegio de Educação de Meninas no Campo de São Christóvão, 39	Gramática Nacional, Ortografia, Geografia, francês, costura, coser, marcar, bordar, cortar e fazer vestidos.	Não informado	Não informado	“Dirigido por Antônio das Silva Reis Brandão e sua senhora, continua-se receber pensionistas, meias pensionistas e discípulas externas para lições geraes [...] as lições muito ao de aproveitar as meninas por encontrarem por encontrarem uma diretora que aptidão e conhecimento necessário para as dirigir no estudo das referidas matérias” (Jornal do Commércio, 1838).
Collegio de Meninas da Rua São João de Imperial, 38.	Trabalhos de agulha, francês, inglês, português, geografia, aritmética, desenho, dança e música.	Não informado	Não informado	“[...] os ilustres pais de família uma mãe carinhosa para suas filhas, uma professora desvelada no seu adiantamento e bem-estar [...]” (Jornal do Commércio, 1846).
Collegio de Meninas da Rua Matacavallos, 22.	Leitura, escrita, francês, português, aritmética, gramática, história universal, geografia antiga	Não informado	Não informado	“A nova diretora deste estabelecimento conhece por uma longa experiência todas as obrigações que lhe impedem os deveres de professora. Considerando suas alunas como suas próprias filhas, prodigalisa-lhes todos os

	e moderna, cosmografia, mitologia, elementos de física, história natural, retórica, literatura e toda espécie de trabalho de agulha.			cuidados maternas, e lhes ensina ella mesma a maior parte das cousas que as meninas devem aprender” (Jornal do Commercio, 1846).
Collégio de Educação de Meninas em Botafogo, 40.	Leitura, escrita, contar, francês, português e alemão, assim como astronomia, botânica, história antiga e moderna, geografia, religião, costura e bordado. As matérias de dança, música, desenho, canto e italiano.	Não informado	Não informado	“Sendo a educação a base principal da felicidade humana, occupa os primeiros cuidados dos directores deste colégio, que, incansáveis” (Almanaque do Rio de Janeiro, 1848).
Collégio de Meninas de São Christovão	Leitura, escrita, contar, francês, inglês, português, bordado, costura, história, geografia, aritmética, geometria e princípios de física.	Não informado	Pensionistas 24\$000, meio-pensionistas 15\$000, e externas 10\$000. Além de música, canto, dança e desenho cada uma no custo de 8\$800 a 6\$400 acrescidos no valor da mensalidade.	“Os Directores deste estabelecimento são incansáveis pelos progressos se suas discípulas, esmerado-se em instruí-las em todos os objetos uteis ao physico e moral; como na doutrina christãa” (Almanaque do Rio de Janeiro, 1848).
Collegio de Santa Cecília	Leitura, escrever, contar, máxima da religião cristã, princípios da civilidade, gramática da língua portuguesa, caligrafia, aritmética, geometria e geografia, além dos idiomas francês e inglês, piano, canto, dança e	Não informado	Pensionistas internas 20\$000rs, meio-pensionistas pagavam 10\$000rs, externas 4\$000rs. O ensino de inglês, francês, desenho, dança e piano seria pago à parte pelo valor de	“A diretora deste collegio, estabelecido há mais de 3 annos, nenhum esforço, por mais penoso que seja, tem deixado de fazer para conseguir o adiantamento de suas discípulas, e é por esta razão que tem alcançado louvores das pessoas que frequentemente visitam seu estabelecimento” (Programa do Collegio de Santa Cecília, 1852).

	desenho.		6\$000 rs por cada matéria na mensalidade das alunas.	
Collegio Portuguez e Francez	Leitura, escrita, língua portuguesa, francês, aritmética, gramática, geografia, história e religião, além de toda espécie de trabalhos de agulha e tapeçaria.	Não informado	A condição de ensino de 20\$000rs para as pensionistas e de 12\$000rs para as meio-pensionistas.	“A directora emprega todos os desvelos e cuidados para a boa educação das suas alunas, considerando-as como suas próprias filhas; pelo que espera merecer a estima e proteção dos pais de família, que lhe quiserem confiar suas filhas” (Programa do Collegio Portuguez e Francez, 1852).
Collegio Flor de Maio	Leitura, escrever, contar, gramática, doutrina cristã, noções de geografia, história sagrada e profana, além de francês, piano, desenho trabalhos de agulha como marcar, bordar, fazer vestidos e camisas.	Misto/ Ensino mútuo.	A mensalidade seria de 30\$000rs para pensionistas, para meio-pensionistas 16\$000, externas 6\$000, caso optassem pelo ensino de idioma, música e desenho e trabalhos de agulha seria acrescido na mensalidade o valor de 8\$000rs.	“Este estabelecimento offerece grande vantagem, proporcionando uma solida educação intellectual e moral sem exageração nem hypocrezia, ensinando-se só aquilo que uma senhora deve e pode aprender bem, e é indispensável a uma boa mai de família” (Programa do Collegio Flor de Maio, 1872).

Fonte: Elaborado por Silva, Elizabeth M, 2014.

ANEXOS

ANEXO I- Periódicos sobre Imprensa Pedagógica da América Latina

Periódico argentino do século XIX: El Monitor de Educación Común

El Monitor de la Educación Común

Sumario de los números publicados desde Enero
de 1923 hasta Diciembre de 1929

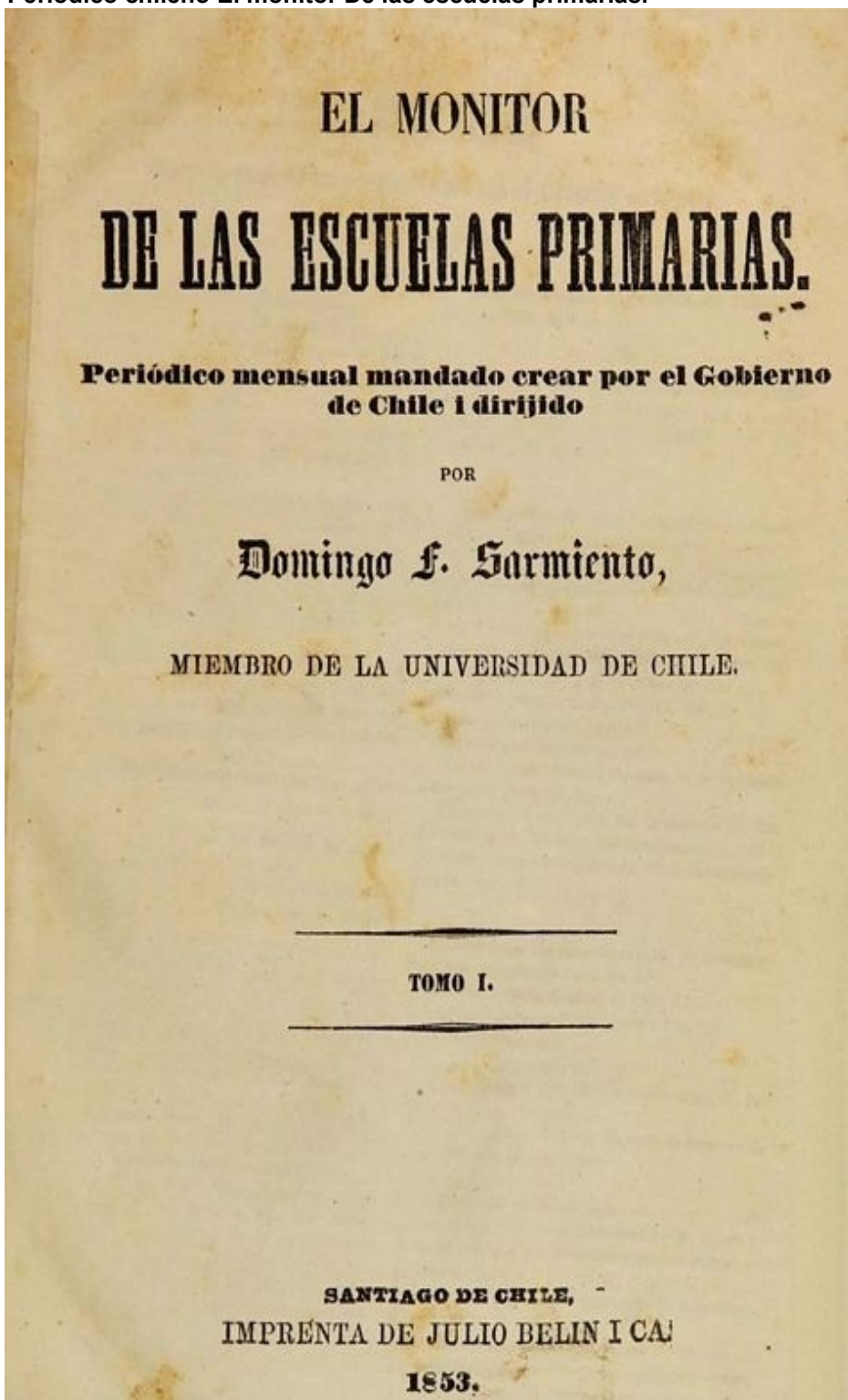
N.º 601. — ENERO 1923.

V. Descour.— Pasteur. Su vida y su obra narradas a los niños	1
Walter Barnes.— La nueva educación	26
* * * Por los Territorios Nacionales. — Escuelas y Panoramas	34
Enrique C. Romero Brest.— Mediciones antropométricas ...	46
Juan Ribera y Villaró.— Notas sobre paidología	71
G. de Gayer.— El cansancio de la voz de los maestros ...	74
INFORMACION NACIONAL.— Actos de confraternidad escolar americana.—Homenaje a una maestra.—Libros recibidos	77
INFORMACION EXTRANJERA. — Asociación anti-tuberculosa francesa. — Congreso de la Asociación Nacional de Educación. — Conferencia mundial de educación. — Una colonia de mar para niños. — La escuela al aire libre	79
REVISTA DE REVISTAS.— La fatiga. — La narradora de cuentos. — La piorrea alveolar. — Homenaje a la escuela	86
SECCION OFICIAL.— Trámites de contratos. — Inscripción de aspirantes a cargos docentes. — Matriculación de alumnos. Ingreso de una multa correspondiente al Consejo Nacional de Educación. — Avisos de licitación. — Actas de las sesiones del Consejo Nacional de Educación números 43 y del I al 6 inclusive, desde el 29 de diciembre de 1922 hasta el 7 de febrero de 1923. — Sumario	1

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestro- Argentina⁵⁶⁹

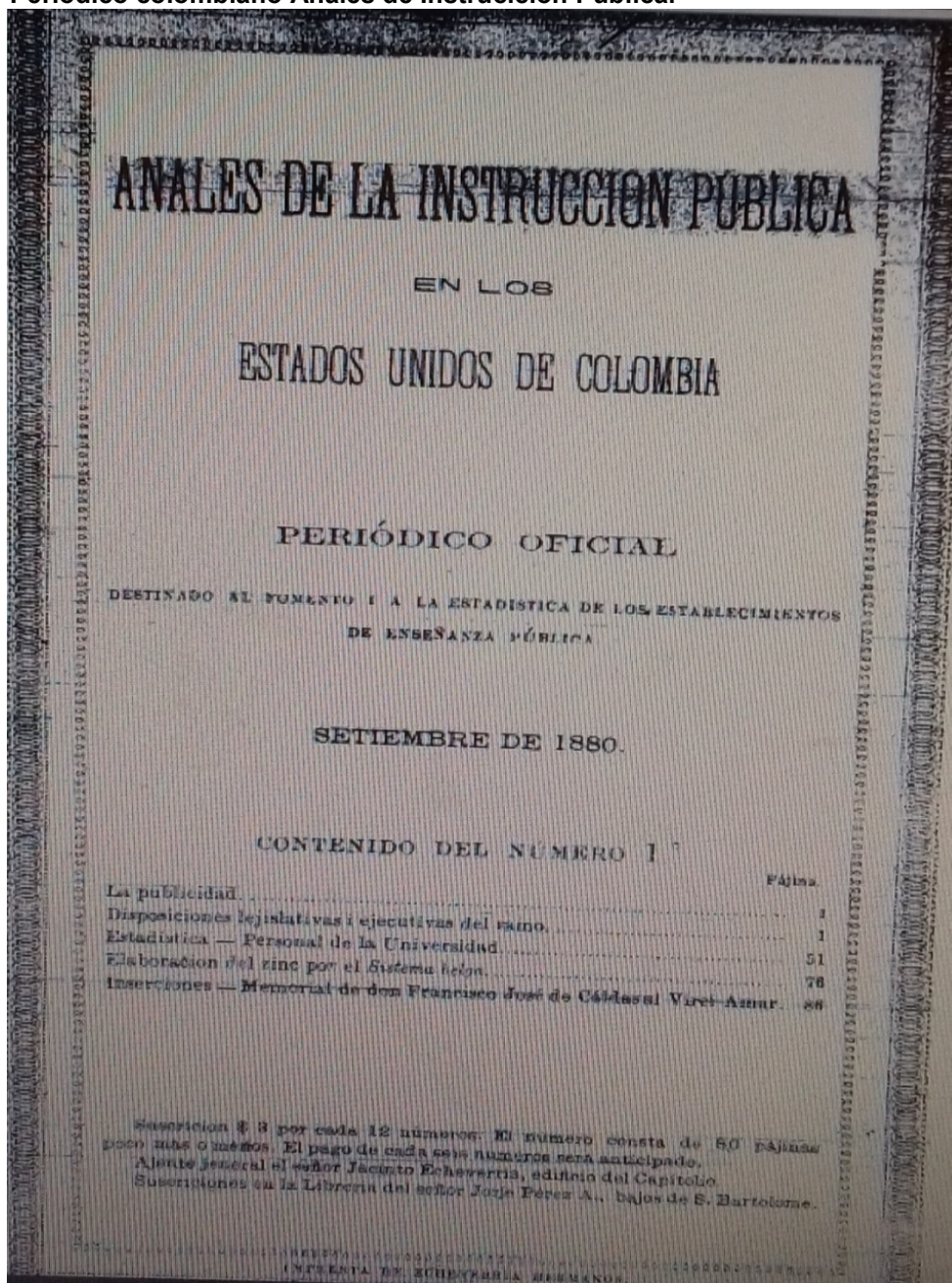
⁵⁶⁹ <http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php>

Periódico chileno El monitor De las escuelas primarias.



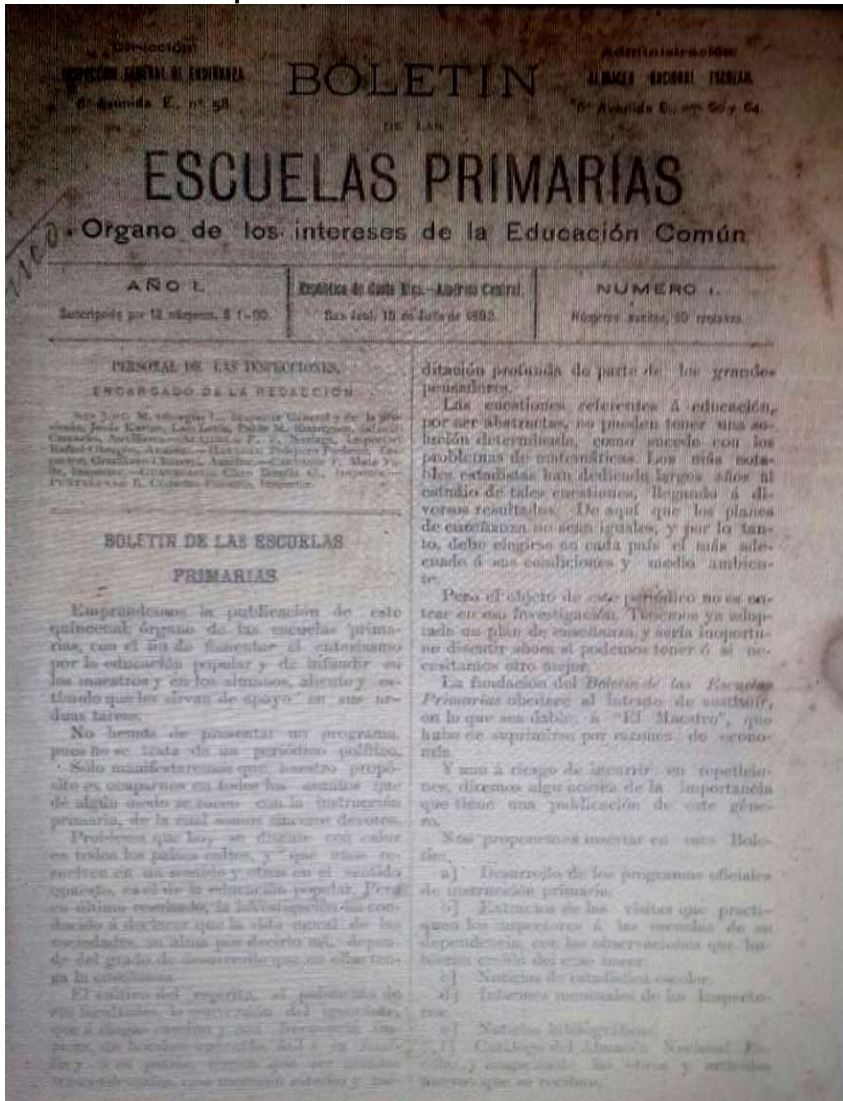
Fonte: Memoriacilena.cl

Periódico colombiano Anales de Instrucción Pública.



Fonte: Biblioteca Nacional da Colômbia

Periódico costarricense El Boletín de las Escuelas



Fonte: Sistema Nacional de Bibliotecas Costa Rica.

REPÚBLICA DEL SALVADOR. AMÉRICA CENTRAL.

LA NUEVA ENSEÑANZA.

REVISTA QUINCENAL DE INSTRUCCIÓN PÚBLICA.

Director y Redactor, Marcial Cruz.

SERIE II. | SAN SALVADOR, DICIEMBRE 1° DE 1888. | NÚM. 15.

La Nueva Enseñanza.

PRECIO DE SUSCRICIÓN.

Por año, ó se 24 números... \$ 3
 Por seis meses, ó 12 id.... \$ 1-75
 Por número suelto..... \$-18

Guía para las Escuelas del Salvador.

(Continúa.)

Modo de enseñar la Aritmética.

Entre los ramos de enseñanza, correspondientes á las escuelas primarias, por variados que sean, hay dos verdaderamente difíciles de aprender, que son como la base ó el centro de los conocimientos considerados imprescindibles del hombre, y que, por lo uno y lo otro, necesita el profesor de mucha habilidad al tratar de enseñarlas á las escuelas: esos ramos son la Aritmética y la Gramática; y tan así es que existe esa dificultad y esa importancia ó necesidad de enseñarlos á fondo, que, si observamos un poco lo que ha sucedido y sucede en las escuelas que por su sistema bien podemos llamar antiguas, notaremos que los niños, á pesar de que se han estudiado ó no estu-

dian otra cosa en ellas, por espacio de años consecutivos, pasan al Colegio á cursar lo mismo ya jóvenes, y muchas veces salen doctores, sin que sepan siquiera medianamente tales materias; y advertimos que entendemos por no saberlas, cuando no se aplican con propiedad en los diferentes negocios ó asuntos de la vida independiente ó práctica, en que, por su naturaleza, concurren ó deben concurrir como parte integrante.

Hagamos caso omiso de la Gramática, recordada únicamente como ejemplo de lo que estamos diciendo, y tratemos de la Aritmética como ramo de enseñanza, que es nuestro propósito por hoy.

Varias son las causas que obran para que la Aritmética no se aprenda, á pesar de los años que se emplean en estudiarla, y una de ellas, la principal, el uso de textos más bien filosóficos que prácticos, recargados de definiciones desde el principio hasta el fin, y salpicados apenas con uno que otro ejemplo ó problema, que, no consultando el orden lógico ni el gran número de ejercicios que la materia exige, los niños, por medio de un esfuerzo intelectual supremo, aprenden de memoria, para olvidarlo todo en seguida, sin que les quede casi nada de lo que los números en sí mismos significan en los negocios constantes de la vida.—En efecto, observese que á un niño, que apenas sabe deletrear con incertidumbre se

Periódico mexicano do século XIX el Periquito.

AÑO 1º *MÉRIDA* ABRIL 1869 NUM. 1

EL PERIQUITO,
 PERIÓDICO DE LOS NIÑOS.
 CUYA LECTURA PUEDE SER UTIL A MUCHOS QUE HAN DEJADO DE SERLO.

INSTRUCCION. AMENIDAD.

SE PUBLICA LOS DOMINGOS. Instruir deleitando es desarrollar el espíritu, sin debilitar el cuerpo. — *Merced*. PRECIO, MEDIO REAL.

¿COMO NO?

Así como un solo rasgo basta para caracterizar una fisonomía y un ligero toque de mano maestra para dar vida y animación á un cuadro, así una frase suele revelar á veces la verdadera índole, el carácter, las tendencias y hasta las pasiones y preocupaciones de un pueblo, que justifica con esas mismas frases, especialmente á los ojos de los forasteros, lo que de él puede uno prometerse, sobre todo, si atendemos al célebre dicho de *Montaigne* de que *el estilo es el hombre*.

Cuando por primera vez tuvimos el gusto de dirigir la palabra á uno de los naturales de este país hermoso, hospitalario y querido, que de tal manera hermana con el nuestro que no nos ha permitido sospechar todavía que nos encontramos en tierra extranjera, ó mejor dicho, que no puede ser considerado como extranjero para el natural de Cuba, nuestra patria, preguntamos simplemente si había algunas naranjas (fué en *Hanucmá*) pues veníamos llenos de calor y de sed desde *Sisal*, y deseábamos tomar algún refresco. — ¿*Como nó?* nos dijo la simpática y graciosa mestiza á quien nos dirigimos y aquel ¿*Como nó?* nos dejó desconcertados, porque nosotros lo tradujimos diciendo: ¿*Como se atreve U. á presumir que no tengamos naranjas en nuestro país? Dispense U., dijimos á la ventera, un tanto cuanto avergonzados y temerosos de haber ofendido su amor propio; creímos que ya en este mes no las hubiera; tenga U. la bondad de traerlas y sea enhorabuena.*—Así que hubimos tomado las naranjas, al entrar en el coche preguntamos al conductor: ¿*Sabes dónde está en Mérida el hotel el Louvre?* ¿*Como nó?* nos dijo y por segunda vez com-

prendimos que había sido una torpeza de nuestra parte dudar que el conductor supiera donde quedaba el *Louvre*.

Ahora bien: si ese ¿*Como nó?* que es como si dijéramos la síntesis, la expresión gráfica con que el pueblo justifica que se halla de hecho y de derecho, en posesión de aquello por lo cual se le pregunta y que ponerlo en duda solamente sería bastante para molestarle y herirle en su amor propio, hubiera venido á solicitar su natural colocación detras de esta pregunta: ¿*Hay en Mérida algun periódico dedicado exclusivamente á los niños?* ¿no es cierto que nos hubiéramos visto privados de oír la mas graciosa y mas común locucion con que aqui se nos responde á todo y que especialmente nosotros, los Habaneros, gustamos de oír á cada instante por la dulzura con que se expresa, por el tono con que se pronuncia, por la satisfacción que envuelve; por el placer en fin, con que se nos manifiesta que se nos puede servir con aquello que deseamos?

Pues para que pueda el pueblo hacer uso de su frase favorita; para que nosotros podamos tener el gusto de oírlo y sobre todo, para que sea una *verdad* y muy útil por otra parte, establecemos desde hoy *El Periquito*, periódico de los niños, que fué el primero de su clase publicado en Cuba, donde obtuvo la protección de todos y especialmente de las madres de familia, quienes comprendieron que era el mayor obsequio que podian hacer á sus hijos cada Domingo.

Al publicar *El Periquito* la graciosa y genuina frase yucateca ¿*Como nó?* va á encontrar nuevas é importantes aplicaciones, pues de momento se nos ocurre que hemos de oír las siguientes: ¿*Con que tenemos ya un periódico especial para los niños?*—¿*Como nó?*—¿Y U. se habrá suscrito ya para los su-

Fonte: Biblioteca Nacional do México

ANEXO II- Texto inédito de Nísia Floresta publicado em periódico**UM CRIME COMMETIDO POR AMOR, E SUA PUNIÇÃO**

(Traduzido por F. Brasileira Augusta)

O Ciúme, que dizem ser uma das paixoes características dos italianos, mas que eu considero uma fraqueza universal, acaba de dar lugar, em Roma, a um facto tão horropilante quão, commovedor. Uma moça de boa família, perdidamente amada por um joven romano com que estava para casar-se, achava-se uma noite no theatro em companhia de seu pai e de sua madastra. Um indivíduo entrou no camarote e poz-se a conversar com o pai da moça, que apenas o conhecia de vista. O namorado, despeitado, observava da platéa a visita, que já lhe parecia mui longa.

Apenas desceu o panno eil-o que correão camarote de sua noiva, e em tom grosseiro lhe pergunta quem é aquelle indivíduo que se ahava a seu lado.

A moça, sorprendida pelo modo com que era interrogada, conservou-se calada, eo pai, offendido, respondeu que não tinha que justificar-lhe equem era que o vinha visitar.

Sombrio pensamento perpassou pela mente do mancebo.

Na cegueira de seu ciúme toma o silencio da moça por confusão e a resposta do pai por desfeita. Julga-se trahido, ludibriado, e a razão o abandona.

Em um accesso de loucura puxa por um punhal que trazia e crava-o no peito daquella que dizia amar.

Nada há no mundo mais mal comprehendido e calumniado que o amor.

Profanando este nome sagrado fazem-no presidir a prazeres ignobies e grosseiros!

Servem-se delle como de uma capa para encobrir as nodoas de um vil interesse ou egoísmo excessivo, invocao-no para calcar aos pés os deveres mais santos da natureza e do reconhecimento; com elle justificaos esses actos barbatos e nefandos diatiamente praticados.

O amor, essa chamma divina de que todos fallao e que bem poucos corações experimentao a poderosa influencia, não induz senão á pratica de acções grandes, nobres e generosas.

O homes em cujo coração desce uma centelha dessa chamma divina, sente-se inspirado para melhor comprehender e praticar as virtudes de que o amor é inexgotavel manancial, quaesquer que sejam os controvérsias e desgraças que encontre.

O homem que ama com esse amor, quando mesmo visse dissipare-se todas as suas esperanças sobre o objecto amado, e que seria desgraçado para o resto de sua vida jamais so mancharia na abominável cobardia de levantar a mao para uma mulher, e muito menos affender com qualquer palavra a quella que amar; abandonal-a-hia se sua honra o exigisse, mas ficaria livre de toda nódoa.

Demais, o que são estes ímpetos, estas vinganças, senão a prova mais que concludente do amor próprio offendido, e do egoísmo, que demonstra que não so ama senão para si, quando o verdadeiro amor é todo abnegação para aquelle a quem se ama.

Mas, que os homens impaciais respondão: não é no coração da mulher que essa abnegação se mostra em toda a sua plenitude?

A conducta sublime da jovem romana nos offerece ainda uma prova.

Cahindo nos braços de seu pai, que não teve tempo de prever o terrível golpe, transportarão na para sua residência, onde a família logo se dirigiu ara tomar conhecimento do facto.

A triste nova voava da boca em boca com todos os commentarios que em semelhantes occasioes ano falta quem gratuitamente accrescente á verdade.

O medico chamado declarou ser o ferimento gravíssimo; elle tinha completamente desfigurado a infeliz moç, que, não obstante, conservava uma energia e presença de espirito admiráveis.

Aqui finalisa a scena horrível e começa a enternecedora.

Apenas o hallucinado amante derramou o sangue innocente daquella que amava e conheceu seu funesto erro, atirou-se a seus pés e aos do infeliz pai, e ajoelhado, confessando a enormidade de seu crime, pedi para ser punido.

Mas, a moça, moribunda, fazendo um appelo a todas as suas forças, protestou na presença do magistrado e das pessoas que a cercavao, que uma outra mao que não a de seu noivo a tinha ferido.

___ Não o accusem! Exclamava Ella com o mais sublime enthusiasmo que a dedicação de um verdadeiro amor sabe communicar á mulher; não o accusem, continunou Ella dirigindo-se ao magistrado de quem a emoção, causada por esta scena, bem como de todos os espectadores, começava a poderar-se; elle é innocente. Louco, desvairado, vendo-me neste estado, julgou ser elle quem me feriu, ao passo que o verdadeiro homicida eu o vi fugir correndom emquanto que meu noivo ficava desolado perto de mim e ajudava a me transportarem para aqui.

___ Nao mereço essa generosidade, redargüiu o mancebo. Fui eu quem comentteu esse crime execrando e abominável, desconhecendo por um momento esta celeste creatura, Punao me, mas não me tirem de pero della emquanto respirar; e beijando-lhe as mãos, conservava-se chorando de joelhos aos pés della.

___ Na vêm que elle enlouqueceu? Respondeu a moça com uma voz fraca. Julga que eu vou morrer quando nosso casamento vai-se celebrar.

Luta singular e commovedora que a Penna não pode traduzir.

Lgrimas de emoção e enternecimento borbulhavao dos olhos de todos aquelles que presenciavao sememlhantes espectaculo, e a justiça não podia apoderar-se declarava innocente.

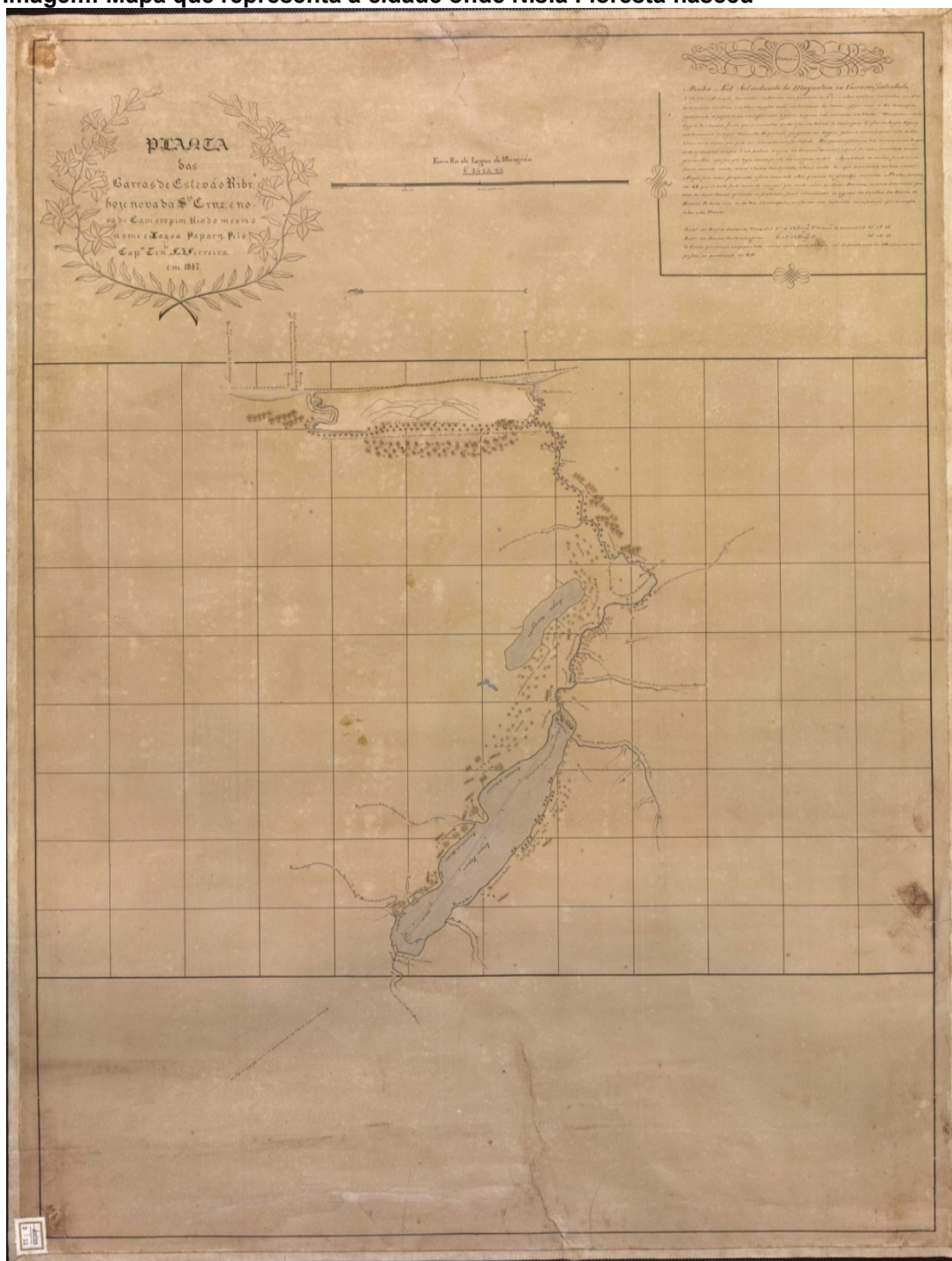
O pai, profundamente consternado pelo estado de sua filha, conservou-se calado e se deoixou commover pelas suas supplicas.

Mas, não parou aqui a generosidade da infeliz moça; ella declarou que instituía herdeiro de toda a fortuna que lhe tocou por morte de sua mai, a seu noivo, procurando por esse modo garanti-lhe o futuro, depois de ter empregado todos os

esforços ao seu alcance para o lavar os olhos da sociedade de tão abominável mancha.

Acabrunhado pela mais acerba dor, o desolado amante ficou como que aniquilado pelo remorso, e recusando obstinamente toda a sorte de alimento, queria, segundo dizia, seguir na tumba aquella que tando amava e ali precipitou.

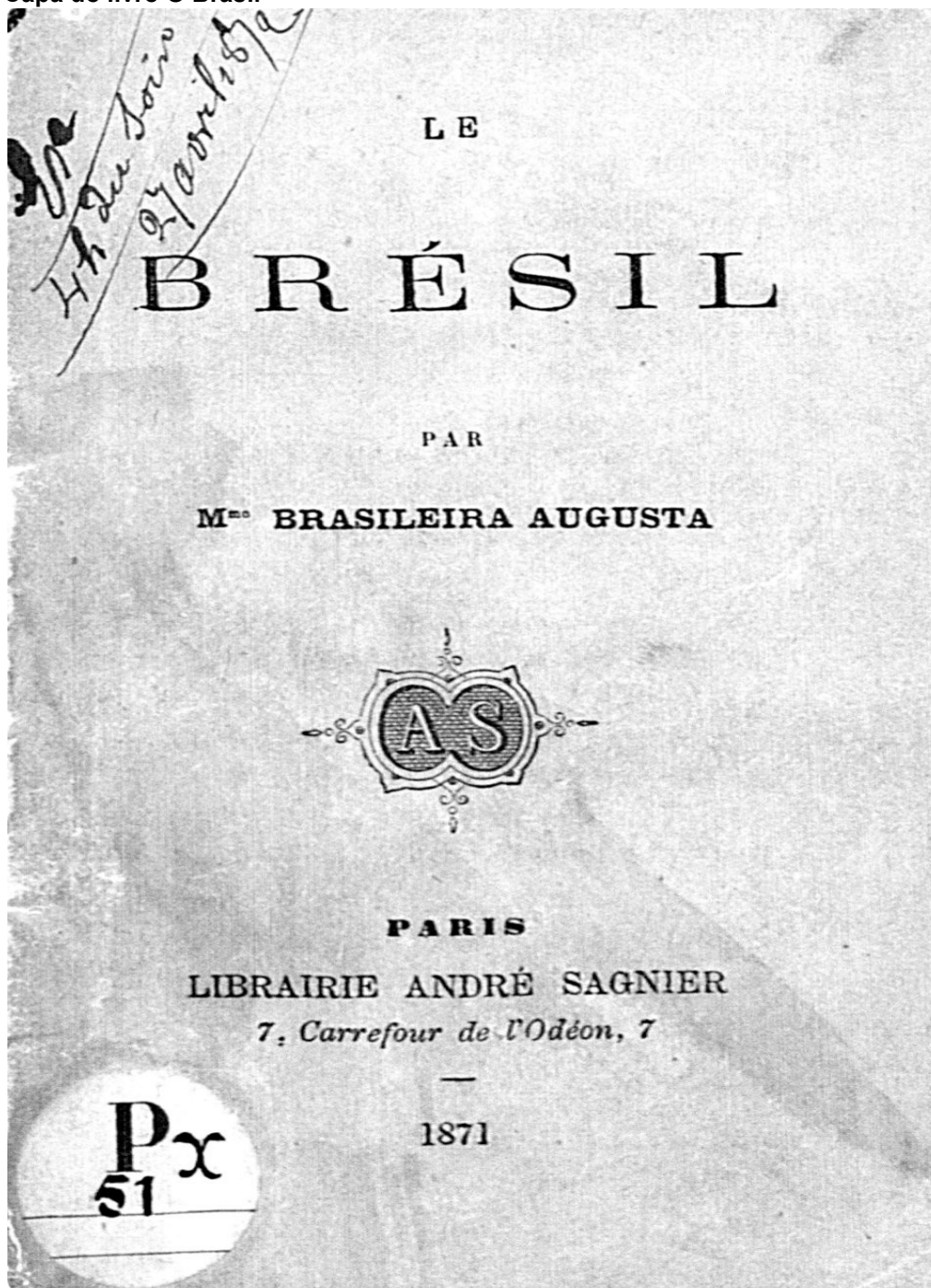
Vendo-se este infeliz par olhar-se amorosamente às portas da eternidade, perguntar-se-há: qual é maior? Mais sublime? O remorso de um, ou a generosidade de outro? (DIARIO DE SÃO PAULO, 11 de dezembro de 1875, p. 01-02).

ANEXO III: Mapa que representa o sítio onde Nísia Floresta nasceu**Imagem: Mapa que representa a cidade onde Nísia Floresta nasceu**

Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil

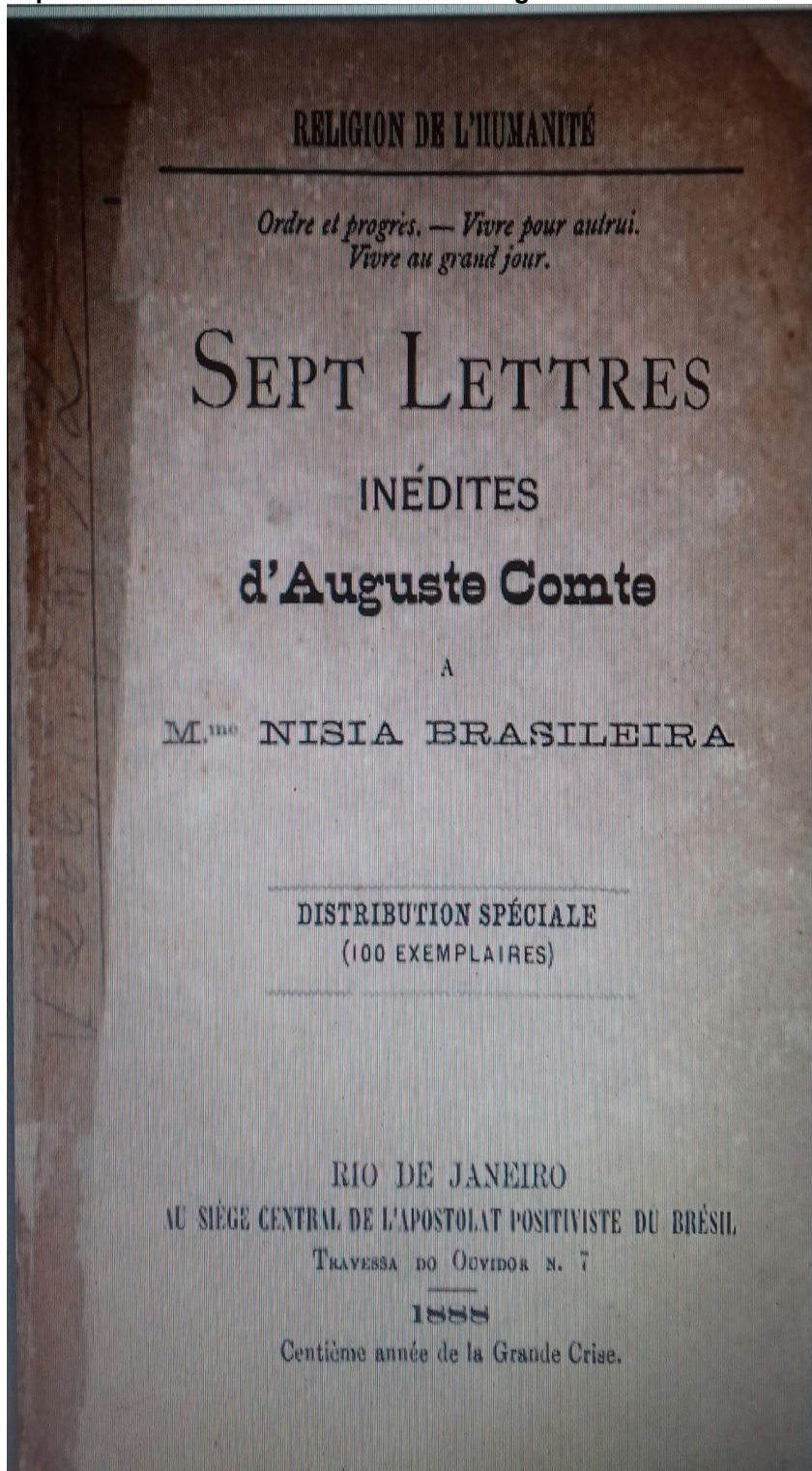
ANEXO VI: Capas de livros de Nísia Floresta em outro idioma

Capa do livro O Brasil



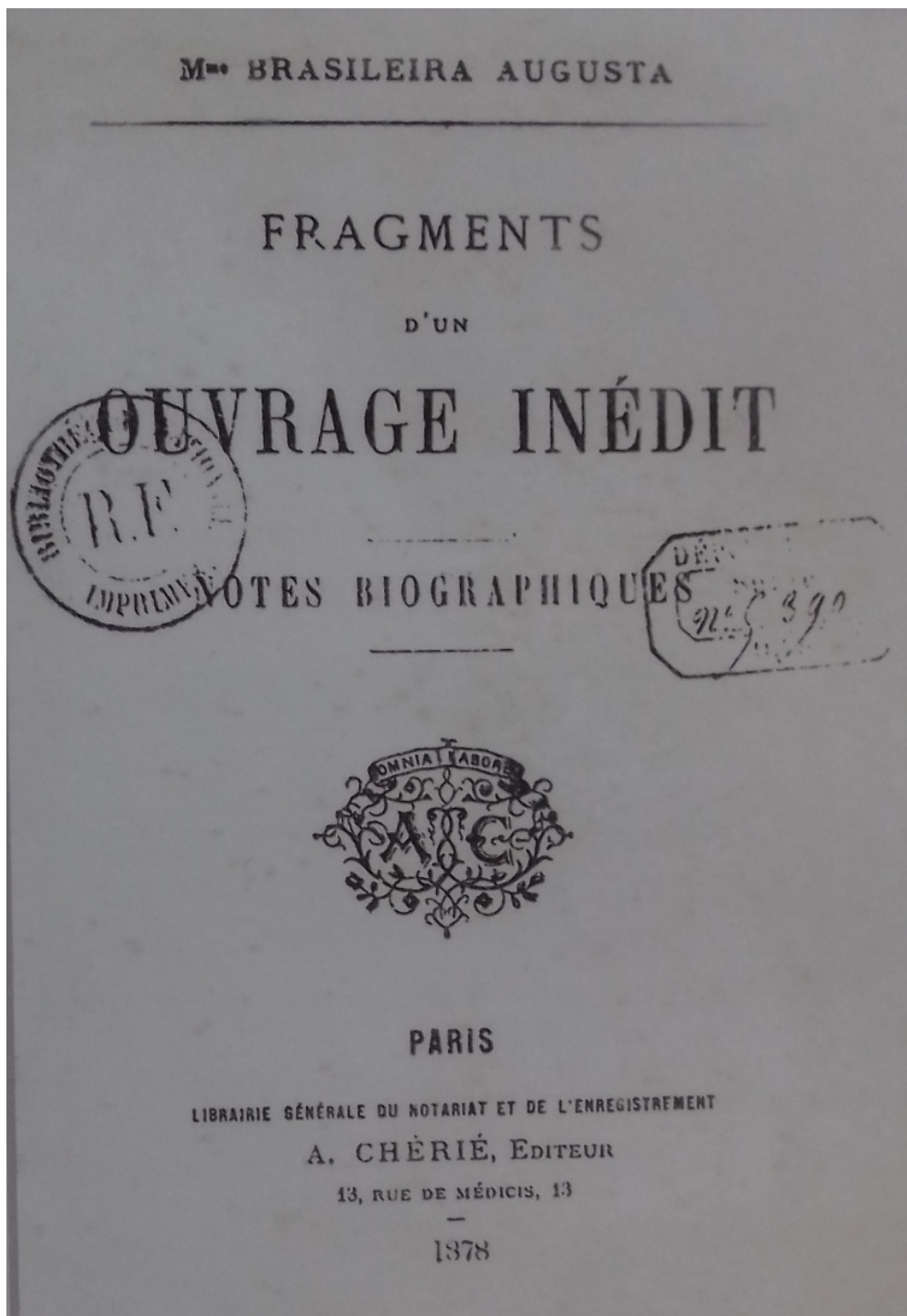
Fonte: Bibliothèque nationale de France

Capa do Livro Sete Cartas Inéditas de Auguste Comte a Nisia Floresta



Fonte: Biblioteca Nacional Do Brasil

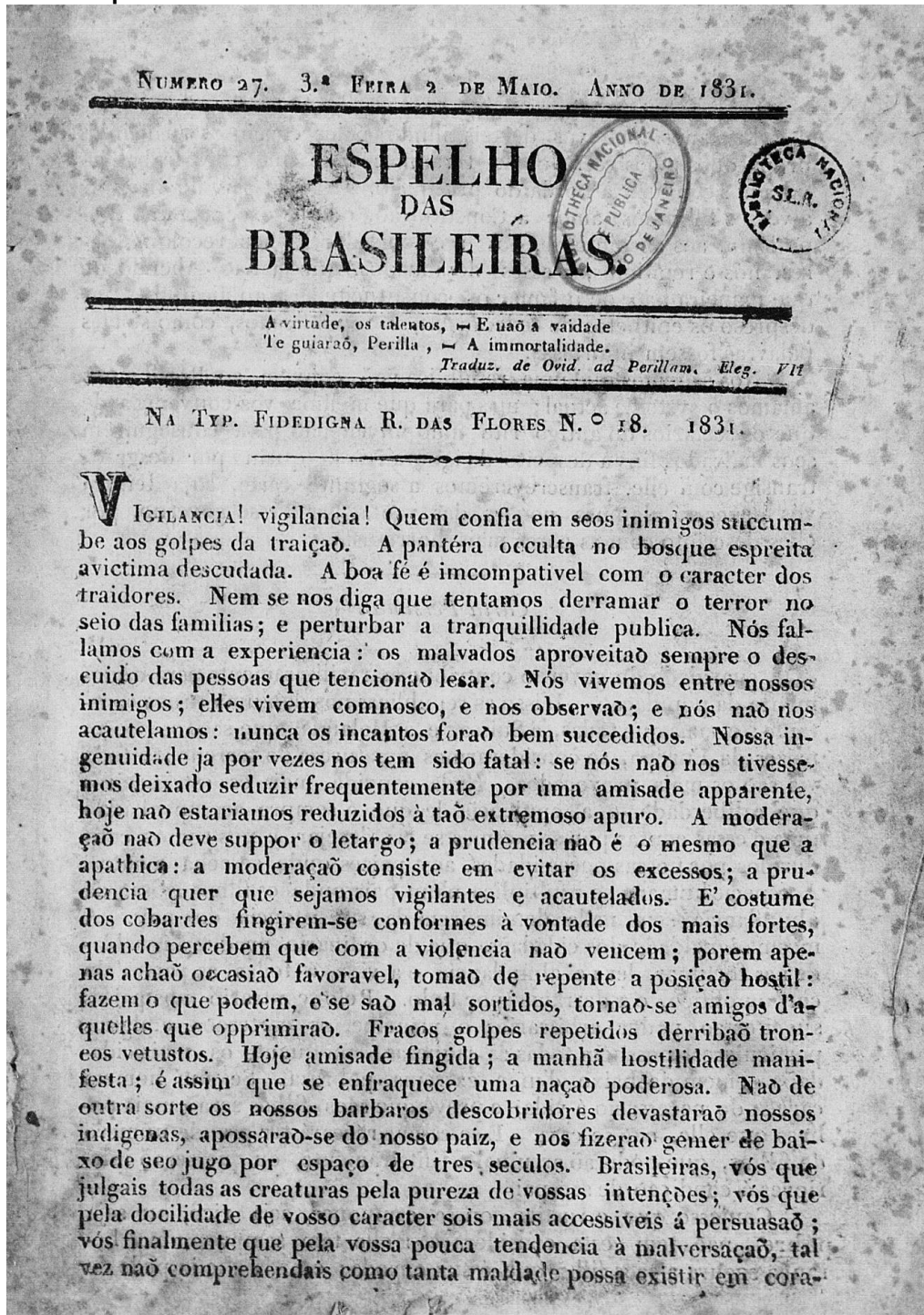
Capa da 1ª edição do Livro Fragmentos de Uma Obra Inédita



Fonte: DUARTE, Constantância Lima, 2006.

ANEXO V- Jornais em que Nísia Floresta Publicou

Jornal Espelho das Brasileiras- PE/1831



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil

ANO XXXII

DOMINGO 1

DE MAIO DE 1855.

N. 117.

Advertisement for 'Angricaturas sãntidimas' (Angricures) by G. B. de S. M. and others, listing various ailments treated.

CAMBIO DO DIA 27 DE ABRIL.

Table of exchange rates for various locations including London, Bahia, and Pernambuco.

ESTIMAS BAYAS.

Table of estimates for various goods and services, including sugar and coffee.

RENTAS E FUNDOS PUBLICOS.

Table of public rents and funds, including government bonds and interest rates.

COMPANHIAS FERREAS.

Table of railway companies and their financial status.

FAHISTA DOS CORREIOS.

Table of postal rates and schedules for various destinations.

Tipographia do Diário do Rio de Janeiro está estabelecida na rua do Rozario, N. 54, entre os Corricos e Quitanda...

PAIS IMPERIAL.

Estorbar hoje em demora os Exrs. Srs. Landeiro, N. José Helder de Figueiredo, Vialar, Joaquim José de Siqueira, Francisco Costa, Antonio Rodrigues do Rio, etc.

MINISTERIO DA GAZETA.

Das Leis. - Ministério das Leis. - Ministério das Leis. - Ministério das Leis. - Ministério das Leis.

MINISTERIO DA MARINHA.

Expediente do dia 23 de Abril de 1855. - Ministério da Marinha. - Expediente do dia 23 de Abril de 1855.

quizes serias do almirante da marinha, a Impugnada de 667,200, transmittida à Real secretaria de estado, para consideração...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

Introdução da marinha de este, determinando a que expensas e encargos se ha de fazer a Real secretaria de estado...

EXTERIOR.

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

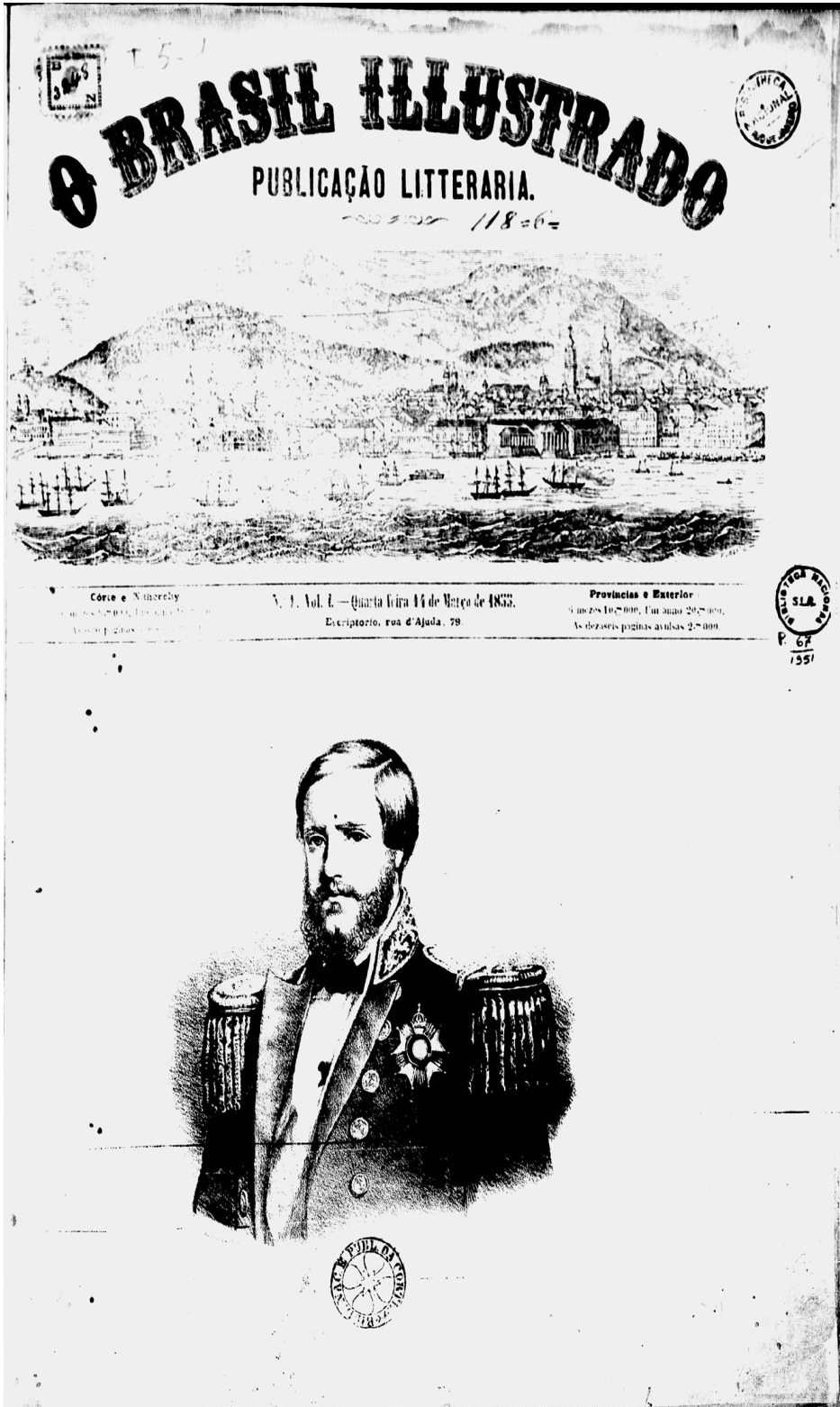
Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Hoje que não ha, nenhuma noticia, mas a imprensa publica a noticia de que o presidente da Republica...

Capa principal do Jornal O Brasil Illustrado



Fonte: Hemeroteca Nacional Brasileira.

Capa principal do periódico Diário de S. Paulo

DIÁRIO DE S. PAULO

PROPRIETÁRIO—PAULO DELFINO DA FONSECA

Número 11 de Dezembro de 1925

ANUNCIOS... CAPITAIS... PREÇOS...

PARTE OFICIAL... Expediente da proleção...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

— A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda... — A honrar de fazenda...

Fonte: Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro

ANEXO VI- Anúncio sobre inauguração do Collégio Augusto, 1838.

Anúncio sobre inauguração do Collégio Augusto, 1838.

D. NISIA Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitavel publico que ella pretende abrir, no dia 15 de fevereiro proximo, na rua Direita n. 163, hum

educação para meninas, no qual, al directora, que ha 4 annos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o respeitavel publico com promessas de zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres, escrever, contar, coser, bordar, e tudo o mais que toca á educação domestica. A directora, que ha 4 annos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o respeitavel publico com promessas de zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres, ma menina, ensinar-se-ha a grammatica nacional por hum methodo facil, o italiano, e os principios mais gerais da graphia. Haverão igualmente neste collegio mestres de musica e dança.

Recebem-se alumnas internas e externas. A directora, que ha 4 annos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o respeitavel publico com promessas de zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a occasião em que possa praticamente mostrar aos pais de familia que a honrarem com a sua confiança, pelos promptos progressos de suas filhas, que ella não he indigna da ardua tarefa que sobre si toma. Todavia não pôde deixar de advertir que, sendo a cadeira de francez immediatamente dirigida por ella, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que tem de poderem, no trato escolar, exprimiirem-se nesse idioma, o que, certamente, muito concorrerá para o seu adiantamento.

Fonte: Jornal do Commércio- 01 de fevereiro de 1838.
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ANEXO VII- Programa de escola para meninas em Botafogo

Programa de escola para meninas em Botafogo

271

Collegios de Meninas.**COLLEGIO**

DE INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DE MENINAS,
em Botafogo, 40.

Dirigido por Mr. e Mrs. Hitchings.

Neste estabelecimento se ensinão todas as materias tendentes á completa instrucção das meninas, e bem assim todos os ramos da mais perfeita educação. As materias dos estudos são as seguintes:

<i>Linguas.</i>	<i>Bellas-Artes.</i>	<i>Sciencias.</i>
Ingleza.	Desenho.	Astronomia.
Franceza.	Musica.	Botanica.
Portugueza.	Dansa.	Historia ant. e moderna.
Allemaã.	Canto.	Historia nat. Geogr. phys. e elementar. Uso dos glob.

Obras de costura de diversas qualidades, bordar em lãa, branco, matiz e ouro, e obras de fantasia.

Sendo a educação a base principal da felicidade humana, occupa os primeiros cuidados dos directores deste collegio, que, incansaveis pelos progressos de suas alumnas, não descansão em instrui-las em todos os objectos uteis ao seu desenvolvimento physico e moral. Além das materias acima mencionadas, as discipulas serão instruidas na doutrina christãa e preceitos de sua religião.

Condições.

Por mez	30\$000	Dansa	6\$000
Musica.	8\$000	Canto	6\$000
Desenho	6\$000	Lingua Italiana.	6\$000

Os pagamentos serão por trimestres adiantados, sem que se faça desconto algum por ausencia ou ferias.

D. Anna Maria Rosa Carpaneto, r. do Sacramento, 15.

D. Catharina Lopes Coruja, rua da Cadêa, 88.

D. Elisearia Drummond Corrêa de Azevedo e filhos, Matacavallos, 86.

D. Leocadia Ignacia dos Reis, rua da Alfandega, 116.

Anúncio de colégio para meninas em São Christvão

224

ACADEMIAS, COMPANHIAS, ETC.

Manoel Ferreira Campos, r. do Sacco, 150.

Manoel José Martins Newton, largo da Prainha, 11.

Na rua Formosa, 123 — do Hospicio, 64 — do Sabão, 57 — no Rocio, cidade nova, 6. — de S. Diogo, 5.

Collegios de Meninas.

COLLEGIO

DE INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DE MENINAS,
em Botafogo, 40.

Dirigido por Mr. e Mrs. Hitchings.

Neste estabelecimento se ensinão todas as materias tendentes á completa instrução das meninas, e bem assim todos os ramos da mais perfeita educação. As materias dos estudos são as seguintes:

Linguas.	Bellas-Artes.	Sciencias.
Ingleza.	Desenho.	Astronomia.
Franceza.	Musica.	Botanica.
Portugueza.	Dansa.	Historia antiga e moderna.
Allemaã.	Canto.	Historia natural.
		Geograph. phys. e elementar.
		Uso dos globos.

Obras de costura de diversas qualidades, bordar em lã, branco, matiz e ouro, e obras de fantasia.

Sendo a educação a base principal da felicidade humana, occupa os primeiros cuidados dos directores deste collegio, que, incansaveis pelos progressos de suas alumnas, não descansão em instrui-las em todos os objectos uteis ao seu desenvolvimento physico e moral. Além das materias acima mencionadas, as discipulas serão instruidas na doutrina christã e preceitos de sua religião.

Condições.

Por mez	30\$000	Dansa	6\$000
Musica	8\$000	Canto	6\$000
Desenho	6\$000	Lingua Italiana.	6\$000

Os pagamentos serão por trimestres adiantados sem que se faça desconto algum por ausencia ou ferias.

COLLEGIO DE MENINAS

RUA DE S. CHRISTOVÃO, 71

Dirigido por M.^r e M.^{me} Lacombe.

Neste estabelecimento se ensinão todas as materias tendentes á completa educação das meninas.

ESTUDOS.

Linguas.	Bellas-Artes.	Sciencias.
Franceza.	Musica.	Historia antiga e moderna.
Ingleza.	Canto.	Geographia physica e elementar.
Portugueza.	Dansa.	Uso dos globos.
	Desenho.	Arithmetica e Geometria.
		Principios de Physica.

Obras de fantasia como bordados em lãs e sedas, &c.

Os Directores deste estabelecimento são incansaveis pelos progressos de suas discipulas, esmerando-se em instrui-las em todos os objectos

Programa do Collégio de Meninas Santa Cecília, 1852.

53

INSTRUCCÃO PRIMARIA.

Que o esmero na educação dos filhos deve ser o primeiro e o mais accurado empenho de um verdadeiro Pai de Família, é cousa que ninguém ignora, mas que convém lembrar todos os dias, e todos os dias repetir por meio da imprensa. Assim, pois, a Professora do

COLLEGIO DE SANTA CECILIA

PARA MENINAS

D. THERESA DE JESUS ARAUJO SAMPAIO

RUA DO OUVIDOR N. 35

OFFEREE AO PUBLICO O SEGUINTE

PROGRAMMA.

As materias que se ensinam neste collegio são as seguintes : lér, escrever, e contar ; maxims da religião christã; principios de civilidade; a importantissima analyse grammatical da lingua portugueza; noções geraes de calligraphia, arithmetica, geometria, e de geographia ; tambem se ensina francez, inglez, piano, canto, dança, desenho, e as prendas indispensaveis para completar a educação de uma mãe de família, como coser, marcar, bordar de branco, de matiz, de estofa, de froco, de ouro, etc.

O ensino neste collegio se divide em tres classes :

- 1.ª. Pensionistas, que rezidem no collegio ; pagam 20.000 rs. mensaes.
- 2.ª. Meio-pensionistas, que só jantam no collegio ; pagam 10.000 rs. mensaes.
- 3.ª. Externas, que só estão no collegio durante as horas de trabalho; pagam 4.000 mensaes.

O collegio ministra papel, pennas, tinta, lapis, regua, etc., mediante a contribuição de 320 réis mensaes. O ensino de francez, inglez, piano, canto, dança e desenho, são pagos em separado, sendo a mensalidade de 6.000 rs. por cada uma destas lições.

A secção do ensino das primeiras letras é dividida em seis classes :

<ol style="list-style-type: none"> 1.ª. Comprehende as meninas que aprendem desde o A B C até a carta de nomes. 2.ª. As que dão o syllabario portuguez de A. M. Barker e compendio da religião christã. 	<ol style="list-style-type: none"> 3.ª. As que lém — Sciencia do bom Homem Ricardo. 4.ª. Thesouro de Meninas. 5.ª. Grammatica portugueza do Snr. Carujo, e compendio de civilidade. 6.ª. As que dão Bibliotheca Juvenil, e Luziadas de Cambões.
---	---

AS PENSIONISTAS

devem trazer para o collegio uma marqueza com colção, traveseiro, um lavatorio com bacia e jarro, uma banheira, uma cadeira pequena, um espelho, pente, escovas para dentes e para unhas, dous saccos de chita escura para roupa suja, um vestido preto de seda, e a roupa que seus Pais julgarem conveniente mandar.

A Directora deste collegio, estabelecido ha mais de 3 annos, nenhum esforço, por mais penoso que seja, tem deixado de fazer para conseguir o adiantamento de suas discipulas, e é por esta razão que tem alcançado louvores das pessoas que frequentemente visitam seu estabelecimento.

Para preencher os arduos deveres do seu magisterio, tem a directora escolhido peritos, dedicados e bem morigerados professores, que com todo o esmero cumprem suas obrigações.

N. B. No collegio tambem se acham livros de instrução para serem vendidos, pelos preços dos livros, a todas as pessoas que delles se quizerem utilizar.

EMPRESA TYP. — DOUS DE DEZEMBRO — DE P. BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL — 1852.

Fonte: Arquivo Geral do Rio de Janeiro.

Imagem- Programa do Collégio de Meninas Portuguez e Francez, 1852

COLLEGIO DE MENINAS

PORTUGUEZ E FRANCEZ

DIRIGIDO POR

D. MARIA ARGENTINA VELLA

Este estabelecimento continua a receber pensionistas e meias pensionistas, nas qua a Directora emprega todos os disvelos e cuidados para a boa educaçao das suas alumnas, considerando-as como suas proprias filhas; pelo quo espera merecer a estima e proteçao dos pais de familia, que lhe quizerem confiar suas filhas.

RAMOS D'INSTRUCÇÃO.

Litura, Escripta, Lingua Portugueza, Lingua Franceza, Arithmetica, Grammatica, Geographia, Historia, e Religiao, e toda a especie de trabalhos, Flores de tosa a qualidadade como de panno, froco, cêra, conchas, penna e pita; bordados de branco, em filô, matiz e ouro, e tapecerias de toda a qualidade.

CONDICÕES.

Pensionistas	207.000	As mais linguas	62.000
Meias pensionistas	127.000	Piano	62.000
Intensas	67.000	Dezenho	62.000
		Massa	62.000

Dez a o trimestres seguintes

OBJECTOS QUE DEVERA TRAZER CADA PENSIONISTA.

1 Cama de ferro	1 Copo
1 Colchão	1 Vestido branco
1 Travesseiro	1 Dito preto
1 Cobertura	1 Avental
1 Colcha	1 Par de luvas brancas
1 Lavatorio	1 Dito de ditas pretas
Pente, e escova para cabello	1 Chapeo de palha
1 Escova para os dentes	1 Dito de sol
1 Escova de unhas	2 Pares de sapatos, sendo um de morroquin
1 Talher	1 Banheira

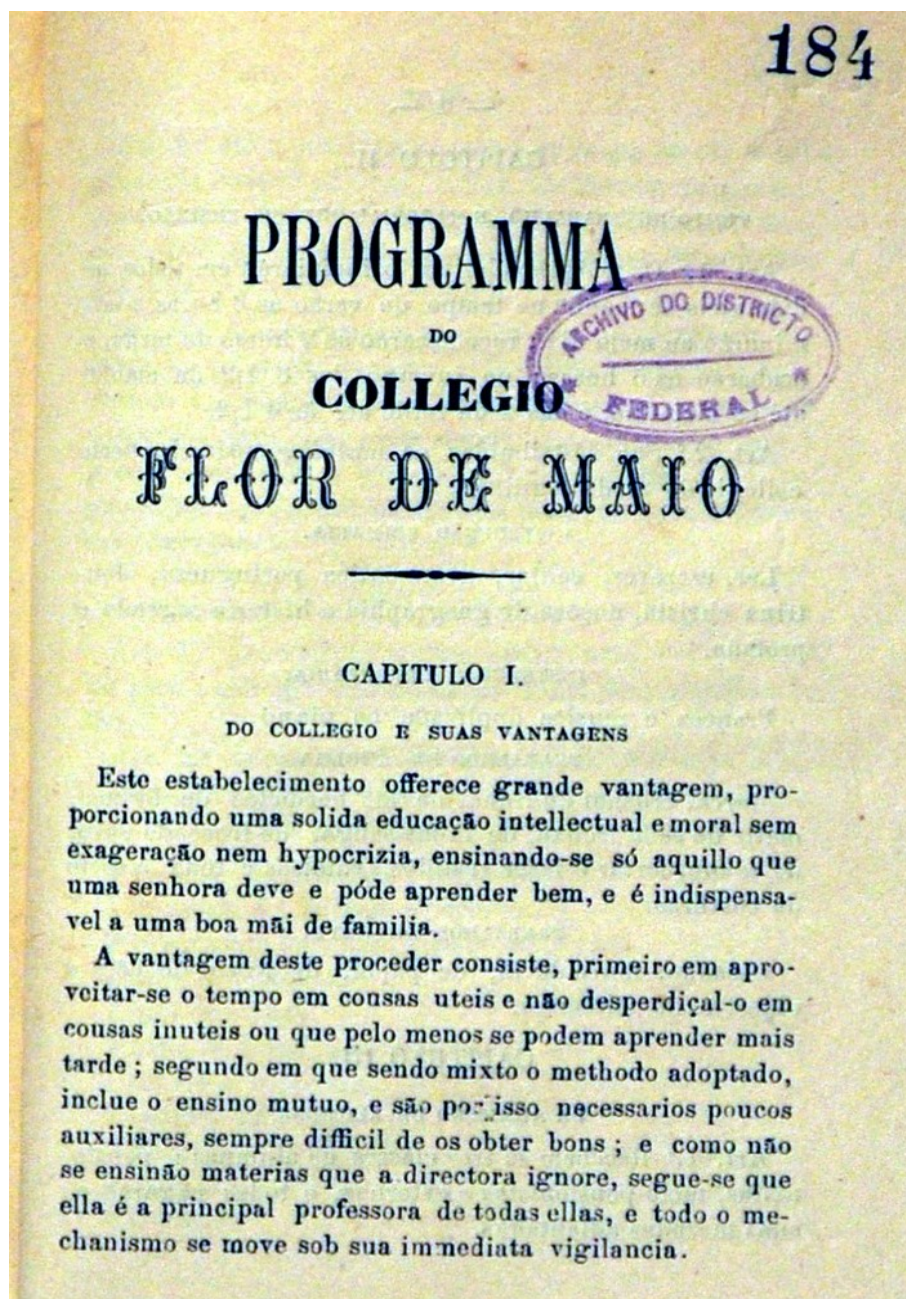
ROUPA PARA MUDAR TODAS AS SEMANAS.

1 Par de lençoes	4 Camizas
1 Fronha	4 Pares de calças
1 Toalha para o rosto	4 Ditos de meias
1 Roupaõ para o banho	4 Vestidos
2 Guardanapos	4 Lençoes para a mão
3 Saias	1 Toalha para o banho

Para evitar enganos deve ser tudo mareado, e conservada a quantidade igual aquella com que entrou. O Collegio tambem encumbe-se da lavagem engomado e mais tratamento da roupa, pela quantia de 62.000 rs. cada mez.

Fonte: Arquivo Geral do Rio de Janeiro.

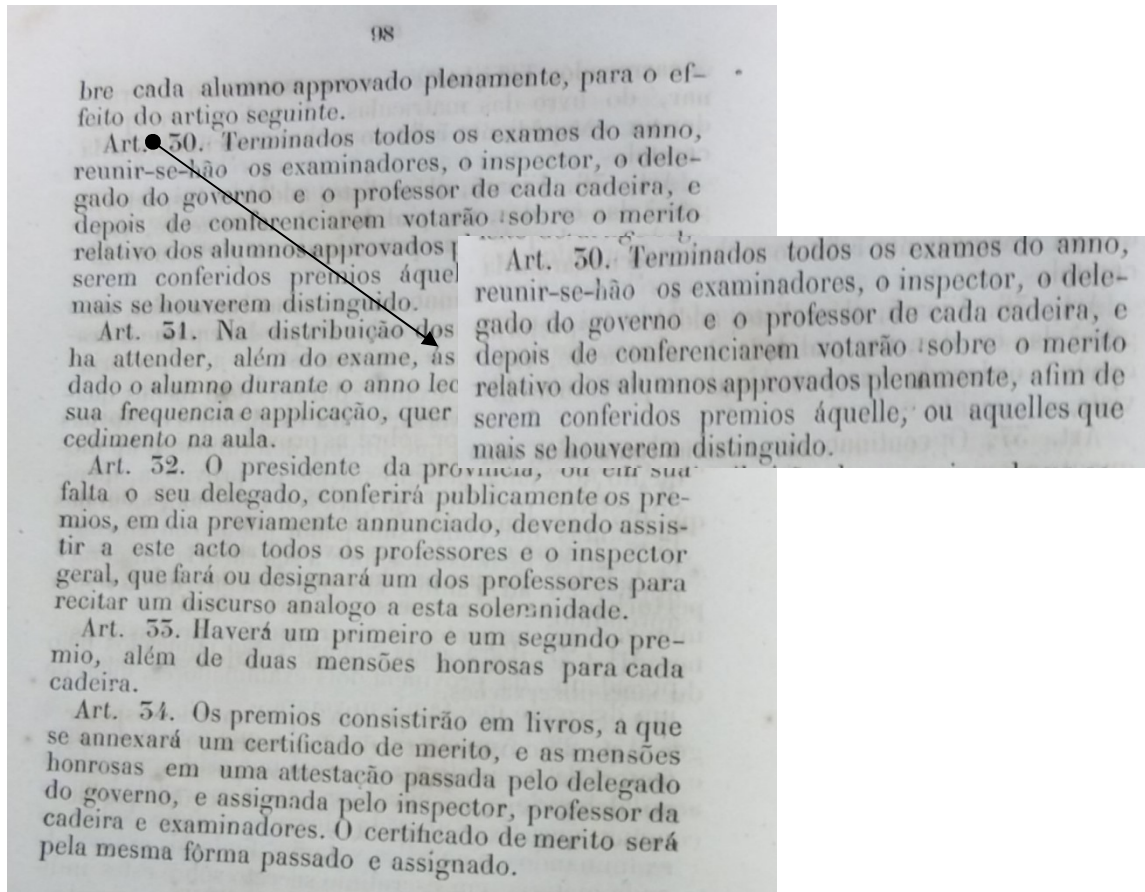
Imagem- Programa do Collégio de Meninas Flor de Maio em 1872.



Fonte: Arquivo Geral do Rio de Janeiro ANEXO VIII

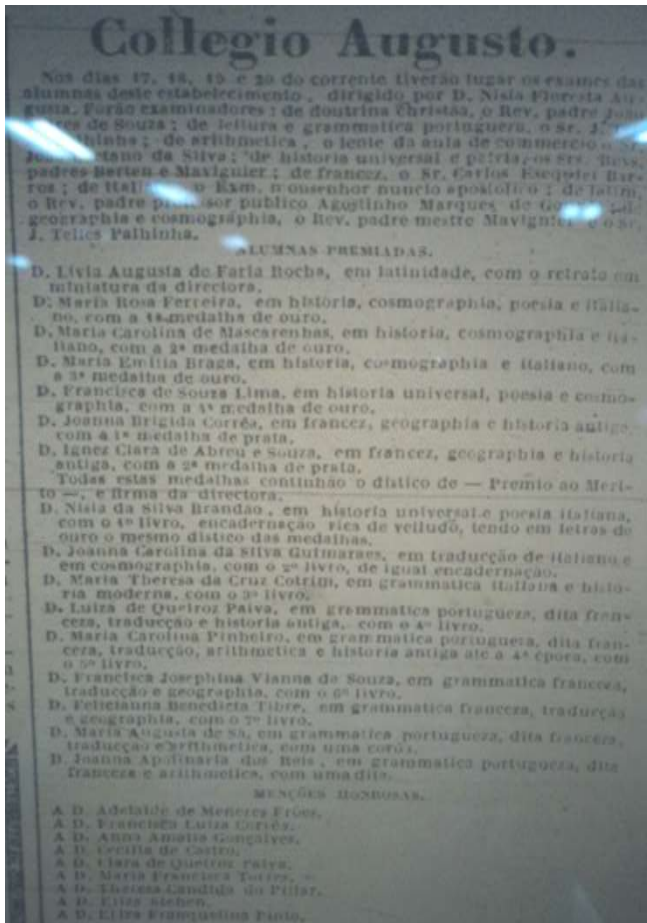
Anexo XIX- Lei sobre exame e prêmio que as escolas deveriam atender.

Lei sobre exame e prêmio que as escolas deveriam atender.



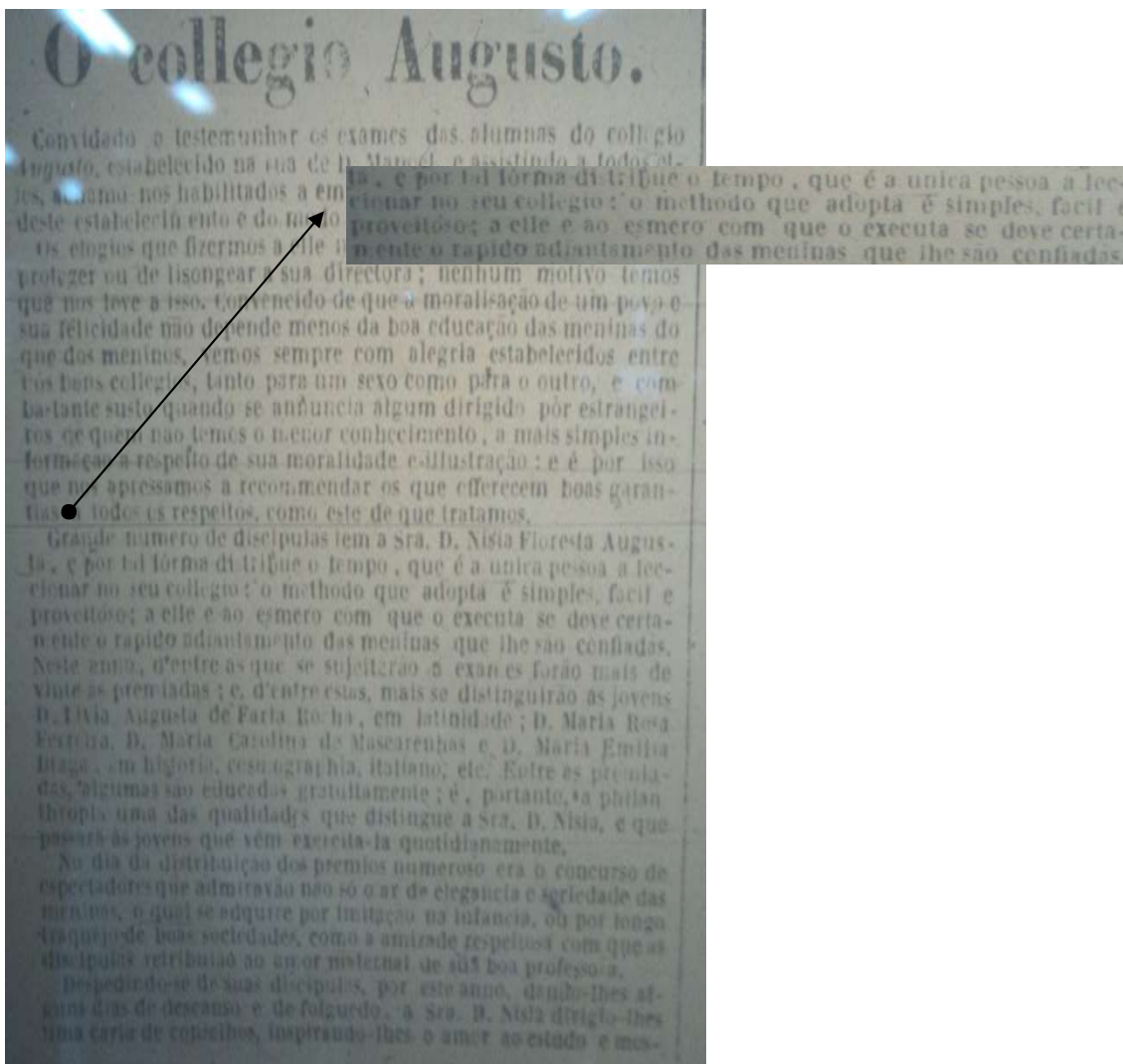
Fonte: Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Anexo X - Lista De Alunas Premiadas No Exame Do Colégio Augusto

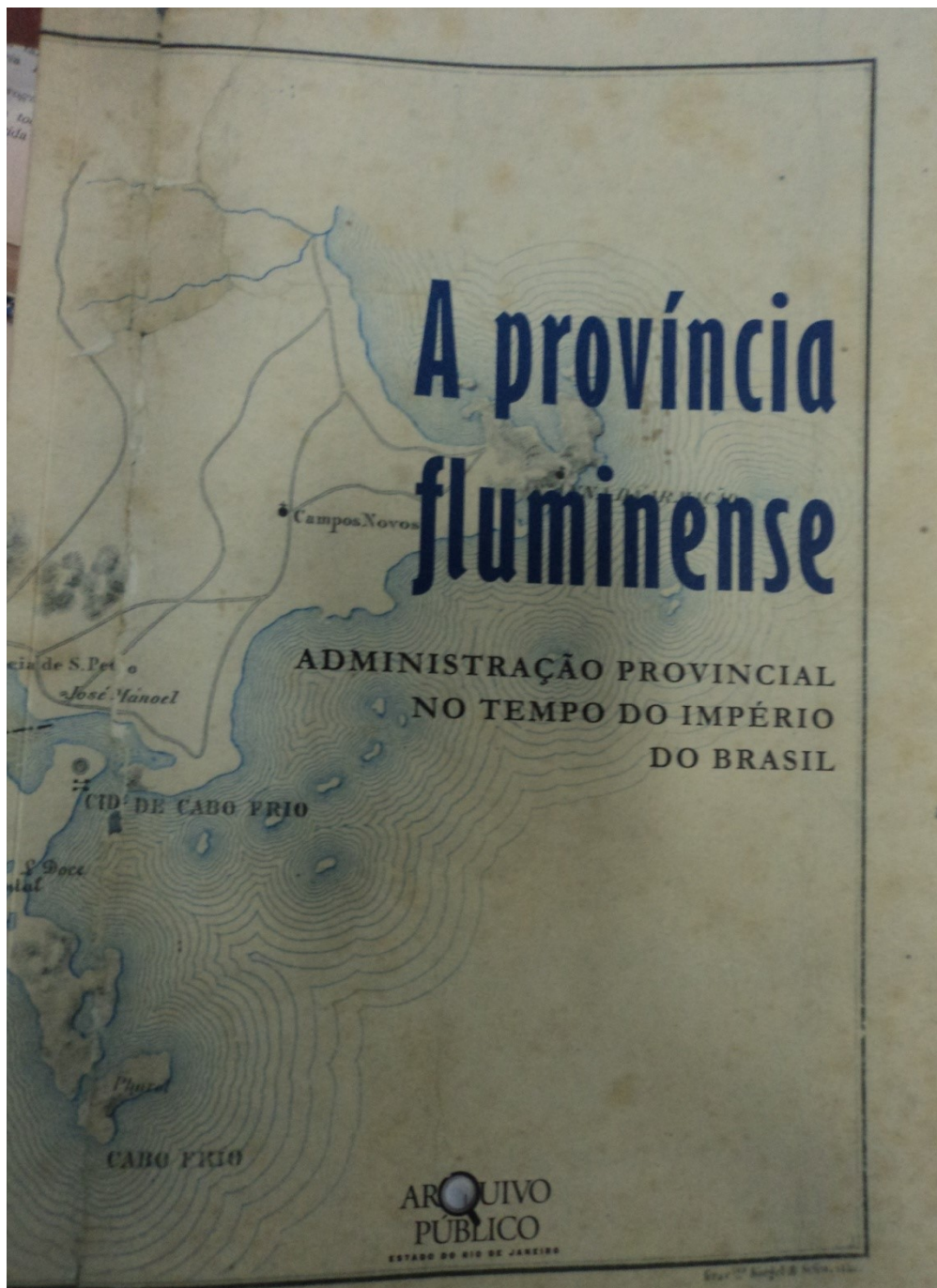


Fonte: Jornal do Commércio, 24 de dezembro de 1846.
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Anexo XI- Comunicado sobre funcionamento do Collegio Augusto.



Fonte: Jornal do Commércio, 24 de dezembro de 1846.
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Anexo XII - Administração Provincial do tempo do Império do Brasil


Fonte: Arquivo Público do Rio de Janeiro

Anexo XIII- Jornal O brinco

Jornal O brinco

Numero 8. **Agosto 13.**

Anno de 1849.



BRINCO DAS DAMAS.

OS AMORES DE ISOLINA.
(Continuação.)

O coronel Baltasar (assim se chamava o pai de Isolina) o respeitavel ancião, que afflicto procurava a idolatrada filha, finalmente deu com a infeliz cahida e desmaiada...

— Minha filha, minha unica esperança, diz elle abraçando o corpo insensivel da donzella, que fatalidade é esta?!... Morta!... Não... ainda lhe bate o coração... Acorda, conserva-me o unico alento desta pesada existencia.

— Descance, meu Senhor, lhe diz Anselmo, que então chega, é uma vertigem passageira.

— E não tardará que torne á si, accrescentão alguns dos circumstantes.

— Tragão espiritos, diz uma voz.

— O medico, venha o medico! Ordena o coronel.

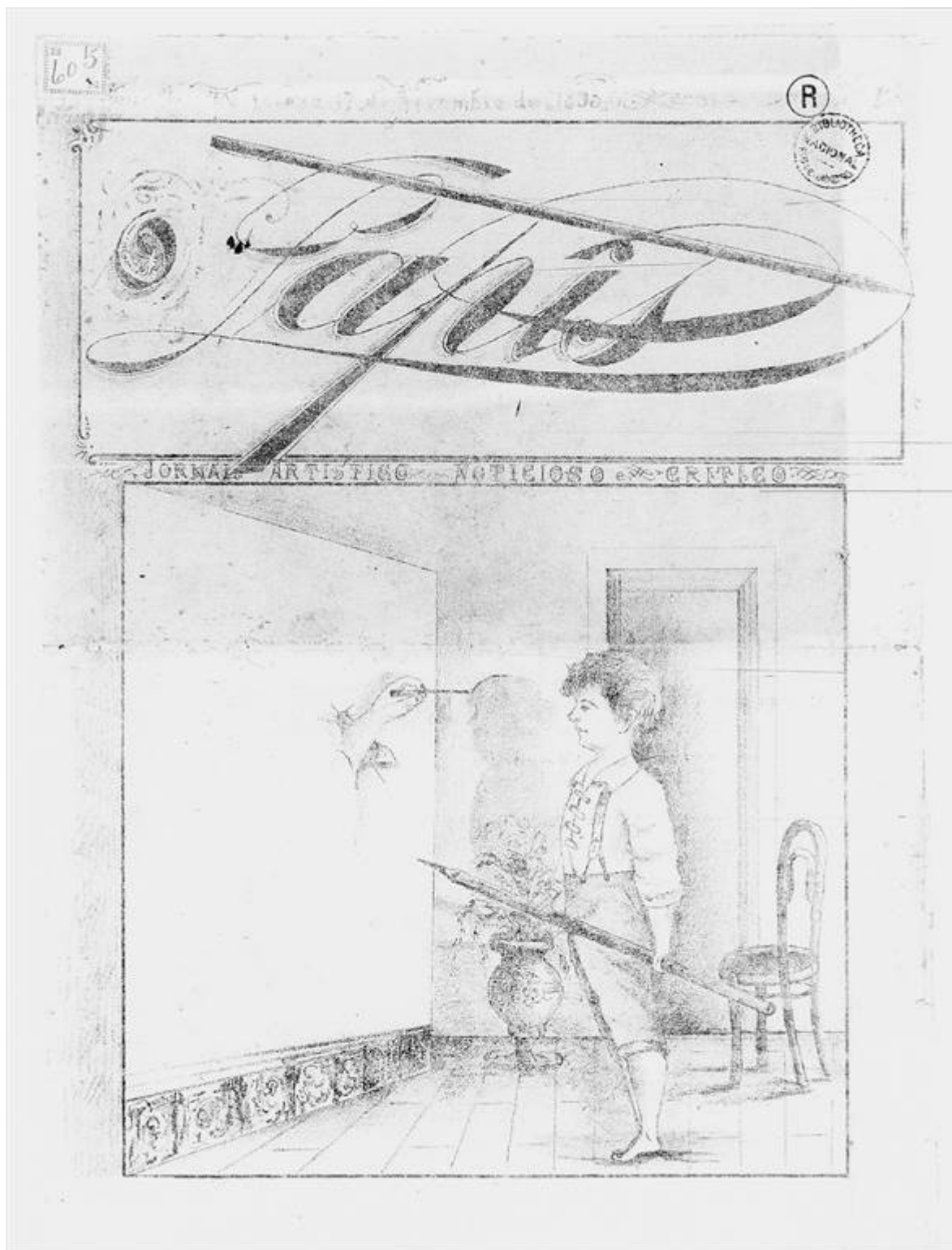
— Minha Isolina, prosegue elle, tu és o unico fructo existente do meu consorcio, retrato de tua mãe, vea de meu proprio sangue, apoio de minha velhice, alimento de minha alma! E me queres deixar?! Meu Deos, Deos dos christãos, valei-me!

D'ahi a poucos minutos, quando chegou o doutor, ja Isolina tornara a si, não era mais necessario o braço da sciencia depois dos desvelos paternaes. Oh! o que cousa mais prodigiosa ha sobre a terra do que o amor de um pai? Que amor, que se possa comparar ao amor d'aquelles que nos derão o ser? Onde muitas vezes a razão não póle penetrar com suas investigações, chega por instincto o coração paterno. Mas como diziamos, Isolina tornara a si. Imaginemos agora a

Fonte: Hemeroteca Nacional Brasileira

ANEXO XIV- Jornal O Lápis

Jornal O Lápis



Fonte: Hemeroteca Nacional Brasileira

ANEXO XV- Jornal A voz das Amazonas

Jornal A voz das Amazonas

Anno de 1827. N. 7. 1.º Trimestre.

Segunda feira 3 de Março de 1827.



A VOZ

DAS

AMAZONAS.



Tu o sentiste, o Socrates, e activo
Tentaste em vão rasgar o veo sagrado
Que da verdade encobre o rosto annão.
Coltas.

GRAM PARA' a respeito da Escuna Americana, que se achava defronte da Barra.

ARTIGOS OFFICIAES.

RECEBENDO eu neste momento, que são 3 horas da noite, participação de haver encalhado defronte da Fortaleza da Barra no Canal da banda de terra a Escuna Americana, denominada — Laura — que se dirigia a este Porto, Ordeno a v. m. que logo que este receber parte em hum bom Escualer, levando consigo outras Embalhadeiras miudas, a fim de prestar-lhe os socorros, que forem necessarios para salvar a da perigo em que se acha: O que v. m. assis cumprirá.

Deos Guarde a v. m. Palacio do Governo do Grão Pará 14 de Fevereiro de 1827. — José Felix Pereira de Gurgos, Presidente — Sr. João Evangelista de Araujo Pitada, 1.º Tenente e Commandante do Porto.

Acabo de receber o seu Officio da data de hoje, em que me da conta da commissão de que o encarreguei por Officio da data de hontem, e não posso deixar de levar-lhe o zelo, e promptidão com que deu execução as minhas Ordens

REFLEXÕES.

Se o 1.º Tenente Pitada, Commandante do Porto, mereces com bem justiça a Paratiria supra, em que o Exm. Presidente levou o zello, e promptidão com que elle desempenhou aquella commissão a respeito da Escuna Americana, que se achava em perigo de naufragar, não he menos digno dos nossos elogios o mesmo Exm. Presidente pela promptidão das providencias, que sempre tem dado em semelhantes occasiões. Agora acaba de fazer o mesmo com hum Navio, que se acha encalhado nos baixos da Bragança, pois immediatamente, que o soube, mandou salír a Escuna Maria da Gloria, para ver se ainda se pode prestar alguns socorros ás necessidades do de vaso, ou da tripulação. Hum acto semelhante, em qualquer similhe que se preste a humanidade soffrta, sempre terá os nossos louvores, e igualmente os de todos os bons e illustres.

O Redactor.

Fonte: Hemeroteca Nacional Brasileira